THE *NEW YORK TIMES* BESTSELLER

DAVE CULLEN

COLUMBINE



Índice

Página de direitos autorais
Nota do autor sobre as fontes
PARTE I: FÊMEA PARA BAIXO
1. Sr. D
2. “Rebeldes”
3. Primavera
4. Rock'n' Bowl
5. Duas Columbinas
6. Seu futuro
7. Igreja em chamas
8. Densidade Humana Máxima
9. Pais
10. Julgamento
11. Down Feminino
12. O Perímetro
13. “1 Sangramento até a Morte”
14. Impasse de reféns
15. Primeira Suposição
16. O menino na janela
17. O Xerife
18. Último ônibus
19. Aspiração
PARTE II: DEPOIS E ANTES
20. Vago
21. Primeiras Memórias
22. Correr para o Fechamento
23. Garoto Superdotado
24. Hora da Necessidade
25. Trio
26. A ajuda está a caminho
27. Preto
28. Crime de Mídia
29. As Missões
30. Dizendo-nos o porquê
PARTE III: A ESPIRAL PARA BAIXO
31. O Buscador
32. Jesus Jesus Jesus
33. Adeus
34. Marsupiais perfeitos
35. Prisão
36. Conspiração
37. Traído
38. Mártir
39. O Livro de Deus
PARTE IV: RETOMAR A ESCOLA

40. Psicopata
41. O Grupo de Pais
42. Desvio
43. Quem é o dono da tragédia
44. Bombas são difíceis
45. Repercussões
46. Armas
47. Processos
PARTE V: DIA DO JULGAMENTO
48. Uma Emoção de Deus
49. Pronto para ser feito
50. As Fitas do Porão
51. Dois Obstáculos
52. Silêncio
53. Nos Lugares Quebrados
Linha do tempo: antes
Agradecimentos
Notas
Bibliografia
Sobre Doze

Copyright (c) 2009 por Dave Cullen
Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a permissão prévia por escrito do editor.
Doze
Grupo de Livros Hachette
237 Park Avenue
Nova York, NY 10017
Visite nosso site em www.HachetteBookGroup.com .
Doze é uma marca da Grand Central Publishing.
O nome e o logotipo Twelve são marcas registradas da Hachette Book Group, Inc.
Primeira edição do e-book: abril de 2009
As características da psicopatia são do Hare Psychopathy Checklist--Revised (PCL-R; 1991, 2003). Copyright (c) 1991 por RD Hare e Multi-Health Systems, 3770 Victoria Park Avenue, Toronto, Ontário M2H 3M6. Todos os direitos reservados.
ISBN: 978-0-446-55221-9

Para Rachel, Danny, Dave, Cassie, Steven, Corey,
Kelly, Matthew, Daniel, Isaiah, John, Lauren e Kyle.
E para Patrick, por me dar esperança.

Nota do autor sobre as fontes

Grande parte dessa história foi capturada em fita ou gravada contemporaneamente em cadernos e diários - pelos assassinos antes dos assassinatos e por investigadores, jornalistas e pesquisadores depois. Muito mais foi reconstruído ou desenvolvido a partir da memória dos sobreviventes. Qualquer coisa entre aspas foi capturada em fita, gravada por mim ou por outros jornalistas ou investigadores da polícia da época, publicada em documentos oficiais ou, no caso de conversas casuais, lembrada por um ou mais dos falantes com alto grau de certeza. Quando o orador estava menos certo sobre o texto, usei itálico. Abreviei algumas trocas sem inserção de elipses e corrigi alguns erros gramaticais. *Não* houve diálogo.

A mesma convenção foi aplicada às citações dos assassinos, que escreveram e se gravaram extensivamente. Seus escritos são reproduzidos aqui como escritos, com a maioria de suas idiossincrasias intactas.

As passagens deste livro sugerindo seus pensamentos vêm principalmente de seus diários e vídeos. Uma infinidade de fontes corroborantes foram empregadas, incluindo tarefas escolares; conversas com amigos, familiares e professores; diários mantidos por figuras-chave; e uma série de registros policiais compilados antes dos assassinatos, particularmente resumos de suas sessões de aconselhamento. Eu costumava usar os pensamentos dos assassinos literalmente de seus diários, sem aspas. Outros sentimentos são resumidos ou parafraseados, mas todos se originam deles. Os assassinos deixaram algumas lacunas significativas em seu pensamento. Tentei preenchê-los com a ajuda de especialistas em psicologia criminal que passaram anos no caso. Todas as conjecturas sobre o pensamento dos assassinos são rotuladas como tal.

Nomes reais foram usados, com uma exceção: o pseudônimo Harriet foi inventado para identificar uma garota sobre a qual Dylan escreveu obsessivamente. Para simplificar, os caracteres secundários não são nomeados no texto. Estão todos identificados na versão expandida das notas finais online.

Todos os tempos para o massacre são baseados no relatório do xerife do condado de Jefferson. Alguns familiares das vítimas, no entanto, acreditam que o ataque começou alguns minutos depois. Os tempos usados aqui fornecem uma aproximação próxima e são precisos em relação um ao outro.

Cobri essa história extensivamente como jornalista, começando por volta do meio-dia do dia do ataque. Os episódios narrados aqui são uma

mistura de minhas reportagens contemporâneas com nove anos de pesquisa. Isso incluiu centenas de entrevistas com a maioria dos diretores, exame de mais de 25.000 páginas de provas policiais, incontáveis horas de vídeo e fitas de áudio e o extenso trabalho de outros jornalistas que considero confiáveis.

Para evitar me injetar na história, geralmente me refiro à imprensa na terceira pessoa. Mas nos grandes erros da mídia durante a cobertura inicial desta história, onde quase todos erraram os fatores centrais, eu estava entre os culpados. Espero que este livro contribua para definir a história certa.

Eu sou um homem perverso... Mas vocês sabem, senhores, qual era o ponto principal da minha maldade? A coisa toda, precisamente, era que a maior maldade estava precisamente em eu estar vergonhosamente consciente a cada momento, mesmo nos momentos de maior bile, que eu não era apenas um homem mau, mas também não era um homem amargurado, que eu era simplesmente assustador pardais em vão, e me agradando com isso.

--Fyodor Dostoyevsky, *Notas do Subsolo*

O mundo quebra a todos e depois muitos são fortes nos lugares quebrados.

--Ernest Hemingway, *Adeus às armas*

PARTE I

FÊMEA PARA BAIXO

1. Sr. D

lhes disse que os amava. Cada um deles. Ele falou sem anotações, mas escolheu as palavras com cuidado. Frank DeAngelis esperou as rotinas de pom-pom, os prêmios acadêmicos e os vídeos feitos pelos alunos. Depois de uma hora de folia, o homem baixo e de meia-idade atravessou a reluzente quadra de basquete para se dirigir ao seu corpo discente. Ele tomou seu tempo. Ele sorriu ao passar pela banda marcial, as líderes de torcida e o logotipo dos Rebels pintado sob faixas esvoaçantes proclamando vitórias esportivas recentes. Ele enfrentou dois mil estudantes do ensino médio empolgados nas arquibancadas de madeira e eles lhe deram toda a atenção. Então ele disse a eles o quanto eles significavam para ele. Como seu coração se partiria por perder apenas um deles.

Era um sentimento peculiar para um administrador expressar a uma assembléia de adolescentes. Mas Frank DeAngelis era treinador há mais tempo do que diretor e acreditava sinceramente na motivação pela franqueza. Ele havia treinado futebol e beisebol por dezesseis anos, mas parecia um lutador: corpo compacto com o porte de um fuzileiro naval, mas sem arrogância. Ele tentou minimizar seu passado de treinador, mas ele exalava.

Você podia ouvir o medo em sua voz. Ele não tentou esconder isso, e ele não tentou lutar contra as lágrimas que brotaram em seus olhos. E ele se livrou disso. Aquelas crianças podiam farejar uma farsa com um sopro e transmitir desagrado com risadinhas e desajeitados e uma corrente audível de inquietação. Mas eles adoravam o Sr. D. Ele podia dizer quase qualquer coisa para seus alunos, precisamente porque ele o fazia. Ele não se conteve, não o adoçou e não o emburreceu. Na manhã de sexta-feira, 16 de abril de 1999, o diretor Frank DeAngelis era um homem totalmente transparente.

Todos os alunos do ginásio entenderam a mensagem do Sr. D. Faltavam menos de trinta e seis horas para o baile de formatura, o que significava muita bebida e muita direção. Dar sermão para as crianças apenas provocaria reviravoltas, então, em vez disso, ele enfrentou três tragédias em sua própria vida. Seu amigo da faculdade havia morrido em um acidente de moto. "Lembro-me de estar na sala de espera, olhando para o sangue dele", disse ele. "Então não me diga que isso não pode acontecer." Ele descreveu segurando sua filha adolescente em seus braços depois que sua amiga morreu em um incêndio em chamas. O mais difícil foi reunir o time de beisebol de Columbine para dizer a eles que um de seus amigos havia perdido o controle de seu carro. Ele engasgou novamente. "Eu não quero participar de outro serviço memorial."

"Olhem para a esquerda", disse-lhes. "Olhe para a sua direita." Ele os instruiu a estudar os rostos sorridentes e depois fechar os olhos e imaginar um deles desaparecido. Ele disse a eles para repetirem depois dele: "Sou um membro valioso da Columbine High School. E não estou nisso sozinho". Foi quando ele disse a eles que os amava, como sempre fez.

"Abra os olhos", disse ele. "Eu quero ver cada um de seus rostos brilhantes e sorridentes novamente na segunda de manhã."

Ele fez uma pausa. "Quando você está pensando em fazer algo que pode causar problemas, lembre-se, eu me importo com você", disse ele. "Eu te amo, mas lembre-se, eu quero todos nós juntos. Somos uma grande família, nós somos-"

Ele deixou a frase pendurada. Esse foi o sinal dos alunos. Eles se levantaram de um salto e gritaram: "COL-um- *BINE!* "

Ivory Moore, um dínamo de professor e animador de multidões, correu e gritou: "Nós somos..."

"COL-um- *BINE!* "

Estava mais alto agora, e seus punhos estavam bombeando no ar.

"Nós somos..."

"COL-um- *BINE!* "

"Nós somos..."

"COL-um- *BINE!* "

Mais alto, mais rápido, mais forte, mais rápido – ele os deixou em frenesi. Então ele os soltou.

Eles se espalharam pelos corredores para encerrar um último dia de aulas. Faltam poucas horas para o grande fim de semana.

___

Todos os dois mil alunos voltariam em segurança na segunda-feira de manhã, depois do baile. Mas na tarde seguinte, terça-feira, 20 de abril de 1999, vinte e quatro dos filhos e professores do Sr. D seriam colocados em ambulâncias e levados às pressas para hospitais. Treze corpos permaneceriam no prédio e mais dois no local. Seria o pior tiroteio na escola da história americana - uma caracterização que teria chocado os meninos que estavam finalizando seus planos.

2. "Rebeldes"

Eric Harris queria um par de baile. Eric estava no último ano, prestes a deixar a Columbine High School para sempre. Ele não estava prestes a ser deixado de fora do principal evento social de sua vida. Ele *realmente* queria um encontro.

As datas geralmente não eram um problema. Eric era um cérebro, mas uma subcategoria incomum: cérebro legal. Ele fumava, bebia, namorava. Ele foi convidado para festas. Ele ficou alto. Ele trabalhou duro em seu visual: cabelo chique militar - curto e espetado com bastante produto - além de camisetas pretas e calças cargo largas. Ele explodiu rock industrial alemão pesado de sua Honda. Ele gostava de disparar foguetes de garrafa e viajar para Wyoming para reabastecer o estoque. Ele quebrou as regras, rotulou-se com o apelido de Reb, mas fez sua lição de casa e ganhou uma série de A's. Ele gravou vídeos legais e os colocou no ar no sistema de circuito fechado da escola. E ele tem pintinhos. Muitos e muitos filhotes.

No placar final do ensino médio, Eric superou grande parte do time de futebol. Ele era um pouco encantador. Ele caminhou até as gatas do shopping. Ele os conquistou com raciocínio rápido, covinhas deslumbrantes e um sorriso desarmante. Seu trabalho no Blackjack Pizza oferecia um bom ângulo: pare mais tarde e ele lhes daria uma fatia grátis. Muitas vezes eles fizeram. Blackjack era uma cadeia econômica ruim, um degrau abaixo da Domino's. Tinha uma pequena vitrine em um shopping center na rua da casa de Eric. Era principalmente um negócio de entrega e retirada, mas havia um punhado de mesas de cabaré e uma fileira de bancos alinhados ao longo do balcão para os casos tristes sem lugar melhor para ir. Eric e Dylan eram chamados de insiders, significando tudo menos entrega – principalmente fazendo as pizzas, trabalhando no balcão, limpando a bagunça. Era um trabalho duro e suado na cozinha quente e chato como o inferno.

Eric parecia impressionante de frente: maçãs do rosto proeminentes, cavadas por baixo - todas as suas feições proporcionais, bem definidas e totalmente americanas. No entanto, o perfil apresentou um pouco de problema; seu nariz comprido e pontudo exagerava uma testa inclinada e um queixo fraco. O cabelo espetado funcionava contra ele esteticamente, alongando seu perfil angular - mas era ousado e combinava bem com sua arrogância. O sorriso era seu trunfo, e ele sabia exatamente como jogá-lo: tímido e sério, mas paquerador. Os pintinhos comeram. Ele chegou ao baile de boas-vindas como calouro e marcou com um rapaz de 23 anos aos dezessete. Ele estava muito orgulhoso disso.

Mas o baile se tornou um problema. Por alguma razão - má sorte ou mau momento - ele não conseguiu fazer isso acontecer. Ele tinha enlouquecido procurando por um encontro. Ele convidou uma garota, mas ela já tinha namorado. Isso foi embaraçoso. Ele tentou outro, abatido novamente. Ele não tinha vergonha de chamar seus amigos. Seus amigos perguntavam, as garotas com quem ele andava perguntavam, ele perguntava - nada, nada, nada.

Seu melhor amigo, Dylan, tinha um encontro. Quão louco foi isso? Dylan Klebold era manso, autoconsciente e autenticamente tímido. Ele mal conseguia falar na frente de um estranho, especialmente uma garota. Ele seguiria silenciosamente depois de Eric nas conquistas do shopping, tentando parecer invisível. Eric cobriu as garotas com elogios; Dylan passou para eles biscoitos Chips Ahoy na aula para que eles soubessem que ele gostava deles. Os amigos de Dylan disseram que ele nunca esteve em um encontro; ele pode nunca ter convidado uma garota para sair - incluindo a que ele estava levando para o baile.

Dylan Klebold também era um cérebro, mas não tão legal. Certamente não em sua própria estimativa. Ele se esforçou tanto para imitar Eric - em alguns de seus vídeos, ele se gabava e agia como um cara durão, então olhou para Eric em busca de aprovação. Dylan era mais alto e ainda mais inteligente que Eric, mas consideravelmente menos bonito. Dylan odiava as feições enormes em seu rosto ligeiramente torto. Seu nariz especialmente - ele o via como uma bolha gigante. Dylan viu a pior versão de si mesmo.

Um barbear teria ajudado. A barba começava a aparecer, mas esporadicamente, em pequenas manchas felpudas ao longo do queixo. Ele parecia se orgulhar de seus patches iniciais, alheio ao efeito real.

Dylan era uma figura mais convincente como rebelde, no entanto. Cachos compridos e desgrenhados balançavam em direção a seus ombros. Ele se elevou sobre seus pares. Com um caminho a percorrer na puberdade, ele já tinha mais de 1,90m, 143 quilos esticados. Ele poderia ter usado a estatura com orgulho, lançando calúnias em seus adversários, mas isso o assustou muito, todo exposto lá em cima. Então, ele caiu uma polegada ou duas. A maioria de seus amigos tinha mais de um metro e oitenta – Eric era a exceção, com um metro e oitenta e nove. Seus olhos se alinharam com o pomo de Adão de Dylan.

Eric também não estava entusiasmado com sua aparência, mas raramente deixava transparecer. Ele havia se submetido a uma cirurgia no colegial para corrigir um defeito congênito: pectus excavatum, um esterno anormalmente afundado. No início, isso havia minado sua confiança, mas ele a superou agindo duro.

No entanto, foi Dylan quem marcou a data do baile. Seu smoking foi alugado, o buquê comprado e cinco outros casais organizados para dividir uma limusine. Ele estava indo com uma garota cristã doce e inteligente que ajudou a adquirir três das quatro armas. Ela adorava Dylan o suficiente para acreditar na história de Eric sobre usá-los para caçar. Robyn Anderson era uma loira bonita e diminuta que se escondia atrás de seus longos cabelos lisos, que muitas vezes cobriam boa parte de seu rosto. Ela era ativa no grupo de jovens de sua igreja. Agora ela estava em DC para uma viagem de uma semana com eles, voltando a tempo para o baile. Robyn tinha tirado A's em Columbine e estava a um mês de se formar como oradora da turma. Ela via Dylan todos os dias no cálculo, passeava pelos corredores e saía com ele sempre que podia. Dylan gostava dela e adorava a adulação, mas não gostava muito dela como namorada.

Dylan era pesado em coisas da escola. Érico também. Eles assistiram aos jogos de futebol, aos bailes e aos shows de variedades e trabalharam juntos na produção de vídeos para a Rede de Notícias Rebeldes. Peças escolares eram grandes para Dylan. Ele nunca gostaria de enfrentar uma platéia, mas nos bastidores da mesa de som, isso foi ótimo. No início do ano, ele resgatou Rachel Scott, a queridinha do último ano, quando a fita dela emperrou durante o show de talentos. Em poucos dias, Eric a mataria.

Eric e Dylan tinham pouca habilidade atlética, mas eram grandes fãs. Ambos tinham sido Little Leaguers e garotos do futebol. Eric ainda jogava futebol, mas para Dylan era principalmente coisa de espectador agora. Eric era fã das Montanhas Rochosas e achava o treinamento de primavera emocionante. Dylan torceu para o BoSox e usava seu boné em todos os lugares. Ele assistiu a um monte de beisebol, estudou as pontuações da caixa e compilou suas próprias estatísticas. Ele ficou em primeiro lugar na liga de fantasia organizada por um amigo dele. Ninguém poderia analisar Dylan Klebold, enquanto ele se preparava para o draft de março com semanas de antecedência. Seus amigos ficaram entediados após as primeiras grandes rodadas, mas Dylan pretendia garantir um banco forte. Na última semana, ele notificou o comissário da liga que estava adicionando um arremessador novato à sua lista. E ele continuaria trabalhando durante o fim de semana, até segunda-feira, sua última noite. "Sua vida era beisebol", disse um de seus amigos.

Eric se considerava um inconformista, mas ansiava por aprovação e se irritava com o menor desrespeito. Sua mão estava sempre subindo na aula, e ele sempre tinha a resposta certa. Eric escreveu um poema para a aula de escrita criativa naquela semana sobre acabar com o ódio e amar o mundo. Gostava de citar Nietzsche e Shakespeare, mas sentia falta da ironia de seu próprio apelido, Reb: tão rebelde que se batizara com o nome do mascote da escola.

Dylan passou por VoDKa, às vezes capitalizando suas iniciais em nome de seu licor favorito. Ele era um bebedor pesado e muito orgulhoso disso; supostamente ele ganhou o nome depois de engolir uma garrafa inteira. Eric preferia Jack Daniel's, mas escrupulosamente o escondia de seus pais. Para olhos adultos, Eric era o obediente. O mau comportamento tinha consequências, geralmente envolvendo seu pai, geralmente restringindo sua liberdade. Eric era um pouco maníaco por controle. Ele avaliou seus movimentos e determinou o quanto ele poderia se safar. Ele poderia sugar como um louco para fazer as coisas seguirem seu caminho.

O dono da loja Blackjack Pizza durante a maior parte de seu mandato estava familiarizado com o lado selvagem de Eric. Depois de fechar a loja, Robert Kirgis às vezes subia até o telhado, levando Eric e Dylan com ele, e bebendo brewskis enquanto os meninos atiravam foguetes sobre o shopping. Kirgis tinha 29 anos, mas gostava de ficar com esse par. Eles eram crianças brilhantes; às vezes falavam como adultos. Eric sabia quando jogar, quando levar a sério. Se um policial tivesse aparecido naquele telhado, todos teriam se voltado para Eric para falar. Quando os clientes se amontoavam no balcão e os motoristas corriam para pegar, alguém

precisava assumir o controle e Eric era seu homem. Ele era como um robô sob pressão. Nada poderia perturbá-lo, não quando ele se importava com o resultado. Além disso, ele precisava daquele emprego; ele tinha um hobby caro e não estava disposto a prejudicá-lo por gratificação de curto prazo. Kirgis colocou Eric no comando quando ele saiu.

Ninguém colocou Dylan no comando de nada. Ele não era confiável. Ele esteve dentro e fora da folha de pagamento no ano passado. Ele se candidatou a um emprego melhor em uma loja de informática e apresentou um currículo profissional. O dono ficou impressionado, e Dylan conseguiu o emprego. Ele nunca se preocupou em mostrar.

Mas nada separava as personalidades dos meninos como um desentendimento com a autoridade. Dylan estaria hiperventilando, Eric calculando calmamente. A cabeça fria de Eric os afastou da maioria dos problemas, mas eles tiveram sua cota de brigas no pátio da escola. Eles gostavam de pegar nas crianças mais novas. Dylan foi pego rabiscando obscenidades no armário de um calouro. Quando o reitor Peter Horvath o chamou, Dylan foi balístico. Ele xingou o reitor, quicou nas paredes, agiu como um maluco. Eric poderia ter se afastado com desculpas, evasões ou alegações de inocência – qualquer coisa a que esse assunto fosse suscetível. Ele lia as pessoas rapidamente e adaptava suas respostas. Eric era imperturbável; Dylan explodiu. Ele não tinha ideia do que Dean Horvath responderia, nem se importava. Ele era pura emoção. Quando soube que seu pai estava dirigindo para discutir o armário, Dylan mergulhou mais fundo. A lógica era irrelevante.

Os meninos eram dotados analiticamente, gênios da matemática e caçadores de tecnologia. Gadgets, computadores, videogames – qualquer tecnologia nova e eles ficavam hipnotizados. Eles criaram sites, adaptaram jogos com seus próprios personagens e aventuras e gravaram vários vídeos – pequenos assuntos curtos que escreveram, dirigiram e estrelaram. Surpreendentemente, o tímido e desengonçado Dylan fez para o ator mais envolvente. Eric estava tão calmo e equilibrado que não conseguia fingir intensidade. Pessoalmente, ele parecia encantador, confiante e envolvente; personificando um jovem emocional, ele era maçante e pouco convincente, incapaz de se emocionar. Dylan era um fio vivo. Na vida, ele era tímido e tímido, mas nem sempre quieto: desarmava sua raiva e ele explodia. No filme, ele desencadeou a raiva e ele *era* aquele maluco, se desintegrando na frente da câmera. Seus olhos se arregalaram e suas bochechas se afastaram deles, toda a carne amontoada nas extremidades, fendas profundas ao redor do nariz iminente.

Externamente, Eric e Dylan pareciam garotos normais prestes a se formar. Eles estavam testando a autoridade, testando suas proezas sexuais – um pouco frustrados com os idiotas com os quais tinham que lidar, um pouco cheios de si mesmos. Nada incomum para o ensino médio.

___

Rebel Hill desce gradualmente, subindo apenas doze metros acima de Columbine, que fica em sua base. Isso é o suficiente para dominar os

arredores imediatos, mas no meio da encosta, as Montanhas Rochosas são repentinamente espetaculares. Cada passo à frente abaixa o planalto em direção ao nível dos olhos, e as montanhas saltam atrás, uma parede marrom irregular erguendo-se diretamente das Grandes Planícies. Eles ficam de 600 a 900 metros acima dele - infinitos e aparentemente impenetráveis, desaparecendo por todo o horizonte ao norte e tão longe ao sul. Os moradores os chamam de sopé. Este Front Range que se eleva sobre Columbine é mais alto que os picos mais altos de todos os Apalaches. Estradas e habitação regular param subitamente na base dos contrafortes; até a vegetação luta para sobreviver. Apenas três milhas de distância, e parece o fim do mundo.

Nada cresce na mesa de Rebel Hill. Está coberto de argila avermelhada rachada, quebrada pela ocasional erva daninha que não consegue se firmar. Mais à frente, a meia distância, a humanidade finalmente retorna em forma de subdivisões. Em vielas sinuosas e becos sem saída, casas de dois andares confortavelmente espaçadas surgem entre os pinheiros. Shopping centers e campos de futebol e igrejas, igrejas, igrejas.

A Columbine High School fica em um prado suavemente ondulado à beira de um amplo parque, à sombra das Montanhas Rochosas. É uma instalação grande e moderna - 250.000 pés quadrados de construção sólida e sem frescuras. Com um exterior de concreto bege e poucas janelas, a escola parece uma fábrica da maioria dos ângulos. É prático, como as pessoas do sul do condado de Jefferson. Jeffco, como é conhecido localmente, economizou em afetações arquitetônicas, mas investiu generosamente em laboratórios de química, computadores, instalações de produção de vídeo e uma força de ensino de primeira classe.

Sexta-feira de manhã, depois da assembleia, os corredores fervilhavam com uma vertiginosa exuberância adolescente. Os alunos saíram do ginásio rindo, flertando, perseguindo e empurrando. No entanto, do lado de fora da entrada norte, onde as pontas das Montanhas Rochosas espreitavam nas bordas de Rebel Hill, o clamor de dois mil adolescentes barulhentos se desvaneceu. A estrutura de dois andares e o complexo esportivo que a cerca em dois lados eram a única indicação da vigésima maior metrópole dos Estados Unidos. O centro de Denver ficava a apenas dezesseis quilômetros a nordeste, mas um denso matagal de árvores obscurecia o horizonte. Nos dias mais quentes, as portas de correr da marcenaria se abriam. Os meninos colocavam suas ferramentas de corte nos blocos de madeira giratórios, e o zumbido repentino das máquinas de torno competia com o sistema de exaustão. Mas uma frente fria varreu as planícies na quarta-feira, e o ar estava congelando quando o Sr. D disse aos alunos que os amava.

O frio não deteve os fumantes. Em qualquer dia do ano, você poderia encontrá-los vagando perto, mas raramente dentro, do poço oficial de fumantes, um retângulo de grama de dez por oito cercado por postes telefônicos logo após o estacionamento, logo após o terreno da escola. Foi tranquilo lá. Sem professores, sem regras, sem comoção, sem estresse.

Eric e Dylan eram acessórios fixos na ravina dos fumantes. Ambos fumavam a mesma marca, com filtro Camel. Eric o escolheu; Dylan o seguiu.

Ultimamente, os amigos notaram mais cortes e tarefas perdidas. Dylan continuava se metendo em problemas por dormir na aula. Eric estava frustrado e chateado, mas também curiosamente sem emoção. Um dia naquele ano, um amigo o gravou em vídeo na mesa do almoço com seus amigos. Eles brincavam sobre cames e válvulas, e um bom preço para um Mazda usado. Eric parecia em transe com seu celular, girando-o em círculos sem rumo. Ele não parecia estar ouvindo, mas ele estava absorvendo tudo.

Um cara entrou no refeitório lotado. "Foda-se!" um dos amigos de Eric cuspiu, bem fora do alcance da audição. "Eu odeio aquele pau pútrido!" Outro amigo concordou. Eric virou-se lentamente e olhou por cima do ombro com sua marca registrada. Ele estudou o cara e voltou com menos interesse do que tinha mostrado em direção ao telefone. "Eu odeio quase todo mundo," ele respondeu sem expressão. "Ah, sim. Eu quero arrancar a cabeça dele e comê-la."

A voz de Eric era plana. Sem malícia, sem raiva, pouco interessado. Suas sobrancelhas se ergueram com o *Ah, sim* – um leve parabéns pela linha inteligente que estava por vir. Ele ficou vago novamente entregando-o.

Ninguém achou essa reação incomum. Eles estavam acostumados com Eric.

Eles passaram a relembrar um calouro que eles escolheram. Eric personificou um garoto de educação especial lutando para falar. Uma garota peituda passou. Eric acenou para ela e eles bateram nela.

3. Primavera

primavera havia estourado no Front Range. As árvores estavam frondosas, formigueiros crescendo, gramados crescendo vibrantes em sua breve transição do marrom adormecido do inverno para o marrom seco do verão. Milhões de mini-hélices de sementes de bordo giraram em direção ao solo. A febre da primavera infectou as salas de aula. Os professores percorreram os capítulos restantes; as crianças começaram a se estressar com as finais e sonhar acordadas com o verão. Idosos esperavam para cair. Columbine tinha uma das melhores reputações acadêmicas do estado; 80 por cento dos graduados foram para programas de graduação. A faculdade dominava a conversa agora: grandes pacotes de aceitação e envelopes de rejeição finos como papel; visitas de última hora ao campus para selecionar os finalistas. Era hora de se comprometer com uma universidade, preencher o cheque de depósito e começar a selecionar as turmas do primeiro semestre. O ensino médio estava essencialmente acabado.

Nas Montanhas Rochosas, ainda era inverno. As encostas estavam abertas, mas a neve estava recuando. As crianças imploravam aos pais por um dia de folga da escola para um último embarque. Uma jovem cristã evangélica convenceu seus pais a deixá-la ir um dia antes da assembléia do Sr. D. Cassie Bernall dirigiu até Breckenridge com seu irmão, Chris. Nenhum deles tinha conhecido Eric ou Dylan ainda.

A hora do almoço ainda era um grande evento diário. O refeitório de Columbine era uma bolha aberta de um espaço que se projetava do corredor espaçoso entre a entrada dos alunos no canto sul e a gigantesca escada de pedra que poderia acomodar mais de uma dúzia de alunos. As crianças se referiam à área como "os comuns". Era envolto por uma fachada aberta treliçada de vigas e toldos de aço branco e um cruzado decorativo de cabos de aço. No interior, uma colmeia de atividade acendeu na hora do almoço. No início do almoço "A", mais de seiscentos alunos entraram correndo. Alguns entraram e saíram rapidamente, usando-o como um ponto de encontro central ou pegando um pacote de Tater Tots para a estrada. Foi embalado sólido por cinco minutos, depois esvaziado rapidamente. Trezentas a quatrocentas crianças acabaram se acomodando durante o período, em cadeiras de plástico ao redor de mesas móveis com capacidade para seis a oito.

Duas horas depois da assembléia, o Sr. D estava de plantão para almoçar - sua parte favorita do dia. A maioria dos administradores delegou a tarefa, mas o diretor DeAngelis não se cansou. "Meus amigos riem de mim", disse ele. "Serviço de almoço! Ugh! Mas eu adoro lá embaixo. É quando você consegue ver as crianças. É quando você consegue falar com elas."

O Sr. D fez o seu caminho ao redor da área comum, conversando com as crianças em cada mesa, parando enquanto os alunos ansiosos corriam para pegar sua orelha. Ele estava aqui para o início do almoço "A" quase todos os dias. Suas visitas eram alegres e coloquiais. Ele ouvia as histórias de seus alunos e ajudava a resolver problemas, mas evitava a disciplina no almoço. A única situação em que ele simplesmente não conseguia se conter, porém,

foi quando viu bandejas abandonadas e restos de comida. O Columbine que o Sr. D tinha herdado tinha poucos enfeites, mas ele insistiu que ficasse limpo.

Ele estava tão irritado com o direito e desleixo que ele tinha quatro câmeras de vigilância instaladas nas áreas comuns. Um zelador carregava uma fita nova todas as manhãs por volta das 11h05, e as câmeras rotativas varriam continuamente as áreas comuns, gravando rajadas de ação de quinze segundos cortadas automaticamente de uma câmera para outra. Dia após dia, eles gravaram as imagens mais banais imagináveis. Ninguém poderia imaginar o que essas câmeras capturariam apenas quatro meses após a instalação.

___

Uma terrível aflição havia infestado as pequenas cidades e subúrbios da América: o atirador da escola. Nós sabíamos porque tínhamos visto na TV. Tínhamos lido sobre isso nos jornais. Tinha se materializado inexplicavelmente dois anos antes. Em fevereiro de 1997, um jovem de dezesseis anos da remota Bethel, no Alasca, levou uma espingarda para a escola e abriu fogo. Ele matou o diretor e um aluno e feriu outros dois. Em outubro, outro garoto atirou em sua escola, desta vez em Pearl, Mississippi. Dois estudantes mortos, sete feridos. Mais dois surtos eclodiram em dezembro, em localidades remotas: West Paducah, Kentucky, e Stamps, Arkansas. Sete estavam mortos até o final do ano, dezesseis feridos.

O ano seguinte foi pior: dez mortos, trinta e cinco feridos, em cinco incidentes separados. A violência se intensificou na primavera, quando o ano letivo chegou ao fim. Temporada de tiro, eles começaram a chamá-lo. O perpetrador sempre foi um menino branco, sempre um adolescente, em uma cidade plácida de que poucos tinham ouvido falar. A maioria dos atiradores agiu sozinho. Cada ataque irrompeu inesperadamente e terminou rapidamente, então a TV nunca captou a turbulência. A nação assistiu às consequências: cenas intermináveis de escolas cercadas por ambulâncias, invadidas por policiais, crianças aterrorizadas com hemorragia.

No dia da formatura, em 1998, parecia uma epidemia completa. A cada escalada, pequenas cidades e subúrbios ficavam um pouco mais tensos. As escolas da cidade foram campos armados por muito tempo, mas os subúrbios deveriam ser seguros.

O público ficou fascinado; o pânico era real. Mas foi garantido? *Poderia acontecer em qualquer lugar* tornou-se o refrão. "Mas isso não acontece em nenhum lugar", argumentou o diretor do Justice Policy Institute, Vincent Schiraldi, no *Washington Post.* "E isso raramente acontece." Um editorial do *New York Times* fez o mesmo. Os dados do CDC estimaram as chances de uma criança morrer na escola em uma em um milhão. E segurando. A "tendência" foi realmente estável para baixo, dependendo de quão para trás você olhou.

Mas era novidade para pais brancos de classe média. Cada novo horror deixou milhões balançando a cabeça, imaginando quando o próximo pária

atacaria.

E então... nada. Durante todo o ano letivo de 1998-99, nem um único atirador surgiu. A ameaça se desvaneceu e uma luta distante tomou conta da notícia. A lenta desintegração da Iugoslávia explodiu novamente. Em março de 1999, quando Eric e Dylan finalizavam seus planos, a OTAN estabeleceu o limite da agressão sérvia em um lugar chamado Kosovo. Os Estados Unidos iniciaram sua maior campanha aérea desde o Vietnã. Enxames de esquadrões de F-15 atacaram Belgrado. A Europa Central estava um caos; A América estava em guerra. A ameaça suburbana do atirador da escola havia diminuído.

4. Rock'n' Bowl

e Dylan almoçavam "A", mas raramente estavam por perto para as visitas do Sr. D. Columbine era um campus aberto, então garotos mais velhos com licenças e carros iam para o Subway, Wendy's ou inúmeros drive-thrus espalhados pelas subdivisões. A maioria dos pais de Columbine eram ricos o suficiente para dotar seus filhos de carros. Eric tinha um Honda Prelude preto. Dylan dirigia um BMW antigo que seu pai havia reformado. Os dois carros ficavam lado a lado em seus espaços designados no estacionamento dos idosos todos os dias. No almoço, os meninos entraram em um com um punhado de amigos para comer e fumar.

O Sr. D tinha um objetivo principal na sexta-feira; Eric Harris tinha pelo menos dois. O Sr. D queria impressionar seus filhos sobre a importância de escolhas sábias. Ele queria todos de volta vivos na segunda-feira. Eric queria munição e um par para a noite do baile.

___

Eric e Dylan planejavam morrer logo após o fim de semana, mas na sexta à noite eles tinham um pouco de trabalho a fazer: um último turno no Blackjack. O trabalho financiou a maior parte da produção de bombas de Eric, aquisição de armas e experimentos com napalm. O blackjack pagava um pouco melhor do que o mínimo: US$ 6,50 por hora para Dylan, US$ 7,65 para Eric, que tinha antiguidade. Eric acreditava que poderia fazer melhor. "Depois de me formar, acho que vou desistir também", disse Eric a um amigo que havia parado na semana anterior. "Mas não agora. Quando eu me formar, vou conseguir um emprego que seja melhor para o meu futuro." Ele estava mentindo. Ele não tinha intenção de se formar.

Eric não tinha planos, o que parecia estranho para um garoto com tanto potencial. Ele era um estudante talentoso tendo um passe na faculdade. Sem planos de carreira, sem objetivos discerníveis. Isso estava deixando seus pais loucos.

Dylan tinha um futuro brilhante. Ele estava indo para a faculdade, é claro. Ele ia ser engenheiro de computação. Várias escolas o aceitaram, e ele e seu pai tinham acabado de dirigir até Tucson em uma viagem de quatro dias. Ele escolheu um dormitório. Ele gostava do deserto. A decisão foi final; sua mãe ia enviar seu depósito para a Universidade do Arizona na segunda-feira.

Eric havia apaziguado seu pai nas últimas semanas respondendo a um recrutador da Marinha. Ele não tinha interesse, mas fez uma bela capa. O pai de Eric, Wayne, tinha sido um piloto de testes da força aérea condecorado; ele se aposentou como major depois de vinte e três anos.

No momento, o Blackjack era um show muito bom - dinheiro decente e muitas oportunidades sociais. Chris e Nate e Zack e uma bagunça de seus outros amigos trabalharam lá. E Eric estava alerta para gatas. Ele estava trabalhando com essa garota há meses. Susan trabalhava como recepcionista de meio período no Great Clips no mesmo shopping center, então ela estava sempre tendo que pegar os pedidos de pizza para os

estilistas. Eric também a via na escola, geralmente quando estava fumando. Ele se dirigiu a ela pelo nome lá - ela não tinha certeza de como ele conseguiu isso - e vinha até a loja de vez em quando para conversar com ela. Ela parecia gostar dele. Eric não suportava vergonha, então ele estava checando com os amigos dela para avaliar suas perspectivas. Sim, ela gostava dele. Os negócios estavam lentos na sexta à noite por causa de uma tempestade de neve no final da primavera, então eles tiveram tempo para conversar quando ela pegou seu pedido. Ele pediu a ela o número dela. Ela deu.

Susan parecia bem e o novo chefe de Eric também tinha um anúncio. Kirgis havia vendido a loja seis semanas atrás, e as coisas estavam mudando. O novo proprietário demitiu alguns dos funcionários. Eric e Dylan eram guardiões, mas o teto estava fechado: não havia mais brewskis e foguetes de garrafa. Eric, no entanto, causou uma ótima impressão. Kirgis confiava em Eric o suficiente para deixá-lo no comando com frequência, mas na sexta-feira, o novo proprietário o promoveu. Quatro dias antes de seu massacre, Eric tornou-se gerente de turno. Ele parecia satisfeito.

Ambos os meninos pediram adiantamentos naquela noite. Eric queria US$ 200, Dylan US$ 120, contra horas que eles já haviam trabalhado. O novo proprietário pagou em dinheiro.

Depois do trabalho, eles foram para Belleview Lanes. Sexta à noite foi o Rock'n' Bowl, um grande evento social semanal. Dezesseis garotos geralmente apareciam – alguns do círculo de Blackjack, outros de fora. Eles se aglomeraram em quatro pistas adjacentes e acompanharam todas as pontuações nos monitores suspensos. Eric e Dylan tocavam toda sexta à noite. Eles não eram grandes jogadores de boliche - Dylan tinha uma média de 115, Eric 108 - mas com certeza se divertiam fazendo isso. Eles também faziam boliche como aula de ginástica. Dylan odiava as manhãs, mas de segunda a quarta ele dirigia para Belleview no escuro. A aula começava às 6h , e eles raramente se atrasavam, quase nunca faltavam. E eles ainda mal podiam esperar pela noite de sexta-feira: mesmo local, mas sem supervisão de um adulto. Eles poderiam ficar um pouco mais loucos. Eric estava curtindo toda essa merda alemã ultimamente: Nietzsche, Freud, Hitler, bandas industriais alemãs como KMFDM e Rammstein, camisetas em alemão. Às vezes ele pontuava seus high fives com "Sieg Heil" ou "Heil Hitler". Os relatórios divergem sobre se Dylan seguiu ou não sua liderança. A amiga de Dylan, Robyn Anderson, a garota que o convidou para o baile, geralmente os pegava no Blackjack e os levava para o beco. Mas esta semana, ela ainda estava em Washington com seu grupo da igreja.

Eles foram para casa cedo naquela noite - Eric tinha um compromisso por telefone. Ele ligou para Susan depois das nove, como prometido, mas ligou para a mãe dela. A mãe achou Eric muito legal, até que ela disse a ele que Susan estava dormindo na casa de um amigo. Eric ficou bravo. Que estranho, pensou a mãe, que Eric ficasse tão zangado tão rapidamente, só porque Susan estava fora. A rejeição era o ponto fraco de Eric, especialmente pelas mulheres. Ele não conseguia puxar um Klebold, mas o véu caiu e sua raiva se derramou. Foi apenas irritante. Ele tinha uma longa

lista de traições, uma verdadeira "Lista de Merda" em seu computador de garotas desprezíveis. Susan não entrou na lista. A mãe dela ofereceu a Eric o número do pager dela, e ele escreveu uma mensagem.

Susan ligou de volta, e Eric de repente ficou legal de novo. Eles falaram sobre escola, computadores e crianças que esfaquearam Eric pelas costas. Eric continuou falando sobre um garoto que o havia traído. Eles conversaram por meia hora, e Eric finalmente perguntou a ela sobre a noite de sábado. Ela estava ocupada? Não. Ótimo. Ele ligaria para ela no início da tarde. Finalmente! Noite de formatura. Ele tinha um encontro!

5. Duas Columbinas

Nas noites de sexta-feira, o treinador Sanders geralmente podia ser encontrado no Columbine Lounge: um honky-tonk de shopping de strip-tease com a sensação de um show do Allman Brothers em Macon na década de 1970. Todas as idades se amontoavam - principalmente caipiras, mas negros e latinos se misturavam facilmente, punks e ratos de skate também. Todo mundo se deu bem. Caras motoqueiros com couro cabeludo brilhante e rabos de cavalo conversavam com mulheres idosas em cardigans florais. A maioria das noites incluía um período de microfone aberto, onde você podia assistir a um bêbado envelhecido dedilhar "Stairway to Heaven", seguir o tema *da Ilha de Gilligan* e esquecer as palavras. Os bartenders cobriram as mesas de sinuca com folhas de compensado quando a banda começou, convertendo tudo em espaço para banquetes. Uma pilha de amplificadores e uma mesa de mixagem marcavam o palco virtual, iluminado por luzes de grampo de alumínio afixadas nas molduras do teto. Uma estreita faixa de carpete servia de pista de dança. Principalmente, estava cheio de mulheres de quarenta e poucos anos em cortes de cunha Dorothy Hamill. Eles tentaram arrastar seus homens para lá, mas raramente conseguiram muitos compradores. Dave Sanders foi a exceção. Ele adorava deslizar pelo tapete. Ele era parcial para o Electric Slide. Ele era algo para ver. A graça que o impeliu para a quadra de basquete trinta anos atrás ficou com ele. Ele jogou como armador. Ele foi bom.

O treinador Sanders superava a maioria da clientela, mas não pensava em termos de classe. Ele se preocupava com amizade, esforço honesto e sinceridade. O Lounge tinha aqueles em abundância. E Dave gostava de relaxar e se divertir. Ele deu uma gargalhada e aproveitou muito no Lounge.

Quando o treinador Sanders chegou em 1974, ele personificou a comunidade. Ele cresceu em Veedersburg, Indiana, uma tranquila comunidade rural muito parecida com o Condado de Jefferson que ele encontrou logo após a faculdade. Vinte e cinco anos depois, não era um ajuste tão confortável. O Lounge ficava a apenas alguns quarteirões ao sul da escola e, nos primeiros dias, estava cheio de professores depois da escola ou do treino. Misturaram-se com ex-alunos e pais e irmãos dos atuais. Metade da cidade passou pelo Lounge em uma determinada semana. Os professores mais novos não aprovavam esse comportamento, e eles não se encaixavam no Lounge de qualquer maneira. Nem a onda de suburbanos de luxo que começou a inundar Jeffco no final dos anos 1970, esmagando o corpo discente de Columbine. New Columbine foi para bares de samambaias e Bennigan's, ou festas privadas em suas "casas de rancho" de dois andares e McMansões com teto de catedral. A família de Cassie Bernall era New Columbine, assim como os Harris e os Klebolds. O Sr. D chegou como Velho, mas evoluiu com a maioria para Novo. O Velho Columbine permaneceu, em menor número, mas imperturbável com os recém-chegados. Muitas famílias mais velhas viviam em casas de fazenda construídas meio século antes nas pequenas fazendas de cavalos que ocupavam a maior parte da área quando a escola foi construída.

Columbine High School foi construída em 1973 em uma estrada de terra fora de uma estrada de terra maior no país dos cavalos. Foi nomeado após a flor que cobre seções das Montanhas Rochosas. Prados escarpados cercavam o novo edifício, perfumados com pinheiros e esterco de cavalo. Quase ninguém morava lá, mas Jeffco estava se preparando para um influxo. Os ônibus ordenados pelo tribunal provocaram uma avalanche de vôos brancos saindo de Denver, e subdivisões estavam surgindo ao longo dos contrafortes.

Funcionários da Jeffco haviam debatido onde as chegadas se agrupariam. Eles ergueram três estruturas temporárias no deserto para acomodar a debandada. As escolas secundárias eram conchas ocas idênticas, prontas para serem convertidas para uso industrial se a população não se materializasse. Columbine parecia uma fábrica por design. No interior, os separadores móveis de parede sanfonada foram lançados para criar salas de aula. O som era transmitido de sala em sala, mas os alunos conseguiam superar essas pequenas dificuldades.

Os desenvolvedores continuaram lançando novas subdivisões, cada uma mais cara que a anterior. Jeffco manteve todas as três escolas temporárias. Em 1995, pouco antes de Eric e Dylan chegarem, a Columbine High School passou por uma grande reforma. Paredes internas permanentes foram instaladas e o antigo refeitório do lado leste foi convertido em salas de aula. Uma enorme ala oeste foi adicionada, dobrando o tamanho da estrutura. Ele trazia a nova característica arquitetônica exclusiva: o vidro verde curvo das áreas comuns, com a nova biblioteca acima.

Em abril de 1999, a planície estava quase cheia, até o sopé. Mas os moradores ferozmente independentes se recusaram a incorporar. Uma nova cidade só imporia novas regras e novos impostos. Os 100.000 recém-chegados encheram um subúrbio contínuo sem centro de cidade: nenhuma rua principal, nenhuma prefeitura, biblioteca municipal ou nome de cidade. Ninguém sabia ao certo como chamá-lo. Littleton é um subúrbio tranquilo ao sul de Denver, onde o massacre não ocorreu. Embora o nome se torne sinônimo da tragédia, Columbine fica vários quilômetros a oeste, do outro lado do rio South Platte, em um condado diferente com escolas e policiais separados. O sistema postal colocou "Littleton" em uma vasta extensão de setecentas milhas quadradas, estendendo-se até o sopé das colinas. As pessoas na planície gravitavam em torno do nome da escola mais próxima - o centro da vida social suburbana. Para trinta mil pessoas aglomeradas ao redor da nova escola secundária, Columbine tornou-se o nome de sua casa.

———

Dave Sanders ensinou digitação, digitação, negócios e economia. Ele não achou todo o material particularmente interessante, mas permitiu-lhe treinar. Dave treinou sete esportes diferentes em Columbine. Ele começou com meninos, mas descobriu que as meninas precisavam mais dele. "Ele tinha esse jeito de fazer todo mundo se sentir seguro", disse um amigo. Ele fez as crianças se sentirem bem consigo mesmas.

Dave não gritou ou repreendeu as meninas, mas ele foi severo e insistente no treino. *Novamente. Novamente.* Ele observava em silêncio à margem e, quando falava, eles podiam contar com análise ou inspiração. Ele havia assumido o cargo de treinador principal de basquete feminino naquele semestre - um time com doze temporadas seguidas de derrotas. Antes do primeiro jogo, ele comprou camisetas com ONE IN A DOZEN impresso nas costas. Eles chegaram ao campeonato estadual naquela primavera.

Quando alguém cruzava com Dave Sanders, ele respondia com "o olhar": um olhar frio e insistente. Ele o usou uma vez em duas garotas tagarelas na classe executiva. Eles se calaram momentaneamente, mas voltaram a falar quando ele desviou o olhar. Então ele puxou uma cadeira bem na frente deles e conduziu o resto da aula daquele lugar, olhando para cada garota até que o sinal tocou.

Dave passava quase todas as noites na academia ou na casa de campo, voltava para mais nos fins de semana e organizava acampamentos de treinamento de verão na Universidade de Wyoming. Dave era um cara prático. Ele admirava a eficiência, tentava fazer o dobro do dever trazendo sua filha para o trabalho depois da escola. As meninas do basquete conheciam Angela quando ela era criança. Ela ficou na academia vendo o papai treinar as meninas: dribles, concursos de gorjetas, confrontos... Ângela trouxe seus brinquedos com ela em uma mala do tamanho de um tyke. Ao final do treino, eles estariam espalhados por todas as arquibancadas e na lateral da quadra. As meninas soltaram um grande suspiro quando Dave chamou Angela para começar a fazer as malas. Ele os trabalhou duro, e esse foi o sinal de que eles estavam quase prontos.

Angela valorizava aqueles fins de tarde. "Eu cresci em Columbine", disse ela. Dave estava se tornando um grande urso, e quando abraçou Angela, ela se sentiu segura.

Sua mãe ficou menos impressionada. Kathy Sanders se divorciou de Dave quando Angela tinha três anos. Dave encontrou uma casa a alguns quarteirões de distância, para que pudessem ficar perto. Mais tarde, Angie foi morar com ele. Foi um divórcio tão feliz que Kathy se tornou amiga de sua segunda esposa, Linda Lou.

"Kathy é uma querida, e ela e Dave se deram tão bem", disse Linda. "Eu perguntei a ela um dia, 'Por que vocês dois se divorciaram?' E ela disse: 'Ele nunca estava em casa. Eu meio que estava casada comigo mesma'."

Linda prosperou com o arranjo. Angie tinha dezessete anos quando se casou com Dave, e suas duas filhas quase foram criadas também. Linda era uma mãe solteira e trabalhadora há muitos anos e estava acostumada a ficar sozinha. Ela cresceu cada vez mais dependente de Dave, no entanto. Ela tinha sido forte quando ela precisava, mas ela gostava mais com um homem para se apoiar. A independência tinha sido ótima, mas essa vida tinha acabado agora.

Linda Lou costumava encontrar Dave no Lounge depois do treino, e eles passavam a noite juntos lá. Ela amava o lugar quase tanto quanto Dave. Eles se conheceram no Lounge em 1991. Eles realizaram sua recepção de

casamento lá dois anos depois. Parecia em casa. Dave se sentia em casa para Linda.

Dave era exatamente o que Linda estava esperando: carinhoso, protetor e divertidamente romântico. Ele propôs uma viagem a Vegas. Enquanto caminhavam por uma ponte para o cassino Excalibur, ele pediu para ver seu "anel de divórcio" - que ela ainda usava em seu dedo de casamento. Ela apresentou a mão, e ele jogou o anel no fosso. Ele a pediu em casamento. Ela aceitou alegremente.

Linda e suas duas filhas se mudaram, e ela e Dave terminaram de criar as meninas e Angela. Dave adotou legalmente a filha mais nova de Linda, Coni. Ele considerava as três meninas suas filhas, e todas o chamavam de pai.

O corpo de corredor esguio de Dave foi preenchido. Sua barba ficou manchada, depois grisalha. Seu sorriso se manteve constante. Seus olhos azuis brilharam. Ele começou a se parecer com um jovem Papai Noel. Fora isso, Dave permaneceu notavelmente consistente: treinando, rindo e curtindo seus netos, mas não os vendo o suficiente. Ele dirigia um velho Ford Escort, vestido com calças de poliéster sem graça e camisas simples de botão. Seu cabelo diminuiu, mas ele o repartiu cuidadosamente à esquerda. Ele usava grandes óculos grandes com armações de outra época. Cada noite terminava com ele em sua poltrona, rindo para Johnny Carson, com um copo de Diet Coke e Jack Daniel's na mão. Quando Johnny se aposentou, os Sanders tinham uma antena parabólica e Dave sempre conseguia encontrar um jogo para se estabelecer. Linda esperou por ele no andar de cima.

Do nada, apenas algumas semanas antes do baile, ele decidiu atualizar sua imagem. Ele tinha quarenta e sete anos - tempo para uma mudança. Ele surpreendeu Linda em um par de óculos de aro de metal, a primeira grande declaração de moda de sua vida. Ele mesmo os escolheu. "Woo-woo!" ela uivou. Ela nunca tinha visto um Dave assim *antes* !

Ele estava tão orgulhoso daqueles óculos. "Finalmente cheguei a 1999", disse ele.

A grande estreia veio no domingo de Páscoa. Ele apareceu de óculos em uma ruidosa reunião de família com os netos. Ninguém percebeu.

Sozinho com Linda naquela noite, ele confessou o quanto doeu.

Dave estava planejando mais mudanças: nenhum acampamento de basquete neste verão. Menos treinamento, mais tempo com suas próprias filhas e seus netos. Ainda deu tempo de acertar.

Ele também estava experimentando uma nova bebida antes de dormir: Diet Coke e rum.

No domingo antes do baile, a família deu uma festa de aniversário para o filho de quatro anos de Angela, Austin. Dave gostava de fazer sanduíches de manteiga de amendoim e geleia para os netos. Ele cortou as bordas, porque eles gostavam de tudo macio. Dave escondia uma minhoca de goma na geleia, o que sempre os surpreendia.

Austin ligou para falar com o vovô no fim de semana do baile, mas sentiu falta dele. Dave ligou de volta e deixou uma mensagem na secretária eletrônica. Ângela apagou. Ela tentaria novamente durante a semana.

___

O baile estava marcado para 17 de abril, mas para a maioria das crianças, era o culminar de uma dança longa e dolorosa que se estendeu até o meio do inverno. Noite após noite, Patrick Ireland estava deitado em sua cama, telefone em uma mão, uma bola na outra, jogando-a para cima e pegando-a no ar, desejando que sua melhor amiga, Laura, entendesse a dica. Ele continuou incitando-a sobre suas perspectivas. *Alguma ideia? Alguém pergunta ainda?* Ela jogou as perguntas de volta: A *quem você vai perguntar? Quando? O que você está esperando?*

A indecisão era um terreno desconhecido para Patrick. Ele competiu no basquete e beisebol para Columbine e ganhou medalhas de primeiro lugar no esqui aquático, ganhando uma média de 4,0. Ficou de olho na bola. Quando seu time estava perdendo cinco pontos nos minutos finais de um jogo de basquete, e ele simplesmente errava uma bandeja fácil ou driblava o pé e se sentia um perdedor, a resposta era simples: *esqueça!* Se você queria vencer, você se concentrava na próxima jogada. Com Laura, ele não conseguia se concentrar em nada.

Patrick era modesto, mas seguro de si em relação à maioria das coisas. Isso importava demais. Ele não podia arriscar a quarta série novamente. Laura tinha sido seu primeiro amor, sua primeira namorada, na terceira série. Foi um romance tórrido, mas acabou mal e ela não quis falar com ele no ano seguinte. Demorou até o ensino médio para se tornarem amigos novamente. Por um tempo, foi amizade, mas então seu pulso começou a acelerar. Ele estava certo sobre ela da primeira vez? Certamente ela sentiu isso também. A menos que estivesse imaginando. Não, ela estava flertando, totalmente. Flertando o suficiente?

Laura ficou impaciente. Não era apenas a noite do baile em jogo, eram semanas de planejamento, compra de vestidos, acessórios, conversas intermináveis para arriscar ser excluída. Os olhares tristes, a pena - uma temporada cheia de constrangimento.

Ela recebeu outra oferta. Ela ganhou tempo, então, finalmente, aceitou. O cara estava muito dentro dela.

Então Patrick perguntou a Cora, apenas como amigos. Todo o seu grupo estava indo como amigos. Sem pressão, apenas um bom tempo.

A noite do baile chegou. A maioria dos grupos transformou isso em um evento de doze horas: fotos, jantares requintados, dança, pós-baile. A gangue de Patrick começou no Gabriel's, uma antiga casa vitoriana no campo que havia sido convertida em uma elegante casa de carnes e frutos do mar. Eles pararam em uma limusine e comeram como reis. Depois foi uma longa viagem até Denver para o grande evento. O comitê do baile escolheu o Denver Design Center, um marco local conhecido como "aquele prédio com aquela coisa amarela estranha". A "coisa" era uma escultura de aço monumental chamada *The Articulated Wall,* que parecia um filamento de DNA de 24 metros e se elevava sobre as lojas e restaurantes convertidos de antigos armazéns.

O trade-off com uma localização famosa na cidade era o espaço. Você mal conseguia se mexer na pista de dança. O segundo momento mais memorável de Patrick Ireland foi dançar "Ice Ice Baby". Ele tinha dublado em um show de talentos da terceira série, então sempre que eles ouviram isso na próxima década, ele pegou seus amigos e fez a mesma dança pateta. Isso não era nada comparado a segurar Laura. Ele tem uma dança. Uma música lenta. Paraíso.

___

Cassie Bernall não foi convidada para o baile. Ela era bonita, mas, em sua opinião, uma perdedora. Os meninos da igreja do grupo de jovens mal a notaram. Na escola ela chamava atenção, mas estritamente sexual. Amigos eram difíceis de encontrar. Então, ela e sua amiga Amanda se vestiram de qualquer maneira, arrumaram o cabelo e ficaram glamourosas para um banquete de trabalho que a mãe de Amanda tinha no Marriott. Então eles cruzaram para depois do baile, onde as datas eram opcionais, e festejaram até o amanhecer.

6. Seu futuro

baile de Dylan também arranjou uma limusine. Robyn Anderson foi buscá-lo no sábado à tarde. Eles tiraram fotos com seus pais antes de se encontrarem com os outros cinco casais para irem para a cidade. Robyn usava cetim azul meia-noite com mangas de boné e luvas combinando com comprimento de ópera. Ela tinha enrolado o cabelo em longos cachos loiros, jogado para frente para saltar em seu decote quadrado decotado - uma variação suburbana do estilo clássico pré-rafaelita.

Dylan estava tonto e radiante se preparando, tudo limpo de uma vez, trabalhando para que tudo parecesse certo. Ele puxou os punhos da camisa para baixo, endireitou o paletó do smoking. Ele tinha ido com um smoking preto tradicional, gravata borboleta ligeiramente torta. Um pequeno toque de cor iluminou sua lapela: um botão de rosa de ponta rosa com uma pequena fita da cor do vestido de Robyn. Seu cabelo estava penteado para trás em um rabo de cavalo curto que continuava lhe dando dor. Ele havia se barbeado. Seu pai o seguia com uma filmadora, capturando cada movimento. Dylan olhou para ele pelas lentes: Pai, vamos rir disso daqui a vinte anos.

Eles cavalgaram até o centro em um grande trecho buzinando com janelas escuras e teto espelhado. Uau! Dylan segurou a mão de Robyn e elogiou seu vestido. A primeira parada foi jantar no Bella Ristorante, um local badalado em Lower Downtown. Foi uma época divertida: brincadeiras e brincadeiras com facas de mesa e fósforos, fingindo acender fogo. Dylan devorou uma enorme salada, uma grande entrada de frutos do mar e a sobremesa. Ele falou sobre a próxima reunião para crianças do programa de superdotados na escola primária. Seria divertido ficar de novo com os espertinhos da infância. Dylan se ofereceu para usar sua conexão de Blackjack para conseguir algumas pizzas.

Terminaram o jantar cedo. Dylan saiu para fumar um cigarro. Ele pediu a seu amigo Nate Dykeman para acompanhá-lo. Estava frio lá fora, mas bom de qualquer maneira - um pouco de tempo quieto, longe de toda a comoção. Ótima comida, ótima companhia, primeira vez em uma limusine para os dois. "Tudo está indo perfeito, como planejado", disse Nate mais tarde.

Nate era ainda mais alto que Dylan, 1,80m, e consideravelmente mais atraente. Ele tinha feições clássicas e sobrancelhas escuras e pesadas que acentuavam seus olhos penetrantes. Eles falaram mais sobre reencontros. Todo mundo estava se espalhando para a faculdade. Eles falaram sobre Dylan indo para o Arizona e Nate atravessando o país para a Flórida. Nate queria trabalhar para a Microsoft. O que eles realizariam antes que o tempo da reunião chegasse? Eles jogaram em torno das possibilidades. "Nenhuma dica de que algo possa estar errado", Nate lembrou mais tarde. "Nós estávamos nos divertindo muito. É nosso baile de formatura. Estamos curtindo como deveríamos."

A curta viagem até o Design Center foi uma explosão: hard rock tocando nos alto-falantes, uma descarga de adrenalina enquanto eles tocavam um

no outro. Eles zombavam dos pedestres, zombavam deles ao acaso. Ninguém podia ver; eles podiam ver fora. Que tumulto.

Dylan estava de ótimo humor. Temos que manter contato, ele insistiu. Este grupo era divertido demais para deixar ir.

___

Eric pressionou a sorte. Ele estava louco por um encontro na noite do baile, mas esperou até o início da noite para ligar para Susan. Ele estava confiante. As garotas gostavam dele. Ele pediu que ela viesse para um filme. Ela passou por volta das sete. Seus pais tinham acabado de sair para jantar fora para comemorar seu aniversário. Eric queria mostrar a Susan *Event Horizon,* uma festa sangrenta de baixo orçamento sobre uma nave espacial transportada de volta do inferno. Era seu favorito de todos os tempos. Eles assistiram direto, então se sentaram ao redor de seu quarto no porão conversando.

Os pais de Eric chegaram em casa e desceram para encontrá-la. Foi muita conversa sem objetivo, como o pai de Eric dizendo a ela que cortou o cabelo na Great Clips. Eles pareciam amigáveis, pensou Susan. Todos se deram bem. Depois que os pais de Eric foram embora, ele tocou para ela algumas de suas músicas favoritas. Era principalmente batendo e gritando em seu ouvido, mas então ele misturava algumas coisas da Nova Era como Enya. Ele colocou o braço em volta dela uma vez, mas não foi para um beijo. Ele fez muitas coisas atenciosas, como se oferecer para aquecer o carro dela quando ela tivesse que chegar em casa. Ela ficou até as onze, meia hora depois do que deveria. Eric a beijou na bochecha e disse boa noite.

___

O baile era o assunto padrão. Eles coroaram uma rainha, eles coroaram um rei, o Sr. D deu um suspiro de alívio por terem passado por isso vivos. Dylan e Robyn se divertiram, mas a alegria não era realmente o objetivo. O baile era mais sobre representar algum fac-símile estranho da idade adulta: vestir-se como uma festa de casamento cafona, dar as mãos e se comportar como *um casal* , mesmo que nunca tenham namorado, e observar a etiqueta das debutantes da Era Dourada empurradas para as celebridades modernas: limusines, tapetes vermelhos e um fluxo constante de paparazzi, interpretado por pais, professores e hackers de fotos contratados.

Por diversão, alguém inventou depois do baile. Retire a faixa, saia dos saltos de duas polegadas, esqueça as poses estúpidas e divirta-se de verdade. Como jogos de azar. O ginásio de Columbine estava equipado com fileiras e mais fileiras de mesas de blackjack, pôquer e dados. Pais em trajes de Vegas serviram como traficantes. Eles tinham competições de arremesso de bola, um castelo de salto e um salto de corda elástica. Ficou ativo até o amanhecer. Afterprom teve seu próprio tema: New York, New York. Alguns pais construíram um labirinto em tamanho real que você tinha que seguir para entrar na escola, e a entrada estava enfeitada com maquetes de papelão do Empire State Building e da Estátua da Liberdade. Alguns dos garotos mal viram seus acompanhantes no pós-baile. Alguns não tinham. Eric se juntou a Dylan e seu grupo de limusines. Eles passaram horas no

cassino perdendo dinheiro falso. Patrick Ireland estava nas proximidades. Eles nunca se conheceram. Dylan continuou falando sobre a faculdade, sobre seu futuro. Ele continuou dizendo que mal podia esperar.

7. Igreja em chamas

Esta é uma igreja em chamas. Este é o coração do país evangélico. Este é o Trinity Christian Center, uma congregação em êxtase clamando por Jesus em um Kmart convertido a meia milha de Columbine. Quando o cassino fechou no ginásio da escola, os fiéis se levantaram do outro lado do Front Range. Eles se espalharam pelos corredores da Trinity Christian, arfando e retumbando como uma tenda de renascimento dos velhos tempos. A multidão frenética lançou duzentos braços para os céus, cantando o espírito que suas almas simplesmente não conseguiam conter. O coro os levou mais alto. Ele rasgou o refrão do hino ardente de Hillsong e a multidão aumentou.

Esta é uma igreja em chamas...
Temos um desejo ardente...

Ninguém tinha a febre como uma colegial queimada de sol, irradiando do coro como as orquídeas espalhadas em seu vestido de verão. Ela jogou a cabeça para trás, fechou os olhos com força e continuou cantando, seus lábios correndo direto pela jam instrumental.

Desde os dias dos pioneiros e o Segundo Grande Despertar, o Colorado era um foco no circuito de ministérios itinerantes. Na década de 1990, Colorado Springs foi batizado de Vaticano Evangélico. A cidade de Denver parecia imune ao fervor, mas seus subúrbios ocidentais estavam agitados. Em nenhum lugar o espírito se moveu com mais força do que no Trinity Christian Center. Eles tinham um salvador para alcançar e o Inimigo para repelir.

Satanás estava trabalhando no condado de Jefferson, qualquer pastor de uma igreja bíblica diria isso a você. Muito antes de Eric e Dylan atacarem, dezenas de milhares de evangélicos de Columbine se prepararam para o príncipe das trevas. O Inimigo, como o chamavam. Ele estava sempre à espreita.

Columbine fica a cinco quilômetros a leste do sopé. Mais perto dos picos, os valores das propriedades aumentam de forma constante, em conjunto com o decoro. Em comparação com a Trinity Christian, congregações de luxo como a Foothills Bible Church montam produções da Broadway. O pastor de Foothills, Bill Oudemolen, subiu ao palco como o televangelista por excelência: cabelo penteado para trás e penteado para trás, gravata engomada e terno Armani sob medida em tons suaves de terra. Mas o estereótipo se dissolveu quando ele abriu a boca. Ele era sincero, perspicaz e intelectual. Ele repreendeu os pregadores do ministério por dinheiro e seus esquemas de economia rápida.

A West Bowles Community Church situa-se entre outras megaigrejas geograficamente, socioeconomicamente e intelectualmente. Como Oudemolen, o pastor George Kirsten era um literalista bíblico. Ele desprezava os colegas obcecados por um Salvador amoroso. Seu Cristo tinha um lado vingativo. O amor era uma venda fácil - que perdeu metade da história. "Isso é ofensivo para mim", disse Kirsten. Ele pregou um código

moral estrito, preto e branco. "As pessoas querem pintar o mundo com muito cinza", disse ele. "Eu não vejo isso nas Escrituras."

Religião não significava uma hora por semana aos domingos para essa multidão. Houve estudo bíblico, grupo de jovens, comunhão e retiros. O "pensamento do dia" começou pela manhã; As escrituras vinham antes de dormir. As crianças de West Bowles percorriam os corredores de Columbine ostentando WWJD? pulseiras - O que Jesus faria? - e trocando CDs de rock cristão. Ocasionalmente, eles testemunhavam aos incrédulos ou discutiam as Escrituras com os protestantes tradicionais. O grupo de Estudo Bíblico de Columbine se reunia na escola uma vez por semana; seus maiores desafios foram resistir à tentação, aderir a um padrão mais elevado e agir como dignos servos de Cristo. Seus membros ficaram de olho no Inimigo.

Os pastores Kirsten e Oudemolen falavam de Satanás com frequência. O reverendo Oudemolen o chamava pelo nome; Kirsten preferia O Inimigo. De qualquer forma, Satanás era mais do que um símbolo do mal - ele era uma entidade real, física, faminta por almas complacentes.

Ele arrebatou os alvos mais improváveis. Quem esperaria que Cassie Bernall caísse? Ela era a angelical caloura loira que se vestiu para um evento no Marriott no sábado em vez do baile. Ela estava programada para falar na reunião do grupo de jovens de sua igreja na terça-feira. A casa de Cassie ficava bem ao lado da propriedade de Columbine, mas era apenas seu segundo ano na escola. Ela foi transferida da Christian Fellowship School. Ela havia implorado a seus pais para fazer a mudança. O Senhor havia falado com Cassie. Ele queria que ela testemunhasse aos incrédulos em Columbine.

___

A manhã de segunda-feira foi tranquila. Muitos olhos turvos da noite de sábado, muita conversa sobre quem fez o quê. Todos os filhos do Sr. D conseguiram voltar. Um punhado espiou pela porta com grandes sorrisos. "Só queria que você visse nossos rostos brilhantes e brilhantes", disseram eles.

O agente especial supervisor Dwayne Fuselier estava um pouco nervoso na segunda-feira. Ele chefiava a unidade de terrorismo doméstico do FBI em Denver, e 19 de abril foi um dia perigoso na região. O pior desastre da história do FBI havia eclodido seis anos antes e a retaliação ocorreu exatamente dois anos depois. Em 19 de abril de 1993, o Bureau encerrou um impasse de cinquenta e um dias com o culto Branch Davidian perto de Waco, Texas, invadindo o complexo. Um grande incêndio irrompeu e a maioria dos oitenta habitantes morreu queimada – adultos e crianças. O agente Fuselier foi um dos principais negociadores de reféns do país. Ele passou seis semanas tentando convencer os davidianos. Fuselier se opôs ao ataque ao complexo, mas perdeu. Pouco antes de invadir, o FBI deu a Fuselier uma última chance. Ele foi a última pessoa conhecida a falar com o líder Davidiano David Koresh. Ele observou o complexo queimar.

As especulações surgiram sobre o papel do FBI no incêndio. A polêmica quase acabou com a carreira da procuradora-geral Janet Reno. Waco radicalizou o movimento de milícias antigovernamentais, fez do 19 de abril um símbolo de autoridade perversa. Timothy McVeigh buscou vingança bombardeando o Murrah Federal Building em Oklahoma City em 19 de abril de 1995. Sua explosão matou 168 pessoas, o maior ataque terrorista da história americana até aquele momento.

8. Densidade Humana Máxima

É uma aposta segura que Eric e Dylan assistiram à carnificina de Waco e Oklahoma City na televisão, com o resto do país. Essas atrocidades foram particularmente proeminentes nesta região. McVeigh foi julgado em um tribunal federal no centro de Denver e condenado à morte enquanto os meninos frequentavam Columbine nos subúrbios. As cenas de devastação foram repetidas várias vezes. Em seu diário, Eric se gabava de superar McVeigh. Oklahoma City foi uma performance de uma nota: McVeigh ajustou seu cronômetro e foi embora; ele nem mesmo viu seu espetáculo se desenrolar. Eric sonhava muito maior do que isso.

Dia do Julgamento, como chamavam. Columbine entraria em erupção com uma explosão também. Eric projetou pelo menos sete grandes bombas, trabalhando com *The Anarchist Cookbook* que ele encontrou na web. Ele escolheu o design da churrasqueira: tanques de propano padrão, os gordos, redondos, brancos, dezoito polegadas de altura, trinta centímetros de diâmetro, com cerca de dez quilos de gás altamente explosivo. A bomba nº 1 empregava latas de aerossol para detonadores, cada uma ligada a um despertador antiquado com sinos redondos de metal no topo. O primeiro passo foi plantá-los em um parque perto da casa de Eric, a cinco quilômetros da escola. Essa bomba poderia matar centenas de pessoas, mas destinava-se apenas a pedras e árvores. O ataque deveria começar com um chamariz: agitar o bairro e desviar a polícia. Cada minuto livre aumentava a contagem de corpos em potencial. Os meninos iam dobrar ou triplicar o recorde de McVeigh. Eles estimaram o dano variadamente em "centenas", "várias centenas" e "pelo menos quatrocentos" - estranhamente conservadores para o arsenal que estavam preparando.

Eric pode ter outro motivo para o plano de chamariz. Ele era estranhamente perspicaz sobre as pessoas, e Dylan estava vacilando. Se Dylan fosse reticente, a isca o ajudaria a entrar. Era um explosivo inofensivo, ninguém se machucaria com isso, mas uma vez que eles partissem, Dylan estaria comprometido.

O evento principal foi roteirizado em três atos, assim como um filme. Começaria com uma enorme explosão nos comuns. Mais de seiscentos alunos se aglomeraram no início do almoço "A", e dois minutos depois que o sinal tocou, a maioria deles estaria morta. O ato I apresentou duas bombas, usando tanques de propano como o chamariz. Cada um foi amarrado com pregos e BBs para estilhaços, amarrado a uma lata de gasolina cheia e um tanque de propano menor, e conectado a relógios de sino semelhantes. Cada bomba cabia confortavelmente em uma mochila, que Eric e Dylan carregavam no auge do caos do período que passava. Mais uma vez, Dylan foi facilitado para matar. Clicar na dobradiça do alarme foi sem sangue e impessoal. Não parecia matar – sem sangue, sem gritos. A maioria dos assassinatos de Dylan terminaria antes que ele os enfrentasse.

A bola de fogo acabaria com a maior parte da multidão do almoço e incendiaria a escola. Eric desenhou diagramas detalhados. Ele espaçou as

bombas, mas as localizou centralmente, para um raio máximo de morte. Sentavam-se ao lado de duas grossas colunas que sustentavam o segundo andar. Modelagem por computador e testes de campo mais tarde demonstrariam uma alta probabilidade de que as bombas tivessem desmoronado parte do segundo andar. Eric aparentemente esperava ver a biblioteca e seus habitantes desabando sobre os almoços em chamas.

À medida que as bombas-relógio diminuíam, os assassinos saíam rapidamente e disparavam pelo estacionamento em um ângulo de noventa graus. Cada menino deveria dirigir-se ao seu próprio carro, estacionado estrategicamente a cerca de cem metros um do outro. Os carros forneceram acampamentos base móveis, onde se prepariam para desencadear o Ato II. O pré-posicionamento garantiu pistas de tiro ideais. Eles haviam perfurado as engrenagens repetidamente e podiam executá-las rapidamente. As bombas detonariam às 11h17, e a asa densamente compactada desmoronaria. À medida que as chamas aumentavam, Eric e Dylan treinavam suas semiautomáticas nas saídas e aguardavam os sobreviventes.

Ato II: tempo de disparo. Isso estava ficando divertido. Dylan usaria uma Intratec TEC-DC9 (uma pistola semiautomática de 9 mm) e uma espingarda. Eric tinha um rifle de carabina Hi-Point 9mm e uma espingarda. Eles haviam serrado os canos das espingardas para ocultação. Entre eles, eles carregariam oitenta explosivos portáteis - bombas de cano e bombas de dióxido de carbono que Eric chamava de "grilos" - além de um suprimento de coquetéis molotov e uma variedade de facas bizarras, para o caso de ficar de mão em mão. combate. Eles usariam cintos de teia no estilo de infantaria, permitindo que amarrassem grande parte da munição e explosivos em seus corpos. Cada um tinha uma mochila e uma mochila para colocar mais hardware na zona de ataque. Eles prendiam tiras de fósforos de sílex em seus antebraços para ataques rápidos com bombas de cano. Seus longos espanadores pretos continuariam por último – para ocultação e para parecerem durões. (Mais tarde, os espanadores foram amplamente referidos como trench coats.)

Eles planejavam avançar no prédio assim que as bombas explodissem. Eles seriam afastados o suficiente para se verem ao virar da esquina - e apenas evitariam a explosão. Eles criaram seus próprios sinais de mão para se comunicar. Cada detalhe foi planejado; posições de batalha eram imperativas. A escola de 250.000 pés quadrados tinha vinte e cinco saídas, então alguns sobreviventes escapariam. Os meninos puderam permanecer em contato visual e ainda cobrir dois lados do prédio, incluindo duas das três saídas principais. Suas linhas de tiro se cruzaram no ponto mais importante: a entrada dos estudantes, adjacente ao espaço comum e a apenas uma dúzia de metros das grandes bombas.

Posicionar-se em ângulo reto com o objetivo é a prática padrão da infantaria dos EUA, ensinada a todos os soldados de infantaria americanos na Escola de Infantaria em Fort Benning, Geórgia. Intertravamento de pistas de tiro, como os militares chamam. O alvo está constantemente sob fogo de dois lados, mas as armas da equipe de assalto nunca são apontadas

para os confederados. Mesmo que um atirador se vire bruscamente para prender um inimigo em fuga, seus companheiros de esquadrão estão seguros. De suas posições iniciais, Eric e Dylan podiam varrer os canos de suas armas em um raio de tiro de noventa graus sem colocar em perigo um ao outro. Mesmo que um atirador avançasse mais rapidamente, ele nunca violaria a pista de tiro de seu parceiro. É o padrão de assalto mais seguro e eficaz da guerra moderna com armas pequenas.

Esta era a fase que Eric e Dylan estavam saboreando. Foi também quando eles esperavam morrer. Eles tinham pouca esperança de testemunhar o Ato III. Quarenta e cinco minutos após a explosão inicial, quando os policiais declararam que havia acabado, os paramédicos começaram a carregar amputados em ambulâncias e os repórteres transmitiram o horror para uma nação rebitada, a Honda de Eric e a BMW de Dylan rasgariam as equipes de filmagem e os socorristas. . Cada carro deveria ser carregado com mais dois dispositivos de propano e vinte galões de gasolina em uma variedade de jarras de plástico laranja. Suas posições foram escolhidas para maximizar tanto o poder de fogo no Ato II quanto a carnificina no Ato III. Os carros estariam próximos ao prédio, próximos às saídas principais – locais ideais para o comando da polícia, estágio médico de emergência e vans de notícias. Eles estariam longe o suficiente do prédio e um do outro para destruir a maioria dos estacionamentos de juniores e seniores. Contagem máxima de corpos: quase 2.000 alunos, mais 150 professores e funcionários, além de quem sabe quantos policiais, paramédicos e jornalistas.

Eric e Dylan estavam considerando uma matança por pelo menos um ano e meio. Eles haviam combinado a hora e o local aproximados para um ano: abril, na área comum. Eles finalizaram os detalhes quando o Dia do Julgamento se aproximava: segunda-feira, 19 de abril. A data parecia firme. Os meninos se referiram a isso duas vezes com naturalidade nas gravações que fizeram nos últimos dez dias. Eles não explicaram a escolha, embora Eric tenha discutido a liderança de Oklahoma City, então eles podem estar planejando ecoar esse aniversário, como Tim McVeigh havia feito com Waco.

O momento do ataque foi crítico. Os alunos gostavam de comer cedo, então o almoço "A" era o mais popular. A densidade humana máxima em qualquer lugar, a qualquer hora no ensino médio ocorreu nas áreas comuns às 11:17. Eric sabia o minuto exato porque havia inventariado seus alvos. Ele contou apenas 60 a 80 crianças espalhadas pelas áreas comuns das 10h30 às 22h50. Entre 22h56 e 22h58, "as almoçando trazem merda", escreveu ele. Então a porta do almoço 2 se abriu e um "fluxo constante de pessoas" apareceu. Ele registrou o momento exato em que cada porta se abriu e a contagem de corpos em incrementos de minuto a minuto. Às 11h10, o sinal tocou, o quarto período terminou, os alunos se amontoaram nos corredores. Momentos depois, eles apressaram as filas do almoço, mais cinquenta a cada minuto: 300, 350, 400, 450, mais de 500 às 11h15. As várias linhas do tempo manuscritas de Eric e Dylan mostram as bombas

programadas para explodir entre 11h16 e 11h18. Os tempos finais são seguidos por pequenas piadas: "Divirta-se!" e "HA HA HA."

Eric e Dylan esperavam que seu ataque confundisse o público, então eles deixaram um estoque extraordinário de material para se explicar. Eles mantinham cronogramas, orçamentos, mapas, desenhos e todos os tipos de artefatos logísticos, além de comentários em cadernos, diários e sites. Uma série de vídeos foi projetada especificamente para explicar seu ataque. Eles viriam a ser conhecidos como as fitas do porão, porque a maior parte foi filmada no porão de Eric. Ainda mais esclarecedor foi o diário de vinte páginas de Eric dedicado ao seu pensamento. Ambas as crônicas são reveladoras, mas também irritantemente contraditórias. Eles eram tão perturbadores que o departamento do xerife preferia escondê-los do público, ocultando até mesmo a existência das fitas do porão por meses. As verdadeiras intenções de Eric e Dylan permaneceriam um mistério por anos.

___

A data foi o primeiro elemento do plano de Eric a falhar - aparentemente por causa da munição. Na segunda-feira, ele tinha quase setecentos tiros para as quatro armas. Ele queria mais. Ele tinha acabado de fazer dezoito anos, então ele poderia comprar o seu próprio, mas esse fato de alguma forma lhe escapou. Ele estava acostumado a confiar nos outros e achava que Mark Manes poderia ajudar. Manes era um traficante de drogas que andava com algumas armas e munição. Ele veio com o TEC-9 em janeiro, mas ele estava arrastando a munição. Na quinta-feira à noite, Eric começou a persegui-lo para que inventasse as coisas. Quatro dias depois, Eric permaneceu de mãos vazias.

Eles poderiam ter ido em frente sem a munição extra, mas seu poder de fogo teria sido prejudicado. As espingardas não são construídas para ataques rápidos. O TEC-9 levou vinte e trinta cartuchos de munição. Dylan poderia liberar um com o toque de um botão e colocar uma nova revista com um único movimento da mão. Os verdadeiros aficionados por armas odeiam a coisa. É muito grande e volumoso para um profissional e muito pouco confiável - a Uzi de um homem pobre. Os revendedores reclamam do design desleixado, falhas de alimentação frequentes e um mecanismo de mira ruim que geralmente está desalinhado e não pode ser ajustado. "Construção barata e confiabilidade marginal", diz o site de um grande negociante de armas russo. Mas estava disponível.

___

Eric e Dylan tiveram uma segunda-feira quase sem intercorrências. Eles se levantaram antes do nascer do sol para fazer a aula de boliche às 6h . Eles cortaram a quarta hora para um almoço prolongado no Blackjack e assistiram às outras aulas como de costume. Naquela noite, Manes de repente veio com a munição. Ele conseguiu no Kmart: duas caixas, com cinquenta rodadas cada. Juntos, eles custam vinte e cinco dólares.

Eric dirigiu até a casa de Manes para pegar a munição. Ele parecia ansioso para obtê-lo. Manes perguntou se Eric ia filmar naquela noite.

Talvez amanhã, disse Eric.

9. Pais

Dave Sanders nunca havia falado sobre arrependimento antes. Não para Frank DeAngelis. Conversavam todos os dias, eram próximos há vinte anos, mas nunca tinham ido lá.

Surgiu inesperadamente, na tarde de segunda-feira. Frank foi até o campo de beisebol para ver seus garotos enfrentarem o arquirrival Chatfield. Ele havia treinado a equipe antes de entrar na administração, ao lado de seu velho amigo Dave Sanders. E lá no topo das arquibancadas estava Dave assistindo agora. Ele tinha algumas horas para matar até que suas garotas chegassem para o treino de basquete. A temporada acabou, mas eles estavam trabalhando os fundamentos para o próximo ano. Dave poderia ter gasto o tempo corrigindo trabalhos, mas era difícil lutar contra a atração do campo.

Sr. D disse oi para as crianças animadas para vê-lo lá, então se sentou ao lado de Dave. Eles conversaram por duas horas. Eles conversaram sobre tudo. Suas vidas inteiras. Treinar, é claro. A primeira vez que eles se encontraram, quando Frank chegou a Columbine em 1979. Ele era um dos professores mais baixos do corpo docente e o diretor o recrutou para treinar basquete. "Eles precisavam de um treinador calouro, e eu tinha um contrato de um ano", disse Frank. "O diretor disse: 'Frank, se você me fizer este favor, eu lhe devo um.' E o que vou dizer? 'Farei o que você quiser, senhor.' Então eu treinei basquete."

A conversa foi alegre por um longo tempo, Dave interrompendo como sempre. Então ele ficou sério. "Você sente falta de treinar?" ele perguntou.

"Na verdade, não." A resposta de Frank meio que surpreendeu Dave. Treinar era sua vida, explicou Frank, mas ele nunca havia saído dela. Ele tinha acabado de expandir seu público.

"Você acha?" Davi se perguntou.

Ah, sim, disse Frank. Você não pode ensinar nada a uma criança: você só pode mostrar a ela o caminho e motivá-la a aprender por si mesma. A mesma coisa se aplica aos interbases que mudam o jogo duplo e aos estudantes que entendem a separação de poderes no governo dos EUA. É tudo o mesmo trabalho. Agora ele tinha que treinar professores também, para inspirar seus próprios filhos a aprender.

"E você *?* " Frank perguntou. "Nenhum arrependimento?"

"Sim. Muito treinamento."

Eles compartilharam uma boa risada.

Falando sério, porém, disse Dave. Sua família tinha vindo em segundo lugar para treinar. Deus. Sua família ficou em segundo lugar.

Frank reprimiu outra risada. Seu próprio filho, Brian, tinha dezenove anos. Frank estava confiante de que tinha sido um bom pai, mas nunca o suficiente. Isso irritou sua esposa desde o primeiro dia, e recentemente ela o questionou sobre isso: "Quando você vai parar de criar os filhos dos outros e começar a criar os seus próprios?"

Isso doeu. Foi um pouco difícil de compartilhar, mas este parecia ser o momento, e Dave parecia o cara. Davi entendeu. Foi agridoce para os dois.

Eles atingiram a meia-idade alegremente. Eles não mudariam um momento para seu próprio bem - mas eles enganaram seus filhos? O filho de Frank estava crescido agora, e as filhas de Dave também. Muito tarde. Mas elas ainda eram mulheres jovens, e Dave tinha cinco netos e esperava mais. Dave não havia dito aos outros treinadores que ele estava cortando ainda. Ele não havia anunciado sua decisão de tirar o primeiro verão na memória. Ele confidenciou tudo a Frank agora.

Que cara incrível, pensou Frank. Ele pensou em abraçar Dave. Ele não fez.

O jogo ainda estava acontecendo, mas Dave se levantou. "Minhas meninas estão esperando por mim", disse ele. "Eu tenho academia aberta."

Frank o observou se afastar lentamente.

___

O treinador Sanders tinha outra coisa em mente. Ele havia realizado sua primeira reunião de equipe na sexta-feira passada, e sua nova capitã de equipe, Liz Carlston, não apareceu. Ele esperava vê-la esta noite. Seria uma conversa tensa, e não seria apenas ela.

Sanders sentou todas as garotas na quadra. Eles falaram muito sobre dedicação. Como seria para os calouros se os líderes de equipe falassem as palavras e depois não aparecessem? Ele esperava um compromisso de cem por cento. Cada prática, cada reunião, ou você está fora.

Ele disse-lhes para lutar. Ele os deixou continuar assim a noite inteira. Ele se sentou em uma cadeira dobrável observando, analisando, preparando.

No final da noite, Liz tentou reunir coragem para falar com ele. Ela tinha acabado de apagar a reunião; ela não quis dizer nada com isso. Ela sentiu culpa, medo e raiva. Ele não iria realmente cortá-la, iria? Por que ele não deu a ela uma chance de explicar?

Ela parou na linha de base para trocar os sapatos. O treinador Sanders estava bem ali. Ela deveria falar com ele.

Ela saiu silenciosamente. Ela nem se despediu.

___

Linda Lou estava dormindo quando Dave chegou em casa naquela noite. Ele a beijou suavemente. Ela acordou e sorriu.

Dave estava segurando um maço de dinheiro - um estoque grosso, setenta singles. Ele os jogou em direção a ela e eles caíram sobre o edredom. Ela ficou animada. Ela adorava suas pequenas surpresas, mas não tinha certeza do que se tratava. Ele aceitou por um minuto, deixou-a esperançosa e depois disse que ela era boba: era para a mãe dela. A mãe de Linda estava completando setenta anos em 20 de abril. Ela gostava de jogar. Ela gostaria disso.

Dave era todo o riso que podia com Linda. Ela ficou chocada quando soube mais tarde como sua noite tinha sido tensa.

"É assim que o homem pode mudar", disse ela. "Atravesse a nossa porta e ele terminou com o basquete. Agora ele estava pensando na minha mãe."

Ele desceu para preparar uma Diet Coke com rum. Ele encontrou um jogo. Linda voltou a dormir com um sorriso.

___

A manhã era menos agradável. O alarme tocou às 6h30. Linda e Dave estavam ambos com pressa. Linda teve que pegar balões para a festa de aniversário de sua mãe, e Dave teve que deixar o poodle de Linda para cortar o cabelo.

Dave não tinha tempo para o café da manhã. Ele pegou uma barra de energia e uma banana para o carro. Era dia de lixo - seu trabalho, mas ele ia se atrasar. Ele perguntou a Linda se ela faria isso.

Ela estava muito estressada. "Eu realmente não tenho tempo hoje."

"Eu realmente vou me atrasar", ele murmurou.

Eles correram para carros separados e perceberam que tinham esquecido de dar um beijo de despedida. Eles sempre se deram um beijo de despedida.

Dave soprou-lhe um beijo da calçada.

10. Julgamento

Na manhã de terça-feira, os meninos acordaram cedo, como sempre. Estava escuro, mas já estava quente, pronto para subir até os anos oitenta, com céu azul, perfeito para suas fogueiras. Ia ser um dia lindo.

Dylan saiu de casa às 17h30. Seus pais ainda estavam na cama. Ele gritou "Tchau" e fechou a porta atrás de si.

Eles pularam a aula de boliche e foram direto para o trabalho. Dylan rabiscou a agenda na agenda de Eric sob o título "faça HOJE valer a pena". Eric o ilustrou com um cano de arma em chamas.

A primeira parada foi na mercearia, onde se encontraram para adquirir os últimos tanques de propano: dois para o refeitório, dois para cada carro e dois para o chamariz. As grandes bombas foram o coração do ataque. Eric os havia projetado meses antes, mas deixou a aquisição para a última manhã. Os meninos tinham guardado a maior parte do arsenal no armário do quarto de Eric, e ele já havia enfrentado alguns problemas com seus pais. Esconder um amontoado de tanques de 10 quilos ali estava fora de questão.

Eles voltaram para a casa de Eric às 7:00 e então se separaram: Eric encheu os tanques de propano, Dylan pegou a gasolina. Eles reservaram meia hora para montar as grandes bombas e montar os carros, e uma hora para uma última rodada de preparação, treino e "relaxamento". Eles têm algo para comer. Dylan aparentemente tinha cascas de batata.

___

Vários amigos notaram peculiaridades. Robyn Anderson ficou surpresa ao ver Dylan não comparecer ao cálculo. Ele tinha soado bem ao telefone na noite anterior. Então um amigo disse a ela que Eric estava desaparecido desde a terceira hora. Os meninos faziam uma aula ocasional juntos, mas nunca uma manhã inteira. Robyn esperava que Dylan não estivesse doente; ela fez uma nota mental para ligar assim que chegasse em casa.

Seu amigo Brooks Brown teve uma reação mais forte. Eric tinha perdido um teste na aula de psicologia. *Que tipo de manobra foi essa?*

___

O tempo de frio acabou. Tinha durado muito tempo, perigosamente fora do prazo. Pouco antes das 11h00 , Eric e Dylan partiram com o arsenal. Dylan usava calças cargo, uma camiseta preta estampada com WRATH e seu boné do Red Sox virado para trás, como sempre. Seus bolsos de carga eram fundos o suficiente para esconder a maior parte da espingarda de cano serrado antes que ele vestisse o espanador. A camiseta de Eric dizia seleção natural. Ambos usavam botas de combate pretas e compartilhavam um único par de luvas pretas – a direita em Eric, a esquerda em Dylan. Eles deixaram duas bombas caseiras na casa de Eric, seis na de Dylan. Eric colocou um microcassete no balcão da cozinha com alguns pensamentos finais. Eles também deixaram o Basement Tapes, com uma despedida final gravada naquela manhã.

Eles dirigiram carros separados para um parque perto da casa de Eric, jogaram a bomba em um campo e marcaram os cronômetros para 11h14. As operações de combate estavam em andamento.

Eles voltaram para seus carros e foram para a escola. Eles tinham que se apressar agora. Os últimos minutos foram críticos. Eles não podiam plantar as grandes bombas até que o almoço "A" começasse. O quarto período terminou às 11h10. Assim que a campainha tocou, eles tiveram sete minutos para carregar as bombas, navegar pela turbulenta multidão do almoço, esconder as bombas nos pilares designados, voltar para seus carros, equipar-se, proteger-se e preparar-se para atacar.

Eric parou no estacionamento às 11h10, vários minutos atrasado. Algumas garotas viram o carro dele enquanto saíam para almoçar. Eles buzinaram e acenaram. Eles gostavam dele. Eric acenou de volta e sorriu. Dylan o seguiu. Sem ondas.

Dylan dirigiu até seu lugar normal no estacionamento dos formandos e estacionou seu BMW bem em frente ao refeitório. Quando o ataque começou, isso lhe daria uma visão clara do lado sudoeste do prédio: o longo e largo arco de janelas esverdeadas que envolviam os espaços comuns no primeiro andar e a biblioteca acima.

Eric continuou para o pequeno lote júnior, cerca de cem metros à direita de Dylan. Eric tinha o local escolhido, de frente para a entrada dos estudantes, para onde a maioria dos sobreviventes presumivelmente fugiria. Ele também poderia cobrir todo o lado sudeste do prédio e interligar seu fogo com o de Dylan à sua esquerda.

Brooks Brown saiu para fumar um cigarro e viu Eric estacionando no estacionamento errado. Brooks correu para confrontá-lo sobre o teste; quando ele chegou lá, Eric tinha saído e estava puxando uma mochila grande e pesada.

"Qual o problema com você?" gritou Brooks. "Nós tivemos um teste em psicologia!"

Eric estava calmo, mas insistente. "Isso não importa mais", disse ele. "Brooks, eu gosto de você agora. Saia daqui. Vá para casa."

Brooks achou isso estranho. Mas ele balançou a cabeça e continuou andando, para longe da escola.

O amigo de Eric, Nate Dykeman, também o viu chegando e também achou as circunstâncias estranhas.

Eric entrou com sua mochila. Às 11h12, eles estavam programados para voltar aos carros, se armando. Uma fita de vigilância com data e hora 11:14 indica que eles ainda não entraram na área comum. Eles tinham menos de três minutos - os cronômetros foram definidos para 11:17. Havia apenas uma chance modesta de que eles pudessem chegar em segurança a tempo. E dificilmente poderiam esperar ser trancados e carregados quando as bombas explodiram.

Eles poderiam ter reiniciado os cronômetros e sacrificado algumas baixas. Isso exigiria coordenação, pois eles haviam estacionado em frente um do outro e seria arriscado expor as bombas dentro do refeitório. Eles

poderiam ter abandonado o plano, mas as bombas chamariz já poderiam estar explodindo.

Pouco depois das 11:14, eles entraram na área comum. Eles se moviam discretamente o suficiente para passar despercebidos. Nenhuma das quinhentas testemunhas os notou ou as grandes e volumosas sacolas. Uma das sacolas seria encontrada a centímetros de duas mesas repletas de comida.

Eles conseguiram sair e se armaram rapidamente. Era como a broca, exceto que desta vez cada um estava sozinho - perto o suficiente para sinais de mão, longe demais para ouvir. Eles amarraram seus arsenais, os cobriram com os espanadores. O tempo estava apertado e eles quebraram a broca, deixando as espingardas nas mochilas. Cada menino tinha uma semiautomática contra o corpo, uma espingarda na bolsa e uma mochila cheia de bombas caseiras e grilos. Este é provavelmente o momento em que eles acionaram os cronômetros em seus carros-bomba. Seria apenas uma questão de segundos agora. Centenas de crianças mortas. Até onde eles sabiam, eles já haviam instigado o assassinato em massa. Os cronômetros estavam diminuindo. Nada a fazer a não ser esperar.

As câmeras de vigilância deveriam ter flagrado os assassinos colocando as bombas. Eles teriam, se os homens-bomba ou o zelador tivessem chegado a tempo. Todas as manhãs, o zelador seguia a mesma rotina: alguns minutos antes do almoço "A", ele pegava a fita do pré-almoço e a colocava de lado para ver mais tarde. Ele colocou uma fita velha e usada na máquina, rebobinou e apertou Gravar. A rebobinagem levou até cinco minutos, o que significa uma breve pausa na gravação. As crianças podiam deixar todo o lixo que quisessem durante aquela janela, mas quase ninguém estava por perto para fazê-lo.

O zelador estava atrasado na terça-feira. Ele apertou o botão de parada às 11h14, e nenhuma bomba era visível; nem era Eric ou Dylan. Enquanto esperava o retrocesso, o zelador recebeu um telefonema. Ele falou, e a fita ficou um pouco mais longa. Ele pegou a nova fita e bateu Record às 11:22, deixando um intervalo de oito minutos. O primeiro quadro mostra as bombas visíveis e os alunos perto das janelas começando a reagir. Algo estranho lá fora chamou sua atenção.

___

Columbine funcionava em um horário de sino, e a maioria de seus habitantes seguia uma rotina rigorosa. Vários deles o haviam quebrado na manhã de terça-feira. Patrick Ireland, o júnior com medo de convidar Laura para o baile, gostava de variedade. Alguns dias ele passava o almoço "A" na biblioteca, outros no refeitório. Ele ficou acordado até tarde falando com Laura no telefone novamente, e ainda tinha que terminar seu dever de casa de estatística. Então ele foi para a biblioteca com quatro de seus amigos enquanto Eric e Dylan posicionavam as mochilas. Patrick sentou-se em uma mesa logo acima de uma das bombas.

Cassie Bernall, a jovem evangélica que se transferira para Columbine para esclarecer os descrentes, puxou uma cadeira perto da janela. Era

incomum encontrá-la na biblioteca a essa hora. Ela também estava atrasada em sua lição de casa, tentando completar uma tarefa de inglês em *Macbeth* . Mas ela estava feliz por ter terminado a apresentação que faria para seu grupo de jovens naquela noite.

O Sr. D estava estranhamente ausente do refeitório. Sua secretária havia marcado uma entrevista, atrasando suas rondas. Ele estava sentado em seu escritório na extremidade oposta do corredor principal, esperando a chegada de um jovem professor. O Sr. D. estava prestes a lhe oferecer um cargo permanente.

O vice Neil Gardner, o oficial de recursos da comunidade, trabalhava para o departamento do xerife, mas foi designado em tempo integral para Columbine. Ele normalmente comia com as crianças, e o almoço "A" era sua melhor chance de criar laços, um elemento-chave de seu trabalho. Ele usava o mesmo uniforme de segurança com a camisa amarela brilhante todos os dias, então era fácil identificá-lo. Na terça-feira, Gardner fez uma pausa em sua rotina normal. Ele não se importava com o teriyaki no menu, então ele foi buscar comida no Subway com seu chefe do campus – um segurança civil desarmado. Era um dia lindo, muitas crianças estavam do lado de fora, então eles decidiram checar os fumantes. Eles comeram seus sanduíches na viatura de Gardner, no estacionamento da faculdade ao lado do poço dos fumantes do lado oposto da escola.

Robyn Anderson estava sentada em seu carro próximo. Ela tinha saído do estacionamento de formatura quase na hora em que Eric e Dylan estavam carregando as bombas, mas não as viu. Ela deu a volta no prédio para pegar dois amigos. Ela ficou impaciente - a hora do almoço estava se esvaindo. Cinco minutos se passaram, talvez dez. Finalmente, as meninas apareceram. Robyn rosnou para eles, e eles foram embora. Do outro lado da escola, tiros já haviam sido disparados.

Um calouro chamado Danny Rohrbough foi à praça para se encontrar com dois amigos. Depois de alguns minutos, eles decidiram sair para fumar. Se as bombas tivessem funcionado, essa escolha poderia tê-lo salvado. Ele pode ter saído bem na hora. Eles saíram por uma saída lateral no pior momento, diretamente ao lado do estacionamento sênior.

Os bombardeiros passaram um minuto ou dois perto de seus carros. Eles sabiam que a bomba de desvio já deveria ter explodido três milhas ao sul. Na verdade, tinha sumido. Um agrimensor que trabalhava na área a moveu, e então as bombas de cano e uma das latas de spray detonaram, produzindo um estrondo alto e um incêndio na grama. Mas os tanques de propano - a principal força explosiva - permaneceram intactos no campo em chamas. A isca foi a única grande bomba de Eric a acender, mas uma de suas ideias mais idiotas. As autoridades souberam disso assim que o tiroteio começou, quatro minutos antes da primeira ligação da escola. O principal efeito foi alertar as autoridades de que algo estava errado na área. Nada de importante foi desviado.

Eric e Dylan tiveram que seguir com fé.

Até onde Eric e Dylan sabiam, os policiais já estavam correndo para o sul. Eles veriam os bens comuns se desintegrarem, no entanto. Cada carro

foi posicionado para uma visão perfeita. A cafeteria explodiria na frente deles; eles assistiriam seus colegas de classe serem dilacerados e incinerados, e sua escola secundária queimando no chão.

11. Down Feminino

Às 11h18, a escola estava intacta. Algumas crianças já haviam passado pelas filas do almoço e estavam passeando do lado de fora, acomodando-se no gramado para um pequeno piquenique. Nenhum sinal de perturbação. Os dispositivos de cronometragem não eram precisos. Sem leituras digitais com segundos em contagem regressiva em números vermelhos; eram relógios antiquados com um terceiro ponteiro pequeno de alarme posicionado a dois quintos do caminho entre o 3 e o 4. Mas já deviam ter explodido.

Centenas de alvos fluíram pela entrada dos estudantes. Entraram em seus carros e partiram. Hora do Plano B. Não havia Plano B. Eric tinha uma confiança impressionante em si mesmo. Ele não deixou nenhuma indicação de que planejava contingências. Dylan não deixou nenhuma indicação de que planejava muita coisa.

Eles poderiam simplesmente prosseguir para o Ato II: ceifar os partidários em um fogo cruzado e avançar nas saídas conforme o roteiro. Eles ainda poderiam ter superado McVeigh. Mas eles não o fizeram. A falha da bomba parece ter abalado um dos meninos.

Ninguém observou o que aconteceu em seguida. Qualquer um dos garotos poderia ter entrado em pânico, mas Eric era imperturbável, o contrário de seu parceiro. A evidência física também aponta para Dylan. Eric aparentemente agiu rapidamente para recuperar seu jovem parceiro emocional.

Não sabemos se eles empregaram seus sinais de mão, ou como eles se juntaram. Sabemos que Eric estava na localização privilegiada, mas o abandonou para ir ao Dylan's. E Eric se moveu rapidamente. Em dois minutos, Eric descobriu que as bombas falharam, pegou suas mochilas, atravessou o estacionamento até o carro de Dylan, correu com ele para o prédio e subiu as escadas externas para a saída oeste. Esse é o primeiro lugar em que eles foram observados, às 11h19.

A nova posição os colocava no ponto mais alto do campus, onde podiam inspecionar os dois lotes e todas as saídas daquele lado do prédio. Mas isso os afastou de seu alvo principal: a entrada dos alunos, ainda expelindo alunos. Eles não podiam mais triangular ou avançar agressivamente sem se separar.

Às 11h19, eles abriram as mochilas no alto da escada, sacaram as espingardas e as amarraram ao corpo. Eles trancaram e carregaram as semiautomáticas. Um deles gritou: "Vá! Vá!" Alguém, quase certamente Eric, abriu fogo.

Eric se virou e atirou em qualquer um que pudesse ver. Dylan o aplaudiu. Ele raramente disparava. Eles atropelam pedestres entre as árvores, piqueniques ao sul, crianças subindo as escadas ao leste. Eles jogaram bombas caseiras escada abaixo, na grama e no telhado. E eles compartilharam um monte de vaias e uivos e gargalhadas. Que maldita época selvagem.

Rachel Scott e seu amigo Richard Castaldo foram os primeiros a cair. Eles estavam almoçando na grama. Eric atirou em Richard nos braços e no torso. Ele acertou Rachel no peito e na cabeça. Rachel morreu instantaneamente. Richard se fingiu de morto. Eric caiu nessa.

Danny e seus amigos fumantes Lance Kirklin e Sean Graves estavam subindo o caminho de terra em direção às escadas. Eles viram os atiradores atirando, mas presumiram que era um jogo de paintball ou uma brincadeira de veteranos. Parecia divertido. Eles correram direto para os atiradores, para se aproximar da ação. Danny saiu na frente, subindo a metade da escada. Eric girou e disparou sua carabina. Um tiro atravessou o joelho esquerdo de Danny: na frente e nas costas. Ele tropeçou e começou a cair. Eric disparou de novo e de novo. Quando Danny desmaiou, ele levou uma segunda bala no peito e uma terceira no abdômen. A rodada superior também passou direto por ele, causando um trauma grave em seu coração. Parou de bombear imediatamente. O terceiro tiro lacerou seu fígado e estômago, causando grandes danos aos órgãos e alojando-se no interior.

Lance tentou pegar Danny, mas percebeu que ele também havia sido atingido, várias vezes, no peito, perna, joelho e pé.

O rosto de Danny bateu na calçada de concreto. A morte foi quase instantânea.

Lance caiu na grama. Ele desmaiou, mas continuou a respirar.

Sean começou a rir. Ele tinha certeza de que era paintball. Eles faziam parte do jogo agora.

Sean sentiu um tiro no pescoço. Deixou uma brisa fresca em seu rastro. Ele sentiu algumas picadas, como uma agulha intravenosa sendo retirada. Ele não percebeu que tinha sido baleado. Ele olhou ao redor. Ambos os seus amigos estavam caídos. Sinais de dor chegaram ao cérebro de Sean. Parecia que alguém o havia chutado pelas costas. Ele correu de volta para a porta que eles tinham saído. Ele quase conseguiu. Mas a dor o dominou, suas pernas cederam e ele desmaiou. Ele não podia mais sentir suas pernas. Ele não conseguia entender o que havia acontecido. Ele parecia ter sido baleado por uma arma tranquilizante.

Eric se virou novamente e viu cinco crianças sob uma moita de pinheiros na grama. Ele atirou e as crianças saíram correndo. Um caiu. Ele se fingiu de morto também. Outro foi atingido, mas continuou correndo. Os três últimos saíram limpos.

Os atiradores continuaram se movendo. Lance recuperou a consciência. Ele sentiu alguém pairando sobre ele. Ele estendeu a mão para o cara, puxou a perna da calça e gritou por ajuda.

"Claro, eu ajudo", disse o atirador.

A espera parecia uma eternidade para Lance. Ele descreveu o próximo evento como uma explosão sônica que torceu seu rosto. Ele viu pedaços dela voarem para longe. As respirações vieram rapidamente: ar entrando, sangue saindo. Ele sumiu novamente.

Dylan desceu a colina, em direção a Sean. Várias pessoas no refeitório o viram chegando. Alguém saiu correndo, agarrou Sean e começou a arrastá-lo. Um adulto o parou. Ela disse que era perigoso mover uma pessoa

gravemente ferida. Sean acabou encostado na entrada, com a porta pressionada contra ele. Alguém tentou passar por cima dele na saída, colocou um pé nas costas de Sean e disse: "Ah, desculpe, cara".

Um zelador passou e tranquilizou Sean. Ele segurou a mão de Sean, disse que ficaria com ele, mas primeiro tinha que ajudar as crianças a escapar. Ele aconselhou Sean a se fingir de morto. Sean fez.

Dylan caiu de novo, ou fingiu. Ele passou por cima do corpo amassado de Sean e entrou.

Uma debandada estava acontecendo lá. A multidão do almoço entrou em pânico. A maioria se escondeu debaixo das mesas; alguns correram para as escadas. O treinador Sanders ouviu a comoção na sala dos professores e correu em direção ao perigo.

"Acho que ele nem pensou nisso", disse sua filha Angela mais tarde. "Seu instinto era salvar seus filhos."

Dave invadiu os comuns e tentou assumir o comando. Dois guardas o seguiram para ajudar. Sanders instruiu os alunos a descer. Ele repensou isso rapidamente e gritou: "Corra!"

Sanders olhou em volta. Havia saídas em três direções, mas a maioria parecia ruim. Havia uma opção plausível: atravessar a área comum e subir a larga escadaria de concreto até o segundo andar. Sem dizer o que estava lá em cima, mas qualquer coisa era melhor do que isso. Sanders abriu o caminho. Ele correu pela sala aberta desprotegido, acenando com os braços para chamar a atenção das crianças e gritando para que o seguissem. As mesas ofereciam pouca proteção verdadeira, mas *pareciam* muito mais seguras. Era assustador ao ar livre. As crianças confiavam no treinador Sanders, no entanto.

Uma onda de estudantes se formou atrás de Sanders. A maioria das 488 pessoas na praça o seguiu em direção às escadas. Ele disparou para o topo e girou para direcionar o tráfego. *Para a esquerda! Para a esquerda!* Ele enviou todos eles pelo corredor em direção à saída leste, longe do estacionamento sênior.

"O tempo todo ele estava apenas salvando pessoas", disse um estudante. "Ele me pegou e apenas me empurrou para um quarto."

Alguns alunos pararam para avisar os outros; alguns simplesmente correram. Alguém correu para a sala do coral e gritou: "Há uma arma!"

Metade das crianças se esconderam; a outra metade fugiu. Algumas portas abaixo, na Sala de Ciências 3, os alunos estavam imersos em um teste de química. Eles ouviram algo como pedras sendo jogadas contra as janelas, mas o professor assumiu que era uma brincadeira. Fique sentado e concentre-se em seu teste, disse ele.

___

Dave Sanders ficou para trás até que todas as crianças passassem. O fim da multidão estava apenas abrindo caminho para as escadas quando Dylan entrou no refeitório.

Havia vinte e quatro passos. Cerca de cem crianças foram pegas na escada, correndo para se proteger no segundo andar. Eles estavam presos

entre si e as grades de aço. Nenhum lugar para se esconder. Eles foram dispostos em diferentes alturas para facilitar o acesso. Agachar-se não era uma opção - qualquer um que tentasse parar seria pisoteado. O refeitório tinha cerca de trinta metros de largura. Dylan estava no alcance de tiro fácil. Uma ou duas bombas caseiras ou uma explosão de seu TEC-9 teriam parado todo o avanço. Dylan deu alguns passos, levantou sua arma para a posição de tiro.

Esta foi a segunda vez desde a configuração dos temporizadores que Dylan separou de Eric. Pela segunda vez, Dylan pareceu perder a coragem. Ele varreu seu rifle em um arco através da sala. Ele observou os alunos desaparecerem pelas escadas. Ele não disparou. Ele só havia acionado sua arma algumas vezes. Dylan olhou ao redor, então se virou e passou por cima de Sean na porta. A porta pesada golpeou Sean com força novamente. Dylan se juntou a Eric no topo da escada.

Não está claro por que Dylan fez sua excursão ao refeitório. Muitos especularam que ele desceu para ver o que deu errado com as bombas. Mas ele nunca chegou perto deles. Ele não fez nenhuma tentativa de detonação. É mais provável que Eric o tenha enviado para verificar oportunidades e aumentar a contagem de corpos.

Dylan não fazia nada sozinho, mas Eric se divertia com vontade no topo da escada, atirando, rindo e atirando bombas caseiras. Ele viu uma caloura chamada Anne Marie Hochhalter se levantando do meio-fio para correr. Eric a acertou com uma bala de 9mm. Ela continuou correndo, e ele a acertou novamente. Dessa vez ela caiu. Um amigo a pegou, arrastou-a para o prédio e a tirou da vista de Eric. Então ele a soltou e correu. Ele se escondeu atrás de um carro no estacionamento sênior, e uma bomba caseira explodiu onde Anne Marie havia desmaiado.

"Isso é incrível!" um dos assassinos gritou.

Quando Dylan se juntou a Eric, eles já tinham esgotado todos os alvos fáceis. Todos apanhados do lado de fora correram como loucos ou escondidos. Um último pacote ainda estava em aberto. Esses alunos tinham fugido pelo estacionamento dos alunos, escalado a cerca de arame e estavam correndo pelo campo de futebol perto da base de Rebel Hill. Eric tinha uma chance com eles. Eles estavam muito longe. Não fora do alcance, apenas muito difícil de acertar. Dylan também disparou contra os alvos distantes, elevando sua contagem total de tiros para cinco. Eram 11h23. Os assassinos tinham desfrutado de quatro minutos inebriantes.

___

O deputado Gardner foi o primeiro oficial alertado. O zelador ligou para Gardner assim que ele começou a nova fita de vigilância e avistou crianças perto das janelas. O zelador parecia assustado. A primeira chamada para o 911 chegou a Jeffco ao mesmo tempo. Uma menina foi ferida no estacionamento sênior. "Acho que ela está paralisada", disse o interlocutor. O despacho atingiu a banda da polícia às 11h23, no momento em que Gardner dirigia ao redor do prédio até a área comum e Dylan se reunia a Eric no topo da escada. "Fêmea caída", disse o despachante.

Gardner viu fumaça subindo e crianças correndo. Ele ouviu tiros e explosões e uma enxurrada de despachos em seu rádio. Ele não conseguia dizer de onde vinha a comoção.

___

Quatro minutos depois do caos, grande parte do corpo estudantil estava alheio. Centenas estavam correndo por suas vidas, mas mais se sentaram quietos na sala de aula. Muitos ouviram a comoção; poucos pressentiam qualquer perigo. A maioria achou irritante. O caos e a solidão caminhavam lado a lado, muitas vezes a apenas alguns metros de distância. Enquanto Dave Sanders conduzia as crianças até a escadaria, a professora de arte de meio período Patti Nielson andava de um lado para o outro, como monitora do corredor. Sanders conduziu a multidão do almoço escada acima em direção a ela, mas depois por um corredor paralelo. Quase quinhentas crianças cobraram o comprimento do prédio. Nielson nunca os viu ou ouviu. Ela ouviu o barulho lá fora, no entanto. Algumas crianças correram dizendo que ouviram tiros. Nielson ficou irritado. Foi uma brincadeira, obviamente, ou uma gravação de vídeo. Já tinha durado muito. Ela olhou para o corredor para a saída oeste. Através das grandes vidraças das portas, ela podia ver um menino de costas para ela. Ele tinha uma arma. Ele estava atirando no lote sênior. Ela assumiu que era um adereço, alto e totalmente inadequado. Nielson invadiu o corredor para lhe dizer para parar com isso. Um júnior chamado Brian veio para assistir.

Eles se aproximaram da saída no momento em que os atiradores ficaram sem alvos. Havia dois conjuntos de portas ali, separadas por uma fechadura de ar. Nielson e Brian passaram o primeiro set e alcançaram as segundas alças. Eric os viu. Ele se virou, colocou o rifle no ombro, apontou para Nielson e sorriu. Então ele disparou. O vidro quebrou, mas a bala falhou. Nielson ainda achava que era uma arma BB. Então ela viu o tamanho do buraco.

"Querido Deus!" ela gritou. "Querido Deus! Querido Deus!"

Ela se virou para correr. Ele disparou novamente. Outra falha, mas cacos de vidro e metal e possivelmente uma bala de raspão rasgaram a parte de trás de seu ombro. Ele queimou. Brian também se virou. Nielson o ouviu grunhir, viu-o avançar. Suas costas arquearam, seus braços se abriram e ele bateu no chão com força. Isso parecia ruim, mas ele ficou de quatro para correr de volta pelas primeiras portas. Era estilhaço, assim como o dela.

Ela desceu também, e eles rastejaram a curta distância de volta para as primeiras portas. Eles abriram um parcialmente e se espremeram. Uma vez que eles tinham aquela porta atrás deles, eles se levantaram e correram.

Nielson estava desesperado por um telefone. A biblioteca parecia um destino óbvio. Era ao virar da esquina, abrangendo a maior parte do corredor sul, atrás de uma parede de vidro. Nielson viu dezenas de crianças circulando lá dentro, claramente visíveis para os atiradores que ela imaginou em seus calcanhares. Ela nunca olhou para trás para ver.

Nielson correu para a biblioteca para avisá-los. "Há uma criança com uma arma!" ela gritou.

Não havia adultos. Isso surpreendeu Nielson. O professor Rich Long entrou correndo momentos antes, gritou para que todos saíssem e depois fugiu para avisar os outros. Patti Nielson tinha o instinto oposto. Ela ordenou que eles descessem.

Então Nielson pegou o telefone atrás do balcão e discou 9-911. Ela se concentrou em detalhes, como os 9 extras para uma linha externa. *Não perca um segundo!*

Nielson esperava que o atirador chegasse a qualquer momento. Mas Eric não estava seguindo. Ele estava distraído. O delegado Gardner havia entrado no estacionamento com as luzes piscando e a sirene tocando. Gardner tinha saído de seu carro, ainda confuso sobre o que estava acontecendo.

Eric abriu fogo. Ele saiu dez rodadas, todos os erros. Dylan não fez nada.

Gardner se escondeu atrás de seu carro de polícia. Eric nem acertou isso. Então seu rifle emperrou. Eric lutou para limpar a câmara. Dylan fugiu para a escola.

Gardner viu sua abertura. Ele colocou a pistola no telhado e disparou quatro tiros. Eric se virou como se tivesse sido atingido. Neutralizado, pensou Gardner. Que alivio.

Segundos depois, Eric estava atirando novamente. Foi uma explosão curta; então ele se retirou para dentro.

Eram 11h24. A provação externa durou cinco minutos. Eric fez a maior parte do tiroteio. Ele disparou seu fuzil 9mm quarenta e sete vezes nesse período e não usou sua espingarda. Dylan acertou apenas três tiros com a pistola TEC-9 e dois com sua espingarda.

Eles seguiram pelo corredor em direção à biblioteca.

___

Dave Sanders ouviu os tiros quando Eric atirou em Patti Nielson. O treinador Sanders correu em direção ao tiroteio. Ele passou pela entrada da biblioteca momentos depois que Nielson entrou. Ele viu os assassinos do outro lado do corredor. Ele se virou e correu para a esquina.

Um menino espiou para fora da sala do coral bem a tempo de vê-lo fugir. Sanders não estava apenas correndo, ele estava tentando tirar os alunos da linha de fogo. "Abaixe-se!" ele gritou.

12. O Perímetro

A história levou vinte e oito minutos para chegar à televisão local. As redes seguiram rapidamente. Algo terrível estava acontecendo em uma escola perto de Denver. A cobertura começou com relatos confusos sobre um tiroteio nos subúrbios periféricos: nenhuma confirmação sobre feridos, mas vários tiros - até nove - e possíveis explosões. Armas automáticas podem estar envolvidas, possivelmente até granadas. Um incêndio havia sido relatado. As equipes da SWAT estavam se mobilizando.

A CNN estava presa ao Kosovo. A OTAN tinha ido à guerra por causa do genocídio lá. A noite havia acabado de cair em Belgrado, e aviões de guerra americanos estavam se concentrando no horizonte, prestes a pulverizar novos alvos em toda a capital sérvia. Às 11h54 , horário de Denver, a CNN cortou para Jeffco e ficou lá sem parar, a tarde toda. As redes de transmissão começaram a interromper as novelas. Columbine rapidamente ofuscou a guerra. Ninguém parecia saber o que realmente havia acontecido. Ainda estava acontecendo? Aparentemente. Quando as redes foram ao vivo com a história, tiros e explosões estavam acontecendo em algum lugar dentro daquela escola. Do lado de fora, estava o caos: helicópteros circulavam e policiais, bombeiros, pais e jornalistas desceram ao campus. Ninguém estava entrando. Novas ondas de tropas de apoio chegavam a cada minuto, mas simplesmente se amontoavam ao redor do prédio. Ocasionalmente, os alunos corriam para fora.

As estações locais continuaram fazendo o levantamento dos hospitais da área. "Ainda não há pacientes", relatou um jornalista de um deles. "Mas eles estão esperando uma vítima com um ferimento no tornozelo."

Os operadores do Jeffco 911 ficaram sobrecarregados. Centenas de estudantes ainda estavam dentro do prédio. Muitos tinham telefones celulares e estavam ligando com relatos conflitantes. Milhares de pais de toda a área estavam ligando para o mesmo centro, exigindo informações. Muitos estudantes desistiram do 911 e ligaram para as emissoras de TV. Os âncoras locais começaram a entrevistá-los ao vivo no ar, e as redes a cabo captaram seus feeds.

Testemunhas confirmaram ferimentos. Uma garota disse que viu "umas três pessoas" serem baleadas.

"Parecia que eles estavam atirando em pessoas específicas?" perguntou um repórter.

“Eles estavam apenas atirando.

Parecia não haver fim de "testemunhas", embora a maioria tivesse visto o caos, mas ninguém o causando. Um veterano descreveu os primeiros momentos de conscientização: "OK, eu estava sentado na aula de matemática e, de repente, olhamos para fora e há pessoas correndo pelo corredor de matemática e abrimos a porta, ouvimos um tiro, um barulho alto bang, e então ouvimos um cara dizer 'caramba, tem um cara com uma arma!' Então todo mundo começa a surtar, um dos meus amigos vai até a porta e diz que tem um cara parado lá. Nós evacuamos para o canto da

nossa sala de aula e minha professora simplesmente não sabe o que fazer porque ela está tão assustada."

Parecia haver vários atiradores - todos meninos, todos brancos, todos estudantes de Columbine. Alguns estavam filmando no estacionamento, alguns no refeitório, alguns no andar de cima enquanto perambulavam pelos corredores. Alguém estava posicionado no telhado. Alguns membros da equipe de assalto usavam camisetas; outros avançavam em longos casacos pretos. Um par incluía um de cada. Alguns tinham chapéus e um ou dois estavam escondidos atrás de máscaras de esqui.

Parte dessa confusão era a confusão padrão da cena do crime. Ao contrário da concepção popular, o testemunho ocular é notoriamente não confiável, especialmente quando as testemunhas estavam sob coação. As memórias ficam confusas e as testemunhas imaginam detalhes ausentes sem perceber que estão fazendo isso. Mas muito desse mal-entendido foi devido a fatores específicos. Eric descartou seu casaco no topo da escada quase assim que começou a atirar. Dylan manteve o seu até chegar à biblioteca. Cada mudança de figurino criava outro atirador. A localização da escola em uma colina, com entradas próximas em ambos os andares, permitia que Eric e Dylan fossem vistos no andar de cima e no andar de baixo quase simultaneamente. As armas de longo alcance espalharam tiros em um raio de tiro com centenas de metros de largura. Testemunhas distantes não tinham ideia de onde estavam os atiradores; eles só sabiam que estavam sob ataque. Algumas testemunhas ouviram atentamente e localizaram corretamente a fonte da turbulência ---- mas as explosões de bombas muitas vezes os desviaram, principalmente quando as bombas caíram no telhado. Várias crianças tinham certeza de que algo estava vindo de lá. Eles avistaram um reparador de ar condicionado assustado e instantaneamente o identificaram como o atirador do telhado.

___

A notícia se espalhou pela comunidade de Columbine. As crianças ligaram para casa em seus telefones celulares no minuto em que chegaram em segurança - ou em algum lugar que esperavam permanecer seguro. Cerca de quinhentos alunos estavam fora do campus, seja para almoçar, por doença ou faltando às aulas. Seu primeiro sinal de problema veio quando eles atingiram as barricadas da polícia enquanto tentavam retornar. Policiais estavam por toda parte. Mais policiais do que eles já tinham visto.

Nate Dykeman era um dos garotos que estava voltando. Ele ficou chocado com as histórias que ouviu. Nate tinha ido almoçar em casa, como fazia todos os dias. Mas ao sair, ele viu algo peculiar: Eric entrando no prédio pelo estacionamento errado na hora errada. Ele deveria ter saído. Eric e Dylan estavam desaparecidos naquela manhã. Eles estavam tramando alguma coisa, obviamente. Estranho que eles não o incluíram, ou pelo menos ligaram. Talvez não Eric, ele não era o amigo mais atencioso, mas Dylan era. Dylan teria ligado.

Houve alguma merda estranha acontecendo entre aqueles dois ultimamente. Bombas de cano e armas. Quando Nate soube do tiroteio,

ficou nervoso. Quando alguém mencionou os casacos, isso selou tudo.

Isso não está acontecendo, pensou Nate. Isso não pode estar acontecendo.

Ele correu para sua namorada, que foi parado em um cruzamento. Ela também era uma boa amiga de Eric. Ela seguiu Nate para casa. Então Nate fez a mesma coisa que quase todo mundo estava fazendo: ele começou a ligar para amigos, verificando se todos estavam seguros. Ele queria ligar para a casa de Dylan, mas isso era muito assustador. Em breve. Ele ligaria em breve. Ele checou alguns outros amigos primeiro.

___

Enquanto o delegado Gardner estava atirando em Eric, ele sabia que a ajuda estava a caminho. "Female down" em uma escola de ensino médio desencadeou um frenesi de tráfego de rádio da polícia. Jeffco emitiu um pedido de ajuda mútua em toda a região metropolitana, levando policiais, bombeiros e paramédicos de toda a cidade a começarem a correr em direção ao sopé. A banda da polícia ficou tão congestionada tão rapidamente que Gardner não conseguiu alertar o despacho de que ele havia chegado. Depois de enfrentar Eric, Gardner voltou para o carro e pediu reforços pelo rádio. Desta vez ele passou. Gardner seguiu o protocolo e não perseguiu Eric.

O policial Paul Smoker era um policial motociclista, escrevendo uma multa por excesso de velocidade na periferia de Clement Park quando o primeiro despacho chegou. Ele disse pelo rádio que estava respondendo e atirou com sua motocicleta na grama. Ele atravessou campos de futebol e diamantes de beisebol e chegou ao lado norte do prédio momentos depois do tiroteio de Gardner. Ele estacionou atrás de um galpão de equipamentos, onde um menino sangrando havia se abrigado. Outro carro-patrulha parou logo atrás dele, depois outro. Todos eles viraram a esquina de Gardner, apenas fora de vista. O menino disse a eles que havia sido baleado por "Ned Harris". Ninguém tinha nenhum papel, então um policial escreveu o nome no capô de seu carro-patrulha.

Eles correram para ajudar outro estudante ensanguentado deitado na grama. Ao se aproximarem, passaram pela linha de visão do delegado Gardner, virando a esquina. Fazia dois minutos desde o tiroteio de Gardner com Eric, e ele estava fora de seu carro com sua pistola em punho. Smoker e Gardner se viram quando Eric reapareceu na porta da saída oeste.

"Ali está ele!" gritou Gardner. Ele abriu fogo novamente.

Eric se escondeu atrás do batente da porta. Ele enfiou seu rifle através do vidro quebrado e respondeu ao fogo. Alguns alunos estavam em movimento novamente, e Eric tentou pegá-los também. Smoker podia ver onde Gardner estava atirando, mas a porta estava bloqueada. Ele manobrou até onde podia ver Eric e disparou três tiros. Eric recuou. Smoker ouviu tiros lá dentro. Mais estudantes correram para fora do prédio. Ele não perseguiu.

Os deputados continuaram chegando. Eles atenderam aos assustados e feridos e lutaram para determinar o que estavam enfrentando.

Testemunhas vieram até eles. As crianças viram seus carros de polícia no topo do morro e vieram correndo. Alguns estavam sangrando. Todos estavam desesperados. Eles se alinharam atrás dos carros e se agacharam perto dos oficiais para proteção.

Eles forneceram muitas informações precisas. As reportagens no rádio da polícia conflitavam muito, mas qualquer grupo em um local tendia a oferecer relatos notavelmente consistentes. Essas crianças descreveram dois homens armados em casacos pretos atirando Uzis ou espingardas e jogando granadas de mão. Pelo menos um parecia ter idade escolar e algumas vítimas os conheciam. As crianças não paravam de chegar. Os carros eram de proteção fraca, e a multidão provavelmente chamaria a atenção. Os deputados decidiram que era primordial evacuá-los. Eles instruíram alguns dos garotos a rasgar suas camisas em tiras e tratar as feridas uns dos outros enquanto elaboravam um plano de fuga. Eles decidiram alinhar vários carros de patrulha como um muro de defesa e transportar os alunos para um terreno mais seguro atrás deles.

Cada policial tinha sido treinado para eventos como este. Protocolo chamado para contenção. Os deputados se dividiram em equipes de vigilância. Eles poderiam cobrir um punhado das vinte e cinco saídas e proteger os alunos que já estavam fora. "Estabelecendo um perímetro", eles chamavam. Eles repetiriam a frase "perímetro" interminavelmente naquela tarde. Os paramédicos estavam estabelecendo áreas de triagem longe da escola, e os policiais trabalhavam para levar as crianças até lá. Os policiais lançariam fogo supressivo para proteger as evacuações e afugentar ataques oportunistas. Eles não tinham ideia se os pistoleiros ainda estavam presentes ou interessados. Os oficiais não observaram ou enfrentaram os atiradores por algum tempo.

Oficiais recém-chegados cobriram saídas adicionais. Tiros foram audíveis para os primeiros oficiais e continuaram até a chegada de centenas de outros. Explosões ensurdecedoras continuavam a explodir dentro da escola. As paredes externas ao longo do refeitório e da biblioteca ressoaram com algumas das explosões. O deputado Smoker podia ver as janelas verdes cedendo. Meia dúzia de estudantes saiu correndo pelas portas do refeitório depois de uma onda de choque. Eles chegaram a outro deputado, que estava guardando as saídas ao sul.

"Nós vamos morrer?" uma das meninas perguntou a ele. Não. Ela perguntou novamente. Não. Ela continuou perguntando.

O delegado pensou que os atiradores poderiam fugir do prédio, atravessar o campo e pular uma cerca de arame que separava o terreno da escola da primeira subdivisão.

"Nós não sabíamos quem era o bandido, mas logo percebemos a sofisticação de suas armas", disse o deputado Smoker mais tarde. "Eram grandes bombas. Grandes armas. Não tínhamos ideia de quem eram 'eles'. Mas estavam machucando crianças."

Quando as redes entraram em operação por volta do meio-dia, centenas de socorristas uniformizados estavam presentes. Trinta e cinco agências de aplicação da lei logo foram representadas. Eles reuniram uma variedade de

veículos, incluindo um caminhão blindado Loomis Fargo cujo motorista estava trabalhando na área. Um estudante contou 35 carros de polícia passando por ele em alta velocidade em sua volta de uma milha para casa da escola: "Ambulâncias e carros de polícia passando por cima de canteiros e policiais de motocicleta ziguezagueando pelo tráfego oposto quase se matando", disse ele.

Meia dúzia de policiais chegava a cada minuto. Ninguém parecia estar no comando. Alguns policiais queriam assaltar o prédio, mas esse não era o plano. De quem era esse plano? De onde veio isso?

Eles reforçaram o perímetro.

Eric havia trocado tiros com dois policiais, às 11h24 e 11h26 – 15 e 7 minutos do ataque. A aplicação da lei não atiraria nos assassinos novamente ou avançaria no prédio até pouco depois do meio-dia.

13. "1 Sangrando até a Morte"

Fitas de fita amarela da polícia marcavam o perímetro. Ninguém estava saindo de lá; a questão tornou-se entrar. Espectadores, jornalistas e pais apareciam tão rápido quanto policiais. Eles representavam pouca ameaça para os deputados, mas um perigo significativo para eles mesmos. Misty Bernall foi uma das primeiras chegadas. Ela não sabia que sua filha estava na biblioteca, ou o que isso poderia significar. Ela só sabia que Cassie estava desaparecida, junto com seu filho calouro, Chris.

O quintal de Misty dava para o campo de futebol onde Eric havia atirado nos alunos, mas ela chegou por um caminho muito mais tortuoso. Misty era uma mãe trabalhadora, então ela não estava presente para ouvir Eric atirar em sua casa. Mas seu marido, Brad, era. Ele chegou em casa doente, ouviu alguns estalos, mas não pensou em nada deles. Foguetes, talvez alguns brincalhões. Ele morava ao lado de uma escola secundária. Ele estava acostumado com a comoção. Ele nem mesmo colocou os sapatos para dar uma olhada.

Meia hora depois, Misty sentou-se para almoçar com um colega de trabalho e recebeu uma ligação perturbadora. Provavelmente não era nada, mas ela ligou para Brad para verificar. Ele colocou os sapatos. Brad saiu pelos fundos e espiou por cima da cerca. Confusão. O pátio da escola estava repleto de policiais.

Misty Bernall era uma mulher alta e atraente de quarenta e poucos anos, com uma voz alta e uma presença dominante. Ela tinha feições completas e o mesmo cabelo loiro encaracolado de Cassie, usado em um estilo semelhante, embora mais curto, logo abaixo dos ombros. Ela poderia ser confundida com uma irmã muito mais velha. Brad era mais alto, com cabelo escuro e bonito - um cara grande com uma voz suave e um comportamento humilde. Eles compartilhavam uma fé intensa no Senhor e começaram a implorar a Ele que salvasse seus filhos.

Eles poderiam cobrir mais terreno separados. Misty foi para a escola. Brad ficou ao lado do telefone.

No perímetro, os policiais lutaram para conter o ataque dos pais. Os âncoras de TV transmitiram suas súplicas: "Por mais difícil que seja, por favor, fique longe." Mas novas ondas de mães e pais continuaram fervilhando sobre a colina.

Misty desistiu. Dois pontos de encontro foram montados. Misty escolheu a biblioteca pública do outro lado do Clement Park. Ela encontrou pouquíssimos alunos. Onde eles estavam?

Quando saíram da escola secundária, os alunos tinham visto duas opções principais: uma subdivisão em Pierce Street ou os campos abertos de Clement Park. Quase ninguém escolheu o parque. Eles se agachavam atrás das casas, trabalhavam sob os arbustos, rolavam sob os carros. Qualquer aparência de proteção. Alguns batiam freneticamente nas portas da frente, mas a maioria das casas estava trancada. Mães que ficam em casa começaram a acenar para estranhos na rua. "As crianças estavam se

amontoando nas casas", disse um estudante. "Deve ter havido cento e cinquenta ou duzentas crianças empilhadas nesta casa."

O segundo ponto de encontro, Leawood Elementary, ficava no coração daquele bairro, então a maioria dos sobreviventes gravitava para lá. Os pais foram enviados para o auditório, onde as crianças desfilaram pelo palco. Mães gritavam, abraços abundavam, crianças não reclamadas soluçavam baixinho nos bastidores. Como as crianças eram difíceis de manter em um só lugar, folhas de inscrição foram afixadas nas paredes, para que os pais pudessem ver as evidências nas próprias mãos de seus filhos.

Não houve desfile de sobreviventes na biblioteca pública. Misty estava em conflito. Partir para Leawood era arriscado: as estradas estavam fechadas, então tudo agora era a pé. Ela poderia facilmente perder seus filhos em trânsito. Um ministro local se levantou em uma cadeira e gritou: "Por favor, fique aqui!" O fax chegaria a qualquer minuto, assegurou-lhes. Seria muito melhor esperar. O fax era uma cópia das folhas de assinatura de Leawood. Misty esperou impacientemente por sua chegada.

O clima permaneceu tenso, mas contido. A comoção irrompeu em pequenas explosões. "Paulo está bem!" uma mulher gritou. Ela ergueu o celular. "Ele está em Leawood!" Seu marido se apressou. Abraçaram-se, choraram. As lágrimas eram raras. Era muito assustador chorar de medo; única reunião permitida liberação. Um grupo de estudantes aparecia de vez em quando sobre a colina. Se eles não fossem reclamados imediatamente, um bando de mães desceria para interrogá-los. Sempre a mesma pergunta: "Como você saiu?!"

Eles precisavam de garantias de que havia uma saída.

"Eu não sabia o que fazer", disse uma jovem. "Ouvimos armas e eu estava lá e o professor estava chorando e apontando para o auditório e todo mundo estava correndo e gritando e ouvimos uma explosão - acho que era uma bomba ou algo assim. Eu não vi isso, mas estávamos tentando descobrir e acho que eles atiraram de novo e todos começaram a correr e eu fiquei tipo, *O que está acontecendo!* Eles começaram a atirar de novo e houve pânico total. As pessoas estavam empurrando, entrando nos elevadores e as pessoas gostariam de empurrar as pessoas fora e estávamos todos correndo ..."

A maioria das histórias começou assim: rajadas desconexas de caos recriado. As palavras correram juntas até que a testemunha ficou sem fôlego. Um calouro cativante era diferente. Ela ainda estava em seu uniforme de ginástica de Columbine e contou sua fuga desapaixonadamente. Ela enfrentou os pistoleiros no corredor. Ela tinha certeza que um tinha passado por ela, atirando. Mas havia tanta fumaça e confusão, ela não tinha certeza do que estava acontecendo ou onde ou qualquer coisa. Balas ricochetearam pelo corredor. Vidro estilhaçado, metal estilhaçado, pedaços de gesso caíram no chão.

Mamães engasgaram. Alguém perguntou se ela temia por sua vida. "Não realmente", disse ela. "Porque o diretor estava conosco." Ela disse isso com naturalidade, com sincera convicção. Era exatamente o tom que uma garota mais nova poderia ter usado para explicar que se sentia segura com seu pai.

As histórias eram angustiantes, mas tranquilizavam as mães. Cada fuga era diferente, mas terminava igual: as crianças escaparam. A acumulação era reconfortante.

Misty questionou todas as crianças. "Cassie!" ela gritou. "Cris!" Ela abriu caminho pela multidão e voltou. Nenhuma coisa.

———

O comando havia caído nas mãos do recém-eleito xerife de Jeffco, John Stone. Ele ainda não tinha enfrentado um caso de assassinato no escritório. Os policiais do metrô ficaram horrorizados ao descobrir que o condado estava no comando. Muitos foram abertos com seu desgosto. Os oficiais da cidade e até mesmo suburbanos pensavam nos delegados do xerife como guardas de segurança. Esses eram os caras que transportavam os réus da prisão para o tribunal. Eles ficaram de guarda enquanto os policiais reais testemunhavam sobre os crimes aos quais eles responderam e investigaram.

A reclamação aumentou quando souberam quem estava liderando o comando. John Stone parecia um xerife do Velho Oeste: um cara grande e corpulento com uma grande barriguinha e um bigode grisalho grosso, pele envelhecida e olhos escarpados. Ele usava o uniforme, o distintivo e a pistola, mas era um político. Ele tinha sido um supervisor do condado por doze anos. Ele concorreu a xerife em novembro passado e fez o juramento em janeiro. Ele nomeou John Dunaway como seu subxerife. Outro burocrata.

O xerife e sua equipe defenderam o perímetro. Tiros de armas vieram e se foram. As equipes da SWAT fervilhavam. *Quando* alguém iria permitir que eles avançassem?

Dunaway nomeou o tenente David Walcher comandante do incidente. As operações agora seriam dirigidas por um homem que trabalhava como policial para viver, sob a supervisão de Dunaway e do xerife Stone. Os três montaram um posto de comando em um trailer estacionado em Clement Park, 800 metros ao norte da escola.

Pouco depois do meio-dia, uma equipe da SWAT fez sua primeira abordagem na escola. Os policiais requisitaram um caminhão de bombeiros para se proteger. Um homem dirigiu o caminhão lentamente em direção ao prédio, enquanto mais uma dúzia se movia ao lado. Perto da entrada, eles se dividiram ao meio: seis e seis. A equipe do tenente Terry Manwaring se conteve para lançar fogo supressivo e depois abrir caminho para outra entrada. Aproximadamente às 12h06, os outros seis entraram. Outros membros da equipe da SWAT chegaram momentos depois e os seguiram.

A equipe pensou que estava a uma distância impressionante do refeitório. Eles estavam na extremidade oposta do edifício. O tenente Manwaring esteve dentro de Columbine muitas vezes, mas não sabia que havia sido reformado e o refeitório movido. Ele ficou perplexo.

O alarme de incêndio não tinha sido silenciado. Os homens usaram sinais de mão. Cada armário ou armário de vassouras tinha que ser tratado como uma zona quente. Muitas portas estavam trancadas, então eles as

abriram com tiros de rifle. Crianças presas em salas de aula ouviram tiros se aproximando. A morte parecia iminente. Pais, repórteres e até policiais do lado de fora ouviram os tiros e chegaram a conclusões semelhantes. Uma sala de cada vez, a equipe trabalhou metodicamente em direção aos assassinos. Levaria três horas para alcançar seus corpos.

No lado oeste, onde os assassinos estavam ativos, uma equipe do corpo de bombeiros encenou uma operação mais arriscada. Meia dúzia de corpos permaneciam no gramado do lado de fora do refeitório ou perto dele. Vários mostraram sinais de vida. Anne Marie, Lance e Sean estavam sangrando há quarenta minutos. Policiais ao longo do perímetro se aproximaram para fornecer cobertura enquanto três paramédicos e um paramédico entraram correndo.

Eric apareceu na janela da biblioteca do segundo andar e atirou neles. Dois deputados revidaram. Outros lançaram fogo supressivo. Os paramédicos tiraram três alunos. Danny foi declarado morto e deixado para trás.

Eric desapareceu.

A metade da equipe da SWAT do tenente Manwaring havia se aproximado do prédio usando o caminhão de bombeiros como cobertura. Chegaram ao lado oposto meia hora depois. Eles resgataram Richard Castaldo do gramado por volta das 12h35, uma hora e um quarto depois que ele foi baleado. Eles fizeram outra abordagem para recuperar Rachel Scott. Eles a trouxeram de volta até o caminhão de bombeiros. Então eles determinaram que ela estava morta e abortou. Eles a deitaram lá no chão. Finalmente, eles foram atrás de Danny Rohrbough, sem saber da descoberta anterior. Eles o deixaram na calçada.

Às 13h15, uma segunda equipe da SWAT invadiu o prédio a partir do lote sênior, quebrou uma janela na sala dos professores e saltou para dentro. Os policiais entraram rapidamente no refeitório adjacente, mas o encontraram quase deserto. A comida foi deixada pela metade nas mesas. Livros, mochilas e lixo variado flutuavam pela sala, que havia sido inundada pelo sistema de irrigação. A água tinha três a quatro polegadas de altura e subia. Um incêndio enegreceu as telhas do teto e derreteu algumas cadeiras. Eles não notaram as mochilas, presas pelo peso das bombas. Um saco tinha queimado. O tanque de propano ficou exposto, principalmente acima da água, mas se misturou aos destroços. Sinais de pânico estavam por toda parte, mas nenhum ferimento, nenhum corpo, nenhum sangue.

Havia muita gente saudável. A equipe ficou chocada ao descobrir dezenas de alunos e funcionários aterrorizados. Eles estavam agachados em armários de armazenamento, acima das telhas do teto, ou claramente visíveis sob as mesas do refeitório. Um professor subiu no teto e tentou rastejar pelos dutos até um local seguro para avisar a polícia, mas caiu e precisou de cuidados médicos. Dois homens tremiam no congelador, com tanto frio que mal conseguiam levantar os braços.

A equipe da SWAT os revistou e os jogou pela janela em que entraram. A princípio foi fácil, mas quanto mais se moviam, mais policiais tinham que

deixar para trás para garantir a rota. Eles trouxeram mais mão de obra para ajudar.

No alto, circulando com firmeza, as lâminas do helicóptero emitiam um constante *thuch-thuch-thuch thuch-thuch-thuch.*

Robyn Anderson assistiu a tudo do estacionamento. Ela foi para Dairy Queen com seus amigos, passou pelo drive-thru e voltou para a escola. Havia um monte de policiais quando eles voltaram. Oficiais estavam montando o perímetro, mas a entrada para o lote sênior ainda estava aberta. Robyn entrou em seu espaço. Um policial se aproximou com a arma na mão. Fique onde está, ele avisou. Já era tarde demais para recuar. Robyn e suas amigas esperavam em seu carro por duas horas e meia. Robyn se abaixou quando viu Eric aparecer na janela da biblioteca. Ela não podia dizer que era ele; ela estava muito para trás. Tudo o que ela podia ver era um cara de camiseta branca atirando um rifle em sua direção.

Quem faria algo assim? Robyn perguntou a suas amigas. *Quem seria esse retardado?*

Robyn olhou para os espaços de seus amigos. Eric, Dylan e Zack tinham lugares marcados, três seguidos. O carro de Zack estava lá. Os de Eric e Dylan estavam desaparecidos.

___

Nate Dykeman tinha pavor de quem poderia ser o responsável. Ele ligou para a maioria de seus amigos íntimos, mas adiou Eric e Dylan. Ele esperava ouvi-los. Esperando, mas não realmente esperando. Dylan partiria seu coração. Eles estavam apertados há anos. Nate passava muito tempo em sua casa, e Tom e Sue Klebold cuidavam dele. Nate teve muitos problemas em casa, e os Klebolds foram como uma segunda mãe e pai.

Dylan não ligou. Por volta do meio-dia, Nate ligou para sua casa. Tom Klebold estaria em casa - ele trabalhava de lá. Esperançosamente Dylan estava com ele.

Tom atendeu. Não, Dylan não estava lá. Ele está na escola, disse Tom.

Na verdade, não, ele não é, disse Nate. Dylan não estava na aula. E Nate não queria preocupar Tom, mas houve um tiroteio. Houve descrições. Os pistoleiros usavam casacos. Nate conhecia vários garotos com trench coats – ele estava tentando explicar todos eles. Ele odiava dar a notícia, mas ele tinha que dizer. Ele achava que Dylan estava envolvido.

Tom subiu ao quarto de Dylan, procurou o casaco no armário. "Oh meu Deus", disse ele. "Não está aqui."

Tom ficou chocado, disse Nate mais tarde. "Achei que ele ia, tipo, largar o telefone. Ele simplesmente não conseguia acreditar que isso poderia estar acontecendo, e seu filho estava envolvido."

"Por favor, me mantenha informado", disse Tom. "Tudo o que você ouve."

Tom desligou o telefone. Ele ligou a TV. Estava em todo lugar.

Ele ligou para Sue. Ela chegou em casa. Tom ligou para o filho mais velho. Ele e Sue expulsaram Byron por usar drogas - eles não tolerariam esse comportamento - mas isso era muito importante.

Tom aparentemente escondeu seus medos sobre Dylan. Byron disse aos colegas de trabalho que estava com medo de que seu irmão estivesse preso. Ele também estava preocupado com amigos mais jovens ainda na escola. "Eu tenho que ver se todos estão bem", disse ele.

Muitos colegas de trabalho de Byron estavam ligados à escola. Todos foram para casa.

Tom Klebold ligou para o 911 para avisá-los que seu filho poderia estar envolvido. Ele também chamou um advogado.

___

A versão televisionada do desastre corria de trinta minutos a uma hora atrás da visão dos policiais. Âncoras obedientemente repetiam o conceito de perímetro. Os policiais haviam "isolado o perímetro". Mas o que todas aquelas tropas estavam fazendo exatamente? Havia centenas lá fora; todos pareciam estar se mexendo. Âncoras começaram a se perguntar em voz alta. Por sorte, ninguém parecia estar gravemente ferido.

Por volta das 12h30, a história teve sua primeira reviravolta macabra. Repórteres de TV locais ganharam acesso às áreas de triagem. Foi terrível. Tanto sangue, foi difícil identificar os ferimentos. Muitas crianças foram colocadas em ambulâncias; hospitais da área estavam todos em alerta.

Meia dúzia de helicópteros de notícias circulavam, mas retiveram a maior parte de suas filmagens. Por alguns minutos, as estações transmitiram ao vivo do ar, mas a equipe do xerife exigiu que parassem. Cada quarto em Columbine estava equipado com uma televisão. Os pistoleiros podem estar assistindo. As câmeras captavam as imagens mais úteis para os assassinos: manobras da SWAT e crianças feridas aguardando resgate. As emissoras de TV também retiveram as notícias de mortes. As equipes dos helicópteros viram os paramédicos examinarem Danny e deixá-lo para trás. O público permaneceu inconsciente.

As estações também vislumbraram uma cena perturbadora acontecendo em uma sala de aula do segundo andar em outra ala do prédio, longe da biblioteca, na Sala de Ciências 3. Era difícil entender exatamente o que estava acontecendo lá dentro, mas havia muita atividade e uma pista perturbadora. Alguém havia arrastado um grande quadro branco para a janela, com uma mensagem em grandes letras maiúsculas. O primeiro caractere parecia muito com um I maiúsculo, mas acabou sendo um numeral: "1 BLEEDING TO DEATH".

14. Impasse de reféns

Por volta de uma da tarde , a notícia chegou aos repórteres de que crianças estavam presas no prédio. A situação se transformou em um impasse de reféns. Publicamente, a natureza do ataque mudou. Sem dizer o que os assaltantes podem tentar. Onde eles estavam? Os cativos pareciam ser mantidos nas terras comuns, mas os relatos eram conflitantes.

A notícia das cenas da ambulância e do confronto com os reféns chegou rapidamente a Leawood e à biblioteca pública. Os pais ficaram mais tensos, mas trabalharam juntos, trocando informações e repassando celulares. Foi difícil conseguir um sinal. Os telefones celulares não eram onipresentes em 1999, mas todos nesta comunidade abastada pareciam ter um. Batiam neles furiosamente, interrogando vizinhos, atualizando parentes, deixando mensagens para seus filhos em todas as secretárias eletrônicas imagináveis. Alguns batiam em Redial distraidamente enquanto trocavam informações cara a cara, zumbindo em suas próprias casas, rezando para que a máquina não atendesse desta vez. Misty continuou ligando para Brad. Ainda nenhuma palavra sobre Chris ou Cassie.

Em seguida, uma nova história atravessou a mochila: vinte alunos - ou trinta ou quarenta - ainda estavam dentro da escola. Eles não eram reféns; eles estavam escondidos, barricados na sala do coral com equipamentos empilhados contra a porta. Os pais suspiraram. Isso foi uma notícia boa ou ruim? Dezenas de estudantes estavam em perigo, mas dezenas de outros estavam vivos – se fosse verdade. Muitos rumores malucos já tinham surgido e desaparecido.

Pelo menos duzentos a trezentos alunos estavam escondidos na escola, em salas de aula e armários de utilidades, debaixo de mesas e carteiras. Alguns armaram proteção; outros estavam a céu aberto. Todos tinham medo de se mexer. Um grande número sussurrou cautelosamente em telefones celulares. Muitos aglomerados em torno de TVs de sala de aula. Ouviram pancadas e estrondos e o guincho ensurdecedor do alarme de incêndio. A CNN realizou uma ligação ao vivo entre um âncora local e um estudante sozinho debaixo de uma mesa. O que ele estava ouvindo? A mesma coisa que você, disse o aluno. "Eu tenho um pouco de TV [e estou] assistindo vocês agora." Durante quatro horas, rumores, confirmações e enfeites entraram e saíram.

Os policiais estavam lívidos. Os repórteres não tinham ideia de que centenas de crianças estavam presas lá dentro e nenhum conceito da câmara de eco em plena floração. Os policiais sabiam. A força de detetives estava montando equipes para entrevistar todos os sobreviventes, e eles sabiam que centenas de suas melhores testemunhas ainda estavam lá dentro, sendo comprometidas a cada minuto. Mas os policiais não tinham meios de pará-lo. Este foi o primeiro grande confronto de reféns da era do telefone celular, e eles nunca tinham visto nada parecido. No momento, eles estavam mais preocupados em passar informações para os atiradores. Às vezes, as revelações das crianças assustavam os repórteres. Na TV ao vivo,

um menino descreveu sons que ele considerou serem os atiradores: "Eu ouço coisas sendo jogadas ao redor", disse ele. "Eu vou ficar embaixo desta mesa. Eu não sei se eles sabem que eu estou aqui. Eu só vou ficar lá em cima agora, e eu só espero que eles não saibam..."

A âncora interrompeu: "Não nos diga onde você está!"

O menino descreveu mais comoção. "Tem um monte de gente chorando lá fora. Eu posso ouvi-los lá embaixo." Algo caiu. "Uau!"

A âncora engasgou. "O que é que foi isso?!"

"Eu não sei."

As âncoras tinham o suficiente. O parceiro dela disse para ele desligar, ficar quieto e tentar ligar para o 911. "Continue tentando ligar para eles, ok?"

Os policiais pediram às emissoras de TV que parassem. Por favor, peça aos reféns que parem de ligar para a mídia, eles disseram. Diga-lhes para desligar as televisões.

As emissoras transmitiram os pedidos e continuaram transmitindo as chamadas. "Se vocês estão assistindo, crianças, desliguem a TV", implorou um âncora. "Ou para baixo, pelo menos."

___

Grande parte do país estava assistindo o impasse se desenrolar. Nenhum dos tiroteios anteriores em escolas havia sido televisionado; poucas tragédias americanas tiveram. A situação em Columbine se desenrolou lentamente, com as câmeras rodando. Ou pelo menos assim parecia: as câmeras ofereciam a ilusão de que estávamos presenciando o evento. Mas as câmeras chegaram tarde demais. Eric e Dylan tinham recuado para dentro depois de cinco minutos. As câmeras não perceberam os assassinatos do lado de fora e não puderam seguir Eric e Dylan para dentro. A experiência fundamental para a maior parte da América foi *quase* testemunhar assassinatos em massa. Era o pânico e a frustração de não saber, o terror crescente do horror contido, apenas fora de vista. Aprenderíamos a verdade sobre Columbine, mas não a aprenderíamos hoje.

Vimos fragmentos. O que as câmeras nos mostraram era enganoso. Um exército de policiais detidos sugeriu uma força equivalente no interior. Testemunhas histéricas corroboraram essa imagem, descrevendo agressões totalmente diferentes. Assassinos pareciam estar em toda parte. Ligações de telefone celular confirmaram que os assassinos permaneciam ativos. Eles forneceram evidências irrepreensíveis de tiros de dentro da zona de ataque. Os dados estavam corretos; as conclusões estavam erradas. As equipes da SWAT estavam em movimento.

A narrativa que se desenrolava na televisão não parecia em nada com o plano dos assassinos. Parecia apenas moderadamente com o que estava realmente ocorrendo. Levaria meses para os investigadores descobrirem o que havia acontecido lá dentro. O motivo levaria mais tempo para desvendar. Levaria anos até que a equipe de detetives explicasse o porquê.

O público não podia esperar tanto. A mídia não estava prestes a. Eles especularam.

15. Primeira Suposição

Uma equipe de investigação havia se reunido antes do meio-dia. Kate Battan (rima com latim) foi nomeada investigadora principal. Battan já sabia quem eram seus principais suspeitos. A maioria dos alunos estava perplexa sobre quem os estava atacando, mas alguns reconheceram os atiradores. Dois nomes tinham sido repetidos várias vezes. Battan rapidamente compilou dossiês sobre Eric e Dylan no trailer do posto de comando em Clement Park. Ela despachou equipes para proteger suas casas. Os detetives chegaram à casa dos Harris às 13h15, no momento em que a terceira equipe da SWAT invadiu a sala dos professores de Columbine. Os pais de Eric ficaram sabendo e já estavam em casa. Os policiais os acharam pouco cooperativos. Eles tentaram recusar a entrada. Os policiais insistiram. Kathy Harris se assustou quando eles foram para o porão. "Eu não quero que você vá lá embaixo!" ela disse. Eles disseram que estavam protegendo a residência e removendo todos. Wayne disse que duvidava que Eric estivesse envolvido, mas ajudaria se houvesse uma situação ativa. A irmã gêmea de Kathy estava com ela. Wayne e Kathy estavam preocupados com as repercussões, ela explicou; os pais das vítimas podem retaliar.

Os policiais sentiram cheiro de gás; eles mandaram a concessionária desligar a energia e depois retomaram a busca. No quarto de Eric, eles encontraram um cano de espingarda serrado em uma estante, munição não gasta na cama, luvas cortadas com os dedos no chão e fogos de artifício e materiais de bomba na mesa, na cômoda, no peitoril da janela e na parede, entre outros. locais. Em outro lugar, eles descobriram uma página do *The Anarchist Cookbook,* embalagem para uma nova lata de gás e cacos de vidro espalhados em uma laje no quintal. Um especialista em evidências chegou naquela noite e passou quatro horas filmando sete rolos de filme. Ele saiu às 1:00 da manhã

Os Klebolds foram muito mais acessíveis. Um relatório da polícia descreveu Tom como "muito comunicativo". Ele fez um relato completo do passado de Dylan e expôs todas as suas amizades. Dylan estava de bom humor, disse Tom. Sue o descreveu como extremamente feliz. Tom era anti-armas e Dylan concordou com ele sobre isso - eles não encontrariam nenhuma arma ou explosivo na casa, com certeza, disse Tom. Os policiais encontraram bombas caseiras. Tom ficou chocado. Dylan estava bem, ele insistiu. Ele e Dylan eram próximos. Ele saberia se algo estivesse acontecendo.

O primeiro agente do FBI em Columbine foi o agente especial supervisor Dwayne Fuselier. Ele havia abalado o sotaque cajun, em tudo, menos em seu nome. FUSE-uh-lay, ele disse. Todo mundo entendeu errado. Ele era um agente veterano, psicólogo clínico, especialista em terrorismo e um dos principais negociadores de reféns do país. Nada disso levou o Dr. Fuselier a Columbine High. Sua esposa tinha ligado. O filho deles estava na escola.

Fuselier recebeu a ligação no refeitório do Rogers Federal Building, em Denver, um arranha-céu no centro da cidade a trinta minutos de distância. Ele estava tomando uma tigela de sopa sem sal, com pouco sal, para sua hipertensão. A tigela ficou sobre a mesa. Quando chegou ao seu Dodge Intrepid, Fuselier passou o braço por baixo do banco, procurando a luz portátil da polícia. Ele não tinha tirado isso em anos.

Fuselier dirigiu-se ao sopé. Ofereceria seus serviços como negociador de reféns, ou qualquer outra coisa que eles precisassem. Ele não tinha certeza de como sua oferta seria recebida.

Policiais em crise tendem a ficar entusiasmados por ter um negociador treinado, mas cautelosos com os federais. Quase ninguém gosta do FBI. Fuselier não os culpou. Os agentes federais geralmente têm uma alta opinião de si mesmos. Poucos tentam escondê-lo. Fuselier não parecia um Fed, ou soava a parte. Ele era um psiquiatra que virou negociador de reféns e virou detetive, com uma versão resumida das obras completas de Shakespeare no banco de trás do carro. Ele não falou além dos policiais locais, revirou os olhos ou fez graça para eles. Não havia arrogância em seus ombros ou em sua fala. Ele poderia ser um pouco estóico. Abraçar seus filhos parecia estranho, mas ele estendeu a mão para abraçar os sobreviventes quando eles precisavam. Sorrir veio fácil. Suas piadas eram frequentemente às suas próprias custas. Ele realmente gostava dos policiais locais e apreciava o que eles tinham a oferecer. Eles gostavam dele.

Uma passagem pela força-tarefa de terrorismo doméstico para a região provou ser fortuita. Foi uma operação conjunta entre agências locais e o FBI. Fuselier liderou a unidade e um detetive sênior da Jeffco trabalhou em sua equipe. O detetive foi uma das primeiras ligações de Fuselier. Ele ficou aliviado ao saber que Dwayne estava a caminho e se ofereceu para apresentá-lo aos comandantes na chegada.

O detetive colocou Fuselier a par da situação antes de chegar à escola. Houve relatos de seis ou oito homens armados com máscaras pretas e equipamentos militares atirando em todos. Ele assumiu que era um ataque terrorista.

Era preciso uma certa voz para falar com um atirador. O agente Fuselier sempre foi gentil e tranquilizador. Por mais errático que fosse o comportamento do sujeito, Fuselier sempre respondia com calma. Ele exalava tranquilidade, oferecia uma saída. Ele treinou negociadores para ler um assunto rapidamente, para avaliar suas principais motivações. O atirador foi movido por raiva, medo ou ressentimento? Ele estava em uma viagem de poder? O ataque foi feito para alimentar seu ego, ou ele foi pego em eventos além de seu controle? Abaixar a arma era principalmente uma questão de ouvir. A primeira coisa que Fuselier ensinou aos negociadores foi classificar a situação como refém ou não refém. Para os leigos, humanos sob a mira de armas eram reféns. Não tão.

Um manual de campo do FBI citando a pesquisa de Fuselier esclareceu a distinção crucial: os reféns são um meio de atender às demandas. "O objetivo principal não é prejudicar os reféns", dizia o manual. "Na verdade, os sequestradores percebem que somente mantendo os reféns vivos eles

podem esperar alcançar seus objetivos." Eles agem racionalmente. Atiradores não reféns não. Os humanos não significam nada para eles. " [Esses] indivíduos agem de maneira emocional, sem sentido e muitas vezes autodestrutiva". Eles normalmente não emitem exigências. "O que eles querem é o que já têm, a vítima. O potencial de homicídio seguido de suicídio em muitos desses casos é muito alto."

Funcionários da Jeffco rotularam Columbine como um impasse de reféns. Todos os meios de comunicação estavam relatando isso dessa maneira. Dr. Fuselier considerou as chances remotas. O que ele estava dirigindo era muito pior.

Para o FBI, a distinção de não refém é crítica. A Repartição recomenda estratégias radicalmente diferentes nesses casos – essencialmente, a abordagem oposta. Com os reféns, os negociadores permanecem altamente visíveis, fazem os pistoleiros trabalharem para tudo e estabelecem firmemente que a polícia está no controle. Em situações sem reféns, eles mantêm um perfil discreto, "dá um pouco sem receber em troca" (por exemplo, oferecendo cigarros para criar relacionamento) e evitam até mesmo uma leve implicação de que qualquer pessoa, exceto o atirador, esteja no controle. O objetivo com os reféns é diminuir gradualmente as expectativas; em crises sem reféns, é para diminuir as emoções.

Uma das primeiras coisas que Fuselier fez quando chegou foi organizar uma equipe de negociação. Ele encontrou oficiais locais que ele havia treinado, e outros negociadores do FBI também responderam. Um condado vizinho emprestou-lhes uma seção de seu posto de comando móvel, já em cena. Os operadores do 911 foram instruídos a enviar à equipe todas as chamadas de crianças dentro do prédio. Qualquer coisa que pudessem aprender sobre os pistoleiros poderia ser útil. Eles repassaram as informações logísticas que reuniram para as equipes táticas. A equipe estava confiante de que poderia convencer os atiradores. Tudo o que eles precisavam era de alguém com quem falar.

Fuselier transitou entre o centro de negociação e o posto de comando de Jeffco, coordenando a resposta federal. Quando as coisas se acalmaram momentaneamente, Fuselier começou a questionar os alunos que tinham acabado de escapar da escola. Ele caminhou até a unidade de triagem e folheou os registros. Eles avaliaram centenas de crianças. Ele procurou por crianças que conhecia do bairro ou dos times de futebol masculinos. Todos que ele reconheceu disseram "avaliados e liberados". Ele ligou para os pais deles assim que teve uma folga.

O nome de seu filho nunca apareceu. O agente Fuselier ficou grato por ter as mãos ocupadas. "Eu tinha trabalho a fazer", disse ele mais tarde. "Eu compartimentalizei. Focar nisso me impediu de me perguntar sobre Brian." Mimi fazia check-in regularmente, então Dwayne não precisava. Ela tinha chegado a Leawood e tinha visto muitas crianças. Ninguém tinha visto Brian; ninguém tinha ouvido uma palavra.

———

Um ataque dessa magnitude sugeriu uma grande conspiração. Todos, incluindo os detetives, presumiram que um número substancial estava envolvido. A primeira ruptura na suposta conspiração parecia vir cedo. O bom amigo dos assassinos, Chris Morris, reportou-se ao 911. Ele tinha visto as notícias na TV enquanto estava em casa jogando Nintendo com outro amigo. No começo ele estava preocupado com sua namorada. E o pai de seu amigo Nintendo era professor de ciências no prédio.

Os dois garotos entraram no carro e correram, tentando encontrar a namorada de Chris. Eles continuaram correndo para as barricadas da polícia e coletando fragmentos de informações ao longo do caminho. Quando ouviu falar dos casacos, Chris ficou com medo. Ele sabia que Eric e Dylan tinham armas. Ele sabia que eles estavam brincando com bombas caseiras. Por esta?

Chris ligou para o 911. Ele foi desconectado. Demorou algumas tentativas, mas ele contou sua história e o despachante enviou um carro-patrulha pela casa. Os policiais o interrogaram brevemente, então decidiram levá-lo para o time principal em Clement Park. Houve muita confusão. Quem era esse garoto? "Chris Harris?" um detetive perguntou. Logo ele estava cercado por detetives. Os cinegrafistas notaram. Equipes de TV vieram correndo.

Chris parecia a parte: feições moles, nerd e oprimido. Ele tinha bochechas rosadas, óculos de aro de metal e cabelo castanho claro despenteado logo abaixo das orelhas. Os policiais o algemaram rapidamente e o colocaram na traseira de um carro de patrulha.

A essa altura, muitos dos amigos dos assassinos suspeitavam deles. Foi uma época assustadora para ser amigo de Eric ou Dylan.

———

Desde o início, antes mesmo de terem nomes ou identidades para os atiradores, os repórteres de TV retrataram os meninos como uma entidade única. "Eles eram solitários?" os repórteres ficavam perguntando às testemunhas. "Eles eram párias?" Sempre *eles.* E sempre os atributos que se encaixam no perfil do atirador da escola - em si um mito. As testemunhas quase sempre concordavam. Poucos conheciam os assassinos, mas eles não forneceram essa informação e não foram solicitados. *Sim, párias, ouvi dizer que eram.*

Fuselier chegou a Columbine com uma suposição: vários atiradores exigiam várias táticas. Fuselier não podia se dar ao luxo de pensar em seus adversários como uma unidade. Estratégias que possam desarmar um atirador podem enfurecer o outro. Os assassinos em massa tendiam a trabalhar sozinhos, mas quando faziam dupla, raramente escolhiam sua imagem no espelho. Fuselier sabia que era muito mais provável que encontrasse um par de opostos escondidos naquele prédio. Era inteiramente possível que não houvesse um único *motivo* – e muito mais provável que ele desvendasse um motivo para Eric, outro para Dylan.

Os repórteres rapidamente identificaram a força mais sombria por trás do ataque: essa assustadora máfia dos casacos. Ficava mais bizarro a cada

minuto. Nas primeiras duas horas, testemunhas da CNN descreveram o TCM como góticos, gays, párias e uma gangue de rua. “Na maioria das vezes, eles usam maquiagem e pintam as unhas e outras coisas”, disse um veterano de Columbine. "Eles são meio--eu não sei, como gótico, tipo, tipo, e eles são, tipo, muito associados à morte e à violência."

Nada disso provaria ser verdade. Esse aluno, de fato, não conhecia as pessoas que ele estava descrevendo. Mas a história cresceu.

16. O menino na janela

Rohrbough foi o segundo a morrer. Enquanto Eric apontava para ele na calçada, a meia-irmã de Danny estava no prédio, indo em direção a ele. Nicole Petrone vestiu seu uniforme de ginástica enquanto as bombas estavam sendo colocadas. Era um dia lindo, e sua classe estava indo para fora para jogar softball. Assim que Eric terminou de atirar no deputado Gardner, as garotas da classe de Nicole viraram a esquina em direção a eles.

O Sr. D chegou ao corredor no mesmo momento – na extremidade oposta dos assassinos. Ele tinha acabado de ser alertado sobre o tiroteio e veio correndo para investigar. As meninas não foram avisadas. O Sr. D avistou Dylan e Eric entrando pelas portas oeste, e as garotas tropeçando em seu caminho.

"Eles estavam rindo e dando risadinhas e se preparando para entrar no jogo", disse ele.

Os assassinos atiraram. Balas passaram voando pelas meninas. A estante de troféus logo atrás do Sr. D quebrou.

"Achei que era um homem morto", disse ele.

Ele correu direto para o tiroteio, gritando para as meninas voltarem. Ele os conduziu por um corredor lateral que terminava no ginásio. Estava trancado.

O Sr. D tinha a chave, em uma corrente no bolso, trancada em dezenas iguais. Ele não tinha ideia de como era. "Estou pensando, *ele está chegando e estamos presos",* disse DeAngelis. "Se eu não abrir essas portas, estamos presos." Uma imagem de filme passou por sua mente: um campo de concentração nazista, com um guarda atirando em fugitivos pelas costas. *Vamos ser abatidos quando ele virar a esquina,* pensou. Ele estendeu a mão e pegou uma chave aleatória. Ele se encaixa.

Ele conduziu as meninas para o ginásio e procurou um esconderijo. Eles podiam ouvir bombas e tiros e ele só podia imaginar o inferno acontecendo lá fora. Ele viu uma porta discreta na parede oposta. Havia um depósito atrás dele, com gaiolas empilhadas com equipamentos de ginástica. Ele destrancou a porta e os conduziu para dentro.

"Vocês vão ficar bem", ele disse a eles. "Eu não vou deixar nada acontecer com você. Mas eu preciso nos tirar daqui. Eu vou fechar a porta atrás de mim. Você não abre essa porta para ninguém!" Então ele teve uma ideia. Por que eles não inventaram uma palavra de código? *Laranja,* alguém sugeriu; não, *rebeldes,* disse outra garota; não... Alguns começaram a discutir sobre isso. O Sr. D. não podia acreditar. Ele desatou a rir. As meninas começaram a rir. Isso quebrou a tensão, por um momento.

Ele os trancou na despensa, atravessou o ginásio, abriu a porta de fora e enfiou a cabeça para fora. "Eu vi outras crianças saindo e professores", disse ele. "Então um xerife de Jeffco - seu carro passou por aquele barranco, voando, e eu disse a alguns dos professores: 'Eu tenho que voltar lá! Há crianças lá.' Então eu disse ao policial depois que ele saiu e expliquei. Ele disse: 'Entre você'."

O Sr. D trouxe a classe de Nicole de volta para o mesmo lugar com o mesmo policial, mas agora ele percebeu que havia centenas mais ainda dentro.

"Eu vou-" ele começou, mas um policial o interrompeu.

"Ninguém vai voltar."

Assim, o Sr. D conduziu a classe através de um campo, passando por uma série de pequenos obstáculos. Ele parou em uma cerca de arame para empurrá-los. Outras garotas ajudaram do outro lado. "Vamos, meninas", disse ele. "Por cima da cerca."

Quando a última garota acabou, eles correram pelo campo até se sentirem seguros. O Sr. D encontrou o posto de comando e desenhou diagramas dos corredores para as equipes da SWAT. Ele também descreveu o que tinha visto. Ele se lembrou de um cara com um boné de beisebol virado para trás. "Eles ficavam dizendo que esses caras usavam sobretudos", lembrou D. mais tarde, "e eu continuava dizendo: 'Esses caras não usavam casacos! Ele tinha um boné de beisebol virado para trás.'"

Eventualmente, o Sr. D foi para Leawood para ficar com as crianças. Ele conheceu sua esposa lá, seu irmão e um amigo próximo. Lágrimas escorriam pelo rosto de todos, exceto o de Frank. Isso foi estranho. Frank sempre foi o emocional. Mas o primeiro sintoma do transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) já estava se instalando. Ele não sentiu nada.

"Eu era como um zumbi", disse ele mais tarde.

___

John e Kathy Ireland sabiam que Patrick tinha um almoço "A". Mas ele sempre comia fora. John foi procurar o carro de Patrick. Ele conhecia o lugar de Patrick. Se o carro se foi, seu filho estava seguro. Um policial o parou no perímetro. "Por favor!" João implorou. Ele prometeu não andar até a escola. "Se eu conseguir chegar ao estacionamento..." Implorar era inútil. John conhecia o bairro, então tentou outra abordagem. Esse também foi bloqueado. Ele voltou para Leawood.

As crianças continuavam entrando lá. Principalmente o auditório estava cheio de pais procurando filhos, mas também havia crianças sem pais. John viu vários em lágrimas. Ele conversou com eles, e eles se animaram.

John e Kathy ficaram felizes em ver as crianças encontrarem seus pais. Mas cada reunião aumentava as chances de seu filho estar em apuros. Os filhos de *algum* corpo estavam naquelas ambulâncias. John e Kathy se recusavam a se entregar a pensamentos negativos. "Eu não poderia ir ao lugar que Pat teria se machucado", disse Kathy mais tarde. "Eu estava absolutamente confiante de que ele ficaria bem. Pelo menos eu não ia especular ou desperdiçar energia com isso. Eu só precisava encontrá-lo."

John encontrou muitos amigos de Patrick, mas ninguém o tinha visto. Com quem ele estava? Por que não ligaram?

Patrick tinha ido à biblioteca terminar seu dever de casa de estatística. Quatro amigos se juntaram a ele. Nenhum deles ligou para os irlandeses porque todos foram baleados.

___

O agente Dwayne Fuselier também não teve sorte em localizar seu filho. Mimi desistiu da biblioteca pública e correu para Leawood. Havia muitos outros garotos lá, mas nenhum tinha visto Brian.

Dwayne tinha acesso a um exército crescente de policiais, mas isso não lhe fez bem. Os policiais ficaram atentos às notícias de Brian, mas nenhuma veio. Fuselier também teve a vantagem de saber que um grande número de crianças estava viva e bem no prédio. Ele havia falado com muitos pessoalmente, e continuou perguntando sobre os assassinos. Ele era um dos poucos pais conscientes de todo o perigo. Dois corpos estavam deitados do lado de fora do refeitório por horas. Ele não sabia que eram Danny Rohrbough e Rachel Scott, mas sabia que não estavam se movendo, e então ouviu os anúncios de despacho indicando que estavam mortos. Outros descreveram o sinal 1 BLEEDING TO DEATH na Sala de Ciências 3.

Mimi monitorou o palco em Leawood, onde as conversas sobre morte e assassinato eram proibidas. Ela vasculhou as folhas de inscrição e trabalhou a multidão. Dwayne fazia check-in a cada quinze minutos por celular, mas não mencionou os assassinatos. Ela não perguntou.

___

Durante noventa minutos de caos, os pistoleiros pareciam estar por toda a escola simultaneamente. Depois acalmou. Os assassinos ainda pareciam estar vagando, atirando à vontade, mas o tiroteio agora era esporádico, e ninguém estava cambaleando ferido. Os feridos chegaram aos hospitais. Levou uma hora para tirar a maioria deles do prédio, através do centro de triagem e para as ambulâncias. Entre 13h00 e 14h30 , a contagem de feridos oscilou entre oito e dezoito, dependendo de qual estação você estava assistindo. Os números variavam, mas não paravam de subir. Um porta-voz do xerife anunciou que as equipes da SWAT haviam visto mais estudantes presos no prédio, deitados no chão, aparentemente feridos.

De repente, às 13h44 , os policiais finalmente prenderam alguém. "Temos três [alunos], com as mãos para cima com dois carros de polícia ao redor deles", disse um repórter à CNN. "As mãos estão levantadas." Os policiais os detiveram sob a mira de uma arma.

A notícia se espalhou rapidamente para a biblioteca. "Eles se renderam!" uma mulher gritou. "Acabou!"

Eles comemoraram lá brevemente. A verdade gotejou de volta lentamente.

___

Pouco antes das 14h30, um policial que viajava em um helicóptero de notícias avistou alguém se movendo dentro da biblioteca. Ele estava apenas dentro das janelas estouradas, coberto de sangue e se comportando de forma curiosa: cedendo contra a moldura, limpando cacos de vidro. Ele ia pular!

O oficial telefonou para uma equipe da SWAT. Eles aceleraram o caminhão blindado Loomis e correram em direção ao prédio.

"Espere, garoto!" um deles ligou. "Nós estamos vindo para pegar você."

Patrick Ireland estava confuso. Ele ouviu alguém gritar, mas não conseguiu ver ninguém ou descobrir de onde vinham as vozes. Ele se sentiu tonto. Sua visão estava embaçada e uma grande seção estava em branco. Ele não sabia que o sangue estava escorrendo em seus olhos. A gritaria dentro de sua cabeça era mais importante: *Saia! Sair!*

Mas os gritos confusos do lado de fora chamaram sua atenção. Por que eles estavam falando tão devagar? Tudo era profundo e mudo, como se sua cabeça estivesse debaixo d'água. Onde ele estava? Não tenho certeza. Algo tinha acontecido, algo horrível. Tomada? *Sair! Sair!*

Horas antes, Patrick Ireland havia se refugiado debaixo da mesa com seus amigos. Makai e Dan estavam lá embaixo, e uma garota que ele não conhecia. Corey e Austin foram investigar e acabaram em algum lugar desconhecido. Patrick abaixou a cabeça e fechou os olhos. O tiroteio mal estava começando na biblioteca quando ele ouviu o gemido de Makai. Patrick abriu os olhos. O joelho de Makai estava sangrando. Patrick se inclinou para administrar a pressão. O topo de sua cabeça se projetava sobre a borda da mesa. Dylan o viu e disparou a espingarda novamente. Patrick ficou em branco.

O crânio de Patrick havia parado vários fragmentos de chumbo grosso. Outros detritos também se alojaram em seu couro cabeludo - provavelmente lascas de madeira arrancadas do tampo da mesa na explosão. Uma pelota passou. Enterrou-se quinze centímetros através da matéria cerebral esponjosa, entrando pelo couro cabeludo logo acima da linha do cabelo à esquerda e alojando-se perto do meio da parte traseira. Pedaços de seu centro óptico estavam faltando; a maior parte de sua capacidade de linguagem foi eliminada. Ele recuperou a consciência, mas as palavras eram difíceis de formar e difíceis de interpretar também. Caminhos para todos os tipos de funções foram cortados. A percepção foi impedida, então ele não podia dizer quando estava falando sem sentido ou misturando sons de entrada. O lado esquerdo do cérebro controla o lado direito do corpo, e a bolinha corta essa conexão. Patrick ficou paralisado do lado direito. Ele havia sido baleado no pé direito; estava quebrado e sangrando - ele nem sabia. Ele não sentiu nada daquele lado.

Patrick entrou e saiu. Ele estava semiconsciente quando os assassinos saíram da sala. Todas as crianças estavam correndo para a saída dos fundos. Makai e Dan tentaram chamar sua atenção. Ele retornou um olhar vazio.

"Vamos, cara", disse um deles. "Vamos lá!"

Não registrou. Eles tentaram arrastá-lo, mas ambos foram baleados nas pernas e Patrick estava flácido. Eles não chegaram a lugar nenhum. Os assassinos podem voltar a qualquer momento. Eventualmente, eles desistiram e fugiram.

Algum tempo depois, Patrick acordou no chão novamente. *Sair!* Ele tentou sair. Metade de seu corpo recusou. Ele não conseguia ficar de pé; ele não conseguia nem rastejar direito. Ele estendeu a mão esquerda, agarrou algo e se arrastou para frente. Seu lado inútil ficou para trás. Ele fez um pequeno progresso, e seu cérebro falhou.

Ele voltou a si repetidamente e começou de novo. Ninguém sabe quantas vezes. Uma trilha sangrenta revelou seu caminho tortuoso. Ele começou a menos de duas mesas das janelas, mas foi na direção errada. Então ele bateu em obstáculos: corpos, pés de mesa e cadeiras. Alguns ele afastou, outros tiveram que ser manobrados. Ele continuou indo para a luz. Se ele pudesse chegar até as janelas, talvez alguém o visse. Se fosse preciso, talvez saltasse.

Levou três horas para chegar lá. Encontrou uma poltrona ao lado da abertura. Era resistente o suficiente para não tombar e poderia fornecer cobertura se os assassinos voltassem. Ele pressionou as costas contra a mureta e se esforçou para subir, então agarrou a cadeira para um empurrão final. Apoiou-se na viga entre duas grandes vidraças e descansou um pouco para recuperar as forças. Então ele virou. Ele tinha mais uma tarefa antes de mergulhar.

O problema era que Patrick não conseguia pular. Havia um parapeito da janela na altura da cintura para passar. O melhor que ele podia fazer era se inclinar para frente e cair de cabeça na calçada. Seu estômago iria bater no parapeito quando ele rolasse sobre ele. Era uma bagunça irregular. As rajadas de arma haviam estourado a maior parte do vidro, mas deixaram cacos grudados ao redor da moldura. Patrick ficou em uma perna, apoiou o ombro contra a viga e pegou os pedaços com a mesma mão. Ele era meticuloso. Ele não queria se machucar.

Foi quando ele ouviu as vozes sombrias.

"Fique aí! Nós vamos te pegar!"

O caminhão blindado parou sob a janela. Um esquadrão de oficiais da SWAT saltou. Equipes próximas forneceram cobertura de ambos os lados. Um grupo mirou atrás de um caminhão de bombeiros; franco-atiradores esparramados nos telhados treinavam suas miras mais distantes. Se esta missão de resgate fosse atacada, eles estariam prontos.

Patrick não estava esperando. Ele achava que era. Ele se lembra deles chamando "OK, é seguro! Vá em frente e pule. Nós vamos pegar você." A equipe de resgate lembra de forma diferente, e o vídeo mostra que eles ainda estão lutando no lugar.

Patrick caiu para a frente. A saliência o pegou pela cintura, e ele se dobrou ao meio, a cabeça pendendo para o chão. A equipe da SWAT não estava pronta, mas Patrick estava frenético e não entendia. Ele se mexeu para frente, mas não conseguiu muita tração por dentro, porque seus pés já estavam acima do chão.

Um oficial da SWAT escalou a lateral do caminhão e jogou sua arma no chão. Outro seguiu logo atrás dele. Quando o primeiro homem atingiu o teto do caminhão, Patrick chutou a perna boa em direção ao teto e estendeu os braços para a calçada. Isso quase fez isso. Mais uma estocada e ele estaria livre.

Os oficiais avançaram em sua direção e cada homem pegou uma de suas mãos. Patrick chutou novamente, completamente vertical, e seus quadris se afastaram do quadro. Os oficiais se apertaram e suas mãos mal se moveram. O resto de seu corpo girou como um ginasta segurando a barra

alta, até que ele bateu na lateral do caminhão. Os oficiais o seguraram e o colocaram no capô. Ele tentou fugir, ainda desesperado para fugir. Eles o baixaram para outros oficiais, mas ele chutou forte e suas pernas bateram contra o chão.

Eles o puxaram para cima e ele tentou subir no banco da frente. A equipe da SWAT estava confusa. O que ele estava tentando fazer? Eles assumiram que ele entendeu que ele era o paciente. Ele não fez. Ele tinha que sair de lá. Aqui estava um caminhão; Ele estava pronto para ir.

Eles o levaram para um local de triagem e depois direto para uma ambulância. No caminho para o Hospital Central St. Anthony, os paramédicos cortaram as roupas ensanguentadas de Patrick – tudo menos sua cueca. Eles removeram seu colar de ouro com o pingente de esqui aquático. Ele tinha seis dólares na carteira. Ele não estava usando sapatos. Eles confirmaram ferimentos de bala na testa esquerda e no pé direito, bem como vários ferimentos superficiais na cabeça. Seu cotovelo estava lacerado. Enquanto trabalhavam, eles testaram a acuidade mental de Patrick e tentaram mantê-lo consciente. *Você sabe onde está? Seu nome? Seu aniversário?* Patrick poderia responder a essas perguntas - devagar, laboriosamente. As respostas eram fáceis, mas ele lutava para transformá-las em palavras. A maior parte de seu tecido cerebral estava intacto. As seções podiam funcionar isoladamente, mas os circuitos de conexão eram confusos. O cérebro de Patrick teve menos sucesso na formação de novas memórias. Ele sabia que tinha sido baleado, por um homem de preto com uma arma longa. Isso era verdade. As máscaras que ele descreveu nos rostos dos assassinos não eram. Ele insistiu que havia sido baleado em um hospital, na sala de emergência.

A fala era um problema. Apenas um lado de sua boca se moveu, e seu cérebro era inconsistente em recuperar informações. Às vezes ficava travado. Ele deu a todos os dez dígitos de seu número de telefone, mas seu primeiro nome era quase impossível. Paaaaaaaaaah... Paaaaaaaaaah... Ele não conseguiu formar aquela segunda sílaba. Soou como uma torrente monótona de bobagens e então a segunda sílaba cuspiu de repente, clara e distinta: *rick* . Excelente. Rick Irlanda. Isso causou uma confusão considerável mais tarde.

___

Pouco antes do resgate de Patrick, o presidente Clinton dirigiu-se à nação. Ele pediu a todos os americanos que orassem pelos alunos e professores daquela escola. Enquanto a CNN se afastava da Casa Branca, um âncora viu Patrick: "Olha, tem um maldito estudante bem ali na janela!" ela ofegou.

Foi exibido ao vivo na televisão. A irmã da oitava série de Patrick, Maggie, assistia. Ele estava tão ensanguentado, ela não o reconheceu.

Os espectadores ficaram surpresos, mas não causou muita impressão nos pontos de encontro. A notícia de uma criança caindo da janela nunca chegou à maioria dos pais, incluindo John e Kathy. Eles poderiam ter continuado procurando por horas se Kathy não tivesse pedido a um vizinho para passar pela casa para checar a secretária eletrônica. O vizinho

encontrou mensagens intermináveis de Kathy procurando por Patrick, além de uma recente de St. Anthony's: *Temos seu filho. Por favor, ligue* .

Kathy estava em conflito: *Meu filho está vivo! O meu filho está ferido!* "Foi assustador", disse Kathy mais tarde. "Mas fiquei aliviado por ter algo com que lidar."

Ela se sentiu muito melhor quando conseguiu uma enfermeira no telefone. Era um ferimento na cabeça, mas Patrick estava acordado e alerta; ele havia fornecido seu nome e número de telefone. *Ah, que bom, foi só um arranhão,* pensou Kathy. "Eu fui direto para a suposição de que era apenas o couro cabeludo", disse ela mais tarde. "Se ele conseguiu falar, então foi apenas o couro cabeludo."

John sentiu um grave perigo, nenhum alívio. "Eu apenas imaginei que alguém fosse baleado na cabeça, não pode ser bom", disse ele.

John levou o casal para o hospital. Ele era um programador de computador, que se orgulhava de sua habilidade de navegação. Ele estava muito chateado para encontrar o hospital. Ele sabia exatamente como chegar a St. Anthony's, disse ele. "E eu estou dirigindo por Wadsworth e não consigo lembrar onde diabos fica!"

Eles se sentaram lado a lado, presumindo que compartilhavam as mesmas suposições básicas. Passaram-se sete anos antes de descobrirem que chegaram a St. Anthony's com mentalidades completamente diferentes.

John estava atormentado pela culpa. "Deveria haver algo que eu pudesse fazer para protegê-lo", disse ele. John sabia que era irracional, mas anos depois, ainda o assombrava.

Kathy se concentrou no presente: como ela poderia ajudar Patrick agora? Mas ninguém sabia exatamente o que estava errado. A equipe continuou vindo para checá-los, informando-os sobre a cirurgia, o que esperar de Patrick e deles mesmos. As células mortas do cérebro não se regeneram, mas o cérebro às vezes pode contorná-las, disseram-lhes. Ninguém realmente entende como o cérebro redireciona seus caminhos neurais, então não há procedimento para auxiliá-lo.

Um projétil no cérebro tende a causar dois conjuntos de danos. Primeiro, ele arranca tecidos que nunca podem ser restaurados. Um caminho pode causar cegueira, outro comprometimento lógico. Mas o impacto secundário pode ser tão ruim ou pior. O cérebro está saturado de sangue, então tiros tendem a desencadear uma enxurrada. À medida que o fluido se acumula, o oxigênio se esgota e a piscina corta novos suprimentos. O tecido cerebral é sufocado pelas próprias células projetadas para nutri-lo. Os médicos de Patrick temiam que, enquanto ele estava deitado no chão da biblioteca, seu cérebro estivesse se afogando em seu próprio sangue.

Patrick Ireland teve danos cerebrais; isso era um fato. Seus sintomas indicavam comprometimento grave. A única questão era se essas funções poderiam retornar.

A cirurgia estava programada para durar cerca de uma hora, mas durou mais de três. Já passava das 19h quando o cirurgião saiu para avisar John e Kathy sobre os resultados. Ele havia limpado fragmentos de chumbo grosso e detritos da superfície. Uma bala penetrou no crânio de Patrick. Era

muito perigoso desenterrar. Essa liderança estaria nele para a vida. Era difícil dizer quanto dano o projétil havia causado. O inchaço foi o principal indicador. Parecia ruim.

___

Enquanto uma equipe da SWAT resgatou Patrick Ireland, outra equipe chegou à sala do coral. O boato era verdadeiro: sessenta estudantes estavam barricados lá dentro. Poucos minutos depois, mais sessenta foram descobertos na área de ciências. Equipes da SWAT os conduziram pelos corredores, desceram as escadas e atravessaram as áreas comuns.

Às 14h47, três horas e meia de cerco, o primeiro daqueles garotos irrompeu pelas portas do refeitório. Os helicópteros de notícias os localizaram instantaneamente. Os âncoras e o público da TV ficaram perplexos. De onde vinham essas crianças?

Mais se seguiram, em fila indiana em rápida sucessão, descendo a encosta o mais rápido que podiam com as mãos na nuca, cotovelos abertos. Eles continuaram indo e vindo, dezenas deles, traçando o mesmo caminho sinuoso, primeiro para longe da escola, depois de volta para um canto sem janelas cercado por carros-patrulha e ambulâncias. Eles ficaram ali por vários minutos, soluçando, esperando, agarrados um ao outro. Os policiais os revistaram e depois os abraçaram. Eventualmente, os policiais colocaram grupos de três a cinco crianças em viaturas e os levaram para a área de triagem alguns quarteirões ao sul. As crianças tiveram que passar por dois corpos na saída, então, em algum momento, um policial levou Rachel para mais longe.

A equipe da SWAT alcançou a placa 1 BLEEDING TO DEATH na mesma varredura pela área de ciências que libertou todas aquelas crianças. A placa ainda estava contra a janela. O tapete da Sala de Ciências 3 estava encharcado de sangue. O professor estava vivo, mal.

17. O Xerife

A crise de Columbine nunca foi um impasse de reféns. Eric e Dylan não tinham intenção de fazer exigências. Equipes da SWAT vasculharam o prédio por mais de três horas, mas os assassinos estavam mortos o tempo todo. Eles cometeram suicídio na biblioteca às 12h08, quarenta e nove minutos após o início do ataque. A matança e o terror tinham sido reais. O impasse não.

As equipes da SWAT descobriram a verdade por volta das 3h15. Eles espiaram na biblioteca e viram corpos espalhados pelo chão. Nenhum sinal de movimento. Eles limparam a entrada e se prepararam para entrar. Eles levaram o paramédico Troy Laman com eles. A equipe da SWAT alertou Laman para ser cauteloso. Toque o mínimo possível, diziam; qualquer coisa poderia ser uma armadilha. Desconfie especialmente de mochilas.

Foi horrível. O quarto estava uma bagunça; sangue respingava nos móveis e enormes poças ensopavam o tapete. Os tampos das mesas estavam estranhamente imperturbáveis: livros abertos, problemas de cálculo em andamento, um formulário de inscrição para a faculdade incompleto. Um menino sem vida ainda segurava um lápis. Outro desmaiou ao lado de um PC, que ainda estava funcionando, sem ser perturbado.

Laman foi encarregado de determinar se alguém estava vivo. Não parecia. A maioria das crianças estava morta há quase quatro horas, e era óbvio à vista. "Se eu não conseguia dar uma olhada em alguém, em seu rosto, para ver se eles ainda estavam vivos, eu tentava meio que tocá-los", disse Laman. Doze estavam frios. Um não era. Lamã tocou uma menina, sentiu o calor e a virou para dar uma olhada em seu rosto. Seus olhos estavam abertos, lágrimas escorrendo.

Lisa Kreutz foi carregada escada abaixo e levada às pressas para o Denver Health Medical Center. Um tiro de arma havia quebrado seu ombro esquerdo. Uma mão e os dois braços também ficaram feridos. Ela havia perdido muito sangue. Ela sobreviveu.

A maioria dos corpos estava debaixo de mesas. As vítimas tentavam se esconder. Dois corpos eram diferentes. Eles se deitam ao ar livre, armas ao lado. Suicídios, claramente. A equipe da SWAT tinha descrições de Eric e Dylan. Esses dois pareciam uma combinação. Tinha acabado.

A equipe descobriu quatro mulheres escondidas em salas dos fundos anexadas à biblioteca. Patti Nielson, a professora de arte da ligação para o 911, se esgueirou até um armário na sala de descanso. Ela ficou agachada no armário por mais três horas, os joelhos doendo, sem saber que o perigo havia passado. Três outros professores se esconderam mais atrás. Um oficial instruiu uma pessoa a colocar a mão em seu ombro e segui-lo, olhando diretamente para o capacete, para minimizar a exposição ao horror.

Já tinha passado quanto tempo? Ninguém sabia. Com o alarme de incêndio tocando, nenhum dos funcionários estava perto o suficiente para ouvir.

Os detetives acabariam por juntar as peças – quanto tempo o ataque durou e quanto tempo Eric e Dylan mataram. Essas seriam respostas muito diferentes. Algo peculiar aconteceu dezessete minutos no ataque.

___

A investigação ultrapassou as equipes da SWAT. Detetives estavam vasculhando o parque, a biblioteca, a Leawood Elementary e a comunidade ao redor. Eles entrevistaram centenas de alunos e funcionários - todos que puderam encontrar. Quando ondas de novos sobreviventes superavam em número os policiais, eles conduziam entrevistas de triagem de trinta a sessenta segundos: *Quem é você? Onde você estava? O que você viu?* Amigos dos assassinos e testemunhas do derramamento de sangue foram identificados rapidamente, e os detetives foram acenados para entrevistas mais longas.

A investigadora principal Kate Battan realizou algumas entrevistas pessoalmente; ela foi informada sobre o resto. Battan tinha a intenção de acertar todos os detalhes - e evitar erros dispendiosos que poderiam voltar para assombrá-los mais tarde. "Todo mundo aprendeu muito ouvindo sobre o caso OJ Simpson e JonBenet Ramsey", disse ela mais tarde. "Nós não precisávamos de outra situação como essas."

Sua equipe também fez uma pesquisa simples nos arquivos de computador da Jeffco e encontrou algo impressionante. Os atiradores já estavam no sistema. Eric e Dylan foram presos no primeiro ano. Eles foram pegos arrombando uma van para roubar equipamentos eletrônicos. Eles haviam entrado em um programa de desvio juvenil de doze meses, prestando serviços comunitários e participando de aconselhamento. Eles completaram o programa com críticas brilhantes exatamente dez semanas antes do massacre.

Mais perturbadora foi uma queixa apresentada treze meses antes por Randy e Judy Brown, os pais do amigo dos atiradores, Brooks. Eric tinha feito ameaças de morte para Brooks. Dez páginas de discursos assassinos impressas em seu site foram compiladas. Alguém no departamento de Battan sabia sobre esse garoto.

Battan organizou as informações e redigiu um mandado de busca de seis páginas com espaçamento simples para a casa de Eric e uma duplicata para a de Dylan. Ela os ditou pelo telefone. Os mandados foram datilografados em Golden, a sede do condado, entregues a um juiz, assinados, levados às casas dos assassinos e exercidos dentro de quatro horas após os primeiros tiros - antes que a equipe da SWAT chegasse à biblioteca e descobrisse que o ataque havia sido cometido. sobre.

Os mandados citavam sete testemunhas que identificaram Harris e/ou Klebold como os atiradores.

___

O agente Fuselier ouviu falar dos corpos no rádio da polícia às 3h20. Ele tinha acabado de saber que seu filho Brian estava bem. O assassinato em massa significava uma investigação massiva. "Como posso ajudar?" Fuselier perguntou aos comandantes da Jeffco. "Você quer agentes federais?"

Definitivamente, eles disseram. Jeffco tinha uma pequena equipe de detetives - não havia como dar conta da tarefa. Uma hora depois, dezoito especialistas em evidências começaram a chegar. Uma dúzia de agentes especiais seguiria, junto com meia dúzia de pessoal de apoio.

Às 16h , Jeffco veio a público sobre as mortes. O porta-voz chefe Steve Davis convocou uma coletiva de imprensa em Clement Park, com o xerife Stone ao seu lado. A dupla esteve informando os repórteres durante toda a tarde. A maioria da imprensa nunca tinha ouvido falar de nenhum dos dois, mas o consenso sobre eles surgiu rapidamente. O xerife Stone era um atirador direto; ele tinha uma voz profunda e rouca e uma mentalidade ocidental clássica: sem cobertura, sem fanfarronice, sem besteira. Que contraste com o porta-voz seco afixado ao seu lado. Steve Davis começou a conferência reiterando advertências sobre rumores. Acima de tudo, salientou a cautela em dois assuntos: o número de vítimas mortais e o estado dos suspeitos.

Davis abriu a palavra para perguntas. A primeira foi dirigida a ele pelo nome. O xerife Stone deu um passo à frente, afastando Davis e suas advertências. Ele manteve a custódia do microfone durante a maior parte da entrevista coletiva. O xerife respondeu a quase todas as perguntas diretamente, apesar das evidências posteriores de que ele tinha pouca ou nenhuma informação sobre muitas delas. Ele voou. A contagem de mortes quase dobrou. "Eu ouvi números tão altos quanto vinte e cinco", disse ele. Ele declarou os assassinos inequivocamente mortos. Ele alimentou o mito de um terceiro atirador. "Três... dois mortos [suspeitos] na biblioteca", disse ele.

"Bem, onde está o terceiro?"

"Não temos certeza se há um terceiro ainda ou não, ou quantos. A operação da SWAT ainda está acontecendo lá."

Stone repetiu a contagem errônea de mortes várias vezes. Liderou noticiários em todo o mundo. As manchetes dos jornais proclamavam na manhã seguinte: VINTE E CINCO MORTOS NO COLORADO.

Stone disse que as três crianças detidas no parque pareciam ser "associadas desses cavalheiros ou bons amigos". Ele estava errado; eles nunca conheceram os assassinos e logo foram inocentados.

Stone fez a primeira de uma série infame de acusações. "O que esses pais estão fazendo para deixar seus filhos terem armas automáticas?" ele perguntou.

Os repórteres ficaram surpresos ao ouvir os rumores sobre armas automáticas confirmados. Eles correram com acompanhamentos. "Eu não sei nada sobre as armas", admitiu Stone. "Suponho que provavelmente havia armas automáticas apenas por causa das baixas em massa."

Um repórter perguntou sobre o motivo. "Loucura", disse Stone. Errado de novo.

___

A essa altura, dezenas de crianças haviam fugido da escola com seus amigos. Os funcionários da escola os conduziram pelo Clement Park para

encontrar os ônibus escolares que passariam pelas barricadas da polícia até Leawood. Os ônibus estacionaram bem ao lado do local das coletivas de imprensa.

As crianças marcharam mansamente em direção à multidão da mídia. Muitos soluçaram baixinho. Outros ajudaram os alunos perturbados, segurando suas mãos ou colocando um braço sobre seus ombros. A maioria das crianças olhava para o chão. A multidão de repórteres se separou. Esses não eram os rostos dos entrevistados.

Mas os alunos estavam ansiosos para falar. Os professores apressaram as crianças, repreendendo-as para ficarem quietas. Eles não estavam tendo nada disso. As janelas do ônibus começaram a descer, cabeças apareceram e as crianças contaram suas provações. Crianças empilhadas fora dos ônibus.

Os professores tentaram persuadi-los de volta. Sem chance. Um veterano de aparência dura descreveu seu terror na sala do coral com uma sensação de bravura e cavalheirismo. Mas sua voz falhou quando um repórter perguntou como ele se sentia. "Horrível", disse ele. "Havia duas crianças deitadas na calçada. Eu apenas - eu comecei a chorar. Eu não choro há anos, eu apenas - eu não sei o que vou fazer."

———

Atenção voltada para os alunos. Reencontros intermináveis com seus pais aconteciam na TV. Um grupo diferente resistiu à crise em reclusão. Mais de cem professores trabalharam em Columbine, juntamente com dezenas de funcionários de apoio. Cento e cinquenta famílias temiam por seus maridos, esposas e pais. Não havia ponto de encontro onde eles pudessem se reunir. A maioria foi para casa e esperou ao lado de seus telefones. Foi onde Linda Lou Sanders ficou de vigília.

Ela havia comemorado o septuagésimo aniversário de sua mãe com a família; então eles foram para as montanhas para um passeio de prazer. No caminho, o cunhado de Linda ligou para sua irmã, Melody, em seu celular.

"Onde Dave ensina?"

"Columbina."

"É melhor você voltar aqui embaixo."

Todos se reuniram na casa de Linda. A maioria das notícias era boa. Apenas um adulto foi relatado ferido, e era um professor de ciências, o que descartou Dave. Então, por que ele não ligou?

Esses relatórios eram quase precisos. Apenas um adulto foi atingido, e Dave ainda estava sangrando naquele momento. A sensação naquela tarde era de que tiros explodiram por toda parte. Na verdade, tinha se limitado principalmente à biblioteca e aos degraus a oeste do lado de fora. Os professores não estavam estudando para as provas ou passeando ao ar livre para aproveitar o almoço ao sol. Se as bombas tivessem explodido como planejado, teriam destruído um quarto do corpo docente da sala dos professores. Mas eles foram poupados pela sorte. Todos menos um.

Dave ficou horas na Sala de Ciências 3. Então as crianças e os professores foram evacuados, e ninguém sabia se ele havia conseguido.

Levaria alguns dias antes que a família entendesse completamente o que havia acontecido naquela sala. Levaria anos para resolver por que ele ficou ali por mais de três horas, e quem era o culpado.

Tudo o que a família de Dave sabia era que ele não havia telefonado. Ele deve estar preso dentro do prédio, eles pensaram. Isso não foi bom. Linda esperava que ele não fosse um refém. Ela assumiu que ele estava se escondendo. Ele estaria seguro; ele não era um tomador de risco.

A família monitorava a TV e se revezava no atendimento das ligações. O telefone tocava sem parar, mas nunca era Dave. Linda ligou para sua linha de negócios repetidamente. Ninguém atendeu.

Linda era uma mulher atlética de quarenta e tantos anos, mas tinha uma psique frágil. Seu sorriso era caloroso, mas hesitante, como se pudesse quebrar com uma palavra ou gesto áspero. Dave tinha encontrado grande satisfação em protegê-la. Na ausência dele, as filhas e a irmã dela intervieram. Cada ligação era complicada, então sua família fez questão de fazer a triagem. No meio da tarde, ela mesma teve vontade de atender uma ligação. "Era uma mulher", disse ela mais tarde. "E ela disse que era do *Denver Post* e meu marido tinha sido baleado - eu tenho um comentário? Eu gritei, joguei o telefone. Não tenho ideia do que aconteceu a partir daí."

———

Robyn Anderson estava com medo. O par dela no baile era um assassino em massa. Ela aparentemente o havia armado.

Até onde ela sabia, apenas três pessoas sabiam sobre o negócio de armas, e as outras duas estavam mortas. Eles tinham contado a alguém? As armas eram rastreáveis? Ela não tinha assinado nada. Os policiais saberiam? Ela deveria ficar de boca fechada?

Os policiais não sabiam. Robyn tinha sido interrogada em Clement Park e tinha jogado totalmente legal. Ela contou ao detetive onde estivera e o que tinha visto. Ela disse a verdade, mas não toda a verdade. Ela não sabia ao certo quem estava atirando, então não mencionou que os conhecia. Ela certamente não mencionou as armas. Ela deveria? A culpa começou a devorá-la.

Robyn falou com Zack Heckler ao telefone naquela tarde. Ela manteve a boca fechada sobre as armas. Ele não. Ele não tinha noção das armas, graças a Deus, mas sabia que os caras estavam fazendo bombas caseiras. Bombas? Sério? Isso surpreendeu Robyn. Sim, realmente, disse Zack. E ele não ficou nada surpreso. Zack não tinha a imagem inocente de Dylan que Robyn tinha. Parecia aqueles caras correndo pelos corredores rindo enquanto matavam pessoas, disse ele.

Zack não contou a Robyn que havia ajudado Eric e Dylan a fazer bombas caseiras. Ela imaginou. Ele fez? Ele estava envolvido nisso? Mais do que ela?

Zack também estava com medo. Todos eles eram... alguém próximo dos assassinos. Zack não estava oferecendo informações aos policiais. Ele omitiu mencionar as bombas caseiras durante seu interrogatório.

Chris Morris seguiu o caminho oposto. Ele chamou a polícia na primeira hora, assim que suspeitou que seus amigos estavam envolvidos. Ele foi

algemado em Clement Park e levado para a televisão nacional. Ele continuou falando na delegacia. Ele descreveu o interesse de Eric pelos nazistas, uma piada sobre atletas e algumas sugestões recentes assustadoras: cortar a energia da escola e colocar bombas de PVC nas saídas com parafusos para estilhaços.

Se a história de Chris fosse legítima, sugeria que os assassinos estavam vazando informações sobre seus planos – uma característica clássica de jovens assaltantes. Se Eric e Dylan tivessem vazado para Chris, as chances eram de que eles tivessem avisado outros também.

O pai de Chris foi chamado. Ele entrou em contato com um advogado. Às 19h43 , os três se sentaram com os detetives para uma entrevista formal. Chris e seu pai assinaram um formulário renunciando a seus direitos. Os policiais acharam Chris altamente cooperativo. Ele descreveu as obsessões dos assassinos com explosivos e ofereceu todos os tipos de detalhes. Dylan havia trazido uma bomba caseira para o trabalho uma vez, mas Chris ordenou que ele a tirasse de lá. Chris sabia que os caras tinham colocado as mãos em armas. Havia sido um segredo aberto em torno do Blackjack vários meses atrás que Eric e Dylan estavam procurando hardware. Eles nunca contaram a Chris diretamente, mas ele ouviu de várias pessoas.

Chris teve um palpite de quem os ajudou: um garoto chamado Phil Duran. Duran costumava trabalhar no Blackjack, depois mudou-se para Chicago para um trabalho de alta tecnologia. Antes de sair, Duran disse a Chris que tinha ido filmar com Eric e Dylan. Algo sobre pinos de boliche e talvez um AK-47. Duran nunca disse que tinha comprado as armas, mas Chris achou que era ele.

Parecia estarrecedor, o quanto Chris sabia. Ele jurou que não tinha levado a sério. Ele concordou em entregar as roupas que estava vestindo e permitir que os detetives vasculhassem seu quarto. Todos concordaram em se encontrar em sua casa. A mãe de Chris encontrou os policiais na porta da frente, entregou-lhes seu PC e os levou para o andar de cima. Então seu irmão chegou com as roupas de Chris em um saco de papel. Ele disse que Chris estava com medo de voltar para casa. Multidões da mídia já estavam vigiando a rua.

Os policiais não encontraram nada de valor óbvio, mas juntaram pilhas de material. Eles saíram às 11h15.

___

Robyn precisava de companhia. Ela não conseguia lidar com o estresse sozinha. Sua melhor amiga, Kelli, apareceu por volta das 19h30 de terça-feira. Eles foram para o quarto de Robyn. Kelli conhecia bem os meninos também, especialmente Dylan. Ela fazia parte do grupo do baile. Havia algo que Kelli não sabia, Robyn disse a ela. *Lembra daquele favor que ela fez a Eric e Dylan em novembro passado?* Keli se lembrou. Tinha sido um grande segredo. Robyn havia contado a Kelli repetidamente sobre esse grande favor que ela havia feito aos caras, mas ela nunca divulgaria o que era. Agora ela tinha que contar a alguém. Tinha sido um show de armas. O Tanner Gun Show em Denver. Eric e Dylan ligaram para ela em um

domingo, se ela se lembrava bem. Eles verificaram o show no sábado, viram essas espingardas de aparência doce. Mas eles receberam um cartão; ambos eram menores de idade então. Eles precisavam de um rapaz de dezoito anos com eles. Robyn tinha dezoito anos. Ela realmente gostava de Dylan. Então ela foi.

Era o dinheiro deles. Robyn fez questão de não assinar nenhum papel. Mas foi ela quem comprou as três armas. Os meninos cada um tem uma espingarda. Um tinha algum tipo de bomba nele. Eric também foi atrás de um rifle – um semiautomático que parecia uma arma gigante de paintball. Robyn se sentiu tão culpada, Kelli disse mais tarde. Como ela poderia ter imaginado isso?

Robyn não contou tudo a Kelli. Ela abriu o jogo com o segredo principal, mas se conteve em um detalhe. Ela disse a Kelli que não sabia que Eric e Dylan estavam matando pessoas até ouvir o anúncio na TV naquela noite. Kelli não comprou. Robyn nunca recebeu um B no ensino médio - ela poderia ter colocado esse mistério junto. Quando ela ouviu falar sobre os casacos, ela tinha que saber.

___

Os Klebold passaram a tarde e a noite na varanda. Esperando. Eles não tinham mais permissão para entrar. Às 20h10 , um deputado chegou com instruções. Sua casa era agora uma cena de crime. Eles tinham que ir. Tom e Sue Klebold disseram a amigos que se sentiram atingidos por um furacão. Furacões não atingem as Montanhas Rochosas. Eles nunca viram isso acontecer.

"Nós corremos para salvar nossas vidas", disse Sue mais tarde. "Nós não sabíamos o que tinha acontecido. Não podíamos chorar por nosso filho."

Os policiais escoltaram Tom para reunir roupas para os próximos dias. Então Sue foi cuidar dos bichinhos. Ela pegou dois gatos, dois pássaros e suas tigelas de comida e caixas de areia. Às 21h , eles foram embora.

Eles conversaram com um advogado naquela noite. Ele relatou um pensamento preocupante. "Dylan não está mais aqui para as pessoas odiarem", disse ele. "Então as pessoas vão te odiar."

18. Último ônibus

Os ônibus continuavam chegando à Leawood Elementary, trazendo tanto desânimo quanto alegria. Era ótimo se seu filho saísse, mas as chances continuavam caindo à medida que os pais restantes diminuíam. "Eu estava com inveja dos pais que encontravam seus filhos e gritavam seus nomes", lembrou Doreen Tomlin. Ela achou cada vez mais difícil se levantar. Seu marido manteve a fé, mas a dela acabou. Os ônibus chegaram e ela ficou em seu assento, castigando-se silenciosamente. "Eu pensei, *por que você não está se levantando e olhando? Todos esses outros pais estão presos no palco, e você está apenas sentado aqui* ."

Brian Rohrbough tinha desistido ainda mais cedo. Por volta das 14h , enquanto Leawood estava lotada de pais esperançosos, Brian aceitou o destino de Danny. "Eu sabia que ele tinha ido embora", disse ele. "Eu suponho que foi Deus me dizendo, me preparando. Eu esperava estar errado. Esperamos por ônibus cheios de crianças, mas eu sabia que ele não estaria nele. Eu disse a Sue: 'Você sabe que ele se foi'."

Mas sua ex-mulher estava esperançosa. Na biblioteca pública, Misty Bernall também estava. Seu filho, Chris, apareceu, mas Cassie ainda estava desaparecida. *Ela está viva!* Misty disse a si mesma ferozmente. Nada poderia amortecer a determinação de Misty, ou sua perseverança.

"A mãe dela veio até mim a cada dois minutos e perguntou se eu tinha visto Cassie", disse uma amiga de sua filha. "Eu disse a ela: 'Tenho certeza de que há muitas pessoas desaparecidas.'" Não era o que Misty queria ouvir.

A oração ajudou. "Por favor, Deus, apenas me devolva meu bebê", ela orou. "Por favor, Deus, onde ela está?"

Misty desistiu da biblioteca pública. Ela atravessou o Clement Park e descobriu os ônibus sendo carregados. Ela correu de um para o outro. Um amigo de Cassie estendeu a mão para pegar a mão dela.

"Você viu Cassi?" Misty chorou.

"Não."

Misty voltou para a biblioteca. Brad e Chris a conheceram lá. Então todos foram enviados para Leawood. Isso foi um grande alívio para os pais que esperavam lá: mais famílias, melhores chances.

Os ônibus continuaram chegando, a cada dez ou vinte minutos por um tempo. Então as chegadas diminuíram. Por volta das quatro horas, eles pararam. Mais um ônibus foi prometido. Os pais olharam ao redor. De quem seriam os filhos?

A espera continuou interminavelmente. Às cinco horas, ainda não estava lá. Irmãos saíram para observá-lo, esperando correr para dentro com a notícia. Doreen Tomlin não se levantava há muito tempo, mas ainda estava rezando para que seu filho estivesse nele. "Estávamos agarrados a essa esperança", disse ela.

Na hora do jantar, o presidente Clinton deu uma entrevista coletiva na Ala Oeste para discutir o ataque. "Hillary e eu estamos profundamente chocados e tristes com a tragédia de hoje em Littleton", disse ele. Ele

transmitiu a esperança de um funcionário da Jeffco, que acabara de lhe dizer: "Talvez agora a América desperte para as dimensões desse desafio, se isso pudesse acontecer em um lugar como Littleton".

Clinton enviou uma equipe federal de resposta a crises e instou os repórteres a resistirem a conclusões precipitadas. "O que eu gostaria de fazer é levar alguns dias porque não sabemos quais são os fatos aqui", disse ele. "E tendo em mente, a comunidade é uma ferida aberta agora."

Em Leawood, até mesmo as famílias resilientes estavam vacilando. Nada havia mudado: nenhum ônibus, nenhuma palavra, por horas a fio. O promotor público Dave Thomas tentou confortar as famílias. Ele sabia quais deles precisariam. Ele tinha treze nomes no bolso do peito. Dez alunos foram identificados na biblioteca e mais dois do lado de fora, com base em suas roupas e aparência. Um professor estava na Sala de Ciências 3. Todos falecidos. Era uma lista sólida, mas não definitiva. Thomas guardou para si mesmo. Ele disse aos pais para não se preocuparem.

Às oito horas, eles foram transferidos para outra sala. O xerife Stone apresentou o legista. Ela distribuiu formulários pedindo descrições das roupas de seus filhos e outros detalhes físicos. Foi quando John Tomlin percebeu a verdade. O legista pediu que recuperassem os registros dentários de seus filhos. Isso passou de forma desigual. Muitos o levaram a sério; outros se animaram. Eles tinham uma tarefa, finalmente, e esperança de resolução.

Uma mulher saltou. "Onde está aquele outro ônibus!" ela exigiu.

Não havia ônibus. "Nunca houve outro ônibus", disse Doreen Tomlin mais tarde. "Foi como uma falsa esperança que eles lhe deram." Muitos pais se sentiram traídos. Brian Rohrbough mais tarde acusou os funcionários da escola de mentir; Misty Bernall também se sentiu enganada. "Não intencionalmente, talvez, mas enganada mesmo assim", escreveu ela. "E tão amargamente que quase me sufocou."

O xerife Stone disse a eles que a maioria das crianças mortas estava na biblioteca. "John sempre ia à biblioteca", disse Doreen. "Eu senti que ia desmaiar. Eu me senti doente."

Ela sentiu tristeza, mas não surpresa. Doreen era uma cristã evangélica e acreditava que o Senhor a estava preparando para as notícias durante toda a tarde. A maioria dos evangélicos reagiu de forma diferente dos outros pais. A imprensa foi retirada da área, mas Lynn Duff estava ajudando as famílias como voluntária da Cruz Vermelha. Judia liberal de São Francisco, ela ficou surpresa com o que viu.

"A maneira como essas famílias reagiram foi marcadamente diferente", disse ela. "Era uns cento e oitenta graus de onde todo mundo estava. Eles estavam cantando; eles estavam orando; eles estavam confortando os outros pais, especialmente os pais de Isaiah Shoels [o único afro-americano morto]. Eles estavam pensando muito sobre os outros pais, as outras famílias, e respondendo muito às necessidades de outras pessoas. Eles definitivamente estavam com dor, e você podia ver a dor em seus olhos, mas eles estavam muito confiantes de onde seus filhos estavam. Eles

estavam em paz com isso . Era como se eles fossem um exemplo vivo de sua fé."

Mas nem todos os evangélicos reagiram da mesma forma. Misty Bernall foi desafiadora. Ela tinha certeza de que Cassie estava viva.

___

O Sr. D ficou com as famílias. Ele estava fazendo o possível para consolá-los e esperando notícias de um amigo próximo. Ele conhecia Dave Sanders há vinte anos. Eles treinaram três esportes juntos, compartilharam centenas de cervejas e Frank foi ao casamento de Dave. Frank tinha ouvido rumores sobre Dave a tarde toda.

Algum tempo depois dos anúncios do legista, um professor e amigo de ambos, Rich Long, apareceu em Leawood. Ele viu Frank e correu para abraçá-lo. "Tudo o que me lembro é de ver sangue em suas calças e camisa", disse Frank mais tarde. "E eu disse, 'Rich, me diga. É verdade? Dave está morto?' E ele não podia me dar uma resposta."

Frank garantiu a Rich que ele era forte o suficiente para receber a notícia. "Conte-me!" ele implorou. "Eu preciso saber."

Rich não podia ajudá-lo. Ele estava lutando com a mesma pergunta.

___

O agente Fuselier tinha falado com os atiradores e viu alguns abrirem fogo bem na frente dele. Ele lutou durante semanas para libertar oitenta e duas pessoas em Waco, depois viu os tanques de gasolina explodirem e os prédios serem incendiados. Ele sabia que todos estavam morrendo dentro de Waco. Assistir tinha sido insuportável. Isso foi pior.

Fuselier foi para casa e deu um abraço em Brian. Tinha sido um longo tempo entre os abraços, e era difícil deixar ir. Então ele se sentou para assistir as reportagens com Mimi. Ele segurou a mão dela e sufocou as lágrimas. "Como você pôde ir para casa e obter registros dentários?" ele perguntou. "E daí? Você sabe que seu filho está morto. Como você vai dormir?"

19. Aspiração

Dave Sanders foi um dos poucos professores desaparecidos. Ele ainda estava na Sala de Ciências 3. A equipe da SWAT o alcançou ainda vivo, mas sem esperança. Vários minutos depois, antes de ser evacuado, Dave Sanders sangrou até a morte.

A família dele não foi avisada. No final da tarde, eles ficaram sabendo que ele estava ferido e foi levado para o Centro Médico Sueco.

"Eu não sei quem me levou", disse Linda Lou. "Não sei como cheguei lá. Não me lembro da carona, não me lembro de entrar lá. Lembro-me de quando chegamos lá. Eles nos levaram para um quarto. Havia comida, café, havia as irmãs - as freiras." Era como um comitê de saudação, aguardando sua chegada, mas, curiosamente, esperando por Dave também. Linda achou a enfermeira-chefe tranquilizadora. “Ela disse: 'Assim que ele chegar aqui, você poderá vê-lo'. E ele nunca chegou lá. Ele nunca chegou lá."

Eventualmente, eles desistiram e foram para Leawood. Eles esperaram um pouco e voltaram para casa. As agências de ajuda despacharam os advogados das vítimas. Vários apareceram na casa - um sinal útil, mas ameaçador. Os telefones tocavam constantemente — cinco células separadas, dispostas na mesa de centro —, mas nunca com a ligação que eles queriam.

Linda se retirou para seu quarto. Toda vez que alguém usava o banheiro no andar de baixo, o exaustor ligava e Linda pulava, acreditando que era a porta da garagem se abrindo.

"Finalmente, por volta das dez e meia, mamãe e eu cansamos de esperar", disse Angie. "Sabíamos que havia alguns professores com ele, professores que o conheciam desde antes de eu nascer. E então ligamos para eles para descobrir o que aconteceu. E eles nos informaram." Dave tinha sido o professor sangrando até a morte.

Mas ele tinha sangrado? Dave estava vivo quando a equipe da SWAT evacuou todos os civis. Depois disso, ninguém parecia saber. Apenas os policiais viram isso acabar, e eles não estavam prontos para dizer.

"Ainda não sabíamos se ele foi retirado da escola ou não", disse Angie. "Mas pelo menos sabíamos um pouco mais sobre o que aconteceu lá dentro."

Linda tentou dormir. Isso foi inútil. Ela se enrolou com um par de meias de Dave.

___

Linda passou a noite tentando esvaziar sua mente. Pensamentos estranhos passaram. "Todas aquelas pessoas na minha sala de estar", ela pensou, "e eu não tive tempo de passar o aspirador."

Foi uma resposta comum. Os sobreviventes se concentravam em tarefas mundanas – pequenas vitórias que ainda podiam realizar. Muitos ficaram horrorizados com seus pensamentos.

Marjorie Lindholm passara grande parte da tarde com Dave Sanders. Ele ficava cada vez mais branco. Explosões continuavam a explodir. Quando a

equipe da SWAT finalmente a libertou, Marjorie passou correndo por dois corpos na saída. Ela se preocupou sobre como ela se vestiu. Seus pais a encontrariam em uma regata que de repente parecia desprezível. Ela pegou emprestada a camisa de um amigo para se cobrir. Um policial a levou para um local seguro em Clement Park, e um paramédico se aproximou para examiná-la. Deus, ele era quente, ela pensou. "Eu me senti envergonhada", ela escreveu mais tarde. "Eu estava pensando em como esse paramédico parecia e as pessoas morreram."

Uma estudante do segundo ano se censurou por seus instintos de sobrevivência. Ela viu os assassinos e saiu correndo. Outra garota estava ao seu lado. A outra garota caiu. "O sangue estava por toda parte", disse o segundo ano. "Foi simplesmente terrível." Ela continuou correndo. Mais tarde naquele dia, ela confessou sua história a um repórter *do Rocky Mountain News* . "Por que eu não parei para ajudar aquela garota?" ela perguntou. Sua voz ficou muito suave. "Estou tão brava", disse ela. "Eu fui tão egoísta."

———

Brad e Misty Bernall chegaram em casa por volta das dez da noite. Brad subiu no galpão do jardim com um par de binóculos para espiar o campo. As janelas da biblioteca estavam estouradas, e ele podia ver homens circulando lá dentro. Eles estavam em jaquetas azuis com grandes letras amarelas: ATF. Eles estavam de cabeça baixa, mas Brad não conseguia entender o que eles estavam fazendo. "Acho que eles estavam passando por cima dos corpos, procurando explosivos", disse ele.

Eles estavam procurando por explosivos vivos e atiradores vivos. As equipes da SWAT revistaram todos os armários de vassouras. Se o terceiro, quarto ou quinto atirador ainda estivesse escondido, eles seriam expulsos pela manhã.

Brad voltou para casa. Às 10h30, uma explosão sacudiu o bairro. Brad e Misty correram para o andar de cima. Eles olharam pela janela de Cassie, mas nada se moveu. Fosse o que fosse, tinha passado. A cama de Cassie estava vazia. Misty temia que ela ainda estivesse na escola. Ela tinha sido ferida pela explosão?

Foi o maior erro do esquadrão antibomba. Eles estavam movendo bombas para fora da área para explosões controladas. Enquanto carregavam um em um trailer, o fósforo que Eric usava para um detonador roçou a parede do trailer e explodiu. Os técnicos de bombas caíram para trás como treinados, e a explosão disparou para cima. Ninguém se machucou, mas deu um grande susto no time. Todos estavam exaustos. Isso estava ficando perigoso. Eles chamaram de noite. Os comandantes os instruíram a retornar às 6h30

Brad e Misty continuaram assistindo. "Eu sabia que Cassie estava lá em algum lugar", disse Brad. "Foi terrível saber que ela estava do outro lado da cerca e não havia nada que pudéssemos fazer."

PARTE II

DEPOIS E ANTES

20. Vago

T aqui é uma fotografia. Uma garota loira solta um gemido. Sua cabeça está jogada para trás, presa em suas próprias mãos: palmas contra suas têmporas, dedos enfiados em seu couro cabeludo. Sua boca está bem aberta, os olhos bem fechados. Ela se tornou a imagem de Columbine. Por toda a tarde de Clement Park na terça-feira, e nas fotos que capturaram a experiência, o padrão se repetiu: menino ou menina, adulto ou criança, quase todos estavam apertando alguma coisa - uma mão, os joelhos, a cabeça dele, uns aos outros.

Antes que essas fotos chegassem às bancas, os sobreviventes haviam mudado. As crianças entraram no Clement Park na manhã de quarta-feira sem a abertura. Seus olhos estavam secos, seus rostos flácidos. Suas expressões ficaram vazias.

A maioria dos pais estava chorando, mas quase nenhum de seus filhos estava. Eles estavam tão quietos que era inquietante. Centenas de adolescentes e nem um sopro de energia nervosa. Aqui e ali uma menina soluçava e um menino corria para abraçá-la - meninos praticamente brigavam para ver quem daria os abraços - mas essas foram breves exceções.

Eles estavam cientes do vazio. Agudamente. Eles não entenderam, mas viram e discutiram com franqueza. Um grande número disse que sentiu que estava assistindo a um filme.

A falta de corpos contribuiu para o problema - eles ainda estavam dentro do perímetro. Nenhum dos nomes foi divulgado. A escola foi efetivamente ido. Ninguém além da polícia poderia chegar perto dele. Não era nem visível da linha de fita policial onde todos se reuniam.

Os alunos tinham uma boa ideia de quem havia sido morto. Todos os assassinatos foram testemunhados, e a notícia se espalhou rapidamente. Mas tantas histórias se revelaram erradas. A dúvida persistiu. Todo mundo parecia ter pelo menos algumas pessoas desaparecidas. "Como podemos chorar quando não sabemos por quem estamos chorando?" uma garota perguntou. E ainda assim ela chorou. Ela chorou a maior parte da noite, disse ela. Pela manhã, ela tinha ficado sem lágrimas.

———

Ninguém do departamento do xerife ligou para Brian Rohrbough. Nenhum oficial apareceu na porta para informá-lo de que seu filho havia sido morto. O telefone acordou Brian na quarta-feira. Era um amigo ligando para avisá-lo, antes que ele pegasse o *Rocky Mountain News* . Havia uma foto.

Brian passou pela enorme HEADLINE DE HEARTBREAK , as dezenas de histórias e diagramas e fotos de sobreviventes cerrados, nenhum dos quais era seu filho. Ele parou na página 13. Era uma foto aérea de um helicóptero de notícias, mas a foto preenchia metade da página, então os assuntos eram grandes e inconfundíveis. Meia dúzia de estudantes amontoados atrás de um carro no estacionamento com um policial espremido ao lado deles, agachado atrás do volante para se proteger, seu rifle montado no

porta-malas, olhos na mira da arma, dedo no gatilho. Um menino jazia desprotegido na calçada próxima. Ele estava ao ar livre, caído de lado, um joelho dobrado em direção ao peito, ambos os braços abertos. "Imóvel", dizia a legenda. Uma enorme poça de sangue, quase do tamanho de seu corpo, manchou o concreto a um pé de distância e escorreu pela fenda entre duas praças da calçada. A vítima não foi identificada, com o rosto embaçado e quase completamente obscurecido pelo ângulo. Mas Brian Rohrbough sabia. Ele nunca abriu a página 14.

Brian era um homem alto com a compleição pesada de um operário. Ele tinha um rosto comprido e inchado com cabelos grisalhos recuados que acentuavam sua testa cerrada: sulcos profundos empilhados em sua testa, sobre um par de cortes verticais acima da ponte de seu nariz. Danny parecia notavelmente parecido, embora ainda tivesse que desenvolver todas as suas feições ou desenvolver as linhas de preocupação.

Danny era tudo que Brian tinha. Ele e Sue se divorciaram quando seu filho tinha quatro anos. Sue se casou novamente, mas Brian não. Ele tinha seu negócio de áudio personalizado. Foi um sucesso, e ele adorou, mas a melhor parte foi que Danny também. Ele andava cambaleando pela oficina desde que conseguia andar. Aos sete, ele estava construindo chicotes de fiação e executando o fio do alto-falante. No colegial, ele começou a trabalhar durante a semana de verdade depois da escola. Brian e Sue tiveram um divórcio amigável e moravam a apenas alguns quarteirões de distância, mas Danny nunca conseguia ter tempo suficiente com seu pai.

A loja era um ponto de encontro tão legal para um garoto do ensino médio: uma garagem grande e gordurosa cheia de ferramentas elétricas e carros antigos de cem mil dólares em blocos. Danny ajudou a equipá-los com sistemas de som de ópera que valiam mais do que os carros de seus amigos mais ricos. Dependendo do projeto, o local pode cheirar a borracha queimada ou vapores de epóxi espinhosos. Quando Brian manipulou a serra circular, o cheiro doce de cerejeira recém-cortada flutuou pela rua.

Danny era natural. Ele adorava carros e adorava som. Ele era ótimo com o PC e tinha ouvido para o tom. Ele gostava de mexer com programas de computador e estava prometendo levar o negócio em uma nova direção. E ele sabia como se comportar. Brian atendia algumas das famílias mais antigas e ricas do Colorado. Danny crescera em suas casas. Ele conhecia o exercício. Ele era um encantador, e Brian se deleitava em exibi-lo.

Alguns meses atrás, Danny havia tomado uma decisão: a faculdade não era para ele. Ele iria direto para o negócio de Columbine, faria disso uma carreira. Brian estava em êxtase. Em três anos, ele faria de seu filho um sócio. Em quatro semanas, Danny ia passar seu primeiro verão trabalhando na loja em tempo integral.

Na quarta-feira de manhã, assim que viu a foto, Brian entrou no carro. Ele dirigiu até Columbine. Ele invadiu o perímetro e exigiu o corpo de seu menino. Os policiais lá disseram que não.

Não só não entregaram Danny, como não o trouxeram para dentro. Danny ainda estava lá fora, deitado na calçada; ele havia resistido aos

elementos a noite toda. Demasiadas bombas, disseram as autoridades - o corpo poderia ser armadilhado.

Brian sabia que não estava recebendo uma resposta direta. Os esquadrões antibomba estavam limpando a escola desde a tarde de terça-feira; O filho de Brian simplesmente não era uma prioridade. Brian não podia acreditar que eles estavam tratando o corpo de uma vítima de forma tão arrogante.

Então começou a nevar.

Danny ficou deitado naquela calçada por vinte e oito horas.

___

Misty Bernall começou na quarta-feira às três da manhã. Ela havia dormido um pouco, entrando e saindo. Pesadelos a acordavam: Cassie presa no prédio, encolhida no escuro em algum armário ou deitada no chão frio de ladrilhos. Sua filha precisava dela. Ela está por cima da cerca a cem metros de distância, pensou Misty, e eles não nos deixam chegar até ela.

Ela desistiu e tomou um banho. Brad também. Eles se vestiram e atravessaram o quintal até o perímetro.

Um policial estava de guarda. Brad disse a ele que Cassie estava lá. Ele implorou ao policial que lhes desse isso diretamente. "Nós só queremos saber se ainda há alguém vivo lá."

O policial fez uma pausa. "Não," ele disse finalmente. "Ninguém saiu vivo."

Eles lhe agradeceram. "Agradecemos sua honestidade", disse Misty.

Mas Misty não estava desistindo. O policial pode estar errado. Ou Cassie pode estar deitada em um hospital, não identificada. Misty continuou tentando o perímetro a manhã toda. Ela foi rejeitada todas as vezes.

Em seguida, os pais foram alertados para retornar a Leawood. Brad e Misty foram direto para lá. Eles esperaram por horas.

O promotor público Dave Thomas chegou por volta das 13h30. Ele ainda tinha a lista dos mortos. Não havia mudado; nem foi confirmado. O legista precisou de mais vinte e quatro horas. Então ele decidiu arriscar. Ele informou as famílias uma a uma. "Não sei como lhe dizer isso", disse ele a Bob Curnow.

"Você não precisa", disse Curnow. "Está escrito em seu rosto."

Misty levou a sério, mas ela não aceitou definitivamente. O promotor disse que Cassie estava morta, mas também disse que não era oficial.

A esperança gradualmente se dissolveu em raiva. Se Cassie estivesse morta, Misty queria seu corpo fora daquela biblioteca e atendido.

___

A família de Linda Sanders aguardava a notícia em sua casa. Na tarde de quarta-feira, a casa estava lotada de amigos e parentes. Todos sabiam o que estava por vir. Equipes de reportagem montaram uma fileira de câmeras para capturar o momento de agonia. "Esteja pronto", disse o advogado de uma vítima a Melody. "Esteja preparado para apoiar sua irmã."

Um carro-patrulha parou pouco antes das três da tarde. O policial tocou a campainha e Melody o deixou entrar. Linda ainda não estava pronta para

ouvir. "Nós identificamos provisoriamente seu marido como vítima em Columbine", disse ele.

Linda gritou. Então ela vomitou.

___

Frank DeAngelis ainda não sabia se estava seguro. Ele acordou na casa de seu irmão na quarta-feira, porque havia sido aconselhado a não ficar em sua própria casa. Seu carro estava fechado dentro do perímetro, então um assistente do diretor estava a caminho para pegar Frank antes do amanhecer. Ele estava indo para reuniões, para descobrir o que fazer. O que diabos eles iriam fazer?

E o que ele poderia dizer? Eles estavam vindo para ouvi-lo às dez da manhã. Crianças, pais, professores – qualquer um com dor – foram instruídos a se reunir na Luz do Mundo, uma grande igreja católica, um dos poucos locais suficientemente grandes. Eles olhariam para ele em busca de respostas. Ele não tinha nenhum.

Frank ficou acordado a maior parte da noite lutando com isso. "Deus, me dê alguma orientação", ele orou.

A manhã chegou, e ele não estava mais perto. Ele foi consumido pela culpa. "Meu trabalho é fornecer um ambiente seguro", disse ele mais tarde. "Eu decepcionei tantas pessoas."

A Luz do Mundo acomoda oitocentos e cinquenta e todos os bancos estavam lotados, com mais centenas de alunos e pais encostados nas paredes. Um desfile de autoridades locais subiu ao pódio por sua vez, tentando consolar as crianças, que estavam inconsoláveis. Os alunos aplaudiram cada orador educadamente. Ninguém estava passando.

O Sr. D se contentaria com aplausos educados. Ele esperava não ser linchado. Ele merecia ser? Ele não tinha nenhum discurso preparado, nenhuma nota – ele apenas planejava dizer a eles o que sentia.

Seu nome foi anunciado, ele se levantou para se aproximar do microfone e a multidão saltou dos bancos. Eles estavam gritando, aplaudindo, assobiando, aplaudindo - crianças que não tinham registrado um sorriso ou uma carranca por horas estavam batendo as palmas das mãos ou batendo os punhos, lutando contra as lágrimas ou deixando-as escorrer pelo queixo.

O Sr. D. afivelou a cintura. Ele agarrou o estômago e cambaleou, virando as costas para a platéia, soluçando incontrolavelmente. Seu torso estava paralelo ao chão, tremendo tanto que era visível da última fileira. Ele ficou lá por um minuto inteiro enquanto a multidão se recusava a diminuir. Ele não podia enfrentá-los; ele não conseguia se endireitar. "Foi tão estranho", disse ele mais tarde. "Eu simplesmente não conseguia controlar isso; meu corpo entrou em convulsões. A razão pela qual eu virei as costas é que eu estava me sentindo culpada. Eu estava me sentindo envergonhada. E quando eles começaram a bater palmas e ficar de pé, sabendo que eu tinha sua aprovação e apoio, isso é quando eu desmoronei."

Ele chegou ao pódio e começou com um pedido de desculpas: "Sinto muito pelo que aconteceu e pelo que você está sentindo". Ele os tranquilizou e prometeu apoiá-los - "Eu estarei lá para você, sempre que

precisar" - mas se recusou a adoçar o que eles estavam fazendo. "Eu gostaria de pegar uma varinha e limpar o que você está sentindo, mas não posso fazer isso. Eu gostaria de lhe dizer que essas cicatrizes vão curar, mas não vão", disse ele.

Seus alunos ficaram gratos pela franqueza. Tantas crianças em Clement Park naquela manhã descreveriam como já estavam cansadas de ouvir tantas pessoas dizerem que tudo ficaria bem. Eles sabiam a verdade; eles só queriam ouvir.

O Sr. D. terminou seu discurso dizendo que os amava. Cada um deles. Eles precisavam ouvir isso também.

___

As crianças estavam tendo problemas com seus pais, especialmente suas mães. "É meio difícil para mim ficar sentado em casa", disse um menino. "Como quando minha mãe chega em casa, eu tento ficar fora de casa." Muitos outros garotos assentiram; contavam cada vez mais a mesma história. Suas mães estavam com tanto medo, e o medo não diminuiu quando encontraram seus filhos; agora eles só queriam abraçá-los. *Abrace-o para sempre* - esse foi o refrão de terça-feira. Quarta-feira, era *Minha mãe não entende* . Emocionalmente, suas mães estavam totalmente fora de sincronia. No início, as crianças precisavam muito dos abraços; agora eles precisavam que eles parassem.

___

A maior parte do corpo estudantil vagou pelo parque, desesperado para descarregar suas histórias. Eles precisavam de adultos para ouvi-los, e seus pais não o fariam. Eles encontraram seu público: a imprensa. Os alunos ficaram cautelosos no início, mas baixaram a guarda rapidamente. Os repórteres pareciam tão compreensivos. Clement Park parecia uma enorme quarta-feira confessional. As crianças iriam se arrepender.

No meio disso, um grito agudo perfurou o acampamento da mídia. Os enlutados congelaram, sem saber o que fazer. Mais gritos: vozes diferentes, mesma direção. Centenas correram em direção a eles: estudantes, jornalistas, todos ao alcance da audição. Eles encontraram uma dúzia de garotas reunidas em torno de um único carro que permanecia entre os caminhões satélites em um pequeno lote na beira do parque. Era o carro de Rachel Scott - a primeira garota morta a tiros. Rachel não tinha uma vaga marcada, então ela estacionou a 800 metros da escola na terça-feira. Ninguém tinha vindo para reclamar o carro. Agora estava coberto da frente para trás com flores e velas. Mensagens para Rachel no céu foram ensaboadas nas janelas. Suas amigas estavam de mãos dadas em um semicírculo ao redor da traseira do carro, soluçando incontrolavelmente. Uma garota começou a cantar. Outros seguiram.

___

Os Harris e os Klebolds contrataram advogados. Eles tinham um bom motivo: a presunção de culpa rapidamente caiu sobre seus ombros. Os investigadores não esperavam acusá-los, mas o público sim. Pesquisas

nacionais feitas logo após o ataque identificariam todos os tipos de culpados que contribuíram para a tragédia: filmes violentos, videogames, cultura gótica, leis negligentes sobre armas, valentões e Satanás. Eric não entrou na lista. Dylan também não. Eles eram apenas crianças. Algo ou alguém deve tê-los desencaminhado. Wayne e Kathy e Tom e Sue eram os principais suspeitos. Eles ofuscaram todas as outras causas, culpadas por 85% da população em uma pesquisa da Gallup. Eles tinham a vantagem adicional de estarem vivos, de serem perseguidos.

Seus advogados os alertaram para ficarem quietos. Nenhuma das famílias falou com a imprensa. Ambos divulgaram declarações na quarta-feira. "Não podemos começar a transmitir nosso sentimento esmagador de tristeza por todos os afetados por esta tragédia", disseram os Klebolds. “Nossos pensamentos, orações e sinceras desculpas vão para as vítimas, suas famílias, amigos e toda a comunidade. período de luto."

Os Harris foram mais breves: "Queremos expressar nossa sincera solidariedade às famílias de todas as vítimas e a toda a comunidade por esta tragédia sem sentido", escreveram. "Por favor, reze por todos os tocados por esses terríveis eventos."

O irmão de Dylan ficou em casa sem trabalhar por vários dias. Byron era quase três anos mais velho que Dylan, mas por causa da matrícula precoce de Dylan, apenas dois anos fora da escola. Ele estava trabalhando em uma concessionária de automóveis: lavando carros, limpando a neve, movendo o estoque pelo estacionamento. "Era um trabalho de nível básico, mas cara, ele é bom", disse um porta-voz da loja ao *Rocky Mountain News* .

Seus empregadores entendiam a necessidade de um tempo afastado. "É chocante para todos", disse o porta-voz. "Somos uma família aqui e cuidamos um do outro. Nossos corações estão com Byron. Esse garoto é ótimo."

___

A preocupação do agente especial de supervisão Fuselier na manhã de quarta-feira era a conspiração. Todos presumiram que o massacre de Columbine era uma conspiração, inclusive os policiais. Era muito grande, muito ousado e muito complexo para um casal de crianças ter imaginado, muito menos executado. Isso parecia o trabalho de oito ou dez pessoas. Todo ataque dessa magnitude gera teorias da conspiração, mas desta vez elas pareciam sólidas. O legado dessas teorias e a resposta de Jeffco a elas assombrariam a recuperação de Columbine de maneiras peculiares.

Quarta-feira de manhã, Fuselier entrou na cena do crime medonho. Os corredores estavam cheios de cápsulas de balas, bombas de cano usadas e munições não detonadas. Buracos de bala e vidros quebrados estavam por toda parte. A biblioteca estava encharcada de sangue; a maioria dos corpos estava debaixo de mesas. Fuselier tinha visto carnificina, mas ainda assim era horrível. A visão que realmente o surpreendeu foi lá fora, na calçada e no gramado. Danny Rohrbough e Rachel Scott ainda estavam lá. Ninguém os havia coberto. Anos depois, ele estremeceu com a lembrança.

Fuselier chegou a Columbine como agente do FBI, mas desempenharia um papel mais significativo como psicólogo clínico. Ao todo, ele passou três décadas no campo; ele começou na prática privada, depois trabalhou para a força aérea. Um curso de negociação de reféns em Okinawa mudou sua vida. Ele podia ler as pessoas. Ele poderia acalmá-los. Em 1981, Fuselier ingressou no FBI. Ele aceitou um corte salarial de US$ 5.000 por ano para um trabalho de detetive, apenas para conseguir uma chance na Unidade de Operações e Pesquisas Especiais do Bureau (SOARU) - o principal centro de estudo de negociação de reféns do mundo.

O agente Fuselier trabalhou no trabalho de casos padrão e descobriu que também gostava do trabalho de detetive. Ele conseguiu a missão na SOARU, finalmente, e começou uma nova carreira desarmando tiroteios. Ele lidaria com algumas das piores crises de reféns do país, incluindo o cerco à prisão de Atlanta em 1987 e o impasse de Montana Freemen. Ele era a última esperança do FBI em Waco, e a última pessoa a falar com David Koresh antes dos tanques chegarem. Fuselier passava a maior parte do tempo na SOARU estudando incidentes anteriores e analisando as taxas de sucesso. Sua equipe desenvolveu as táticas fundamentais para confrontos de reféns empregados hoje. Fuselier tornou-se conhecido pela firmeza sob pressão, mas seu coração estava enfraquecendo, suas têmporas estavam ficando grisalhas e, eventualmente, ele procurou uma vida mais tranquila. Ele se mudou com a família para o Colorado em 1991, e eles se estabeleceram em um bairro tranquilo em Littleton.

Fuselier desempenharia o papel principal na compreensão dos assassinos de Columbine, mas foi a sorte que o levou ao caso. Se seu filho Brian não estivesse frequentando aquela escola, Fuselier nem teria sido designado para a investigação. Na verdade, é improvável que o FBI tenha desempenhado um papel importante. Mas como Fuselier chegou ao local, estabeleceu um relacionamento com os comandantes e ofereceu apoio federal, os agentes do FBI desempenhariam um papel importante na equipe. Fuselier era um dos agentes de supervisão sênior da região e já tinha um relacionamento com os comandantes locais, por isso foi colocado no comando da equipe do FBI. Antes de 20 de abril, Fuselier chefiava a unidade de terrorismo doméstico do FBI na região. Para o ano seguinte, ele delegou a maior parte dessa responsabilidade. Isso era mais importante.

Columbine foi o crime do século no Colorado, e o estado reuniu a maior equipe de sua história para resolvê-lo. Quase uma centena de detetives se reuniram em Jeffco. Mais de uma dúzia de agências emprestaram suas melhores mentes. O FBI contribuiu com mais de uma dúzia de agentes especiais, um número notável para uma investigação local. O agente Fuselier, um dos psicólogos seniores de todo o Bureau, chefiava a equipe do FBI. Todos os outros se reportavam a Kate Battan, de Jeffco, uma detetive brilhante, cujo trabalho de desvendar crimes complexos de colarinho branco lhe serviria bem. Ela se reportava ao chefe de divisão John Kiekbusch, uma estrela em ascensão que acabara de ser promovida a alto comando. Kiekbusch e Fuselier desempenharam um papel diário ativo e consultavam regularmente sobre o andamento geral do caso.

A equipe identificou onze prováveis conspiradores. Brooks Brown teve a história mais suspeita, e Chris Morris admitiu ter ouvido falar sobre bombas. Dois outros correspondiam às descrições do terceiro e quarto atiradores. Esses quatro estão no topo da lista, com a acompanhante do baile de Dylan, Robyn Anderson, logo atrás.

Trazê-los à justiça exigiria um esforço hercúleo. Os detetives planejavam interrogar todos os alunos e professores de Columbine e todos os amigos, parentes e associados dos assassinos, passados ou presentes. Eles tinham cinco mil entrevistas pela frente nos próximos seis meses. Eles tirariam milhares de fotos e compilariam mais de 30.000 páginas de evidências. O nível de detalhe era exato: cada cápsula de projétil, fragmento de bala e projétil de espingarda foi inventariado - 55 páginas e 998 números de identificação de evidência para distinguir cada fragmento.

A equipe de comando da Jeffco reservou às pressas um lugar para Fuselier na sala da banda de Columbine. Os assassinos tinham feito uma bagunça no lugar sem colocar os pés dentro dele. Livros abandonados, mochilas, partituras, kits de bateria e instrumentos estavam espalhados entre os estilhaços. A porta estava faltando - explodida pela equipe da SWAT em busca de homens armados.

Grande parte da escola parecia consideravelmente pior. Bombas de cano e coquetéis molotov haviam queimado trechos de carpete e acionado o sistema de irrigação. O refeitório estava inundado, a biblioteca indescritível. Policiais veteranos caíram em prantos. "Havia pessoas da equipe da SWAT que estavam no Vietnã chorando pelo que viram", disse o promotor Dave Thomas.

A equipe de detetives estava se aproximando. Cada pedaço de destroços era evidência. Eles tinham 250.000 pés quadrados de cena do crime - apenas no interior. Pegadas, impressões digitais, cabelos soltos ou resíduos de armas podem estar em qualquer lugar. Evidências cruciais de DNA podem estar flutuando no refeitório. E explosivos vivos ainda podem estar presentes também.

Detetives desmontaram os quartos de Eric e Dylan, deixaram os móveis e retiraram grande parte do resto. A casa Klebold rendeu pouco - alguns anuários e uma pequena pilha de escritos -, mas Dylan limpou seu disco rígido. A casa de Eric oferecia um filão principal: diários, mais discursos de computador, uma fita de áudio, fitas de vídeo, orçamentos, diagramas e cronogramas... Eric havia documentado tudo. Ele queria que soubéssemos.

___

Aumentando o senso de urgência - e conspiração - havia uma mensagem enigmática sugerindo mais violência possível por vir. "Fomos lutando por dias tentando rastrear isso", disse Fuselier. Eles revistaram a escola em busca de explosivos novamente. Aumentaram a pressão sobre os prováveis conspiradores.

Os detetives realizaram quinhentas entrevistas nas primeiras setenta e duas horas. Foi um grande impulso, mas ficou caótico. Battan estava preocupado com as testemunhas, cada vez mais comprometidas com o que

liam e viam na TV. Os investigadores priorizaram: os alunos que viram os atiradores vieram primeiro.

Outros detetives foram para as cidades natais de infância dos suspeitos.

21. Primeiras Memórias

Eu não comecei com um plano de assassinato. Antes de planejar seu massacre, Eric se estabeleceu em uma vida de pequenos crimes. Mais cedo ainda, mesmo antes da adolescência, ele exibia sinais reveladores de um tipo particular de assassino. Os sintomas eram severos em retrospecto, mas sutis na época – invisíveis para o olho destreinado.

Eric escreveu sobre sua infância com frequência e carinho. Suas primeiras memórias foram perdidas para ele. Fogos de artifício, ele lembrou. Ele sentou-se um dia para registrar sua primeira memória em um caderno e descobriu que não poderia fazê-lo. "Difícil de visualizar", escreveu ele. "Minha mente tende a misturar memórias. Eu me lembro de 4 de julho, quando eu tinha 12 anos." Explosões, trovões, o céu inteiro em chamas. "Lembro-me de correr lá fora com muitas outras crianças", escreveu ele. "Parecia uma invasão."

Eric saboreou a ideia – oportunidades heróicas para destruir hordas alienígenas. Seus sonhos estavam cheios de tiros e explosões. Eric apreciou a antecipação do detonador. Ele sempre foi deslumbrado pelo fogo. Ele podia cheirar a precipitação acre dos fogos de artifício novamente apenas contemplando a memória. Mais tarde, na noite da queima de fogos, quando ele tinha doze anos, Eric andou e queimou coisas.

O fogo era beleza. A pequena erupção de um fósforo de papelão se acendendo. Um fusível queimando poderia levar Eric a delirar de antecipação. Assustando a merda de idiotas idiotas - não ficou muito melhor do que isso.

No início, as explosões assustavam Eric ao mesmo tempo em que o animavam. Ele correu para se esconder quando os fogos de artifício começaram em sua conta de "memória mais antiga". "Eu me escondi em um armário", escreveu ele. "Eu me escondia de todos quando queria ficar sozinha."

___

Eric era um pirralho militar. Seu pai mudou a família em cinco estados em quinze anos. Wayne e Kathy deram à luz Eric David Harris em Wichita, Kansas, em 9 de abril de 1981, dezoito anos e onze dias antes de Eric tentar explodir sua escola. Wichita era a maior cidade em que Eric viveria até o colegial. Ele começou a escola em Beavercreek, Ohio, e fez passagens por cidades rurais da força aérea como Oscoda, Michigan, e Plattsburgh, Nova York. Eric se matriculou e foi retirado de cinco escolas diferentes ao longo do caminho, muitas vezes aquelas à margem de bases militares, onde amigos iam e vinham tão rápido quanto ele.

Wayne e Kathy trabalharam duro para amenizar as interrupções. Kathy escolheu ser uma mãe que fica em casa para se concentrar em seus meninos. Ela também desempenhou seus deveres como esposa de um oficial. Kathy era atraente, mas bastante simples. Ela usava seu cabelo castanho ondulado em um estilo simples: preso atrás das orelhas e enrolado em direção aos ombros nas costas.

Wayne tinha uma constituição sólida, uma calvície e uma pele muito clara. Ele treinou beisebol e serviu como chefe de escoteiros. À noite, ele jogava cestas na calçada com Eric e seu irmão mais velho, Kevin.

"Só lembro que eles queriam que as crianças tivessem um relacionamento normal, fora da base, em uma comunidade normal", disse um ministro que morava nas proximidades. "Eles eram apenas grandes vizinhos - amigáveis, extrovertidos, atenciosos."

O major Harris não tolerava mau comportamento em sua casa. A punição foi rápida e dura, mas tudo dentro da família. Wayne reagiu a ameaças externas de maneira militar clássica: circule as carroças e proteja a unidade. Ele não gostava de decisões precipitadas. Ele preferia considerar a punição com cuidado, enquanto os meninos refletiam sobre seus atos. Depois de um ou dois dias, Wayne tomaria sua decisão, e seria final. Era tipicamente aterramento ou perda de privilégios - o que quer que eles valorizassem. À medida que Eric crescia, ele periodicamente teria que abrir mão de seu computador – isso doía. Wayne considerou um conflito concluído assim que discutiu com Eric e eles concordaram com os fatos e a punição. Então Eric teve que aceitar a responsabilidade por suas ações e completar sua punição.

Os detetives descobriram contradições grosseiras com o perfil insta de Eric já cimentado na mídia. Em Plattsburgh, amigos descreveram um entusiasta do esporte saindo com minorias. Dois dos melhores amigos de Eric eram asiáticos e afro-americanos. O menino asiático era um atleta para arrancar. Eric jogou futebol e Little League. Ele seguiu as Montanhas Rochosas antes mesmo de a família se mudar para o Colorado, frequentemente ostentando seu boné de beisebol. No ensino médio, ele ficou obcecado por computadores e, eventualmente, por videogames populares.

Em suas fotos de infância, Eric parece saudável, limpo e confiante - muito mais equilibrado do que Dylan. Ambos eram dolorosamente tímidos, no entanto. Eric "era o mais tímido de todos", disse um companheiro de equipe da Little League de Plattsburgh. Ele não falava muito, e outras crianças o descreveram como tímido, mas popular.

No prato, um de seus principais traços de personalidade já estava em exibição. "Tivemos que instigá-lo a balançar, às vezes entrar em campo", disse seu treinador. "Não era que ele tivesse medo da bola, só que ele não queria errar. Ele não queria falhar."

Eric continuou a sonhar. O major Harris inspirava fantasias militares, mas Eric geralmente se via como um fuzileiro naval. "Armas! Cara, eu adorava jogar com armas", ele escreveu mais tarde. As cidades rústicas em que ele cresceu forneciam campos, florestas e riachos onde ele podia brincar de soldado. Quando Eric tinha oito anos, a família mudou-se para Oscoda, Michigan, onde o pitoresco Rio Au Sable encontra o Lago Huron na região acidentada do norte do estado. Wayne e Kathy compraram uma casa na cidade para que os meninos pudessem crescer com civis. Oscoda era dominado pela base da força aérea; população 1.061 e caindo. O trabalho

para adultos era escasso, mas oferecia um mundo de aventura para os meninos.

A casa dos Harris ficava perto da orla da Floresta Nacional Huron. Parecia vasto, vazio e antigo aos olhos jovens de Eric. O ar estava espesso com o cheiro de pinheiros brancos mofados. Este era o território dos primeiros lenhadores. O estado proclamou que era a casa de Paul Bunyan, e o Monumento do Lenhador havia sido erguido em bronze nas proximidades. Eric, Kevin e sua amiga Sonia passavam tardes caçando tropas inimigas e resistindo a invasões alienígenas. Eles construíram um pequeno forte na árvore com gravetos e galhos para usar como acampamento base.

"Fogo!" Eric gritou em uma de suas encenações. Os três jovens heróis dispararam tiros de metralhadora com suas armas de brinquedo. Sonia sempre foi destemida - ela atacaria direto no fogo imaginário do rifle. Kevin gritou por apoio aéreo; Eric jogou uma granada nas árvores. Os três defensores se abrigaram e sentiram a terra estremecer com a convulsão. Eric atirou outra granada, e outra e outra, derrubando onda após onda de tropas inimigas. Eric sempre foi o protagonista quando relembrou aqueles dias no ensino médio. Sempre o mocinho também.

Quando ele tinha onze anos, a id Software lançou o videogame Doom, e Eric encontrou o playground virtual perfeito para explorar suas fantasias. Seus adversários tinham rostos, corpos e identidades agora. Eles fizeram sons e lutaram de volta. Eric podia medir suas habilidades e manter a pontuação. Ele poderia vencer quase todos que conhecia. Na Internet, ele poderia triunfar sobre milhares de estranhos que nunca conhecera. Ele quase sempre ganhava, até mais tarde, quando conheceu Dylan. Eles foram uma partida equilibrada.

Em 1993, Wayne se aposentou. A família mudou-se novamente, desta vez para o Colorado, e se estabeleceu definitivamente em Jeffco. Eric entrou na sétima série e Kevin começou em Columbine. Wayne acabou aceitando um emprego em uma empresa de defesa que criava simuladores de voo eletrônicos. Kathy começou a trabalhar meio período em uma empresa de catering.

Três anos depois, os Harris mudaram para uma casa de US$ 180.000 em um bairro mais agradável ao norte do belo Chatfield Reservoir e três quilômetros ao sul da Columbine High School. Kevin jogou como tight end e foi o kicker dos Rebels antes de ir para a Universidade do Colorado. A cor gradualmente sumiu do cabelo ralo do major Harris. Ele deixou crescer um bigode branco e grosso, ganhou alguns quilos, mas manteve seu porte militar.

___

Eric adorava uma boa explosão, mas valorizava sua própria tranquilidade. As viagens de pesca com o pai eram as melhores. Ele capturou a serenidade em um ensaio vívido chamado "Just a Day". Na noite anterior, ele teve que ir para a cama cedo, o que normalmente provocaria "uma enxurrada de discussões e biquinhos", mas nessas ocasiões ele não se importava. Ele

acordava com céus negros e ricos vapores de café moído flutuando até seu quarto. Eric não gostava de beber a coisa, mas não se cansava do cheiro. "Meu irmão já estaria acordado", continuou ele, "tentando impressionar nosso pai, forçando o café que ele ainda não tinha gostado. Eu sempre me lembro de meu irmão tentando impressionar todo mundo, e eu pensando que perda de tempo isso seria."

Eric corria para a garagem para juntar seu equipamento e ajudar a colocar o cooler na parte de trás da picape Ram de 73 deles. Então eles foram para as colinas. "As montanhas sempre foram pacíficas, um certo halcyon hibernando entre os altos picos e os exércitos de pinheiros. Parecia naquela época que, quando o mundo mudasse, essas montanhas nunca se moveriam", escreveu ele. Eles iam de carro até um lago de montanha no deserto, quase deserto, exceto por "alguns repulsivos buracos suburbanos. Eles sempre pareciam arruinar a serenidade do lago".

Eric adorava a água. Apenas parado na margem e olhando para ela: as ondas dançando ao redor da superfície em padrões peculiares, sendo apanhadas de repente por uma explosão de corrente, formando formas inesperadas e desaparecendo novamente – que gloriosa fuga. Quando seu olho pegava algo interessante, Eric lançava nele, presumindo que o peixe poderia ter sido atraído por ele também.

Então acabou. De volta à sociedade de merda, povoada por autômatos densos demais para compreender o que estava lá fora. "Sem arrependimentos, no entanto", concluiu. "A natureza compartilhou a serenidade secreta com alguém que era realmente observador o suficiente para notar. É péssimo para todos os outros."

22. Correr para o Fechamento

A cura começa, anunciou o *Denver Post na manhã de quinta* - feira. A manchete ocupava toda a largura da página 1 trinta e seis horas após o ataque. Ministros, psiquiatras e conselheiros de luto se encolheram. Foi uma avaliação insanamente prematura. O jornal estava tentando ser útil, mas sua pressa para o fechamento não foi bem recebida por Jeffco. A cada semana que passava, mais membros da comunidade reclamavam que era hora de seguir em frente. Os sobreviventes tinham outras ideias.

Os corpos foram finalmente devolvidos às famílias das vítimas na quinta-feira. A maioria dos pais estava desesperada para saber como seu filho havia morrido. Havia muitas testemunhas, mas algumas ficaram tentadas a inflar seus relatos, e as versões mais dramáticas de suas histórias tendiam a viajar.

Uma versão heróica da morte de Danny Rohrbough rapidamente ganhou popularidade e foi amplamente divulgada na mídia. "[Ele] manteve a porta da escola aberta para deixar os outros escaparem e deu sua vida por seus amigos", relatou o *Rocky Mountain News* .

"Sabe, ele pode ter sobrevivido", diria o pastor dos Rohrboughs aos 1.500 enlutados no funeral de Danny. "Ele escolheu ficar lá e segurar a porta para os outros, para que eles pudessem sair antes dele e chegar em segurança. Eles conseguiram e Danny não."

A história foi posteriormente refutada. O pai de Danny, Brian, disse que nunca acreditou. "Eu sei que Dan e seus amigos não estariam lá se pensassem que estavam em perigo", disse ele. Brian ficou irritado com a vontade de aproveitar a história para tornar a morte de Danny mais trágica ou significativa. Foi trágico o suficiente, disse ele.

———

Cem estudantes em Clement Park se juntaram em um pulsante mosh de oração adolescente. Eles ficaram na ponta dos pés, alcançaram os céus e apertaram os braços juntos em um campanário humano em massa. O clima era arrebatador, os rostos serenos. Eles cantavam hinos doces, balançavam como um só corpo, e clamavam a Jesus para puxá-los até o fim. Deram o nome de O Inimigo. "Sentimos a presença de Satanás operando em nosso meio!" uma jovem declarou.

A escola organizou uma segunda reunião oficial para os alunos na tarde de quinta-feira. As megaigrejas estavam entre as únicas estruturas na área grandes o suficiente para acomodar uma multidão tão grande, então a reunião foi realizada na West Bowles Community Church. Esta sessão deveria ser informal, apenas um local designado para os alunos que queriam se encontrar em um só lugar. O Sr. D não estava planejando falar, até que um conselheiro interrompeu sua reunião com os professores no corredor. "Frank, eles precisam de você", disse ele. "Você precisa ir lá fora."

Frank caminhou pelo corredor até a nave da igreja, pensando no que dizer. E novamente ele enfrentou o dilema de como agir ao microfone. Vários de seus amigos e funcionários também o haviam avisado para não

chorar novamente. "Deus, você vai estar na mídia nacional", disseram eles. "Você não pode mostrar isso, é um sinal de fraqueza." Ele se safou uma vez, mas a mídia o crucificaria se descobrissem que ele estava cedendo.

Os especialistas em trauma discordaram. Esses garotos foram criados em uma mentalidade ocidental, eles argumentaram: homens de verdade se defendem sozinhos; as lágrimas são para os fracos; terapia é uma piada. "Frank, você é a chave", aconselhou-o um conselheiro. "Você é uma pessoa emocional, você precisa mostrar essas emoções. Se você tentar manter suas emoções dentro de si, você vai definir a imagem para outras pessoas." Os meninos, em particular, estariam olhando para ele, sentiu DeAngelis. Eles já estavam perigosamente engarrafados. "Frank, eles precisam saber que não há problema em mostrar emoção", disse o conselheiro. "Dê-lhes essa permissão."

Os alunos aguardavam sua aparição e, quando ele entrou, começaram a entoar o grito de guerra da escola, que ele ouvira pela última vez na assembléia antes do baile: "Somos COL-um- *BINE!* Somos COL-um- *BINE ! !* " Cada vez eles gritavam mais alto, com confiança e agressivamente. O Sr. D não tinha percebido até ouvi-los que ele estava desejando tirar força deles também. Ele pensou que estava lá apenas para fornecê-lo. "Eu não poderia fingir", disse ele mais tarde. "Eu entrei no palco e vi aquelas crianças torcendo e as lágrimas começaram a cair."

Desta vez, ele decidiu abordar as lágrimas. "Pessoal, confiem em mim, agora não é hora de mostrar sua masculinidade", disse ele. "Emoção é emoção, e mantê-la dentro não significa que você é forte."

Essa foi a última vez que o Sr. D se preocupou em chorar em público.

___

A grande questão da escola era como terminar o ano. Essas crianças precisavam voltar a ficar juntas rapidamente. Mas os policiais não abririam o prédio por meses. A administração decidiu reiniciar as aulas uma semana depois na Chatfield High School, a tradicional rival de Columbine. Columbine assumiria a escola de manhã e Chatfield retomaria o uso à tarde. As aulas seriam encurtadas para ambos os grupos até o final do ano letivo.

A solução a longo prazo era mais complicada. Algumas pessoas sugeriram que o prédio fosse demolido; alguns pais insistiam que seus filhos nunca mais pisariam naquela cena do crime. Mas outros apontaram que o golpe psicológico de perder completamente o ensino médio seria muito pior. O *Rocky Mountain News* liderou sua edição de quinta-feira com uma carta da editora afirmando: "Se alunos, professores e pais sentirem que não há como retornar às salas de aula de Columbine, o Denver *Rocky* liderará a cobrança para arrecadar fundos para construir uma nova escola e instamos os legisladores a ajudar. Se eles decidirem que não querem ser expulsos de sua escola, apoiaremos a comunidade na reconstrução do campus."

___

O reverendo Bill Oudemolen começou a preparar dois funerais. John Tomlin e Lauren Townsend eram membros fiéis da Igreja Bíblica de Foothills. O

pastor caminhou pelo Clement Park e cheirou o ar. Satanás. O pastor podia sentir o cheiro dele flutuando pelo parque. Era um odor acre – se fosse um pouco mais forte, poderia ter queimado os pelos do nariz. O Inimigo havia se espalhado com essa loucura na terça-feira, mas a verdadeira batalha só agora estava em andamento.

"Sinto o cheiro da presença de Satanás", trovejou o reverendo Oudemolen do púlpito na manhã de domingo. "O que vimos na terça-feira veio do escritório doméstico de Satanás. Satanás tinha um plano. Satanás quer que vivamos com medo em Littleton. Ele quer que vejamos casacos pretos ou pessoas em trajes e maquiagem góticos e aqui está o que ele quer que sintamos: *Veja como Satanás é poderoso e assustador!* "

Ele assistiu a um especial da ABC examinando as consequências em West Paducah, Kentucky, treze meses após o tiroteio na escola. West Paducah ainda estava cheio de hostilidade, Oudemolen disse à sua congregação. "Eu sei como Satanás quer que Littleton se pareça em treze meses", disse ele. "Ele quer que fiquemos com raiva. Satanás quer que fiquemos bem aqui, com uma dor incontrolável. Ele quer que o mal seja retribuído pelo mal. Ele quer que o ódio seja retribuído pelo ódio. Satanás tem planos para Littleton."

O pastor de Cassie Bernall, George Kirsten, acusou o mesmo culpado. Isso era muito mais do que dois meninos com armas ou até bombas, em seus olhos. Esta era uma guerra espiritual. O Inimigo havia tomado o campo de batalha em plena luz do dia em Jeffco, e o reverendo George Kirsten estava ansioso para ver Cristo reaparecer para feri-lo. Quando Kirsten se dirigiu à sua congregação na Igreja da Comunidade West Bowles, ele comparou Cassie aos mártires clamando a Deus no início do Apocalipse no livro do Apocalipse: "Quanto tempo? Quanto tempo levará até que meu sangue seja vingado?" ele chorou.

É uma cena crucial que o reverendo Kirsten estava invocando. Imediatamente após o aparecimento dos quatro cavaleiros, o quinto selo é quebrado e todos os mártires cristãos desde o início dos tempos aparecem sob o altar, pedindo que o sangue inimigo seja derramado em troca. Pouco depois, todos os verdadeiros crentes são arrebatados e o Apocalipse começa.

O reverendo Kirsten estava ensinando Apocalipse – um capítulo por semana – para seu grupo de estudo bíblico em West Bowles. Ele acreditava, como eles, que os grandes sinais do Apocalipse já estavam em andamento e o momento poderia estar próximo.

___

O reverendo Don Marxhausen discordou de todos os riffs sobre Satanás. Ele viu dois meninos com ódio em seus corações e armas de assalto em suas mãos. Ele viu uma sociedade que precisava descobrir como e por quê – rápido. Culpar Satanás era apenas deixá-los livres, ele sentiu, e assumir nossa responsabilidade de investigar. A fantasia do "fim dos dias" era ainda mais irritante.

Marxhausen conseguiu alcançar as crianças na assembléia Luz do Mundo. Ele liderou a grande congregação luterana perto de Columbine, e por anos ele liderou um conselho de clérigos protestantes de linha principal - *principal* sendo o termo comum para as denominações grandes e moderadas, como presbiterianos, episcopais, metodistas e batistas fora da Igreja Batista do Sul. Convenção. Marxhausen tinha apenas quarenta e cinco anos, mas era amplamente considerado o velho sábio dos subúrbios ocidentais. Os Mainliners eram superados em número pelos evangélicos, e provavelmente até pelos católicos, em Jeffco, mas eles mantinham uma forte presença, e a igreja de mil lugares de Marxhausen estava lotada todos os domingos.

A maioria dos líderes e os católicos eram avessos a atribuir a tragédia de Columbine a Satanás, mas estavam determinados a não brigar por isso. Os ministros locais concordaram muito rapidamente que precisavam se unir e deixar de lado as brigas entre facções.

Barb Lotze enfrentou seu primeiro teste apenas vinte e quatro horas após o massacre. Ela organizou um grande culto de oração para quarta-feira à noite na Igreja Católica Light of the World, onde serviu como pastora de jovens. Estudantes de todas as religiões foram convidados, e todos os bancos estavam lotados. Ela queria fazer com que todos se sentissem bem-vindos.

No meio do culto, um jovem ministro animado de uma igreja evangélica se aproximou de Lotze para fazer um "chamado de altar" - a prática em que crentes novos ou renovados são convocados para nascer de novo. Era um ritual decididamente não católico, e parecia um momento inadequado, mas Lotze estava determinado a estabelecer algum tipo de reciprocidade com as igrejas evangélicas.

Ela concordou com relutância.

O jovem pastor correu para o microfone e proclamou o poder de Jesus. Quem estava pronto para aceitar Jesus Cristo como seu próprio salvador pessoal? ele chorou.

Ninguém se mexeu. Ele ficou surpreso.

"Ninguém?" ele perguntou.

Sentou-se e o público seguiu em frente. "Eles só querem ser abraçados", disse Lotze. "Eles querem ser amados, informados de que vamos superar isso juntos."

___

As crianças continuavam entrando nas igrejas. O que começou na noite de terça-feira como um meio de escapar de seus pais e se encontrar rapidamente se tornou um hábito. Noite após noite, eles voltavam às igrejas em grande número - crianças que não viam um altar há anos. Para alguns, foi uma escolha consciente olhar para Deus em desespero, mas a maioria disse que era apenas um lugar para ir.

As igrejas organizavam cultos informais à noite. Durante o dia, eles apenas abriam as portas e davam às crianças o controle do lugar. Um punhado viu uma oportunidade de recrutamento. Qualquer um que

dirigisse até Clement Park e ficasse algumas horas encontraria vários panfletos empilhados sob as palhetas: " ESTAMOS AQUI PARA ESCUTÁ-LO E AJUDÁ-LO ", "Se precisar: oração, aconselhamento, refeições preparadas..." " BISCOITOS QUENTES DE CAFÉ DE CHOCOLATE, VENHA SE AQUECER NA CAPELA DO CALVARY ." Caixas de Bíblias de bolso foram transportadas para o parque e distribuídas aos transeuntes. Os cientologistas distribuíram folhetos do *Caminho para a Felicidade* aos enlutados que passavam pelo carro de Rachel Scott – ainda abandonado no estacionamento onde ela o havia deixado.

___

Eventualmente, os investigadores escoltariam dezenas de testemunhas de volta à escola para ajudar a recriar o ataque. O Sr. D foi o primeiro. Alguns dias depois do massacre, os detetives o levaram pelo corredor principal. O Dr. Fuselier estava com eles. Eles passaram pelos restos da estante de troféus e DeAngelis descreveu-a explodindo atrás dele. Eles seguiram pelo corredor e ele indicou onde havia interceptado a aula de ginástica feminina.

Ele recriou tudo: os gritos, os berros, o cheiro acre da fumaça. Nada disso perturbou Frank DeAngelis. Ele estava chorando a essa altura, tão estóico quanto os garotos que esperava abrir.

Eles viraram a esquina e Frank viu manchas de sangue no tapete. Ele sabia que Dave Sanders tinha ido para lá. Ele não tinha previsto as manchas. "Você podia ver as marcas dos dedos", disse ele. "Na verdade, ele estava de quatro e havia as marcas de seus dedos - ele estava lutando. Isso me rasgou."

Um rastro de sangue traçou o caminho de Dave virando a esquina e descendo o corredor. Detetives levaram Frank DeAngelis para a Sala de Ciências 3. Nada havia sido perturbado.

"Eles me levaram para onde Dave morreu", lembrou Frank. "E havia moletons cheios de sangue. Isso mexeu comigo." Na sala de ciências, Frank desmoronou novamente. Ele se virou para Fuselier. "Fiquei feliz por ele estar aqui", disse DeAngelis mais tarde. "A maioria dos caras do FBI não teria feito nada. Dwayne me deu um abraço."

___

Além das testemunhas, a melhor esperança de desvendar o caso parecia estar nas evidências físicas: as armas, em primeiro lugar. Dylan era menor; Eric tinha acabado de fazer dezoito anos. Eles provavelmente conseguiram ajuda para prender as armas. Quem quer que aparecesse no front-end dessas aquisições provavelmente seria o co-conspirador número um.

Os investigadores trabalharam em trilhas paralelas para caçá-los. Os agentes da ATF adotaram o ângulo técnico: eles criaram uma vida útil sólida nas semiautomáticas. A carabina de Eric tinha menos de um ano; fora vendido originalmente em Selma, Alabama, e chegara a uma loja de armas em Longmont, Colorado, a menos de uma hora de Denver. Eles rastrearam o TEC-9 de Dylan através de quatro proprietários diferentes entre 1997 e 1998, mas depois os registros desapareceram. O terceiro proprietário disse que o vendeu no Tanner Gun Show, mas não foi obrigado a manter registros de vendas naquele momento. As espingardas eram um

problema maior. Eles tinham três décadas, antes que os números de série fossem necessários. Eles eram impossíveis de rastrear.

O esquadrão antibombas desmontou e estudou as grandes bombas. A peça central da performance de Eric foi uma bagunça completa. "Eles não entenderam as reações explosivas", disse o vice-marechal dos bombeiros. "Eles não entendiam circuitos elétricos."

Os funcionários se recusaram a ser mais específicos, argumentando que não queriam dar dicas aos copiadores. O vice-marechal resumiu o erro principal como "fusão defeituosa".

Os detetives estavam tendo mais sorte trabalhando com os suspeitos. Chris Morris tinha implicado Phil Duran no primeiro dia. Se eles pudessem acreditar em Morris, isso poderia explicar várias armas, possivelmente todas as quatro. Duran estava se fazendo de inocente, mas eles sabiam que poderiam derrubá-lo. E então eles ouviram de Robyn Anderson.

Descarregar seu segredo para Kelli na noite de terça-feira não apaziguou a consciência de Robyn. Quarta-feira de manhã, ela ligou para Zack novamente. Desta vez, ela disse a ele. E ela lhe contou outra pequena mentira - que ele era o único que sabia. Então ela contou para sua mãe.

___

A mãe de Robyn a trouxe para a escola. Jeffco montou sua Força-Tarefa Columbine dentro da cena do crime, com sede na sala da banda. Os detetives entrevistaram Robyn, com sua mãe ao seu lado. Dois detetives trocaram interrogatórios - um do escritório do promotor, um da força policial de um subúrbio próximo. Eles filmaram a sessão. E eles foram duros. A primeira vez que perguntaram sobre as armas, Robyn "recuou visivelmente", de acordo com a sinopse da fita de vídeo do detetive. E ela olhou para sua mãe em busca de apoio. Ela comprou as armas? eles perguntaram. *Não, ela não. Ela foi ao show com eles, mas eles compraram as armas* . Por que eles os queriam? *Dylan morava no campo, então ela assumiu que eles queriam caçar. Não, eles nunca falaram sobre caçar pessoas, nem mesmo como uma brincadeira.*

Os detetives perguntaram a ela sobre o baile, a Trench Coat Mafia, as personalidades dos assassinos e depois voltaram para as armas. Era um traficante privado, disse ela. Os meninos pagaram em dinheiro. Eles não tentaram barganhar, apenas pagaram o preço pedido - algo em torno de US$ 250 a US$ 300 cada. Ninguém assinou nada, e ela nunca mostrou uma identidade. As espingardas tinham canos muito compridos, mas o traficante disse que podiam cortá-las.

Os detetives começaram a pressioná-la com mais força: Dylan e Eric realmente não pareciam caçadores, pareciam? *Dylan morava nas montanhas, havia veados por toda parte. E o pai dela tinha uma arma – ele nunca a usou, mas ele tinha uma. Muitas pessoas têm coleções de armas. Eric e Dylan gostavam desse tipo de coisa – por que eles não iriam querer um?* Ela realmente perguntou aos meninos se eles iriam fazer alguma coisa estúpida com as armas, ela disse. Eles garantiram a ela que nunca machucariam ninguém.

Eric e Dylan lhe disseram para manter as armas em segredo? os detetives perguntaram. *sim.* E isso não levantou suas suspeitas? *Eles eram menores de idade. Era ilegal. Eles tiveram que esconder isso de seus pais.* E onde os esconderam? *Ela não sabia sobre Eric. Dylan o deixou primeiro, e Eric colocou suas armas no porta-malas de seu Honda. Ela assumiu que ele os escondeu na casa mais tarde. Dylan tentou esconder o dele na gaveta de baixo da cômoda, mas era grande demais. Ele o enfiou no armário, mas disse a ela mais tarde que cortou o barril e o fez caber na gaveta* .

E isso não despertou suas suspeitas? *Não, porque o traficante de armas já havia sugerido* .

Robyn disse que nunca mais viu as armas. Os detetives seguiram em frente. Eles perguntaram sobre uma ampla gama de assuntos; eventualmente, eles chegaram aos explosivos. Ela viu algum, ela ajudou a fazer algum, algum dos amigos de Eric e Dylan os ajudou? *Não, não, e... talvez Zack Heckler* . Zack? Por que Zack? *Zack disse a ela que sabia mais sobre o que estava acontecendo* . Ela contou a eles sobre a ligação com Zack, sobre sua admissão de que sabia sobre as bombas caseiras.

Que estranho, disseram os detetives - Eric e Dylan iam jogar boliche com ela todas as semanas, Dylan ligava para ela todas as noites, eles confidenciavam a ela sobre as armas e, no entanto, nunca diziam uma palavra sobre as bombas caseiras. *Eles não devem ter querido que eu soubesse* . Vamos! disseram os detetives. Você está mentindo! Repetidamente, eles zombavam dela sobre a disparidade - os meninos contaram a Zack sobre as bombas caseiras, mas nunca contaram a ela? *Não, não, nunca. Era assim que eles eram. Quando eles queriam que você soubesse alguma coisa, você sabia. Quando eles queriam você no escuro, você ficava lá. Eles poderiam ficar muito isolados sobre isso, muito isolados.*

Eles continuaram com ela. *As armas foram um incidente isolado,* disse ela. *E Zack – ele também não sabia muito. Ele sabia que eles estavam fazendo bombas, mas não tinha ideia do que eles estavam fazendo.*

O interrogatório durou quatro horas. Robyn se manteve firme.

___

Os esquadrões antibombas passaram pela escola várias vezes e encontraram quase uma centena de bombas de tamanhos e composições variados – a maioria explodiu, outras não. A maioria eram bombas caseiras ou grilos, mas um no refeitório se destacou: um grande tanque de propano branco, de pé, com quase sessenta centímetros de altura. Estava preso a uma lata de gasolina de um galão. A parte mais sinistra era o despertador. Também havia restos de uma mochila laranja, a maior parte queimada. Os carros-bomba também foram descobertos, com mais fiação defeituosa. A bomba de desvio no campo era perturbadora por outro motivo. Ele explodiu logo após ser movido, sugerindo armadilhas. Fios de viagem podem estar em qualquer lugar.

O FBI forneceu um grupo de especialistas em cenas de crime para auxiliar no esforço maciço de documentar as evidências. Às 8h15 da manhã de quinta-feira, a equipe vasculhou os escombros do refeitório. Centenas de

mochilas, lancheiras e refeições pela metade foram abandonadas, muitas delas derrubadas, chamuscadas pelo fogo ou espalhadas por explosões, e tudo ficou encharcado pelo sistema de irrigação, que funcionou por horas. Os pagers silenciosos enterrados dentro das mochilas apitavam metodicamente, alertando as crianças para que telefonassem para casa.

Enquanto caminhavam, um agente avistou uma mochila azul a três metros da sacola laranja queimada com a grande bomba. Era protuberante e dimensionado para caber na mesma engenhoca. Eles se aproximaram. Um dos agentes pressionou lentamente o topo. Difícil. Provavelmente outro tanque. Eles chamaram ajuda: dois policiais e um técnico de bombas do FBI. Um dos policiais era Mike Guerra, o mesmo homem que havia investigado Eric Harris um ano antes. Ele abriu o saco. Eles podiam ver a extremidade de um tanque de propano e um despertador que combinava com o outro. Ainda havia bombas ativas aqui. Quantos mais? Eles fecharam a área imediatamente.

Se as bombas de propano tivessem detonado, teriam incinerado a maioria ou todos os habitantes das áreas comuns. Eles teriam matado quinhentas pessoas nos primeiros segundos. Quatro vezes o pedágio em Oklahoma City. Mais do que os dez piores ataques terroristas domésticos da história dos EUA juntos.

Para os investigadores, as grandes bombas mudaram tudo: a escala, o método e o motivo do ataque. Acima de tudo, tinha sido indiscriminado. Todo mundo deveria morrer. Columbine foi fundamentalmente diferente dos outros tiroteios em escolas. Na verdade, não tinha a intenção de ser um tiroteio. Principalmente, foi um bombardeio que falhou.

Nesse mesmo dia, as autoridades anunciaram a descoberta das grandes bombas e seu poder destrutivo. Instigou uma nova onda de choque da mídia. Mas, curiosamente, os jornalistas não conseguiram entender as implicações. Os detetives abandonaram a teoria da mira imediatamente. Tinha sido esboçado para começar, e agora estava completamente refutado. A mídia nunca se livrou disso. Eles viram o que aconteceu em Columbine como um tiroteio e os assassinos como párias visando atletas. Eles filtraram cada novo desenvolvimento através dessa lente.

23. Garoto Superdotado

D ylan Bennet Klebold nasceu brilhante. Ele começou a escola um ano mais cedo e, na terceira série, foi matriculado no programa CHIPS: Desafiando Estudantes de Alto Potencial Intelectual. Mesmo entre os cérebros, Dylan se destacou como um prodígio da matemática. O início precoce não o impediu intelectualmente, mas aumentou ainda mais sua timidez.

Os idealistas Klebolds batizaram seus dois filhos em homenagem a Dylan Thomas e Lord Byron. Tom e Sue se conheceram na Ohio State University, estudando arte, Tom em escultura. Eles se mudaram para Wisconsin e obtiveram um mestrado mais prático: Tom em geofísica, Sue em educação, como especialista em leitura. Tom aceitou um emprego no setor de petróleo e mudou a família para Jeffco, antes que o complexo metropolitano de Denver se estendesse para alcançá-los.

Dylan nasceu lá, cinco meses depois de Eric, em 11 de setembro de 1981. Ambos cresceram como meninos de cidade pequena. Dylan ganhou medalhas de mérito nos escoteiros e ganhou um concurso Pinewood Derby. O esporte sempre foi grande. Ele era um competidor determinado, odiava perder. Quando ele arremessava na Little League, ele gostava tanto de cheirar os rebatedores que eles jogavam seus bastões. Ele idolatraria os jogadores da liga principal até o dia em que morreu.

A casa Klebold era organizada e intelectual. Sue Klebold era uma defensora da limpeza, mas Dylan gostava de se sujar. Uma vizinha - a mulher que lutaria tanto para impedir Eric antes do massacre - alimentou o apetite inicial de Dylan por Huck Finn. Judy Brown era a mãe do bairro, servindo guloseimas, hospedando festas do pijama e reunindo os meninos para pequenas aventuras. Dylan conheceu seu filho Brooks no programa de talentos. Brooks tinha um rosto comprido, em forma de ovo, como o de Dylan, estreitando na mandíbula. Mas onde os olhos de Dylan estavam animados, os de Brooks estavam caídos, deixando uma expressão eternamente cansada e preocupada. Ambos os meninos cresceram mais rápido do que seus colegas de classe - Brooks acabaria chegando a seis e cinco. Eles passavam a tarde toda na casa dos Browns, mastigando Oreos no sofá, pedindo outro a Judy educadamente. Dylan era dolorosamente tímido com estranhos, mas ele corria, se jogava no colo dela e se aconchegava lá. Ele não poderia ser mais adorável, até que você tropeçou em seu ego frágil. Não demorou muito.

Judy o viu pela primeira vez quando ele tinha oito ou nove anos. Eles foram até o leito de um riacho para uma aventura típica. Sue Klebold apareceu – horrorizada com toda a lama, mas aguentando-a para se relacionar com seu filho. Oficialmente, era uma caça ao lagostim, mas eles estavam sempre à procura de rãs ou girinos ou qualquer coisa que pudesse passar. Sue se preocupava com as bactérias, intimidando os meninos a se comportarem e se manterem limpos.

Eles trouxeram um grande balde para transportar os lagostins para casa, mas voltaram pela encosta sem nada para mostrar. Então um dos meninos saiu do riacho com uma sanguessuga presa à perna. As crianças todas

deliraram. Eles jogaram a sanguessuga na jarra de sapo – uma garrafa de maionese com furos na tampa – e a observaram sem parar. Eles fizeram um piquenique e depois correram de volta para mais diversão no riacho. A água tinha apenas trinta centímetros de profundidade, mas turva demais para eles verem o fundo. Os tênis de Dylan se espremeram na lama. Todos os garotos estavam escorregando, mas Dylan teve um deslize ainda mais desagradável. Ele girou os braços freneticamente para se segurar, perdeu a batalha e bateu na bunda. Seus shorts ficaram instantaneamente encharcados; a água negra e úmida salpicou sua camiseta limpa. Brooks e seu irmão, Aaron, uivaram; Dylan ficou balístico.

"Pare!" ele gritou. " Pare de rir de mim! Pare *!*

A risada terminou abruptamente. Brooks e Aaron ficaram um pouco alarmados. Eles nunca tinham visto uma criança surtar assim. Judy correu para confortar Dylan, mas ele estava inconsolável. Todo mundo estava em silêncio agora, mas Dylan continuava gritando para eles pararem.

Sue o agarrou pelo pulso e o levou embora. Levou vários minutos para acalmá-lo.

Sue Klebold já esperava as explosões. Com o tempo, Judy também.

"Eu via Dylan ficar frustrado consigo mesmo e enlouquecer", disse ela. Ficaria dócil por dias ou meses, depois a dor transbordaria e alguma pequena transgressão o humilharia. Judy imaginou que ele iria superar isso, mas ele nunca o fez.

Os detetives reuniram retratos dos assassinos que pareciam enlouquecedoramente semelhantes e baunilha: filhos mais novos de famílias confortáveis, com dois pais, dois filhos e tranquilas de cidade pequena. Os Klebolds tinham mais dinheiro; os Harris eram mais móveis. Cada menino cresceu à sombra de um único irmão mais velho: um irmão maior, mais alto e mais forte. Eric e Dylan acabariam compartilhando os mesmos hobbies, aulas, trabalho, amigos, escolhas de roupas e clubes. Mas eles tinham vidas interiores notavelmente diferentes. Dylan sempre se viu como inferior. A raiva e o ódio viajaram para dentro. "Ele estava descontando em si mesmo", disse Judy Brown.

___

A mãe de Dylan era judia. Sue Klebold nasceu Sue Yassenoff, parte de uma proeminente família judia em Columbus. Seu avô paterno, Leo Yassenoff, era um filantropo e um magnata local. O Centro Comunitário Judaico Leo Yassenoff da cidade foi estabelecido pela fundação que ele financiou. Colegas de classe disseram que Dylan nunca compartilhou o fascínio de Eric por Hitler, nazistas ou Alemanha, e alguns sugeriram que isso o incomodava. Tom era luterano e a família praticava um pouco de cada religião. Eles celebraram a Páscoa e a Páscoa, com um Seder tradicional. A maior parte do ano permaneceram silenciosamente espirituais, sem muita religião organizada.

Em meados da década de 1990, eles deram uma facada em uma igreja tradicional. Eles se juntaram à paróquia de St. Philip Lutheran Church; os meninos foram aos cultos junto com os pais. Seu pastor, o reverendo Don

Marxhausen, os descreveu como "trabalhadores, muito inteligentes, do tipo dos anos sessenta. Eles não acreditam em violência ou armas ou racismo e certamente não são anti-semitas". Eles gostavam de Marxhausen, mas o culto formal na igreja não era uma boa opção para eles. Eles compareceram por um breve período e depois se afastaram.

Sue passou sua carreira no ensino superior. Ela começou como tutora, depois assistente de laboratório e, finalmente, trabalhou com alunos com deficiência. Em 1997, ela deixou uma faculdade comunitária local para um cargo no Colorado Community College System. Ela coordenou um programa lá para ajudar estudantes vocacionais/de reabilitação a conseguir emprego e treinamento.

Tom se saiu razoavelmente bem no negócio de petróleo, mas melhor na reforma e aluguel de apartamentos. Ele foi ótimo com reparos e reformas. Um hobby virou um negócio. Tom e Sue formaram a Fountain Real Estate Management para comprar e administrar as propriedades. Tom continuou prestando consultoria a empresas petrolíferas independentes em meio período.

Os Klebolds estavam crescendo financeiramente, mas preocupados em estragar seus filhos. A ética era central em sua casa, e os meninos precisavam aprender a se controlar. Tom e Sue estabeleceram valores apropriados para gastar com os meninos e se apegaram a eles. Em um Natal, Dylan queria um cartão de beisebol caro que teria consumido todo o seu orçamento de presentes. Sue estava dividida. Um pequeno presente além do cartão para o filho dela? Talvez ela pudesse gastar um pouco mais. Não. A austeridade também era um presente, e Dylan conseguiu o que pediu e nada mais.

Em 1990, quando o metrô de Denver invadiu Jeffco, os Klebolds recuaram para além do hogback, a primeira faixa de contrafortes de centenas de metros de altura, que do ar parecia os solavancos ao longo das costas de um porco. O hogback funciona como o litoral de Denver - parece que a civilização termina aí. As estradas são escassas; as casas são distantes e altamente exclusivas. Lojas e comércio e atividade são quase inexistentes. A família mudou-se para uma casa de vidro e cedro em Deer Creek Mesa, dentro de uma formação rochosa panorâmica, uma versão menor do Anfiteatro Red Rocks, a poucos quilômetros de distância. Tom gradualmente trouxe a casa de volta a uma forma impressionante. Dylan morava oficialmente no sertão agora - menino do interior de meio período, indo para o lado populoso todas as manhãs para a escola no subúrbio.

Na sétima série, Dylan enfrentou uma transição assustadora. Ele havia sido abrigado entre os gênios do CHIPS. Ken Caryl Middle School era cinco vezes maior e não tinha um programa de talentos. Tom descreveu Dylan cambaleando do "berço à realidade".

24. Hora da Necessidade

Marxhausen liderou uma congregação de vários milhares na Igreja Luterana de São Filipe. Muitos compareceram a Columbine. Ele passou grande parte da "crise dos reféns" em Leawood, procurando estudantes, acalmando os pais. Sua paróquia parecia ser poupada.

Ele organizou uma vigília naquela primeira noite, em St. Philip. Ele distribuiu a comunhão, uma tarefa que achou totalmente reconfortante. A interação suavemente sussurrada o acalmou como um mantra: *O corpo de Cristo... Amém... O corpo de Cristo... Amém.* ... Era uma cadência constante: seu barítono de comando suave pontuado por uma resposta breve, quase inaudível. Uma variedade vibrante de tenores e sopranos coloriu sua sinfonia, mas o ritmo permaneceu o mesmo. À medida que a fila da comunhão diminuía, uma mulher quebrou suavemente o feitiço. "O corpo de Cristo..." ele disse.

"Klebold."

Que? Isso o assustou no início, mas isso acontecia ocasionalmente: uma paroquiana se perdia em oração na lenta marcha pelo corredor, e a voz do pastor a assustava.

Reverendo Marxhausen tentou novamente: "O corpo de Cristo..."

"Klebold."

Desta vez ele reconheceu a palavra – da TV; ele havia esquecido sua breve associação com a família.

Ele olhou para cima. A mulher continuou: "Não se esqueça deles em sua hora de necessidade."

Ela aceitou o anfitrião e seguiu em frente.

Naquela noite, Marxhausen verificou os registros paroquiais. Tom e Sue Klebold e seus dois filhos, Dylan e Byron, haviam se registrado cinco anos atrás. Eles não ficaram muito tempo, mas isso não diminuiu sua responsabilidade. Se eles não conseguiram encontrar um lar espiritual, permaneceram sob seus cuidados.

Encontrou uma família próxima de Tom e Sue e mandou avisar que estava disponível.

Ligaram alguns dias depois. "Preciso da sua ajuda", disse Tom. Isso era óbvio; sua voz estava tremendo. Ele precisava de um funeral para seu filho. Que vergonha perguntar depois de uma ausência de cinco anos, mas Tom estava sem opções.

Ele também tinha uma exigência. "Tem que ser confidencial", disse ele.

Claro, disse Marxhausen – para ambos os casos. Ele conversou com Tom e depois com Sue, perguntou como eles estavam. "Eles usaram a palavra 'devastado'", ele lembrou mais tarde. "Eu não queria perguntar mais a eles."

Tom e Sue receberam o corpo na quinta-feira. O serviço foi realizado no sábado. Foi feito em silêncio, com apenas quinze pessoas, incluindo amigos, familiares e clérigos. Marxhausen trouxe outro ministro e suas duas esposas. Dylan jazia em um caixão aberto, seu rosto restaurado, nenhum sinal do ferimento na cabeça. Ele parecia pacífico. Seu rosto estava cercado por um círculo de Beanie Babies e outros bichos de pelúcia.

Quando Marxhausen chegou, Tom estava em negação, Sue estava desmoronando. Ela caiu nos braços do pastor. Marxhausen a engoliu. Seu corpo frágil estremeceu; ela chorou ali por talvez um minuto e meio - "o que é muito tempo", disse ele.

Tom simplesmente não conseguia ver seu garotinho como aquele assassino. "Este não era meu filho" é como Marxhausen parafraseou suas declarações no dia seguinte. "O que você vê nos jornais não era meu filho."

Os outros enlutados chegaram, e o constrangimento só aumentou. Uma liturgia não iria ajudá-los. Marxhausen sentiu uma terrível necessidade de abandonar seu serviço e deixá-los falar. "Você se importa se nós apenas conversarmos um pouco?" ele sugeriu. "E então vamos adorar."

Ele fechou a porta e perguntou quem queria começar.

"Havia um casal, eles simplesmente abriram seus corações", lembrou ele. "O filho deles costumava brincar com Dylan quando os meninos eram pequenos. Eles amavam Dylan."

De onde vieram as armas? perguntou Tom. Eles nunca tiveram mais do que uma arma de ar comprimido. De onde veio a violência? O que era essa coisa nazista?

E o anti-semitismo? disse Sue. Ela é judia, Dylan era meio judia, que tipo de sentido isso fazia?

Eles eram pais tão bons, disse um amigo. Dylan era um ótimo garoto. "Ele era como nosso filho!"

Eles deram voltas e voltas - menos de uma dúzia deles, mas por quarenta e cinco minutos eles derramaram angústia e confusão, e amor pelo garoto desajeitado que tinha explosões ocasionais.

O irmão de Dylan, Byron, ouvia principalmente. Ele sentou-se calmamente entre Tom e Sue e finalmente falou perto do fim. "Quero agradecer a todos por estarem aqui hoje, por meus pais e por mim", disse ele. "Eu amo meu irmão."

Então Marxhausen leu as Escrituras e ofereceu algum encorajamento silencioso. "É verdade, haverá aqueles que não conhecem a graça e vão querer dar apenas julgamento", disse ele. Mas a ajuda viria com o tempo e de maneiras surpreendentes. "Eu não tenho ideia de como você vai se curar. Mas Deus ainda quer chegar até você e sempre vai chegar até você de alguma forma."

Ele leu a história do Antigo Testamento de Absalão, filho amado do rei Davi. Absalão habilmente se agradou de seu pai, da corte e de todo o reino, mas secretamente conspirou para tomar o trono. Eventualmente, ele empurrou Israel para a guerra civil. Ele parecia pronto para derrotar seu pai, mas os generais de David prevaleceram. O rei foi informado primeiro do triunfo, depois da morte do filho. "A dor de David transformou a vitória em uma derrota, e as pessoas invadiram silenciosamente a cidade", leu Marxhausen em 2 Samuel. Davi chorou e gritou: "Ó meu filho Absalão, meu filho, meu filho Absalão! Quem dera eu tivesse morrido por ti, ó Absalão, meu filho".

___

Os Klebolds estavam com medo de enterrar Dylan. Seu túmulo seria desfigurado. Tornar-se-ia um anti-santuário. Eles cremaram seu corpo e mantiveram as cinzas na casa.

Marxhausen assumiu que a mídia ficaria sabendo do serviço. Ele perguntou a um dos advogados de Klebold como lidar com as investigações. O advogado disse: “Apenas diga a eles o que você viu aqui esta noite”.

Então ele fez. Ele disse ao *New York Times,* que apresentou a conta na primeira página. Tom e Sue foram atormentados pela dor, culpa e confusão total, ele disse: "Eles perderam o filho, mas o filho também era um assassino". Ele contou a história com amor. Ele descreveu Tom e Sue como "as pessoas mais solitárias do planeta".

Don Marxhausen deixou alguns de sua paróquia excepcionalmente orgulhosos. Esse era o pastor deles - um homem que podia encontrar compaixão em seu coração por qualquer um. Um homem capaz de consolar o casal que sem querer produzira um monstro. É por isso que eles lotaram os bancos para ouvi-lo todos os domingos.

Alguns de sua paróquia, e grande parte da comunidade, ficaram horrorizados. Sozinho? Os Klebolds eram solitários? Várias das vítimas ainda aguardavam o enterro. Os sobreviventes ainda enfrentaram a cirurgia. Levaria meses até que alguns voltassem a andar, ou falar de novo, ou descobrir que nunca o fariam. Algumas pessoas tiveram dificuldade em despertar simpatia pelos Klebolds. A solidão deles não era uma preocupação especialmente popular.

___

Wayne e Kathy Harris presumivelmente realizaram alguma cerimônia para Eric. Mas eles nunca falaram com a imprensa. A palavra nunca vazou.

25. Trio

Ninguém se lembra ao certo como Eric e Dylan se conheceram. Eric chegou à Ken Caryl Middle School na sétima série. Dylan já estava participando. Os dois garotos se encontraram lá em algum momento, mas não se conectaram imediatamente.

Ambos seguiram para Columbine High. Brooks Brown voltou a entrar no distrito escolar de lá. Sua amizade com Dylan havia caído depois que seus pais o mudaram para escolas particulares anos antes. Mas ele voltou para a escola pública no primeiro ano e conheceu Eric no ônibus. Logo todos os três estavam apertados.

Eles jogaram videogame por horas. Às vezes eles jogavam pessoalmente, mas também ficavam acordados até tarde competindo online. Eles foram aos jogos de futebol do Columbine Rebel juntos no primeiro ano. Eric era praticamente uma celebridade porque seu irmão era titular no time do colégio.

Eric, Brooks e Dylan eram três aspirantes a intelectuais. Eles se interessaram por filósofos clássicos e literatura renascentista. Todos os três garotos eram tímidos naquele momento, mas Eric começou a romper sua concha. Começou com murmúrios ocasionais. Apenas dois meses no ensino médio, ele convidou um colega de classe para o baile. Ela se lembrava dele como nervoso e quieto, em grande parte esquecível, até que ele fingiu seu suicídio alguns dias depois do baile.

"Ele pediu para um amigo me levar para a casa dele", disse ela mais tarde. "Quando eu fui lá, ele estava deitado com a cabeça em uma pedra, e havia sangue falso ao redor dele, e ele estava agindo como se estivesse morto." Não foi uma façanha original - provavelmente tirada do filme clássico dos anos 1970 *Harold and Maude* . Mas isso a estranhava. Ela se recusou a sair com ele novamente.

___

Primeiro semestre do ano de calouro, Eric entregou um poema "Eu sou". Seu autorretrato informou ao leitor cinco vezes em dezoito linhas como ele era legal. "Sou um cara legal que odeia quando as pessoas abrem um pouco a lata de refrigerante", começava o poema. Eric terminava cada estrofe com a mesma linha. Ele se descreveu voando acima de todos nós, gabou-se de seus A's diretos e demonstrou sua profundidade emocional: "Eu choro quando vejo ou ouço um cachorro morrer".

Ele manteve grande parte do trabalho que produziu no ensino médio. Aparentemente, ele estava orgulhoso disso. "Eu sonho que sou a última pessoa na terra", escreveu ele em "I Am".

Eric sempre foi um sonhador, mas gostava deles feios: sombrios e sombrios, mas chatos como o inferno. Ele viu beleza no vazio. Eric sonhava com um mundo onde nada acontecesse. Um mundo onde o resto de nós tinha sido removido.

Eric compartilhou seus sonhos em salas de bate-papo na Internet. Ele os descreveu vividamente para garotas online. Em um, ele estava suspenso

dentro de uma pequena sala úmida, como o casco interior de um navio. Telas de computador antigas, futuristas e decadentes, cobriam as paredes, cobertas de poeira, mofo e trepadeiras. A lua fornecia a única luz, gotejando vagamente pelos portais, sombras rastejando ao redor. Um vasto mar subia e descia monotonamente. Nada aconteceu. Eric ficou muito feliz.

Ele raramente encontrava humanos em suas criações – apenas o combatente ocasional para extinguir ou uma voz desencarnada para soltar um bon mot irônico. Dreamland Eric tinha nos matado. Ele inventou um mundo de texturas precisas, tons vívidos e absolutamente nenhuma recompensa para si mesmo. Quando se demorava no destino, era para deleitar-se com a banalidade da escuridão. Ele descreveu um de seus mundos de sonho para uma garota em uma sala de bate-papo.

"uau, meio sombrio", ela respondeu.

"sim. mas ainda é bom. sem pessoas. tipo, todo mundo está morto e tem sido por séculos."

Felicidade para Eric estava eliminando gente como nós.

A garota disse que poderia ir em frente, mas apenas com algumas pessoas. Eric disse que só queria um casal, e isso o levou à pergunta candente que ele adorava fazer online:

Com apenas algumas pessoas, ela repovoaria ou escolheria a extinção?

Provavelmente extinção, disse ela.

Boa resposta. Era para isso que ele estava indo. Esse foi o ponto de toda a conversa: "mmm", disse ele. "Eu só gostaria de poder realmente FAZER isso em vez de apenas SONHAR com isso."

Fantasias de extinção surgiam regularmente e obcecariam Eric em seus últimos anos. Mas em seus bate-papos online, nunca houve a sensação de que ele pretendia fazer a ação. Ele tinha sonhos ousados para o mundo, mas ideias mais modestas sobre si mesmo. E ele estava bastante convencido de que todos nós cuidaríamos de destruir o planeta sem sua ajuda de qualquer maneira.

___

Zack Heckler teve uma aula com Dylan no primeiro ano - foi tudo o que precisou. Finalmente, alguém o entendeu. Brooks e Eric eram divertidos de se conviver, mas eles nunca entenderam Dylan. Não do jeito que Kibbie fazia. Zack não ligava para esse apelido, mas pegou. Ele era um lanche insaciável, então as crianças o chamavam de "Kibble". Excelente. Apelidos podem ser uma vadia – quase impossível de se livrar de uma vadia. Então Zack foi esperto sobre isso. Ele parou de lutar contra a marca e a adaptou. Kibble, KiBBz, Lord Kibbz - o último não era nada mau.

O professor de Zack e Dylan deu a eles muito tempo de estudo grátis. Eric saía da sala ao lado. No começo, ele veio conversar com Dylan, mas logo os três começaram a brigar. Eles jogaram Doom, jogaram boliche, fizeram festas do pijama, foram a jogos de bola e corridas de arrancada no Bandimere Speedway. Eles zombavam de crianças burras e adultos ignorantes. Os analfabetos de computador eram os piores, especialmente quando algum idiota os colocava na frente de uma classe. Os meninos

assistiram a uma tonelada de filmes: muita ação e horror e fantasia científica. Eles cruzaram o shopping para pegar garotas. Eric falou. Zack e Dylan ficaram para trás e seguiram sua liderança.

Dylan se juntou ao grupo de teatro. Ele era muito tímido para o palco, mas trabalhava luzes e som. Eric não tinha interesse nisso. Eles se aproximaram de Nate Dykeman e Chris Morris também. Principalmente eles ficavam no Dylan's. "Os pais dele foram tão legais comigo", disse Nate. "Ou eles compravam rosquinhas para mim ou faziam crepes ou omeletes." Dylan também cuidou de seus hóspedes, preocupado se eles estavam se divertindo.

Na casa de Eric, era totalmente rigoroso quando o major chegava em casa, mas até então Eric tinha rédea solta no porão, onde ele tinha montado seu quarto. Eles receberam garotas e mostraram como pregavam grilos de jardim com a arma de ar comprimido.

Amizades vieram e se foram, mas o vínculo entre Zack e Dylan ficou mais forte. Eles eram sarcásticos, inteligentes e fervilhando de raiva adolescente, mas muito tímidos para demonstrar isso.

Dylan e Zack precisavam de Eric. Alguém tinha que falar. Eric precisava de uma audiência; ele também ansiava por excitação. Ele era frio e distante, difícil de chacoalhar. Nada parecia perturbá-lo. Dylan era um fusível apagado. Eric liderou o desfile. Caimento perfeito.

Eles eram um trio agora.

___

Eric continuou melhorando suas habilidades em Doom. Quando ficou entediado com as imagens fornecidas pela id Software, Eric inventou as suas próprias, esboçando uma coleção de heróis e vilões em seus blocos de notas. Ele invadiu o software e criou novos personagens, obstáculos únicos, níveis mais altos e aventuras cada vez mais elaboradas. Ele criou mutantes musculosos com olhos de óculos de aviador e demônios do tamanho de um hulk com chifres de boi, garras e presas. Muitos de seus guerreiros estavam vestidos com armaduras medievais e metralhadoras; um foi abençoado com lança-chamas nos antebraços. As vítimas eram frequentemente incendiadas ou recentemente decapitadas; às vezes eles seguravam a própria cabeça nas mãos. As criações de Eric eram incomparáveis, em sua opinião. "Nos dias de hoje, pode ser difícil encontrar uma habilidade que possa ser completamente dominada e dominada", escreveu ele em uma tarefa. "Mas acredito que sempre serei o melhor na criatividade de Doom."

Eric gostou do ato de criação. "Muitas vezes tento criar coisas novas", escreveu ele em um artigo inglês para calouros intitulado "Semelhanças entre Zeus e eu". Ele saudou os dois como grandes líderes, não encontrando falhas em sua mesquinhez ou malícia, mas identificando inclinações comuns. "Zeus e eu também ficamos com raiva facilmente e punimos as pessoas de maneiras incomuns", escreveu ele.

26. A ajuda está a caminho

As filhas de Dave Sanders ficaram zangadas . Antes de obterem a confirmação de que seu pai estava morto, eles ouviram histórias perturbadoras sobre suas últimas horas.

"Minha preocupação é que meu pai foi deixado lá", disse Angie Sanders a um jornal australiano. "[Ele] ainda estava vivo e não foi ajudado."

A impressão que sua família estava tendo era que doze vítimas haviam desaparecido quando as balas deixaram as câmaras, mas Dave Sanders resistiu por mais de três horas. Pelo que Angie entendeu, seu pai poderia ter sido salvo.

As filhas de Dave começaram a analisar os relatórios, mas ficaram de boca fechada em relação à mãe. Eles tiveram que manter a TV desligada quando ela estava acordada. Arrebataram jornais da porta e revistas da caixa de correio. Eles tinham que proteger Linda. Ela já era um desastre.

Dave Sanders estava a poucos metros da segurança quando o primeiro tiro o atingiu. Ele viu os assassinos, virou-se e correu para a esquina, tentando salvar mais alguns alunos no caminho para lá. Uma bala o acertou nas costas. Ele rasgou através de sua caixa torácica e saiu pelo peito. A outra bala entrou pela lateral do pescoço e saiu pela boca, dilacerando a língua e estilhaçando vários dentes. O ferimento no pescoço abriu uma de suas artérias carótidas, as principais rotas de sangue para o cérebro. O tiro nas costas cortou sua veia subclávia, um grande vaso de volta ao coração. Havia muito sangue.

Todo mundo estava adivinhando qual caminho era o mais seguro para correr. Rich Long, que era o chefe do departamento de tecnologia e um bom amigo de Dave, havia escolhido um caminho oposto. Ele ouviu o tiroteio pela primeira vez na biblioteca, disse aos alunos que saíssem e dirigiu um grupo pela escada principal direto para o refeitório, sem saber que centenas haviam acabado de fugir daquele local. No final da escada, eles viram balas voando do lado de fora das janelas e inverteram o curso. No topo da escada, viraram à esquerda, afastando-se da biblioteca e entrando na ala de ciências, que também incluía as salas de música. Eles chegaram bem a tempo de ver Dave levar um tiro.

Dave bateu nos armários e caiu no tapete. Rich e a maioria dos alunos mergulharam no chão. Agora Dave estava realmente desesperado.

"Ele estava de braços cruzados tentando orientar as crianças", disse um veterano.

Eric e Dylan estavam ambos disparando. Eles estavam jogando bombas caseiras por todo o corredor.

"Dave, você tem que se levantar!" Rich gritou. "Temos que sair daqui."

Dave se levantou, cambaleou alguns metros ao virar da esquina. Rich se apressou. Assim que ele estava fora da linha de fogo, ele abaixou o ombro sob o braço de Dave. Outro professor pegou Dave do outro lado e o arrastaram para a ala de ciências, a apenas três metros de distância.

"Rich, eles me atiraram nos dentes", disse Dave.

Eles passaram pela primeira e segunda salas de aula, então entraram na Sala de Ciências 3.

"A porta se abriu e o Sr. Sanders [entrou] e começou a tossir sangue", disse a segundanista Marjorie Lindholm. "Parecia que parte de sua mandíbula estava faltando. Ele apenas derramou sangue."

A sala estava cheia de alunos. O professor deles tinha saído para o corredor para investigar. Quando ele voltou, ele disse para eles esquecerem o teste e ordenou que todos ficassem contra a parede. A porta da sala de aula tinha uma vidraça. Para os atiradores que podem estar andando pelos corredores, a sala pareceria vazia se todos se amontoassem ao longo do perímetro interno.

Foi quando Dave tropeçou com dois professores ajudando. Ele caiu de novo, de cara, na frente da sala. "Ele deixou alguns dentes onde caiu", disse uma caloura.

Eles colocaram Dave em uma cadeira. "Rich, eu não estou indo tão bem", disse ele.

"Você vai ficar bem. Vou ligar para pedir ajuda."

Vários professores chegaram, então Rich correu de volta para a confusão, procurando um telefone. Ele soube que alguém já estava pedindo ajuda. Ele voltou.

"Preciso ir buscar ajuda para você", disse Rich. Ele voltou para o corredor enfumaçado e tentou outro laboratório. Mas os assassinos estavam se aproximando, aparentemente bem do lado de fora da porta do laboratório desta vez. Rich finalmente se protegeu. Dave tinha vários adultos com ele, e muitos telefonemas foram feitos sobre o tiroteio. Rich não tinha dúvidas de que a ajuda estava a caminho.

Kent Friesen, outro professor com Dave, procurou ajuda imediata. Ele correu para um laboratório próximo, onde mais alunos estavam amontoados. "Quem sabe primeiros socorros?" ele perguntou.

Aaron Hancey, um júnior e um escoteiro, deu um passo à frente.

"Venha comigo", disse Friesen. Então todo o inferno pareceu se soltar no corredor.

"Eu podia sentir através das paredes", disse Aaron. "A cada [explosão], eu podia sentir as paredes se movendo." Ele estava com medo de ir lá. Mas Friesen verificou se havia atiradores, disparou pelo corredor e Aaron o seguiu.

Aaron fez uma rápida inspeção da condição de Dave: respiração estável, vias aéreas limpas, pele quente, ombro quebrado, feridas abertas, grande perda de sangue. Aaron tirou sua própria camiseta branca da Adidas para estancar o fluxo. Outros meninos ofereceram suas camisas. Ele rasgou várias tiras de curativo e improvisou alguns torniquetes. Ele juntou outros em um travesseiro.

"Eu tenho que ir, eu tenho que ir", disse Dave. Ele tentou se levantar, mas falhou.

Os professores atenderam os alunos. Eles viraram as mesas para barricar a porta. Eles abriram uma divisória nos fundos de um laboratório de ciências adjacente, e várias crianças correram para o centro, mais

distante das portas. O tiroteio e as explosões continuaram. Um incêndio irrompeu em uma sala próxima e um professor pegou um extintor de incêndio para apagá-lo. Gritos filtravam pelo corredor da biblioteca. Não era nada como os gritos que Marjorie Lindholm tinha ouvido antes - gritos como "quando as pessoas estão sendo torturadas", disse ela.

"Era como se eles estivessem realizando execuções", disse outro menino na sala. "Você ouviria um tiro. Então haveria silêncio. Depois outro tiro. Bam. Bam. Bam."

A gritaria e os tiros pararam. Silêncio, depois mais explosões. Liga e desliga e liga novamente. O alarme de incêndio começou a soar. Foi um discurso ensurdecedor projetado para forçar as pessoas a sair do prédio por pura dor. Os professores e alunos mal podiam ouvir qualquer coisa por cima do alarme, mas podiam apenas distinguir o barulho constante dos helicópteros do lado de fora.

Alguém ligou a TV gigante suspensa no teto. Eles mantiveram o volume desligado, mas as legendas ligadas. Era a escola deles, do lado de fora. Grande parte da classe ficou paralisada no início, mas sua atenção diminuiu rapidamente. Ninguém parecia saber de nada.

Aaron ligou para seu pai, que usou outra linha para ligar para o 911, para que os paramédicos pudessem fazer perguntas e transmitir instruções. Vários outros alunos e professores chamaram a polícia. O grupo da sala de ciências permaneceu ligado às autoridades por meio de vários canais ao longo da tarde.

O segundo ano Kevin Starkey, também escoteiro, ajudou Aaron. "Você está indo bem", os meninos sussurraram para Dave. "Eles estão vindo. Apenas espere. Você pode fazer isso." Eles se revezaram aplicando pressão, enfiando as palmas das mãos em suas feridas.

"Preciso de ajuda", disse Dave. "'Eu tenho que sair daqui."

"A ajuda está a caminho," Aaron o assegurou.

Aaron acreditava que sim. A aplicação da lei foi alertada pela primeira vez sobre a situação de Dave por volta das 11h45. Os despachantes começaram a responder que a ajuda estava "a caminho" e chegaria "em cerca de dez minutos". As garantias foram repetidas por mais de três horas, juntamente com ordens para que ninguém saísse da sala em hipótese alguma. O operador do 911 instruiu o grupo a abrir a porta brevemente: eles deveriam amarrar uma camisa vermelha na maçaneta da porta do corredor. A equipe da SWAT iria procurá-lo para identificar a sala. Houve muita discordância sobre essa diretriz na Sala de Ciências 3. Uma bandeira vermelha também não atrairia os assassinos? E quem ia sair para aquele corredor? Resolveram obedecer. Alguém se ofereceu para amarrar a camisa na maçaneta. Por volta do meio-dia, o professor Doug Johnson escreveu 1 BLEEDING TO DEATH no quadro branco e o moveu para a janela, só para ter certeza.

Ocasionalmente, a cobertura da TV chamava a atenção na sala. A certa altura, Marjorie Lindholm pensou ter visto uma enorme massa de sangue

saindo de uma porta retratada na tela. Ela estava enganada. O medo assumiu o controle.

Cada vez que Aaron e Kevin trocavam de posição, eles sentiam a pele de Dave ficar um pouco mais fria. Ele estava perdendo a cor, assumindo um tom azulado. *Onde estão os paramédicos? eles se perguntavam. Quando terminarão os dez minutos?* A respiração de Dave começou a desacelerar. Ele entrou e saiu. Aaron e Kevin o rolaram suavemente no chão de ladrilhos para mantê-lo consciente e para manter suas vias aéreas desobstruídas. Ele não podia ficar de costas por muito tempo ou engasgaria com seu próprio sangue.

Eles tiraram cobertores de lã de um armário de primeiros socorros e o envolveram para mantê-lo aquecido. Eles lhe perguntaram sobre coaching, ensino, qualquer coisa para mantê-lo engajado e evitar choques. Tiraram a carteira dele e começaram a mostrar-lhe fotos.

"Esta é sua esposa?"

"Sim."

"Qual é o nome da sua esposa?"

"Linda."

Ele tinha muitas fotos, e eles usaram todas. Eles falaram sobre suas filhas e seus netos. "Essas pessoas amam você", disseram os meninos. "É por isso que você precisa viver."

Aaron e Kevin ficaram desesperados. O tratamento havia excedido a instrução de aferição. "Você é treinado para lidar com braços quebrados, membros quebrados, cortes e arranhões - coisas que você recebe em um acampamento", disse Aaron. "Você nunca treina para ferimentos de bala."

Eventualmente, Aaron e Kevin perderam a luta para manter Dave consciente. "Eu não vou conseguir", disse Dave. "Diga às minhas meninas que eu as amo."

___

Foi relativamente calmo por um tempo. O alarme continuava tocando, os helicópteros continuavam batendo, e tiros ou explosões periodicamente ressoavam pelos corredores, em algum lugar distante. Nada soou particularmente próximo por um tempo; nada parecia iminente. O peito de Dave subia e descia, o sangue escorria, mas os meninos não conseguiam despertá-lo. Aaron e Kevin continuaram tentando.

Algumas das crianças desistiram da polícia. Por volta das 14h , eles informaram ao operador do 911 que iriam jogar uma cadeira pela janela e tirar Dave de lá. Ela insistiu que eles abandonassem o plano, que ela avisou que poderia chamar a atenção dos assassinos.

Às 14h38, a TV de repente chamou a atenção da sala novamente. Patrick Ireland estava caindo pela janela da biblioteca. "Meu Deus!" algumas das crianças gritaram. Eles se esconderam em silêncio por horas, mas isso era demais. O treinador Sanders não foi um caso isolado. Um garoto estava tão ensanguentado no final do corredor. Eles tinham assumido que era ruim lá fora; agora eles tinham provas. Algumas crianças fecharam os olhos, imaginaram seus entes queridos e silenciosamente se despediram.

Apenas alguns minutos depois, o perigo de repente se aproximou novamente: gritos irromperam da sala ao lado. Então tudo ficou em silêncio por um minuto. De repente, a porta se abriu e homens de preto entraram correndo. Os assassinos estavam vestidos de preto. Os invasores carregavam metralhadoras. Eles acenaram para os alunos, gritando ferozmente, tentando gritar mais rápido do que o alarme de incêndio. "Pensei que fossem os pistoleiros", escreveu Marjorie Lindholm mais tarde. "Pensei que agora ia morrer."

Alguns dos homens se viraram e apontaram para as enormes letras maiúsculas em suas costas: *SWAT* .

"Fique quieto!" gritou um oficial. "Coloquem as mãos na cabeça e sigam-nos."

"Alguém tem que ficar com o Sr. Sanders", alguém disse.

"Eu vou," Aaron ofereceu.

"Não!" disse um oficial. "Todo mundo fora."

Então, que tal levar Dave com eles, sugeriu Kevin. Havia mesas dobradas — podiam improvisar uma como maca.

Não.

Parecia cruel, mas a equipe da SWAT foi treinada para fazer escolhas práticas. Centenas de estudantes ficaram presos. Os pistoleiros podem reaparecer a qualquer momento. A equipe teve que assumir uma mentalidade de campo de batalha e evacuar o número máximo no tempo mínimo. Eles poderiam enviar um médico de volta para os feridos mais tarde.

A equipe da SWAT conduziu os alunos em fila indiana pelas escadas até a área comum. Eles atravessaram sete centímetros de água que havia chovido dos aspersores. Mochilas e fatias de pizza flutuavam. Não toque neles, advertiram os oficiais. *Não toque em nada* . Um membro da SWAT segurou a porta. Ele parou cada aluno, segurou-os por dois segundos, depois deu um tapinha no ombro deles e disse para eles correrem. Essa era uma manobra de infantaria padrão. Uma única bomba caseira poderia matar um bando inteiro de crianças; uma rajada de metralhadora bem direcionada poderia fazer o mesmo. Mais seguro espaçá-los.

Do lado de fora, as crianças passaram correndo por dois cadáveres: Danny Rohrbough e Rachel Scott. Marjorie Lindholm lembrou-se de "um olhar estranho em seus rostos e uma cor estranha em sua pele". A garota à sua frente parou de repente quando viu os corpos, e Marjorie a alcançou. Um oficial da SWAT gritou para eles continuarem andando. Marjorie viu suas armas apontadas diretamente para ela. Ela deu um empurrão na garota, e os dois decolaram.

Dois oficiais da SWAT ficaram com Dave e outro pediu ajuda. Coube a um membro da SWAT de Denver do lado de fora do prédio recrutar um paramédico. Ele viu Troy Laman, um paramédico que havia saído da cidade e estava cuidando de uma estação de triagem. "Troy, preciso que você entre", disse o oficial da SWAT. "Vamos lá."

Laman seguiu o oficial pela área comum inundada, subiu a escada, passou pelos escombros e entrou na Sala de Ciências 3. A essa altura, Dave

havia parado de respirar. De acordo com o protocolo de triagem de emergência, isso o qualificou como morto. "Eu sabia que não havia nada que eu pudesse fazer por esse cara", disse Laman, que não tinha equipamento. "Mas porque eu estava preso em um quarto com ele por quinze minutos, eu queria ajudá-lo."

O oficial da SWAT finalmente liberou Lamã para continuar andando. "Não há nada que você possa fazer", disse ele.

Então Lamã foi para a biblioteca. Ele foi um dos primeiros médicos a entrar.

___

A história de Dave Sanders se espalhou rapidamente. Ambos os jornais locais, o *Rocky Mountain News* e o *Denver Post,* descreveram sua provação na quarta-feira. Na quinta-feira, o *Rocky,* como muitas vezes é chamado, publicou uma matéria chamada POLICE DISPUT CHARGES THEY WARE TOO SLOW. "Muitas pessoas estão com raiva", disse um estudante. Mas a maior parte da história se concentrou na resposta da polícia.

"Tínhamos 1.800 crianças correndo da escola", disse o porta-voz do xerife de Jeffco, Steve Davis. "Os policiais não tinham ideia de quais eram vítimas e quais eram suspeitos em potencial".

The *Rocky* ofereceu este resumo da resposta da SWAT com base nas alegações do departamento: "Dentro de vinte minutos do primeiro pedido de ajuda em pânico, uma equipe improvisada da SWAT de seis homens correu para a escola e, em uma hora, dezenas de oficiais fortemente armados em armadura corporal lançou uma busca metódica, sala por sala do edifício."

O departamento acabaria admitindo que levou mais que o dobro desse tempo, 47 minutos, para a primeira equipe de cinco homens entrar. A outra metade dessa equipe atendeu alunos feridos no gramado, mas nunca entrou. Uma segunda equipe entrou depois de quase duas horas. Até que os corpos dos assassinos fossem encontrados, era isso.

___

A situação ficou mais quente na sexta-feira, quando um policial suburbano veterano colocou treze rosas em Clement Park e depois descreveu a resposta da SWAT como "patética".

"Isso me irritou", disse ele a repórteres. "Eu teria alguém lá. Somos treinados para fazer isso. Somos treinados para entrar lá."

A declaração do oficial foi amplamente divulgada. Ele se tornou um símbolo instantâneo. E seu departamento tolamente estendeu a história, colocando-o em licença não disciplinar e ordenando uma avaliação de "aptidão para o dever". Eles recuaram alguns dias depois.

Membros das equipes da SWAT começaram a responder na imprensa. "Foi apenas um pesadelo", disse um sargento. "O que os pais precisam entender é que queríamos equipes lá o mais rápido possível. Estávamos entrando na situação às cegas. Tivemos várias explosões. Achamos que poderia haver um bando de terroristas lá."

Os oficiais estavam quase tão confusos quanto os telespectadores. Lá fora, eles podiam ouvir as explosões. Mas uma vez que eles entraram, eles não podiam nem ouvir um ao outro. O alarme de incêndio abafou tudo. A comunicação era limitada a sinais de mão. "Se tivéssemos ouvido tiros e gritos, teríamos ido direto a isso", explicou um oficial da SWAT.

A enxurrada de ruídos e luzes estroboscópicas derrubou suas psiques como uma guerra psicológica. Os policiais não conseguiram localizar ninguém com o código de alarme para desligá-lo. Eles encontraram uma diretora assistente, mas ela estava tão exausta que não conseguia se lembrar dos dígitos. Em desespero, os policiais tentaram bater os alto-falantes de alarme nas paredes. Um tentou desativar o painel de controle quebrando a tampa de vidro com a coronha do rifle. Os alarmes e aspersores continuaram até as 16h04 . A luz estroboscópica que piscou com o alarme continuou por semanas.

Esses eram obstáculos legítimos, reconheceu a família Sanders. Mas mais de três horas depois que ele foi baleado? A irmã de Linda, Melody, foi designada porta-voz da família. "Algumas de suas filhas estão com raiva", disse ela ao *New York Times* alguns dias depois. “Eles acham que, se tivessem entrado e tirado Dave mais cedo, ele teria sobrevivido”.

Melody disse que a família Sanders não responsabilizou os membros da SWAT. Mas o sistema foi um desastre. "Foi um caos total", disse Melody.

A família agradeceu os esforços que foram feitos. Como um gesto de boa vontade, eles convidaram todas as equipes da SWAT para o funeral de Dave. Todos os oficiais compareceram.

27. Preto

Eric estava evoluindo por dentro. No segundo ano, as mudanças começaram a aparecer. Nos primeiros quinze anos, Eric se concentrou na assimilação. Dylan havia buscado o mesmo objetivo, com menos sucesso. Apesar das turbulências da mudança, Eric sempre fez amigos. O status social era importante. "Eles eram como todo mundo", disse um colega mais tarde. O vizinho de Eric o descreveu como legal, educado, formal e um idiota. O ensino médio estava cheio de idiotas. Eric poderia viver com isso - por um tempo.

No segundo ano, ele tentou um visual mais ousado: botas de combate, roupas totalmente pretas e grunge. Ele começou a fazer compras em uma loja da moda chamada Hot Topic e na loja de excedentes do exército. Ele gostou do visual. Ele gostou da sensação. Seu amigo Chris Morris começou ostentando uma boina. Isso foi um pouco demais, pensou Eric. Ele queria parecer diferente, não retardado. Eric estava saindo de sua concha. Ele se tornou barulhento, temperamental e agressivo. Às vezes ele era brincalhão, falando com vozes engraçadas e flertando com as garotas. Ele tinha muitas ideias e começou a expressá-las com confiança. Dylan nunca fez isso.

A maioria das garotas que conheciam Eric o descreviam como fofo. Ele estava ciente do consenso, mas não o aceitava. Ele respondeu com franqueza a um daqueles questionários por e-mail em cadeia pedindo gostos, desgostos e atributos pessoais. Em "Aparência", ele escreveu "5' 10'' 140. magro, mas bonito, dizem alguns." A única coisa que ele gostaria de mudar em si mesmo era seu peso. Um nanico tão maluco. Ele sempre odiou sua aparência - agora pelo menos ele deu uma olhada.

Eric foi criticado pela nova roupagem - garotos mais velhos e caras maiores o irritavam às vezes, mas nada de excepcional. E ele estava respondendo agora e provocando confrontos. Ele sacudiu seu silêncio junto com o uniforme formal.

Dylan permaneceu quieto até o final. Ele não era muito de falar, exceto em raras explosões repentinas que assustavam todos um pouco. Ele seguiu a tendência de moda de Eric, mas uma versão menos intensa, então ele levou muito menos zombarias. Eric poderia ter silenciado as provocações a qualquer momento se conformando novamente, mas a essa altura, ele gostou de se destacar.

"A impressão que sempre tive deles foi que eles meio que queriam ser excluídos", disse outro colega. "Não é que eles foram rotulados dessa forma. É o que eles escolheram ser."

"Pária" era uma questão de percepção. As crianças que colocaram esse rótulo em Eric e Dylan significavam que os meninos rejeitaram o modelo formal, mas também centenas de outras crianças na escola. Eric e Dylan tinham agendas sociais muito ativas e muito mais amigos do que a média dos adolescentes. Eles se encaixam em toda uma subcultura próspera. Seus amigos se respeitavam e ridicularizavam a conformidade das bolachas de baunilha olhando para eles. Eles não tinham nenhum desejo de imitar os atletas. Poderia haver um caminho mais rápido para o tédio?

Para Dylan, diferente era difícil. Para Eric, diferente era bom.

___

Para o Halloween daquele ano, Eric Dutro, um júnior, queria ir como Drácula. Ele precisava de um casaco legal, algo dramático - ele tinha talento para o teatro - então seus pais compraram um casaco preto comprido no Sam's Club. As crianças se referiam a isso como um casaco de trincheira.

A fantasia não deu certo, mas o casaco ficou legal. Eric Dutro agarrou-se a ela; ele começou a usá-lo para a escola. Fez bastante impressão. O trench coat atraiu muitas cabeças, e Dutro adorava chamar a atenção.

Ele teve dificuldades na escola. As crianças de Columbine pegaram nele. As crianças o ridicularizavam implacavelmente, chamando-o de aberração e bicha. Eventualmente, ele lutou da única maneira que sabia: aumentando a aposta. Se eles fossem chamá-lo de aberração, ele daria a eles um show de aberrações. A gabardina fez uma pequena adição ao seu freakdrobe.

Não surpreendentemente, Dutro andava com um bando de garotos que também gostavam de virar a cabeça. Depois de um tempo, vários deles estavam vestindo casacos. Vestiam-se todas de preto e usavam os casacos compridos mesmo no verão. Em algum lugar ao longo da linha, alguém se referiu a eles como o Trench Coat Mafia, TCM para abreviar. Ficou preso.

Eric Dutro, Chris Morris e um punhado de outros garotos eram praticamente o núcleo do TCM, mas uma dúzia deles também era frequentemente associada ao TCM, independentemente de usarem casacos ou não.

Eric e Dylan não estavam entre eles. Cada um deles conhecia alguns dos garotos da MTC, e Eric, especialmente, se tornaria amigo de Chris. Isso foi o mais perto que eles chegaram.

Eventualmente, depois que o auge do TCM acabou, Eric conseguiu um casaco. Dylan o seguiu. Eles os usaram no massacre, tanto por questões de moda quanto por considerações funcionais. A escolha causaria uma tremenda confusão.

28. Crime de Mídia

A máfia dos casacos foi mitificada porque era colorida, memorável e se encaixava no mito existente do atirador da escola como solitário. Todos os mitos colombianos funcionavam assim. E todos eles ganharam vida incrivelmente rápido - a maioria dos mitos notórios se enraizou antes que os corpos dos assassinos fossem encontrados.

Nós nos lembramos de Columbine como um par de góticos párias da Trench Coat Mafia tirando e rasgando sua escola secundária caçando atletas para resolver uma disputa de longa data. Quase nada disso aconteceu. Nada de góticos, de párias, de ninguém. Sem alvos, sem rivalidade e sem a máfia dos casacos de trincheira. A maioria desses elementos existia em Columbine - que é o que lhes deu tanta moeda. Eles simplesmente não tinham nada a ver com os assassinatos. Os mitos menores são igualmente sem suporte: nenhuma conexão com Marilyn Manson, aniversário de Hitler, minorias ou cristãos.

Poucas pessoas conhecedoras do caso acreditam mais nesses mitos. Não repórteres, investigadores, famílias das vítimas ou suas equipes jurídicas. E, no entanto, a maioria do público os considera garantidos. Por quê?

Os defensores da mídia culpam o caos: duas mil testemunhas, relatórios extremamente conflitantes – quem poderia esclarecer todos esses fatos? Mas os fatos não eram o problema. Nem o tempo os separou. A primeira história impressa chegou em uma edição extra do *Rocky Mountain News* . Foi impresso às três horas da tarde de terça-feira, antes que os corpos na biblioteca fossem encontrados. O resumo de novecentas palavras *do Rocky sobre o massacre foi uma extraordinária peça de jornalismo: emocionante, empático e surpreendentemente preciso.* Acertou nos detalhes e no quadro geral: dois assassinos implacáveis matando estudantes indiscriminadamente. Foi a primeira história publicada naquela primavera para acertar a essência do ataque - e uma das últimas.

É um axioma do jornalismo que as histórias de desastres começam em confusão e ficam mais claras com o tempo. Os fatos surgem, a neblina se dissipa, uma imagem precisa se solidifica. O público aceita isso. Mas o retrato final é muitas vezes o mais distante da verdade.

Uma hora depois do horror de Columbine, as estações de notícias estavam informando ao público que dois ou mais homens armados estavam por trás disso. Duas horas depois, a máfia dos casacos de trincheira era a culpada. A MTC foi retratada como um culto de góticos homossexuais maquiados, orquestrando um bizarro pacto de morte para o ano 2000.

Ridículo ou não, o mito da MTC foi o mais defensável dos grandes erros da mídia. Os assassinos usavam sobretudos. Um pequeno grupo havia se batizado com o nome da roupa um ano antes. Algumas crianças colocam os dois juntos, e é difícil culpá-los. Parecia um ajuste arrumado. Mas o detalhe crucial não relatado na tarde de terça-feira foi que a maioria das crianças em Clement Park *não estava* citando a MTC. Poucos estavam sequer nomeando Eric e Dylan. Em uma escola de dois mil alunos, a maior parte do corpo discente nem conhecia os meninos. Nem muitos viram tiros

diretamente. Inicialmente, a maioria dos estudantes disse aos repórteres que não tinha ideia de quem os atacou.

Isso mudou rápido. A maioria dos dois mil foi à televisão ou manteve uma vigília constante pelo celular com os telespectadores. Levou apenas algumas menções na TV para a conexão do trench coat se firmar. Parecia tão óbvio. *Claro! Trench coats, Trench Coat Mafia!*

Os jornalistas de TV foram realmente cuidadosos. Eles usaram atribuição e isenções de responsabilidade como "acredita-se" ou "descrito como". Alguns se perguntaram em voz alta sobre as identidades dos assassinos e, em seguida, descreveram o TCM, deixando os espectadores para traçar o link. A repetição era o problema. Apenas um punhado de estudantes mencionou o TCM durante as primeiras cinco horas de cobertura da CNN – praticamente todos alimentados por estações de notícias locais. Mas os repórteres se concentraram na ideia. Eles foram responsáveis sobre *como* abordaram os rumores, mas cegos para o impacto da frequência.

As crianças "sabiam" que a MTC estava envolvida porque testemunhas e âncoras de notícias haviam dito isso na TV. Eles confirmaram com amigos assistindo a relatórios semelhantes. A notícia se espalhou rapidamente - a conversa era a única atividade adolescente no sul de Jeffco na tarde de terça-feira. Muito em breve, a maioria dos alunos teve várias confirmações independentes. Eles acreditavam que sabiam que o TCM estava por trás do ataque como um fato. Das 13h às 20h , o número de alunos do Clement Park citando o grupo passou de quase nenhum para quase todos. Eles não estavam inventando, eles estavam repetindo de volta.

O segundo problema foi a falta de questionamento. Naquelas primeiras cinco horas, nem uma única pessoa nos feeds da CNN perguntou a um aluno *como* eles sabiam que os assassinos faziam parte da Máfia dos Casacos de Trench.

Repórteres da imprensa, apresentadores de talk shows e o resto da cadeia de mídia repetiram esses erros. "Por toda a cidade, a sinistra nova frase 'Trench Coat Mafia' estava na boca de todos", informou o *USA Today* na manhã de quarta-feira. Isso era um fato. Mas quem estava dizendo a quem? Os escritores presumiram que as crianças estavam informando a mídia. Foi o contrário.

___

A maioria dos mitos estava em vigor ao anoitecer. Até então, era um dado que os assassinos tinham como alvo atletas. O mito do alvo era o mais insidioso, porque ia direto ao motivo. O público acredita que Columbine foi um ato de retribuição: uma represália desesperada por abuso de atletas indescritíveis. Como os outros mitos, começou com um núcleo de verdade.

Nas primeiras horas, uma jovem destroçada chamada Bree Pasquale tornou-se a principal testemunha da tragédia. Ela escapou ilesa, mas respingada de sangue. Bree descreveu o horror da biblioteca em detalhes convincentes. As estações de rádio e televisão repetiram seu testemunho implacavelmente: "Eles estavam atirando em qualquer pessoa de cor,

usando um chapéu branco ou praticando um esporte", disse ela. "E eles não se importavam com quem era e estava tudo à queima-roupa. Todos ao meu redor foram baleados. E eu implorei por dez minutos para ele não atirar em mim."

O problema com o relato de Bree Pasquale é a contradição entre fatos e conclusão. Isso é típico de testemunhas sob extrema pressão. Se os assassinos estavam atirando em "todos", isso não inclui atletas, minorias e usuários de chapéu? Quatro vezes nessa breve declaração, ela descreveu assassinatos aleatórios. No entanto, os repórteres se concentraram na anomalia em sua declaração.

Bullying e racismo? Essas eram ameaças conhecidas. Explicar isso foi reconfortante.

À noite, a teoria do alvo dominava a maioria das transmissões; quase todos os principais jornais o apresentavam. O *Rocky* e o *Washington Post* recusaram-se a abraçar a teoria da segmentação durante toda a semana, mas eram dissidentes solitários.

Inicialmente, a maioria das testemunhas refutou o consenso emergente. Quase todos descreveram o assassinato como aleatório. Todos os jornais e as agências de notícias produziram um total de apenas quatro testemunhas avançando na teoria do alvo na manhã de quarta-feira – cada uma contradizendo sua própria descrição. A maioria dos artigos avançou a teoria com apenas um aluno que realmente a tinha visto - alguns tinham zero. A Reuters atribuiu a teoria a "muitas testemunhas" e o *USA Today* a "estudantes".

"Estudante" era igual a "testemunha". Testemunha de tudo o que aconteceu naquele dia, e qualquer coisa sobre os assassinos. Foi um salto curioso. Repórteres não cometeriam esse erro em um acidente de carro. *Você viu isso?* Se não, eles seguem em frente. Mas os jornalistas se sentiam como estrangeiros entrando na cultura adolescente. Eles sabiam que as crianças podem esconder qualquer coisa dos adultos – mas não uns dos outros. Essa era a mentalidade: *algo chocante aconteceu aqui; estamos perplexos, mas as crianças sabem* . Assim, todos os dois mil foram nomeados como insiders. Se os alunos diziam direcionamento, com certeza era isso.

Os detetives da polícia rejeitaram o conceito de testemunha universal. E eles contaram com testemunhas traumatizadas para observações, não para conclusões. Eles nunca viram a segmentação como plausível. Eles ficaram perplexos com o consenso da mídia.

___

Os jornalistas não dependiam exclusivamente dos "estudantes". Toda a indústria dependia do *Denver Post* . O jornal enviou cinqüenta e quatro repórteres, oito fotógrafos e cinco artistas para o campo. Eles tinham mais recursos e os melhores contatos. No primeiro dia, eles estavam horas à frente do pelotão nacional; na primeira semana eles estavam um dia adiantados na maioria dos desenvolvimentos. O *Rocky Mountain News* também estava presente, mas tinha uma equipe menor, e a imprensa nacional confiava no *Post* . Não criou sozinho nenhum dos mitos, mas à

medida que o *Post* comprava um após o outro, cada conclusão equivocada parecia segura. O pacote seguiu.

___

O Jeffco Parks and Recreation District começou a transportar caminhões de fardos de feno para Clement Park. Foi uma bagunça. Milhares de pessoas se reuniram no canto nordeste do parque na quarta-feira, e dezenas de milhares apareceram na quinta e sexta-feira. A neve começou a cair na quarta-feira, e o tráfego de pedestres despedaçou o campo. Na quinta-feira era um enorme poço de lama. Ninguém parecia se importar muito, mas os trabalhadores do condado espalhavam grossas camadas de feno em caminhos sinuosos ao longo dos memoriais improvisados.

Eles ainda não sabiam, não tinham ideia de que havia um nome para isso, mas muitos dos sobreviventes haviam entrado nos estágios iniciais do transtorno de estresse pós-traumático. Muitos não tinham. Não era uma questão de quão perto eles estiveram de testemunhar ou vivenciar a violência. A duração e a gravidade da exposição aumentaram suas chances de problemas de saúde mental no futuro, mas as respostas a longo prazo foram muito variadas, dependendo de cada indivíduo. Algumas crianças que estiveram na biblioteca durante os tiroteios se saíram bem, enquanto outras que estiveram no Wendy's ficariam traumatizadas por anos.

O Dr. Frank Ochberg, professor de psiquiatria na Michigan State University e um dos principais especialistas em TEPT, seria trazido pelo FBI alguns meses depois e passaria anos aconselhando profissionais de saúde mental sobre o caso. Ele e um grupo de psiquiatras desenvolveram o termo pela primeira vez na década de 1970. Eles observaram um fenômeno induzido pelo estresse, mas qualitativamente mais grave e causado por uma experiência realmente traumática. Isso foi algo que produziu efeitos verdadeiramente profundos e durou anos ou, se não tratado, até a vida inteira.

___

Uma resposta muito mais branda e comum também estava em andamento: a culpa do sobrevivente. Começou quase imediatamente, nos corredores dos seis hospitais locais onde os feridos estavam se recuperando. No St. Anthony's, na primeira semana, as salas de espera estavam lotadas de estudantes que vinham ver Patrick Ireland. Cada assento em cada quarto estava ocupado. Dezenas de estudantes esperavam nos corredores.

Patrick passou os primeiros dias na UTI. A maioria dos visitantes foi recusada, mas as crianças continuaram entrando no quarto do hospital de qualquer maneira. Eles só precisavam estar lá.

"Você tem que perceber que isso também fazia parte da cura deles", disse Kathy Ireland.

Durante todo o dia, alguns deles ficaram, e até tarde da noite. A equipe começou a trazer comida quando perceberam que algumas das crianças não estavam comendo.

___

A situação de Patrick parecia sombria. Seus médicos só esperavam mantê-lo vivo. Aconselharam John e Kathy a manter as expectativas baixas: qualquer que fosse a condição que observassem no primeiro dia ou dois, seria o prognóstico para o resto da vida. John e Kathy aceitaram isso. E eles viram um menino paralisado, lutando vigorosamente para falar sem sentido.

A equipe médica optou por não operar o pé direito quebrado de Patrick. Eles limparam a ferida e colocaram uma cinta em torno dela. *Por quê* ? seus pais perguntaram. Havia preocupações mais prementes, disseram-lhes. E Patrick nunca usaria aquele pé.

John e Kathy ficaram arrasados. Mas eles tinham que ser realistas. Eles voltaram sua atenção para criar um inválido e descobrir como ajudá-lo a ser feliz dessa maneira.

Patrick não tinha conhecimento do prognóstico. Nunca lhe ocorreu que não poderia andar. Ele via a lesão como um osso quebrado: você usa um gesso, constrói o músculo nas costas, retoma sua vida de onde parou. Ele sabia que seria mais difícil do que quando quebrou o polegar. Muito mais difícil. Pode levar três ou quatro vezes mais tempo para se recuperar. Ele assumiu que iria se recuperar.

___

O amigo de Patrick, Makai, foi liberado do St. Anthony's Friday. Ele havia sido baleado no joelho ao lado de Patrick. Repórteres foram convidados à biblioteca do hospital para uma coletiva de imprensa, transmitida pela CNN. Makai estava em uma cadeira de rodas. Descobriu-se que ele conhecia Dylan.

"Achei que ele era um cara legal", disse Makai. "Decente, muito inteligente."

Eles fizeram a mesma aula de francês e trabalharam juntos em projetos escolares.

"Ele era um cara legal, nunca me tratou mal", disse Makai. "Ele não era o tipo de pessoa que ele está sendo retratado."

___

Patrick melhorou com sua fala na primeira semana e seus sinais vitais começaram a voltar ao normal. Na sexta-feira, ele foi transferido para fora da UTI e para um quarto normal. Assim que ele se acomodou, seus pais decidiram que era hora de fazer a pergunta candente. Ele tinha saído pela janela da biblioteca?

Eles sabiam. Eles só tinham que saber se ele sabia. Ele sabia por que estava ali? O trauma da verdade ainda estava por vir?

"Bem, sim!" ele gaguejou. Eles estavam apenas descobrindo isso?

Ele estava incrédulo, disse Kathy mais tarde. "Ele olhou para nós como, 'Como você pode ser tão ignorante?'" Ela estava bem com isso. Tudo o que ela sentiu foi alívio.

___

Naquela mesma semana, o Dr. Alan Weintraub, um neurologista do Craig Hospital, veio ver Patrick. Craig é um dos principais centros de reabilitação

do mundo, especializado em lesões cerebrais e da medula espinhal. Está localizado em Jeffco, não muito longe da casa dos Irelands. O Dr. Weintraub examinou Patrick, revisou seus prontuários e deu a John e Kathy sua avaliação: "A primeira coisa que posso dizer a vocês é que há esperança".

Eles ficaram surpresos, aliviados e perplexos. Mais tarde, a discrepância fez sentido para eles. As equipes tinham diferentes conhecimentos e diferentes perspectivas. O St. Anthony's é especializado em trauma. "O objetivo deles é salvar vidas", disse Kathy. "Na Craig, o objetivo é reconstruí-los."

Eles começaram a fazer arranjos para transferir Patrick para Craig.

___

Na quinta-feira, os estudantes de Clement Park estavam furiosos. Os assassinos estavam mortos, grande parte da raiva foi desviada: para os góticos, Marilyn Manson, o TCM, ou qualquer um que se parecesse, se vestisse ou agisse como os assassinos – ou o retrato deles pela mídia.

Os assassinos foram rapidamente classificados como párias e "bichas".

"Eles são malucos", disse um raivoso aluno do segundo ano do time de futebol. "Ninguém realmente gostou deles, só porque eles-" Ele fez uma pausa, então mergulhou em frente. "A maioria deles era gay. Então todo mundo zombava deles."

Vários atletas relataram ter visto os assassinos e amigos "se tocando" nos corredores, se apalpando ou de mãos dadas. Um jogador de futebol cativou os repórteres com histórias de banho em grupo.

O boato gay era quase invisível na mídia, mas desenfreado em Clement Park. As histórias eram vagas. Tudo era de terceira mão. Nenhum dos contadores de histórias sequer conhecia os assassinos. Todos em Clement Park ouviram os rumores; a maioria dos alunos viu através deles. Eles ficaram enojados com os atletas por difamar os assassinos da mesma forma na morte como eles fizeram em vida. Claramente, "gay" era um dos piores epítetos que um garoto poderia lançar contra outro em Jeffco.

Os amigos de Eric e Dylan geralmente ignoravam as histórias. Um deles ficou indignado. "A mídia pegou meus amigos e os transformou em gays e neonazistas e todas essas coisas de ódio", disse ele. "Eles estão retratando meus amigos como idiotas." O garoto zangado era um veterano musculoso de 1,80m vestido com calças camufladas. Ele desabafou por várias horas e logo estava em toda a imprensa nacional – às vezes parecendo um pouco ridículo. Ele parou de falar. Seu pai começou a triagem de chamadas da mídia.

Alguns jornais mencionaram os rumores gays de passagem. O reverendo Jerry Falwell descreveu os assassinos como gays no *Rivera Live* . Um notório piquete de funerais gays emitiu um alerta de mídia dizendo: "Dois bichas imundos massacraram 13 pessoas em Columbine High". Mais significativamente, o Drudge Report citou postagens na Internet alegando que a Trench Coat Mafia era uma conspiração gay para matar atletas. Mas a maioria dos grandes meios de comunicação cuidadosamente evitou o boato gay.

A imprensa não demonstrou deferência semelhante aos godos. Alguns dos ataques mais fulminantes foram reservados para esse grupo: uma subcultura de atuação taciturna mais conhecida por pintura facial branca em pó e roupas pretas, lábios pretos e unhas pretas, acentuados por rímel pesado e pingando. Eles foram erroneamente associados aos assassinos na terça-feira por estudantes não familiarizados com o conceito gótico. Repórteres igualmente ignorantes amplificaram o boato. Um dos relatórios mais notórios foi um segmento estendido de *20/20* da ABC, exibido apenas uma noite após o ataque. Diane Sawyer apresentou-o observando que a polícia não identificada disse que "os meninos podem ter sido parte de um fenômeno nacional sombrio e subterrâneo conhecido como movimento gótico e que alguns desses góticos podem ter matado antes". Era verdade, os góticos já haviam matado antes – assim como membros de todas as origens e subculturas concebíveis.

O correspondente Brian Ross descreveu um duplo assassinato cometido por góticos e duas tentativas medonhas em detalhes gráficos. Ele os apresentou como evidência de um padrão: uma onda de crimes góticos pronta para varrer os subúrbios e ameaçar a todos nós. "O chamado movimento gótico ajudou a alimentar um novo tipo de gangue adolescente - gangues suburbanas brancas construídas em torno de um fascínio pelo grotesco e pela morte", disse ele. Ele tocou outros exemplos, bem como uma fita horrível do 911 de uma vítima pedindo ajuda com uma faca ainda saindo de seu peito. "Depressa", ele implorou. "Eu não vou durar muito mais tempo." Ross descreveu os assassinos nesse caso como "membros orgulhosos e autoproclamados do movimento gótico e, como os estudantes envolvidos nos tiroteios de ontem, focados no extremismo branco e no ódio".

Os únicos problemas reais com o relatório de Ross eram que os góticos tendiam a ser mansos e pacifistas; nunca foram associados à violência, muito menos ao assassinato; e, além dos longos casacos pretos, eles não tinham quase nada em comum com Eric e Dylan.

Onde evitou conclusões precipitadas, grande parte da reportagem foi de primeira linha. O *Rocky* transmitiu a maioria dos mitos, e ele, o *Post* e o *Times* publicaram excelentes biografias dos assassinos. Na TV, vários correspondentes ajudaram os sobreviventes a transmitir suas histórias com empatia, dignidade e perspicácia. Katie Couric foi um destaque particular. E vários jornais tentaram conter o susto gótico. "O que quer que os dois jovens no Colorado possam ter imaginado ser, eles não eram góticos", começou uma história do *USA Today* . "A comunidade taciturna, muito difusa para ser chamada de movimento, é no fundo quieta, introvertida e pacifista... Os góticos tendem a ser párias, não porque sejam violentos ou agressivos, mas o oposto."

Quinta-feira, um jovem gótico de uma escola próxima apareceu em Clement Park. Andrew Mitchell era uma visão impressionante, sozinho em um pé de neve. Preto no preto no branco no branco. Cabelo preto longo cortado em cima, raspado nas laterais, pele nua acima das orelhas. Uma fita de suporte prateada e azul presa à lapela preta. A multidão densamente

lotada se separou. Um perímetro de três metros se abriu ao redor dele. Os repórteres se apressaram.

"Por quê você está aqui!" um exigiu.

"Para prestar meus respeitos", disse Mitchell. Então ele fez um apelo: "Imagine essas crianças, por anos sendo jogadas de um lado para o outro, tratadas horrivelmente. Depois de um tempo você não aguenta mais. Eles estavam completamente errados. Mas há razões pelas quais eles fizeram isso."

Mitchell estava muito enganado sobre a vida dos assassinos e suas intenções. Mas já era a suposição generalizada. O massacre trouxe à tona histórias generalizadas de alienação. *Salon* publicou uma peça fascinante chamada "Misfits Who Don't Kill". Consistia em relatos em primeira pessoa de adultos racionais que compartilhavam fantasias semelhantes, mas viviam para evitá-las. “Lembro-me de estar sentado na aula de biologia tentando descobrir quanto explosivo plástico seria necessário para reduzir a escola – minha maior fonte de medo e ansiedade – a escombros”, escreveu um homem. "Eu fiz uma careta para aqueles que me provocavam, e tive fantasias deles me implorando por misericórdia, talvez até com uma arma na boca. Eu era uma pessoa doente? Acho que não. Tenho certeza de que havia milhares de outros alunos que tinham as mesmas fantasias que eu. Nós apenas nunca agimos sobre eles."

Quanto mais animosidade os repórteres percebiam, mais profundo eles investigavam. Como foi ser um pária em Columbine? Muito difícil, a maioria das crianças admitiu. O ensino médio foi difícil. A maioria dos estudantes em Clement Park ainda falava em confissão, e todos tinham uma experiência brutal para compartilhar. A ideia de "bullying" começou a apimentar histórias de motivação. O conceito tocou um nervo nacional, e logo o movimento anti-bullying ganhou força própria. Todo mundo que tinha frequentado o ensino médio entendia o problema horrível que poderia ser. Muitos acreditavam que lidar com isso poderia ser a única coisa boa a sair da tragédia.

Toda a conversa sobre bullying e alienação forneceu um motivo fácil. Quarenta e oito horas após o massacre, o *USA Today* uniu os fios em uma impressionante reportagem de capa que fundiu os mitos da caça a atletas, vingança de valentões e MTC. "Os alunos estão começando a descrever como uma rivalidade de longa data entre os membros mal-humorados de sua camarilha [o TCM] e os atletas da escola aumentou e acabou explodindo na violência mortal desta semana", disse o jornal. Descreveu a tensão na primavera anterior, incluindo brigas diárias. Os detalhes eram precisos, as conclusões erradas. A maioria da mídia seguiu. Foi aceito como fato.

___

Não há evidências de que o bullying tenha levado ao assassinato, mas há evidências consideráveis de que era um problema na Columbine High. Após a tragédia, o Sr. D recebeu muitas críticas por bullying, principalmente porque ele insistiu que não sabia que havia acontecido.

"Estou lhe dizendo, desde que eu seja um administrador aqui, se estou ciente de uma situação, então eu lido com essa situação", disse ele. "E eu acredito em nossos professores, e acredito em nossos treinadores. Entreguei meu próprio filho. Acredito fortemente nas regras."

Isso pode ter sido parte de sua queda. O Sr. D acreditava fortemente nisso nas regras. Ele mantinha sua equipe no mesmo padrão e parecia acreditar que eles o cumpririam. Seu relacionamento incomum com as crianças também criou um ponto cego. Foi tudo sorrisos quando o Sr. D caminhou pelo corredor. Eles sinceramente se aqueceram ao vê-lo e procuraram agradá-lo também. Às vezes, ele confundia essa alegria com felicidade generalizada em sua escola.

Afinidades pessoais também obscureceram o problema. O Sr. D sabia que era atraído pelos esportes. Ele trabalhou duro para compensar isso participando de torneios de debate, testes de teatro e shows de arte. Ele conferenciava regularmente com o senado estudantil. Mas essas foram todas histórias de sucesso. Mr. D equilibrado atletismo e acadêmicos melhor do que overachievers e unders.

"Eu não acho que ele tenha uma preferência de propósito", disse uma garota com piercing em um corte curto e botas xadrez vermelhas. "Ele tem muito espírito escolar, e acho que ele aponta na direção em que se sente mais confortável, como esportes escolares e congressos estudantis." Ela via DeAngelis como um homem sincero, fazendo um tremendo esforço para interagir com os alunos, sem saber que sua inclinação natural para alunos felizes e enérgicos criava um ponto cego para os de fora. "Meus amigos góticos odiavam a escola", disse ela.

___

A multidão no Clement Park continuou crescendo, mas os alunos entre eles diminuíram. Na tarde de quarta-feira, eles abriram seus corações aos repórteres. Na quarta-feira à noite, eles assistiram a um retrato grotesco de sua escola na televisão. A princípio, era um filme caridoso, mas foi ficando cada vez mais sinistro à medida que a semana passava. A mídia passou a gostar do adjetivo "tóxico". Aparentemente, Columbine era um lugar horrível. Foi aterrorizado por um bando de lordes atléticos imprudentes e governado por uma aristocracia de garotos brancos ricos e arrogantes na última linha da Abercrombie & Fitch.

Parte disso era verdade - ou seja, era o ensino médio. Mas Columbine passou a incorporar tudo nocivo sobre a adolescência na América. Alguns alunos ficaram felizes em ver algumas verdades feias sobre o ensino médio expostas. A maioria ficou horrorizada. A versão da mídia era uma caricatura grosseira de como eles a viam e do que pensavam ter descrito.

Tornou difícil para cientistas sociais ou jornalistas virem a Littleton mais tarde, para estudar a comunidade em profundidade e ver o que realmente estava acontecendo. O princípio da incerteza de Heisenberg funcionou com força total: ao observar uma entidade, você a altera. Quão ruins eram os valentões de Columbine? Quão horrivelmente os assassinos foram tratados? Cada fragmento de testemunho após o segundo dia está

contaminado. Heisenberg era um físico quântico, observando o comportamento dos elétrons. Mas os cientistas sociais começaram a aplicar seu princípio aos humanos. Era notável como nos comportávamos de maneira semelhante. Durante a terceira semana de abril, Littleton foi observado além de qualquer reconhecimento.

O lado bom é que uma enorme quantidade de dados foi coletada naqueles primeiros dias, enquanto os alunos eram ingênuos, antes que qualquer um desenvolvesse uma agenda. Centenas de jornalistas estavam em campo e quase tantos detetives documentavam suas descobertas em relatórios policiais. Esses relatórios permaneceriam selados por dezenove meses. Praticamente todas as primeiras notícias estavam infestadas de suposições errôneas e conclusões comicamente erradas. Mas os dados estão lá.

29. As Missões

Dois anos antes de transportar as bombas para o refeitório de Columbine, Eric deu um passo crucial. Ele sempre manteve uma vida de fantasia ativa. Suas fantasias de extinção progrediram de forma constante, mas a realidade se manteve firme e foi completamente separada de sua vida de fantasia. Então, um dia, no meio do segundo ano, Eric começou a agir. Ele não estava zangado, cruel ou particularmente odioso. Sua campanha contra os inferiores foi comicamente banal. Mas era real.

A travessura começou como um trio. Dylan e Zack eram co-conspiradores e companheiros de esquadrão. Em seus relatos escritos, Eric se referiu aos dois por seus codinomes, VoDKa e KiBBz. Eles lançaram as aventuras em janeiro de 1997, segundo semestre do segundo ano. Eles se encontravam principalmente na casa de Eric, saíam às escondidas depois da meia-noite e vandalizavam casas de crianças que ele não gostava. Eric escolheu os alvos, é claro.

Eles tinham que ter cuidado para escapar. Eles não podiam acordar seus pais. Muitas pedras para navegar no quintal de Eric e o cachorro de um vizinho irritante ficava "latindo sua cabeça", escreveu Eric. Então eles mergulharam em um campo de grama alta que ele comparou ao Mundo Perdido de Jurassic Park. Para Eric, foi uma aventura e tanto. Ele vinha interpretando heróis da Marinha em manobras militares desde a escola primária. Finalmente, ele estava em campo conduzindo-os.

Eric apelidou suas brincadeiras de "as missões". À medida que avançavam, ele ruminava sobre os gênios desajustados da sociedade americana. Ele não gostou do que viu. Eric era um leitor voraz e acabara de devorar *The Pastures of Heaven, de John Steinbeck,* que inclui uma fábula sobre o sábio idiota Tularecito. O menino tinha dons extraordinários que lhe permitiam ver um mundo que seus colegas nem podiam imaginar - exatamente como Eric estava começando a se ver, embora sem as deficiências mentais de Tularecito. Os colegas de Tularecito não viram seus dons e o trataram mal. Tularecito revidou violentamente, matando um de seus antagonistas. Ele foi preso por toda a vida em um manicômio. Eric não aprovou. "Tularecito não merecia ser posto de lado", escreveu ele em um relatório de livro. "Ele só precisava ser ensinado a controlar sua raiva. A sociedade precisa tratar pessoas extremamente talentosas como Tularecito muito melhor." Tudo o que eles precisavam era de mais tempo, argumentou Eric – desajustados talentosos podiam aprender o que era certo e errado, o que era aceitável para a sociedade. "Amor e cuidado é o único caminho", disse ele.

Amor e cuidado. Eric escreveu isso no exato momento em que começou a se mover contra seus colegas. Às vezes, ele atacava suas casas para retaliar por desrespeitos percebidos, mas na maioria das vezes pela ofensa de inferioridade.

Entre as missões, os meninos se meteram em problemas inesperados. Eric ficou bravo com Brooks Brown e parou de falar com ele. Então ele intensificou uma briga de bolas de neve quebrando um pedaço de gelo de

um cano de esgoto. Ele atirou no carro de um amigo de Brooks e amassou o porta-malas. Ele pegou outro pedaço e quebrou o para-brisa do Mercedes de Brooks.

"Foda-se!" Brooks gritou. "Você vai pagar por isso!"

Eric riu. "Beije minha bunda, Brooks. Eu não vou pagar por nada."

Brooks foi para casa e contou à mãe. Então ele foi para a casa de Eric. Ele ficou furioso, mas Kathy Harris permaneceu calma. Ela convidou Brooks e deu-lhe um assento na sala de estar. Brooks conhecia muitos segredos de Eric, e ele os contou todos. "Seu filho está se esgueirando à noite", disse ele. "Ele anda por aí vandalizando coisas." Kathy parecia incrédula. Ela tentou acalmar o garoto. Brooks não parava de reclamar: "Ele tem bebida no quarto. Procure! Ele tem latas de tinta spray. Procure!" Ela queria que ele falasse, mas ele sentiu que ela estava agindo como uma conselheira escolar. Ele estava fora de lá, ele disse - ele estava saindo antes que Eric voltasse.

Brooks foi para casa e descobriu que seu amigo havia pegado a mochila de Eric, fazendo-a mais ou menos refém. A mãe de Brooks, Judy, assumiu o controle da situação. Ela ordenou que todos entrassem em seu carro e os trouxe para ver Eric.

Ele ainda estava gostando da luta de bolas de neve. "Tranque as portas!" Judy exigiu. Ela baixou a janela e gritou para Eric: "Estou com sua mochila e vou levá-la para a casa da sua mãe. Encontre-nos lá."

Eric agarrou o carro e gritou ferozmente. Quando ela se afastou, ele se agarrou, gemendo mais forte. Eric a lembrou de um animal fugitivo atacando um carro em um parque temático de vida selvagem. O amigo de Brooks passou para o outro lado do banco traseiro. Judy estava apavorada. Eles nunca tinham visto esse lado de Eric. Eles estavam acostumados com as tiradas de Dylan, mas ele era todo show. Eric parecia estar falando sério.

Judy ganhou velocidade suficiente e Eric a soltou. Em sua casa, a mãe de Eric os cumprimentou na entrada da garagem. Judy entregou-lhe a mochila e descarregou a história. Kathy começou a chorar. Judy se sentiu mal. Kathy sempre foi tão doce.

Wayne voltou para casa e jogou o temor de Deus em Eric. Ele o interrogou sobre o álcool, mas Eric o escondeu e jogou inocentemente de forma convincente. Ele não estava se arriscando, no entanto - assim que teve uma chance, ele destruiu o estoque. "Eu tive que largar todas as garrafas que eu tinha e mentir como um vendedor de merda para meus pais", escreveu ele.

Naquela noite, ele foi com a abordagem confessional. Ele admitiu uma fraqueza para seu pai: a verdade era que ele tinha medo da Sra. Brown. Isso explicava muito, pensou Wayne.

Kathy queria ouvir mais dos Browns; Wayne se ressentiu amargamente da interferência. Quem era essa mulher histérica? Ou seu pirralho conivente Brooks? Wayne era duro o suficiente com os meninos sem que estranhos lhe dissessem como criar seus filhos.

Kathy ligou para Judy naquela noite. Judy sentiu que realmente queria ouvir, mas Wayne foi negativo e desdenhoso em segundo plano. Era coisa

de criança, ele insistiu. Foi tudo desproporcional. Ele entrou na linha e disse a Judy que Eric tinha lidado com a verdade: ele estava com medo dela.

"Seu filho não tem medo de mim!" disse Judy. "Ele veio atrás de mim no meu carro!"

Wayne fez anotações sobre a troca em um bloco de notas verde. Ele descreveu os crimes de Eric, incluindo ficar na cara de Judy Brown e "ser um pouco valentão". Na parte inferior da página, ele resumiu. Ele considerou Eric culpado de agressão, desrespeito, danos materiais e ameaças ociosas de danos físicos. Mas ele não olhou com bons olhos para os Browns. "Reação exagerada a incidentes menores", concluiu. Ele a datou em 28 de fevereiro de 1997.

Na escola no dia seguinte, Brooks ouviu que Eric estava fazendo ameaças sobre ele. Ele contou a seus pais naquela noite. Eles chamaram a polícia. Um deputado veio interrogá-los, depois foi ver os Harris. Wayne ligou alguns minutos depois. Ele estava trazendo Eric para se desculpar.

Judy disse a Brooks e seu irmão, Aaron, para se esconderem. "Eu quero vocês dois no quarto dos fundos", disse ela. "E não saia."

Wayne esperou no carro. Ele se recusou a fornecer apoio moral - Eric teve que caminhar até a porta e enfrentar o Sr. e a Sra. Brown sozinhos.

Eric havia recuperado sua compostura normal. Ele estava excepcionalmente arrependido. "Sra. Brown, eu não quis fazer nenhum mal", disse ele. "E você sabe que eu nunca faria nada para machucar Brooks."

"Você pode puxar a lã sobre os olhos do seu pai", disse ela, "mas você não pode puxar a lã sobre os meus olhos."

Eric ficou boquiaberto. "Voce esta me chamando de mentiroso?"

"Sim, eu estou. E se você passar pela nossa rua, ou se você fizer alguma coisa com Brooks de novo, eu vou chamar a polícia."

Eric saiu em um acesso de raiva. Ele foi para casa e planejou vingança. Ele estava cauteloso agora, mas ele não iria recuar. O próximo alvo da missão foi a casa dos Browns. A equipe também atingiu "casas aleatórias". Principalmente, eles soltavam fogos de artifício, colocavam papel higiênico nos lugares ou acionavam um alarme em casa; eles também prenderam Silly Putty no Mercedes de Brooks. Eric estava se gabando das missões em seu site e, a essa altura, ele postou o nome, endereço e número de telefone de Brooks. Ele encorajou os leitores a assediar "esse babaca".

Brooks havia traído Eric. Brooks teve de ser punido, mas nunca foi significativo. Eric tinha ideias maiores. Ele estava experimentando com temporizadores agora, e eles ofereciam novas oportunidades. Eric conectou uma dúzia de fogos de artifício e conectou um fusível longo. Ele era meticulosamente analítico, mas não tinha como avaliar seus dados, porque fugiu assim que acendeu os pavios.

Judy Brown via Eric como um criminoso em flor. Ela e Randy falaram com o pai de Eric repetidamente. Eles continuaram chamando a polícia.

Wayne não gostou disso. Ele faria qualquer coisa para proteger o futuro de seus filhos. A disciplina era óbvia, mas a reputação dos meninos estava fora de seu controle. Toda criança ia estragar tudo de vez em quando. O

importante era mantê-lo dentro da família. Uma marca negra pode acabar com uma vida inteira de oportunidades. Qual era o propósito de instilar disciplina se uma família maluca pudesse arruinar o registro permanente de Eric?

Wayne examinou Eric por um tempo, mas acabou comprando a versão de seu filho. Eric era esperto o suficiente para lidar com algum mau comportamento. Sua contrição calma fez os Browns parecerem histéricos.

Três dias após o incidente com o gelo, Wayne estava lutando com mais pais e um reitor de Columbine. Wayne puxou o bloco de seis por nove polegadas e rotulou a capa como "ERIC". Ele encheu mais três páginas de caderno ao longo de dois dias. Brooks sabia das missões e foi ver um reitor. O reitor estava preocupado com o consumo de álcool e danos à propriedade da escola. Ele envolveria a polícia, se necessário.

Eric se fez de bobo. A palavra "negação" aparece em letras grandes em duas páginas consecutivas do diário de Wayne. Ambas as vezes a palavra é circulada, mas a primeira entrada é rabiscada. "Negação de conhecimento uniforme sobre o assunto álcool entre ele e eu", diz a segunda entrada. "Não sabia do que [Dean] Place estava falando." Wayne concluiu que o problema estava "Acabou e pronto - não discuta com os amigos". Ele repetidamente enfatizou que o silêncio era a chave. "Conversei com Eric: basicamente - finalizado", escreveu ele. "Deixem um ao outro em paz, não falem sobre isso. Concordamos que toda a discussão acabou."

Wayne Harris aparentemente respirou mais aliviado por um tempo. Ele não escreveu em seu diário por um mês e meio. Em seguida, vêm quatro entradas rápidas documentando uma série de telefonemas. Primeiro, Wayne conversou com a mãe de Zack e outro pai. No dia seguinte, dois anos e um dia antes do massacre, um delegado do departamento do xerife de Jeffco ligou. Wayne levantou a guarda. "Nós também nos sentimos vítimas", escreveu ele. "Nós não queremos ser acusados toda vez que algo acontecer. Eric aprendeu a lição." Ele riscou a última frase e escreveu "não tem culpa".

O verdadeiro problema era Brooks, Wayne estava convencido. "Brooks Brown está atrás de Eric", escreveu ele. "Brooks teve problemas com outros meninos. Manipulador e Vigarista."

Se o problema continuar, talvez seja hora de contratar um mediador. Ou um advogado. A última entrada de Wayne na disputa ocorreu uma semana depois, em 27 de abril, após uma ligação com Judy Brown. "Eric não quebrou a promessa ao Sr. Place - o reitor - de deixar um ao outro sozinho", escreveu ele. Na parte inferior da página, ele repetiu seus sentimentos anteriores: "Nós também nos sentimos vítimas. Manipuladores, vigaristas".

___

Eric arrasou totalmente nas missões. Dylan gostava deles também - ele gostava da camaradagem, especialmente. Ele se encaixava lá, ele tinha um papel a desempenhar, ele pertencia. Mas as missões eram breves diversões; eles não o estavam fazendo feliz. Na verdade, Dylan estava infeliz.

30. Dizendo-nos o porquê

J effco teve um problema. Antes de Eric e Dylan se matarem, os policiais descobriram arquivos sobre os meninos. Os policiais tinham doze páginas do site de Eric, vomitando ódio e ameaçando matar. Para os detetives, uma confissão escrita, descoberta antes que os assassinos fossem capturados, era uma grande chance. Certamente simplificou o mandado de busca. Mas para os comandantes, uma confissão *pública* , na qual eles estavam sentados desde 1997 - isso poderia ser um desastre de relações públicas.

As páginas da Web vieram de Randy e Judy Brown. Eles alertaram o departamento do xerife repetidamente sobre Eric, por mais de um ano e meio. Por volta do meio-dia de 20 de abril, o arquivo foi transportado para o centro de comando em um trailer montado no Clement Park. Funcionários da Jeffco citaram o site de Eric extensivamente nos mandados de busca executados naquela tarde, mas depois negaram ter visto o site. (Eles passariam vários anos repetindo essas negações. Eles também suprimiram os mandados condenatórios.) Então o xerife Stone apontou Brooks como suspeito no *The Today Show* .

Foi um momento difícil para a família Brown. O público recebeu duas histórias conflitantes: Randy e Judy Brown trabalharam para impedir Columbine ou levantaram um de seus conspiradores. Ou ambos.

Para os Browns, parecia uma retribuição. Sim, seu filho tinha estado perto dos assassinos - perto o suficiente para ver isso acontecer. Os Browns haviam denunciado Eric Harris mais de um ano antes, e os policiais não fizeram nada. Depois que Eric passou por suas ameaças, os Browns foram apontados como cúmplices em vez de heróis. Eles não podiam acreditar. Eles disseram ao *New York Times* que haviam contatado o departamento do xerife sobre Eric quinze vezes. Os funcionários da Jeffco insistiram por anos que os Browns nunca se encontraram com um investigador – apesar de terem um relatório indicando que eles o fizeram.

Os oficiais sabiam que tinham um problema, e era muito pior do que os Browns imaginavam. Treze meses antes do massacre, os investigadores do xerife John Hicks e Mike Guerra haviam investigado uma das queixas dos Browns. Eles descobriram evidências substanciais de que Eric estava construindo bombas caseiras. Guerra havia considerado sério o suficiente para redigir uma declaração juramentada para um mandado de busca contra a casa dos Harris. Por alguma razão, o mandado nunca foi levado a um juiz. O depoimento de Guerra foi convincente. Ele explicou todos os componentes-chave: motivo, meios e oportunidade.

Poucos dias após o massacre, cerca de uma dúzia de autoridades locais fugiram dos federais e se reuniram clandestinamente em um escritório inócuo no prédio do Departamento de Espaço Aberto do condado. Ele viria a ser conhecido como a reunião do Espaço Aberto. O objetivo era discutir a declaração de um mandado de busca e apreensão. Quão ruim foi? O que eles devem dizer ao público?

Guerra foi levado para a reunião e disse para nunca discutir fora daquele grupo. Ele obedeceu.

Â reunião também foi mantida em segredo. Isso durou cinco anos. Em 22 de março de 2004, Guerra finalmente confessaria que aconteceu, para investigadores do procurador-geral do Colorado. Ele a descreveu como "uma daquelas reuniões de cobertura".

O promotor público Dave Thomas participou da reunião. Ele disse ao grupo que não encontrou nenhuma causa provável para os investigadores terem executado a minuta do mandado - uma descoberta ridicularizada uma vez que foi divulgada. Ele foi formalmente contrariado pelo procurador-geral do Colorado em 2004.

Em uma notória coletiva de imprensa dez dias após os assassinatos, os funcionários da Jeffco suprimiram o depoimento e mentiram ousadamente sobre o que sabiam. Eles disseram que não conseguiram encontrar as páginas da Web de Eric, não encontraram evidências de bombas caseiras que combinassem com as descrições de Eric e não tinham registro do encontro dos Browns com Hicks. A declaração de Guerra contradisse claramente todas as três alegações. As autoridades tinham acabado de passar dias revisando-o. Eles repetiriam as mentiras por anos.

Vários dias após a reunião, o arquivo do investigador Guerra sobre sua investigação de Eric desapareceu pela primeira vez.

———

A reunião de cobertura foi um assunto estritamente Jeffco, limitado principalmente a altos funcionários. A maioria dos detetives do caso - incluindo os federais e policiais de jurisdições locais - não sabiam do encobrimento. Eles estavam tentando desvendar o caso.

Os detetives da polícia continuaram se espalhando por Littleton. Eles tinham dois mil alunos para entrevistar – sem saber onde a verdade poderia estar escondida. Todos eles se reportaram à equipe de liderança na sala da banda de Columbine. Foi um caos. Os caras estavam chegando com notas em pedaços de papel e capas de caixa de fósforos.

No final da semana, Kate Battan assumiu o controle da situação. Ela chamou todos para a sala da banda para um enorme debriefing de quatro horas e troca de informações. Ao final da reunião, três questões cruciais permaneceram: Como os assassinos conseguiram todas as armas? Como eles colocaram as bombas na escola? Quem conspirara para ajudá-los?

Battan e sua equipe tinham uma boa ideia de onde estava a conspiração. Eles tinham quase uma dúzia de suspeitos principais. Eles colocaram dois um contra o outro. Chris Morris alegou que era inocente. Prove, eles disseram. Ajude-nos a fumar Duran.

Chris concordou com uma escuta. Na tarde de sábado, ele ligou para Phil Duran da sede do FBI em Denver, enquanto agentes federais ouviam.

Eles se compadeceram de quão áspero tinha ficado. "É muito louco, cara", disse Phil.

"Sim. A mídia está ficando maluca."

Chris foi para a matança cedo demais. Ele tinha ouvido que Duran tinha saído atirando com os assassinos, e alguém gravou em vídeo. Ele mencionou a fita, mas Duran a ignorou. Durante quatorze minutos, eles

conversaram. Chris continuou circulando de volta para ele; Duran desviou tantas vezes. "Eu não tenho idéia, cara", disse ele.

Finalmente, Chris admitiu que Duran estava filmando com Eric e Dylan. Ele ganhou um nome: o lugar se chamava Rampart Range.

Não parecia muito. Foi alavancagem.

___

No domingo, um agente da ATF fez uma visita a Duran. Duran lhe contou tudo. Eric e Dylan o abordaram sobre uma arma. Ele os colocou em contato com Mark Manes, que lhes vendeu o TEC-9. Duran admitiu ter repassado parte do dinheiro, mas disse que não ganhou nada com o negócio. Cada pedacinho disso era verdade.

Cinco dias depois, os detetives levaram Manes para a sede da ATF no centro de Denver, com advogados de defesa e acusação. Manes fez uma confissão completa. Duran o apresentou a Eric e Dylan em 23 de janeiro no Tanner Gun Show - o mesmo lugar onde os assassinos compraram as outras três armas. Duran identificou Eric como o comprador e foi ele quem falou. Manes concordou em vender a arma a crédito. Eric pagaria US$ 300 agora, US$ 200 a mais quando pudesse aumentá-lo.

Foi Dylan quem apareceu na casa de Manes naquela noite. Ele entregou o pagamento e pegou a arma. Duran entregou os US$ 200 algumas semanas depois.

Os detetives perguntaram repetidamente a Manes sobre a idade dos assassinos. Eventualmente, ele admitiu que tinha assumido que eles tinham menos de dezoito anos.

Manes havia comprado o TEC-9 na mesma feira, cerca de seis meses antes. Ele usou seu cartão de débito. Mais tarde, ele apresentou um extrato bancário, mostrando que ele pagou US$ 491. Ele ganhou nove dólares no negócio. Isso poderia lhe custar dezoito anos.

___

O Dr. Fuselier não pensou muito no motivo nos primeiros dias. Era meio que um ponto discutível, e eles tinham uma conspiração para envolver. A cada minuto, evidências podiam estar desaparecendo, álibis arranjados, histórias de capa coordenadas. Mas a curiosidade logo se intrometeu e se recusou a ser amassada. Sua mente continuava voltando à questão crítica de *por quê?*

Com quase uma centena de detetives trabalhando no caso, essa questão central caiu em grande parte para um. Começou como uma pequena parte do trabalho do agente Fuselier. Ele estava principalmente preocupado em liderar a equipe do FBI. Ele se reunia diariamente com os líderes de sua equipe: eles o informavam, ele fazia perguntas, fazia furos em suas teorias, sugeria novas perguntas e os desafiava a investigar com mais afinco. Ele passava de oito a dez horas por dia liderando esse esforço e, aos sábados, dirigia até Denver para vasculhar sua caixa de entrada na sede do FBI. Ele tinha que se atualizar sobre os casos federais que ele havia entregue e oferecer insights e sugestões onde pudesse.

Mas ele começou a reservar um pouco de tempo todas as noites para avaliar os assassinos. Ele tinha equipes de pessoas para reunir os dados, mas ninguém mais estava qualificado para analisá-los. Ele era o único psicólogo da equipe. Ele havia estudado esse tipo de assassino por anos para o FBI e sabia o que estava enfrentando. Mesmo que isso significasse algumas horas de trabalho extra a cada noite, ele iria entender esses meninos. Isso o irritou, vê-los se gabar em vídeo sobre as pessoas que iriam mutilar. "Seus malditos idiotas", ele se ouvia murmurar. Mas às vezes ele sentia um pouco de pena deles. O ponto de vista deles era indefensável, mas ele teve que aceitá-lo temporariamente e simpatizar com eles. Se ele se recusasse a ver o mundo através de suas lentes, como ele entenderia como eles poderiam fazer isso? Eles eram garotos do ensino médio. Como eles ficaram assim? Dylan, em particular - que desperdício.

Os colegas e subordinados de Fuselier ficaram felizes por alguém ter assumido o papel informal de psicólogo-chefe. Eles tinham muitas perguntas sobre os assassinos e precisavam de alguém a quem recorrer: uma pessoa que entendesse profundamente os criminosos. Fuselier rapidamente ficou conhecido internamente como o especialista nos dois meninos. Kate Battan estava liderando a investigação do dia-a-dia, e todos acataram questões logísticas, como quem estava correndo por um determinado corredor em um determinado momento durante o ataque. Mas Fuselier entendia os perpetradores. Ele voltou ao diário de Eric várias vezes, e depois ao de Dylan, derramando sobre cada linha.

Cerca de uma semana após os assassinatos, Fuselier foi apresentado às fitas do porão e às filmagens anteriores que Eric e Dylan fizeram de si mesmos. Ele levou as fitas para casa e as assistiu repetidamente. Ele apertava o botão Pause com frequência, avançando quadro a quadro, retrocedendo em momentos reveladores para dissecar nuances. Na superfície, grande parte do material era tedioso e banal: pequenos trechos da vida cotidiana, como os garotos fazendo piadas idiotas do ensino médio com Chris Morris no carro e brigando sobre o pedido de drive-thru no Wendy's. Nada nem mesmo tangencialmente relacionado aos assassinatos apareceu na maioria das fitas, mas Fuselier absorveu impressões comuns de seus assassinos.

Fuselier assistiu ou leu cada palavra dos assassinos dezenas de vezes. Sua grande chance veio apenas alguns dias após os assassinatos, antes de ver as fitas do porão. Fuselier ouviu um agente da ATF citando uma frase medonha que Eric Harris havia escrito.

"O que você tem aí?" perguntou Fuselier.

Um jornal. No último ano de sua vida, Eric Harris havia escrito muitos de seus planos em um diário.

Fuselier se aproximou e leu a linha de abertura: "Odeio a porra do mundo".

"Quando li a primeira frase, toda a comoção na sala da banda acabou", disse ele mais tarde. "Eu apenas desmaiei. Todo o resto desapareceu." De repente, as grandes bombas começaram a fazer muito mais sentido. *A porra*

do mundo . "Esse não é Brooks Brown", disse Fuselier. "Esses não são os atletas. Isso é um ódio onipresente."

Fuselier leu um pouco mais, depois virou-se para o agente da ATF. "Posso ter uma cópia disso?"

As páginas haviam sido fotocopiadas de um caderno espiral: dezesseis páginas manuscritas e mais uma dúzia de esboços, gráficos e diagramas. Havia dezenove entradas, todas datadas, de 10 de abril de 1998 a 3 de abril de 1999, dezessete dias antes de Columbine. Eles corriam uma página ou duas no início, depois encurtavam consideravelmente, com as últimas cinco espremidas na última página e meia. Eles estavam escuros e confusos de muitas viagens pela copiadora. O rabisco de Eric foi difícil de decifrar no início, mas Fuselier estava lendo novamente enquanto as páginas passavam novamente pela copiadora. "Foi hipnotizante", disse ele.

O jornal contava infinitamente mais do que o site de Eric. O site - que antecedeu o jornal em pelo menos um ano - foi principalmente desabafado raiva. Ela nos dizia quem ele odiava, o que queria fazer com o mundo e o que já havia feito. Dizia muito pouco sobre o porquê. O diário estava zangado, mas profundamente reflexivo. E infinitamente mais sincero sobre os impulsos que levam Eric a matar.

Fuselier leu enquanto as fotocópias corriam, ele leu na caminhada de volta para a mesa do agente da ATF, e ficou lá lendo em vez de voltar para sua própria cadeira. Ele não notou suas costas endurecendo por vários minutos, até que a dor finalmente o interrompeu. Então ele se sentou. E continuei lendo. *Puta merda, pensou Fuselier. Ele está nos dizendo por que ele fez isso* .

Eric provaria ser o assassino mais fácil de entender. Eric sempre sabia o que estava fazendo. Dylan não.

PARTE III

A ESPIRAL PARA BAIXO

31. O Buscador

Dylan corria dia e noite: analisando, inventando, desconstruindo. Ele tinha quinze anos, ele tinha acompanhado as missões, ele era o cara número um de Eric, e nada disso importava. A cabeça de Dylan estava explodindo de ideias, sons, impressões – ele nunca conseguia desligar a raquete. Aquele idiota na aula de educação física, sua família, as garotas que ele gostava, as garotas que ele amava, mas nunca conseguia – por que ele nunca conseguia? – ele nunca conseguiria. Um cara ainda pode sonhar, certo?

Dylan estava com dor. Ninguém entendeu. A vodca ajudou. A Internet também. As garotas eram difíceis de conversar; As mensagens instantâneas tornaram isso mais fácil. Dylan ficava sozinho em seu quarto por horas à noite. A vodka fazia as palavras fluírem, mas reduzia sua habilidade de soletrar. Quando uma garota da Internet o chamou, ele riu e admitiu que estava bêbado. Era fácil esconder de seus pais – eles nunca suspeitaram. Tudo aconteceu silenciosamente em seu quarto.

As mensagens instantâneas não foram suficientes. Muitos segredos para guardar; muitos conceitos passando sobre suas cabeças. O suicídio o estava consumindo – de jeito nenhum Dylan estava confessando isso. Ele tentou explicar algumas das outras ideias, mas as pessoas eram muito grossas para entender.

Logo após o início das missões, na primavera do segundo ano, 31 de março de 1997, Dylan ficou bêbado, pegou uma caneta e começou a conversar com a única pessoa que podia entender. Ele mesmo. Ele imaginou seu diário como um majestoso tomo antigo, com capas enormes que se estendiam logo após o pergaminho e uma fina fita de cetim costurada na encadernação, como em uma Bíblia. Tudo o que ele tinha era um bloco simples de papel de caderno, regido pela faculdade e com três furos. Então ele desenhou a capa imaginária na capa. Ele intitulou seu trabalho "Existences: A Virtual Book".

Não havia indícios de assassinato naquele primeiro dia, nem mesmo violência. Apenas traços de raiva vazaram, principalmente direcionados a si mesmo. Dylan estava em uma busca espiritual. "Eu faço merda para supostamente me 'limpar' de uma maneira espiritual e moral", escreveu ele. Ele tentou deletar os arquivos do Doom de seu computador, tentou ficar sóbrio, tentou parar de tirar sarro das crianças – isso foi difícil. As crianças eram tão fáceis de ridicularizar.

A purificação espiritual não estava ajudando. "Minha existência é uma merda", escreveu ele. Ele descreveu o sofrimento eterno em infinitas direções através de infinitas realidades.

A solidão era o cerne do problema, mas era mais profundo do que apenas encontrar um amigo. Dylan se sentiu isolado da humanidade. Os humanos estavam presos em uma caixa de nossa própria construção: prisões mentais nos enjaulando de um universo de possibilidades. Deus, as pessoas eram irritantes! Do que eles tinham medo? Dylan podia ver um universo inteiro se abrindo em sua mente. Ele era um buscador, ele procurou explorar tudo, através do tempo e do espaço e quem sabe quantas

dimensões. As possibilidades eram de tirar o fôlego. Quem poderia deixar de contemplar a maravilha de tudo isso? Quase todos, infelizmente. Os humanos adoravam suas caixinhas, tão seguras, quentinhas, confortáveis e *chatas!* Eles eram zumbis por escolha.

Algumas das ideias de Dylan eram difíceis de colocar em palavras. Ele desenhou rabiscos nas margens e os rotulou de "imagens de pensamento".

Ele era um jovem profundamente religioso. Sua família não era ativa em nenhuma congregação, mas a crença de Dylan era inabalável. Ele acreditava em Deus sem questionar, mas constantemente desafiava Suas escolhas. Dylan gritava, amaldiçoando a Deus por torná-lo um Jó moderno, exigindo uma explicação para a brutalidade divina de Seu fiel servo.

Dylan acreditava em moralidade, ética e vida após a morte. Ele escreveu atentamente sobre a separação do corpo e da alma. O corpo não tinha sentido, mas sua alma viveria para sempre. Ele residiria ou na serenidade pacífica do céu ou nas torturas escaldantes do inferno.

A raiva de Dylan se inflamava, depois se transformava rapidamente em auto-aversão. Dylan não estava planejando matar ninguém, exceto, se Deus quisesse, ele mesmo. Ele ansiava pela morte por pelo menos dois anos. A primeira menção vem na primeira entrada: "Pensar em suicídio me dá esperança de que estarei no meu lugar onde quer que eu vá depois desta vida - que finalmente não estarei em guerra comigo mesmo, com o mundo, com o universo - minha mente, corpo, em todos os lugares, tudo em PAZ - eu - minha alma (existência)".

Mas o suicídio era um problema. Dylan acreditava em um céu e um inferno literais. Ele seria um crente até o fim. Quando ele assassinou várias pessoas, ele sabia que haveria consequências. Ele se referia a eles em sua mensagem final em vídeo, gravada na manhã que chamou de "Dia do Julgamento".

Dylan era único, disso ele tinha certeza. Ele estava observando as crianças na escola. Alguns eram bons, outros ruins, mas todos tão completamente diferentes dele. Dylan superou até mesmo Eric em sua crença em sua própria singularidade. Mas Eric equiparou "único" com "superior" - Dylan via isso principalmente como ruim. Único significava solitário. De que adiantavam talentos especiais quando não havia ninguém com quem compartilhá-los?

Seus humores iam e vinham rapidamente. Dylan se tornou compassivo, depois fatalista. "Eu não me encaixo aqui", ele reclamou. Mas o caminho para a vida após a morte era simplesmente monstruoso: "vá para a escola, fique com medo e nervoso, esperando que as pessoas possam me aceitar".

___

Eric e Dylan deixaram diários para trás. O Dr. Fuselier passaria anos estudando-os. À primeira vista, o de Dylan parecia mais promissor. Fuselier estava faminto por dados e Dylan forneceu uma pilha impressionante. Seu diário começou um ano antes do de Eric, preencheu quase cinco vezes mais páginas e permaneceu ativo até o fim. Mas Eric começaria seu diário como um assassino. Ele já sabia onde isso iria parar. Cada página apontava na

mesma direção. Seu propósito não era a autodescoberta, mas a auto-leonização. Dylan estava apenas tentando lidar com a existência. Ele não tinha ideia de para onde estava indo. Suas idéias estavam por todo o mapa.

Dylan gostava de ordem. Cada entrada de diário começava com um cabeçalho de três linhas na margem direita: nome, data e título, todos escritos em letras de tamanho médio. Ele então repetiu o título - ou às vezes o adaptou - em caracteres de tamanho duplo centralizados acima do texto principal. A maior parte da cópia era impressa, mas ocasionalmente ele se desviava para o roteiro. Ele escrevia uma entrada por mês, quase todo mês, mas quase nunca duas vezes por mês. Ele preenchia duas páginas inteiras e depois parava. Se ele ficasse sem ideias ou interesse, ele preenchia a segunda página com letras enormes ou esboços.

Sua segunda entrada veio cedo: apenas duas semanas depois da primeira. Suas ideias estavam começando a se encaixar. "A batalha entre o bem e o mal nunca termina", escreveu ele. Dylan repetiria essa ideia interminavelmente pelos próximos dois anos. Bem e mal, amor e ódio – sempre lutando, nunca resolvendo. Escolha o seu lado, depende de você - mas é melhor você rezar para que ele o pegue de volta. Por que o amor nunca o escolheria?

"Eu não sei o que faço de errado com as pessoas", escreveu ele, "é como se elas estivessem dispostas a odiar e (insultar) a mim, nunca sei o que dizer ou fazer". Ele havia tentado. Ele trouxe biscoitos Chips Ahoy para conquistá-los. O que exatamente seria necessário?

"Minha vida ainda está fodida", escreveu ele, "caso você se importe". Ele tinha acabado de perder $ 45, e antes disso era seu isqueiro Zippo e sua faca. É verdade, ele tinha conseguido os dois primeiros de volta, mas ainda assim. "Por que diabos ele está sendo tão IDIOTA??? (Deus, eu acho, quem é o ser que controla a merda.) Ele está me fodendo muito e isso me irrita. Bom Deus, eu odeio minha vida, eu quero morrer muito ruim agora."

32. Jesus Jesus Jesus

Domingo de manhã, 25 de abril, as igrejas de Columbine estavam lotadas. Depois, as multidões desceram até o Bowles Crossing Shopping Center, em frente ao Clement Park. Os organizadores haviam planejado até trinta mil pessoas de luto no amplo estacionamento. Setenta mil apareceram. O vice-presidente Al Gore estava na plataforma, junto com o governador, a maior parte da delegação do Congresso do Colorado e muitos clérigos. As redes de TV transmitem a cerimônia ao vivo.

"Coloque sua fé e confiança no filho vivo de Deus, o Senhor Jesus Cristo", instruiu Franklin, filho do reverendo Billy Graham, à multidão. "Devemos estar dispostos a receber Seu filho Jesus Cristo."

"Conforto genuíno e duradouro só vem por meio de Jesus Cristo", proclamou o pastor local Jerry Nelson. "Nós, seus pastores, pedimos a você: Busque Jesus!"

Jesus Jesus Jesus. Havia muito Dele naquele dia. O reverendo Graham dominou a cerimônia com um longo e apaixonado apelo para que as orações fossem revertidas às escolas públicas. Ele invocou o nome de seu salvador pessoal sete vezes em uma única enxurrada de quarenta e cinco segundos. "Você acredita no Senhor Jesus Cristo?" ele perguntou. Ele invocou Deus e Jesus quase cinquenta vezes no decorrer do discurso. Cassie estava pronta, ele disse. Ela estava diante de um atirador que a transportou imediatamente para a presença de Deus Todo-Poderoso. "Você está pronto?" ele perguntou.

A estrela pop cristã Amy Grant cantou duas vezes; um corpo de tambores e cornetas executou uma interpretação emocionante de "Amazing Grace"; e uma sucessão de treze pombas brancas foram soltas enquanto o governador Bill Owens recitava os nomes das vítimas. No final, começou a chover. Um banho lento e constante. Ninguém se mexeu. Milhares de guarda-chuvas foram erguidos, mas dezenas de milhares de pessoas ficaram molhadas.

Para muitos, Cassie Bernall foi a heroína de Columbine. Rapidamente se espalhou a notícia de que seu assassino a havia segurado sob a mira de uma arma e perguntado se ela acreditava em Deus. "Sim", ela respondeu. Ela professou sua fé e foi imediatamente baleada na cabeça. A vice-presidente Gore contou sua história para a multidão e para as câmeras. Ele citou liberalmente as Escrituras ao longo de seu discurso.

"Para as famílias das vítimas, que vocês sintam o abraço das literalmente centenas de milhões de americanos que sofrem com vocês", disse o vice-presidente Gore. "Nós mantemos sua agonia no centro de nossas orações. Você não está sozinho."

———

O país estava paralisado. Nos primeiros dez dias, as revistas das quatro principais redes de transmissão dedicaram 43 peças ao ataque. Os programas dominaram as classificações naquela semana. CNN e Fox News traçaram as classificações mais altas de sua história. Uma semana depois, o

USA Today ainda estava publicando dez histórias separadas de Columbine em uma única edição. Levaria quase duas semanas até que o *New York Times* publicasse uma edição sem Columbine na página 1.

E o martírio de Cassie Bernall foi o que mostrou mais pernas. "Milhões foram tocados por um mártir", proclamou o pastor Kirsten à sua congregação. Ele compartilhou uma visão que seu pastor de jovens recebeu enquanto ministrava aos Bernalls: "Eu vi Cassie e vi Jesus, de mãos dadas. E eles acabaram de se casar. Eles acabaram de celebrar sua cerimônia de casamento. E Cassie meio que piscou para mim, tipo, 'Eu gostaria de conversar, mas estou muito apaixonada.' Sua maior oração foi encontrar o cara certo. Você não acha que ela encontrou?

Kirsten consolou sua congregação enlutada, mas viu oportunidade na tragédia para salvar descaradamente mais almas. "Embale essa arca com o maior número de pessoas possível", disse ele.

Na estrada na Igreja Bíblica Foothills, o pastor Oudemolen estava compartilhando um entusiasmo semelhante. "Homens e mulheres, abram os olhos!" ele declarou. "As crianças estão se voltando para Deus! Eles estão indo para as igrejas!"

Grande parte do clero de Denver ficou horrorizado. O oportunismo no serviço público atraiu protestos, particularmente dos principais pastores protestantes. O reverendo Marxhausen, o pastor que realizou o funeral de Dylan, disse ao *Denver Post* que se sentiu "atingido na cabeça com Jesus" no culto.

Os evangélicos enfrentaram um profundo dilema moral: respeito pelas crenças dos outros versus a obrigação de defender Jesus como o único caminho, todos os dias. Eric e Dylan aterrorizaram o país, mas também ofereceram uma oportunidade inestimável. O clero evangélico responderia a Deus se o desperdiçasse. Um pastor evangélico pensativo disse que aprovava o uso do massacre para recrutamento, desde que fosse realmente feito para Deus. Ele se irritou com "caçadores de cabeças espirituais, apenas acumulando outro escalpo. A Bíblia nunca foi feita para ser um clube", disse ele. "Se eu estou usando isso como uma arma, isso é muito triste."

———

Craig Scott era um estudante do segundo ano, dezesseis anos, e excepcionalmente bonito, como sua irmã Rachel. Ele havia se escondido debaixo de uma mesa da biblioteca com Matthew Kechter e Isaiah Shoels. Enquanto ele estava lá embaixo, um dos pistoleiros gritou: "Peguem qualquer um com chapéu branco!" Craig estava usando um. Ele o arrancou e o enfiou sob a camisa. Ambos os assassinos passaram por sua mesa várias vezes. Eles pararam ali, eventualmente, e os dois atiraram. Matt caiu; assim fez Isaías. Craig foi poupado. Os tiros foram tão altos que Craig pensou que seus ouvidos iam sangrar. Ele passava a maior parte do tempo em posição fetal, com a cabeça baixa, rezando silenciosamente por coragem e força. Quando olhou para cima para avaliar os danos, Matt e Isaiah tinham caído encostados um no outro e gemendo. O sangue deles se acumulou ao redor

de Scott – ele não sabia dizer de quem era que estava encharcado em suas calças. Fumaça ou vapor subia da ruptura na lateral de Matt.

Em seguida, os assassinos foram para o corredor. "Acho que eles se foram", gritou Craig. "Vamos sair daqui." Outras crianças estavam se levantando devagar, indo para uma saída lateral. Craig deixou cair o chapéu branco no chão ao lado da mesa. Ao sair, uma garota debaixo da mesa do computador disse: "Por favor, me ajude". Kacey Ruegsegger tinha um grande buraco no ombro direito. Scott a ajudou a se levantar. Ele colocou o braço bom dela sobre seu ombro e a levou para fora.

Do lado de fora, eles correram para um carro de polícia estacionado na encosta do morro. Policiais estavam lá, apontando suas armas para as janelas da biblioteca. Craig continuou a orar. Ele pediu que outras crianças se juntassem a ele. Craig tinha aceitado Jesus Cristo como seu salvador pessoal, e eles precisavam muito dele agora. Ele liderou um pequeno grupo de oração.

Os policiais transportaram os feridos primeiro. Quando chegou a vez de Craig, ele ouviu mais tiros atrás dele. "Eles estão atirando em nós", disse um dos policiais.

Os policiais deixaram as crianças em um beco sem saída perto do terreno da escola. Craig juntou as mãos com outros em um grupo para orar. Então ele pegou um telefone, ligou para sua mãe e pediu que ela orasse por sua irmã. Ele tinha um mau pressentimento sobre ela. Ele rezou para que Rachel não estivesse ferida. Dentro de uma ou duas horas, ele começou a aceitar que ela poderia estar morta. Ela era. Rachel tinha sido a primeira morta, no gramado do lado de fora. Matt e Isaiah também estavam mortos. Kacy viveu.

Craig pegou pesado. Ele tinha visto coisas horríveis, mas tinha ouvido algo maravilhoso. No pior de tudo na biblioteca, ele ouviu uma garota professar sua fé. Surpreendente. Craig começou a contar a história naquela primeira tarde. Espalhou-se como fogo de mato. Entre os evangélicos, e-mails, faxes e telefonemas se espalharam por todo o país.

Na sexta-feira atingiu a grande mídia. Ambos os jornais de Denver o apresentaram. A peça de *Rocky* , "Martyr for Her Faith", começou com uma peça por peça:

Um assassino de Columbine apontou sua arma para Cassie Bernall e fez a pergunta de vida ou morte: "Você acredita em Deus?"

Ela fez uma pausa. A arma ainda estava lá. "Sim, eu acredito em Deus", disse ela.

Essa foi a última coisa que esse cristão de 17 anos diria.

O atirador perguntou a ela "Por quê?" Ela não teve tempo de responder antes de ser morta a tiros.

Bernall entrou na biblioteca da Columbine High School para estudar durante o almoço. Ela deixou um mártir.

O *Post* tinha uma conta semelhante. A imprensa nacional rapidamente saltou a bordo. No sábado, um comício da Evangelical Teen Mania em Michigan "se transformou em um festival de Cassie Bernall", de acordo com

o escritor do *Weekly Standard* J. Bottum. Ele descreveu 73.000 adolescentes no Silverdome "chorando junto com sermão após sermão sobre sua morte". No domingo de manhã, foi proclamado de inúmeros púlpitos.

No início, sua mãe não tinha certeza do que fazer com o martírio de Cassie. Mas logo Misty estava explodindo de orgulho, e seu marido, Brad, também. "Este trágico incidente foi jogado de volta na face de Satanás", disse Brad em um comunicado. Ele pediu aos adolescentes que dessem um passo à frente enquanto O Inimigo estava em retiro: "Para todos os jovens que ouvem isso: não deixem que a morte da minha filha seja em vão. tente. Eles querem você e ajudarão a apoiá-lo."

Na segunda-feira, Brad e Misty foram apresentados em um segmento de *20/20* intitulado "Retrato de um anjo". Circulavam histórias de que os assassinos tinham como alvo os evangélicos, bem como atletas e minorias. A comunidade de Brad presumiu que a resposta de Cassie havia provocado o assassino a atirar. "Ela sabia de onde ele estava vindo", disse Brad. "E ela estava dizendo: 'Você não pode me derrotar. Você não pode realmente me matar. Você pode tirar meu corpo, mas não pode me matar. Eu vou viver no céu para sempre.'"

Inicialmente, Brad parecia tirar um pouco mais de força da bravura de Cassie do que Misty. "Você acorda chorando", disse ela. "Espero que um dia eu possa acordar de manhã e não chorar. Mas eu disse a Brad, eu me perguntava como eles podiam fazer isso. Por que eles mataram nossa filhinha? Por que eles fizeram isso? Por quê?"

Alguns dias após o segmento *20/20* , Brad e Misty apareceram na *Oprah* . "Você gostaria que ela tivesse dito 'não'?" Oprah perguntou.

"Saber que uma garota implorou por sua vida e foi libertada" fez uma grande diferença, disse Misty. Eric provocou Bree Pasquale por vários minutos, repetidamente a forçando a implorar, então finalmente a dispensou. "Como mãe, você gostaria que ela implorasse", disse Misty. "Então, por um lado, você fica tipo, 'Sim, eu gostaria que ela implorasse.' Mas não consigo pensar em uma maneira mais honrosa de morrer do que professar sua fé em Deus."

33. Adeus

Dois anos antes do assassinato de Cassie, Dylan expôs seu caso para Deus. Ele enumerou os prós e os contras de sua existência. Bom: uma boa família, uma bela casa, comida na geladeira, alguns bons amigos próximos e algumas posses decentes. A lista ruim continuava: sem garotas – nem mesmo platônicas, sem outros amigos, ninguém o aceitando, indo mal nos esportes, parecendo feio e agindo tímido, tirando notas ruins, não tendo ambição na vida.

Dylan entendeu o que Deus havia escolhido para ele. Dylan deveria ser um buscador: "um homem em busca de respostas, nunca as encontrando, mas na desesperança entende as coisas. Ele busca o conhecimento do impensável, do indefinível, do desconhecido. Ele explora o tudo - usando sua mente, a ferramenta mais poderosa conhecida por ele."

Dylan se debateu loucamente, mas às vezes a clareza surgia: "a morte está passando pelas portas", escreveu ele. "a compulsão sempre existente de tudo é a curiosidade de continuar andando pelo corredor." Descendo o corredor, explorando as salas, encontrando as respostas, levantando novas questões – finalmente, Dylan, o buscador, alcançaria o estado que procurava.

___

Dylan começou a se referir aos humanos como zumbis. Essa era uma rara semelhança com Eric. Mas lamentável como nós zumbis éramos, Dylan não queria nos prejudicar. Ele nos achou interessantes, como brinquedos novos. "Eu sou DEUS comparado a alguns desses zumbis sem cérebro inexistentes", escreveu ele.

Esse foi o primeiro encontro de Dylan com blasfêmia. Ele imediatamente qualificou isso: ele não estava reivindicando divindade, apenas que ele era *como* Deus comparado aos humanos. Levaria meses antes que ele tentasse novamente. A cada vez, ele levava a ideia adiante, mas nunca parecia acreditar. À medida que a primavera de 1997 avançava, ele enchia página após página com tentativas abortadas.

Ele via a história como bem versus mal, amor versus ódio, Deus versus Satanás – “O Contraste Eterno”. E ele se viu do lado bom.

Eric tinha preocupações mais práticas. Dois meses de calor de seu pai ensinaram Eric a cobrir melhor seus rastros. As missões de vandalismo continuaram durante a primavera e o início do verão, sem registro de detecção adicional. Na missão 5, os meninos estavam bebendo novamente. Wayne parecia ter observado Eric de perto por um tempo, depois voltou a confiar nele. De acordo com Eric, apenas um passeio foi sem álcool.

A ênfase em explosivos maiores continuou; alguns dos dispositivos de cronometragem começaram a funcionar. Eric descobriu que podia acender a ponta de um cigarro e deixá-lo queimar em direção ao fusível para um atraso adicional. Os meninos sobreviveram a algumas ligações, incluindo a detecção próxima por um policial em uma viatura. No sexto passeio, eles trouxeram a arma BB serrada de Dylan e dispararam aleatoriamente contra

as casas. "Provavelmente não causamos nenhum dano", escreveu Eric, "mas não temos certeza". Naquela mesma noite, eles roubaram algumas placas de Rent-a-Fence de um canteiro de obras. Eric não deu muita importância ao furto, mas este parece ser o momento em que eles cruzaram a fronteira nebulosa entre vandalismo mesquinho e furto mesquinho.

___

As missões foram satisfatórias por alguns meses. Mas o segundo ano acabou. Eric estava faminto por mais. No verão de 1997, Zack Heckler foi para a Pensilvânia por duas semanas. Quando ele voltou, Eric e Dylan tinham construído uma bomba caseira. Dylan estava envolvido, mas era o bebê de Eric.

Eric não começaria seu diário até a primavera de 1998. Mas ele estava ativo com seu site no ano anterior. No verão de 1997, ele havia postado suas listas de ódio:

VOCÊ SABE O QUE EU ODEIO!!!?

--Cuuuuuuuhntryyyyyyyyyy música!!!

VOCÊ SABE O QUE EU ODEIO!!!?

-- Filmes com classificação R no CABO! Meu CÃO pode fazer um trabalho de edição melhor do que esses tards !!!...

VOCÊ SABE O QUE EU REALMENTE ODEIO!!!?

--A rede "WB"!!!! OH JESUS MARIA MÃE DE DEUS TODO PODEROSO ODEIO ESSE CANAL COM TODO O MEU CORAÇÃO E ALMA.

A lista se estendia por páginas, cinquenta e tantos verbetes sobre odiar "idiotas do fitness", falsos especialistas em artes marciais e pessoas que pronunciavam errado "acrosT" ou "eXspreso". A princípio, seus alvos parecem absurdamente aleatórios, mas Fuselier adivinhou o tema subjacente: inferiores estúpidos e tolos. Não era apenas a rede WB que Eric odiava de coração e alma, eram todos os idiotas assistindo.

As listas de amor mais breves de Eric respaldaram a análise de Fuselier. Eric adorava "Tirar sarro de pessoas estúpidas fazendo coisas estúpidas!" Seu maior amor era "SELEÇÃO NATURAL!!!!!!!!!! Caramba, é a melhor coisa que já aconteceu com a Terra. Livrar-se de todos os organismos estúpidos e fracos. Eu gostaria que o governo simplesmente tirasse todos os etiqueta de aviso. Então, todos os idiotas iriam se machucar gravemente ou MORRER!"

O que o menino estava realmente expressando era desprezo.

___

As ideias de Eric começaram a se fundir. Ele adorava explosões, odiava ativamente os inferiores e esperava passivamente a extinção humana. Ele construiu suas primeiras bombas.

Ele começou pequeno: nada que matasse alguém, apenas o suficiente para ferir pessoas ou suas propriedades. Ele foi procurar instruções e as encontrou prontamente disponíveis na Web. Durante o verão de 1997, ele construiu vários explosivos e começou a detoná-los. Então ele se gabou disso em seu site.

"Se você não fez uma bomba de CO2 hoje, sugiro que o faça", escreveu ele. "Eu e VoDkA detonamos um ontem e foi como uma porra de um bastão de dinamite. Só tome cuidado com os estilhaços."

Isso foi um exagero. Eles pegaram pequenos cartuchos de dióxido de carbono - que as crianças muitas vezes chamavam de chicote - e os perfuraram, depois enfiaram pólvora dentro. Eric os chamava de grilos, e eles estavam mais perto de um grande foguete do que de uma bomba. Eric também construiu bombas caseiras, que eram mais poderosas. Ele ainda estava procurando um local seguro para a detonação.

Eric percebeu que seu público na Web duvidaria dele. Ele apoiou suas alegações com especificações e uma lista de ingredientes. Ele queria ter certeza de que seus leitores entendessem que ele estava falando sério.

___

Alguém sentiu o perigo. Em 7 de agosto de 1997, um "cidadão preocupado" - aparentemente Randy Brown - leu o site de Eric e ligou para o departamento do xerife. Naquele dia - um ano, oito meses e treze dias antes de Columbine - os nomes dos assassinos entraram permanentemente no sistema de aplicação da lei.

O delegado Mark Burgess imprimiu as páginas de Eric. Ele os leu e escreveu um relatório. "Esta página da Web se refere a 'missões' onde ocorreram possíveis danos criminais", escreveu ele. Curiosamente, Burgess não mencionou as bombas caseiras, que parecem muito mais sérias.

Burgess enviou seu relatório a um superior, o investigador John Hicks, com oito páginas do site anexadas. Eles foram arquivados.

___

Eric, Zack e Dylan estavam em idade de trabalhar agora. Todos eles conseguiram empregos no Blackjack juntos. Havia brigas de farinha e perseguições de água o tempo todo. Eric mergulhou direto; Dylan assistiu do lado de fora. Eles fizeram erupções de gelo seco lá atrás no estacionamento, observaram quão alto eles conseguiam fazer um cone de construção navegar. Foi ótimo. Então Zack conheceu uma garota. Desgraçado.

Dylan pegou pesado. Devon era o nome dela, e ela destruiu totalmente a equipe. Zack estava com ela o tempo todo agora, e isso afastou seus amigos da cena. Eric e Dylan não eram ninguém. As missões terminaram de repente. Eric não parecia se importar muito, mas Dylan era uma bagunça.

Não era bom para ele agora, confidenciou a "Existences". "Meu melhor amigo de todos os tempos: o amigo que compartilhou, experimentou, riu, se arriscou e me apreciou, mais do que qualquer amigo já fez... Desde que Devon (que eu não me importaria de matar) o amou... esse é o único lugar onde ele esteve!" Eles fizeram tudo juntos: beber, charutos, sabotar casas. Desde a sétima série, ele se sentia tão solitário. Zack tinha mudado tudo isso. "Olá, finalmente encontrei alguém que era como eu! que me apreciava e compartilhava interesses muito comuns. Finalmente senti felicidade (às vezes)." Mas Zack encontrou uma namorada e seguiu em frente. "Eu me sinto tão sozinho, sem um amigo."

Quem ele não se importaria de matar? Dylan jogou fora o comentário de passagem, e presumivelmente era apenas uma figura de linguagem. Presumivelmente. Mas ele havia verbalizado a ideia – um grande passo. E Dylan ainda não considerava Eric seu melhor amigo. Dylan insistiu no fato de que ninguém além de Zack o havia entendido; ninguém mais o apreciava. Isso incluiria Eric.

___

Dylan estava mais solitário do que nunca. Convenientemente, ele tropeçou em uma solução: "Meu primeiro amor???"

"Oh meu Deus," sua próxima entrada começou. "Tenho quase certeza que estou apaixonado por Harriet. hehehe. um nome tão estranho, como o meu." Ele amava tudo nela, desde seu corpo bom até seu rosto quase perfeito, seu charme, sua inteligência e astúcia e *não* ser popular. Ele só esperava que ela gostasse dele tanto quanto ele a *amava* .

Essa foi a ruga. Dylan não tinha falado com Harriet. Mas ele não podia deixar que isso o detivesse. Ele pensava nela a cada segundo de cada dia. "Se existem almas gêmeas", escreveu ele, "então acho que encontrei a minha. Espero que ela goste de Techno".

Esse foi o outro obstáculo. Ele ainda não havia estabelecido se ela gostava de techno.

___

Dylan sentia felicidade às vezes. Ele ficou animado com sua carteira de motorista. Mas ele não podia ficar feliz. Pouco depois de se apaixonar por Harriet, ele voltou ao seu diário para reclamar. Uma vida tão desolada, solitária e irrecuperável. "NÃO É JUSTO!!!" Ele queria morrer. Zack e Devon olharam para ele como se ele fosse um estranho, mas Harriet havia pregado a peça mais maldosa: Dylan se apaixonara por um "amor falso".

"Ela, na verdade, não dá a mínima para mim", disse ele. Ela nem o conhecia, ele admitiu. Ele não tinha felicidade, nem ambições, nem amigos, e "sem AMOR!!!"

Dylan queria uma arma. Ele havia falado com um amigo sobre conseguir um. Ele planejava virar a arma contra si mesmo. Esse foi um grande passo no longo processo de suicídio: de escrever sobre isso à ação.

Neste ponto, quase dois anos antes de Columbine, Dylan viu a arma como seu último recurso. Ele continuou sua busca espiritual "eu parei com a pornografia", disse ele. "Eu tento não pegar nas pessoas." Mas Deus parecia decidido a puni-lo. "Um tempo sombrio, tristeza infinita", escreveu ele. "Eu quero encontrar o amor."

Amor era a palavra mais comum no diário de Dylan. Eric estava enchendo seu site de ódio.

___

Quando Fuselier examinava um crime, uma de suas principais táticas era começar a descartar os motivos. Dylan parecia um depressivo clássico, mas Fuselier precisava ter certeza. Com os dois assassinos de Columbine, uma pergunta óbvia surgiu: eles eram loucos? A maioria dos assassinos em massa agem deliberadamente - eles só querem ferir as pessoas - mas

alguns realmente não conseguem evitar. Fuselier descreveria esses assassinos como psicóticos. Um termo amplo, *psicótico* abrange um espectro de doenças mentais graves, incluindo paranóia e esquizofrenia. Os psicóticos podem ficar profundamente desorientados e delirantes, ouvindo vozes e alucinando. Em casos graves, perdem todo o contato com a realidade. Eles às vezes agem por medo imaginário, mas aterrorizante, por sua própria segurança, ou de acordo com instruções de seres imaginários. Fuselier não viu nenhuma indicação disso aqui.

Outra possibilidade era a psicopatia. No uso popular, qualquer assassino louco é chamado de psicopata, mas na psiquiatria, o termo denota uma condição mental específica. Psicopatas parecem encantadores e simpáticos, mas é um ato. Eles são manipuladores de coração frio que farão qualquer coisa para seu próprio ganho. A grande maioria é não-violenta: eles querem seu dinheiro, não sua vida. Mas os que se tornam sádicos podem ser monstruosos. Se o assassinato os diverte, eles vão matar de novo e de novo. Ted Bundy, Gary Gilmore e Jeffrey Dahmer eram todos psicopatas. Normalmente, os psicopatas assassinos são assassinos em série, mas ocasionalmente um vai fazer uma farra. O massacre de Columbine poderia ter sido obra de um psicopata, mas Dylan não mostrou nenhum dos sinais.

Fuselier continuou descartando perfis. Nenhuma das teorias usuais se encaixa. Tudo em Dylan gritava depressão – um caso extremo, automedicação com álcool. O problema era como isso levara ao assassinato. O diário de Dylan parecia o de um menino a caminho do suicídio, não do homicídio.

Fuselier tinha visto o assassinato surgir da depressão, mas raramente parecia assim. Geralmente há um continuum de reações depressivas, que vão da letargia ao assassinato em massa. Dylan parecia confuso no lado lânguido. Os depressivos são inerentemente raivosos, embora raramente pareçam assim. Eles estão com raiva de si mesmos. "A raiva voltada para dentro é igual à depressão", explicou Fuselier. A depressão leva ao assassinato quando a raiva é forte o suficiente e depois se volta para fora. Explosões depressivas tendem a surgir após uma perda debilitante: ser demitido, largado por uma namorada, até mesmo uma nota ruim, se o depressivo considerar isso significativo. “A maioria de nós fica com raiva, chuta uma lata de lixo, bebe uma cerveja ou duas e supera isso”, explicou Fuselier. Para 99,9% da população, é o fim. Mas para alguns, a raiva apodrece.

Alguns depressivos se afastam - de amigos, familiares, colegas de escola. A maioria deles recebe ajuda ou simplesmente supera isso. Alguns espiralam para baixo em direção ao suicídio. Mas para uma pequena porcentagem, sua própria morte não é suficiente. Eles realizam um "suicídio vingativo" - um exemplo comum é o marido zangado que se mata na frente de sua foto de casamento. Ele deliberadamente espalha seus restos mortais no símbolo do casamento. A ofensa é dirigida diretamente à sua concepção do culpado. Um pequeno número de depressivos furiosos decide fazer o algoz pagar. Normalmente, é uma esposa, namorada, chefe ou pai - alguém próximo o suficiente para importar. É raro um depressivo

recorrer ao assassinato, mas quando o faz, quase sempre termina com uma única pessoa.

Alguns atacam em um círculo mais amplo: a esposa e seu amigo que falaram mal dele; o chefe e alguns colegas de trabalho. Os alvos são específicos. Mas os mais raros desses depressivos irados levam o raciocínio um passo adiante: *todos* eram maus com eles; *todos* tiveram um papel em seu infortúnio. Eles querem atacar aleatoriamente e mostrar a todos nós, nos machucar de volta e ter certeza de que sentimos isso. Este é o atirador que abre fogo contra uma multidão aleatória.

Fuselier tinha visto cada um desses tipos várias vezes ao longo de sua carreira. Dylan não parecia um candidato. Assassinato ou até suicídio exige força de vontade, assim como raiva. Dylan fantasiou sobre suicídio por anos sem fazer uma tentativa. Ele nunca tinha falado com as garotas com quem sonhava. Dylan Klebold não era um homem de ação. Ele foi recrutado por um menino que era.

34. Marsupiais perfeitos

Patrick Ireland estava tentando aprender a falar novamente. Tão frustrante. Nos primeiros dias ele não conseguiu fazer muita coisa. Ele lutava para cuspir uma única frase, palavra por palavra, e quando terminava, muitas vezes não fazia sentido. Em seus melhores momentos, Patrick falava como vítima de um grave derrame: tentativas lentas e laboriosas produziam uma única sílaba gutural, depois uma súbita explosão de som. Ele conseguia formar as palavras em sua cabeça, mas poucos faziam a passagem para sua boca. Para onde foi todo o resto? Qualquer distração casual poderia sequestrar o pensamento enquanto se dirigia para suas cordas vocais. Frases aleatórias muitas vezes entravam para substituir as ideias. Sua mãe perguntava como ele estava se sentindo, e ele respondia em espanhol, ou recitava as capitais dos países sul-americanos. Seu cérebro nunca percebeu a confusão. Ele tinha certeza de que havia acabado de descrever seu humor ou pedido um canudo, e ficou confuso com a confusão dela.

O cérebro de Patrick tendia a cuspir o que estava na memória de curto prazo. Ele estava estudando as capitais pouco antes do tiroteio e retornou recentemente da Espanha. Muitas vezes as lembranças eram mais imediatas. Os anúncios do interfone do hospital ecoavam constantemente da boca de Patrick, em resposta a perguntas não relacionadas. Ele não tinha ideia de que tinha ouvido as vozes ao fundo. Outras vezes, era um absurdo completo. "Marsupiais perfeitos" continuavam surgindo. Ninguém sabe de onde isso veio.

Ficou frustrante, para todos. Uma das primeiras refeições de Patrick fora da UTI foi um suculento hambúrguer. Ele estava tão animado com isso, e mal podia esperar para cobrir o pão com... alguma coisa. Kathy gentilmente pediu que ele repetisse. Isso era irritante, mas ele respondeu com um sem-teto fresco. Ele se repetia várias vezes, mais irritado com cada novo lote de bobagens. Ele tentou imitá-lo, sacudindo a garrafa – ele *realmente* queria aquele condimento. A irmã de Kathy desceu correndo e pegou um de tudo no refeitório: mostarda, condimento, salsa – grandes punhados de pacotes. Nada disso. Eles nunca descobriram o que ele queria.

———

Patrick entendeu que ele tinha sido baleado. Ele sabia que tinha saído pela janela. Ele não entendeu a escala do massacre. Ele não sabia que tinha estado na TV – ou que os programas de televisão estavam interessados nele. Ele não tinha ideia de que as redes o haviam escalado como O Garoto da Janela.

De vez em quando, Patrick balbuciava uma resposta inteligível. E isso o deixaria extremamente feliz. Suas habilidades motoras pareciam boas no lado esquerdo. Se seu cérebro podia controlar sua mão esquerda para trabalhar com um garfo, por que não uma caneta? Alguém pegou um pacote de marcadores e um quadro branco.

"Oh cara, isso foi um erro", lembrou Kathy.

" *Grande* erro", disse John. "Eram apenas rabiscos. Apenas rabiscos, absolutos."

Uma coisa era ouvir Patrick lutar. Ver sua incapacidade esboçada em preto e branco, foi um choque. Era como um diagrama de um cérebro funcionando mal: montes de minúsculos neurônios, falhando aleatoriamente em lugar nenhum.

Os irlandeses também foram confrontados com a percepção de que o problema era mais profundo do que os centros de controle das cordas vocais de Patrick: ele não conseguia organizar os pensamentos por trás deles. Ele podia responder emocionalmente, mas não podia traduzir isso em linguagem, independentemente do meio.

"Isso o frustrou; isso nos assustou como o inferno", disse John. "Ele não pode falar e agora não pode escrever, e como vamos nos comunicar com ele?"

Às vezes, com grande esforço, Patrick formava as palavras em voz alta. Às vezes, isso apresentava problemas maiores. As perguntas podem ser inquietantes. Com urgência, implorou que lhe dissessem uma coisa: "Quanto tempo vai durar?"

Isto?

O hospital, a recuperação – ele não tinha tempo para tudo isso. Ele tinha finais em três semanas, tinha temporada de esqui e basquete para treinar, ele estava totalmente se destacando na quadra de basquete. Ele não podia se dar ao luxo de obter um B. Ele passou três anos seguidos sem um; ele tinha trabalhado duro de novo durante todo o semestre, e ele estava se saindo bem em todas as aulas. A coisa do orador oficial era real agora, quase ao alcance. Ele não estava disposto a estragar tudo com essa porcaria de hospital. Ele *ia* se formar como orador oficial.

Era uma meta ambiciosa. Patrick era um garoto brilhante, mas não um gênio. E Columbine era competitivo. Alguns garotos podiam chegar a A's fáceis, mas Patrick teve que lutar por alguns dos dele. Vários alunos com registros imaculados compartilhavam o título de despedida todos os anos. Ele não podia pagar nem um B.

Os gênios podiam cruzar para A's sem suar a camisa. Patrick odiava ser agrupado com eles.

Então Patrick deixou seus pais um pouco inquietos quando anunciou sua intenção, no primeiro ano, no carro, a caminho do treino de basquete. Ele não fez um grande negócio com isso, e ele não disse que iria tentar, ele apenas disse que iria fazê-lo.

Dois anos depois, em seu quarto de hospital, John e Kathy Ireland deixaram de lado o basquete, o esqui aquático e as honras acadêmicas. Andar e falar parecia ambicioso.

A gravidade de sua situação era mais do que Patrick podia engolir. "Eu não compreendi, realmente", disse ele mais tarde.

Patrick Ireland não viu televisão ou jornal na primeira semana. Ele não percebeu que sua família o estava protegendo ou quão grande era a tragédia de Columbine. Ele não tinha ideia de que todo o país estava assistindo. Ele nem sabia quem tinha morrido.

A primeira indicação do que ele estava envolvido veio quando amigos ligaram para ver como ele estava na Europa. Ele havia feito uma viagem de classe um mês antes e ficou com uma família perto de Madri. Agora eles estavam preocupados com ele. Patrick ficou surpreso. *Eles estavam ouvindo sobre isso na Espanha?*

Sete dias fora, ele foi transferido para o Craig Hospital. Ele começou a reabilitação e estava rapidamente andando pelo hospital em uma cadeira de rodas. Ele voltou da terapia um dia e ligou a TV. Era a notícia, eles estavam listando as pessoas mortas. Eles mostraram a foto de Corey DePooter. Patrick ficou atordoado. Corey era um de seus melhores amigos. Eles começaram na biblioteca juntos, mas se separaram quando os barulhos começaram do lado de fora e Corey foi investigar. Patrick nunca mais o viu desde então.

"Comecei a chorar", disse Patrick mais tarde. "Acho que foi a primeira vez que chorei."

A equipe do Craig não estava pressionando por um primeiro passo - apenas um pequeno movimento. Se ele conseguisse controlar aquela perna e levantá-la do colchão, havia esperança. Sua perna estava bem. Todas as vias neurais para cima e para baixo em sua medula espinhal estavam intactas. Os sinais passavam desimpedidos para os músculos envoltos em torno de seu fêmur. Milhões de pequenas terminações nervosas continuaram transmitindo dados sensoriais ao longo de sua coxa.

Patrick sabia, intelectualmente, que toda aquela maquinaria fina era funcional. Mas não conseguiu alcançá-lo. Havia apenas uma pequena lacuna na rede dentro de seu cérebro. Em algum lugar dentro de sua cabeça ele podia sentir-se dando o comando. Ele sentiu o movimento lá dentro, mas depois se perdeu. Ele apertou os olhos, apertou o cérebro, tentou forçá-lo. Apertar não ajudou. A perna recusou.

___

Algo estava faltando. Os memoriais improvisados em Clement Park ficaram enormes nos primeiros dias. Centenas de milhares de flores estavam empilhadas com poemas, desenhos e ursinhos de pelúcia. Jaquetas com letras, joias e sinos de vento adicionavam toques de individualidade. O distrito alugou vários armazéns para armazená-los.

Não foi o suficiente. Os sobreviventes não sabiam do que precisavam, nem onde ou por quê, exatamente, mas precisavam de alguma coisa. Eles estavam procurando por um símbolo, e eles o reconheceram imediatamente quando ele apareceu.

Sete dias após o massacre, pouco antes do pôr-do-sol, uma fileira de quinze cruzes de madeira se ergueu ao longo da crista da Colina Rebelde. Eles tinham dois metros de altura, um metro de largura e estavam espaçados uniformemente ao longo do comprimento da mesa. Os holofotes de Clement Park iluminavam as nuvens baixas atrás deles, e as cruzes projetavam uma silhueta sinistra contra as nuvens de trovoada. As pontas pareciam brilhar. Eles também eram surpreendentes por suas imperfeições. As dimensões pareciam um pouco erradas: as vigas pareciam

muito curtas e estavam ramificadas muito perto do topo. Alguns foram plantados mal, inclinando-se mal para um lado. Em poucas horas, os braços balançavam contas, fitas, rosários, cartazes, bandeiras e tantos balões azuis e brancos.

Nos cinco dias seguintes, 125.000 pessoas subiram a colina para chegar às cruzes. Eles se arrastaram pela lama enquanto uma tempestade violenta golpeava a colina. Eles arrancaram a grama. Muitos esperaram duas horas na chuva apenas para começar a subida. Parecia uma peregrinação.

As cruzes tinham vindo de Chicago. Um carpinteiro baixo e atarracado os construiu com pinho que comprou na Home Depot. Ele os levou para o Colorado em uma picape, plantou-os na colina e voltou. Ele havia colado uma foto em preto e branco de uma vítima ou assassino em cada cruz e deixou uma caneta pendurada em cada uma para incentivar o grafite.

"Eu não podia acreditar o quão rápido as pessoas vieram e começaram a colocar coisas ao seu redor", disse um espectador. Logo em cada cruz brotou uma pilha cobrindo a base e subindo até os braços. Dog tags cristãs eram populares, com frases como "Deus é incrível" e "Jesus vive". Várias cruzes estavam envoltas da cabeça aos pés em flores, outras vestidas com camisas e jaquetas e calças.

Em treze cruzes, as mensagens eram amorosas e incontroversas. As cruzes dos assassinos abrigaram um debate amargo: "O ÓDIO PRODUZ O ÓDIO". "Como alguém pode perdoá-lo?"

"Eu te perdôo", alguém respondeu. Metade das mensagens eram conciliatórias: "Desculpe, todos falhamos com você". "Ninguém é culpado."

Foi exatamente como Tom e Sue Klebold temiam. Se eles tivessem enterrado Dylan, seu túmulo seria assim.

Uma mulher disse a um repórter que tinha sido cuspida por lamentar os assassinos e depois jogada na lama. Uma mulher com um bebê escreveu "Evil Bastard" na cruz de Dylan. A multidão não gostou. Então ela escreveu de novo. Duas adolescentes se aproximaram dela; chorando, imploraram que ela parasse. Alguém começou a cantar "Amazing Grace". Logo grande parte da encosta estava cantando o refrão. A mulher foi embora.

"As cruzes fazem uma pergunta implícita", escreveu o colunista do *Rocky Mountain News* , Mike Littwin. "Você está pronto para perdoar? Quando eu vi as cruzes pela primeira vez e entendi o que elas significavam, eu me perguntei se era muito cedo para fazer essa pergunta. A maioria das pessoas não teria desfigurado a cruz, mas muitos teriam sido tentados. essas cruzes contaminam o que se tornou solo sagrado?"

Claro que sim, disse Brian Rohrbough. Justo quando ele pensou que a dor não poderia piorar, algum idiota ergueu um santuário para o assassino de seu filho. Quem poderia ser tão cruel?

Apesar dos surtos, a controvérsia foi a exceção. Uma mulher ficou maravilhada com o perdão em sua comunidade. "Quantos outros lugares permitiriam isso e já não teriam tirado [os cruzamentos de Eric e Dylan] do chão?" ela perguntou.

A edição de sábado do *Rocky* liderou com uma manchete de três palavras: PAI DESTRÓI CRUZES. Uma foto assombrosa capturou treze tributos

restantes, com duas lacunas gritantes. Os cruzamentos de Eric e Dylan duraram três dias.

“Você não deprecia o que Cristo fez por nós honrando assassinos com cruzes”, disse Brian. “Não há nenhum lugar na Bíblia que diga para perdoar um assassino impenitente. A maioria dos cristãos não sabe disso. Esses tolos saíram dizendo 'Perdoe a todos'. Você não se arrepende, você não os perdoa - isso é o que a Bíblia diz”.

Rohrbough dividiu a comunidade. Algumas pessoas entenderam sua raiva. Outros acharam sua resposta um pouco dura. "As pessoas precisam aprender a perdoar", disse uma mulher na colina ao *Rocky* . Mas então ela pensou por um momento. "Eu posso entender sua raiva."

A primeira resposta de Brian não foi destruir as duas cruzes. Ele inicialmente afixou em cada um um cartaz dizendo "Assassinos queimam no inferno".

O distrito do parque os derrubou. Autoridades disseram que também removeram um ursinho de pelúcia manchado com ketchup e proibiram qualquer coisa obscena.

Brian conversou com sua ex-esposa, Sue, e seu marido, Rich Petrone. Eles concordaram com uma frente unida em tudo. Rich ligou para vários oficiais: Sheriff Stone; Dave Thomas, o DA; e o encarregado do departamento de parques.

"Os três disseram que aquelas cruzes não deveriam estar lá; nós vamos derrubá-las - nos dê até amanhã às cinco e nós prometemos que elas vão embora", disse Brian. Ele e os Petrone foram para o morro às cinco e nada aconteceu. "Então decidimos, vamos cuidar disso", disse Brian. "Nós não precisamos aturar essas coisas."

Brian queria esses símbolos, e ele queria que o mundo visse isso. Ele ligou para a CNN e uma equipe filmou. "Não ia ser feito no escuro", disse Brian.

Brian e os Petrone arrastaram as cruzes, cortaram-nas em pedacinhos e depois jogaram os escombros em uma lixeira.

"Voltamos e estávamos sentados conversando sobre isso, e o telefone toca", lembrou Brian. "Foi Thomas: 'Apenas nos dê um pouco mais de tempo.' E Rich diz: 'Não, nós já cuidamos disso'."

Brian assumiu o comando de sua tragédia naquele dia. Ele descobriu o poder de ser o pai de Danny Rohrbough. Daquele dia em diante, ele não hesitaria em empunhá-lo.

Mas essa batalha em particular estava apenas começando. O carpinteiro voltou de Chicago e tirou as treze cruzes restantes. Agora Brian Rohrbough estava realmente furioso. O homem mais cruel do rescaldo voltou para derrubar o monumento ao filho. Rohrbough também sentiu oportunismo. "Eu questiono seus motivos", disse ele.

Brian tinha bons instintos. O carpinteiro tinha feito um negócio de família com acrobacias semelhantes. Ele voltou com um novo conjunto de cruzes e um pacote de mídia em seus calcanhares. O destaque foi uma aparição conjunta com Brian no *The Today Show* . O showman desculpou-se profusamente e ofereceu uma série de votos solenes: jamais construiria

outra cruz para os assassinos, ou para *qualquer* assassino, e dirigiria pelo país removendo várias que havia erigido no passado.

Ele quebrou todas as promessas. Ele construiu quinze novas cruzes e as levou em uma turnê nacional. Ele ordenhou sua celebridade por anos. Brian Rohrbough voltou a amaldiçoá-lo: "O oportunista, o grande [carpinteiro], a pessoa mais odiosa e desprezível que viria para a tragédia de outra pessoa".

O mundo esqueceu o carpinteiro. Poucos haviam notado seu nome. A maioria nunca soube que mercenário ele era, ou as mentiras que contava, ou a dor que infligia. Mas eles se lembram de suas cruzes com carinho. Eles se lembram do conforto que encontraram.

35. Prisão

Eric era um ladrão agora. Ele tinha um conjunto de placas de Rent-a-Fence. Ele gostou da sensação, ele queria mais. No primeiro ano, os meninos começaram a trabalhar. Eric, Dylan e Zack invadiram o computador da escola e requisitaram uma lista de combinações de armários. Eles começaram a invadir. Ficaram descuidados. Em 2 de outubro de 1997, eles foram pegos. Eles foram enviados ao reitor, que os suspendeu por três dias.

Os pais de Harris e Klebold reagiram como sempre. Wayne Harris era um pragmático. Ele faria Eric se arrepender do que tinha feito. Com pessoas de fora, ele estava focado na contenção; O futuro de Eric estava em jogo. Ele ligou para o reitor e argumentou que Eric era menor de idade. O reitor não se comoveu. O que apareceria nos registros de Eric? perguntou Wayne. Ele anotou a resposta em seu diário: "Em casa apenas porque a polícia não estava envolvida. Destruída após a formatura." Boa. Eric tinha um futuro promissor pela frente.

Os Klebolds abordaram a situação intelectualmente. Dylan havia demonstrado um lapso de ética chocante, mas Tom discordava das suspensões por motivos filosóficos. Havia maneiras mais eficazes de disciplinar uma criança. O reitor raramente conheceu um pai tão atencioso e inteligente, mas o julgamento permaneceu.

Eric e Dylan ficaram de castigo por um mês e foram proibidos de entrar em contato um com o outro ou com Zack. Eric também perdeu seus privilégios de computador. Eric e Dylan resistiram ao castigo e permaneceram próximos. Zack começou a se afastar, principalmente de Eric. O trio apertado acabou. Daquele dia em diante, Eric e Dylan cometeram seus crimes como um par.

___

Fuselier considerou o estado psicológico de Eric neste momento, um ano e meio antes dos assassinatos. Eric não era um depressivo como Dylan, isso era certo. E não havia sinais de doença mental. Nenhum sinal de qualquer coisa para prever assassinato. O site de Eric estava com uma raiva obscena, mas raiva e homens jovens eram praticamente sinônimos. Os instintos que levariam a Columbine certamente já estavam em vigor, mas Eric ainda não os revelara.

___

Dylan se fixou em Harriet. Cinquenta minutos por dia, durante um período de aula, Dylan vadiava no céu. Harriet estava em sua classe.

Às vezes ela ria. Que risadinha querida ela soltou. Tão inocente, tão puro. Inocência – que qualidade angelical. Algum dia Dylan falaria com ela.

Um dia Dylan viu sua chance. Ele tinha um projeto de grupo para a classe, um relatório para trabalhar em conjunto, e Harriet estava em sua equipe. Dia abençoado. Era isso.

Ele não fez nada.

Dylan descreveu sua trajetória como uma espiral descendente. Ele emprestou a frase do emocionante álbum conceitual do Nine Inch Nails,

que documenta um homem fictício se desfazendo. Chega ao clímax com ele se matando com uma arma na boca.

O filme satírico de Oliver Stone *Natural Born Killers* se tornaria o artefato da cultura pop mais associado ao massacre de Columbine. Isso era razoável, já que Eric e Dylan usaram "NBK" como abreviação de seu próprio evento, e o filme tem semelhanças consideráveis. Também capturou o sabor da atitude egoísta e livre de empatia de Eric, mas não tinha relação com a psique de Dylan. Certamente não era para onde ele via sua vida, pelo menos não até os meses finais. Nos primeiros dezoito a vinte meses de seu diário, Dylan se identificou com dois personagens poderosos para transmitir seu tormento: os protagonistas de *The Downward Spiral e o filme Lost Highway* , de David Lynch .

Após os assassinatos, surgiram controvérsias sobre o papel de filmes violentos, música e videogames. Alguns colunistas e apresentadores de programas de rádio viram uma causa e efeito fácil. Isso parece simplista para Eric - que era um pensador crítico talentoso com um apetite voraz pelos clássicos - e absurdo para seu parceiro. Dylan se identificava com depressivos à beira do suicídio. Ele se concentrou em personagens fictícios atolados na desesperança que já sentia.

___

Eric ficou desleixado. Ele permitiu que a pior pessoa imaginável descobrisse uma de suas bombas caseiras: seu pai.

Wayne Harris estava fora de si. Foguetes eram uma coisa, mas isso era demais. Ele não tinha certeza do que fazer com isso. Eric contou a vários amigos sobre o incidente, e seus relatos sobre a resposta de Wayne variaram. Zack Heckler disse que Wayne não conseguiu descobrir como desarmar a bomba, então ele saiu com Eric e a detonou. Mas Nate Dykeman disse que Wayne apenas confiscou a bomba. Algum tempo depois, Eric levou Nate para o armário do quarto de seus pais e mostrou a ele. Wayne Harris nunca se referiu ao incidente em seu diário sobre Eric, que estava adormecido neste momento.

Eric jurou aos pais que nunca mais faria uma bomba. Eles aparentemente acreditaram nele. Eles queriam. Eric provavelmente encerrou a produção por um tempo, e ele definitivamente cobriu melhor suas faixas. Eventualmente, ele voltou aos negócios. Em algum momento, ele mostrou a Nate dois ou três de seus produtos posteriores, que ele estava guardando em seu próprio quarto.

___

Dylan se sentiu abandonado. Ele estava de castigo pelo golpe do armário, sozinho em casa e mais solitário do que nunca. Então seu irmão mais velho, Byron, foi expulso por drogas. Tom e Sue entenderam que o amor difícil causaria uma reviravolta, então eles foram ao aconselhamento familiar com Dylan. Isso não mudou a perspectiva de seu filho. Ele arrumou um novo quarto e colocou sua própria marca no local: duas paredes pretas e duas vermelhas, pôsteres de heróis do beisebol e bandas de rock: Lou Gehrig,

Roger Clemens e Nine Inch Nails. Além disso, algumas placas de rua e uma mulher em um biquíni de oncinha.

"Fico mais deprimido a cada dia", queixou-se. Por que os amigos o abandonavam? Eles não sabiam, na verdade, mas Dylan percebeu dessa forma. Ele se preocupou com Eric despejando-o também. "Quero morrer", ele repetiu. A morte era igual à liberdade agora; a morte oferecia tranquilidade. Ele começou a usar as palavras de forma intercambiável.

Então ele ponderou a outra opção: ele nomeou um amigo e disse que "vai me dar uma arma, vou continuar minha matança contra quem eu quiser".

Foi a segunda alusão de Dylan ao assassinato. A primeira fora ambígua; isso era evidente. E agora era uma farra.

Ele mudou de assunto imediatamente. Isso era incomum. Como regra, Dylan martelava ideias incansavelmente. Ele perfuraria duas páginas seguidas sobre a "Luta Eterna" ou seu destino como buscador. O assassinato foi diferente. Pela segunda vez, ele jogou uma única linha, no auge do desespero, e prontamente retornou à sua própria destruição.

A ideia estava germinando, um ano e meio fora. Dylan parecia estar explorando uma farra. Com Eric? Provavelmente. Mas os detalhes desse momento crítico se perdem. Nenhum dos garotos menciona essas conversas no rastro de papel que deixaram para trás. Eric registrou suas ações: ele estava construindo bombas maiores. Coincidência? Improvável. O pensamento de Eric vinha evoluindo constantemente em uma direção desde o primeiro ano.

___

No final de 1997, Eric notou os atiradores da escola. "Todos os dias os noticiários transmitem histórias de estudantes atirando em estudantes ou continuando matando", escreveu ele. Ele pesquisou as possibilidades de um artigo em inglês. As armas eram baratas e prontamente disponíveis, ele descobriu. *Gun Digest* disse que você poderia conseguir um especial de sábado à noite por US $ 69. E as escolas eram alvos fáceis. "É tão fácil levar uma arma carregada para a escola quanto levar uma calculadora", escreveu Eric.

"Ai!" seu professor respondeu na margem. No geral, ele classificou-o como "completo e lógico. Bom trabalho".

___

No último dia de aula antes do Natal, algo extraordinário aconteceu. O verdadeiro amor de Dylan acenou para ele. Finalmente! Dylan estava em êxtase; então ele começou a se perguntar. Ela tinha acenado? Para ele? Talvez não. Provavelmente não. Definitivamente não. Apenas delirante, ele decidiu. Novamente.

Sentou-se e considerou quem o amava. Ele listou seus nomes em uma página em seu diário. Ele desenhou pequenos corações ao lado de três. Dezenove pessoas. Dezenove falhas.

___

Algumas semanas depois, Eric fez isso com uma mulher de verdade. Brenda tinha quase vinte e três anos. Ela não tinha ideia de que ele tinha dezesseis anos. "Ele agia muito mais velho", disse ela. Quando ele disse a ela que estava na escola, ela interpretou isso como faculdade. Eles se conheceram no shopping, e ele foi até a casa dela. Eles começaram a sair: boliche, corridas de arrancada, dirigir nas montanhas para ficar bêbado. Ele a ensinou sobre o computador, ele disse a ela como ela estava linda, e ela não poderia estar mais encantada. Ela descreveu isso aos repórteres mais tarde como "uma amizade, mas mais do que uma amizade".

Às vezes Dylan saía com eles. Ele era muito tímido para falar.

___

Eric e Dylan ficaram mais arrogantes. Eles roubaram mercadorias mais valiosas e começaram a testar suas bombas caseiras. Externamente, eles pareciam crianças responsáveis. Os professores confiavam neles e lhes davam acesso ao armário de computadores. Eles se serviram de equipamentos caros. Em algum momento, Eric pode ter iniciado um golpe de cartão de crédito. Em seu caderno, ele listou oito passos para completar o golpe, embora não haja evidências de que ele os tenha realizado. Mais tarde, ele afirmou que sim.

Dylan não era bom em enganar. Ele continuou sendo pego. Eric não. Tom Klebold notou que Dylan tinha um novo laptop. Eric poderia ter saído dessa sem perder o ritmo - *era de um amigo... ele havia verificado no laboratório de informática* . Dylan acabou de confessar. Seu pai o fez se entregar. Eric e Dylan tinham uma propensão a implicar com os calouros, mas Dylan foi pego. Em janeiro de 1998, ele foi enviado ao reitor por rabiscar um insulto sobre "bichas" no armário de um calouro. Ele recebeu outra suspensão e pagou US$ 70 para consertar o armário.

Os garotos estavam atirando suas bombas caseiras até então, e cara, essas coisas eram fodas. Eles se gabaram de Nate Dykeman e depois o trouxeram para uma demonstração. Eric estava no comando no que dizia respeito às bombas, então tudo correu conforme o planejado. Eles esperaram até o domingo do Super Bowl, quando as ruas do metrô de Denver estavam desertas. Os Broncos eram azarões em sua quinta chance pelo campeonato, e todos estavam assistindo ao jogo. Eric aproveitou a calmaria. Ele trouxe Nate e Dylan para um local tranquilo perto de sua casa, jogou a bomba em um bueiro e a deixou rasgar. *Uau!* Nate ficou devidamente impressionado.

Em 30 de janeiro, três dias após a reunião de Dylan com o reitor, um crime de oportunidade se apresentou. Era uma noite de sexta-feira, e os meninos estavam inquietos.

Eric e Dylan dirigiram para o interior, pararam em uma pista de cascalho e saíram para quebrar coisas. Havia uma van estacionada ali, com muitos aparelhos eletrônicos dentro. Quão legal seria roubá-lo? Os meninos não tinham ideia de para que poderiam usar o material, mas tinham certeza de que poderiam se safar. Sem testemunhas e sem impressões digitais. Eric tinha um par de luvas de esqui para mascarar a detecção.

"Tudo parecia tão fácil", ele escreveu mais tarde. "De jeito nenhum seríamos pegos." Eric ficou de guarda e deu a Dylan o trabalho sujo. Dylan colocou uma luva de esqui e tentou socar uma janela. Eles não tinham ideia de quão sólida era a janela de um carro. Ele bateu de novo e de novo. Nenhuma coisa. Eric assumiu. Assim como inútil. Dylan foi atrás de uma pedra. Ele arrastou uma pedra, atirou-a no vidro, e até isso foi desviado. Foram necessários vários golpes antes que a pedra se quebrasse. Dylan colocou a outra luva, estendeu a mão para destrancar a porta e começou a cavar a pilha como um louco. Eric novamente deixou Dylan para cometer o ato. Ele correu de volta para cuidar do carro de fuga. Dylan pegou qualquer coisa que parecesse interessante. Ele jogou todo o resto por toda a van. Pela sua contagem, ele pegou "uma pasta, uma bolsa preta, uma lanterna, uma coisa amarela e um balde de coisas".

Dylan correu braçadas de pilhagem de volta para o Honda. Eric continuou a "guardar". Outro carro se aproximou. Dylan congelou; o carro passou. Imperturbável, Dylan correu de volta para pegar mais. Eric tinha ficado cauteloso. "É o bastante!" ele pediu. "Vamos lá."

Eles dirigiram mais para dentro do país, sobre o hogback, até o Deer Creek Canyon Park, uma vasta reserva que se estendia por quilômetros até as montanhas. O parque estava deserto; fechou uma hora depois do anoitecer, e o sol se pôs quatro horas atrás. Eles pararam no estacionamento, desligaram o motor e verificaram a tomada.

Eles tocaram algumas músicas para se divertir, então acenderam a luz do teto para procurar outro CD. Dylan estendeu a mão e puxou seu item favorito: um voltímetro de US$ 400, a coisa amarela com botões ao longo da base e sondas pretas e vermelhas penduradas nele. Dylan cutucou os botões; Eric observou atentamente. Quando o medidor acendeu, os meninos ficaram loucos. Legal! Dylan pegou a lanterna e a acendeu. "Uau!" Eric uivou. "Isso é realmente brilhante!" Então ele viu algo mais legal: "Ei, nós temos um gamepad da Nintendo!"

Eles vasculharam um pouco mais antes que Eric percebesse que eles tinham ficado desleixados: hora de retomar as precauções. "É melhor colocarmos essas coisas no porta-malas", disse ele. Ele abriu o trinco e saiu.

Foi quando o vice do xerife de Jeffco, Timothy Walsh, decidiu fazer sua presença conhecida. Ele estava do lado de fora do carro por vários minutos, observando e ouvindo toda a conversa. Você pode ver a quilômetros de distância do país; um veículo solitário em um terreno baldio em um parque estadual fechado acabou de pedir intervenção. Os meninos estavam tão imersos que não conseguiram ver seu carro, ouvir seu motor ou seus passos, ou notar sua figura alta pairando sobre a janela traseira.

Quando Eric saiu, o delegado Walsh o cegou com um feixe de lanterna. O que eles estavam fazendo? perguntou o deputado. De quem era a propriedade de tudo isso? "Naquele momento eu percebi o quão idiota eu era", escreveu Eric mais tarde. Ele alegaria remorso, mas não demonstrou nenhum, mesmo assim.

Eric pensou rápido, mas mentiu mal. Ele estava fora de seu jogo naquela noite. Ele disse que eles estavam brincando em um estacionamento perto

da cidade e tropeçaram no equipamento empilhado ordenadamente na grama. Ele deu uma localização precisa e descreveu-a vividamente. Os detalhes eram a chave para uma boa mentira. Boas táticas, má escolha: ele retratou o local real do roubo.

Walsh estava incrédulo. Ele pediu para ver a propriedade. "Claro", disse Eric. Ele continuou jogando com calma. Ele continuou falando. Dylan calou a boca e foi junto. Walsh fez os meninos empilharem as mercadorias no porta-malas e tentou novamente: Onde você encontrou essa propriedade? Dylan reuniu seus nervos. Ele repetiu a história de Eric. Walsh disse que parecia suspeito. Ele ligaria para outro deputado para checar qualquer arrombamento.

Eric estava confiante. Ele olhou para seu parceiro. Dylan dobrou.

Wayne e Kathy Harris estavam esperando quando Eric chegou à delegacia. Tom e Sue Klebold estavam logo atrás. Eles não podiam acreditar que seus meninos pudessem fazer algo assim. Os meninos podem ser acusados de três crimes, incluindo um de Classe V, que pode levar até uma multa de US$ 100.000 e um a três anos de prisão. Eric e Dylan foram interrogados separadamente. Com o consentimento dos pais, eles renunciaram aos seus direitos. Cada menino deu declarações orais e escritas. Eric culpou Dylan. "Dylan sugeriu que deveríamos roubar alguns dos objetos na van branca", escreveu ele. "No começo eu estava muito desconfortável e questionando com o pensamento." Seu relato verbal foi mais inflexível. Ele disse que Dylan olhou para a van e perguntou: "Devemos arrombar e roubá-la? Seria bom roubar algumas coisas lá. Devemos fazê-lo?" Eric afirmou que respondeu: "Claro que não". Ele disse que Dylan continuou o importunando e eventualmente o cansou.

Dylan aceitou a culpa conjunta. "Quase ao mesmo tempo, nós dois tivemos a ideia de invadir esta van branca", disse ele.

Os meninos foram levados para a cadeia do condado. As impressões digitais foram tiradas, fotografadas e registradas. Em seguida, eles foram libertados sob a custódia de quatro pais furiosos.

36. Conspiração

Após os assassinatos, a equipe de detetives buscou condenações . Tinha três possíveis crimes para descobrir: participação no ataque, participação no planejamento ou conhecimento da culpa. No começo parecia fácil. Os assassinos foram descuidados; eles nem tentaram cobrir seus rastros. E os principais suspeitos vivos eram jovens. A maioria dos amigos havia escondido algo crucial: Robyn ajudou a comprar três das armas, Chris e Nate viram bombas caseiras, e Chris e Zack ouviram falar de napalm. Todos quebraram rapidamente. Eles eram crianças; foi fácil. Mas eles quebraram apenas até agora. Eles admitiram saber detalhes, mas alegaram não ter a menor ideia sobre o plano.

Os detetives forçaram mais. Os suspeitos não resistiram; eles simplesmente levantaram as mãos. Fuselier tinha vários agentes sólidos no caso. Ele sabia que eles poderiam farejar um mentiroso. *Como os suspeitos estão respondendo?* ele perguntou. *Eles parecem enganosos?* De jeito nenhum. O líder de sua equipe os descreveu como de olhos arregalados e compreensivelmente ansiosos. A maioria tinha começado escondendo alguma coisa, e isso era dolorosamente óbvio. Eles eram atores horríveis. Mas uma vez que eles derramaram, eles simplesmente pareceram aliviados. Eles estavam calmos, pacíficos - todos os sinais de alguém se limpando. A maioria dos suspeitos concordou com os polígrafos. Isso geralmente significava que eles não tinham mais nada a esconder.

Dois amigos, Robert Perry e Joe Stair, foram identificados por testemunhas como atiradores ou pelo menos presentes no local. Ambos eram altos e esguios - e, portanto, correspondiam a uma descrição comum para Dylan. Ambos os meninos produziram álibis. A de Perry estava trêmula: ele estava dormindo no andar de baixo até que sua avó o acordou com a notícia do tiroteio. Ele disse que subiu as escadas, tropeçou na varanda e chorou. Alguém o viu, além de sua avó? Não, ele não pensava assim. Mas Perry tinha sido visto por outros - ele estava muito chateado para notá-los. Dentro de uma semana, um vizinho que foi entrevistado descreveu dirigir por volta do meio-dia e ver Perry chorando do jeito que ele descreveu.

A evidência física era ainda menos contundente. Todas as casas dos amigos foram revistadas. Nenhuma arma foi encontrada. Sem munição, sem munição, sem refugo de qualquer montagem de bomba caseira. Zack tinha um exemplar do *The Anarchist Cookbook,* mas não havia sinal de que ele o tivesse usado para construir alguma coisa. As impressões digitais na cena do crime foram todas um fracasso. Havia uma quantidade extraordinária de material: armas, munição, equipamentos, bombas caseiras não utilizadas, tiras de fita adesiva e dezenas de componentes das grandes bombas. Tudo estava coberto com as impressões digitais dos assassinos; de mais ninguém. O mesmo acontecia nas casas dos assassinos: nada nos diários, fitas de vídeo, câmeras de vídeo ou equipamento de montagem de bombas. Ninguém apareceu nos registros dos assassinos. Eric tinha sido um planejador meticuloso e registrador de datas, locais e recibos. Detetives

vasculharam os arquivos das lojas e registros de cartão de crédito. Todos os sinais indicavam que os assassinos haviam comprado tudo.

Durante meses, o xerife Stone defendeu publicamente uma teoria da conspiração. Fuselier podia sentir a conspiração se esvaindo na primeira semana. Dentro de dois, ele sabia que era remoto. A evidência mais reveladora veio dos próprios assassinos. Em seus diários e vídeos, eles lidam com tudo. Eles nunca mencionam envolvimento externo, exceto, ironicamente, quando falam sobre tolos infelizes. Os assassinos vazaram seus planos de inúmeras maneiras, mas não há indicação de que alguém próximo a eles tenha dito uma palavra. Os e-mails, mensagens instantâneas, agendas e diários de seus amigos foram vasculhados, junto com todos os jornais que os investigadores puderam encontrar; não havia sinal de que algum dos amigos soubesse.

Rumores sobre um terceiro atirador continuaram até os dias atuais, mas publicamente, não demorou muito para que os investigadores os colocassem para descansar. Eric e Dylan foram corretamente identificados por testemunhas que os conheciam. Ninguém mais apareceu nos vídeos de vigilância ou no áudio do 911. Os relatos das testemunhas foram notavelmente consistentes sobre um atirador alto e um baixo - mas parecia haver dois de cada: dois em camisetas e dois em casacos. "Assim que soube que o casaco de Eric foi deixado do lado de fora no patamar, soube o que havia acontecido lá", disse Fuselier. Testemunhas trocaram histórias, e relatos de dois caras em camisetas e dois em sobretudos rapidamente se transformaram em quatro atiradores. A decisão de Dylan de deixar o casaco até chegar à biblioteca levou a mais combinações, e o número se multiplicou ao longo da tarde. Os assassinos também lançaram bombas em todas as direções. Seus tiros estilhaçaram janelas e ricochetearam nas paredes, dutos e escadas. Muitas crianças ouviram batidas ou explosões e identificaram positivamente o local como a fonte da atividade e não o destino. Várias testemunhas insistiram que tinham visto um atirador no telhado. O que eles viram foi um homem da manutenção ajustando o aparelho de ar condicionado.

Então, o que explicava toda a confusão? "O testemunho ocular, em geral, não é muito preciso", explicou um investigador. "Junte isso com tiros e apenas a situação mais aterrorizante de sua vida, o que eles se lembram agora pode não estar nem perto do que realmente aconteceu." A memória humana pode ser errática. Costumamos registrar fragmentos: tiros, explosões, trench coats, terror, sirenes, gritos. As imagens voltam embaralhadas, mas ansiamos por coerência, então as aparamos, ajustamos detalhes e montamos tudo em uma história que faça sentido. Registramos detalhes vívidos, como o rabo de cavalo desgrenhado batendo na camiseta azul suja do garoto fugindo logo à frente. Durante todo o caminho para fora do prédio, uma testemunha pode se concentrar naquele cabelo balançando. Mais tarde, ela se lembra de um vislumbre do assassino: ele era alto e esguio - ele tinha cabelos desgrenhados? Ele se encaixa, e ela o conecta. Logo o assassino está vestindo a camiseta azul suja também. Momentos depois, e para sempre, ela está convencida de que foi exatamente o que viu.

Os investigadores identificaram quase uma dúzia de equívocos comuns entre os sobreviventes da biblioteca. A distorção do tempo era desenfreada, particularmente a cronologia. As testemunhas se lembraram menos quando os assassinos se aproximaram delas, não mais. O terror impede o cérebro de formar novas memórias. Um número impressionante insistiu que eles eram os últimos a sair da biblioteca – uma vez que eles saíssem, tudo estava acabado. Da mesma forma, a maioria dos feridos, mesmo que superficialmente, acreditava ter sido os últimos atingidos. Os sobreviventes também se apegaram a conceitos tranquilizadores: que eles estavam realmente se escondendo agachando-se sob as mesas à vista de todos.

A memória é notoriamente não confiável. Acontece até com as melhores testemunhas. Seis anos depois, o diretor DeAngelis descreveu o tiroteio como se tivesse acabado de experimentá-lo. Ele refez seus passos pelo prédio, parando no ponto exato onde viu Dylan Klebold disparar sua espingarda pela primeira vez. O Sr. D apontou a posição de Dylan e descreveu tudo que Dylan estava vestindo: camiseta branca, arreios militares, boné virado para trás. Mas ele tem duas versões completamente diferentes de como chegou lá.

Em uma versão, ele soube do tiroteio em seu escritório. Isso era incomum: normalmente ele estaria no meio da confusão do refeitório. Mas na terça-feira ele foi retido por um compromisso. Ele teve uma reunião com um jovem professor que trabalhava em um contrato de um ano. O Sr. D estava feliz com o desempenho do professor e estava prestes a lhe oferecer um cargo permanente. Eles tinham acabado de apertar as mãos e se sentaram quando o rosto da secretária de Frank bateu no vidro na metade superior de sua porta. Ela correu para avisá-lo tão freneticamente que não conseguiu girar a maçaneta completamente e caiu direto na porta. Um momento depois, ela explodiu em gritos.

"Frank! Eles estão atirando!"

"O que?"

"Tiros! Lá embaixo, há tiros!"

Ele se afogou. Eles correram juntos – para o saguão principal, logo após a enorme estante de troféus suspensa. Dylan disparou, e a caixa se despedaçou atrás de Frank.

Foi dois ou três anos após o fato de que a secretária de Frank contou essa versão para ele. Ele disse que ela estava louca. Ele não tinha memória disso.

"Na minha versão, estou saindo calmamente indo almoçar", disse ele. "Terminamos a reunião, ofereci-lhe o emprego. Ele está feliz."

DeAngelis tinha planejado oferecer o trabalho. Ele gostou do professor e imaginou sua alegre aceitação. Mentalmente, já tinha acontecido. Os eventos reais - tiros no corredor, sua investida em direção à aula de ginástica das meninas e o desespero para escondê-los - varreu tudo em sua vizinhança mental. A aparência de sua secretária não era importante e conflitava com sua "lembrança" de oferecer o emprego. Uma memória tinha que ir.

O Sr. D verificou com o professor. Nenhuma oferta de emprego - eles apenas se sentaram. Outras testemunhas o viram correr ao lado de sua secretária. Ele chegou a aceitar essa versão da verdade, mas não consegue imaginá-la. Seu cérebro visual insiste que a falsa memória é real. Multiplique isso por quase duas mil crianças e mais de cem professores e uma imagem precisa e precisa era impossível de renderizar.

___

Os investigadores voltaram a entrevistar os amigos mais próximos dos assassinos várias vezes. Cada nova entrevista e pista levantaria mais perguntas sobre os associados dos assassinos. Às vezes, novas evidências revelaram mentiras.

Um agente do FBI entrevistou Kristi Epling no dia seguinte aos assassinatos. Kristi estava ligada a ambos os assassinos, particularmente Eric. Eles eram próximos, e ela estava namorando seu amigo Nate Dykeman. Ela não parecia saber muito, no entanto. Seu relatório do FBI foi breve e nada digno de nota. Ela disse que Nate estava em choque, a conexão do TCM era boba e Eric provavelmente era o líder. Kristi não mencionou nenhuma de suas notas em sua posse.

Como a maioria dos amigos dos assassinos, Kristi era excepcionalmente inteligente; ela estava indo para a faculdade com uma bolsa de estudos. Ela se deu bem com as notas durante sua entrevista no FBI, depois as enviou para um amigo em St. Louis que não tinha ligação com Columbine e dificilmente seria questionado. Kristi foi cuidadosa: nenhum endereço de retorno no envelope. O amigo foi à polícia. Ela não informou Kristi.

As páginas incluíam notas trocadas entre Kristi e Eric na aula de alemão – uma conversa desconexa, conduzida em alemão. Eles mencionaram uma lista de alvos. Isso era uma notícia velha para os investigadores – a maior parte da escola estava em uma das listas de Eric. Mas eles retiveram essa informação do público. Kristi estava escondendo; talvez ela estivesse se escondendo mais. Os detetives voltaram para interrogá-la. Eles perguntaram sobre a aula de alemão, e Kristi disse que havia trocado bilhetes com Eric, mas os havia jogado fora meses atrás. Ela assegurou-lhes repetidamente que Eric nunca fez nenhuma ameaça. Ela teria contado a um professor, ela insistiu. Kristi também disse que Nate fugiu para a Flórida, para ficar com seu pai e evitar os cães da mídia. Eles conversaram ao telefone naquela manhã.

Os detetives perguntaram a Kristi o que deveria acontecer com alguém que ajudara os assassinos. "Eles deveriam ir para a cadeia para sempre", disse ela. "Foi uma coisa horrível." E quanto a alguém que reteve informações após o ataque? "Eu não sei", disse Kristi. "Dependeria do que fosse." Eles provavelmente deveriam receber aconselhamento, ela sugeriu, mas algum tipo de punição também.

Eles perguntaram novamente: ela sabia de mais alguma coisa? Não. Ela destruiu alguma nota de Eric? Não. Eles ficavam repetindo as perguntas, assegurando-lhe que ela poderia revelar qualquer coisa agora sem repercussões. Não, não havia nada. Eles continuaram a questioná-la,

repetiram a oferta e, finalmente, ela aceitou. OK, havia notas, ela admitiu. E Nate não estava na Flórida; ele estava ficando com ela. Ele estava lá na casa agora. Ela disse que as notas foram muito dolorosas de segurar, mas ela não queria destruí-las. Se ela pudesse levá-los a algum lugar muito, muito distante, ela esperava recuperá-los algum dia quando tudo estivesse mais claro.

Uma vez que ela aceitou a verdade, Kristi foi próxima. Ela concordou em entregar seu PC e suas contas de e-mail e fazer um polígrafo. Além disso, ela não sabia nada significativo. Ela contou a eles sobre algumas coisas que Nate havia confessado, mas os detetives já sabiam sobre elas. Kristi estava com medo. Ela pensou que tinha algo incriminador, e ela entrou em pânico. Nenhuma evidência de uma conspiração. Outro beco sem saída.

No entanto, o Dr. Fuselier aprendeu muito com a conversa alemã. Ele girava em torno do novo namorado de Kristi; ela teve um romance de curta duração com um estudante do segundo ano chamado Dan. Eric não podia acreditar que ela estava saindo com aquela porra. *Por que, o que havia de errado com Dan?* ela perguntou. Por um lado, o menino bonito deu um soco na cara dele no ano passado, disse Eric. Eric, em uma briga? Isso a surpreendeu. Ele sempre pareceu tão racional. Ele ficava bravo quando as crianças zombavam de suas roupas pretas ou de todas as suas porcarias alemãs, mas ele sempre mantinha a calma. Ele calmamente descobriria como se vingar.

Kristi se preocupou com Eric se vingar. Ela perguntou ao namorado sobre isso, e ele disse que temia que Eric pudesse matá-lo.

Kristi decidiu bancar a mediadora da paz. Ela retomou o assunto com Eric na aula de alemão. Ela disse a ele diretamente o quão assustado Dan estava. Ela usou a frase "matá-lo". Isso deixou Eric nervoso. Ele estava no programa de desvio juvenil por causa do arrombamento da van, e ameaças como essa poderiam colocá-lo em apuros. Kristi disse que tomaria cuidado com isso. Mas como Dan poderia fazer as pazes com ele?

Que tal se ele me deixasse dar um soco na cara dele, Eric sugeriu. *A sério?* A sério.

O Dr. Fuselier não ficou surpreso com as anotações. Muito sangue frio. Qualquer criança poderia entrar em uma briga. Dan ficou muito bravo, e no calor de uma briga de socos atingiu Eric. Eric estava planejando seu soco. Ele queria que Dan ficasse ali indefeso e o deixasse fazer isso. Poder total sobre a criança. Isso é o que Eric desejava.

———

À medida que a teoria da conspiração desmoronou, longe dos olhos do público, surgiu um novo motivo. A teoria da rivalidade entre atletas foi aceita como o motivador subjacente, mas isso supostamente durou um ano. O que fez os assassinos estalarem? Nove dias após os assassinatos, a mídia encontrou mais um gatilho. Os fuzileiros navais. O *New York Times* e o *Washington Post* divulgaram a história em 29 de abril. O resto da mídia acumulou rapidamente.

Eles descobriram que Eric estava conversando com um recrutador da Marinha durante as últimas semanas de sua vida. Eles também descobriram que ele estava tomando o antidepressivo Luvox – algo que normalmente o desqualifica (porque implicava em depressão). Um porta-voz do Departamento de Defesa verificou que o recrutador tinha conhecimento do medicamento e rejeitou Eric. A mídia foi para as corridas, novamente.

Luvox adicionou uma ruga extra, pois funcionava como um supressor da raiva. O *Times* citou amigos não identificados de Eric dizendo que "eles acreditam que ele pode ter tentado parar de tomar a droga, talvez por causa de sua rejeição pelos fuzileiros navais, cinco dias antes de ele e seu melhor amigo, Dylan Klebold, invadirem o campus de Columbine. com armas e bombas."

A história acrescentou um pouco de evidência que parecia confirmar isso: "o escritório do legista disse que nenhuma droga ou álcool foi encontrado no corpo do Sr. Harris em uma autópsia, mas não especificou se o corpo foi examinado para Luvox". Estava finalmente se encaixando: os fuzileiros rejeitaram Eric, ele deixou o Luvox para alimentar sua raiva, pegou uma arma e começou a matar. Tudo se encaixa.

Fuselier leu as histórias. Ele estremeceu. Todas as conclusões eram razoáveis - e erradas. O corpo de Eric não havia sido inicialmente rastreado para Luvox. Mais tarde, teve: ele permaneceu em uma dose completa, até sua morte. E os investigadores conversaram com o recrutador da Marinha na manhã seguinte aos assassinatos. Ele havia determinado que Eric era inelegível. Mas Eric nunca soube.

A essa altura, Fuselier já havia lido o diário de Eric e visto as fitas do porão. Ele sabia o que a mídia não sabia. Não houve gatilho.

___

Em 30 de abril, as autoridades se reuniram com os Klebolds e vários advogados para discutir as regras básicas para uma série de entrevistas. Kate Battan ficou irritada por não poder questionar a família diretamente. Então ela pediu-lhes que lhe contassem sobre o filho deles. Eles ainda estavam estupefatos. Eles descreveram um adolescente normal: extraordinariamente tímido, mas feliz. Dylan estava lidando bem com a adolescência e se tornando um jovem adulto responsável. Eles lhe confiavam decisões importantes quando ele podia articular sua lógica. Os professores o amavam e as outras crianças também. Ele foi gentil e sensível até o dia em que morreu. Sue conseguia se lembrar de ver Dylan chorar apenas uma vez. Ele voltou da escola chateado e subiu para seu quarto. Ele puxou uma caixa de bichos de pelúcia do armário, jogou-os fora, enterrou-se e adormeceu cercado. Ele nunca revelou o que o perturbou.

Seus pais concederam a Dylan um pouco de privacidade em seu próprio quarto. A última vez que Tom se lembrou de estar lá foi cerca de duas semanas antes dos assassinatos, para desligar o computador que Dylan deixou. Caso contrário, eles monitoraram a vida de Dylan de forma agressiva e o proibiram de sair com más influências.

Tom disse que era extremamente próximo de Dylan. Eles dividiam ingressos para a temporada das Montanhas Rochosas com outras três famílias e, em suas noites, Tom geralmente levava um de seus filhos. Tom e Dylan saíam o tempo todo juntos. Eles praticavam muitos esportes até que Tom desenvolveu artrite em meados da década de 1990. Agora era muito xadrez, computadores e trabalho na BMW de Dylan. Eles construíram um conjunto de alto-falantes personalizados juntos. Dylan não gostava de fazer reparos com Tom, porém, e às vezes ficava irritado e respondia com uma palavra. Isso era normal. Tom considerava Dylan seu melhor amigo.

Dylan tinha um punhado de amigos íntimos, disseram seus pais: Zack e Nate e, claro, Eric, que definitivamente era o mais próximo. Chris Morris parecia mais um conhecido. Dylan se divertiu com Robyn Anderson - uma garota doce - mas definitivamente nada romântico. Ele ainda não tinha uma namorada, mas estava meio que namorando em grupo. Seus amigos pareciam felizes. Eles com certeza riram muito. Eles sempre foram educados e pareciam descontraídos – bastante imunes à pressão social, eles disseram.

Eric era o mais quieto do grupo. Tom e Sue nunca sentiram que sabiam o que se passava naquela cabeça. Eric sempre foi respeitoso, no entanto. Eles sabiam que Judy Brown tinha uma opinião diferente. "Judy não gosta de muita gente", disse Sue.

Tom e Sue não perceberam que Eric liderava ou seguia seu filho. Mas eles notaram que ele ficou bravo com Dylan quando ele "estragou alguma coisa".

Antes de partirem, os detetives perguntaram aos Klebolds se eles tinham alguma dúvida. sim. Eles pediram para ler qualquer coisa que Dylan tivesse escrito. Qualquer coisa para entender.

Battan saiu frustrado. "Não consegui fazer nenhuma pergunta", disse ela mais tarde. "Tudo o que consegui foi um pedaço de cotão no filho deles." Ela documentou a entrevista, que permaneceu selada por dezoito meses. A série de entrevistas nunca ocorreu. Os advogados exigiram imunidade de acusação antes de falarem. Os funcionários da Jeffco se recusaram. Os Harris tomaram a mesma posição. Battan nem sequer recebeu um pedaço de cotão deles.

___

Enquanto Battan entrevistava os Klebolds, a National Rifle Association reuniu-se em Denver. Foi uma coincidência medonha. O prefeito Wellington Webb implorou ao grupo que cancelasse sua convenção anual, agendada muito antes. Farpas raivosas voaram para frente e para trás durante toda a semana. "Não queremos você aqui", disse finalmente o prefeito Webb.

Outros promotores cederam a demandas semelhantes. Marilyn Manson foi incorretamente ligado aos assassinos. Ele cancelou seu show no Red Rocks e o restante de sua turnê nacional. O show da NRA continuou. Quatro mil compareceram. Três mil manifestantes os encontraram. Eles se reuniram nos degraus do Capitólio, marcharam para o local da convenção e formaram uma corrente humana em torno do Adam's Mark Hotel. Muitos

acenaram com placas de "Vergonha da NRA". Um cartaz era diferente. Tom Mauser disse: "Meu filho Daniel morreu em Columbine. Ele esperava que eu estivesse aqui hoje."

Tom era um homem tímido e quieto. Tinha sido uma semana difícil, e os amigos não tinham certeza se ele estava pronto para um confronto público. "Ele teve um dia difícil, difícil ontem", disse um colega de trabalho.

Mas Tom respirou fundo, soltou o ar e se dirigiu à multidão. "Algo está errado neste país quando uma criança pode pegar uma arma com tanta facilidade e atirar uma bala no meio do rosto de uma criança", disse ele. Ele os exortou a não deixar que a morte de Daniel fosse em vão.

Tom ficara impressionado com outra coincidência. No início de abril, Daniel se interessou pelo controle de armas e procurou o pai com uma pergunta: Tom sabia que havia brechas no Brady Bill? Exibições de armas foram excluídas das verificações obrigatórias de antecedentes. Duas semanas depois, Daniel foi assassinado por uma arma adquirida em um desses shows.

"Claramente foi um sinal para mim", explicou Tom mais tarde.

Os críticos já haviam criticado Tom por lucrar com o assassinato de seu filho ou ser enganado por ativistas do controle de armas. "Eu garanto a vocês que não estou sendo explorado", disse ele à multidão.

Dentro do Adam's Mark, o presidente da NRA, Charlton Heston, abriu o show. Ele foi direto para o prefeito Webb. A multidão vaiou. "Saia do nosso país, Wellington Webb!" alguém gritou. Os congressistas se divertiram.

Heston atacou. "Eles dizem: 'Não venha aqui'", disse ele. "Acho que o que mais me entristece é como isso sugere cumplicidade. Isso implica que você e eu e oitenta milhões de donos de armas honestos somos culpados de alguma forma, que não nos importamos tanto quanto eles, ou que não merecemos ser tão chocado e horrorizado quanto qualquer outra alma na América que chora pelo povo de Littleton. "Não venha aqui." Isso é ofensivo. Também é absurdo."

O grupo observou um momento de silêncio pelas vítimas de Columbine. Em seguida, procedeu-se à cerimônia de boas-vindas. Tradicionalmente, os participantes mais velhos e mais jovens são oficialmente reconhecidos nessa época. O mais novo é geralmente uma criança. "Dadas as circunstâncias incomuns", Heston anunciou que a tradição seria suspensa este ano.

———

Quando a conspiração evaporou, deixou um vácuo perigoso. Dr. Fuselier viu o perigo desde o início. "Uma vez que entendemos que não havia um terceiro atirador, percebi que para todos seria difícil conseguir o fechamento", disse ele. O ato final dos assassinos foi um dos mais cruéis: eles privaram os sobreviventes de um perpetrador vivo. Eles privaram as famílias de um foco para sua raiva e sua culpa. Não haveria julgamento catártico para as vítimas. Não havia assassino para repreender em um tribunal, nenhum juiz para implorar para impor a pena máxima. South

Jeffco estava fervendo de raiva e seria privado de um alvo razoável. A raiva deslocada confundiria a comunidade por anos.

A conspiração em ruínas eliminou a missão principal da força-tarefa. A equipe de estrelas foi deixada para resolver questões logísticas: exatamente *o que* aconteceu e *como* . Eram investigações massivas, fáceis de se perder por dentro. Os investigadores queriam refazer cada passo, reconstruir cada momento, colocar cada testemunha e cada fragmento de chumbo no lugar, tempo e contexto. Foi um esforço hercúleo e tirou a atenção da equipe do objetivo real: *por quê?* As famílias queriam saber como seus filhos morreram, é claro, mas isso não era nada comparado à questão subjacente.

Desde o início, as autoridades começaram a dizer que o relatório evitaria conclusões. "Nós lidamos com fatos", disse o chefe de divisão Kiekbusch. "Faremos um esforço diligente para não incluir um monte de conclusões. Aqui estão os fatos: você lê e tira suas próprias conclusões."

As famílias ficaram incrédulas. A imprensa também. *Tirar nossas próprias conclusões?* Quantos civis se sentiram qualificados para diagnosticar assassinos em massa? Não era para isso que serviam os detetives de homicídios? O público tinha a impressão de que cem deles haviam sido pagos durante meses para realizar esse serviço.

É claro que as equipes de homicídios tiram conclusões. O que Kiekbusch quis dizer foi que eles evitam *discutir* essas conclusões externamente. Esse é o papel do DA. Os policiais desenvolvem o caso, mas o promotor o apresenta ao júri - e ao público, conforme necessário. Mas, além dos fornecedores de armas, não havia ninguém para julgar os assassinatos de Columbine.

___

O xerife Stone continuou falando sobre a teoria da conspiração com a imprensa. Ele estava enlouquecendo sua equipe. Eles tinham praticamente descartado isso. A cada poucos dias, os porta-vozes da Jeffco corrigiam outra distorção do xerife. Várias correções foram extremas: as prisões *não eram* iminentes, os policiais não haviam impedido os assassinos de escapar da escola, e as descrições de Stone dos vídeos do refeitório eram pura conjectura – as fitas ainda não haviam sido analisadas. Eles não tentaram corrigir algumas de suas caracterizações equivocadas, como quando ele citou o diário de Eric fora de contexto para dar a impressão de que os assassinos estavam planejando sequestrar um avião quando começaram o ataque. Ele estava rapidamente se tornando motivo de chacota, mas era a autoridade máxima no caso.

Sua equipe implorou para que ele parasse de falar com a imprensa. Mas como seria se os subordinados falassem sobre o caso enquanto o chefe estivesse amordaçado? Um entendimento tácito se desenvolveu na equipe: se Stone mantivesse a boca fechada, eles também ficariam. (Embora eles tenham continuado as entrevistas com o *Rocky* .) Nos cinco meses seguintes, até uma entrevista improvisada pela investigadora principal Kate Battan em setembro, os policiais não divulgariam praticamente nada mais publicamente sobre suas descobertas ou conclusões. Depois disso,

seria um gotejamento lento e uma luta por cada fragmento de informação. Nove dias após o tiroteio, o apagão Jeffco começou.

___

A cobertura de Columbine também terminou abruptamente. Uma série de tornados mortais atingiu Oklahoma, e a imprensa nacional deixou a cidade em uma única tarde. A escola voltaria periodicamente às manchetes nacionais ao longo dos anos, mas a narrativa do que havia acontecido estava definida.

37. Traído

Eric precisava de ajuda profissional. Seu pai fez essa determinação dentro de quarenta e oito horas após sua prisão. Wayne pegou o bloco de estenografia que estava parado por nove meses e começou a preencher meia dúzia de páginas: "Veja psicólogo", escreveu ele. "Veja o que está acontecendo. Determine o tratamento." Wayne reuniu nomes e números de várias agências e serviços e adicionou itens com marcadores a eles: gerenciamento de raiva, gerenciamento de vida, terapeuta profissional, centro de saúde mental, conselheiro escolar, centro de avaliação juvenil e equipe de família adolescente. Wayne documentou várias conversas com advogados. Ele escreveu "probation", circulou-o e acrescentou: "tome qualquer risco para reforma ou diversão."

Wayne verificou meia dúzia de candidatos a terapeuta. Suas taxas variavam de US$ 100 a US$ 150 por hora. Ele escolheu o Dr. Kevin Albert, um psiquiatra, e marcou uma consulta para 16 de fevereiro.

Wayne registrou página após página de ligações para policiais, advogados e promotores, analisando suas opções. O programa de desvio juvenil parecia ideal: um ano de aconselhamento e serviço comunitário, além de multas, taxas e restituição. Se Eric o completasse com sucesso e o mantivesse limpo por mais um ano, o roubo seria eliminado de seu registro. Mas a promotoria teve que aceitá-lo.

Eric disse ao Dr. Albert que tinha problemas de raiva. A depressão era um problema. Ele havia pensado em suicídio. Ele aparentemente não mencionou as bombas que levou para o parque na noite anterior. Dr. Albert deu-lhe Zoloft, um antidepressivo prescrito. Eric continuou a se encontrar com ele quinzenalmente, e Wayne e Kathy também começaram sessões ocasionais.

Em casa, os meninos receberam punições semelhantes. Cada um ficou de castigo por um mês e foi proibido o contato com o outro. Eric também teve seu acesso ao computador revogado. Ele foi trabalhar em suas bombas caseiras. Ele perdeu um – ou talvez o tenha deixado como um aviso ou pista. Em 15 de fevereiro, um dia antes da primeira consulta de Eric com o Dr. Albert, alguém na vizinhança tropeçou em seu trabalho: um tubo de PVC colado com fita adesiva na grama com um fusível vermelho saliente. Uma visão meio estranha para um parque suburbano em Jeffco. Os policiais de Jeffco enviaram um investigador do esquadrão antibombas. Com certeza, era uma bomba caseira. Os oficiais não encontraram muitos desses por aqui. O investigador desarmou a bomba e registrou um relatório.

___

Eric e Dylan esconderam sua prisão de amigos. Eles inventaram desculpas sobre suas restrições. Finalmente eles começaram a ficar limpos. Eric confessou para uma garota no Blackjack, e a notícia chegou a Nate Dykeman. Nate não podia acreditar que Dylan estava escondendo isso dele.

"É por isso que você não pode sair?" Nate perguntou. Dylan ficou vermelho.

"Ele não queria falar sobre isso", disse Nate mais tarde.

Depois que a notícia vazou, Eric disse aos amigos que foi o momento mais embaraçoso de sua vida.

Ambos os meninos foram humilhados. E Eric estava furioso. A resposta de Dylan foi mais complexa. Três dias depois de sua prisão, Dylan se imaginou no caminho da felicidade com Harriet. Ele esboçou em seu diário como uma estrada de duas pistas com um sinal de estrada em um ombro e uma faixa tracejada no centro. Sua estrada levava a uma majestosa fileira de montanhas, com um coração gigante guiando-o adiante. "É tão bom amar", escreveu ele. Ele era um criminoso agora, mas estava em êxtase. Ele preencheu metade da página com desenhos e exclamações: "Eu a amo e ela me ama".

A raiva ferveu com o êxtase. Dylan estava começando a ver isso do jeito de Eric: "as pessoas reais (deuses) são escravas da maioria dos zumbis, mas nós sabemos e amamos ser superiores... para nós. Minha felicidade. A felicidade dela. Nada mais importa."

Suicídio ou assassinato? O padrão se solidificou: pensamentos homicidas ocasionalmente, autodestruição em cada página. "Se, por escolha do amor, Harriet não me amasse, eu cortaria meu pulso e explodiria Atlanta amarrada ao meu pescoço", escreveu ele. Eric havia chamado uma de suas bombas caseiras de Atlanta.

___

Wayne Harris continuou trabalhando nos telefones. No início de março, ele conseguiu uma avaliação com Andrea Sanchez, conselheira do programa de desvio juvenil. Sanchez fez ligações para Eric e Dylan para pré-selecionar. Eles passaram. Ela enviou uma dúzia de formulários e marcou compromissos. Cada menino iria ao seu escritório com um dos pais e a pilha de papéis. Ambas as sessões de admissão ocorreriam em 19 de março.

Por dois meses, Wayne Harris trabalhou para colocar seu filho em Diversion, para manter seu registro limpo. Eric também estava ocupado. Ele estava detonando suas primeiras bombas caseiras. Ele corajosamente postou a descoberta em seu site: "Mãe da puta explodiu GRANDE. Lançar coisa foi de partir o coração, apertar o cérebro, mover o chão insanamente legal! Seus irmãos ainda não encontraram um alvo."

Desta vez, Eric estava produzindo para matar. O desprezo tinha sido a tendência em seus discursos "EU ODEIO"; agora ele deixou isso explícito. Os idiotas tiveram coragem de julgá-lo, disse ele. Chamá-lo de louco só por imaginar um assassinato em massa? Idiotas vazios e vazios em julgamento? "Se você tiver um problema com meus pensamentos, venha me dizer e eu vou te matar", ele postou. "PESSOAS MORTAS NÃO DISCUTEM! Deus, DROGA, ESTOU CHOCADO!!"

___

Quando Eric abraçou o assassinato, Dylan recuou. Após a prisão, ele teve uma breve explosão em seu diário, e então abandonou todas as menções a isso por quase um ano. Dylan ainda se preocupava com "essa terra de

banheiro", mas seu foco mudou drasticamente para o amor. AME. Tinha sido proeminente desde a primeira página de seu diário, mas agora, um ano depois, tornou-se esmagadora. Ele brasonou páginas inteiras com corações de dez polegadas, cercados por coros de corações menores e vibrantes.

Eric não tinha utilidade para o amor. Sexo, talvez. Ele não compartilhava nenhum dos desejos de Dylan por verdade, beleza ou amor etéreo. A única luta interna de Eric dizia respeito a qual bastardo estúpido era mais merecedor de sua ira.

Os sonhos de Eric mudaram após sua prisão. A extinção humana ainda era seu objetivo, mas pela primeira vez ele deu o salto de observador para executor. “Vou armar explosivos por toda a cidade e detonar cada um deles à vontade depois de derrubar uma área inteira cheia de você, mãe rica e arrogante, porra de atitude divina com pedaços inúteis de putas de merda”, escreveu ele. Ele postou isso abertamente em seu site. "Eu não me importo se eu vivo ou morro no tiroteio", escreveu ele. "Tudo que eu quero fazer é matar e ferir tantos de vocês idiotas quanto eu puder!"

___

Foi demais para Dylan. Matar? Tudo? Aparentemente não. Ele fez um movimento impressionante pelas costas de Eric. Ele disse. Ele contou para a pior pessoa possível: Brooks Brown. Brooks sabia sobre o pequeno vandalismo, e seus pais viam Eric como um jovem criminoso, mas não tinham ideia de quão sério era.

No caminho para a aula, Dylan entregou a Brooks um pedaço de papel. Apenas uma linha estava escrita nele: um endereço da Web.

"Acho que você deveria dar uma olhada nisso hoje à noite", disse Dylan.

"OK. Alguma coisa especial?"

"É o site de Eric. Você precisa vê-lo. E você não pode dizer a Eric que eu dei a você."

Brooks abriu o site naquela noite. Eric estava ameaçando matar pessoas. Ele ameaçou matar Brooks pessoalmente, em três lugares diferentes.

Dylan vazou a URL para Brooks um dia antes de suas entrevistas de admissão para o programa Diversion. Se Brooks contasse a seus pais – e Dylan sabia que ele contara *tudo a Judy* – os Browns iriam direto para a polícia, e Eric seria rejeitado e preso por um crime. Dylan provavelmente também estaria. Ele aproveitou essa chance.

Brooks contou para sua mãe. Randy e Judy chamaram a polícia. Os investigadores da Jeffco saíram naquela noite. Eles acompanharam, registraram relatórios, mas não alertaram a promotoria. Eric e Dylan seguiram para Diversion.

___

Apenas um dos pais foi necessário na reunião de admissão de desvio. Tom e Sue Klebold compareceram. Eles consideraram importante. Eles preencheram um questionário de oito páginas sobre Dylan, ele fez o mesmo, e então Andrea Sanchez os mostrou os resultados. Os Klebolds tiveram algumas surpresas. Dylan lidou com cinco ou seis bêbados, começando aos quinze anos. "Não estava ciente disso - até Andrea Sanchez

fazer a pergunta alguns momentos atrás", escreveram seus pais. Aparentemente eles não sabiam que seu apelido era VoDKa.

Dylan alegou que havia parado de beber. Ele não gostou do sabor e disse que "não valia a pena". Ele também experimentou maconha e a rejeitou pelos mesmos motivos. Seus pais também ficaram surpresos com a maconha.

Tom e Sue foram sinceros; era o único curso ético. "Dylan é introvertido e cresceu isolado", escreveram. "Ele é muitas vezes irritado ou mal-humorado, e os comportamentos parecem desrespeitosos e intolerantes com os outros." Eles escreveram uma linha sobre desrespeitar figuras de autoridade, riscaram e depois disseram que os professores relataram que ele não ouvia ou aceitava bem a correção.

Eric era mais cauteloso. Ele revelou apenas o suficiente para parecer confessional. Ele disse que provou álcool três vezes, nunca ficou bêbado e desistiu de vez. Exatamente o que um pai queria ouvir. Era o clássico Eric — mais crível do que a abstinência e tranquilizador: ele já havia enfrentado a tentação e o perigo havia passado. Ele entendeu como seus pais pensavam, e em nenhum momento ele leu Andrea Sanchez. Em seu primeiro encontro, ele transformou uma admissão em uma virtude. Ele mentiu sobre maconha também. Ele alegou que não tinha interesse. A admissão de álcool deu credibilidade à alegação.

Wayne e Kathy também participaram da sessão. A surpresa deles veio na seção de saúde mental. Em uma lista de verificação de trinta áreas problemáticas em potencial, eles marcaram três caixas: raiva, depressão e pensamentos suicidas. Eric havia contado a eles sobre esses três, e os discutiu com o Dr. Albert. Ele estava recebendo ajuda. Todos concordaram que o Zoloft também estava ajudando. Era comum um adolescente marcar várias caixas. Eric escolheu quatorze. Ele marcou praticamente tudo relacionado à desconfiança ou agressão. Ele verificou ciúmes, ansiedade, desconfiança, figuras de autoridade, temperamento, pensamentos acelerados, pensamentos obsessivos, mudanças de humor e pensamentos desorganizados. Ele pulou pensamentos suicidas, mas verificou pensamentos homicidas.

Wayne e Kathy se preocupavam com Eric reprimindo sua raiva. Eles admitiram que ele iria explodir de vez em quando - atacando verbalmente ou batendo em um objeto. Ele nunca tentou isso na frente de seu pai, mas eles receberam relatórios do trabalho e da escola. Isso não acontecia com frequência, mas eles estavam preocupados. Eric respondeu bem à disciplina. Eles haviam controlado seu comportamento, mas como poderiam conter seus humores? Quando ele realmente ficava bravo, disse Eric, ele dava um soco na parede. Ele havia pensado em suicídio, mas nunca seriamente, e principalmente por raiva. Ele ficava com raiva o tempo todo, disse ele, com quase tudo de que não gostava.

Eric estava fervendo enquanto rabiscava suas respostas, e ele praticamente disse isso no formulário. A coragem desses vilões julgando-o. Ele explicou como odiava tolos dizendo a ele o que fazer. Na entrevista, ele aparentemente dirigiu sua raiva a *outros* tolos. Eles caíram nessa.

Eric uivaria sobre isso mais tarde. A confissão parcial era seu golpe favorito de todos. Ele poderia virar metade de suas cartas e ainda assim conseguir o blefe.

Ele postou seus pensamentos reais sobre o sistema legal em seu site mais ou menos nessa mesma época: "Minha crença é que se eu disser alguma coisa, vai. Eu sou a lei. Se você não gosta, você morre". Ele descreveu ir a algum centro aleatório de alguma cidade grande e explodir e atirar em tudo o que podia. Ele nos garantiu que não sentiria remorso, nem tristeza, nem vergonha. No entanto, lá estava ele sentado, submetendo-se. Ele se curvou à vontade deles; ele preencheu seu formulário degradante. Rir por dentro era insuficiente. Ele os faria pagar.

___

Sanchez se preocupou com o fracasso dos meninos em aceitar total responsabilidade. Eric estava aderindo à sua história de que o arrombamento era culpa de Dylan. Dylan achou a coisa toda um pouco exagerada. Sanchez observou suas reservas, mas as recomendou para inscrição.

A decisão final foi da Justiça. Uma semana depois, em 25 de março, Eric e Dylan compareceram perante o magistrado de Jeffco John DeVita durante uma audiência conjunta. Seus pais estavam ao lado deles. Isso impressionou DeVita. A maioria dos jovens apareceu sozinho, ou apenas com uma mãe. Os pais eram um bom sinal. E esses pais pareciam estar assumindo o controle da situação. DeVita também ficou impressionada com as punições impostas. "Bom para você, pai", disse ele. "Parece-me que você tem as circunstâncias sob controle."

"Esta foi uma experiência bastante traumática", disse Tom Klebold. "Acho que provavelmente é bom, uma boa experiência, que eles tenham sido pegos pela primeira vez."

"Ele diria a você se houvesse mais alguma?"

"Sim, ele realmente faria."

DeVita não comprou. "Primeira vez fora da caixa e você é pego?" ele perguntou a Eric. "Eu não acredito. É uma ocorrência muito rara quando alguém é pego pela primeira vez."

Mas ficou impressionado com a forma como os meninos se apresentavam: bem vestidos, bem comportados, respeitosos. *Sim, Meritíssimo* e *Não, Meritíssimo.* Eles respeitavam a corte, e isso mostrava.

DeVita atrelou Dylan também. Os B e C em seu boletim eram uma piada. "Aposto que você é um aluno A", disse DeVita. "Se você colocar a inteligência na papelada."

DeVita deu-lhes uma palestra; então ele os aprovou para desvio. Este par ia se dar bem, ele pensou.

Quatorze meses depois, após os assassinatos, DeVita lamentou o quão convincentes os meninos haviam sido. "O que é incompreensível é a quantidade de engano", disse ele. "A facilidade de seu engano. A frieza de seu engano."

___

Judy e Randy Brown continuaram chamando a polícia. Eles tinham certeza de que Brooks estava em perigo. Seu outro filho estava tão assustado que dormiu com um taco de beisebol. Depois de duas semanas de importunação, o caso foi levado ao investigador John Hicks, que se encontrou com Judy. Em 31 de março, ele se sentou com dois outros investigadores, Mike Guerra e Glenn Grove, para discutir o assunto. A situação parecia muito ruim - ruim o suficiente para o investigador Guerra digitar uma declaração de duas páginas para um mandado de busca, "devidamente juramentado".

Guerra fez um bom trabalho. Na declaração, ele delineou dramaticamente todos os elementos cruciais do caso contra esse garoto. Ele detalhou a especificidade dos planos de Eric, seus métodos e sua artilharia. Ele citou liberalmente o site de Eric para fornecer provas. Mas o mais importante, Guerra estabeleceu a conexão com evidências físicas: uma bomba que combinava com as descrições de Eric havia sido descoberta recentemente perto de sua casa. A casa dos Harris deveria ser pesquisada por qualquer literatura, notas ou material físico relacionado à construção de explosivos, bem como toda a correspondência por e-mail – presumivelmente para incluir o site.

O depoimento foi convincente. Foi arquivado. Não foi assinado ou levado perante um juiz. Não foi atuado de forma alguma. Uma explicação plausível para a inação nunca foi fornecida. Anos depois, um funcionário disse que Guerra foi levado para outro caso e, quando retornou, o depoimento, conforme escrito, não tinha a oportunidade necessária para levá-lo a um juiz.

Os Browns disseram que o investigador Hicks também sabia da prisão de Eric pelo arrombamento da van. Não havia nenhuma indicação de que ele ou alguém do departamento do xerife alguma vez retransmitiu suas provas condenatórias sobre Eric para os oficiais de desvio. O magistrado DeVita não recebeu nenhuma indicação antes de aprová-los para o programa.

Altos funcionários do departamento do xerife, da promotoria e do tribunal criminal não tinham conhecimento das ações uns dos outros em relação a Eric. Mas Eric aparentemente sabia o que eles estavam fazendo. Eric ficou sabendo que os Browns estavam atrás dele, então ele tirou seu site do ar por um tempo. Não há indicação de que ele tenha sabido da traição de Dylan. Não há nenhum sinal de que ele suspeitasse.

Eric estava levando a sério seus planos agora, e não arriscaria postar nada sobre eles na web novamente. Ele pegou um caderno espiral e começou um diário. No ano seguinte, ele registraria seu progresso em direção ao ataque e explicaria detalhadamente seus motivos.

38. Mártir

Ela está no hall da fama dos mártires", proclamou o pastor de Cassie em seu funeral. Isso não foi uma hipérbole. Um notável estudioso religioso previu que Cassie poderia se tornar a primeira mártir protestante oficialmente designada desde o século XVI. "Isso é realmente extraordinário". ele disse. "As chamas do martírio estão sendo atiçadas por esses vários pregadores, que aparentemente embelezaram a história como a contaram. Ele ganha vida própria."

No *Weekly Standard,* J. Bottum a comparou aos mártires do século III, Perpétua e Felicidade, e "as histórias dos milhares de cristãos primitivos que foram alegremente para a morte nos coliseus romanos". E a resposta parecia o Grande Despertar do século XVIII, disse Bottum. Ele previu uma geração de crianças surgindo para reformular nossa paisagem cultural. Mais tarde, ele descreveu uma mudança nacional de coração, "tremendo à beira de irromper... É uma fé cada vez maior de que todo o desastre pornográfico, violento e anárquico da cultura popular americana em breve será varrido".

Foi uma grande história. Isso deu a Brad e Misty um tremendo alívio. Eles eram devidos. O Inimigo já havia enfrentado sua garotinha antes. E na primeira rodada, O Inimigo havia vencido.

Tinha sido possessão, pura e simples; foi assim que Misty viu. O Inimigo havia se infiltrado em sua casa uma década antes, mas permaneceu escondido até o inverno de 1996. Ela descobriu sua presença pouco antes do Natal. Ela tinha acabado de deixar seu emprego como analista financeira na Lockheed Martin para ser uma mãe melhor em tempo integral. Foi uma transição difícil, e Misty foi procurar uma Bíblia para se inspirar. Ela encontrou uma no quarto de Cassie e também descobriu uma pilha de cartas. Eles eram perturbadores.

As cartas documentavam uma vigorosa correspondência entre Cassie e um amigo próximo. O amigo reclamou de uma professora e então sugeriu: "Quer me ajudar a matá-la?" As páginas estavam cheias de conversas pesadas sobre sexo, imagens ocultas e feitiços. Eles martelaram um refrão persistente: "Mate seus pais!... Faça esses canalhas pagarem pelo seu sofrimento... O assassinato é a resposta para todos os seus problemas."

Misty encontrou apenas as cartas do amigo, mas elas sugeriram um público receptivo. Coquetéis de sangue e vampiros apareciam por toda parte, em descrições e ilustrações. Uma professora foi mostrada esfaqueada com facas de açougueiro, deitada em seu próprio sangue. Figuras rotuladas Ma e Pa foram penduradas por seus intestinos. Adagas sangrentas estavam alojadas em seus peitos. Uma lápide tinha a inscrição "Pa e Ma Bernall".

"Minhas entranhas estão famintas por essas coisas estranhas", dizia uma carta. "Eu preciso me matar, precisamos matar seus pais. A escola é uma merda, me mate com seus pais, depois se mate para não ir para a cadeia."

Misty ligou para Brad, depois para o xerife. Eles esperaram que Cassie voltasse para casa. Primeiro, Cassie tentou minimizar as letras. Então ela

ficou com raiva. Ela os odiava, ela disse. Ela admitiu escrever cartas em espécie. Ela gritou. Ela disse que ia fugir. Ela ameaçou se matar.

Rev. Dave McPherson, o pastor de jovens em West Bowles, aconselhou Brad e Misty a serem duros. "Corte o telefone dela, tranque a porta, tire-a da escola", disse ele. "Não a deixe sair de casa sem supervisão." Isso é o que eles fizeram. Eles transferiram Cassie para uma escola particular. Eles a deixavam sair de casa apenas para o grupo de jovens da igreja.

Seguiu-se uma luta amarga. "Ela nos desprezou no início", disse o reverendo McPherson. Ela ameaçaria fugir e se lançar em ataques de gritos selvagens e gráficos.

"Eu vou me matar!" Brad se lembrou dela gritando. "Você quer me vigiar? Eu vou fazer isso, apenas observe. Eu vou me matar. Vou enfiar uma faca bem aqui, bem no meu peito."

Cassie cortou seus pulsos e espancou seu crânio. Ela se trancava no banheiro e batia a cabeça no balcão da pia. Sozinha em seu quarto, ela bateu contra a parede. Com sua família, ela era mal-humorada e falava em monossílabos.

"Não há esperança para essa garota", pensou o reverendo McPherson. "Não é o nosso tipo de esperança."

Cassie descreveu a provação em um caderno que seus pais encontraram após sua morte:

Não consigo explicar em palavras o quanto eu sofri. Eu não sabia como lidar com essa dor, então me machuquei fisicamente... Pensamentos de suicídio me obcecaram por dias, mas eu estava com muito medo de realmente fazê-lo, então eu "comprometi" coçando minhas mãos e pulsos. com uma lima de metal afiada até sangrar. Doeu apenas nos primeiros minutos, depois fiquei dormente. Depois, no entanto, doeu muito, o que eu achava que merecia de qualquer maneira.

De repente, uma noite, três meses depois, Cassie libertou o Inimigo. Foi depois do pôr do sol, em um culto de louvor e adoração de um grupo de jovens nas Montanhas Rochosas. Cassie foi pega na música e de repente começou a chorar. Ela chorou histericamente para um amigo, que não conseguiu entender metade do que ela disse. Quando Misty a pegou no retiro, Cassie correu, abraçou-a e disse: "Mãe, eu mudei. Mudei totalmente".

Brad e Misty estavam céticos, mas a mudança aconteceu. "Ela deixou uma jovem raivosa, vingativa e amarga e voltou novinha em folha", disse o reverendo Kirsten.

Após a conversão, Cassie participou do ministério de jovens com entusiasmo, exibiu um bracelete da WWJD e se ofereceu para um programa que ajudava ex-presidiários em Denver. No outono seguinte, Brad e Misty permitiram que ela se transferisse para Columbine High. Mas ela lutou com as pressões sociais até seus últimos dias. Ela não compareceu ao baile naquele fim de semana passado. Ela não acreditava que as crianças gostassem dela. Um dia antes de Cassie ser morta, os líderes de seu grupo de jovens se reuniram para uma reunião de equipe. Um dos itens da agenda era "Como podemos fazer Cassie se encaixar melhor?"

Brad e Misty Bernall foram diretos sobre a história de Cassie. Poucas semanas após o massacre, foi amplamente divulgado na mídia. Até então, duas outras histórias de mártires surgiram. O relato de Valeen Schnurr foi notavelmente semelhante ao de Cassie, exceto pela cronologia e pelo resultado. Val foi baleada *antes* de sua conversa sobre Deus. Dylan apontou sua espingarda para debaixo da mesa dela e disparou várias rajadas rápidas, matando Lauren Townsend e ferindo Val e outra garota. Val estava crivada de balas de espingarda para cima e para baixo em seus braços e tronco. Dylan foi embora.

Val caiu de joelhos, então suas mãos. O sangue escorria de trinta e quatro feridas separadas. "Oh meu Deus, oh meu Deus, não me deixe morrer", ela orou.

Dylan se virou. Isso era muito rico. "Deus? Você acredita em Deus?"

Ela vacilou. Talvez ela devesse manter a boca fechada. Não. Ela preferiria dizer isso. "Sim. Eu acredito em Deus."

"Por que?"

"Porque eu acredito. E meus pais me criaram assim."

Dylan recarregou, mas algo o distraiu. Ele foi embora. Val rastejou em busca de abrigo.

Assim que conseguiu sair, Val foi colocada em uma ambulância, transportada para St. Anthony's e levada às pressas para a cirurgia. Seus pais, Mark e Shari, estavam esperando por ela quando ela voltou a si. Val começou a contar o que tinha acontecido quase imediatamente. Ela se recuperou completamente e sua história nunca variou. Inúmeras testemunhas corroboraram seu relato.

A história de Val surgiu ao mesmo tempo que a de Cassie – na tarde do ataque. Demorou mais uma semana para chegar à mídia. Nunca causou muita ondulação lá.

Se o momento fosse diferente, Val poderia ter sido uma heroína evangélica: a garota corajosa que sentiu o impacto de um tiro de espingarda e ainda defendeu seu Redentor. Ela proclamou sua fé, e Ele a salvou. Que mensagem de esperança teria sido. E o herói estaria vivo para espalhar a boa notícia.

Não funcionou assim. Val era visto com mais frequência como um usurpador. "As pessoas pensavam que eu era uma imitadora", disse ela. "Eles pensaram que eu estava apenas seguindo o movimento. Muitas pessoas simplesmente não acreditaram na minha história."

Quanto maior a fama de Cassie crescia, mais Val era rejeitada. Um comício de jovens evangélicos foi particularmente perturbador. Ela contou sua história para uma multidão reunida para homenagear Cassie e Rachel Scott. Ela teve uma recepção muito fria. "Ninguém realmente sai e diz que isso nunca aconteceu", disse ela. "Eles apenas contornam a questão. Como eles perguntam, 'Você tem certeza que foi assim que aconteceu?' Ou, 'Sua fé poderia ser tão forte assim?'"

Os pais de Val a apoiaram, mas isso a desgastou. "Você sabe, fica frustrante", disse ela. "Porque você sabe em seu coração onde você estava e

o que você disse, e então as pessoas duvidam de você. E isso é o que mais me incomoda."

___

A fama de Cassie cresceu. O reverendo Kirsten embarcou em uma turnê nacional de palestras para divulgar as boas novas. "Embale o máximo possível na arca", disse ele. No final do verão, o grupo de jovens local Revival Generation havia se expandido de alguns capítulos locais para uma organização com escritórios em todos os cinquenta estados. O organizador fez shows de turnês nacionais com os sobreviventes de Columbine High. O nome de Cassie fez com que as adolescentes invadissem o palco.

A fama pode ser inebriante. Brad e Misty já eram celebridades em seu mundo - pais abençoados do mártir. Eles resistiram à tentação e continuaram humildemente como antes. Por algum tempo, Brad Bernall foi recepcionista nos cultos de domingo em West Bowles. Ele voltou ao papel de voluntário quase imediatamente após o funeral de Cassie. Ele ofereceu um sorriso a cada aperto de mão. Os sorrisos pareciam sinceros, mas sua dor sangrava.

No início de maio, a igreja trouxe um especialista em luto e realizou uma sessão de aconselhamento em grupo aberta a qualquer pessoa da comunidade em dificuldades.

Misty chegou primeiro. Brad chegaria um pouco atrasado, ela disse - ele estava tendo um dia muito ruim. Ele não tinha entrado no quarto de Cassie desde que ela morreu, mas esta noite, ele iria lá sozinho. Brad apareceu, abalado. Ele minimizou seu problema e se ofereceu para ajudar. Misty fez o mesmo.

___

Emily Wyant assistiu incrédula enquanto a história crescia. "Por que eles estão dizendo isso?" ela perguntou a sua mãe. Emily estava debaixo da mesa com Cassie. Eles estavam de frente um para o outro. Emily estava olhando nos olhos de Cassie quando Eric disparou sua espingarda. Emily sabia exatamente o que tinha acontecido.

Emily deveria estar na aula de ciências quando o tiro aconteceu. Mas eles tinham um teste marcado e, como ela havia perdido a aula no dia anterior, ela não estava pronta. Sua professora a mandou para a biblioteca para examinar suas anotações. Ela puxou uma cadeira perto da janela, em uma mesa com apenas uma garota – Cassie Bernall, que estava estudando *Macbeth* . Eles ouviram alguma comoção do lado de fora, e algumas crianças foram até a janela para conferir, mas ela se dissipou. Emily se levantou para dar uma olhada, viu uma criança correndo pelo campo de futebol e sentou-se, voltando às suas anotações.

Alguns minutos depois, Patti Nielson entrou correndo gritando e ordenou que todos se abaixassem. Cassie e Emily foram para debaixo da mesa e tentaram se barricar puxando algumas cadeiras ao redor de seu pequeno perímetro. Isso os fez sentir um pouco mais seguros. Cassie se agachou ao lado da janela da mesa, olhando para a sala, e Emily desceu do outro lado, encarando Cassie a meio metro de distância. Eles poderiam

manter contato uns com os outros dessa maneira e coletivamente manter uma visão de toda a sala. As cadeiras criavam muitos pontos cegos, mas as meninas não estavam dispostas a movê-las. Essa era a única proteção que eles tinham.

Emily ouviu tiros vindos do corredor - um de cada vez, não em rajadas. Eles estavam se aproximando. As portas se abriram; ela os ouviu entrar. Eles estavam atirando, conversando e gritando coisas como "Quem quer ser morto a seguir?" Emily olhou por cima do ombro para assistir. Ela viu uma criança perto do balcão pular ou cair. Os assassinos andavam muito, provocando e atirando, e Emily deu uma boa olhada neles. Ela nunca os havia notado antes - ela era uma estudante do segundo ano - mas tinha certeza de que poderia identificá-los novamente se os visse novamente.

As meninas sussurravam para frente e para trás. "Querido Deus, querido Deus, por que isso está acontecendo?" perguntou Cássia. "Eu só quero ir para casa."

"Eu sei," Emily respondeu. "Todos nós queremos sair daqui."

Entre as trocas, Cassie rezou muito baixinho. Eric e Dylan passaram várias vezes, mas Emily nunca esperou que um deles "entrasse debaixo da mesa" e atirasse.

Eric parou na mesa deles, no lado de Cassie. Emily podia ver suas pernas e suas botas, apontando diretamente para o lado direito do rosto de Cassie. Cassie não se virou. Emily não precisava – ela estava de frente para a postura de Eric, então ela podia olhar diretamente para Cassie e ver Eric logo à sua esquerda ao mesmo tempo. Eric bateu a mão na mesa, então se agachou até a metade para dar uma olhada. "Peekaboo", disse ele.

Eric enfiou sua espingarda sob a borda da mesa enquanto descia. Ele não parou por muito tempo, nem mesmo se abaixou o suficiente para Emily ver seu rosto. Ela viu o cano serrado da arma. A abertura foi enorme. Ela olhou nos olhos castanhos de Cassie. Cassie ainda estava orando. Não houve tempo para palavras entre eles. Eric atirou na cabeça de Cassie.

Tudo foi abafado então. A explosão foi tão alta que temporariamente estourou a maior parte da audição de Emily. O alarme de incêndio tinha sido insuportavelmente alto, mas agora ela mal podia ouvi-lo. Ela podia ver a luz piscando no corredor. As pernas de Eric viraram.

Bree Pasquale estava sentada ali, bem ao ar livre, a poucos passos de distância, ao lado da mesa ao lado. Ela estava cheia de crianças quando ela chegou lá – ela não cabia, então ela se sentou ao lado dela no chão.

Bree estava um pouco mais distante de Cassie do que Emily - a próxima pessoa mais próxima - mas ela tinha uma visão mais ampla. Ela também tinha visto Eric se aproximar com a espingarda na mão direita, bater no tampo da mesa de Cassie duas vezes com a esquerda e dizer: "Peekaboo". Ele se agachou, equilibrando-se nas pontas dos pés, ainda segurando o tampo da mesa com a mão livre. Cassie parecia desesperada, segurando as mãos contra os lados do rosto. Eric enfiou a espingarda embaixo e atirou. Nenhuma palavra.

Eric foi desleixado com esse tiro: um de uma mão, em um meio agachamento desajeitado. A espingarda chutou para trás, e a coronha o

acertou no rosto. Ele quebrou o nariz em algum momento durante o ataque, e é nesse momento que os investigadores acreditam que aconteceu. Eric estava de costas para Bree, então ela não podia ver a arma acertar seu nariz. Mas ela o viu puxar de volta a alavanca da bomba e ejetar uma cápsula vermelha. Caiu no chão. Ela olhou debaixo da mesa. Cassie estava caída, o sangue encharcando o ombro de sua camisa verde clara. Emily parecia ilesa.

Bree estava exposta, a poucos metros de Eric, mas ela não aguentava mais. Ela se deitou e pediu ao garoto ao seu lado, que mal estava embaixo da mesa, que segurasse sua mão. Ele fez. Bree estava apavorada. Ela não tirou os olhos de Eric. Ele se levantou depois de ejetar a bala e se virou para ela. Ele deu um ou dois passos em direção a ela, agachou-se novamente e colocou a espingarda sobre as coxas. O sangue escorria de suas narinas. "Eu me bati na cara!" ele gritou. Ele estava olhando para ela, mas chamando Dylan.

Eric pegou a arma novamente e apontou na direção de Bree. Ele acenou para frente e para trás em um movimento arrebatador – ele poderia atirar em qualquer um que quisesse – e ela caiu sobre ela.

Foi quando a arma de Dylan disparou. Bree o ouviu rir e fazer uma piada sobre o que ele havia feito. Quando ela olhou de volta para Eric, ele a estava encarando diretamente no rosto.

"Você quer morrer?" Eric perguntou.

"Não."

Ele perguntou mais uma vez.

"Não não não não não." Ela implorou para que ele a poupasse, e Eric pareceu gostar disso: a troca continuou. Ele manteve a arma na cabeça dela o tempo todo.

"Não atire em mim", disse ela. "Eu não quero morrer."

Finalmente, Eric soltou uma grande risada. "Todo mundo vai morrer", ele disse a ela.

"Atire nela!" Dylan gritou.

"Não," Eric respondeu. "Nós vamos explodir a escola de qualquer maneira."

Então algo o distraiu. Ele foi embora e continuou matando.

Bree olhou para a mesa de Cassie. A outra garota, Emily, estava de joelhos agora, ainda encarando o corpo amassado de Cassie, sangue por toda parte. Ela parecia assustada como o inferno.

Como ela poderia dizer? um investigador perguntou a Bree mais tarde.

A menina estava mordendo as mãos, ela disse.

Bree ficou de olho naquela garota. Quando as explosões se espalharam pelo corredor, Bree percebeu que os assassinos tinham ido embora e chamou a garota para se juntar a seu grupo. Emily não conseguia ouvir muito, então Bree começou a acenar com as mãos. Emily a viu, finalmente, e se arrastou. Ela não estava disposta a se levantar. Ela se sentou ao lado de Bree e se encostou em algumas estantes. O tempo ficou embaçado para Emily então. Mais tarde, ela não conseguia se lembrar de quanto tempo ficou sentada ali.

___

Emily e Bree sabiam que Cassie nunca teve chance de falar. Eles deram contas detalhadas aos investigadores. Os de Bree tinham quinze páginas, em espaço simples, mas os relatórios policiais permaneceriam lacrados por um ano e meio. A fita do 911 provou conclusivamente que eles estavam corretos. O áudio dos assassinatos foi reproduzido para as famílias, mas retido do público por ser muito horrível.

Emily e Bree esperaram que a verdade viesse à tona.

___

Emily Wyant estava triste. Ela ia para o aconselhamento todos os dias. O dia 20 de abril tinha sido horrível, e agora ela estava sobrecarregada com um dilema moral. Ela não queria ferir os Bernalls; nem ela queria se envergonhar por quebrar o mito de Cassie. A coisa toda tinha ficado tão grande tão rápido. Mas, ao ficar calada, Emily sentiu que estava contribuindo para uma mentira.

"Ela estava em uma posição difícil", disse sua mãe, Cindie, mais tarde. Emily havia contado aos policiais, mas eles não estavam mais compartilhando muito com a mídia. Definitivamente não é aquela bomba.

Emily queria ir a público. Seus pais estavam com medo. O martírio se transformou em um movimento religioso – assumir isso poderia ser arriscado. "Ela não sabia as ramificações que poderiam vir depois", disse Cindie. "Ela estava apenas pensando em 'eu quero dizer a verdade'."

Seus pais também estavam divididos. Eles queriam que a verdade fosse revelada, mas não às custas de sua filha. Emily já tinha enfrentado mais do que qualquer criança deveria. Isso pode ser demais. Não faça nada drástico, aconselharam seus pais. "É uma lembrança maravilhosa para a família [de Cassie]", Cindie disse a ela. "Não vamos agravar nada."

No início de maio, o telefone tocou. Era o *Rocky Mountain News* . Dan Luzadder era um dos melhores repórteres investigativos da cidade e estava resolvendo exatamente o que acontecia na biblioteca. Eles estavam rastreando todos os sobreviventes da biblioteca, e a maioria estava cooperando. Os pais de Emily estavam cautelosos. A situação dela era diferente.

Os repórteres mostraram aos Wyants alguns dos mapas e linhas do tempo que estavam construindo. A família ficou impressionada. A equipe parecia conscienciosa e seu trabalho era minucioso e detalhado. A família concordou em conversar. Emily contaria sua história, e o *Rocky* poderia citá-la, mas não identificá-la pelo nome. "Nós não queríamos que ela fosse uma canalha nacional", disse Cindie.

Após a entrevista, Emily ficou feliz por ter participado. Que alívio tirar isso de seu peito. Ela esperou pela história.

Os editores da *Rocky* sentiram que precisavam de mais. Isso pode ficar feio. Eles queriam alguém no registro.

Emily continuou esperando. Sua frustração cresceu.

O *Rocky Mountain News* também estava esperando. Eles haviam conduzido sua investigação e tinham uma história incrível para contar.

Grande parte da percepção do público sobre Columbine estava errada. Eles tinham a verdade. Eles iriam desmascarar todos os mitos, incluindo atletas, góticos, a MTC e o assassinato de Cassie. Tudo o que eles precisavam era de um "peg de notícias". A história iria muito mais longe se eles cronometrassem direito.

Eles estavam esperando que Jeffco terminasse seu relatório final. Uma ou duas semanas antes do lançamento, o *Rocky* planejava surpreender o público com revelações surpreendentes. Foi uma boa estratégia.

___

Misty Bernall tinha sido duramente atingida. Contar a história de Cassie a tornou mais suportável. Alguém sugeriu um livro. O reverendo McPherson a apresentou a um editor da pequena editora cristã Plough. Plough publicou o livro que Cassie estava lendo antes de morrer, e Misty gostou do que viu da empresa.

Misty estava apreensiva no início. Lucrar com Cassie era a última coisa em sua mente. Mas ela tinha duas histórias fantásticas para contar: a longa luta de Cassie pela sobrevivência espiritual seria o foco principal, e sua proclamação de apontar uma arma forneceria o gancho.

Um acordo foi fechado no final de maio. Seria chamado *She Said Yes: The Improvável Martírio de Cassie Bernall.*

A família não tinha ideia de que *Rocky* havia descoberto que o título era falso. Misty, que voltara a trabalhar na Lockheed Martin como estatística, tiraria uma licença para escrever a história. Para reduzir as despesas, Misty concordou em abrir mão de um adiantamento em vez de uma taxa de royalties mais alta. Plough também concordou em criar uma instituição de caridade em nome de Cassie para alguns de seus lucros.

A Plough Publishing previu seu primeiro best-seller. Planejou uma primeira tiragem de 100.000 exemplares, mais de sete vezes maior que seu recorde anterior.

___

Em 25 de maio, algo inesperado aconteceu. A polícia abriu a escola para que as famílias das vítimas da biblioteca pudessem caminhar pelo local. Isso servia a duas funções: as vítimas podiam enfrentar a cena do crime com seus entes queridos, e revisitar a sala poderia provocar memórias soltas ou esclarecer a confusão. Três investigadores seniores ficaram de prontidão para responder a perguntas e observar. Craig Scott, que havia iniciado a história de Cassie, apareceu com vários membros da família. Ele parou onde havia se escondido e contou sua história ao pai. Um detetive sênior ouviu. Craig sentou-se extremamente perto de Cassie, a apenas uma mesa de distância, de frente para ela. Mas quando ele descreveu seu assassinato, ele apontou na direção oposta. Aconteceu em uma das duas mesas perto do interior, disse ele – que era exatamente onde Val estivera. Quando um detetive disse que Cassie não estava naquela área, Craig insistiu. Ele apontou para as mesas mais próximas da de Val e disse: "Bem, ela estava lá em cima então!" Não, disse o detetive. Craig ficou agitado. "Ela

estava em algum lugar por lá", disse ele. Ele apontou novamente para a mesa de Val. "Eu sei disso para um fato."

Os detetives explicaram o erro. Craig ficou doente. O detetive o acompanhou e Craig sentou-se no corredor vazio para se recompor. Ele se desculpou por ter ficado doente. Ele estava bem agora, mas esperaria por sua família lá fora. Ele não iria voltar para aquela biblioteca.

___

Amigos dos Bernalls disseram que Brad estava lutando muito mais do que sua esposa. Era visível na maneira como ele se portava no culto nas manhãs de domingo. Brad parecia quebrado. Misty encontrou grande consolo no livro que estava escrevendo. Isso deu a ela um propósito. Deu significado à morte de Cassie. Misty havia se colocado nas mãos de Deus, e Ele havia lhe dado uma missão. Ela traria Sua mensagem para um público totalmente novo. Seu livro glorificaria sua filha e seu Deus.

Os investigadores ouviram falar sobre o negócio do livro. Eles decidiram que deviam a Misty alertá-la sobre a verdade. Em junho, a investigadora principal Kate Battan e outro detetive foram vê-la. Misty descreveu a reunião desta forma: "Eles disseram: 'Não pare de fazer o livro. Nós só queríamos que você soubesse que existem relatos diferentes saindo da biblioteca.'"

Battan disse que encorajou Misty a continuar com o livro, mas sem o incidente do mártir. A história de transformação de Cassie parecia maravilhosa. Battan disse que deixou claros os detalhes do assassinato de Cassie e, mais tarde, tocou a fita do 911 para Brad e Misty.

Misty e seu editor da Plough, Chris Zimmerman, estavam preocupados. Eles voltaram para suas testemunhas. Três testemunhas ficaram com a história de que era Cassie. Bom o bastante. A cena do mártir ia ser uma pequena parte do livro de qualquer maneira. Misty queria se concentrar em Cassie superando seus próprios demônios. "Queríamos que as pessoas soubessem que Cassie era uma adolescente comum que lutava com seu peso e se preocupava com meninos e nunca foi uma santa viva", disse ela.

Misty cumpriu sua palavra. Esse foi o livro que ela escreveu. Ela descreveu Cassie como egoísta e teimosa de vez em quando, conhecida por se comportar "como uma criança mimada de dois anos". Misty também concordou em publicar um aviso de isenção de responsabilidade ao lado do índice. Referia-se a "recordações variadas" e afirmava que "a cronologia precisa... incluindo os detalhes exatos da morte de Cassie... talvez nunca seja conhecida".

Emily Wyant estava ficando mais apreensiva. Seus pais continuaram pedindo cautela.

Eles jantaram com os Bernalls. Brad e Misty perguntaram a Emily se ela tinha ouvido a conversa. Emily estava um pouco tímida em responder, mas ela disse que não. Cindie Wyant sentiu que Emily tinha sido clara, mas depois os Bernalls não se lembraram de nenhuma revelação. Cindie mais tarde supôs que eles entenderam que a resposta de Emily significava que ela não se lembrava de nada.

A família de Val Schnurr também estava inquieta. Os investigadores os informaram sobre as evidências e falaram sobre a descoberta de Craig Scott na biblioteca. Val e seus pais se perguntavam o que era pior: machucar os Bernalls ou ficar quieto. Eles também foram jantar com os Bernalls. Todos se sentiram melhor depois disso. Brad e Misty pareciam sinceros e totalmente perturbados pela dor. "Tanta tristeza", disse Mark Schnurr. Claramente, o livro era a forma de cura de Misty.

Os Schnurrs foram menos compreensivos com o editor. O editor compareceu ao jantar, e Shari pediu que ele diminuísse a velocidade. Seu marido seguiu com um e-mail. "Se você for em frente e publicar o livro, apenas tome cuidado", escreveu ele. "Há muitas informações conflitantes por aí." Ele sugeriu que a Plough atrasasse a publicação até que as autoridades publicassem seu relatório. Arado recusou.

___

Em julho, o *Wall Street Journal* publicou uma matéria proeminente intitulada "Marketing a Columbine Martyr". A editora era obscura, mas Zimmerman havia convocado uma equipe de pesos pesados. Para as relações públicas, a firma contratou a equipe de Nova York que havia lidado com o livro de Monica Lewinsky. A publicação estava faltando dois meses, e Misty já havia sido agendada para *o The Today Show* e *20/20* . A William Morris Agency estava comprando os direitos do filme. (Um filme nunca foi feito.) Um agente havia vendido os direitos do clube do livro para uma unidade da Random House. Ele disse que estava comercializando "praticamente tudo o que você pode explorar - e quero dizer isso de uma maneira positiva".

39. O Livro de Deus

Os parafusos estavam apertando. Eric se encontrou com Andrea Sanchez para receber seu contrato de diversão. Ele olhou para o último ano. Seria consumido escrevendo uma carta de desculpas, fornecendo restituição, pagando multas, encontrando um conselheiro de desvio duas vezes por mês, consultando seu próprio psiquiatra, participando de aulas de merda como Mães Contra Dirigir Embriagado, mantendo boas notas, emprego sem problemas e quarenta e quatro anos. cinco horas de serviço comunitário. Periodicamente, eles lhe entregavam um copo Dixie e o direcionavam para um mictório. Não há mais álcool. Não há mais liberdade.

A primeira sessão de aconselhamento de Eric e sua primeira triagem de drogas começariam em oito dias. Ele se encontrou com Sanchez em uma quarta-feira. Quinta-feira, ele cozinhou. Sexta-feira, 10 de abril de 1998, ele abriu um caderno espiral do tamanho de uma carta e rabiscou: "Eu odeio a porra do mundo". Em um ano e dez dias, ele atacaria. Eric escreveu furiosamente, preenchendo duas páginas cruéis: *as pessoas são ESTÚPIDAS, eu não sou respeitado, todo mundo tem suas próprias opiniões malditas sobre cada maldita coisa.*

À primeira vista, o diário parece o site, mas Fuselier encontrou respostas nele. O site era pura raiva, sem explicação. O diário era explícito. Eric colocou suas ideias no papel, assim como sua personalidade. Eric tinha um complexo de superioridade absurdamente grandioso, uma repulsa por autoridade e uma necessidade excruciante de controle.

"Eu me sinto como Deus", anunciou Eric. "Eu sou mais alto do que quase qualquer um na porra do mundo em termos de inteligência universal." Com o tempo, sua superioridade seria revelada. Nesse ínterim, Eric apelidou seu diário de "O Livro de Deus". A amplitude de sua hostilidade era igualmente melodramática.

Os humanos eram idiotas patéticos muito densos para perceber sua existência sem vida. Desperdiçamos nossas vidas como autômatos, seguindo ordens em vez de realizar nosso potencial: "já se perguntou por que vamos à escola?" ele perguntou. "Não é tão óbvio para a maioria de vocês, idiotas, mas para aqueles que pensam um pouco mais e mais profundamente, devem perceber que é a maneira da sociedade de transformar todos os jovens em bons pequenos robôs." A natureza humana foi sufocada pela sociedade; instintos saudáveis foram sufocados por leis. Eles estavam nos treinando para sermos robôs de linha de montagem; é por isso que eles alinharam as carteiras da escola em fileiras e treinaram as crianças para responder aos sinos de abertura e fechamento. A monótona linha de montagem humana esmagou a vida da experiência individual. Como Eric disse, "mais de sua natureza humana explodiu sua bunda".

Filosoficamente, a concepção robótica foi um raro ponto de concordância entre os assassinos. Dylan também se referia frequentemente a zumbis. Ambos os meninos descreveram sua singularidade como autoconsciência. Eles podiam ver através da névoa humana. Mas Dylan viu sua distinção como uma maldição solitária. E ele olhou para os zumbis com

compaixão; Dylan ansiava que as pobres criaturinhas saíssem de suas caixas.

O problema, na visão de Eric, era a seleção natural. Ele havia aludido ao conceito em seu site; aqui ele explicou - implacavelmente. A seleção natural falhou. O homem interveio. Medicamentos, vacinas e programas especiais de educação conspiraram para manter os rejeitados no rebanho humano. Então Eric estava cercado por inferiores – que não calavam suas bocas! Como ele poderia tolerar toda aquela conversa miserável?

Ele tinha muitas ideias. Holocausto nuclear, guerra biológica, aprisionando a espécie em um gigantesco jogo Ultimate Doom.

Mas Eric também era realista. Ele não podia restaurar a ordem natural, mas podia impor alguma seleção própria. Ele se sacrificaria para realizá-lo. "Sei que morrerei em breve", escreveu; "assim como você e todos os outros."

Em breve, ele quis dizer um ano. Eric tinha um horizonte de tempo notavelmente longo para um jovem de dezessete anos contemplando sua própria morte.

As mentiras surgiram em Fuselier. Eric teve um prazer vertiginoso em suas decepções. "Eu minto muito", escreveu ele. “Quase constante. não tenho feito mais bombas.'"

Eric não acreditava em Deus, mas gostava de se comparar a Ele. Como Dylan, ele fazia isso com frequência, mas não delirantemente – eles eram *como* Deus: superiores em percepção, inteligência e percepção. Como Zeus, Eric criou novas regras, irritava-se facilmente e punia as pessoas de maneiras incomuns. Eric tinha convicção. Eric tinha um plano. Eric pegaria as armas e construiria os explosivos e mutilaria e mataria e muito mais. Eles aterrorizariam muito além de seus disparos de arma. A arma definitiva era a TV. Eric viu além dos comuns de Columbine. Ele poderia matar centenas, mas os mortos e desmembrados não significavam nada para ele. Jogadores de bits - quem se importava? A performance não era *sobre* eles. A produção de apenas um dia de Eric foi sobre o público.

A ironia era que seu ataque era bom demais para suas vítimas – passaria por cima de suas cabeças. "a maioria do público nem vai entender", lamentou Eric. Que pena. Eles sentiriam o poder de sua mão: "se descobrimos a arte das bombas-relógio de antemão, vamos colocar centenas delas em torno de casas, estradas, pontes, prédios e postos de gasolina". "Será como os distúrbios de Los Angeles, o bombardeio de Oklahoma, a Segunda Guerra Mundial, o Vietnã, o duque e a desgraça, tudo misturado. Talvez até comecemos uma pequena rebelião ou revolução para foder as coisas o máximo que pudermos. impressão duradoura no mundo."

___

O Dr. Fuselier largou o diário. Ele levara cerca de uma hora para ler, naquela primeira vez, na barulhenta sala de banda de Columbine, dois ou três dias depois dos assassinatos. Agora ele tinha um bom pressentimento sobre com o que estava lidando: um psicopata.

PARTE IV

RECUPERE A ESCOLA

40. Psicopata

Vou escolher matar", escreveu Eric. Por quê? Suas explicações não batiam. Porque éramos idiotas? Como isso faria uma criança matar? Para a maioria dos leitores, os discursos de Eric soavam malucos.

Dr. Fuselier teve a reação oposta. A insanidade era marcada pela confusão mental. Eric Harris expressou um cálculo frio e racional. Fuselier marcou os traços de personalidade de Eric: charmoso, insensível, astuto, manipulador, comicamente grandioso e egocêntrico, com uma terrível falha de empatia. Era como recitar a Lista de Verificação de Psicopatia.

Fuselier passou as doze semanas seguintes contestando sua teoria. Foi assim que ele abordou um problema: desenvolver uma hipótese e depois procurar cada fragmento de evidência para refutá-la. Teste-a com explicações alternativas, construa o caso mais forte possível para apoiá-las e veja se a hipótese falha. Se suportar isso, é sólido. Psicopatia mantida.

O diagnóstico não resolveu o crime, mas lançou as bases. Dez anos depois, Eric ainda desconcertava o público, que insistia em avaliar seus motivos através de lentes "normais". Eric não era normal nem insano. A psicopatia (si-COP-uh-thee) representa uma terceira categoria. Os cérebros psicopatas não funcionam como os de nenhum dos outros grupos, mas são consistentemente semelhantes entre si. Eric matou por dois motivos: para demonstrar sua superioridade e para se divertir.

Para um psicopata, ambos os motivos fazem sentido. "Os psicopatas são capazes de comportamentos que as pessoas normais acham não apenas horríveis, mas desconcertantes", escreveu o Dr. Robert Hare, a principal autoridade em psicopatas. "Eles podem torturar e mutilar suas vítimas com a mesma sensação de preocupação que sentimos quando cortamos um peru para o jantar de Ação de Graças."

Eric via os humanos como compostos químicos com um senso inflado de seu próprio valor. "é tudo natureza, química e matemática", escreveu ele. "você morre. queima, derrete, evapora, decai."

Os psicopatas provavelmente atormentaram a humanidade desde o início, mas ainda são pouco compreendidos. Nos anos 1800, quando o campo incipiente da psicologia começou a classificar os transtornos mentais, um grupo se recusou a se encaixar. Toda psicose conhecida era marcada por uma falha de raciocínio ou uma doença debilitante: medo paralisante, alucinações, vozes, fobias e assim por diante. Em 1885, o termo *psicopata* foi introduzido para descrever predadores humanos cruéis que não eram perturbados, delirantes ou deprimidos. Eles apenas gostavam de ser maus.

Os psicopatas se distinguem por duas características. O primeiro é um desrespeito implacável pelos outros: eles fraudarão, mutilarão ou matarão pelo ganho pessoal mais trivial. O segundo é um dom surpreendente para disfarçar o primeiro. É o engano que os torna tão perigosos. Você nunca o vê chegando. (Geralmente é um ele – mais de 80% são homens.) Não procure o excêntrico te assustando. Psicopatas não agem como Hannibal

Lecter ou Norman Bates. Eles saem como Hugh Grant, em seu papel mais adorável.

Em 1941, o Dr. Hervey Cleckley revolucionou a compreensão da psicopatia com seu livro *The Mask of Sanity* . O egocentrismo e a falta de empatia foram os motivadores subjacentes, mas Cleckley escolheu seu título para refletir o elemento que os superava. Se os psicopatas fossem apenas maus, não seriam uma grande ameaça. Eles causam tanto estrago que deveriam ser óbvios. No entanto, a maioria iludiu consistentemente a lei.

Cleckley se preocupou com a metáfora do título: a psicopatia não é uma capa bidimensional que pode ser retirada do rosto como uma máscara de Halloween. Ela permeia a personalidade do ofensor. Alegria, tristeza, ansiedade ou diversão – ele pode imitar qualquer um na hora. Ele conhece as expressões faciais, a modulação da voz e a linguagem corporal. Ele não está apenas enganando você com um esquema, ele está enganando você com a vida dele. Toda a sua personalidade é uma invenção, com o propósito de enganar otários como você.

Os psicopatas têm grande orgulho pessoal de seus enganos e extraem deles uma enorme alegria. Mentiras se tornam a ocupação do psicopata, e quando a verdade funciona, eles mentem por esporte. "Eu gosto de enganar as pessoas", disse um dos sujeitos de Hare a um pesquisador durante uma longa entrevista. "Eu estou enganando você agora."

Mentir por diversão é tão profundo em psicopatas que se destaca como sua característica de assinatura. "Dupling prazer", o psicólogo Paul Ekman apelidou.

Cleckley passou cinco décadas refinando sua pesquisa e publicando mais quatro edições de *The Mask of Sanity.* Não foi até a década de 1970 que Robert Hare isolou vinte características da doença e criou a Lista de Verificação de Psicopatia, a base para praticamente todas as pesquisas contemporâneas. Ele também escreveu o livro definitivo sobre a doença, *Sem Consciência.*

A terminologia ficou mais suja. O *sociopata* foi introduzido na década de 1930, inicialmente como um termo mais amplo para o comportamento antissocial. Eventualmente, *psicopata* e *sociopata* tornaram-se praticamente sinônimos. (Várias definições para este último levaram a distinções por alguns especialistas, mas elas não são uniformemente aceitas.) A principal razão para os termos concorrentes é que cada um foi adotado em campos diferentes: criminologistas e policiais preferem *psicopatas;* os sociólogos tendem para o *sociopata* . Psicólogos e psiquiatras estão divididos, mas a maioria dos especialistas na doença usa *psicopatas,* e a maior parte da pesquisa é baseada na lista de verificação de Hare. Um terceiro termo, transtorno de *personalidade antissocial,* ou TPA, foi introduzido na década de 1970 e continua sendo o único diagnóstico incluído na última edição do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (*DSM IV*). No entanto, abrange uma gama muito mais ampla de distúrbios do que o *psicopata* e foi totalmente rejeitado pelos principais pesquisadores.

Então, de onde vêm os psicopatas? Os pesquisadores estão divididos, com a maioria sugerindo um papel misto: líder da natureza, seguidor da criação. Dr. Hare acredita que os psicopatas nascem com uma forte predisposição, que pode ser exacerbada por abuso ou negligência. Existe uma correlação entre psicopatas e lares instáveis – e criações violentas parecem tornar os psicopatas inexperientes ainda mais cruéis. Mas os dados atuais sugerem que essas condições não causam a psicopatia; eles só pioram uma situação ruim. Parece também que mesmo os melhores pais podem não ser páreo para uma criança nascida para ser má.

Os sintomas aparecem tão cedo, e com tanta frequência em lares estáveis com irmãos normais, que a condição parece ser inata. A maioria dos pais relata ter tido conhecimento de sinais perturbadores antes de a criança entrar no jardim de infância. Dr. Hare descreveu uma menina de cinco anos tentando repetidamente jogar seu gatinho no vaso sanitário. "Eu a peguei quando ela estava prestes a tentar novamente", disse a mãe. "Ela parecia bastante despreocupada, talvez um pouco zangada - por ser descoberta." Quando a mulher contou ao marido, a menina negou tudo calmamente. Vergonha não registrou; nem temeu. Psicopatas não são indivíduos que perdem o contato com essas emoções. Eles nunca os desenvolveram desde o início.

Hare criou um dispositivo de triagem separado para jovens e identificou características que aparecem durante os anos escolares: mentira gratuita, indiferença à dor dos outros, desafio a figuras de autoridade, falta de resposta a reprimendas ou ameaças de punição, pequenos furtos, agressão persistente, matar aulas e quebrar toque de recolher, crueldade com animais, experiências sexuais precoces, vandalismo e incêndios. Eric se gabou de nove das dez marcas registradas em seu diário e em seu site - para a maioria deles, implacavelmente. Só falta a crueldade animal.

Em algum momento - como causa ou efeito da psicopatia - o cérebro do psicopata começa a processar as respostas emocionais de maneira diferente. No início de sua carreira, o Dr. Hare reconheceu a diferença anatômica. Ele apresentou um artigo analisando as ondas cerebrais incomuns de psicopatas a uma revista científica, que o rejeitou com uma carta de desdém. "Esses EEGs não podem ter vindo de pessoas reais", escreveu o editor.

Exatamente! pensou Lebre. Psicopatas são tão diferentes. Eric Harris desconcertou o público porque não podíamos conceber um humano com seus motivos. Até Kate Battan o descreveria como um adolescente tentando agir como um adulto. Mas a angústia que associamos aos adolescentes era o menor dos impulsos de Eric. Seu cérebro nunca foi escaneado, mas provavelmente teria mostrado atividade irreconhecível como humana para a maioria dos neurologistas.

A natureza fundamental de um psicopata é uma falha em sentir. A compreensão do medo e do sofrimento de um psicopata é particularmente fraca. A equipe de pesquisa do Dr. Hare passou décadas estudando psicopatas em populações carcerárias. Eles pediram a um psicopata para descrever o medo. "Quando roubo um banco, percebo que o caixa treme ou

fica com a língua presa", disse ele. "Um vomitou todo o dinheiro." Ele achou isso intrigante. O pesquisador o empurrou para descrever seu próprio medo. Como ele se sentiria com a arma apontada para ele? O condenado disse que poderia entregar o dinheiro, dar o fora ou encontrar uma maneira de virar a mesa. Essas foram as respostas, disse o pesquisador. Como você *se sentiria* ? Sentir? Por que ele sentiria?

Os pesquisadores costumam comparar psicopatas a robôs ou computadores desonestos, como HAL de *2001: Uma Odisseia no Espaço* - programado apenas para satisfazer seus próprios objetivos. Essa é a maior aproximação de seu comportamento, mas a metáfora carece de nuances. Os psicopatas sentem alguma coisa; Eric parecia mostrar tristeza quando seu cachorro estava doente, e ocasionalmente sentia pontadas de arrependimento em relação aos humanos. Mas os sinais chegam vagamente.

Cleckley descreveu isso como uma pobreza de alcance emocional. Esse é um conceito complicado, porque os psicopatas desenvolvem um punhado de emoções primitivas intimamente relacionadas ao seu próprio bem-estar. Três foram identificados: raiva, frustração e raiva. Os psicopatas explodem com ataques ferozes de raiva, o que pode levá-los a ser rotulados de "emocionais". Olhe mais de perto, aconselhou Cleckley: "A convicção surge naqueles que o observam cuidadosamente de que aqui lidamos com uma prontidão de expressão em vez de uma força de sentimento". Sem amor. Sem mágoa. Nem mesmo tristeza, na verdade, ou esperança ou desespero sobre seu próprio futuro. Os psicopatas não sentem nada profundo, complexo ou sustentado. O psicopata era propenso a "vexação, rancor, lampejos rápidos e lábeis de quase afeição, ressentimento rabugento, humores superficiais de autopiedade, atitudes pueris de vaidade, poses de indignação absurdas e vistosas".

Cleckley poderia estar descrevendo o diário de Eric Harris. "como você se atreve a pensar que eu e você somos parte da mesma espécie quando somos tão diferentes", escreveu Eric. "você não é humano. você é um robô... e se você me irritou no passado, você vai morrer se eu te ver."

A indignação corre forte no psicopata. Ele brota de um ego impressionante e senso de superioridade. Os psicopatas não sentem muito, mas quando perdem a paciência com os inferiores, eles podem realmente deixar isso acontecer. Não vai mais fundo. Até mesmo uma minhoca recuará se você a cutucar com uma vara. Um esquilo ficará frustrado se você provocá-lo oferecendo um amendoim e, em seguida, pegando-o de volta repetidamente. Os psicopatas chegam tão longe na escala emocional, mas ficam muito aquém do golden retriever médio, que demonstrará afeto, alegria, compaixão e empatia por um humano com dor.

Os pesquisadores ainda estão começando a entender os psicopatas, mas acreditam que os psicopatas anseiam pelas respostas emocionais que lhes faltam. Eles são quase sempre caçadores de emoções. Eles adoram montanhas-russas e asa delta, e procuram ocupações de alta ansiedade, como tecnologia de emergência, corretor de títulos ou fuzileiro naval. Crime, perigo, empobrecimento, morte – qualquer tipo de risco ajudará.

Eles perseguem novas fontes de excitação porque é muito difícil para eles se sustentarem.

Raramente mantêm uma carreira; eles ficam entediados. Mesmo como criminosos de carreira, os psicopatas têm um desempenho inferior. Eles "não têm metas e objetivos claros, envolvendo-se em uma ampla variedade de ofensas oportunistas, em vez de se especializarem como criminosos de carreira típicos", escreveu Cleckley. Eles cometem erros por descuido e perdem oportunidades impressionantes, porque perdem o interesse. Eles executam espetacularmente em rajadas curtas - algumas semanas, alguns meses, um grande golpe de um ano - e depois se afastam.

Eric passou sua juventude assim: ele deveria ter sido um estudante 4.0, mas colecionava notas A, B e C. Ele assumiu um compromisso de um ano com a NBK, mas não tinha ambição, nenhum plano para sua vida. Ele era um dos garotos mais inteligentes do ensino médio, mas aparentemente nunca se preocupou em se inscrever na faculdade. Também não há perspectivas de emprego, além do Blackjack. Apesar de uma infância de fantasias de soldado, um pai militar e um desejo declarado de uma carreira na Marinha, Eric não fez nenhuma tentativa de se alistar. Quando um recrutador ligou para ele durante a última semana de sua vida, ele conheceu o cara, mas nunca retornou a ligação para saber se ele havia sido aceito.

Os psicopatas assassinos raros quase sempre ficam entediados com o assassinato também. Quando eles cortam uma garganta, seu pulso acelera, mas cai com a mesma rapidez. Fica para baixo - não há mais alegria de cortar gargantas por um tempo; essa emoção já foi gasto.

Uma segunda abordagem, menos comum, da banalidade do assassinato parece ser a díade: pares assassinos que se alimentam um do outro. Os criminologistas estão cientes do fenômeno da díade há décadas: Leopold e Loeb, Bonnie e Clyde, os atiradores de Beltway de 2002. Como as díades representam apenas uma fração dos assassinos em massa, pouca pesquisa foi realizada sobre elas. Sabemos que as parcerias tendem a ser assimétricas. Um depressivo raivoso e errático e um psicopata sádico formam um par inflamável. O psicopata está no controle, é claro, mas o ajudante de cabeça quente pode sustentar sua excitação até a grande matança. "É preciso calor e frio para fazer um tornado", Dr. Fuselier gosta de dizer. Eric ansiava por calor, mas não conseguia sustentá-lo. Dylan era um vulcão. Você nunca poderia dizer quando ele poderia entrar em erupção.

Dia após dia, por mais de um ano, Dylan estimulou Eric com erráticos choques de excitação. Eles repetiam a matança repetidas vezes: os gritos, os gritos, o cheiro de carne queimada...

Eric saboreou a antecipação.

___

Os EEGs do Dr. Hare sugeriam que o cérebro psicopata opera de forma diferente, mas ele não sabia como ou por quê. Após a morte de Eric, um colega avançou nosso entendimento com uma nova tecnologia. Testes de

ressonância magnética funcional (fMRIs) criam uma imagem do cérebro, com a luz indicando regiões ativas. O Dr. Kent Kiehl ligou os assuntos e mostrou-lhes uma série de cartões de memória flash. Metade continha palavras carregadas de emoção como estupro, assassinato e câncer; os outros eram neutros, como *pedra* ou *maçaneta* . As pessoas normais acharam as palavras perturbadoras perturbadoras: o centro nervoso emocional do cérebro, chamado amígdala, acendeu-se. As amígdalas psicopáticas estavam escuras. Os sabores emocionais que colorem nossos dias são invisíveis para os psicopatas.

Dr. Kiehl repetiu o experimento com imagens, incluindo imagens gráficas de homicídios. Novamente, as amígdalas dos psicopatas não foram afetadas; mas o centro de idiomas ativado. Eles pareciam estar *analisando* as emoções em vez de experimentá-las.

"Ele responde a eventos que outros acham excitantes, repulsivos ou assustadores com as palavras *interessantes* e *fascinantes",* disse Hare. Para os psicopatas, o horror é puramente intelectual. Seus cérebros procuram palavras para descrever o que o resto de nós sentiria. Isso se encaixa no perfil: os psicopatas reagem à dor ou à tragédia avaliando como podem usar a situação para manipular os outros.

Então, qual é o tratamento para a psicopatia? Dr. Hare resumiu a pesquisa sobre um século de tentativas em duas palavras: *nada funciona.* É a única grande aflição mental que escapa ao tratamento. E a terapia muitas vezes piora. “Infelizmente, programas desse tipo apenas fornecem ao psicopata melhores maneiras de manipular, enganar e usar as pessoas”, escreveu Hare. A terapia individual pode ser uma bonança: treinamento individual, para aperfeiçoar o desempenho. "Esses programas são como uma escola de acabamento", vangloriou-se um psicopata para a equipe do Dr. Hare. "Eles ensinam como colocar o aperto nas pessoas."

Eric foi abençoado com pelo menos dois treinadores não intencionais: Bob Kriegshauser, no programa de diversão juvenil, e seu psiquiatra, Dr. Albert. Eric era um estudo rápido. As notas em seu arquivo de Diversões documentam uma melhora constante, sessão por sessão.

Estranhamente, um grande número de psicopatas melhora espontaneamente por volta da meia-idade. O fenômeno tem sido observado há décadas, mas não explicado. Caso contrário, os psicopatas parecem ser causas perdidas. Dentro da comunidade psiquiátrica, isso atraiu forte resistência ao diagnóstico de menores com a doença. Mas claramente, muitos jovens estão bem encaminhados.

Dr. Kiehl tem um laboratório móvel de fMRI e uma equipe de pesquisa financiada pela Universidade do Novo México. Ele mapeou cerca de quinhentos cérebros em três sistemas prisionais em 2008. Por causa da amostra distorcida, cerca de 20% preencheram os critérios para psicopatia. Ele acredita que as respostas sobre as causas e o tratamento da psicopatia estão ao seu alcance.

Enquanto Eric estava planejando seu ataque, Dr. Hare estava trabalhando em um regime para lidar com sua espécie. Hare começou reexaminando os dados sobre essas melhoras espontâneas. Da

adolescência aos cinquenta anos, os psicopatas não mostraram praticamente nenhuma mudança nas características emocionais, mas melhoraram drasticamente no comportamento antissocial. Os impulsos internos não mudaram, mas seu comportamento sim.

Hare acredita que esses psicopatas podem simplesmente estar se adaptando. Ferozmente racionais, eles descobriram que a prisão não estava funcionando para eles. Então Hare propôs usar seu interesse próprio em benefício público. O programa que ele desenvolveu aceita que os psicopatas permanecerão egocêntricos e indiferentes à vida, mas aderirão às regras se for do seu próprio interesse. "Convencê-los de que existem maneiras de conseguir o que querem sem prejudicar os outros" é a chave, disse Hare. "Você diz a eles: 'A maioria das pessoas pensa com o coração, não com a cabeça, e seu problema é que você pensa demais com a cabeça. Então, vamos transformar o problema em um ativo.' Eles entendem isso."

Enquanto Eric cursava o ensino médio, um centro de tratamento juvenil em Wisconsin iniciou um programa desenvolvido de forma independente, mas com base nessa abordagem. Ele também abordava os impulsos psicopáticos para gratificação instantânea e controle: os sujeitos eram avaliados todas as noites pela adesão às regras e recompensados com privilégios estendidos no dia seguinte. O programa não foi projetado especificamente para psicopatas inexperientes, mas produziu melhorias significativas nessa população. Um estudo de quatro anos publicado em 2006 concluiu que eles eram 2,7 vezes menos propensos a se tornarem violentos do que crianças com pontuações de psicopatia semelhantes em outros programas.

Pela primeira vez na história da psicopatia, um tratamento parece ter funcionado. Aguarda replicação.

Especialistas em psicopatia estão cautelosamente otimistas sobre os próximos avanços. "Acredito que dentro de dez anos teremos uma perspectiva muito melhor sobre a psicopatia do que temos agora", disse o Dr. Kiehl. "Idealmente, seremos capazes de ajudar a gerir eficazmente a doença. Não diria que há uma cura no horizonte, mas espero que possamos implementar estratégias de gestão eficazes."

41. O Grupo de Pais

F uselier tinha certeza de que Eric era um psicopata. Mas o garoto tinha dezesseis anos quando elaborou a trama, dezessete para a maior parte do planejamento, e apenas dezoito quando abriu fogo. Haveria resistência em descartar Eric nessas idades.

Três meses depois de Columbine, o FBI organizou uma grande cúpula sobre atiradores de escolas em Leesburg, Virgínia. O Bureau reuniu alguns dos principais psicólogos do mundo, incluindo o Dr. Hare. Perto do final da conferência, o Dr. Fuselier aproximou-se do microfone e deu um resumo completo sobre as mentes dos dois assassinos. "Parece que Eric Harris era um jovem psicopata em ascensão", concluiu.

A sala se mexeu. Um renomado psiquiatra na primeira fila moveu-se para falar. *Aí vem,* pensou Fuselier. *Esse cara vai criticar a avaliação até a morte.*

"Eu não acho que ele era um jovem psicopata em ascensão", disse o psiquiatra.

"Qual é a sua objeção?"

"Eu acho que ele era um psicopata completo."

Seus colegas concordaram. Eric Harris era um livro didático.

Vários dos especialistas continuaram estudando os atiradores de Columbine após a cúpula. O psiquiatra da Michigan State University, Frank Ochberg, voou várias vezes para ajudar a orientar a equipe de saúde mental, e cada viagem serviu como uma missão de apuração de fatos. Dr. Ochberg entrevistou uma variedade de pessoas próximas aos assassinos e estudou os escritos dos meninos.

O problema para a comunidade e, em última análise, também para os funcionários da Jeffco, era que Fuselier não tinha permissão para falar com o público. No início, autoridades locais e federais estavam preocupadas com o fato de Jeffco ser ofuscado pelo FBI. A Repartição proibiu firmemente qualquer um de seus agentes de discutir o caso com a mídia. Os comandantes da Jeffco decidiram que os motivos dos assassinos não deveriam ser discutidos, e o FBI respeitou essa decisão.

Falha em abordar a suspeita intensificada óbvia em relação a Jeffco. Isso exacerbou um problema de credibilidade que já pairava sobre o departamento do xerife. Além do *porquê,* o público tinha duas perguntas urgentes: as autoridades deveriam ter visto Columbine chegando? E eles deveriam ter parado mais cedo assim que o tiroteio começou? Em ambas as questões controversas, Jeffco tinha conflitos de interesse óbvios. E, no entanto, eles avançaram.

Foi um lapso de julgamento impressionante. Jeffco poderia simplesmente ter isolado as duas questões explosivas em uma investigação independente. Teria sido bastante fácil; eles tinham quase uma centena de detetives à sua disposição, alguns dos quais trabalhavam para Jeffco.

A investigação independente não parecia tão óbvia em 1999. Os comandantes eram essencialmente homens honestos. Nenhum tinha fama de policial sujo. John Kiekbusch era profundamente respeitado dentro e

fora da força. Eles acreditavam que eram inocentes e que o público veria isso. E muitos deles foram. Stone e seu subxerife haviam sido empossados apenas três meses antes – eles não tinham responsabilidade por não ter dado nenhum sinal de alerta de Eric Harris. A maior parte da equipe não teve nenhum papel nas decisões de comando em 20 de abril. Kate Battan estava executando as operações do dia-a-dia; ela estava limpa.

Mas alguns bons policiais tomaram decisões muito ruins depois de 20 de abril. Os sobreviventes estavam certos em suspeitar de um encobrimento. Os comandantes da Jeffco estavam mentindo sobre os avisos dos Browns sobre Eric, e Randy e Judy se certificaram de que todos soubessem. Dentro do departamento, alguém estava tentando destruir o rastro dos Browns. Logo após o massacre, o investigador Mike Guerra notou que a cópia física do arquivo que ele havia reunido sobre Eric um ano antes havia desaparecido de sua mesa. Alguns dias depois, reapareceu tão misteriosamente. Mais tarde naquele verão, ele tentou acessar o registro do computador e descobriu que havia sido eliminado.

O arquivo físico novamente desapareceu e nunca foi recuperado.

Nos meses seguintes, o assistente do chefe da divisão John Kiekbusch participou de várias atividades que ela mais tarde achou perturbadoras.

———

Todos os dias Patrick tentava levantar a perna novamente. Concentre-se, eles o instruíram. Cada vez que Patrick se concentrava, elétrons se dispersavam pela massa cinzenta de seu cérebro. A cada vez, esses elétrons buscavam novas rotas através do hemisfério esquerdo dilacerado. Uma vez que eles estabeleceram um sinal – fraco, quase imperceptível – eles estabeleceram o equivalente mental de novas linhas de energia. O sinal ficou mais forte.

As pessoas estavam sempre entrando e saindo de seu quarto. Na primeira semana de maio, um amigo do esqui aquático e algumas tias e tios estavam de visita. Patrick estava deitado em sua cama, a perna inútil em cima de um travesseiro. O suporte estava enrolado em volta dele, então era muito pesado, mas ele agüentou de qualquer maneira. Lentamente, mal, a coxa subiu. "Ei!" ele gritou. "Veja o que eu posso fazer!"

Eles não podiam ver nada. Ele a ergueu apenas o suficiente para expandir o travesseiro abaixo de sua cinta. Mas ele podia sentir isso. O travesseiro não estava suportando, ele estava.

Patrick fez um progresso constante assim que restabeleceu o contato com seus membros. Todas as manhãs, ele podia sentir alguma mudança. A força voltou primeiro para o centro de seu corpo, começando em seu torso, depois irradiando pelos quadris e ombros e descendo em direção ao cotovelo e joelho direitos. Em mais algumas semanas, eles o colocaram de pé. Eles o iniciaram de pé entre um conjunto de barras paralelas na altura do quadril. Ele tinha uma espécie de corda em volta da cintura que um terapeuta segurava, para estabilizá-lo e guiá-lo pela curta distância através das barras. Esse foi um bom dia. As barras eram duras, porque seu braço

direito era tão fraco quanto a perna. Mas juntos, ele reuniu forças para cada passo.

Mais tarde, ele progrediu para um andador e depois uma muleta de antebraço com um manguito que prende o braço abaixo do cotovelo. A cadeira de rodas estava sempre lá para longas viagens, ou sempre que ele se cansava. A destreza com os dedos das mãos e dos pés seria a coisa mais difícil de recuperar completamente. Levaria meses para segurar uma caneta sem tremer. Sua caminhada seria prejudicada por todos os tipos de ajustes finos que nunca notamos nossos dedos dos pés fazendo.

___

Anne Marie Hochhalter progrediu mais lentamente. Ela mal tinha passado pelo ataque. Sua medula espinhal foi rompida, causando uma dor insuportável nos nervos. Ela passou semanas delirando com morfina, com um ventilador e um tubo de alimentação a mantendo viva. Ela não conseguia falar com os tubos e, em meio à neblina, não entendia o que havia acontecido ou o que estava por vir.

Eventualmente, ela ficou mais lúcida e perguntou se ela voltaria a andar.

"Bem, não", uma enfermeira disse a ela.

"Eu apenas chorei", disse ela mais tarde. "A enfermeira teve que ir buscar meus pais porque eu estava chorando muito."

Depois de seis semanas, ela se juntou a Patrick no Craig. O amigo de Danny Rohrbough, Sean Graves, também estava lá, parcialmente paralisado abaixo da coluna. Ele conseguiu dar alguns passos com suspensórios durante o verão. O rosto de Lance Kirklin foi reconstruído com implantes de titânio e enxertos de pele. As cicatrizes eram graves, mas ele fez pouco caso. "É legal ser 5% metal", disse ele.

___

Nas semanas logo após os assassinatos, quase todas as famílias das vítimas da biblioteca caminharam pela cena do crime com os investigadores. Eles precisavam ver. Pode ser horrível - eles tinham que descobrir. Dawn Anna parou no local onde sua filha Lauren Townsend havia sido morta. Primeira mesa à esquerda. Nada foi alterado, exceto a retirada das mochilas e objetos pessoais, que foram fotografados, inventariados e devolvidos às famílias. "O impacto emocional, eu nem sei se posso descrevê-lo adequadamente", disse Anna. Mas ela não podia evitar. "Eu precisava dessa conexão, assim como todos nós, para voltar e me identificar, em parte, com o que aconteceu lá."

A ideia de mandar qualquer estudante de volta para dentro era impensável. A biblioteca tinha que ir. Independentemente e coletivamente, a maioria das treze famílias chegou a essa conclusão rapidamente.

Os alunos chegaram ao consenso oposto. Eles passaram a primavera lutando pela *ideia* de Columbine, bem como pelo nome próprio: o nome de uma escola secundária, não uma tragédia. Eles foram repelidos por frases cogitadas como "desde Columbine" ou "impedir outro Columbine". Esse foi um dia na vida da Columbine High School, eles insistiram.

Então os turistas chegaram. Apenas algumas semanas após a tragédia, antes mesmo de os alunos retornarem, ônibus de turismo começaram a

chegar à escola. Columbine High saltou para o segundo lugar, atrás das Montanhas Rochosas, como o marco mais famoso do Colorado, e as operadoras de turismo rapidamente capitalizaram. Os ônibus paravam em frente à escola, e os turistas se amontoavam e começavam a tirar fotos: a escola, o terreno, as crianças praticando nos campos de atletismo ou vagando pelo parque. Eles capturaram muitas expressões de raiva. Os alunos se sentiram como espécimes de zoológico. Todo mundo ainda precisava saber constantemente, *Como você se sente?*

Brian Fuselier estava entrando em seu segundo ano em Columbine. As semanas sob o microscópio foram miseráveis; os turistas eram demais. "Eu só quero subir e socá-los no nariz!" ele disse a seu pai.

Em 2 de junho, a maior parte do corpo discente finalmente se reconectou com o físico de Columbine. Foi um dia emotivo. Os alunos tinham duas horas para voltar para dentro e pegar suas mochilas, celulares e tudo mais que haviam abandonado quando correram para pegá-los. Seus pais também foram autorizados a entrar. Isso deu a todos a chance de enfrentar seus medos. Centenas de crianças tropeçaram em lágrimas. Lágrimas úteis. A maioria achou a experiência estressante, mas catártica.

Eles foram expulsos novamente por dois meses, enquanto as equipes de construção reformavam o interior. Os alunos tinham sentimentos contraditórios sobre qualquer mudança, mas eles estavam aceitando isso com fé. O distrito tinha matrículas abertas, então todos esperavam uma grande queda no corpo discente de Columbine no próximo outono. Os alunos reagiram de maneira oposta: as transferências foram mínimas. As matrículas de outono realmente aumentaram. Os alunos sentiam que já tinham perdido tanto que abrir mão de um centímetro de corredor ou de uma única sala de aula seria uma derrota. Eles queriam sua escola de volta. Tudo isso!

O Sr. D e o corpo docente estavam focados nas crianças: levando-as à terapia e observando os sintomas do trauma. Os funcionários da escola formaram um conselho de revisão de design para abordar a biblioteca. Entre eles, alunos, pais e professores. O consenso veio prontamente: estruture a sala e reconstrua-a. Redesenhe o layout, troque e reconfigure os móveis, mude a cor da parede, o carpete, até mesmo os azulejos do teto. Era uma versão drástica do plano elaborado para toda a escola. Especialistas em trauma aconselharam o conselho a equilibrar dois objetivos: fazer as crianças sentirem que sua escola sobreviveu e cercá-las de mudanças sutis demais para serem identificadas. A biblioteca era a exceção: seria completamente diferente.

A reforma da escola custaria US$ 1,2 milhão e seria difícil de concluir antes que as aulas fossem retomadas em agosto. O conselho de design agiu rapidamente e o conselho da escola adotou sua proposta no início de junho. Os pais das crianças assassinadas ficaram horrorizados. Reorganizar os móveis? Tapa em um pouco de tinta e recarpet? A equipe de design viu seu plano como uma revisão completa. Seus adversários o chamavam de "cosmético".

___

Inicialmente, os estudantes e as famílias das vítimas presumiram que estavam todos juntos nisso. Eles levaram várias semanas para perceber que estavam prestes a lutar um contra o outro. Os pais dos Treze viram que eles estavam em menor número; eles formaram o Grupo de Pais para revidar. Em 27 de maio, enquanto eles estavam se organizando, um notório advogado e caçador de mídia voou para Denver para uma ruidosa coletiva de imprensa. Geoffrey Fieger havia se tornado um destaque nos noticiários da TV a cabo por meio de julgamentos de mídia espalhafatosos, como o do Dr. Kevorkian, o médico do suicídio assistido. Fieger juntou-se à família de Isaiah Shoels para fazer uma demanda ostensiva que certamente devolveria Columbine às manchetes nacionais sob a pior luz possível: um processo de morte por negligência contra os pais dos assassinos, por um quarto de bilhão de dólares.

"Isto não é sobre dinheiro!" O padrasto de Isaiah declarou. "Esse processo é sobre troco! Essa é a única maneira de você conseguir troco, se você for chacoalhar seus bolsos." Ele estava certo, mas o público estava cético quanto aos motivos. Fieger insistiu que gastaria mais dinheiro montando o caso do que poderia esperar recuperar. A lei do Colorado limitou os prêmios de indivíduos a US$ 250.000, e as entidades governamentais foram limitadas a US$ 150.000. "Este processo é um símbolo", disse ele. "Haverá cínicos que atribuirão o processo à ganância."

Processos judiciais foram antecipados, mas ninguém previu um tão espalhafatoso, ou tão cedo. A lei do Colorado deu às vítimas um ano para arquivar e seis meses para declarar a intenção. Foram apenas cinco semanas. Famílias vinham falando sobre ações judiciais como meio de alavancagem e último recurso.

O processo serviu como um balão de julgamento que afundou. Os sobreviventes foram particularmente repelidos. Muitos deles dedicaram a próxima fase de suas vidas a alguma forma de justiça: anti-bullying, controle de armas, oração nas escolas, protocolos da SWAT, sinais de alerta ou apenas recuperando sua escola ou destruindo a biblioteca. Ações judiciais ameaçavam manchar tudo isso. Eles também lançaram uma luz ruim sobre a próxima grande batalha, que já estava se desenvolvendo quando os Shoelses conduziram sua coletiva de imprensa. Essa luta também girava em torno de dinheiro. As doações públicas foram surpreendentes, mas a boa sorte teve um preço.

Mais de US$ 2 milhões rolaram no primeiro mês. Um mês depois, o total era de US$ 3,5 milhões. Quarenta fundos diferentes surgiram. A United Way local criou o Fundo de Cura para coordenar a distribuição de dinheiro. Robin Finegan era um terapeuta veterano e advogado de vítimas que havia trabalhado em estreita colaboração com os sobreviventes de Oklahoma City. "É previsível que isso se torne um processo muito difícil e doloroso", disse ela à NPR. Havia muitos interesses concorrentes. "Vamos deixar as pessoas, algumas pessoas, não se sentindo bem com isso." Isso foi um eufemismo.

Quando dois professores receberam coletivamente US$ 5.000 para tratamento de ansiedade, Brian Rohrbough estragou tudo. "Isso é

criminoso", disse ele. Ele queria que o dinheiro fosse dividido igualmente entre as famílias dos feridos e dos mortos. Mas a igualdade era justa? O pai de Lance Kirklin estimou suas contas médicas em US$ 1 a US$ 2 milhões; a família não tinha seguro. Mark Taylor precisou de cirurgia para quatro tiros no peito; sua mãe não podia comprar mantimentos ou pagar o aluguel. O processo foi humilhante, disse ela. Ela se sentia como uma mendiga. "Meu filho está no hospital. Não posso trabalhar. Estamos quebrados e eles têm milhões de dólares em doações. Estou enojado."

O advogado dos Taylors e Kirklins sugeriu que algumas famílias precisavam de compensação mais do que outras. Brian Rohrbough entrou em erupção novamente. Isso implicava que a vida de Danny não tinha valor, disse ele ao *Rocky Mountain News* . Para Brian, o dinheiro era simbólico: o valor final de cada vida. Para outros, era puramente prático.

No início de julho, o Healing Fund anunciou seu plano de distribuição: 40% dos US$ 3,8 milhões iriam para as vítimas diretas. Um acordo inteligente foi alcançado por esse dinheiro: as quatro crianças com ferimentos graves receberam US$ 150.000 cada; $ 50.000 foram para cada um dos Treze. Isso totalizou US $ 650.000 para os mortos versus US $ 600.000 para os gravemente feridos, dando aos Treze a aparência de preeminência. Vinte e um estudantes feridos receberam US$ 10.000 cada, uma fração das contas médicas para muitos. A maior parte do restante foi para programas de aconselhamento e tolerância ao trauma. Cerca de US $ 750.000 foram destinados a contingências, um compromisso para cobrir contas médicas não pagas sem parecer favorecer os feridos em detrimento dos mortos.

Brian Rohrbough recuou assim que se sentiu ouvido.

___

Tom Klebold estava lidando com muita raiva. "Quem deu essas armas ao meu filho?" ele perguntou ao reverendo Marxhausen. Ele também se sentiu traído pela cultura escolar que pegava as crianças fora do mainstream.

Tom fez o seu melhor para afastar o mundo raivoso. Seu trabalho permitiu que ele ficasse em casa, e ele aproveitou ao máximo. Sue não estava conectada dessa maneira. "Ela tem que sair", disse Marxhausen.

___

28 de maio, Kathy Harris escreveu cartas de condolências aos Treze. Muitos dos endereços eram inéditos, então ela selou cada um em um envelope com o nome da família, colocou-os em um envelope pardo e o enviou para um endereço que o distrito escolar havia estabelecido como centro de compensação para correspondência às vítimas. Uma semana depois, Kathy enviou um segundo lote para as famílias de vinte e três feridos. O distrito escolar os entregou ao departamento do xerife como prova em potencial. Sentou-se neles. As autoridades decidiram não lê-los ou entregá-los.

Em meados de julho, a mídia descobriu a confusão. "Realmente não é nosso trabalho" distribuí-los, disse o sargento Randy West. As cartas não tinham postagem ou endereços, então os comandantes decidiram retornar ao remetente. West reclamou da recusa da família em se reunir sem

imunidade e disse que sua equipe teve problemas para entrar em contato com seus advogados. "Eles estão ocupados, nós estamos ocupados e não conseguimos nos conectar com eles", disse o sargento West. "Eu acho que se você quiser tornar as coisas mais fáceis, você pode simplesmente falar conosco."

Os Harris quebraram seu silêncio de três meses para emitir uma declaração contestando "distorções" nas cartas. O advogado deles insistiu que Jeffco nunca tentou contatá-lo sobre eles.

As cartas acabaram sendo devolvidas.

Sue Klebold também escreveu desculpas em maio. Ela os enviou diretamente para as Treze. Brad e Misty receberam este cartão manuscrito:

Querida família Bernal,

É com grande dificuldade e humildade que escrevemos para expressar nosso profundo pesar pela perda de sua linda filha, Cassie. Ela trouxe alegria e amor ao mundo, e ela foi levada em um momento de loucura. Gostaríamos de ter tido a oportunidade de conhecê-la e ser edificados por seu espírito amoroso.

Nunca entenderemos por que essa tragédia aconteceu, ou o que poderíamos ter feito para evitá-la. Pedimos desculpas pelo papel que nosso filho teve na morte de sua Cassie. Nunca vimos raiva ou ódio em Dylan até os últimos momentos de sua vida, quando assistimos em horror impotente com o resto do mundo. A realidade que nosso filho compartilhou da responsabilidade por esta tragédia ainda é incrivelmente difícil para nós compreendermos.

Que Deus conforte você e seus entes queridos. Que Ele traga paz e compreensão a todos os nossos corações feridos.

Sinceramente,
Sue e Tom Klebold

Misty ficou emocionada - o suficiente para publicar o texto completo no livro de memórias que estava redigindo. Ela generosamente descreveu o ato como corajoso. Tom e Sue perderam um filho no mesmo desastre, ela escreveu. Pelo menos Cassie morreu nobremente. Que conforto os Klebolds tinham? Misty também abordou as acusações contra os pais dos assassinos. Eles deveriam saber? Eles foram negligentes? "Como nós sabemos?"

42. Desvio

Um ano antes do ataque, os meninos acertaram a hora e o local: abril de 1999, na praça. Isso deu a Eric tempo para planejar, construir seu arsenal e convencer seu parceiro de que era real.

Pouco depois de iniciar o Diversion, Eric e Dylan receberam seus anuários juniores. Eles trocaram e preencheram página após página com desenhos, descrições e discursos. "Nós, os deuses, vamos nos divertir muito com NBK!!" Dylan escreveu no Eric's. "Minha ira pelo incidente de janeiro será divina. Sem mencionar nossa vingança na praça."

O incidente de janeiro foi a prisão deles. Eric também estava chateado com isso. "Jan 31 sux", escreveu ele no Dylan's. "Eu odeio vans brancas!!"

A prisão foi um momento crítico - os anuários confirmaram a conclusão provisória de Fuselier a esse respeito. Eventualmente, Fuselier o veria como o evento mais importante na progressão de Eric para o assassinato. A prisão foi seguida, em rápida sucessão, por Eric detonando suas primeiras bombas caseiras, ameaçando assassinato em massa em seu site, confidenciando piores visões ao seu diário e estabelecendo os contornos de seu ataque. Mas Eric já estava indo nessa direção. Ele não "estalou". Fuselier viu as consequências do crime como um acelerador para o assassinato, e não como causa.

Eric era um colecionador de injustiças. Os policiais, o juiz e os oficiais de desvio eram apenas as últimas adições a uma lista de inimigos comicamente abrangente, que incluía Tiger Woods, todas as garotas que o rejeitaram, toda a cultura ocidental e a espécie humana. O que foi diferente na prisão, aos olhos de Fuselier, foi que foi a primeira rédea dramática na capacidade dos meninos de controlar suas próprias vidas - "os parafusos estão apertando", como disse Dylan. Eles eram calouros no ensino médio agora, uma época em que a liberdade pessoal se expandia mais rápido do que nunca. Eles tinham acabado de tirar suas carteiras de motorista, tinham empregos com contracheques e sua primeira onda de renda disponível, seus toques de recolher estavam ficando mais tarde, a supervisão dos pais estava diminuindo, Eric estava namorando... seu universo de possibilidades estava se expandindo. Eles haviam sofrido contratempos antes, mas esses foram leves e de curta duração. Desta vez, foi um crime. Um crime, pela menor ninharia: a van de algum idiota - e daí? Toda a liberdade foi perdida. A jovem de 23 anos de Eric estava terminando com ele porque ele estava de castigo o tempo todo e nunca podia vê-la. Ele continuou trabalhando Brenda, mas não parecia bom.

Eric encheu o anuário de Dylan com desenhos: suásticas, robôs assassinos e corpos respingados. Os mortos superavam os vivos. Uma ilustração na margem sugeria centenas de minúsculos cadáveres empilhando-se no horizonte, até que todos se misturassem em um oceano de dejetos humanos.

Eric passou por seu próprio livro, marcando os rostos de crianças que ele não gostava. Ele os rotulou de "inúteis", disse que morreriam ou apenas

fez um X sobre suas fotos. Eric tinha duas mil fotos para desfigurar e, eventualmente, chegou a quase todas.

Eric teve uma dupla de idiotas traidores: "Deus, eu não posso esperar até que eles morram", ele escreveu no livro de Dylan. "Eu posso provar o sangue agora."

Os psicopatas querem desfrutar de suas façanhas. É por isso que os sádicos tendem a escolher o assassinato em série: eles apreciam a crueldade à medida que ela se desenrola. Eric seguiu um caminho diferente: a grande matança, que ele saborearia em antecipação por um ano inteiro. Ele adorava o controle – ele mal podia esperar para ter vidas em suas mãos. Quando seu dia finalmente chegou, ele tomou seu tempo na biblioteca e aproveitou cada minuto. Ele matou alguns garotos por capricho, deixou outros irem com a mesma facilidade.

Ele também usou seu site para desfrutar de certa notoriedade em sua vida. Ele adorava a ironia de seu mundo online, onde todas as outras crianças estavam posando, mas sua fantasia era real.

Uma contradição com o fetiche de controle de Eric é aparente em sua disposição de confiar o poder a Dylan. A troca de anuários representou um grande salto de fé para cada um deles. Eles estavam falando sobre assassinato há meses, e os bordões correspondentes em ambos os diários sugerem que eles estavam discutindo essas ideias regularmente. Eric já havia se tornado público com suas ameaças, postando-as em seu site, mas ninguém parecia notar ou levar a sério. Desta vez, ele rabiscou evidências incriminatórias de sua trama com sua própria caligrafia e a entregou a Dylan.

Eles deram dicas sobre planos nos anuários de alguns amigos, mas tudo parecia piadas. Dylan disse que gostaria de matar Puff Daddy ou Hanson, enquanto Eric foi com ironia: não siga seus sonhos, siga seus instintos animais - "se ele se mover, mate-o, se não, queime-o. kein mitleid! !!" *Kein mitleid* é alemão para "sem piedade", e uma abreviação comum para sua banda favorita, KMFDM. Este foi exatamente o tipo de movimento que encantou Eric: avisar o mundo, por escrito, para nos mostrar como todos nós somos estúpidos.

Nos livros um do outro, eles fizeram uma aposta real, particularmente Dylan. Ele escreveu página após página de planos de assassinato específicos. Eles estavam à mercê um do outro agora. A exposição dos anuários poderia encerrar sua participação no Diversion e trazê-los de volta sob acusações criminais. No último ano, cada menino sabia que seu amigo poderia prendê-lo a qualquer momento, embora os dois fossem presos juntos. Destruição mutuamente assegurada.

———

Dr. Fuselier considerou as passagens do anuário. Ambos os garotos fantasiavam sobre assassinato, mas Dylan se concentrou no único ataque. Eric tinha uma visão maior. Todos os seus escritos aludiam a uma carnificina mais ampla: matar tudo, destruir a raça humana. Em uma apaixonada anotação no diário um mês depois, ele citaria a Solução Final

dos nazistas: "mate todos eles. Bem, caso você ainda não tenha descoberto, eu digo 'MATAR A HUMANIDADE'".

Não está claro se Eric e Dylan estavam cientes da discrepância - nenhum deles abordou isso por escrito. É difícil imaginar que Eric não tenha percebido o foco de Dylan em um ataque mais limitado. Ele estava incluindo Dylan no sonho completo? Talvez Dylan simplesmente não achasse plausível. Explodir a escola, isso poderia realmente acontecer - matar a humanidade... talvez isso soasse como ficção científica para Dylan.

Apesar da obsessão da imprensa por bullying e desajustados, não era assim que os meninos se apresentavam. Dylan riu sobre implicar com os novos calouros e "bichas". Nenhum deles reclamou de valentões pegando neles – eles se gabavam de fazer isso sozinhos.

___

Os meninos mudaram dramaticamente depois que começaram a Diversão - em direções inversas, mais uma vez. Eric lançou uma nova ofensiva de charme. Andrea Sanchez se tornou a segunda pessoa mais importante de sua vida. Nevá-la era a melhor maneira de apaziguar o primeiro, seu pai. Também impediu que o programa desviasse Eric de seu objetivo. Eric tinha um plano agora. Ele estava em uma missão e foi acelerado. Suas notas caíram brevemente após a prisão, mas voltaram ao seu melhor desde que ele teve seu plano de ataque. Era muito trabalho, do qual ele se queixava amargamente em seu diário; mas ele trabalhou duro para se destacar.

Dylan nem tentou impressionar Andrea. Ele faltou a compromissos, ficou para trás no serviço comunitário e deixou suas notas despencarem. Na verdade, ele estava recebendo dois D's.

NBK não era nada além de uma diversão para Dylan – conversas de fantasia com seu amigo sobre o que eles gostariam de fazer. Dylan não acreditou; ele não planejava passar por isso. Tudo o que sabia era que agora era um criminoso. Sua vida miserável havia se tornado pateticamente pior.

Eric foi a estrela do programa, no trabalho e na escola. Ele até ganhou um aumento, e quando a escola acabou no último verão, ele conseguiu um segundo emprego na Tortilla Wraps, onde seu amigo Nate Dykeman trabalhava. Eric começou a guardar mais dinheiro para construir seu arsenal. Sua história de capa era que ele estava economizando para um novo computador. Ele trabalhava nos dois empregos, além das quarenta e cinco horas de serviço comunitário que o juiz havia ordenado para o verão. Isso era uma porcaria chata e servil, como varrer e recolher lixo em um centro de recreação. Ele desprezou isso, mas colou em um sorriso. Foi tudo por uma boa causa.

Dylan não pareceu contribuir muito para o ataque, financeiramente ou não. Ele largou o Blackjack e não se incomodou com um emprego regular durante o verão; ele acabou de fazer alguns trabalhos de jardinagem para um vizinho.

Eric manteve seus empregadores e os supervisores de recreação satisfeitos. "Ele era um garoto muito legal", disse seu chefe Tortilla. "Ele

vinha todos os dias com lindas camisetas, shorts cáqui, sandálias. Ele era meio quieto, mas todo mundo se dava bem com ele." Nate gostava de usar seu sobretudo para trabalhar, mas Eric não achava isso profissional.

Os meninos foram obrigados a escrever cartas de desculpas ao proprietário da van. A contrição de Eric exalava. Ele reconheceu que estava escrevendo em parte porque recebeu ordens "mas principalmente porque sinto fortemente que devo a você um pedido de desculpas". Eric disse que estava arrependido repetidamente e descreveu suas punições legais e dos pais para que a vítima entendesse que ele estava pagando um preço por suas ações.

Eric sabia exatamente como era a empatia. Seu momento mais convincente na carta foi quando ele se colocou no lugar do dono. Se seu carro tivesse sido roubado, disse ele, a sensação de invasão o teria assombrado. Teria sido difícil para ele dirigi-lo novamente. Toda vez que ele entrava no carro, ele imaginava alguém remexendo nele. Deus, ele se sentiu violado apenas imaginando isso. Ele estava tão decepcionado consigo mesmo. "Percebi logo depois o que tinha feito e o quão estúpido era", escreveu Eric. "Eu deixei o meu lado estúpido assumir o controle."

"Mas ele escreveu isso estritamente para efeito", disse Fuselier. "Isso foi manipulação completa. Quase ao mesmo tempo, ele escreveu seus verdadeiros sentimentos em seu diário: 'A América não deveria ser a terra dos livres? Se ele os deixar sentados no banco da frente da porra de sua van à vista de todos e no meio da porra de lugar nenhum em uma porra de um dia à noite. SELEÇÃO NATURAL. o filho da puta deve ser fuzilado.'"

Eric não deu sinais de desprezo por Andrea Sanchez. Em suas anotações, ela comentou sobre o profundo remorso de Eric.

Poucos garotos zangados podem esconder seus sentimentos ou lançar a besteira de forma tão convincente. Mentirosos habituais odeiam chupar assim. Não psicopatas. Essa foi a melhor parte da apresentação: a alegria de Eric veio de ver Andrea e o dono da van e Wayne Harris e todos que viram a carta caírem em seu ridículo golpe.

Eric nunca reclamou dessas mentiras. Ele se gabava deles.

Eric poderia ser um procrastinador - uma aflição comum entre psicopatas - e Andrea sugeriu que ele trabalhasse com gerenciamento de tempo. Então Eric comprou um planejador do dia do Orgulho Rebelde, preencheu uma semana e o levou para sua sessão quinzenal de aconselhamento para se exibir. Ele se emocionou sobre a ótima ideia que era. Foi realmente ajudando, disse ele. Andreia ficou impressionada. Ela o elogiou por isso em seu arquivo. Então ele desistiu. Ele usou o livro para desabafar seus verdadeiros sentimentos. Ele veio embalado com slogans motivacionais e dicas para uma vida melhor. Eric passou por centenas de páginas reescrevendo palavras e frases selecionadas: "A mente de uma pessoa está sempre *espalhada...* Corte velhos *e* outros *perdedores* em trapos... Alunos do nono ano são obrigados a *queimar e morrer.* " Ele alterou a entrada de Denver . em um gráfico populacional para mostrar quarenta e sete habitantes, uma vez que ele terminou.

Andrea Sanchez ficou encantada com Eric. Ela trabalhou diretamente com os meninos por alguns meses e depois os transferiu para um novo conselheiro. No arquivo de Eric, Andrea terminou sua última entrada com "Muy facile hombre" - cara muito fácil.

Dylan não recebeu nenhuma aprovação afetuosa. E por que Andrea Sanchez não gostaria mais de Eric? Todo mundo fez. Ele era engraçado e inteligente, e aquele sorriso, cara, ele sabia exatamente quando abri-lo também; apenas quanto tempo para ficar para trás, provocá-lo com isso, fazer você trabalhar para isso, e depois colocá-lo em prática.

Dylan era uma fábrica de melancolia. A miséria era auto-realizável: quem queria ficar sob aquela nuvem o dia todo?

Por dentro, ele era um dínamo de energia selvagem, arremessando-se em oito direções ao mesmo tempo, tocando música em sua cabeça, tendo pensamentos inteligentes, explodindo de alegria e tristeza e arrependimento e esperança e excitação... mas ele estava com medo de demonstrar isso. Dylan o mantinha atrás de um verniz - você podia vê-lo silenciosamente fervendo às vezes, mas na maioria das vezes ele parecia tímido e envergonhado. A raiva era a única coisa que às vezes fervia. A parte amorosa, aquela coisa poderia estar cantando dentro da montanha mais alta, só que ele não estava disposto a deixar transparecer. A raiva simplesmente explodiria. Isso assustaria as pessoas. Você nunca esperaria isso daquele garoto.

___

Eric reclamou de sua medicação. Antes de fazer a transição de Andrea Sanchez, ele disse a ela que o Zoloft não estava fazendo o suficiente. Ele se sentia inquieto e não conseguia se concentrar. O Dr. Albert trocou-o por Luvox. A mudança exigiu duas semanas sem medicação, para metabolizar o Zoloft fora de seu sistema. Eric disse a Andrea que estava preocupado em ficar sem. Ele contou uma história diferente em seu diário. Dr. Albert queria medicá-lo para erradicar maus pensamentos e reprimir sua raiva, ele escreveu. *Isso* foi loucura. Ele não aceitaria a linha de montagem humana. "NÃO, NÃO NÃO, Porra, porra, NÃO!" ele escreveu. — Prefiro morrer a trair meus próprios pensamentos, mas antes de deixar este lugar inútil , matarei quem julgar impróprio.

Não está claro exatamente o que Eric estava fazendo com o Dr. Albert. Ele pode ter reclamado do Zoloft porque era *muito* eficaz. Cada paciente reage de forma diferente. A manobra definitivamente solidificou a fachada de Eric trabalhando para controlar sua raiva.

"Eu ficaria muito surpreso se Eric estivesse sendo honesto e direto com seu médico", disse Fuselier. “Os psicopatas tentam, e muitas vezes conseguem, manipular os profissionais de saúde mental também”.

___

Wayne Harris foi a pessoa mais difícil para Eric enganar. Ele tinha visto o escoteiro de Eric atuar. Nunca durou. Wayne fez uma anotação sem data em seu diário em algum momento após a reunião de orientação para Diversão

em abril. Ele estava frustrado. Ele listou pontos com marcadores para uma palestra para Eric:

* Relutante em controlar os hábitos de sono.
* Relutante em controlar os hábitos de estudo.
* Desmotivado para ter sucesso na escola.
* Podemos lidar com 1 e 2: TV, telefone, computador, luzes apagadas, trabalho, social.
* Você deve lidar com 3.
* Prove-nos o seu desejo de ter sucesso, mostrando bom senso, dando um esforço extra, perseguindo interesses, procurando ajuda, conselhos.

Ele colocou Eric em restrição novamente: um toque de recolher às 22h, exceto para estudar, sem telefone durante o horário de estudo e possivelmente mais quatro semanas longe de seu computador.

A repressão foi a última entrada que Wayne Harris gravaria – e quase as últimas palavras que o público receberia dele. O mandado de busca exercido em sua casa um ano depois era específico para os escritos de Eric. Nada mais de Wayne ou Kathy ou irmão de Eric foi confiscado. Nos dez anos desde o ataque, eles emitiram algumas breves declarações por meio de advogados, reuniram-se brevemente com a polícia e uma vez com os pais das vítimas. Eles nunca falaram com a imprensa. Os esboços do relacionamento de Eric com seu pai apareceram em seus diários e no testemunho de pessoas de fora. Kathy Harris é mais obscura, e uma imagem completa da dinâmica familiar permanece indefinida.

___

Com Eric, Dylan falou da boca para fora para NBK. Em particular, ele estava fazendo malabarismos com duas opções: suicídio ou amor verdadeiro. Ele escreveu uma carta de amor para Harriet, confessando tudo. "Você não sabe conscientemente quem eu sou," ele começou, sem rodeios. "Eu, que escrevo isso, te amo além do infinito." Ele pensava nela o tempo todo, disse ele. "O destino me fez precisar de você, mas esta terra bloqueou isso com incertezas." Na verdade, ele era muito parecido com ela: pensativo, quieto, observador. Como ele, ela parecia desinteressada no mundo físico. A vida, a escola, tudo era sem sentido - como era maravilhoso que ela entendesse. Dylan captou um vislumbre de tristeza nela: ela estava solitária, assim como ele.

Ele se perguntou se ela tinha namorado. Estranho ele nunca ter verificado isso. Ele quase não a via mais. Ele percebeu que isso poderia ser um pouco demais: "Eu sei o que você está pensando: '(algum psicopata me escreveu esta carta de assédio.)'" Mas ele teve que arriscar. Ele tinha certeza de que ela o havia notado algumas vezes – nenhum de seus olhares passou despercebido. Dylan confessou suas intenções mais assustadoras - assim como Zack, que encontrou uma alma gêmea em quem confiar seus desejos suicidas. No começo Dylan foi um pouco tímido: "Eu irei embora em breve... por favor, não sinta nenhuma culpa pela minha futura 'ausência' deste mundo." Por fim, admitiu que ela o odiaria se soubesse toda a verdade, mas confessou mesmo assim: "Sou um criminoso, fiz coisas que

quase ninguém pensaria em tolerar". Ele havia sido pego pela maioria de seus crimes, disse ele, e queria uma nova existência. Ele estava confiante de que ela sabia o que ele queria dizer. "Suicídio? Não tenho nada pelo que viver e não poderei sobreviver neste mundo depois dessa condenação legal." Mas se ela o amasse tão fortemente quanto ele a amava, ele encontraria uma maneira de sobreviver.

Se ela achava que ele estava louco, por favor, não conte a ninguém, ele implorou. Por favor, aceite suas desculpas. Mas se ela também sentia algo por ele, deveria deixar um bilhete no armário dele... Não. 837, perto da biblioteca.

Ele assinou seu nome. Ele não entregou. Ele alguma vez pretendeu? Ou era só para ele?

Eric, enquanto isso, estava chateado. Ele atacou Brooks Brown por e-mail. "Eu sei que você é um inimigo de Eric", disse. "Eu sei onde você mora e quais carros você dirige."

Psicopatas não tentam enganar a todos. Eles guardam suas performances para pessoas com poder sobre eles ou com algo de que precisam. Se você viu o lado feio de Eric Harris, você não significou nada para ele.

Brooks disse a sua mãe; Judy chamou a polícia. Um deputado redigiu mais um relatório de incidente suspeito e o adicionou à investigação em andamento de Eric. Dizia que os Browns estavam preocupados. Eles solicitaram uma patrulha extra para a noite.

___

O trio acabou. Zack não foi incluído no NBK, e Eric o congelou completamente. Eric foi frio com ele naquele verão, Zack disse - ele nunca descobriu o porquê. As hostilidades abertas eclodiram naquele outono. Dylan se manteve longe disso. Ele ficou perto de Zack, longe de Eric, conversando por telefone todas as noites.

Randy Brown chamou a polícia novamente. Alguém tinha marcado sua garagem com uma arma de paintball. Ele tinha certeza de que era aquele mesmo velho criminoso, Eric Harris. Um deputado entrevistou Randy e redigiu um relatório. "Sem suspeitos - sem pistas", escreveu ele.

"Eric está indo bem", seu novo conselheiro, Bob Kriegshauser, escreveu no arquivo de Eric na época. Eric estava superando as expectativas e cobrindo seus erros. Ele entrou em uma espécie de engarrafamento de procrastinação em suas últimas quatro horas de serviço comunitário. Ele esperou até o último dia, e ele não iria conseguir completar suas quarenta e cinco horas. Então ele falou docemente com o estranho responsável no centro de recreação naquele dia, que ficou impressionado o suficiente para mentir para ele. Até onde Bob Kriegshauser sabia, Eric completou seu serviço no prazo. Eric usou o trabalho para ganhar pontos com um professor naquele outono. Ele se gabava do verão que dedicara à comunidade.

Os meninos continuaram divergindo filosoficamente: Eric dominava o homem e a natureza; Dylan era um escravo do destino. E Dylan teve uma

grande surpresa. Ele não tinha intenção de infligir o massacre de Eric. Ele gostou da brincadeira, mas em particular disse adeus. Ele esperava que sua entrada em 10 de agosto fosse a última. Dylan estava planejando se matar muito antes de NBK.

___

O último ano começou para os assassinos. Eric e Dylan começaram uma aula de produção de vídeo. Foi divertido. Eles têm que fazer filmes. As vinhetas fictícias eram principalmente variações de uma fórmula: caras durões distantes protegendo desajustados de atletas pesados. Eric e Dylan enganaram os valentões, mas pouparam o verdadeiro desprezo por seus clientes. Eles sangraram os perdedores financeiramente, depois os mataram apenas porque podiam. As vítimas mereciam; eles eram inferiores. As linhas da história saíram direto do diário de Eric.

Que oportunidade. Eric estava guiando seu parceiro instável: fantasia para realidade, um passo de cada vez. Dylan comeu. Ele ganhou vida na câmera. Seus olhos se arregalaram. Você podia sentir a verdadeira raiva latente sob sua pele. Os meninos tinham riffs de NBK por meses, mas agora eles estavam interpretando pedaços no filme. Eles eram heróis de celulóide, exibindo suas façanhas para colegas e adultos. Eric adorava isso. Hilário revelar seus planos dessa forma. Ele estava bem aberto, e eles ainda não conseguiam adivinhar. E ele tinha Dylan lá fora com ele.

___

Eric estava devorando literatura: *Macbeth, Rei Lear, Tess dos d'Urbervilles.* Ele nunca se cansava de Nietzsche ou Hobbes. Uma vez por semana, ele escrevia um pequeno ensaio para a aula de inglês sobre uma das histórias ou, às vezes, sobre um tópico aleatório. Esses ensaios chegaram ao Dr. Fuselier semanas depois dos assassinatos. Ele os achou reveladores, principalmente pelo que omitiam.

Em setembro, Eric intitulou um de seus ensaios curtos, "Is Murder or Break the Law Ever Justified?" Sim, ele respondeu - em situações extremas. Ele descreveu manter animais de estimação e humanos como reféns, ameaçando explodir ônibus cheios de pessoas. A ironia de mascarar horríveis fantasias de assassinato em ensaios moralistas o divertia. Um atirador de elite da polícia poderia salvar muitos matando um, argumentou Eric. A lei deve dobrar. Eric fez o mesmo em seu diário, mas deu um passo adiante: os imperativos morais são situacionais, os absolutos são imaginários; portanto, ele poderia matar quem quisesse.

É revelador que Eric assumiu uma questão provocativa e mediu exatamente até onde ele poderia ir com isso. Fuselier não viu confusão moral, claramente nenhuma doença mental - Eric demonstrou sua sanidade por sua capacidade de navegar em um terreno tão complicado. Ele teve a satisfação de nos avisar de outra maneira sem se entregar.

___

Dylan esperava estar morto em breve. Qual era o objetivo da escola? Ele tinha uma agenda leve e ainda estava tirando dois D's. Ele estava dormindo na aula. Ele perdeu o primeiro teste de cálculo e não se deu ao trabalho de

inventar. Essas notas não são aceitáveis, disse Bob Kriegshauser, seu oficial de desvio. Ele poderia pegá-los o mais rápido possível ou fazer sua lição de casa no escritório da Diversion todas as tardes. Kriegshauser ficou emocionado com o progresso de Eric. Eric estava trabalhando em um discurso sobre música estrangeira e memorizando "o poema operístico sombrio de Der Erlkyoethe. Ele fez uma viagem a Boulder para assistir a um jogo de futebol da Universidade do Colorado. Ele estava fazendo um lote de donuts para o Octoberfest e absorvendo tudo que ele podia encontrar sobre os nazistas. Ele se debruçou sobre livros como *O Partido Nazista, Segredos da SS* e *As Origens Ideológicas do Imperialismo Nazista.* Ele citou uma dúzia de livros acadêmicos para seu artigo "A Cultura Nazista". de trabalho: vívido, abrangente e detalhado.

O jornal permitiu que Eric se entregasse à depravação abertamente. Começou pedindo ao leitor que imaginasse um estádio cheio de homens, mulheres e crianças assassinados – não apenas enchendo os assentos, mas empilhados no ar acima dele. Isso ainda representaria apenas uma fração das pessoas exterminadas pelos nazistas, disse ele. Acabaram com seis milhões de judeus, e mais cinco milhões de outros. Onze milhões - agora, havia uma contagem de corpos. Eric fantasiou em cobri-lo.

Ele descreveu oficiais nazistas alinhando prisioneiros e atirando no primeiro homem para ver quantas costelas a bala penetraria. "Uau," seu professor respondeu na margem. "Isso é assustador... Incrível."

Eric fotocopiou um trecho do infame discurso de Heinrich Himmler aos líderes do grupo SS e o guardou em seu quarto. "Se 10.000 mulheres russas desmaiam ou não de exaustão enquanto cavam uma vala de tanque me interessa apenas na medida em que a vala de tanque é concluída para a Alemanha", disse Himmler. "[Os alemães] também adotarão uma atitude decente em relação a esses animais humanos, mas é um crime contra nosso próprio sangue se preocupar com eles e trazer-lhes ideais". Aqui estava alguém que conseguiu! Os nazistas usavam animais humanos para trabalho; Eric só precisava dele para explodir. Quinhentos ou seiscentos desmembramentos devem ser suficientes para uma tarde incrível de TV.

Eric estava se sentindo indisciplinado. Ele começou a usar camisetas com frases em alemão, cobriu seus papéis com suásticas e gritou "Sieg Heil" quando acertou uma greve no Rock'n' Bowl. Para o amigo de Eric, Chris Morris, toda a merda nazista estava se esgotando. Eric estava citando Hitler, falando sobre campos de concentração... chega.

Em outubro, Eric enfrentou um revés. Uma multa por excesso de velocidade. Seus pais eram rígidos, e isso lhe custou caro: fizeram-no pagar a multa, cursar Direção Defensiva, cobrir qualquer aumento nos prêmios do seguro; além disso, ele ficou de castigo por três semanas.

Toda a luxúria nazista aberta estava começando a encurralar Eric. Quatro dias depois de entregar o trabalho, Eric confidenciou ao diário que estava mostrando demais. "Talvez eu precise colocar uma máscara infernal aqui para enganar todos vocês um pouco mais", escreveu ele. vai ser difícil aguentar até abril.

Ele tentou uma nova tática: reformular o que já havia revelado. Ele escreveu um ensaio profundamente pessoal para a aula do governo e o entregou ao Sr. Tonelli - eles o chamavam de T-dog. Eric admitiu que era um criminoso. Ele havia enfrentado o horror da delegacia como um criminoso. Mas ele era um homem mudado. Ele passou quatro horas sob custódia, e foi um pesadelo. Quando o colocaram em um banheiro estilo prisão, ele quebrou. "Eu chorei, me machuquei e me senti um inferno", escreveu ele.

Ele ainda estava tentando reconquistar o respeito de seus pais, disse ele. Esse foi o maior golpe. Graças a Deus ele e Dylan nunca beberam ou usaram drogas. Nas linhas finais, ele fez um movimento psicopático clássico: "Pessoalmente, acho que aquela noite inteira foi punição suficiente para mim", escreveu ele, explicando que isso o forçou a enfrentar um mundo totalmente novo de experiências. "Então, apesar de tudo", concluiu ele, "acho que foi um castigo que valeu a pena, afinal."

T-dog caiu a cada movimento. Que chance ele tinha contra um jovem psicopata inteligente? Poucos professores sequer sabem o significado do termo. Tonelli digitou uma resposta para Eric: "Uau, que maneira de aprender uma lição. Concordo que aquela noite foi punição suficiente para você. Ainda assim, estou orgulhoso de você e da maneira como você reagiu... Você realmente aprendeu com isso e mudou a maneira como você pensa... Eu confiaria em você em um piscar de olhos. Obrigado por me deixar ler isso e por estar na minha classe."

Fuselier comparou as datas das confissões públicas e privadas: apenas dois dias entre elas. Foi notável a frequência com que Eric abordou as mesmas ideias em ambos os locais e com que astúcia ele obscureceu sua verdadeira intenção.

Meses depois do ataque, depois de um briefing sobre os assassinos, Tonelli foi ver Fuselier.

"Eu tenho que falar com você", disse ele. Fuselier sentou-se com ele. Tonelli estava atormentado pela culpa. "O que eu perdi aqui?" ele perguntou.

Nada, disse Fuselier. Eric foi convincente. Ele disse exatamente o que você queria ouvir. Ele não se fez de inocente; ele confessou a culpa e implorou por perdão. Os civis sempre acreditam em um bom psicopata.

Eric se gabou de suas performances novamente em seu diário, e então deu uma guinada: "caramba, eu teria sido um grande fuzileiro naval, isso teria me dado uma razão para ser bom". Isso era incomum para Eric. Ele geralmente se deleitava com sua "má" escolha, mas por um momento ele brincou com a outra estrada: "e eu também nunca beberia e dirigiria", acrescentou. "Será estranho quando realmente entrarmos em fúria."

O Dr. Fuselier leu a passagem com uma leve surpresa. Mesmo psicopatas extremos mostram lampejos de empatia de vez em quando. Eric era extremo, mas não absoluto. Este era o mais próximo que ele chegaria de trair reservas, e era um passo lógico. O plano estava se tornando real agora. Eric finalmente tinha os meios para matar. Ele sentiu o poder; ele tinha que tomar uma decisão – manter a fantasia ou torná-la real?

A reflexão de Eric durou duas linhas. As frases correm juntas como se ele estivesse escrevendo rapidamente, e a próxima previa um ataque maciço. Um cartucho de munição jumbo seria ótimo: "pense, 100 rodadas sem recarregar, diabos sim!"

43. Quem é o dono da tragédia

T aqui é uma casa, fora de Laramie. É uma cidade acidentada de Wyoming à margem das Montanhas Rochosas. Era onde Dave e Linda Sanders iriam se aposentar. Uma pacata cidade universitária, Laramie pode parecer desolada para a maioria dos olhos, mas está repleta de energia jovem e é a capital intelectual do estado. O Ford Escort de Dave podia levá-los até lá em menos de três horas, e eles faziam várias viagens por ano.

Eles estavam se aproximando disso agora - daqui a dois anos, talvez três. Eles estavam ansiosos por isso. Eles chamavam isso de aposentadoria, mas era a versão de um viciado em trabalho: fora de uma carreira, para a próxima. Dave subiria para um cargo universitário; Linda estava de olho em uma loja de antiguidades. Depois de vinte e cinco anos em Columbine, Dave se qualificou para sua pensão de professor. Era apenas uma questão de abertura. A Universidade de Wyoming era uma boa aposta: ele vinha sendo olheiro para eles há anos e treinando o acampamento de verão, e era grande amigo do treinador de basquete.

Eles viam seu lar de idosos deslizar da estrada toda vez que se aproximavam da cidade. Era uma casa de fazenda cinza com um amplo alpendre em toda a volta. Eles adicionariam cadeiras de balanço e um balanço na varanda para os netos.

Linda Sanders pensou muito naquela casa em Laramie depois que Dave morreu. Ela pensou em como sua luta era diferente de todas as outras vítimas. Toda a atenção estava voltada para os alunos e seus pais.

___

Kathy Ireland queria salvar seu filho. Agora ela queria pôr as mãos nas crianças que fizeram isso com ele. Ela olhou nos olhos de Patrick. Sereno. Como a dela, antes que esse horror acontecesse. Kathy havia soprado tranquilidade em sua família, mas precisou de todo o seu esforço para manter a calma perto de Patrick.

Kathy ficou ao lado da cama de Patrick e perguntou se ele entendia quem tinha feito isso com ele.

Não importava, disse ele. Eles estavam confusos. Apenas perdoe-os. Por favor, perdoe-os.

"Isso me tirou o fôlego", disse Kathy mais tarde. A princípio, ela assumiu que Patrick estava confuso. Ele não era. Ele tinha muito trabalho a fazer. Ele ia andar de novo e falar de novo, como uma pessoa normal. E ele insistiu que ainda seria o orador oficial. A raiva o consumiria por dentro. Ele não podia pagar isso.

Tudo bem, disse Kathy. Ela estava rezando incessantemente para que Patrick passasse por isso com uma sensação de felicidade – que com o tempo ele encontrasse uma maneira de deixar isso para lá. Isso, ela não esperava. Ela temia que fosse mais do que poderia fazer, mas tentaria perdoar também. Levaria anos para deixá-la ir, e ela nunca se livrou completamente da raiva, mas continuou olhando para Patrick mostrando o caminho.

___

Patrick Ireland estava lutando. Seus dias no Craig Hospital naquele primeiro verão foram exaustivos. Terapia da fala, terapia muscular, testes, estímulos, cutucadas e os esforços intermináveis apenas para se comunicar. Recuperar a palavra certa muitas vezes o iludiu. À noite, Patrick deitava em silêncio em seu quarto, relaxando antes de dormir. John ou Kathy ficariam com ele. Eles se revezavam todas as noites; um deles dormia em uma cadeira dobrável ao lado de sua cama. Apenas no caso de.

Eles apagavam as luzes por volta das onze ou doze e ficavam sentados no escuro com ele, quietos no início; então ele começaria a fazer perguntas. Ele precisava saber tudo. O que exatamente aconteceu na biblioteca? Como ele respondeu? O que ia acontecer agora? Patrick queria saber sobre as outras vítimas também, e os assassinos às vezes – o que poderia fazer com que eles fizessem algo assim?

"Certamente houve momentos em que eu estava bravo", disse Patrick mais tarde. "Mas eu acho que muitos deles foram mais para perceber o que foi tirado de mim, ao invés do que realmente aconteceu. Minha vida seria completamente mudada." Patrick tentou não ficar bravo na quadra de basquete. Cometa um erro, escove-o. "Mantenha seu olho na bola", ele podia ouvir seu pai dizer. Patrick se concentrou no presente.

Seu discurso estava retornando lentamente. A memória de curto prazo era uma luta. Havia exercícios para tudo. Um terapeuta recitaria uma lista de vinte coisas e teria que repeti-las na mesma ordem. Foi difícil.

Patrick derramou sua raiva contra os assassinos cedo, mas sua condição pode ser irritante. Explosões são típicas com ferimentos na cabeça. Raiva e frustração geralmente duram vários meses. O período azul, eles chamam. Seus terapeutas estavam acompanhando isso também. Quando Patrick sacudisse o punho para eles, eles anotariam em seu prontuário.

___

Patrick ficou no Craig Hospital por nove semanas e meia. Ele saiu em 2 de julho, usando uma muleta no antebraço para se sustentar. Ele usava uma cinta plástica na perna direita. Seus médicos o mandaram para casa com uma cadeira de rodas para quando ele precisasse percorrer longas distâncias. Uma faixa assinada por amigos o recebeu de volta.

O verão passou rápido. Patrick não estava pronto para a escola começar. Ele já estava lotado: terapia ocupacional, física, fonoaudiológica e neuropsicologia. Foram dias exaustivos. Mas ele estava andando com mais firmeza. Sua fala era bastante inteligível, e as longas pausas enquanto ele procurava as palavras ficaram mais breves. Uma frase pode ser interrompida apenas uma vez agora, ou às vezes não. O período azul passou.

Enquanto continuava trabalhando, Patrick pensava mais no lago. Ele sabia que não poderia entrar na água. Ele podia ouvir o zumbido do barco, sentir o cheiro da água batendo no píer. Eventualmente, Patrick convenceu seu pai a levá-lo para assistir sua irmã fazer alguns treinos. Ele adorava esqui aquático. João deu partida no barco. Enquanto o motor engasgava,

Patrick sentiu o cheiro da fumaça, fechou os olhos e estava lá fora andando na superfície novamente. Sentou-se no cais revivendo tudo. Então ele começou a chorar. Ele sacudiu violentamente. Ele jurou. John correu para confortá-lo. Ele estava inconsolável. Ele não estava zangado com seus pais ou consigo mesmo ou Eric ou Dylan – ele estava apenas zangado. Ele queria sua vida de volta. Ele nunca iria conseguir. John assegurou-lhe que eles passariam por isso. Então ele segurou Patrick e o deixou chorar.

___

Quatro meses depois que a fita policial foi lançada, Columbine estava programada para reabrir. 16 de agosto era a data prevista. A atmosfera naquela manhã significaria tudo. Se os alunos chegassem em casa sentindo que tinham feito uma pausa limpa durante o verão e seguido em frente, então eles teriam feito isso. Os primeiros minutos daquela manhã dariam o tom do ano inteiro. Os administradores reuniram estudantes, professores, vítimas e outras partes interessadas e fizeram um brainstorming durante todo o verão. Eles consultaram psicólogos e antropólogos culturais e especialistas em luto e criaram um ritual elaborado. Seria chamado Take Back the School.

Para que a cerimônia tivesse impacto, eles precisavam de um adversário para superar. E quanto mais tangível e odioso for o adversário, melhor. Foi uma escolha fácil: a mídia. O *Denver Post* e o *Rocky Mountain News* ainda publicavam matérias sobre Columbine todos os dias — várias por dia. À medida que o semestre de outono se aproximava, a cobertura disparou: dez matérias por dia entre os dois jornais. E as redes nacionais voltaram. *Como você está se sentindo?* todos constantemente queriam saber. Os alunos começaram a usar camisetas para me morder, e alguns membros do corpo docente também.

A mídia havia tornado suas vidas um inferno. E os repórteres podiam ser contados para aparecer em números recordes. A manifestação incluiria discursos e aplausos e música rock e um corte de fita, mas o cerne do evento foi uma repreensão pública da mídia e uma cerimónia de recuperação da escola - deles. Milhares de pais e vizinhos seriam recrutados para formar um escudo humano para repreender a imprensa. O escudo funcionaria simbolicamente e praticamente. Isso impediria os repórteres de realizar seu trabalho desprezível. Eles literalmente não seriam capazes de ver o que estava acontecendo. O comício poderia facilmente ter sido planejado para dentro – praticamente todos os comícios escolares foram. Este evento seria realizado do lado de fora especificamente para colocá-lo na mídia. Nenhuma porta, fechadura ou parede impediria a entrada da mídia; eles seriam bloqueados por um muro humano de vergonha. E a escola os desafiaria a tentar atravessá-la.

___

Os repórteres foram mantidos no escuro sobre a agenda até sete dias antes do comício. Em 9 de agosto, a escola convocou uma Cúpula de Diretrizes de Mídia. Quarenta organizações de notícias compareceram, locais e nacionais. O convite estava repleto de frases conciliatórias como "trocar ideias" e

"equilibrar os interesses". O distrito alinhou um grupo de especialistas em trauma. Um professor descreveu o luto: essas crianças ainda estavam nos estágios iniciais e muitas sofriam de TEPT. A repetição mental do trauma os prendeu ali. As emissoras de TV continuavam reciclando as mesmas imagens de estoque: equipes da SWAT, vítimas ensanguentadas, sobreviventes abraçados, crianças correndo com as mãos na cabeça.

Os repórteres não gostaram de onde isso estava indo. Então, o advogado da vítima, Robin Finegan, apresentou a ideia maior: as crianças sentiam como se suas identidades tivessem sido roubadas. "Columbine" era o nome de uma tragédia agora. Sua escola era um símbolo de assassinato em massa. Eles tinham sido escalados como valentões ou pirralhos esnobes. "Chega um ponto em que as vítimas precisam ser donas de sua tragédia", disse Finegan. Até agora, a mídia era dona da tragédia de Columbine. Isso estava prestes a mudar, disse o distrito - ou boa sorte para conseguir suas preciosas histórias de "Retornos de Columbine". Os administradores delinearam a essência da cerimônia.

"Para que serve a corrente humana?" perguntou um repórter.

"Para proteger os estudantes de vocês", disse o porta-voz do distrito, Rick Kaufman.

A maioria das mídias seria excluída. Uma pequena piscina seria escoltada. Os repórteres ficaram incrédulos. Um repórter impresso? A Casa Branca não limitou tanto seu conjunto. Repórteres dos grandes jornais nacionais amontoados no fundo da sala, discutindo opções para "advogar".

O distrito não recuaria, disse Kaufman. Na verdade, a piscina viria apenas com grandes concessões: sem helicópteros, sem fotógrafos nos telhados e sem violação dos terrenos da escola. "Se não conseguirmos um acordo, então não há pool", disse ele.

Experimente, os repórteres ameaçaram; vai sair pela culatra. "Desde que os pais entendam que dizer não a tudo, novamente será uma situação em que sairemos das rochas e outras coisas para obter som e imagens", disse um executivo de TV. "E eu me pergunto se os pais realmente entendem, se eles pensam que nos controlam apenas dizendo não, eles realmente não estão; eles estão nos forçando a ir em outras direções."

Kaufman disse que estava de costas para a parede. Pais raivosos se opuseram a qualquer piscina. "Pais e professores, eles realmente bateram na parede com vocês. Eles estão dizendo: 'Nós terminamos! Já chega.'"

Mais tarde naquela semana, um compromisso foi alcançado. A piscina foi ligeiramente expandida e um "bullpen" foi adicionado dentro do escudo, onde os alunos interessados poderiam abordar repórteres isolados. A imprensa concordou com todas as exigências anteriores e duas novas: nenhuma criança seria abordada no caminho para a escola naquela manhã e nenhuma fotografia de nenhum dos sobreviventes feridos seria usada. As crianças finalmente sentiram uma sensação de vitória.

___

O Sr. D estava animado com o rali. Mas ele também estava preocupado com as novas crianças. Era coisa de diretor - os calouros que chegavam sempre

comandavam seus pensamentos nesta época do ano. As crianças assimilavam rapidamente ou passavam quatro anos lutando para se adaptar. As duas primeiras semanas foram cruciais.

O Sr. D escolheu combater o abismo destacando-o. Ele se reuniu com as equipes acadêmicas e esportivas e com o senado estudantil durante o verão, e deu a cada criança e a cada professor a mesma missão: *essas crianças nunca vão entender você. Eles nunca suportarão sua dor, nunca preencherão a lacuna entre as classes sociais que você fez. Então ajude-os.*

Em geral, eles foram para ele. As crianças achavam que estavam sobrecarregadas por sua própria luta, mas o que realmente precisavam era de alguém para cuidar. Eles tiveram que aliviar um tipo diferente de dor para compreender como curar a sua própria.

A equipe do Sr. D elaborou uma série de atividades para lubrificar a transição. O projeto de azulejos de parede parecia fácil. Por três anos, as crianças pintavam azulejos de cerâmica de quatro polegadas na aula de arte. Quinhentos foram colocados acima dos armários para iluminar os corredores de Columbine. Quinhentos novos azulejos seriam adicionados antes do reinício das aulas, representando a mudança mais notável no interior. Por uma manhã, as crianças podiam expressar sua dor, esperança ou desejos visual e abstratamente, sem a intervenção de palavras que não viriam.

___

Brian Fuselier não queria seus pais no escudo humano. "Quanto mais você faz isso, mais você o torna antinatural", disse ele ao pai. Brian estava bem com o trauma; ele só queria sua vida de volta, e sua escola de volta, do jeito que tinha sido.

"Isso simplesmente não vai acontecer", disse seu pai.

O agente Fuselier tirou segunda-feira de folga da investigação para se juntar à cadeia. Mimi estava ao lado dele. Às sete da manhã , as crianças estavam chegando com seus pais. Às 7h30, o escudo estava com quinhentos soldados. Ficaria muito maior. Os pais aplaudiram a chegada de cada aluno.

A maioria das crianças usava camisetas brancas combinando com seu grito de guerra: NÓS SOMOS na frente e COLUMBINE nas costas. Pequenos contingentes optaram por suas próprias mensagens: SIM, CREIO EM DEUS OU VENCEDORES, NÃO VÍTIMAS.

Frank DeAngelis pegou o microfone e um grupo de crianças gritou: "Nós te amamos, Sr. D!"

Ele chorou com as boas-vindas, então fez um discurso comovente. "Você pode estar se sentindo um pouco ansioso", disse ele. "Mas você precisa saber que você não está nisso sozinho."

As bandeiras americanas da escola foram hasteadas a meio mastro pela primeira vez desde 20 de abril, encerrando simbolicamente o período de luto. Uma fita na entrada foi cortada e Patrick Ireland liderou o corpo discente.

44. Bombas são difíceis

Eric estava contando com uma recuperação lenta. Ele estava menos preocupado em matar centenas de pessoas em 20 de abril do que em atormentar milhões por anos. Seu público era o alvo. Ele queria que todos agonizassem: o corpo discente, os moradores de Jeffco, o público americano, a raça humana.

Eric se divertiu com a ideia de voltar como um fantasma para assombrar os sobreviventes. Ele faria barulhos para desencadear flashbacks e deixá-los todos loucos. A antecipação saciou Eric por meses. Então era hora de agir.

No último ano, pouco antes do Halloween, ele começou a montar seu arsenal. Eric sentou-se em seu quarto com uma pilha de fogos de artifício, dividiu cada um ao lado e bateu o pó preto brilhante em uma lata de café. Uma vez que ele tinha um volume suficiente, ele inclinou a lata e guiou um pequeno fio fino em um cartucho de dióxido de carbono. Ele mediu cuidadosamente, quase até a borda. Então ele aplicou um pavio, selou-o e o colocou de lado. Um grilo, pronto para detonar. Ele estava satisfeito com seu trabalho. Ele reuniu mais nove.

As bombas de cano exigiam muito mais pólvora, bem como um cano de PVC para abrigar cada uma. Eric reuniu quatro desses naquele dia. Os três primeiros ele designou o lote Alpha. Não é ruim, mas ele poderia fazer melhor. Ele os colocou de lado e tentou uma abordagem diferente. Ele construiu apenas uma bomba para o lote Beta. Melhor. Ainda há espaço para melhorias. Isso foi o suficiente para um dia.

Eric elaborou um gráfico para registrar seus dados de produção. Ele configurou colunas para registrar cada lote por nome, tamanho, quantidade, conteúdo de estilhaços e carga de energia. Em seguida, ele avaliou seu trabalho. Seis de seus oito lotes ganhariam uma avaliação "excelente". Seu pior desempenho foi "OK"

No dia seguinte, Eric voltou ao assunto, produzindo mais seis bombas caseiras – o resto do lote Beta. Mais tarde, ele criaria Charlie, Delta, Echo e Foxtrot, usando linguagem militar para todos os lotes, exceto que os soldados usam *Bravo,* não *Beta* .

Eric escreveu quase uma dúzia de novas entradas de diário nos próximos dois meses. "Tenho o objetivo de destruir o máximo possível", escreveu ele, "então não devo ser desviado por meus sentimentos de simpatia, misericórdia ou nada disso".

Era uma marca da crueldade de Eric que ele compreendeu a dor e conscientemente lutou contra o desejo de poupá-la. “Vou me forçar a acreditar que todo mundo é apenas mais um monstro de Doom”, escreveu ele. "Eu tenho que desligar meus sentimentos."

Tenha uma coisa em mente, ele disse: ele queria queimar o mundo. Isso seria difícil. Ele havia começado a produzir os explosivos, e era muito trabalho. Dez bombas caseiras e dez grilos insignificantes depois de dois dias de esforço. Esses não destruiriam muito. "Deus, eu quero incendiar e

destruir tudo nesta porra de área", disse ele, "mas bombas desse tamanho são difíceis de fazer."

Eric levou alguns momentos para desfrutar do sonho. Ele imaginou metade de Denver em chamas: fluxos de napalm comendo a pele de arranha-céus, tanques de gás explosivos rasgando garagens residenciais. As receitas de Napalm estavam disponíveis online. Os ingredientes eram facilmente alcançáveis. Mas ele tinha que ser realista. "Será muito complicado pegar todos os nossos suprimentos, explosivos, armamento, munição, esconder tudo e plantar tudo", disse ele. Muita coisa poderia dar errado nos próximos seis meses, e se eles fossem pegos, "nós começamos a matar ali mesmo. Eu não vou sair sem lutar".

Eric repetiu essa última linha quase literalmente em um ensaio em inglês. A tarefa era reagir a uma citação da literatura, e Eric escolheu esta linha da tragédia de Eurípides *Medea:* "Não, como uma fera de olhos amarelos que matou seus caçadores, deixe-me deitar nos corpos dos cães e nas lanças quebradas ." Medeia estava declarando que morreria lutando, escreveu Eric. Eles nunca a levariam sem luta. Ele repetiu esse sentimento sete vezes em uma página e um quarto. Ele descreveu Medeia como corajosa e corajosa, dura e forte e dura como pedra. É um dos ensaios públicos mais apaixonados que Eric deixou para trás.

Durante anos após sua morte, Eric seria visto como um feixe de contradições. Mas os fios se juntam em "Eu não vou sair sem lutar". Eric sonhava grande, mas se contentava com a realidade. Infelizmente, essa passagem permaneceu escondida do público por anos. Citações dispersas de seus escritos vazariam e, vistas como fragmentos, poderiam parecer contraditórias. Eric estava planejando um tiroteio ou um acidente de avião ou um ataque terrorista maior que o de Oklahoma City? Se ele estava tão empenhado em assassinato em massa, por que ele matou apenas treze? Tentar entender Eric a partir das informações disponíveis era como ler cada quinta página de um romance e concluir que nada daquilo fazia sentido.

O Dr. Fuselier teve a vantagem de ler o diário de Eric do início ao fim. Sem os buracos, o impulso era óbvio: humanos não significavam nada; Eric era superior e determinado a provar isso. Ver-nos sofrer seria agradável. Toda semana ele criava novos cenários coloridos: colidir com aviões em prédios, incendiar blocos de arranha-céus, ejetar pessoas no espaço sideral. Mas o objetivo nunca vacilou: matar tantos quanto possível, tão dramaticamente quanto imaginável.

Em um mundo perfeito, Eric extinguiria a espécie. Eric era um garoto prático, no entanto. O planeta estava além dele; até mesmo um quarteirão de arranha-céus de Denver estava fora de alcance. Mas ele poderia tirar uma escola secundária.

___

Uma escola secundária era pragmática, mas a escolha não era arbitrária. Se atletas tivessem sido seu alvo, ele não teria apenas ido para a academia. Ele poderia ter matado os poucos milhares lotando as arquibancadas em um

jogo de futebol em Columbine. Se ele estivesse atrás das elites sociais, ele poderia ter saído do baile apenas três dias antes. Eric atacou o símbolo de sua opressão: a fábrica de robôs e o centro da existência adolescente.

Para Eric, Columbine foi uma performance. Arte homicida. Na verdade, ele se referiu ao seu público em seu diário: "a maioria do público nem mesmo entende meus motivos", reclamou. Ele roteirizou Columbine como um assassinato feito para a TV, e sua principal preocupação era que seríamos estúpidos demais para entender o ponto. O medo era a arma definitiva de Eric. Ele queria maximizar o terror. Ele não queria que as crianças tivessem medo de eventos isolados como um evento esportivo ou um baile; ele queria que eles temessem suas vidas diárias. Funcionou. Pais de todo o país tinham medo de mandar seus filhos para a escola.

Eric não tinha a agenda política de um terrorista, mas havia adotado táticas terroristas. O professor de sociologia Mark Juergensmeyer identificou a característica central do terrorismo como "violência performática". Os terroristas planejam eventos "para serem espetaculares em sua maldade e impressionantes em seu poder destrutivo. Tais instâncias de violência exagerada são eventos construídos: são um teatro entorpecente e hipnotizante".

O público - para Timothy McVeigh, Eric Harris ou a Organização para a Libertação da Palestina - estava sempre a quilômetros de distância, assistindo pela TV. Os terroristas raramente se contentam em atirar; que limita os danos aos indivíduos. Eles preferem explodir coisas – prédios, geralmente, e os espertos escolhem com cuidado.

“Durante aquele breve momento dramático em que um ato terrorista derruba um prédio ou danifica alguma entidade que uma sociedade considera central para sua existência, os perpetradores do ato afirmam que eles – e não o governo secular – têm o controle final sobre essa entidade. e sua centralidade", escreveu Juergensmeyer. Ele ressaltou que no mesmo dia do primeiro ataque ao World Trade Center, em 1993, um ataque mais mortal foi feito contra uma cafeteria no Cairo. Os ataques foram supostamente coordenados pelo mesmo grupo. A contagem de corpos foi pior no Egito, mas a explosão mal foi relatada fora daquele país. "Um café não é o World Trade Center", explicou.

A maioria dos terroristas tem como alvo símbolos do sistema que eles abominam – geralmente, edifícios governamentais icônicos. Eric seguiu a mesma lógica. Ele entendeu que a pedra angular de seu plano eram os explosivos. Quando todas as suas bombas fracassaram, tudo sobre seu ataque foi mal interpretado. Ele não apenas falhou em superar o recorde de Timothy McVeigh – ele nem foi reconhecido por tentar. Ele nunca foi categorizado com seu grupo de pares. Nós o colocamos no meio dos solitários patéticos que atiravam nas pessoas.

___

Eric calculou mal novamente. Era sobre beber desta vez. Ele e Dylan convenceram a mãe de um amigo a comprar muita bebida. Ela aceitou pedidos. Eric pediu tequila e Baileys Irish Cream. Dylan pediu vodka, é

claro. Havia também cerveja, uísque, schnapps e uísque. O grupo teve um pouco de boozefest naquele fim de semana. Eric fugiu com as sobras e as guardou no compartimento de pneus de seu carro. Ele estava bastante orgulhoso de si mesmo. Ele tinha toda a bebida que precisava por um longo tempo. Ele comprou um frasco e encheu-o com uísque suave e potente. Eric não gostava de álcool, mas adorava a ideia. Ele tomou apenas três goles no mês em que possuía o frasco, mas podia beber uísque sempre que quisesse - quão legal era isso? Ele ficou um pouco arrogante e se gabou para um amigo. O idiota o delatou para o pai de Eric.

Houve uma briga infernal na casa dos Harris naquela noite. Wayne estava lívido. *Quando você vai entrar na pista? O que você vai fazer da sua vida?*

Eric teceu um novo lote de mentiras. Ele vinha mantendo suas notas apenas para manter sua história de capa, preparando o cenário para uma nova rodada de besteiras. Cara, ele estava bem naquela noite. Ele até citou falas de seus filmes favoritos e os entregou como se estivesse totalmente no momento. "Eu deveria ter ganhado um maldito Oscar", escreveu ele em seu diário.

Apesar da briga, Eric convenceu seu oficial de desvio de que tudo estava ótimo com seus pais. Kriegshauser observou a vida familiar feliz em suas anotações para cada sessão daquele período. Eric tinha um instinto para quando a verdade aplacaria um adulto, o quanto revelar e para quem. Quando ele participou da aula de gerenciamento de raiva para Diversion, ele escreveu o papel de resposta exigido, obedientemente chupando sobre como isso era útil. Pessoalmente, ele sentiu que Bob Kriegshauser responderia a uma abordagem diferente. Eric admitiu que a aula foi uma perda de tempo. Bob estava orgulhoso dele por ser honesto. Em suas notas de sessão, ele elogiou a honestidade de Eric.

Dr. Fuselier achou o artigo de Eric interessante por outro motivo. Eric realmente tinha aprendido algo com a sessão. Ele listou os quatro estágios da raiva e vários gatilhos: respiração rápida, visão de túnel, músculos tensos e dentes cerrados. Os gatilhos serviram como sinais de alerta ou sintomas de raiva, escreveu Eric. Exatamente o tipo de informação que ele poderia usar. Eric era um prodígio em mascarar suas verdadeiras emoções e simular o efeito desejado, mas o prodígio estava longe de ser um profissional. Esclarecer pequenos brindes onde um especialista pode ver através de seu ato – esse tipo de dado foi inestimável. Eric se descrevia como uma esponja, e imitar um comportamento agradável era sua habilidade número um.

___

As notas de Eric subiram e seus professores ficaram felizes. Ele terminaria o semestre de outono com comentários brilhantes em seu boletim sobre uma atitude positiva e cooperação. Dylan ainda estava afundando. Em 3 de novembro, ele trouxe a Kriegshauser outro relatório de progresso. Cálculo não era melhor, e agora ele tinha um D em ginástica também. Foi apenas atraso, ele explicou.

Você chegará a tempo, ou seja, nem um minuto atrasado, exigiu Kriegshauser. É melhor que seja uma nota de aprovação na próxima sessão.

Na sessão seguinte, a nota caiu para um F. Kriegshauser confrontou Dylan sobre a situação, e Dylan tentou se esquivar. Havia um padrão, disse Kriegshauser. Dylan nem estava tentando. Os comentários de seu professor de cálculo mostraram uma atitude ruim. Ele não estava fazendo uso de seu tempo de aula de forma eficaz. O que estava acontecendo lá? Dylan disse que estava lendo um livro na aula. Kriegshauser ficou incrédulo. Dylan não falava muito bem. Ouça a si mesmo, Kriegshauser disse a ele. Pense no que você está dizendo. Você está minimizando tudo. Você está cheio de desculpas. Parece que você pensa que é a vítima.

Kriegshauser disse que haveria consequências se os esforços de Dylan não mudassem. Isso pode incluir rescisão. A rescisão se traduziria em várias condenações criminais. Dylan poderia se encontrar na prisão.

___

Eric fabricou mais três bombas caseiras: o lote Charlie. Então ele interrompeu a produção até dezembro. O que ele precisava era de armas. E isso estava se tornando um problema.

Eric estava investigando o Brady Bill. O Congresso havia aprovado a lei restringindo a compra das metralhadoras semiautomáticas mais populares em 1993. Um sistema federal de verificação instantânea de antecedentes logo entraria em vigor. Eric ia ter dificuldade em contornar isso.

"Foda-se Brady!" Eric escreveu em seu diário. Tudo o que ele queria era um par de armas - "e graças à porra da sua conta eu provavelmente não vou conseguir nenhuma!" Ele os queria apenas para proteção pessoal, ele brincou: "Não é como se eu fosse algum psicopata que iria atirar.

Eric frequentemente fazia sua pesquisa fazer dupla função tanto para o trabalho escolar quanto para seu plano mestre. Ele escreveu um pequeno trabalho de pesquisa sobre o Brady Bill naquela semana. Era uma boa ideia em teoria, disse ele, tirando as brechas. O maior problema era que os cheques se aplicavam apenas a revendedores licenciados, não a revendedores privados. Então, dois terços dos revendedores licenciados acabaram de fechar o capital. "O FBI acabou de dar um tiro no próprio pé", concluiu.

Eric era racional sobre seu poder de fogo. "Até esta data, tenho explosivos suficientes para matar cerca de 100 pessoas", escreveu. Com machados, baionetas e lâminas variadas, talvez pudesse matar mais dez. Isso era o máximo que o combate corpo a corpo o levaria. Cento e dez pessoas. "isso simplesmente não é suficiente!"

"Armas!" a entrada concluída. "Eu preciso de armas! Dê-me algumas armas de fogo!"

45. Repercussões

Os marcos eram difíceis. Primeiro dia de aula, primeira nevasca, primeiro Natal, primeiro qualquer coisa. Todas as lembranças feias, todos os sentimentos de desamparo voltaram à superfície.

O aniversário de seis meses foi enervante. O vídeo de vigilância dos assassinos perambulando pelo refeitório acabara de vazar para a CBS. A rede liderou sua transmissão nacional de notícias com a primeira filmagem dentro do prédio durante o ataque. Eric e Dylan passearam brandindo suas armas. Eles pegaram xícaras abandonadas das mesas e casualmente tomaram alguns goles. Eles atiraram nas grandes bombas, e crianças aterrorizadas fugiram.

"Uma coisa é ouvir ou ler sobre isso, e outra coisa é ver", disse a mãe de Sean Graves. Ela chorou enquanto assistia. Ela se obrigou a passar por isso - ela precisava saber. Ela estava chegando a um acordo com a inevitabilidade. "Eu gostaria que não tivesse saído", disse ela. "Mas eu sabia que ia sair. Era apenas uma questão de tempo."

Seu filho deu um passe. Sean fez o dever de casa na outra sala.

Sean ficou semiparalisado - uma das crianças gravemente feridas. Todos estavam observando seu progresso. Anne Marie Hochhalter estava lutando. Ela foi para a escola para a aula de física, e um tutor lhe ensinou o resto em casa. Sua família tinha acabado de se mudar para uma nova casa, equipada por voluntários para acomodar sua cadeira de rodas. Anne Marie estava lutando para voltar a andar. Poucos dias antes do aniversário de seis meses, ela finalmente moveu as pernas - uma de cada vez, de sete a dez centímetros de altura. Foi "uma conquista tremenda, tremenda", disse seu pai, Ted. Mas a dor ainda era insuportável.

O nervosismo do aniversário de seis meses tornou tudo mais difícil. Os rumores eram desenfreados: *Eric e Dylan não poderiam ter feito isso sozinhos. O TCM ainda está ativo - eles podem atacar novamente a qualquer momento.*

20 de outubro, a marca de seis meses, parecia o momento perfeito. Em 18 de outubro, um novo boato veio à tona: um amigo de Eric e Dylan que havia trabalhado em seus vídeos escolares disse a alguém que ele iria "terminar o trabalho".

No dia seguinte, a polícia invadiu sua casa, vasculhou o local e o prendeu. Seus pais cooperaram. Ele foi acusado de um crime e mantido em uma fiança de US $ 500.000. Ele foi colocado em vigilância suicida. Ele tinha dezessete.

O garoto fez uma breve aparição no tribunal de menores na quarta-feira, com algemas nas pernas e um uniforme verde da prisão. Ele enfrentou o Magistrado John DeVita, o mesmo homem que sentenciou Eric e Dylan um ano e meio antes. Como o suspeito era menor de idade, seu nome foi omitido e o registro lacrado. Mas DeVita confirmou que a polícia encontrou um diário incriminador. "Essa foi a base para a alegação", disse ele. Um diagrama da escola também foi recuperado, mas não há sinais de atividade para realizar qualquer coisa. No diário de doze páginas, o menino lamentou

seu fracasso em ajudar Eric e Dylan com seus problemas. Ele pensou em suicídio. Ele escreveu sobre isso. Ele falou sobre isso quando vieram prendê-lo.

Naquele mesmo dia, o aniversário de seis meses, 450 crianças ficaram doentes. Por que pisar naquela escola mortal? Mais saiu o dia todo. Ao fechar o sino, metade do corpo discente havia desaparecido. Três das crianças gravemente feridas, Richard Castaldo, Anne Marie Hochhalter e Patrick Ireland, resistiram. Sean Graves ficou em casa e assou biscoitos de chocolate com os amigos. "Eu não queria arriscar", disse ele.

Quinta-feira, 14 por cento ainda estavam fora. A taxa normal de absenteísmo foi de 5%.

A tensão diminuiu. Na sexta-feira, o atendimento voltou ao normal. Anne Marie Hochhalter e seu pai foram à Leawood Elementary naquela manhã para agradecer aos arrecadadores de fundos e aceitar doações levantadas em seu nome. Por volta das dez da manhã , a mãe de Anne Marie entrou em uma loja de penhores Alpha ao sul de Denver. Ela pediu para ver uma arma. O funcionário ofereceu várias opções; ela olhou para eles através da caixa de vidro. Ela escolheu um revólver calibre .38. *Aquele.* Enquanto ele começava a verificação de antecedentes, ela virou as costas para o balcão e carregou. Ela trouxe a munição com ela. Primeiro ela atirou na parede. O segundo tiro entrou pela têmpora direita.

Os paramédicos levaram Carla June para o Centro Médico Sueco, o mesmo hospital que tratou Anne Marie. Carla June morreu alguns minutos depois. Um conselheiro que havia trabalhado com a família veio até a casa para notificar a família. Anne Marie atendeu a porta e o conselheiro pediu para falar com Ted. "Comecei a respirar muito rápido", disse Anne Marie mais tarde. "Eu apenas tive uma sensação sinistra."

"Eu odeio ser o portador de más notícias", disse o conselheiro. "Carla está morta."

Ted Hochhalter se encolheu.

"Não!" disse Ana Maria. "Não não não!" Seu pai parou e a abraçou. Ele levou alguns minutos para se recompor, e o conselheiro explicou como tinha acontecido.

"Acabamos de quebrar de novo", disse Anne Marie. "O olhar no rosto do meu pai ficará gravado na minha memória para sempre. Era apenas um olhar de tristeza e horror."

___

A linha direta de saúde mental de Columbine foi inundada com ligações no sábado. Várias mensagens perturbadas foram exibidas na máquina quando os conselheiros chegaram. Eles adicionaram um turno extra de fim de semana. "Foi uma semana difícil", disse um funcionário da Jeffco. "Eles estão tristes e deprimidos e querem conversar."

Os pais viram seus filhos gaguejando à beira do abismo por meses. Especialmente este mês. Outros pais não tinham ideia do que seus filhos estavam pensando. Eles estavam ficando tão desesperados também? A

escolha de Carla pareceria uma saída? Algumas crianças lutavam contra os mesmos pensamentos sobre seus pais.

"Eu simplesmente não aguento", disse Steve Cohn à Associated Press. "Eu não posso acreditar que alguém se matou por causa desses idiotas."

O filho de Steve, Aaron, saiu ileso da biblioteca fisicamente, mas o estresse estava separando a família. "Eu dirijo pela escola e estou olhando atrás de cada árvore", disse Steve. "Eu me sinto como um policial. Eu quero evitar isso antes que aconteça novamente."

Steve e seu filho tinham ido para aconselhamento, mas isso foi inútil enquanto Aaron estava desligado. "Até que ele se abra, não há nada que possamos fazer", disse seu pai.

Connie Michalik ficou especialmente abalada. Ela passou meses ao lado de Carla no Centro Médico Sueco, vendo seus filhos se recuperarem. Connie era a mãe de Richard Castaldo. Nenhuma das crianças era esperada para andar novamente. "Isso a destruiu", disse Connie. "Você olhava nos olhos dela e via que ela estava perdida. Não parecia que ela estava mais lá. Ela era doce, amorosa e gentil, mas era demais para ela."

Connie também se sentiu vacilar. "Quando aconteceu pela primeira vez, [Carla] era como qualquer outro pai", disse ela. "Estávamos todos deprimidos e devastados. Houve um tempo em que pensei que não tinha nada pelo que viver. Ela não era diferente de nós."

Connie passou por isso; Carla não podia. "Nós meio que a vimos escorregando", disse Connie. "Eu a vi deslizar ladeira abaixo." Mas Connie nunca previu um mergulho tão profundo. Ela assumiu que Carla iria desistir, especialmente quando Anne Marie moveu as pernas.

O que a maioria das pessoas da comunidade não sabia era que Carla estava no final de uma longa luta contra a doença mental.

A família Hochhalter queria que o público entendesse isso. Após sua morte, eles divulgaram um comunicado dizendo que ela lutava contra a depressão clínica há três anos. Ela tinha sido suicida no passado. Ela estava tomando medicação. Um mês antes, Ted havia ligado para as autoridades às três da manhã para relatar seu desaparecimento. Ela entrou em uma sala de emergência local no dia seguinte, em busca de tratamento para depressão. Ela ficou internada por um mês. Oito dias antes de seu suicídio, ela foi transferida para um programa ambulatorial.

A família revelou mais tarde que Carla havia sido diagnosticada como bipolar. Columbine agravou horrivelmente a depressão de Carla. Ela pode ou não ter passado do limite sem isso, mas a tragédia de Columbine não foi a causa subjacente.

___

A escola suspendeu o menino que fez a ameaça de aniversário, aguardando a expulsão. Isso fez oito processos de expulsão em Jeffco desde abril, por uma variedade de ameaças de armas e ameaças de bombas. Tudo era tolerância zero agora. Ninguém estava se arriscando.

O menino passou sete semanas na prisão, até o Dia de Ação de Graças. Foi nesse período que a comunidade soube de seu plano. Ele pretendia

encher seu carro com latas de gasolina e entrar na escola como um homem-bomba. Em dezembro, ele alegou duas acusações menores e foi condenado a um programa de desvio juvenil de um ano, assim como Eric e Dylan haviam sido. Outras acusações foram retiradas, incluindo roubo. Ele havia roubado cem dólares da locadora em que trabalhava, para fugir para o Texas. Ele começou a ver um psiquiatra e tomar medicação. A sentença exigia que ambos continuassem. "Este é um jovem problemático e receberá a ajuda de que precisa", disse o promotor.

___

O aniversário de meio ano também trouxe um prazo. A lei do Colorado exige que qualquer pessoa que queira processar uma agência governamental por negligência deve apresentar um aviso de intenção dentro de 180 dias. Vinte famílias se apresentaram. Avisos vieram de famílias dos mortos, famílias dos feridos e dos Klebolds.

Tom e Sue Klebold acusaram o departamento de Stone de má conduta "imprudente, intencional e devassa" por não alertá-los sobre sua investigação de 1998 sobre o comportamento de Eric, particularmente suas ameaças de morte. Esse aviso "provavelmente faria com que os Klebolds tomassem conhecimento dos perigos dos quais não estavam cientes e exigissem que seu filho, Dylan, fosse excluído de todos os contatos com Eric Harris", dizia o documento. O fracasso "causou que os Klebolds estivessem sujeitos a reivindicações de danos substanciais, difamação, luto e perda de prazer da vida". O aviso dizia que a família esperava ser processada pelas vítimas e pediu indenização de Jeffco igual a esses eventuais acordos.

Os Klebolds tinham motivos para preocupação. As duas famílias ainda lideravam a maioria das listas de culpados.

A denúncia pegou a comunidade de surpresa. Ninguém tinha notícias dos Harris ou Klebolds havia meses.

A repreensão mais dura veio do xerife Stone. "Eu acho que é ultrajante", disse ele. "É uma coisa deles, não é nossa culpa que o filho deles esteja fazendo isso."

Ele também lamentou a tragédia degenerando para "uma fase feia".

Brian Rohrbough aceitou a jogada dos Klebolds com calma. A princípio o surpreendeu, disse ele, mas, refletindo, "parece razoável". Ele dirigiu sua indignação à resposta do xerife Stone. "Sentimos que foi muito feio 20 de abril", disse Brian.

___

Wayne e Kathy finalmente concordaram em se encontrar com investigadores sem imunidade, em 25 de outubro. Foi uma breve sessão liderada pelo xerife Stone. Não há registro de que tenha sido documentado em um boletim de ocorrência.

___

Apenas duas pessoas seriam acusadas de um crime: Mark Manes, que vendeu o TEC 9, e Phil Duran, que intermediou o negócio. Meses antes, o

agente Fuselier havia previsto que os dois seriam atacados – com raiva legítima e deslocada.

"Aqueles dois caras entraram na frente de um trem de carga", disse ele.

Ele estava certo. Manes foi o primeiro. Ele aceitou um acordo de confissão e foi sentenciado em 11 de novembro. Foi feio. Nove famílias falaram na audiência. Cada um deles exigia o máximo.

"Peço-lhe claramente que faça uma declaração", implorou Tom Mauser, um dos Treze.

"Se tivéssemos o nosso caminho, o réu nunca mais seria permitido nas ruas", disse a família Shoels.

O depoimento durou duas horas. Manes abaixou a cabeça. Vídeos feitos por duas famílias são especialmente difíceis. O escrivão do tribunal passou caixas de lenços de papel pela galeria.

O advogado de Manes descreveu uma infância difícil: seu cliente se meteu em encrencas e depois se recompôs. Manes havia largado as drogas, ido para a faculdade e conseguido um emprego estável na área de informática. "Seu caráter hoje é exemplar", disse ele.

Isso enfureceu os parentes. "Ter aquele advogado falando sobre o quão maravilhoso Mark Manes é, foi difícil", disse a filha de Dave Sanders, Coni. "Ele não foi mal interpretado. Ele estava errado."

Manes falou por último. Ele encarou o juiz e assegurou-lhe que não tinha ideia do que Eric e Dylan estavam planejando. "Fiquei horrorizado", disse ele. "Eu disse aos meus pais que nunca mais quero ver uma arma pelo resto da minha vida. Não há como explicar adequadamente minha tristeza para as famílias. É algo que vou me arrepender pelo resto da minha vida."

Manes era elegível para dezoito anos de prisão, mas seu acordo de confissão derrubou isso para um máximo de nove. O juiz Henry Nieto disse que não tinha escolha. "A conduta deste réu foi o primeiro passo para o que se tornou um terremoto. Todos nós temos um dever moral quando vemos o potencial de dano para intervir." Nove anos. Mas ele os designaria simultaneamente, então Manes serviria apenas seis - com liberdade condicional, talvez apenas três. Nieto alertou as famílias para não esperarem conforto da sentença.

Manes parecia calmo, mas levou a sério. Seu advogado colocou a mão no pescoço de Manes e sussurrou que o amava. Manes foi levado algemado. As famílias aplaudiram.

O advogado de Manes descreveu seu cliente como um bode expiatório. "Não há mais ninguém para ficar com raiva", disse ele à NBC. "Essas pessoas têm toda essa raiva compreensível. Ela tem que ir para algum lugar."

___

A mártir cristã Cassie Bernall ofereceu esperança. Em setembro, Misty fez uma turnê nacional de livros. *She Said Yes* saltou para a lista de best-sellers do *New York Times em sua primeira semana.* Os editores *do Rocky Mountain News* tinham um dilema. Eles sabiam que Cassie nunca disse sim. Eles esperavam quebrar o mito agora, mas ainda estavam esperando o relatório

do xerife. Eles tiveram que cobrir o lançamento do livro. Os editores decidiram publicar duas peças no dia da publicação, confirmando o mito de Cassie.

Algumas semanas depois, outra publicação deu a notícia. The *Rocky* seguiu com o testemunho de Emily Wyant. Com a história divulgada, Emily concordou em permitir que seu nome fosse usado. O editor dos Bernalls atacou Emily. A notícia chegou às primeiras páginas até em Londres. Brad e Misty foram pegos de surpresa. Eles se sentiram humilhados e traídos – por Emily, pelos policiais e pela imprensa secular.

A evidência contra o martírio era esmagadora, mas o pastor de jovens de Cassie viu forças mais fortes em jogo. "Você nunca vai mudar a história de Cassie", disse o reverendo Dave McPherson. "A igreja vai se ater à história do mártir. Você pode dizer que não aconteceu assim, mas a igreja não vai aceitar."

Ele não quis dizer apenas sua igreja. Ele se referia à vasta comunidade evangélica em todo o mundo. E, em grande medida, ele estava certo. As vendas de livros continuaram rapidamente. Uma vasta gama de sites surgiu para defender a história. Outros apenas o repetiram, sem sequer mencionar que havia sido desmascarado.

___

Jeffco também enfrentou uma série de vazamentos embaraçosos. Os investigadores deixaram o vídeo vazar para a CBS e revelaram a verdade sobre Cassie Bernall; a investigadora principal Kate Battan quebrou o silêncio e falou com um repórter; e as primeiras passagens do diário de Eric haviam escapado. E, no entanto, o departamento manteve seu silêncio oficial. Isso atrasou o relatório novamente.

As famílias das vítimas ficaram furiosas. A credibilidade do departamento do xerife despencou. Seus oficiais haviam feito um trabalho minucioso de detetive sobre o caso, mas o público não tinha como ver isso. Jeffco expressou choque e perplexidade com os vazamentos; funcionários ofereceram desculpas esfarrapadas e garantias. Um porta-voz insistiu que existiam apenas duas cópias do diário de Eric, quando na verdade ele havia passado várias vezes por fotocopiadoras, e ninguém tinha ideia de quantas cópias estavam circulando.

Então o subxerife deixou um repórter da *Time* assistir às fitas do porão. Ele assegurou repetidamente às famílias que seriam os primeiros a ver os vídeos.

A revista publicou uma reportagem de capa pouco antes do Natal. Stone e o subxerife John Dunaway posaram em seus vestidos azuis com luvas brancas, armados com as semiautomáticas dos assassinos.

Muitas famílias ficaram horrorizadas. Vários pediram a renúncia de Stone. Acusações de covardia contra as equipes da SWAT ressurgiram. Importantes agentes da lei se juntaram ao coro. Stone insistiu que seu departamento seria exonerado pelo relatório final – que foi adiado novamente.

___

A turbulência era esperada naquele outono. Todos sabiam que enfrentariam aniversários e audiências. Ninguém previu a sequência de tremores secundários. A escola foi processada por um projeto de artesanato que deu errado – os Rohrboughs acusaram a violação de sua expressão religiosa. Brian Rohrbough repetiu o incidente das cruzes em um jardim memorial criado na igreja de Cassie: seu grupo fez piquetes nos cultos de domingo e depois derrubou duas das quinze árvores na frente do grupo de jovens horrorizado que as plantou. Eles inadvertidamente escolheram a árvore que simboliza Cassie.

Ameaças de bomba eram uma ocorrência regular, mas uma delas ganhou força na esteira da história da *Time* . A escola foi fechada até depois do Natal. As finais foram canceladas. As batalhas legais sobre as fitas do porão começaram.

"Quando isso vai acabar?" um pastor local perguntou. "Por que nós? O que está acontecendo em nossa comunidade?"

O ano novo começou e piorou. Um menino foi encontrado morto em uma lixeira a poucos quarteirões de Columbine High. No Dia dos Namorados, dois estudantes foram mortos a tiros em uma loja do metrô a duas quadras da escola. A estrela do time de basquete cometeu suicídio.

"Duas semanas atrás, eles encontraram o garoto na lixeira", disse um amigo das vítimas do metrô a repórteres. "Agora - eu meio que quero me mudar. Isso é pior do que Columbine." Os alunos tinham relutantemente adotado o nome de sua escola como o título de uma tragédia.

Alguns eventos não tinham relação com o massacre ou mesmo com a escola. Mas grande parte da comunidade havia perdido a capacidade de distinguir. A perspectiva era impossível. Uma briga com sua namorada, um acidente de carro, uma seca... foi tudo "Columbine". Foi uma maldição. As crianças a chamavam de Maldição Columbine.

As consultas na unidade de saúde mental criada para os sobreviventes de Columbine aumentaram acentuadamente durante o outono. “Muitos chegam depois de terem tentado tudo o que sabem fazer”, disse um psicólogo da equipe. A utilização atingiu o pico cerca de nove meses após a tragédia e manteve-se estável até um ano e meio. A qualquer momento durante esse período, os gerentes de caso estavam seguindo cerca de quinze crianças em vigilância de suicídio. Gradualmente, cada um desceu do precipício, mas outro tomou o lugar daquele garoto. O abuso de substâncias aumentou. A área experimentou um aumento acentuado em acidentes de trânsito e DUIs.

"Por definição, PTSD é uma tríade de mudança para pior, com duração de pelo menos um mês, ocorrendo a qualquer momento após um trauma genuíno", escreveu o pioneiro do PTSD Dr. Frank Ochberg. "A tríade de respostas incapacitantes é: 1) lembranças intrusivas recorrentes; 2) entorpecimento emocional e uma constrição da atividade da vida; e 3) uma mudança fisiológica no limiar do medo, afetando o sono, a concentração e a sensação de segurança."

A resposta ao TEPT varia drasticamente. Algumas pessoas sentem muito, outras muito pouco. Os over-feelers muitas vezes sofrem flashbacks.

Nada pode afastar o terror. Eles acordam todas as manhãs sabendo que pode ser 20 de abril novamente. Eles podem passar horas, semanas ou meses sem um episódio e, em seguida, um gatilho – geralmente uma visão, som ou cheiro – os levará de volta. Não é como uma lembrança ruim do evento; parece que é o evento. Outros se protegem desligando completamente. Sentimentos agradáveis e alegria são eliminados com os maus. Eles geralmente descrevem a sensação de dormência.

___

Foi um ano difícil. O time de futebol ofereceu uma pausa. Matthew Kechter estava no segundo ano quando foi morto na biblioteca. Ele havia jogado JV na linha defensiva na temporada de 1998 e esperava chegar ao time do colégio neste outono. A pedido de seus pais, a equipe dedicou a temporada a Matt. Cada jogador usava o número de Matt em seu capacete e as iniciais de Matt, MJK, em seu boné. Eles terminaram a temporada 12-1. Eles vieram de 17 atrás no quarto trimestre para vencer o primeiro jogo do playoff. Os jogadores choraram em campo. Eles cantaram *MJK! MJK!*

Eles eram azarões pesados para o campeonato estadual. A potência de Denver, Cherry Creek High, levou cinco dos últimos dez títulos. Columbine chegou ao grande jogo apenas uma vez: uma derrota duas décadas atrás.

Apoiadores vieram de todo o mundo. Oito mil pessoas lotaram o estádio. A mídia estava em todos os lugares. O *New York Times* cobriu o jogo. A temperatura caiu abaixo de zero. Patrick Ireland estava sentado na primeira fila, tentando se aquecer.

Cherry Creek foi em frente cedo. Columbine empatou no intervalo, e então a defesa deles veio forte. Eles permitiram apenas dois first downs no segundo tempo, e um terceiro touchdown acabou. Columbine venceu por 21 a 14. Os torcedores invadiram o campo. O canto familiar trovejou pelas arquibancadas. Nós somos... COL-um- *BINE!* Nós somos... COL-um- *BINE!*

A escola realizou um comício da vitória. Um rolo de destaque do jogo foi projetado, terminando com uma foto de Matt. "Este é para você", disse. Um momento de silêncio foi feito para todos os treze.

___

Algumas crianças pareciam imunes à escuridão. Outros travaram batalhas particulares em cronologias completamente diferentes. Patrick Ireland fez melhorias constantes, manteve sua média de 4,0 naquele outono e garantiu que o orador oficial ainda estivesse à vista. Mas um problema mais significativo surgiu.

Patrick tinha sua vida muito bem planejada no primeiro ano. Antes de ser baleado, ele ia ser arquiteto. Seu avô tinha sido um construtor, e Patrick tinha começado a desenhar em sua aula de desenho no ensino médio. Ele alinhou aquele quadrado em T contra a mesa de desenho e podia senti-lo. Ele gostou da precisão. Ele gostou da arte. Em Columbine, ele trabalhou com sofisticados softwares de design assistido por computador. Enquanto Eric e Dylan finalizavam sua trama, Patrick estava mergulhado em pesquisas sobre programas universitários e começou a investigar estágios.

Ele ainda ia ser um arquiteto. Patrick agarrou-se ao sonho direto por meio de terapia ambulatorial. Ele fez pausas para três visitas a campus fora do estado, em escolas com programas de arquitetura líderes. Todos o aceitaram. Mas eles enfatizaram o quão rigoroso o trabalho seria. Os programas de arquitetura são conhecidos por suas enormes cargas de trabalho: cinco anos de noites incansáveis. A noite toda não era uma opção para Patrick. Ele poderia se enganar por algumas horas de sono, mas seu cérebro levaria anos para se recuperar. Ele retardaria seu progresso sobrecarregando-o demais e possivelmente até provocando convulsões.

Em março, ele fez uma viagem escolar à Inglaterra. O jet lag foi difícil. Kathy foi com ele, e na sexta à noite ela notou que seu rosto ficou branco e seu globo ocular tremeu por alguns segundos. "Você fez isso de propósito?" ela perguntou.

"Fazer o que?"

Kathy acredita que foi um precursor do evento dois dias depois. Patrick estava andando por Londres e desmaiou no meio de uma rua. Ele sacudiu violentamente, quase chegou ao meio-fio e chamou um amigo por ajuda.

Um médico londrino prescreveu medicação anticonvulsivante. A família confirmou o tratamento em casa, e Patrick estará nele por toda a vida.

A faculdade de arquitetura não ia funcionar. John e Kathy entenderam isso desde o início, mas esperaram que Patrick aceitasse a situação. Ele optou pelo estado do Colorado, a pouco mais de uma hora de distância. Ele tentaria a escola de negócios por um ano. A CSU também tinha um programa de arquitetura. Se, um ano depois, ele sentisse que poderia lidar com isso, ele poderia transferir.

Apesar da nuvem sobre seu futuro, Patrick recuperou seu rumo ao longo do ano. Socialmente, ele estava tendo o melhor momento de sua vida. Patrick sempre foi um partido. Ele tinha sido brilhante, charmoso, bonito e atlético. Ele tinha sido um pouco carente de confiança, de vez em quando. Laura teria dado qualquer coisa para ir ao baile com Patrick. Ela poderia ter se tornado sua namorada se ele tivesse pedido. Os tiros de espingarda haviam roubado dele alguns de seus melhores recursos, mas ele era uma estrela. Ele foi a figura mais célebre a viver a tragédia. E ele havia feito uma luta incrível. As garotas flertavam descaradamente.

Mas Patrick queria Laura. Naquele primeiro verão, ele disse a ela o quanto a queria - quão profundamente e por quanto tempo.

Deus, eu também, ela disse.

Que alivio. Finalmente, depois de todo esse tempo, tudo estava aberto.

Laura confessou tudo: todas aquelas noites flertando ao telefone, insinuando seu coração para que ele perguntasse. Se ao menos ele a tivesse convidado para o baile.

OK, Patrick disse: *eu gosto de você, você gosta de mim, vamos fazer algo sobre isso.* Muito tarde. Ela estava namorando o cara do baile.

Isso não parecia um obstáculo. Você quer estar comigo? sim. Então termine com ele. Ela disse que faria.

Ele deu-lhe tempo. Ele perguntou novamente. Quando você vai fazer isso? Ela disse que seria em breve. Mas nada aconteceu.

As garotas estavam brigando pela chance de sair com ele, então ele se cansou de esperar e pediu uma para sair. Então ele pediu outro. E outra - isso foi divertido!

As coisas ficaram tensas com Laura. Eles nunca saíram. Eles começaram a evitar um ao outro. Era a quarta série de novo.

46. Armas

Eric nomeou sua espingarda Arlene. Ele a adquiriu em 22 de novembro de 1998, e a declarou uma data importante na história de Reb. "nós... temos... ARMAS!" ele escreveu. "Nós os pegamos, seus filhos da puta! HA!!"

Eric e Dylan tinham ido a Denver para o Tanner Gun Show no dia anterior. Eles encontraram algumas armas fofinhas. Um rifle de carabina de 9 mm e um par de espingardas de calibre 12: uma de cano duplo e uma de ação de bomba simples. Eles tentaram comprá-los, e isso foi um grande fracasso. O charme de Eric não era fazê-los superar esse obstáculo. Sem identidade, sem armas. Eles voltaram para os subúrbios.

Eric faria dezoito anos pouco antes da data do ataque em abril. Eles poderiam ter apenas esperado, mas Eric queria poder de fogo real para manter o plano nos trilhos. Houve mais um dia no show de armas. Quem eles conheciam que tinha dezoito anos? Muita gente. Quem faria isso por eles, em quem eles poderiam confiar? Robyn! Doce menina da igreja Robyn. Ela era louca por Dylan; ela faria qualquer coisa por ele. Ela não iria?

No dia seguinte, estava feito.

Em seu diário, Eric classificou isso como "o ponto sem retorno". Então ele ficou nostálgico sobre seu pai. Ele se divertiu muito no show de armas, ele escreveu: "Eu adoraria se você estivesse lá, pai. fodido e contei [ao meu amigo] sobre o frasco." Esse foi o fim das boas relações com Wayne por um tempo. Agora seus pais estavam em sua bunda mais do que nunca sobre seu futuro. *O que você quer fazer da sua vida?* Essa foi fácil. NBK. "É para isso que estou motivado", escreveu ele. "ESTE é o meu objetivo. ESTE 'é o que eu quero fazer com a minha vida.'"

___

Eric e Dylan serraram os canos de suas novas espingardas – cortaram-nos bem abaixo do limite legal. Na primeira semana de dezembro, eles pegaram o rifle e dispararam. Uma bala explodiu na câmara, e a coronha atingiu o ombro ossudo de Eric. Uau! Essa coisa embalava muito poder. Isso não era uma bomba caseira em suas mãos. Isso pode matar alguém.

___

Os psicopatas geralmente se voltam para o assassinato apenas quando sua insensibilidade combina com um poderoso traço sádico. O psicólogo Theodore Millon identificou dez subtipos básicos do psicopata. Apenas dois são caracterizados pela brutalidade ou assassinato: o psicopata malévolo e o tirânico. Nesses raros subtipos, o psicopata é movido menos pela ganância por ganhos materiais do que pelo desejo de seu próprio engrandecimento e da punição brutal dos inferiores.

Eric se encaixa nas duas categorias. Sua veia sádica permeou o diário, mas uma entrada no final do outono sugere a vida que Eric poderia ter levado se Columbine não tivesse acabado com isso. Ele descreveu enganar as garotas para irem ao seu quarto, estuprá-las e depois passar para a verdadeira diversão.

"Quero rasgar uma garganta com meus próprios dentes como uma lata de refrigerante", escreveu ele. "Eu quero pegar algum calouro fraco e apenas despedaçá-lo como um maldito lobo. Estrangulá-lo, esmagar sua cabeça, arrancar sua mandíbula, quebrar seus braços ao meio, mostrar a eles quem é deus."

___

Eric não tinha desistido do jovem de 23 anos. Durante meses, ele continuou ligando para Brenda. Ela lhe disse que tinha um novo namorado, mas ele insistiu. No final do ano, ela o conheceu em um Macaroni Grill. "Ele estava realmente chateado", disse ela. Ela pensou que ele estava chateado porque ela o largou. Ele negou, mas não deu nenhuma explicação. Ela nunca mais o viu.

___

Pouco antes do Natal, Eric celebrou sua última final de sempre. Ele riu de seus colegas de classe, que assumiram que tinham outro lote pela frente.

No dia seguinte, Eric encomendou vários pentes de dez cartuchos para seu rifle de carabina. Esses fariam algum dano. Ele poderia descascar 130 rodadas em rápida sucessão.

Havia um problema. Eric deu ao Green Mountain Guns seu número de casa. Eles ligaram pouco antes do Ano Novo, e seu pai atendeu.

"Seus clipes estão dentro", o funcionário disse a ele.

Clipes? Ele não encomendou nenhum pente de armas.

Eric ouviu a conversa. Oh Deus. Ele descreveu o incidente em seu diário: "Jesus Cristo, isso estava muito perto. Os merdas da loja de armas quase abandonaram o projeto inteiro." Felizmente, Wayne nunca parou para perguntar ao cara se ele tinha o número certo. E o cara também nunca fez perguntas. Isso poderia ter sido o fim de tudo ali. Se qualquer um deles tivesse lidado com o telefone de forma um pouco diferente, todo o plano poderia ter desmoronado, disse Eric. Mas eles não o fizeram.

Mas Wayne estava desconfiado.

"graças a Deus eu posso BS tão fodidamente bem", escreveu Eric.

___

Assim que conseguiram as armas, Eric perdeu o interesse em "O Livro de Deus". Estava em implementação. Depois do Ano Novo, ele deixaria apenas uma parcela final, algumas semanas antes de eles fazerem a escritura.

Eric estava ansioso para ir; Dylan continuou a vacilar. "Existências" ficaram em silêncio por cinco meses, desde que ele se despediu. Mas em 20 de janeiro, Bob Kriegshauser chamou Dylan para uma reunião importante. Dylan retomou seu diário no mesmo dia.

"Essa merda de novo", ele começou. Ele não queria escrever isso de novo, ele queria ser "livre", ou seja, morto. "Achei que já estaria na hora", escreveu ele. "A dor se multiplica infinitamente. nunca para." O plano de Eric oferecia o consolo do suicídio: "talvez ir 'NBK' w. eric seja a melhor maneira de ser livre. Eu odeio isso." Depois, mais corações e amor. Ele mal parecia comprometido com o plano. Mas ele parecia estar colocando uma

boa fachada para Eric. Nenhum dos garotos jamais registrou uma sugestão da resistência de Dylan, mas Eric parecia estar fazendo a maior parte do trabalho.

Eric também estava trabalhando duro para transar. Ele fez um golpe final com Brenda, deixando uma série de mensagens em sua secretária eletrônica. "Desculpe por ter mentido para você", disse ele. "Há algo sobre o qual precisamos conversar. Tenho dezessete anos." Ele estava farto de mentir, ele disse - ele queria levar o relacionamento deles para o próximo nível. E ela poderia ficar com os CDs do Rammstein que ele havia deixado na casa dela. Ele não precisaria mais deles.

A última parte a deixou nervosa. Ela ligou de volta para ter certeza de que ele estava bem. E ela reiterou mais uma vez que eles eram apenas amigos.

Eric não se incomodou. Ele estava trabalhando em outra garota. Kristi era a garota com quem ele passara notas na aula de alemão. Ultimamente ela parecia interessada em mais. Então eles tentaram uma espécie de encontro informal em grupo para a noite do Rock'n' Bowl em Belleview Lanes.

Kristi gostava dele, mas estava em conflito. Havia esse outro cara, um amigo de Eric, Nate Dykeman. Desgraçado!

Eric ligou o charme, e Kristi foi em frente - mas não o suficiente. Era sexo que ele realmente queria; ele não tinha interesse em um relacionamento real, e talvez Kristi tenha percebido isso.

Nate se aproximou de Kristi rapidamente. Eles começaram a namorar, ficaram sérios e Eric ligou Nate.

___

Enquanto Eric finalizava os planos para 20 de abril, Dylan estava lendo seu diário em frenesi. Eram entradas curtas e erráticas, deixando de lado todas as suas convenções. Vários correram meia página ou menos. Ele estava se expressando cada vez mais em fotos, todos os seus velhos ícones retornando, ligados entre si em traços selvagens e febris. Corações esvoaçantes estavam por toda parte, preenchendo páginas inteiras, abrindo caminho para a felicidade, repleto de estrelas e movido por um motor em forma de símbolo do infinito. Dylan estava focado em um tópico agora: amor. Até sua última semana, Dylan escreveu em particular sobre quase nada mais.

47. Processos

Rohrbough jogou uma Ave Maria. Os tiras estavam bloqueando, e o litígio parecia ser a única resposta. As famílias podem processar por negligência ou morte por negligência e usar o processo para forçar a divulgação de informações. O veredicto seria menos importante do que a descoberta.

Eles deveriam processar? Como eles poderiam saber? Tudo dependia do relatório final de Jeffco. Se Jeffco divulgasse todas as provas, a maioria das famílias ficaria satisfeita. Se Jeffco se segurasse, eles iriam ao tribunal. Ninguém esperava que o relatório demorasse tanto. No verão de 1999, Jeffco havia dito que seu relatório estava a seis a oito semanas de distância. Era abril agora, e as autoridades ainda diziam que tinham de seis a oito semanas pela frente.

Os investigadores haviam concluído a maior parte de seu trabalho nos primeiros quatro meses, mas Jeffco estava apreensivo em apresentar as informações. No entanto, quanto mais eles esperavam, mais vazamentos arriscavam, mais repreensões e maiores as apostas para acertar cada frase.

Até a administração da escola ficou frustrada. "Continuamos nos preparando", disse D a uma revista em abril. "Eu continuo dizendo à comunidade, 'OK, estamos a cerca de duas semanas, estamos a duas semanas.' Há tantas vezes que você pode ficar tão nervoso dizendo: 'Oh, estou pronto agora, estou pronto' e, de repente, 'Não!' Há um nível de frustração."

Os atrasos eram enlouquecedores, mas também estava surgindo um problema prático. O primeiro aniversário coincidiu com o prazo de prescrição. Ao atrasar o relatório para 20 de abril de 2000, Jeffco forçou as famílias a confiar neles ou processá-los. Essa foi uma escolha fácil. Em 10 de abril, os Rohrboughs e os Flemings entraram com um pedido de registro aberto exigindo ver o relatório imediatamente – uma última opção para evitar uma ação judicial. Como eles estavam arquivando, eles pediram tudo, incluindo as fitas do porão, os diários dos assassinos, as ligações para o 911 e vídeos de vigilância. Rohrbough queria comparar os dados brutos com a narrativa em construção por Jeffco. Ele previu um abismo.

"Eles mentem como uma prática", disse ele.

O juiz distrital R. Brooke Jackson leu o pedido. Ele disse sim. Diante de objeções furiosas de Jeffco, três dias antes do aniversário, ele permitiu que os queixosos lessem o rascunho do relatório. Ele também concedeu a eles acesso a centenas de horas de fitas do 911 e algumas imagens de vídeo. Ele concordou em começar a ler os duzentos fichários de provas, mas notou que isso levaria meses.

A decisão surpreendeu a todos. Mas era muito pouco, muito tarde. Quinze famílias entraram com ações contra o departamento do xerife naquela semana. Eles adicionariam réus adicionais mais tarde.

Os Klebolds optaram por não processar. Em vez disso, eles emitiram outra carta de desculpas. Os Harris fizeram o mesmo.

Esperava-se que os processos falhem. Os limites legais eram muito altos. Na Justiça Federal, a negligência foi insuficiente; as famílias precisavam

provar que os oficiais haviam realmente piorado a situação dos alunos. E esse foi apenas o primeiro obstáculo. Mas a principal estratégia era liberar informações.

O único terno com uma chance plausível veio da filha de Dave Sanders, Angela. Ela foi representada por Peter Grenier, um poderoso advogado de Washington, DC. Eles acusaram que os funcionários da Jeffco foram além de negligenciar Dave Sanders por três horas: eles impediram seu movimento e proibiram outros de tirá-lo de lá. Eles enganaram os socorristas voluntários com falsas alegações sobre uma chegada iminente, para desencorajá-los de arrebentar uma janela ou levá-lo escada abaixo. Ao fazer isso, argumentou o processo, Jeffco aceitou a responsabilidade por Dave e depois o deixou morrer. Em termos legais, eles negaram seus direitos civis cortando todas as oportunidades de salvá-lo quando não estavam preparados para fazê-lo eles mesmos.

Os Rohrboughs e outros seguiram uma lógica semelhante. Os garotos da biblioteca poderiam ter escapado facilmente, disseram eles, sem a “ajuda” policial. Parecia feio. Mas os analistas jurídicos estavam céticos quanto a qualquer caso. "Será difícil pedir a um júri que diga que sabemos melhor do que uma equipe da SWAT como lidar com essa situação", disse Sam Kamin, professor de direito da Universidade de Denver.

No meio jurídico, os processos já eram esperados, mas sua ferocidade abalou a comunidade. O aniversário foi novamente dominado pela animosidade, e a mídia estava por toda parte. Muitos dos Treze deixaram a cidade. A escola fechou durante o dia e realizou um memorial privado. Um serviço público foi realizado no Clement Park.

___

Poucos dias após o aniversário, o juiz Jackson ordenou que o departamento do xerife divulgasse seu relatório ao público até 15 de maio. Ele também divulgou mais evidências, incluindo um vídeo que gerou muito calor. Durante meses, Jeffco se referiu a ele como um "vídeo de treinamento" criado pelo Corpo de Bombeiros de Littleton. Foi baseado em imagens filmadas na biblioteca logo após os corpos serem removidos. Seria o primeiro olhar das famílias para a cena horrível. Seria "difícil" assistir, afirmou a decisão de Jackson, mas isso não era motivo para suprimi-la.

"Não há nenhuma consideração de interesse público convincente que exija que o vídeo ou qualquer parte dele não seja divulgado sob a Lei de Registros Abertos", escreveu Jackson.

No dia seguinte, Jeffco começou a duplicar a fita e a vender cópias por US$ 25. Porta-vozes disseram que a taxa era para custear os custos de cópia. As famílias ficaram horrorizadas. Então eles viram a fita. Não houve instrução, narração, tentativa de "treinamento". Foi a tentativa medonha de alguém de comemorar: cenas horríveis da cena do crime com música pop, "I Will Remember You", de Sarah McLachlan. A gravadora de McLachlan ameaçou processar por violação de direitos autorais. Jeffco removeu a música. As vendas continuaram fortes.

___

Brian Rohrbough rompeu a armadura de Jeffco. O juiz Jackson continuou ordenando solturas. Em maio, ele liberou todas as fitas do 911 e um relatório de balística. Por um tempo, tudo que ele lia, ele liberava. As famílias dos assassinos tentaram impedi-lo. Em 1º de maio, eles apresentaram uma moção conjunta para manter em sigilo os materiais apreendidos em suas casas. Isso incluiria a evidência mais vital: os diários e as fitas do porão.

Jeffco divulgou seu relatório em 15 de maio, conforme solicitado. O foco do pacote era uma linha do tempo minuto a minuto de 20 de abril de 1999, em grande detalhe. Ilustrava dramaticamente a rapidez com que tudo acontecia: apenas sete minutos e meio na biblioteca, todas as mortes e ferimentos nos primeiros dezesseis minutos. Que conveniente, disseram os críticos. O relatório dos policiais foi dedicado a ilustrar que os policiais nunca tiveram uma chance.

Como esperado, o relatório se esquivou da questão central do *porquê.* Em vez disso, forneceu cerca de setecentas páginas sobre *o quê, como* e *quando* . A logística era útil, mas dificilmente era o que as pessoas esperavam.

Havia três parágrafos sobre aviso prévio pelos Browns: um parágrafo resumindo e dois defendendo. O departamento alegou que não conseguiu acessar o site de Eric, apesar do fato de os funcionários terem impresso as páginas, arquivado e recuperado minutos após o ataque em 20 de abril, e as citado extensamente nos mandados de busca emitidos antes. os corpos foram encontrados. Mas um ano depois dos assassinatos, Jeffco ainda estava suprimindo o arquivo e os mandados de busca. Então as famílias suspeitaram de uma mentira, mas não conseguiram provar.

Jeffco foi ridicularizado por seu relatório. As autoridades pareciam realmente perplexas com a resposta. Em particular, eles insistiram que estavam apenas agindo como sempre fizeram: construindo um caso internamente, mantendo suas conclusões para si mesmos. Comunicar os resultados era o papel dos promotores. Não era o trabalho deles. Eles ainda não conseguiam entender que este não era um caso normal.

___

À medida que as batalhas se intensificavam, a fadiga da compaixão se instalou. Quase ninguém disse isso em voz alta.

Chuck Green, colunista *do Denver Post* e uma das personalidades mais desagradáveis de Denver, quebrou o gelo. Ele surpreendeu as famílias com um par de colunas, acusando-as de "ordenhar" a tragédia.

Eles tinham recebido milhões, ele escreveu. "Foi uma avalanche de angústia nunca antes testemunhada, mas as vítimas de Columbine ainda têm suas mãos estendidas para mais."

O Grupo de Pais foi pego de surpresa. Eles não tinham ideia. Eles ficaram mais surpresos com o apoio às ideias de Green. "Todos nós estamos cansados da contínua lamentação", respondeu um leitor. Outro disse que esses sentimentos circulavam há bastante tempo - "sussurrando em pequenos círculos, entre nuvens de culpa".

Estava a céu aberto agora.

___

O aniversário também ofereceu uma janela de oportunidade política. Tom Mauser ficou entusiasmado com o protesto da NRA e se dedicou à causa. "Não sou um líder natural, mas falar me ajuda porque continua a vida de Daniel", disse ele. Tom tirou uma licença de um ano para servir como lobista-chefe do SAFE Colorado (Alternativas sãs à epidemia de armas de fogo). Eles apoiaram vários projetos de lei na legislatura do Colorado para limitar o acesso a armas para menores e criminosos. As perspectivas pareciam boas, especialmente para a proposta principal de fechar a brecha do show de armas. Foi derrotado por pouco em fevereiro. Uma medida semelhante emperrou no Congresso.

Assim, uma semana antes do aniversário, o presidente Clinton voltou a Denver para encorajar os sobreviventes e apoiar a nova estratégia da SAFE: aprovar a mesma medida no Colorado com uma iniciativa de votação.

Os líderes republicanos do Colorado repreenderam o presidente e se recusaram a comparecer com ele. O governador republicano Bill Owens apoiou a iniciativa de votação, mas se recusou a participar de uma reunião da prefeitura da MSNBC organizada por Tom Brokaw até que o presidente Clinton deixasse o palco, no meio do show.

A visita pareceu forçar um pequeno movimento em Washington. Pouco antes da reunião com Brokaw, os líderes da Câmara anunciaram um compromisso bipartidário sobre a legislação sobre armas. Mas já fazia um ano e ainda havia um longo caminho a percorrer.

Tom Mauser continuou lutando. Em um comício na mesma semana, a SAFE espalhou 4.223 pares de sapatos pelos degraus do Capitólio do estado – um para cada menor morto por uma arma em 1997. Tom tirou os tênis dos pés e os mostrou à multidão. Eles tinham sido de Daniel. Tom passou a usá-los em comícios. Ele precisava de uma ligação tangível com seu filho. E eles ajudaram o homem tímido a conectar Daniel ao seu público.

Em 2 de maio, o governador e o procurador-geral - os republicanos e democratas mais proeminentes do estado - colocaram as duas primeiras assinaturas na petição para a iniciativa de votação do Colorado. Foram necessárias 62.438 assinaturas. Eles reuniram quase o dobro disso.

A medida passaria por uma margem de dois para um. A brecha do show de armas foi fechada no Colorado.

Foi derrotado no Congresso. Nenhuma legislação nacional de controle de armas significativa foi promulgada em resposta a Columbine.

___

A temporada terminou bem. Em 20 de maio, a segunda turma de sobreviventes se formou. Nove dos feridos cruzaram o palco, dois em cadeiras de rodas. Patrick Ireland mancou até o pódio para fazer o discurso de despedida.

Foi um ano difícil, disse ele. "O tiroteio deixou o país ciente do nível inesperado de ódio e raiva que havia sido escondido nas escolas de ensino médio." Mas ele estava convencido de que o mundo era inerentemente bom

de coração. Ele passou o ano pensando sobre o que o levou ao chão da biblioteca. A princípio ele assumiu esperança – não exatamente; era confiança. "Quando eu caí da janela, eu sabia que alguém iria me pegar", disse ele. "É isso que eu preciso te dizer: que eu sabia que o mundo amoroso estava lá o tempo todo."

PARTE V

DIA DO JULGAMENTO

48. Uma Emoção de Deus

Eric tinha trabalho a fazer. Napalm era difícil. É uma substância inerentemente instável. Eric encontrou muitas receitas online, mas elas nunca pareciam produzir o que as instruções previam. O primeiro lote foi horrível. Ele tentou novamente. Tão ruim quanto. Ele continuou variando os ingredientes e o processo de aquecimento, mas foi um fracasso atrás do outro. Vários lotes também não eram tarefa fácil. Eric não especificou como ou quando conduziu seus experimentos; presumivelmente ele os fazia no mesmo lugar em que fazia todo o resto: sua casa, quando seus pais estavam fora. Cada lote era uma tarefa árdua, demorada e arriscada. Envolvia misturar gasolina com outras substâncias e depois aquecê-la no fogão, tentando congelá-la em um xarope lamacento que inflamaria com apenas uma faísca, mas queimaria continuamente por algum tempo quando disparado com força através de um tubo de projétil.

Eric teve que construir os lança-chamas também. Ele desenhou esboços detalhados de seu armamento na parte de trás de seu caderno; alguns eram bastante práticos, outros pura fantasia. Dylan parecia não ajudar em nada disso. Cada assassino deixou centenas de páginas de escritos, desenhos e agendas em suas agendas, e as de Eric estão repletas de planos, registros e resultados de experimentos; Dylan não mostra praticamente nenhum esforço. Eric adquiriu as armas, a munição e, aparentemente, o material para as bombas, e fez o planejamento e a construção.

Descobrir como colocar as bombas enormes no refeitório lotado era outro grande problema. Cada engenhoca sairia de uma mochila de um metro e pesaria cerca de cinquenta quilos. Eles não podiam simplesmente colocá-los no meio do refeitório, colocá-los na frente de seiscentas pessoas e sair sem aviso prévio. Ou poderiam? Em algum momento, os meninos desistiram de tramar. Eles decidiram simplesmente entrar com as bombas. Foi uma jogada ousada, mas psicopata de livro didático. Os perpetradores de ataques complexos tendem a se concentrar em links fracos e minimizar o risco. Psicopatas são imprudentes. Eles têm suprema confiança em seu trabalho. Eric planejou meticulosamente por um ano, apenas para abrir com um erro que neutralizou 95% do ataque. Ele não mostrou nenhum indício de que havia sequer considerado a falha escancarada.

Agora ele tinha que se concentrar em conseguir uma segunda arma para Dylan. E Eric teve muito trabalho de produção. Se ele tivesse um pouco mais de dinheiro, ele poderia levar os experimentos adiante. Ah bem. Você poderia financiar apenas algumas bombas em uma fábrica de pizza. E ele precisava verificar seus freios, e ele tinha acabado de comprar palhetas de inverno, e ele tinha um monte de CDs novos para comprar.

———

Eles também tinham diversão para colocar atrás deles. Eric era uma estrela no programa. Seu excelente desempenho lhe rendeu uma rara libertação antecipada – algo que apenas 5% das crianças alcançam. Kriegshauser decidiu deixar Dylan sair com ele, apesar do fracasso de Dylan em

aumentar seu D em cálculo. Kriegshauser aconselhou Dylan a ter cuidado com suas escolhas futuras. Seu relatório de saída disse que Dylan lutou com motivação na escola, mas o resumo foi todo cor-de-rosa: "Prognóstico: Bom. Dylan é um jovem brilhante que tem um grande potencial. ele deve se sair bem na vida... Recomendações: Rescisão bem-sucedida. Dylan conquistou o direito de uma rescisão antecipada. Ele precisa se esforçar para se automotivar para poder permanecer em um caminho positivo. Ele é inteligente o suficiente para fazer qualquer sonho uma realidade, mas ele precisa entender que o trabalho duro faz parte disso."

Dylan respondeu com uma entrada sombria de "Existences". Este foi o encontro que o levou de volta ao diário. Ele escreveu no mesmo dia, mas não mencionou as boas novas. Ele insistiu que a vida estava piorando. Em certo sentido foi. A liberação do desvio foi um sinal doloroso. Dylan não tinha planejado deixar o programa vivo.

Eric ganhou um relatório brilhante, do início ao fim: "Prognóstico: Bom. Eric é um jovem muito brilhante que provavelmente terá sucesso na vida. Ele é inteligente o suficiente para alcançar objetivos elevados, desde que permaneça na tarefa e permaneça motivado. .. Recomendações: Rescisão bem-sucedida. Eric deve buscar mais educação em níveis mais altos. Ele me impressionou por ser muito articulado e inteligente. Essas são habilidades que ele deve desenvolver e usar com a maior frequência possível."

___

Ambos os meninos chegaram ao assassinato gradualmente, mas um evento empurrou cada um deles para o alto. O de Eric ocorreu em 30 de janeiro de 1998, quando o deputado Walsh algemou seus pulsos. Daquela noite em diante, o menino foi condenado por assassinato. A vez de Dylan veio um ano depois e foi mais gradual, mas o ponto de virada parece claro. Era fevereiro de 1999. Eles haviam combinado em abril com um ano de antecedência, e estava quase chegando. Eric estava falando sério. Ele estava realmente passando por isso. Dylan estava em conflito, como sempre, ainda encostado, fortemente contra. Dylan queria ser um bom menino. Ele tinha três opções: desistir, desistir ou cometer um suicídio apressado.

Essas três opções estavam lá por um ano ou mais. Ele não conseguia decidir.

Então Dylan escreveu um conto. Ele girava em torno de um homem furioso de preto atirando metodicamente em uma dúzia de "preparadores". O homem fez isso por vingança e diversão, e para demonstrar que podia.

Dylan tirou a maioria dos detalhes do plano da NBK. Ele armou e vestiu seu assassino da maneira que eles planejavam se vestir. A história incluía uma mochila, as bombas de desvio e o reconhecimento dos hábitos das vítimas. Os mínimos detalhes combinam. O assassino é uma mistura. Sua altura combina com a de Dylan, mas ele se comporta exatamente como Eric: insensível e metódico, ferozmente raivoso, mas distante.

Era fácil imaginar como Eric reagiria ao puxar o gatilho em 20 de abril, mas Dylan parecia perplexo com sua própria resposta. Ele colocou Eric em

movimento no papel, com ele mesmo como narrador para observar. *Como seria o assassinato?*

Foi maravilhoso. "Se eu pudesse enfrentar uma emoção de Deus, teria parecido com o homem", escreveu ele. "Eu não apenas vi em seu rosto, mas também me senti emanando dele poder, complacência, fechamento e piedade. O homem sorriu e, naquele instante, sem esforço próprio, entendi suas ações."

A história terminou aí: não com os assassinatos, mas com o impacto no homem por trás deles.

Ninguém observou Dylan digitando a história, mas ele parece ter derramado tudo na tela em uma grande corrida. Ele não parou para verificar a ortografia ou corrigir erros ou apertar Return. Está tudo junto em um único parágrafo que teria preenchido cinco páginas em uma fonte normal.

Dylan entregou a história como uma tarefa de escrita criativa em 7 de fevereiro. Sua instrutora, Judy Kelly, leu e estremeceu. Era um texto surpreendente para uma jovem de dezessete anos, mas ela estava profundamente perturbada. Dylan não foi o primeiro garoto a escrever uma história violenta – Eric estava escrevendo cenas de combate sobre fuzileiros navais heróicos durante todo o semestre. Eric era obcecado por guerra; ele imitava tiros de metralhadora na aula o tempo todo. Mas as histórias de guerra eram diferentes; O protagonista de Dylan estava matando civis, impiedosamente, e se divertindo. Kelly escreveu uma nota na parte inferior instruindo Dylan a vir vê-la. Ela queria falar com ele antes de atribuir uma nota. "Você é um excelente escritor e contador de histórias, mas tenho alguns problemas com este", escreveu ela.

Dylan veio vê-la. A história era grosseiramente violenta e ofensiva, disse ela – inaceitável.

Enviar a história provavelmente foi um vazamento intencional. Dylan se acovardou. "É apenas uma história", disse ele. Esta foi a aula de escrita criativa. Ele tinha sido criativo.

A criatividade estava bem, disse Kelly, mas de onde vinha toda essa crueldade? Só de ler a coisa era enervante.

Dylan sustentou que era apenas uma história.

Kelly não comprou. Ela ligou para Tom e Sue Klebold e discutiu longamente com eles. Eles não pareciam muito preocupados, ela disse à polícia mais tarde. Eles fizeram um comentário sobre como entender as crianças pode ser um verdadeiro desafio.

Mesmo depois dos assassinatos, um dos colegas de Dylan concordou. "É uma aula de escrita criativa", disse ela ao *Rocky Mountain News* . "Você escreve sobre o que você quer. Shakespeare escreveu tudo sobre a morte." A garota não era amiga dos assassinos.

Mas Kelly sabia que ela havia percebido algo diferente. Ela tinha visto meninos cativados pela violência. Ela tinha lido inúmeros relatos de assassinato. Ela nunca tinha sido confrontada com uma história tão sádica. Não se tratava apenas dos acontecimentos da história, mas da atitude do autor que os transmitia. Dylan tinha o dom de dar vida a uma cena: ele

transmitia ação, pensamento e sentimento. Uma sensação assustadora e impiedosa. Kelly descreveu a história como "literária e medonha - a história mais cruel que já li".

Kelly trouxe para o conselheiro da escola de Dylan, Brad Butts. Ele conversou com Dylan, que minimizou novamente. Bom o bastante.

Kelly tinha feito a coisa certa: ela entrou em contato com as três pessoas mais prováveis de ter outras informações sobre Dylan: seu orientador e seus pais. Se o conselheiro ou os pais soubessem que Dylan estava detonando bombas caseiras e mostrando a eles a Blackjack Pizza, eles poderiam ter conectado fantasia com realidade e NBK poderia ter chegado ao fim. Eles não. Os investigadores da Jeffco tinham a maioria das peças. A maioria dos adultos próximos aos assassinos estava no escuro.

___

Em seu diário, Dylan voltou à sua obsessão amorosa. Ele queria chegar à piedade, mas ele estava procurando por dois anos horríveis e nenhum de seus sonhos se tornou realidade. Eric ofereceu esperança. Eric ofereceu os mesmos sentimentos que Dylan estava procurando. Eric oferecia realidade, de todas as coisas.

Talvez procurar fosse uma farsa.

Dylan não estava pronto para abraçar o assassinato. Ele iria lutar contra isso quase até o fim. Mas a partir daqui, ele estava perto.

Ele levaria o conto consigo em 20 de abril. Foi encontrado no carro de Dylan, junto com os explosivos fracassados, para ser despedaçado em seu ato final. O carro estava destinado à destruição, então Dylan não trouxe a história para nosso benefício. Talvez ele precisasse de um pouco de coragem naquele dia. Talvez ele quisesse ler uma última vez.

___

Era hora de praticar tiro ao alvo. Escolheram um lugar bonito. O lugar se chamava Rampart Range: uma rede sinuosa de estradas não pavimentadas através da floresta nacional acidentada nas Montanhas Rochosas, não muito longe da casa de Dylan. Para seu primeiro tiroteio prolongado, eles escolheram uma área reservada para motociclistas de sujeira e passeios de quadriciclo. Um site off-road instou os leitores a experimentar as vistas lentamente: "deixe sua imaginação correr solta enquanto os pedregulhos assumem rostos em constante mudança".

Três amigos foram com eles em 6 de março: Mark Manes e Phil Duran, que se uniram para conseguir o TEC-9 para Dylan, e a namorada de Mark, Jessica. Eles trouxeram as armas adquiridas para o ataque, e seus amigos tinham mais algumas. Eles embalaram pinos de boliche roubados de Belleview Lanes para usar como alvos. E eles levaram uma filmadora. Era importante documentar eventos históricos.

Estava frio lá em cima, ainda havia muita neve no chão. Vestiam-se com sensatez, em camadas. Eric e Dylan começaram com seus casacos, mas se esforçaram e os largaram. Eles tinham proteção para os ouvidos e equipamentos para os olhos. Algumas vezes eles usavam.

Eles atiraram um pino de boliche cheio de chumbo, e então Eric teve outra ideia. Ele apontou sua espingarda para um pinheiro imponente a um metro e meio de distância. Ele errou. E doeu. A arma tinha um recuo vicioso, que seu braço teve que absorver. Cada centímetro que você corta uma espingarda aumenta o chute. Eric e Dylan tinham cortado o deles ridiculamente curto, quase até a câmara, e agora eles iriam pagar.

Ele orientou Dylan a seguir. "Tente acertar uma árvore", disse ele. "Eu quero ver o que uma lesma faz com a árvore."

Dylan abriu um buraco de cinco centímetros no porta-malas. Eles correram para inspecionar os danos. Eric enfiou o dedo ao redor e produziu uma pelota.

"Isso é uma porra de lesma!" Dylan gritou.

A voz de Eric estava contida. "Imagine isso na porra do cérebro de alguém."

"Doeu no meu pulso, filho da puta!" disse Dylan.

"Aposto que sim."

Dylan estava rindo agora. "Olhe para isso! Eu tenho sangue agora!" Ele amou.

Eric continuou trabalhando a metáfora humana. Ele pegou um pino de boliche com um pequeno buraco perfurado na frente e uma cratera atrás. Ele mostrou cada lado para a câmera: "Ferimento de entrada, ferimento de saída". Seu amigo riu, mas ele não entendeu. Ele entendeu a pequena piada, perdeu a grande. A batalha já estava acontecendo ao seu redor. Eric adorava prever. Todos ali estavam implicados. Apenas dois podiam ver.

Na maioria das vezes, eles trabalhavam metodicamente para melhorar suas habilidades. Um garoto atirava enquanto outro ficava ao lado dele, chamando os resultados para fazer ajustes em tempo real: "Alto para a direita... baixo para a esquerda... novamente para a esquerda..."

As espingardas de cano único exigem uma recarga a cada rodada, e isso afetaria seriamente a contagem de corpos. Eric se preparou treinando-se em uma técnica rápida de atirar e carregar. Cada tiro era punitivo. A explosão arrancaria o cano de sua mão esquerda e lançaria o braço da arma para trás como um elástico. Mas ele aprendeu rápido. Logo ele estava aproveitando o recuo para pegar o toco do barril enquanto ele girava, abri-lo, alimentar uma concha, trancá-la, apertar uma rodada e repetir o processo em um movimento fluido e contínuo. Ele acertou quatro tiros em cinco segundos. Ele estava satisfeito.

Tudo tinha sido teórico até aquele ponto: quanto dano eles poderiam realmente fazer com aquela arma? Eles tinham sua resposta agora. Eric era uma máquina de matar.

Eric e Dylan se aproximaram da câmera para mostrar suas feridas de guerra: grandes pedaços de pele raspados entre o polegar e o indicador, onde eles precisavam trabalhar para apertar o aperto.

"Quando garotos do ensino médio usam armas", disse alguém. Todos riram.

Manes tentou a arma de Eric e estremeceu com o punho. "Você deveria completar isso", ele aconselhou.

"Sim", disse Eric. "Eu vou trabalhar nisso."

Eles dispararam mais e mostraram as feridas novamente: mais sangrentas, mais graves. "Armas são ruins", disse Manes. "Quando você os vê e os torna ilegais, coisas ruins acontecem com você." Isso rendeu muito mais risadas. "Apenas diga não às espingardas de cano serrado."

Eles estavam em um rolo agora. Eric agarrou o cano de sua arma e roubou a câmera. Ele espancou o conjunto de disparo várias vezes. "Ruim!"

Dylan acenou com o dedo indicador para ele. "Não não não!"

Dr. Fuselier assistiu ao vídeo de Rampart alguns dias após o massacre. Mostrava a progressão final da fantasia para o fato. Foi uma evolução de dois anos de missões frívolas de brincalhões para uma série de roubos violentos. Eric estava se transformando em um criminoso profissional. Ele cruzou a barreira mental de imaginar crimes para cometê-los. Era assim que se sentiria.

___

Os meninos continuaram treinando. Eles fizeram três viagens de tiro ao alvo com Manes.

Dylan vazou novamente. Ele estava empolgado com suas armas e, em algum momento de fevereiro, disse a Zack que havia conseguido algo "muito legal".

Como o que?

Algo em *Desperado,* disse Dylan – um filme violento que eles achavam que Quentin Tarantino dirigia.

Zack o confrontou: Era uma arma, não era?

Sim, uma espingarda de cano duplo, disse Dylan, assim como a peça em *Desperado* . Eric tinha conseguido um também. E eles os demitiram. Maluco selvagem!

Eles nunca mais falaram sobre isso, disse Zack ao FBI mais tarde.

49. Pronto para ser feito

Sr. _ D sabia a data em que sua missão terminaria: 18 de maio de 2002. Ele tinha um objetivo após o massacre: levar quase duas mil crianças para um terreno emocional elevado. A última turma de calouros se formaria naquele mês de maio.

Frank não tinha ideia do que poderia fazer depois. Ele ainda não podia planejar - suas mãos estavam ocupadas. Ele tinha três anos de escola para passar. Ele havia subestimado seriamente o tumulto do primeiro. Ninguém havia previsto aquela torrente de tremores secundários. Ele não cometeria esse erro novamente. O segundo verão ofereceu uma pausa, assim como o primeiro, mas quando as portas reabriram em agosto de 2000, o corpo docente se preparou para o próximo ataque. Nunca veio. Nunca houve um ano como aquele primeiro - nunca nada perto.

O segundo ano letivo começou em alta. Uma adição havia sido construída durante o verão, com uma nova biblioteca. O antigo foi demolido, convertendo os comuns em um átrio de dois andares. A maior parte do Grupo de Pais esteve presente na inauguração. Sue Petrone brilhou. Nos últimos dezesseis meses, ela se sentia fisicamente fraca toda vez que entrava na escola. "Como se você estivesse debaixo d'água e não pudesse respirar", ela disse. Tudo o que foi retirado. Ela estava lutando há mais de um ano, e estava acabada. Quase todos os pais eram.

O ex-marido de Sue foi a exceção. Brian Rohrbough e Frank DeAngelis dominaram a cerimônia, ficando a dez metros de distância um do outro no refeitório com um grupo de repórteres ao redor, falando um do outro. O Sr. D foi diplomático e tentou evitar completamente a disputa. Mas os repórteres continuavam vindo de Rohrbough, com novas acusações para D. responder. Brian era brutal e direto. A escola causou esses assassinatos, disse ele. A administração deve pagar.

___

O Sr. D desenvolveu um problema cardíaco. Apareceu no primeiro outono após os tiroteios. Estresse, disseram os médicos. Sem brincadeiras.

Frank estava cheio de sintomas de TEPT: dormência, ataques de ansiedade, incapacidade de concentração e reclusão. A terapia o ajudou a separá-los. Imediatamente após os assassinatos, ele teve problemas para fazer contato visual. Ficou pior. O que foi isso? "Culpa", ele descobriu. "Eu nunca tinha ouvido falar da culpa do sobrevivente. Eu me sentia culpado por Dave e as crianças terem morrido e eu ter sobrevivido."

Sua esposa queria ajudar. Estava comendo-o, mas ele não podia expressar isso para ela. Ele era como seus alunos. "Não deixem seus pais de fora", ele implorou. Ele poderia chorar na frente deles. Mas sua esposa... ela não entendia. E ele particularmente não queria que ela o fizesse. Ele só queria consolo em casa.

Os anos após a tragédia foram tumultuados. Ele chegou a Columbine às 6 da manhã , saiu às 8 ou 9 da noite. Nos fins de semana, ele vinha para períodos mais curtos - tempo tranquilo para recuperar o atraso. A qualquer

momento ele tinha uma dúzia de crianças em vigilância de suicídio. As avarias eram uma ocorrência diária entre os alunos e os funcionários. Ele teve uma tremenda satisfação em ajudar as crianças, mas foi um dreno terrível. Ele tinha algumas horas todas as noites para esquecer tudo. "Eu precisava desse tempo para me regenerar", disse ele. "A última coisa que eu queria fazer quando chegasse em casa era falar sobre isso."

Sua esposa implorou para que ele se abrisse. Seu filho e filha estavam preocupados. Seus pais e irmãos pareciam ligar constantemente. *Estás a comer? Você deveria estar dirigindo?* "Acho que sei quando comer", dizia ele. Todo mundo tinha que saber como ele estava se sentindo. *Como você está? Como você está?* "O suficiente!" ele diria. "Por favor pare!"

O Sr. D lutou com alguns funcionários também. Um terapeuta reclamou que ela passou anos em sua escola após a tragédia e ele nunca soube o nome dela. Ele poderia citar todos os dois mil alunos. Ele tinha uma equipe forte de administradores que eram ótimos em resolver problemas, mas alguns deles precisavam de apoio. Uma era brilhante, mas tagarela - ela tinha que falar sobre toda a sua dor. Frank não faria isso. Ele confessou a sua equipe que sabia que não estava lá para eles. Ele simplesmente não tinha o suco. Ele tinha tanto nele, e tudo estava indo para as crianças. Fez as crianças passarem.

Frank procurou caminhos para relaxar. Ele se juntou a uma liga de boliche no domingo à noite com sua esposa. Estranhos se aproximavam de cada quadro. *Como você está? Como estão os estudantes?* "Mais uma vez, foi Columbine", disse ele. Sair para jantar, a mesma coisa. "As pessoas vinham direto para o estande. Chegou a um ponto em que eu não queria fazer nada. Só queria ficar em casa."

A casa era tão ruim quanto. "Eu descia para o meu porão, para evitar minha esposa e filhos", disse ele. Seu golden retriever o seguiu. Aquilo foi legal.

Sua família se ressentiu dele. "Eles não conseguiam entender por que eu estava agindo dessa maneira", disse ele. Ele também se sentiu horrível. "Eu não era a pessoa que eu queria ser."

Ele começou a aconselhar imediatamente após o ataque e credita a isso salvá-lo. Se ele pudesse fazer alguma coisa, seria incluir sua família na terapia. "Eles não tinham ideia do que era TEPT", disse ele. "Se eles tivessem entendido o que eu estava passando, estaria tudo bem."

Seu casamento não deu certo. No início de 2002, ele e sua esposa concordaram em se divorciar. Ele disse que Columbine não foi o único motivo, mas foi uma grande parte.

Enquanto se preparava para sair, Frank encontrou quatro mil cartas que recebera em 1999. A maioria apoiava, algumas zangadas, algumas ameaçavam sua vida. Tentara ler vinte e cinco por dia; que se revelou traumático. Agora ele estava pronto para enfrentá-los. Ele leu uma pilha grande e um nome o pegou desprevenido. Diane Meyer tinha sido sua antiga namorada do ensino médio. Eles se separaram antes da formatura e perderam contato por trinta anos. Ele a olhou. A mãe dela estava na mesma casa. Ele ligou para Diane e ela foi tão compreensiva. Eles conversaram

várias vezes, nunca pessoalmente, mas longas conversas reconfortantes. Ela o ajudou durante o divórcio e a reviravolta emocional que o esperava em maio. Ele tinha mais uma coisa para fazer.

Columbine foi uma experiência catártica para grande parte do corpo docente. Eles reavaliaram suas vidas. Muitos recomeçaram em novas carreiras. Na primavera de 2002, a maioria deles havia se mudado. Todos os outros administradores, exceto Frank, foram embora. À medida que maio se aproximava, o Sr. D considerou o que o deixou mais feliz. Como ele *realmente* queria investir seus anos restantes?

Sem concessões, decidiu; ele seguiria seu sonho. Ele escolheu permanecer principal em Columbine. Ele adorava aquele trabalho. Algumas das famílias o odiavam; eles ficaram enojados com seu anúncio. Outros ficaram satisfeitos. Seus filhos estavam em êxtase.

___

Rohrbough ficou furioso. Mas ele estava tendo sucesso com os policiais. Seu passe de Ave Maria rompeu a barragem: o juiz Jackson continuou liberando provas. Eventualmente, Jeffco recebeu ordens para liberar quase tudo, exceto os itens supostamente incendiários: os diários dos assassinos e as fitas do porão. O filão principal veio em novembro de 2000: 11.000 páginas de relatórios policiais, incluindo praticamente todos os relatos de testemunhas. Jeffco disse que era tudo.

Ainda estava escondendo mais da metade. Repórteres e famílias continuaram desbastando, exigindo itens conhecidos. Jeffco agiu comicamente em suas tentativas de suprimir. Numerou todas as páginas e *depois* eliminou milhares, liberando os documentos com lacunas numeradas. Uma versão indicou quase 3.000 páginas perdidas.

Jeffco foi forçado a desembolsar mais meia dúzia de lançamentos no ano seguinte; em novembro de 2001, as autoridades descreveram uma pilha enorme como "o último lote". Mais de 5.000 páginas chegaram ao final de 2002 e 10.000 em 2003 – em janeiro, fevereiro, março, junho e três vezes em outubro.

No meio de tudo isso, em abril de 2001, o promotor público Dave Thomas mencionou inadvertidamente a arma fumegante: o depoimento para revistar a casa de Eric mais de um ano antes do massacre. Jeffco negou vigorosamente sua existência por dois anos. O juiz Jackson ordenou que fosse liberado.

O depoimento foi mais contundente do que o esperado. O investigador Guerra astutamente juntou os fios da trama inicial de Eric e documentou ameaças de assassinato em massa e a produção de bombas para começar a realizá-las. O objetivo do encobrimento foi revelado. No entanto, continuou por vários anos.

Finalmente, em junho de 2003, saiu o mandado de busca que Kate Battan redigiu na tarde do massacre. Demonstrou conclusivamente que os funcionários da Jeffco estavam mentindo sobre os Browns o tempo todo - que eles sabiam dos avisos desde o início, e as páginas da Web

"desaparecidas" eram tão acessíveis que as encontraram nos primeiros minutos do ataque.

A raiva e o desprezo continuavam aumentando. Um juiz federal finalmente teve o suficiente. Ele decidiu que Jeffco não era confiável nem para armazenar provas valiosas. Ele ordenou que o condado entregasse material-chave, como as fitas do porão, para serem guardados no tribunal federal em Denver.

___

O agente Fuselier derrotou o Sr. D até a aposentadoria. Seis meses após o massacre, a investigação estava praticamente concluída. Fuselier continuou estudando os assassinos, mas voltou ao seu papel como chefe de terrorismo doméstico na região Colorado-Wyoming. Poucos americanos tinham ouvido falar de Osama bin Laden, mas um pôster de PROCURADO em tamanho real dele saudava os visitantes da filial do FBI. Fuselier via a foto do inimigo número um todas as manhãs ao descer do elevador no décimo oitavo andar.

"Ele é um homem perigoso", disse Fuselier a um visitante. O Bureau estava determinado a detê-lo.

Fuselier também retomou o treinamento de negociadores de reféns e voltou de plantão para incidentes graves. Dois anos depois, ele concluiu uma das fugas de prisão mais notórias da história recente. O Texas Seven escapou de uma instalação de segurança máxima e embarcou em uma onda de crimes. O líder estava cumprindo dezoito sentenças de prisão perpétua - ele não tinha mais nada a perder. Na véspera de Natal de 2000, eles roubaram um esconderijo de armas de uma loja de artigos esportivos e emboscaram um policial. Eles atiraram nele onze vezes e o atropelaram na saída, para ter certeza de que ele estava morto. Ele era. Uma recompensa foi postada: $ 500.000.

A turma continuou andando. Em 20 de janeiro de 2001, eles foram vistos em um estacionamento de trailers perto de Colorado Springs. Uma equipe da SWAT capturou quatro deles e um quinto se matou para evitar a recaptura. Os dois resistentes se barricaram em um Holiday Inn. A equipe do agente Fuselier levou cinco horas para convencê-los. Eles estavam obcecados com a corrupção no sistema penal, então Fuselier organizou uma entrevista ao vivo em uma estação de TV local às 2h30 . Ambos os condenados se renderam e foram condenados à morte. Todos os seis sobreviventes aguardam injeção letal no Texas.

O estresse desgastou Fuselier. Ele teria vinte anos no Bureau naquele outubro e seria elegível para sua pensão. Ele anunciou sua aposentadoria para essa data. Ele teria cinquenta e quatro.

Em 11 de setembro de 2001, o país foi atacado. Bin Laden estava por trás disso. Fuselier adiou sua aposentadoria e passou a maior parte dos onze meses seguintes no caso. No verão de 2002, os Estados Unidos haviam tomado o Afeganistão, Bin Laden havia se escondido e a urgência havia diminuído.

O filho de Fuselier, Brian, formou-se na Columbine High naquele maio - a última aula que o Sr. D estava esperando. Brian estava indo para a faculdade em julho. Dwayne programou sua aposentadoria para a semana seguinte, para que Brian não visse seu pai desempregado.

"Eu pude ver uma mudança no dia seguinte", disse Brian ao pai quando voltou para casa para uma visita. "Você tinha amadurecido mais do que eu já tinha visto."

Fuselier perdeu o trabalho, no entanto. Em poucos meses, ele estava prestando consultoria para o Departamento de Estado. Ele o enviou para realizar treinamento antiterrorismo em países do Terceiro Mundo. Ele passou um quarto do ano em seções incompletas do Paquistão, Tanzânia, Malásia, Macedônia – em qualquer lugar onde os terroristas estivessem ativos.

Mimi preocupada. Dwayne não pensou muito sobre isso, e Brian não ouviu a tensão retornar à sua voz. O medo não era o problema no FBI; era a responsabilidade.

"Estava ficando mais difícil trabalhar sabendo que a vida de alguém poderia depender de eu não cometer nenhum erro naquele dia", disse ele.

___

Bowling for Columbine de Michael Moore atraiu elogios em Cannes. Tornou-se o documentário de maior bilheteria da história dos EUA. Não era muito sobre Columbine, e o título apresentava um mito menor – que Eric e Dylan foram jogar boliche em 20 de abril – mas incluía uma cena dramática em que Moore e uma vítima foram ao Kmart e pediram para devolver as balas ainda dentro do cara. A façanha e/ou publicidade em torno dela envergonhou a Kmart ao interromper as vendas de munição em todo o país.

Marilyn Manson foi entrevistado no filme. Moore perguntou a Manson o que ele diria aos assassinos, se tivesse a chance de falar com eles: "Eu não diria uma única palavra a eles", disse ele. "Eu ouvia o que eles têm a dizer, e isso é o que ninguém fez." Essa era a história que a mídia havia contado.

A conexão com o KMFDM, a banda niilista *que Eric* idolatrava e citava com frequência, foi ignorada pela grande mídia. Os fãs ficaram sabendo, no entanto, e a banda divulgou uma declaração de profundo remorso: "Estamos doentes e horrorizados, assim como o resto da nação, pelo que aconteceu no Colorado... nenhum de nós tolera qualquer crença nazista".

___

Os pais dos assassinos permaneceram em silêncio. Eles nunca falaram com a imprensa. O pastor Don Marxhausen ficou perto de Tom e Sue Klebold. Ele era um grande conforto. Sue voltou a treinar alunos com deficiência na faculdade comunitária. Isso a ajudou a lidar.

"É incrível o tempo que demorei para me levantar e dizer meu nome em uma reunião, para dizer 'sou a mãe de Dylan Klebold'", disse ela mais tarde. "Dylan poderia ter matado qualquer número de filhos de pessoas com quem eu trabalho."

Fazer compras pode ser intimidador – antecipar aquele momento de reconhecimento quando uma vendedora examinar seu cartão de crédito. Era um nome diferenciado. Às vezes eles notavam.

"Rapaz, você é um sobrevivente", disse um funcionário.

Tom trabalhava em casa, então ele podia escolher quando sair. Ele ficou o tempo todo. O pastor Don se preocupava com ele.

O reverendo Marxhausen pagou por essa compaixão. Grande parte de sua paróquia o amava por isso; outros ficaram indignados. O conselho da igreja se dividiu. Isso era insustentável. Um ano após o massacre, ele foi forçado a sair.

Marxhausen tinha sido um dos ministros mais reverenciados na área de Denver, mas agora não conseguia encontrar um emprego. Após um período de desemprego, ele deixou o estado para dirigir uma pequena paróquia. Ele sentiu falta do Colorado e acabou voltando. Ele conseguiu um emprego como capelão em uma prisão do condado. Sua principal função era aconselhar os presos quando seus entes queridos morriam. Ele nasceu para o trabalho, ministrando aos desesperados. Ele simpatizava com cada um, e isso sugou a vida dele.

___

Os processos se arrastaram por anos. Eles ficaram mais bagunçados. Uma onda de novos réus foi adicionada, incluindo funcionários da escola, os pais dos assassinos, o fabricante do Luvox e qualquer pessoa que tenha entrado em contato com as armas. As ações foram consolidadas na Justiça Federal. O juiz Lewis Babcock aceitou os dois principais argumentos do condado: que não era responsável por deter os assassinos antecipadamente e que os policiais não deveriam ser punidos por decisões sob fogo cruzado. Babcock disse que as autoridades *deveriam* ter evitado o massacre meses antes, mas não estavam legalmente obrigadas.

Em novembro de 2001, ele rejeitou a maioria das acusações contra o xerife e a escola. As famílias apelaram e o condado fez um acordo no ano seguinte: US$ 15.000 cada - uma fração de seus honorários legais. O processo de descoberta nunca trouxe muita luz; não precisava. A ofensiva inicial dos Rohrboughs colocou o processo legal em movimento e continuou sob seu próprio poder.

O juiz Babcock recusou-se a arquivar o caso Sanders. Ele recusou a alegação de que o resgate de Dave envolvia decisões em frações de segundo.

"Eles tiveram tempo na terceira hora!" Babcock explodiu.

Os policiais tinham centenas de pessoas para resgatar, respondeu o advogado. Eles tiveram que alocar recursos.

Mais de 750 policiais estiveram no local, lembrou o juiz. "Não é como se eles estivessem um pouco sem mão de obra naquele dia", disse ele.

Em agosto de 2002, Jeffco pagou a Angela Sanders US$ 1,5 milhão. Não admitiu nenhuma irregularidade. O último caso Jeffco a fechar foi o de Patrick Ireland. Ele recebeu US$ 117.500.

Depois de anos de disputas, a maioria dos casos marginais foi arquivada. Luvox foi retirado do mercado. Isso deixou as famílias dos assassinos. Eles queriam resolver. Eles não tinham muito dinheiro, mas tinham seguro. Descobriu-se que as apólices do dono da casa cobriam o assassinato de seus filhos. Cerca de US$ 1,6 milhão foi dividido entre trinta e uma famílias. A maior parte veio da política dos Klebolds. Acordos semelhantes foram alcançados com Mark Manes, Phillip Duran e Robyn Anderson, por um total estimado de aproximadamente US$ 1,3 milhão.

Cinco famílias rejeitaram os Harris e os Klebolds: não há compra sem informação. Realmente não era sobre o dinheiro para os Rohrboughs e outros quatro. Eles estavam lutando por informações, e eles provaram isso.

Mas eles foram pegos em um impasse: os pais dos assassinos falariam se as vítimas desistissem dos processos; as vítimas desistiriam dos processos se os pais falassem.

Por mais dois anos, continuou. Então o juiz negociou um acordo. Os resistentes dispensariam seus processos se os pais dos assassinos respondessem a todas as suas perguntas – em particular, mas sob juramento. Foi um compromisso amargo. Os resistentes queriam respostas para o público, bem como para si mesmos. Eles se estabeleceram sozinhos.

Em julho de 2003, os quatro pais foram depostos por vários dias. A mídia veio para fotografá-los. Eles haviam permanecido tão privados que poucos repórteres sabiam como eram. Duas semanas após os depoimentos, um acordo foi anunciado. Parecia ter acabado.

Mas Dawn Anna pediu que os depoimentos fossem tornados públicos: entender os sinais de alerta poderia impedir o próximo Columbine. Um coro se reuniu atrás dela. Um magistrado decidiu que as transcrições seriam destruídas, conforme o acordo. Isso desencadeou um clamor público e uma onda de pedidos de registros abertos. O juiz Babcock concordou em considerar os argumentos.

Levou quatro anos para chegar a este ponto. Eles estavam apenas na metade do caminho.

Em abril de 2007, o juiz Babcock finalmente decidiu. "Existe um interesse público legítimo nesses materiais para que tragédias semelhantes possam ser evitadas", escreveu ele. "Concluo, no entanto, que o equilíbrio de interesses ainda favorece a manutenção da estrita confidencialidade."

Ele estabeleceu um compromisso. As transcrições seriam seladas nos arquivos nacionais por vinte anos. A verdade viria à tona em 2027, vinte e oito anos após o massacre.

___

Embora estivesse aposentado, Fuselier esperava ver os depoimentos também. Idealmente, ele gostaria de questionar os próprios pais. Ele sabia onde os meninos terminaram, psicologicamente, mas suas origens eram um mistério, principalmente a de Eric. Apenas duas pessoas tinham uma perspectiva de dezoito anos em seu caminho para a psicopatia. Quando Eric começou a exibir as primeiras marcas e como elas eram visíveis? Wayne havia adotado um estilo parental severo – como isso funcionou? Eric

escreveu pouco sobre interação com sua mãe – qual tinha sido a abordagem de Kathy? Houve sucessos? Qualquer coisa que possa ajudar o próximo pai?

Fuselier entendeu a recusa deles em falar.

"Tenho a maior simpatia pelos pais de Harris e Klebold", disse ele. "Eles foram difamados sem informações. Ninguém tem informações objetivas suficientes para tirar conclusões."

Fuselier disse que criou dois filhos, e qualquer um deles poderia ter surgido com características além de sua compreensão. Eric documentou a frustração de seus pais com seu comportamento, bem como suas tentativas de forçá-lo a se conformar. Suas táticas podem ter sido todas erradas para um jovem psicopata, mas como os pais sabem o que é isso?

"Acredito que eles foram criticados injustificadamente pelo que seus filhos fizeram", disse Fuselier. "Eles provavelmente estão se perguntando as mesmas perguntas que nós, na profissão, estamos fazendo."

___

Patrick Ireland saiu de casa para o Colorado State no outono de 2000. Ele se saiu bem. Ele realmente pegou a vida no campus. E ele ficou surpreso com o quanto ele gostava da escola de negócios. Abandonar a arquitetura acabou sendo fácil. Ele tinha sido forçado a algo que ele gostava mais.

Ele ainda travava batalhas de memória, lutava um pouco para encontrar palavras e provavelmente continuaria tomando medicação anticonvulsivante por toda a vida. Ele conheceu uma garota em sua primeira noite. Kacie Lancaster. Ela era inteligente, atraente e um pouco tímida. Eles clicaram imediatamente e se tornaram amigos íntimos.

Em maio de 2004, graduou-se magna cum laude. Armado com um bacharelado em administração de empresas, ele aceitou um emprego como planejador financeiro na Northwestern Mutual Financial Network. Ele amou.

Um dedo o incomodou um pouco. Seu dedo mindinho direito se projetava para longe dos outros, o que causou um pequeno problema quando ele apertou as mãos. Poderia cutucar um pouco a outra pessoa na palma da mão - apenas o suficiente para sinalizar que algo estava errado. Você poderia pegá-lo olhando para baixo nervosamente, se você soubesse o que procurar. Não era a primeira impressão que ele queria causar. Mas ele tinha uma presença tão imponente quando falou. Os clientes confiavam nele. Seus chefes estavam felizes. Ele estava se tornando uma estrela.

Patrick havia aposentado a cadeira de rodas e a muleta no ensino médio. A cinta de pé permaneceu. Sua perna direita ficou um pouco para trás: perceptível, mas não debilitante. Correr estava fora de questão, mas esquis aquáticos não.

Equilíbrio, força e agilidade eram todos os obstáculos que Patrick poderia superar. Mas nunca recuperaria a destreza do pé direito para agarrar o esqui. Então ele trabalhou com um amigo engenheiro para construir uma bota personalizada que ele pudesse calçar enquanto tentava subir na água. Eles passaram meses trabalhando em protótipos e

experimentando-os no lago. John foi com eles para encorajamento. Toda vez, o barco arrastava Patrick inutilmente para trás.

Eles tentaram tirar a casca de um Rollerblade e aderi-lo ao esqui. Não. Eles o refinaram e retornaram ao lago. Sem utilidade. Patrick tentou várias vezes. Ele tinha feito cerca de dez corridas naquela noite, e estava ficando tarde. John tinha certeza de que Patrick estava exausto e achou que era hora de quebrar. *Não, eu posso fazer isso,* disse Patrick.

João concordou. Ele se sentou no banco do passageiro virado para trás. O motorista acelerou o motor e John viu seu filho subir na superfície do lago. Uau.

Patrick sentiu o spray atingir seu rosto. O sol dançava nas ondas. A corda sacudiu seus braços. Ele cavou para uma volta. Um lençol de água subiu e cortou sua panturrilha. Doeu, só um pouco. Ahhhh. A dor da competição. Foi ótimo.

___

Todos esperavam imitadores. O país se preparou para um novo nível de horror. As mortes por tiros em escolas caíram 25% nos três anos seguintes. Mas Eric e Dylan deram aos olhos dos jovens uma nova abordagem: táticas terroristas para engrandecimento pessoal. Em 2001, dois alunos da nona série de uma escola de ensino médio em Fort Collins, Colorado, adquiriram um arsenal semelhante: TEC-9, espingarda, rifles e bombas de propano. Eles planejavam reverter a cronologia de Eric: selar as saídas, matar os alunos e guardar as bombas para os retardatários. Eles terminariam fazendo dez reféns, mantendo-os no escritório de aconselhamento por diversão, depois matando as crianças e a si mesmos.

Mas vazaram. As crianças quase sempre vazam. Quanto maior o enredo, maior o vazamento. A dupla de Fort Collins foi recrutar pistoleiros para cobrir todas as saídas. Um dos conspiradores disse a pelo menos sete pessoas que planejava "refazer Columbine". Ele se gabou para quatro garotas de que elas seriam as primeiras a morrer. Eles foram direto para a polícia.

Os colegas adolescentes eram diferentes depois de 1999. "Piadas" assustavam as crianças. Dois lotes mais grandiosos - em Malcolm, Nebraska e Oaklyn, Nova Jersey - foram frustrados nos primeiros cinco anos.

Administradores de escolas em todo o país responderam com "tolerância zero" - significando que cada ameaça ociosa era tratada como uma arma engatilhada. Isso deixou todo mundo louco. Quase todos os supostos assassinos eram crianças desabafando. Não estava funcionando para ninguém.

Um par de guias de instruções do governo ajudou. O FBI e o Serviço Secreto publicaram relatórios nos primeiros três anos, orientando o corpo docente a identificar ameaças sérias. As recomendações centrais contradiziam o comportamento predominante pós-Columbine. Eles disseram que identificar párias como ameaças não é saudável. Demoniza crianças inocentes que já estão lutando.

Também é improdutivo. Excêntricos não são o problema. Eles não se encaixam no perfil. *Não há perfil.*

Todos os atiradores recentes da escola compartilhavam exatamente uma característica: 100% do sexo masculino. (Desde o estudo, alguns eram do sexo feminino.) Além da experiência pessoal, nenhuma outra característica atingiu 50%, nem perto disso. "Não existe um 'perfil' preciso ou útil dos atacantes", disse o Serviço Secreto. Os agressores vinham de todas as classes étnicas, econômicas e sociais. A maior parte veio de casas sólidas de dois pais. A maioria não tinha antecedentes criminais ou histórico de violência.

Os dois maiores mitos eram de que os atiradores eram solitários e que eles "agarravam". Surpreendentes 93% planejaram seu ataque com antecedência. "O caminho para a violência é evolutivo, com sinalizações ao longo do caminho", disse o relatório do FBI.

As influências culturais também pareciam fracas. Apenas um quarto estava interessado em filmes violentos, metade desse número em videogames – provavelmente abaixo da média para meninos adolescentes.

A maioria dos criminosos compartilhou uma experiência crucial: 98% sofreram uma perda ou falha que consideraram séria – qualquer coisa, desde ser demitido até fracassar em um teste ou ser dispensado. Claro, todos sofrem perdas e fracassos, mas para essas crianças, o trauma parecia colocar a raiva em movimento. Isso certamente era verdade em Columbine: Dylan via toda a sua vida como um fracasso, e a prisão de Eric acelerou sua raiva.

Então, o que os adultos devem procurar? Antes de mais nada, confissões antecipadas: 81% dos atiradores confidenciaram suas intenções. Mais da metade contou a pelo menos duas pessoas. A maioria das ameaças são ociosas, no entanto; a chave é a especificidade. Ameaças vagas, implícitas e implausíveis são de baixo risco. O perigo dispara quando as ameaças são diretas e específicas, identificam um motivo e indicam o trabalho realizado para realizá-lo. Explosões melodramáticas *não* aumentam o risco.

Uma forma mais sutil de vazamento é a preocupação com a morte, a destruição e a violência. Uma história de mutilação gráfica pode ser um sinal de alerta precoce – ou uma imaginação vívida. Adicione malícia, brutalidade e um herói impenitente, e a preocupação deve aumentar. Não exagere a uma única história ou desenho, alertou o FBI. Os adolescentes normais gostam de violência e são fascinados pelo macabro. "Escritas e desenhos sobre esses temas podem ser um reflexo de uma vida de fantasia inofensiva, mas rica e criativa", disse o relatório. A chave era a repetição levando à obsessão. O Bureau descreveu um garoto que havia usado armas e violência em todas as tarefas. Na aula de educação física em casa, ele assou um bolo em forma de arma.

O FBI compilou uma lista específica de sinais de alerta, incluindo sintomas de psicopatia e depressão: manipulação, intolerância, superioridade, narcisismo, alienação, rigidez, letargia, desumanização dos outros e culpa externa. Era uma lista assustadora - esse é um pequeno trecho. Poucos professores iriam dominá-lo. O FBI recomendou não tentar.

Sugeriu que uma pessoa por escola fosse treinada intensamente, para que todos os professores e administradores pudessem recorrer.

O FBI acrescentou uma advertência final: uma criança que corresponda à maioria de seus sinais de alerta tem mais probabilidade de sofrer de depressão ou doença mental do que planejar um ataque. A maioria das crianças que correspondiam aos critérios precisavam de ajuda, não de encarceramento.

___

Columbine também mudou a resposta da polícia aos ataques. Não há mais perímetros. Uma força-tarefa nacional foi organizada para desenvolver um novo plano. Em 2003, lançou "The Active Shooter Protocol". A essência era simples: se o atirador parece ativo, invada o prédio. Mova-se em direção ao som de tiros. Despreze até as vítimas. Há um objetivo: Neutralizar os atiradores. Pare-os ou mate-os.

O conceito existia há anos, mas foi rejeitado. Antes de Columbine, os policiais haviam sido exortados a proceder com cautela: proteger o perímetro, fazer o atirador falar, esperar pela equipe da SWAT.

A chave para o novo protocolo estava *ativa* . A maioria dos tiroteios - a grande maioria - foi rotulada como passiva: o atirador estava vivo, mas não atirando. Esses casos voltaram ao antigo protocolo. O sucesso dependia de determinar com precisão a ameaça nos primeiros momentos.

Os oficiais enfrentam um segundo ponto de decisão quando chegam aos atiradores. Se o assassino estiver escondido em uma sala de aula, segurando crianças, mas não atirando, os socorristas podem precisar parar lá e usar técnicas tradicionais de reféns. Invadir a sala de aula poderia provocar o atirador. Mas se o atirador estiver atirando, mesmo que periodicamente, avance.

O protocolo de atirador ativo ganhou aceitação rápida e generalizada. Em uma série de tiroteios na década seguinte, incluindo o pior desastre, na Virginia Tech, policiais ou guardas entraram correndo, pararam atiradores e salvaram vidas.

___

Sue Petrone pediu e recebeu os dois quarteirões da calçada em que seu filho Danny morreu. Eles foram martelados do chão e instalados em seu quintal, à sombra de um abeto perfumado. Ao redor da laje, ela criou um jardim de pedras, com duas grandes banheiras de madeira transbordando de petúnias. Ela tinha uma robusta treliça de carvalho construída sobre a laje e um balanço da varanda suspenso na viga transversal. Ela, Rich e seu cachorrinho peludo podem se aninhar confortavelmente no balanço generoso.

Linda Sanders manteve o comprimido de Advil encontrado perto do corpo de Dave. Ele tinha problemas com inchaço no joelho, então ele sempre carregava um no bolso. Apenas um. Ela pegou suas roupas ensanguentadas, um pedaço de tapete debaixo de sua cabeça, um pequeno fragmento de dente que lascou quando ele caiu e seus óculos.

Ela nunca largaria aqueles óculos. Ela os colocou em uma caixa de óculos e os colocou na mesa de cabeceira ao lado da cama. Ela pretende deixá-los assim para sempre.

O processo em nome de Dave Sanders sobreviveu a todos os outros, mas sua viúva optou por não participar. Ela não estava zangada com a polícia, nem com a escola, nem com os pais. Ela estava com raiva de sua situação. Ela estava solitária.

50. As Fitas do Porão

Eric queria ser lembrado. Ele passou um ano no "Livro de Deus", mas cinco semanas antes do Dia do Julgamento, ele decidiu que não era bom o suficiente. Ele queria um papel de protagonista na câmera. Então, em 15 de março, ele e Dylan começaram o Basement Tapes. Seria um cronograma de filmagem apertado, sem tempo para edição ou pós-produção. Eles filmaram com uma filmadora Sony 8mm, retirada do laboratório de vídeo Columbine High.

A primeira parcela foi uma configuração básica de talk show: uma câmera fixa na sala da família no porão de Eric, fora de seu quarto. Ele continuou fazendo ajustes de câmera depois de rodar – talvez como uma maneira sorrateira de garantir que seu público fosse claro sobre o diretor. O projeto de vídeo era inteiramente sobre seu público. Em última análise, o ataque também foi.

Eric se juntou a Dylan no set. Eles relaxaram em poltronas reclináveis de veludo, brincando sobre o grande evento. Eric tinha uma garrafa de Jack Daniel's em uma mão e Arlene estava deitada em seu colo. Ele tomou um gole e tentou não fazer careta. Ele odiava as coisas. Dylan mastigou um palito e tomou pequenos goles de Jack também.

Eles reclamaram por mais de uma hora. Dylan era selvagem, animado e zangado, obsessivamente atirando os dedos pelos cabelos compridos e desgrenhados. Eric era principalmente calmo e controlado. Eles falaram a uma só voz: a de Eric.

Eric apresentou a maioria das ideias; Dylan acompanhou. Eles insultaram os inferiores de sempre: negros, latinos, gays e mulheres. "Sim, mães, fiquem em casa", disse Eric. "Porra, faça-me o jantar, vadia!"

Às vezes, Eric ficava meio barulhento. Isso deixou Dylan nervoso. Já passava da 1:00 da manhã, e os pais de Eric estavam lá em cima, cochilando. Cuidado, Dylan avisou.

Eles recitaram uma lista de crianças que os irritaram. Eric tinha sido arrastado pelo país: o branquinho esquelético, constantemente recomeçando, sempre na base da cadeia alimentar. As pessoas continuavam zombando dele - "meu rosto, meu cabelo, minhas camisas". Ele enumerou todas as garotas que recusaram seus avanços.

Dylan ficou excitado só de ouvir. Ele encarou a câmera e se dirigiu a seus algozes. "Se você pudesse ver toda a raiva que eu armazenei nos últimos quatro malditos anos", disse ele. Ele descreveu um estudante do segundo ano que não merecia a evolução da mandíbula que lhe deu. "Procure a mandíbula dele", disse Dylan. "Não vai estar em seu corpo."

Eric nomeou um cara que ele planejava atirar nas bolas, outro no rosto. "Imagino que serei baleado na cabeça por um maldito policial", disse ele.

Ninguém que eles nomeassem seria morto.

Foi muito além do ensino médio. Desde o jardim de infância, na creche Foothills Day Care, Dylan conseguia se lembrar deles: todas as crianças arrogantes zombando dele. "Ser tímido não ajudou", disse ele. Em casa era

tão ruim quanto. Exceto por seus pais, toda a sua família extensa o desprezava, o tratava como o menor da ninhada. Seu irmão estava sempre zombando dele; Os amigos de Byron também. "Você me fez o que sou", disse Dylan. "Você aumentou a raiva."

"Mais raiva, mais raiva!" Eric exigiu. Ele fez um gesto com os braços. "Continue construindo."

Dylan lançou outro ericismo: "Eu reduzi. São os humanos que eu odeio."

Eric levantou Arlene e a apontou para a câmera. "Vocês todos vão morrer, e vai ser foda em breve", disse ele. "Todos vocês precisam morrer. Nós também precisamos morrer."

Os meninos deixaram claro, repetidamente, que planejavam morrer em batalha. Seu legado viveria. "Vamos iniciar uma revolução", disse Eric. "Eu declarei guerra à raça humana e a guerra é o que é."

Ele se desculpou com a mãe. "Eu realmente sinto muito por isso, mas guerra é guerra", ele disse a ela. "Minha mãe, ela é tão atenciosa. Ela ajuda de muitas maneiras." Ela lhe trazia doces quando ele estava triste e, às vezes, Slim Jims. Ele disse que seu pai também era ótimo.

Eric ficou quieto. Ele disse que seus pais provavelmente notaram que ele estava se afastando. Isso foi intencional - ele estava fazendo isso para ajudá-los. "Eu não quero passar mais tempo com eles", disse ele. "Eu gostaria que eles estivessem fora da cidade para que eu não tivesse que olhar para eles e me relacionar mais."

Dylan foi menos generoso. "Me desculpe, eu tenho tanta raiva, mas você colocou isso em mim", disse ele. Ele começou a agradecer-lhes pela autoconsciência e autoconfiança. "Eu aprecio isso", disse ele.

Os meninos insistiram que seus pais não eram os culpados. "Eles me deram a porra da minha vida", disse Dylan. "Depende de mim o que eu faço com isso."

Dylan lamentou a culpa que eles sentiriam, mas depois a ridicularizou. Ele ergueu a voz para imitar sua mãe: "Se ao menos pudéssemos alcançá-los mais cedo. Ou encontrar esta fita."

Eric adorava isso. "Se ao menos tivéssemos feito as perguntas certas", acrescentou.

Oh, eles eram astutos, os meninos concordaram. Os pais eram fáceis de enganar. Professores, policiais, chefes, juízes, psiquiatras, oficiais de desvio e qualquer autoridade eram patéticos. "Eu poderia convencê-los de que vou escalar o Monte Everest", disse Eric, "ou que tenho um irmão gêmeo crescendo nas minhas costas. Posso fazer você acreditar em qualquer coisa."

Eventualmente, eles se cansaram do talk show e passaram para uma turnê de seu arsenal.

___

Eric superou Dylan com as desculpas. Para o olho destreinado, ele parecia sincero. Os psicólogos do caso acharam Eric menos convincente. Eles viram um psicopata. Clássico. Ele até fez o truque do autodiagnóstico para

descartá-lo. "Eu gostaria de ser um maldito sociopata para não ter nenhum remorso", disse Eric. "Mas eu sim."

Assistir a isso deixou o Dr. Fuselier irritado. Remorso significava um desejo profundo de corrigir um erro. Eric ainda não tinha feito isso. Ele desculpou suas ações várias vezes nas fitas. Fuselier foi difícil de chocar, mas isso o pegou.

"Essas são as desculpas mais inúteis que eu já ouvi na minha vida", disse ele. Ficou mais ridículo depois, quando Eric deixou algumas de suas coisas para dois amigos, "se vocês viverem".

"Se você vive?" Fuselier repetiu. "Eles vão entrar lá e muito possivelmente matar seus amigos. Se eles estivessem um pouco arrependidos, eles não fariam isso!"

Este é exatamente o tipo de falsa desculpa que o Dr. Cleckley identificou em 1941. Ele descreveu explosões emocionais falsas e simulações deslumbrantes de amor por amigos, parentes e seus próprios filhos - pouco antes de devastá-los. Os psicopatas imitam o remorso de forma tão convincente que as vítimas muitas vezes acreditam em suas desculpas, mesmo em estado de ruína. Considere Eric Harris: meses após seu massacre, um grupo de jornalistas experientes dos principais jornais do país o viu se apresentar no Basement Tapes. A maioria relatou Eric pedindo desculpas e mostrando remorso. Eles se maravilharam com seu arrependimento.

___

Os meninos voltaram a rodar a câmera três noites depois. Mesmo lugar, mesma configuração, mesmo prazo.

Eles riram sobre como era fácil construir todas as coisas. Instruções para tudo estavam lá na Internet - "bombas, veneno, napalm e como comprar armas se você for menor de idade".

Entre a logística, eles jogaram mais pedaços de filosofia: "A paz mundial é uma coisa impossível... As religiões são gays".

"Os diretores vão brigar por essa história", disse Dylan. Eles ponderaram em quem deveriam confiar seu material: Steven Spielberg ou Quentin Tarantino?

___

O agente Fuselier assistiu às fitas dezenas de vezes. Em um aspecto, eles foram uma revelação. Enquanto os diários explicavam o motivo, as fitas transmitiam personalidade. Houve amplo testemunho sobre eles de amigos, mas não há nada como conhecer um assassino pessoalmente. As fitas ofereceram a melhor aproximação.

Fuselier entendeu que as fitas do porão haviam sido filmadas para uma audiência. Eles eram parcialmente performance – para o público, para os policiais e um para o outro. Dylan, em particular, estava trabalhando duro para mostrar a Eric o quanto ele estava investido. Para leigos, Dylan parecia dominante. Ele era mais barulhento, impetuoso e tinha muito mais personalidade. Eric preferia a direção. Ele estava muitas vezes atrás das lentes. Mas ele sempre esteve no comando. Fuselier viu Dylan se

entregando com os olhos. Ele gritava como um louco, depois olhava para seu parceiro em busca de aprovação. *Como foi isso?*

The Basement Tapes eram uma fusão de personagens inventados com os verdadeiros assassinos. Mas os personagens que os assassinos escolheram também foram reveladores.

___

Eric teve uma nova ideia. Columbine continuaria sendo a peça central de seu apocalipse, mas talvez ele pudesse torná-lo mais ousado. Bombas de viagem e minas terrestres? Nada extravagante, apenas explosivos simples.

A expansão exigiria mão de obra adicional. Eric começou os planos de recrutamento.

Por volta do final de março, Eric se aproximou de Chris Morris. *E se eles armassem uma bomba de viagem bem atrás do Blackjack? Aquele buraco na cerca seria perfeito - crianças rastejavam por lá o tempo todo.*

Chris não estava entusiasmado. Uma bomba para crianças traquinas? Soa um pouco extremo, disse ele.

Eric recuou. A bomba não atingiria as crianças, apenas assustá-las-ia.

Não, disse Chris. Definitivamente não.

Chris estava começando a se preocupar. Eric e Dylan estavam fazendo muitas bombas. Eles tinham explodido um monte. E ele estava ouvindo histórias de todos os tipos de crianças sobre eles conseguirem armas.

Chris notou uma mudança em Eric. Ele estava agindo de forma agressiva de repente, provocando brigas com as pessoas sem uma boa razão. Nate Dykeman também viu algo em Eric e Dylan: matar mais aulas, dormir na aula, agir em segredo. Ninguém disse nada.

Eric fez pelo menos três tentativas de recrutar Chris Morris, embora Chris não tenha entendido isso na época. Algumas das aberturas vieram na forma de "piadas".

"Não seria divertido matar todos os atletas?" ele perguntou na aula de boliche. Por que parar por aí, por que não explodir a escola inteira? Quão difícil seria, realmente? Chris assumiu que Eric estava brincando, mas ainda assim.

Vamos, Eric disse. Eles poderiam colocar bombas nos geradores de energia - isso deveria acabar com a escola.

Chris teve o suficiente. Ele se virou para falar com outra pessoa.

Essa é uma técnica de recrutamento padrão para aspirantes a assassinos em massa, explicou Fuselier. Eles jogam fora a ideia, e se for evitada é uma "brincadeira"; se a pessoa acender, o recrutador passa para a próxima etapa.

Quando a notícia do crack de Eric sobre matar os atletas foi divulgada, muitos tomaram isso como confirmação do motivo do alvo. Eric era um recrutador muito mais astuto do que isso. Ele sempre tocava para o público na frente dele. Quase sempre avaliava seus desejos corretamente. Sugerir os atletas não significava *que ele* queria selecioná-los, indicava que achava que a ideia atrairia Chris.

É claro que Eric também gostaria de matar atletas, junto com negros, spics, bichas e todos os outros grupos contra os quais ele criticava.

Dylan estava vazando indiscriminadamente agora. Ele fez várias exibições públicas das bombas caseiras. Estes se tornaram muito mais frequentes à medida que o NBK estava à vista. Muita gente sabia das armas. E as bombas caseiras. Eric e Dylan estavam provocando cada vez mais deles, ficando mais ousados com quem eles deixavam entrar.

Em fevereiro ou março, Eric derramou algo ainda mais assustador: napalm. Aconteceu em uma festa na casa de Robyn. Eric não era amigo de Zack desde a briga no verão passado, mas Eric precisava de algo. Ele não conseguiu fazer com que as receitas de napalm da Web funcionassem. Zack era bom com esse tipo de coisa. Eric tinha uma boa ideia de que Zack era o homem para ajudá-lo.

Eric caminhou até Zack bem-humorado, perguntou como ele estava, conversou com ele um pouco. Eles falaram sobre seus futuros.

Zack e Eric saíram da festa ao mesmo tempo, e dirigiram separadamente para um supermercado, King Soopers. Zack comprou um refrigerante e uma barra de chocolate e esperou por Eric no estacionamento. Eric saiu e mostrou a ele um refrigerante e uma caixa de alvejante. Água sanitária? Para que servia o alvejante? Zack perguntou.

Eric disse que "iria tentar".

Tentar o que?

Napalm. Eric disse que ia experimentar napalm. Zack sabia como fazer isso?

Não.

Zack contou a história aos investigadores após os assassinatos, mas mentiu da primeira vez. Ele descreveu a festa de Robyn, mas editou o napalm. Ele concordou com um polígrafo e, pouco antes de amarrá-lo, ele confessou o resto. Ele disse que a conversa não foi adiante, e ele nunca mais discutiu sobre napalm ou espingardas – com Eric, Dylan ou qualquer outra pessoa. Os resultados de seu polígrafo foram inconclusivos.

Eric também pediu a Chris para guardar napalm em sua casa. Eric e Dylan brincaram sobre isso no Basement Tapes: "É melhor o Napalm não congelar na casa daquela certa pessoa." Eles disfarçaram sua identidade no início, mas depois se referiram à "casa de Chris Pizza". Astuto. (Chris Morris mais tarde testemunhou que era realmente ele, e que ele recusou.)

___

Sem tempo. Menos de um mês para ir. Eric tinha um monte de merda para fazer. Ele organizou-o em uma lista rotulada "merda falta a fazer". Ele tinha que descobrir o napalm, adquirir mais munição, encontrar um dispositivo de mira a laser, treinar equipamentos, preparar explosivos finais e determinar o momento de pico da morte. Um item aparentemente não foi cumprido: "ficar na cama".

___

2 de abril, o sargento Mark Gonzales ligou friamente para Eric sobre se alistar nos fuzileiros navais. Eric disse que talvez. Eles conversaram várias

vezes.

Nesse mesmo mês, ele voltou para "O Livro de Deus". Meses se passaram; muita coisa aconteceu. Ele tinha trinta e nove grilos prontos, vinte e quatro bombas caseiras e todas as quatro armas. Eric fechou o diário. Isso foi feito.

___

Eric conheceu o sargento Gonzales. Ele usava uma camiseta preta do Rammstein, calça preta e botas de combate pretas. Ele fez um teste de triagem e obteve uma pontuação média. O sargento pediu que Eric se descrevesse selecionando entre abas marcadas com atributos pessoais. Ele escolheu "aptidão física", "liderança e autoconfiança" e "autodisciplina e autodireção". Ele pensaria em se alistar e conversaria sobre isso com seus pais. Ele concordou em fazer uma visita domiciliar, com seus pais.

Não está claro o que Eric estava tirando do exercício. Ele provavelmente tinha vários motivos. Ele sempre se imaginou como um fuzileiro naval - ele poderia desfrutar de um sabor de última hora. E precisava de informações: ainda lutava com as bombas-relógio e o napalm. Ele disse a Gonzales que estava interessado em treinamento de armas e demolições e fez muitas perguntas. Mas seus pais foram provavelmente o principal motivo. Eles continuaram perseguindo Eric sobre seu futuro. Isso iria tirá-los de suas costas. Duas semanas de tranquilidade. Espaço de manobra para respirar.

___

Eric gravou a próxima cena de vídeo sozinho, em seu carro, dirigindo, com a câmera voltada para ele do painel. Ele tinha a música estridente, muito do que ele disse não está claro. Ele falou sobre a equipe do Blackjack e se desculpou pelo que estava por vir: "Desculpem, caras, eu tive que fazer o que tinha que fazer." Ele iria sentir falta deles. Ele realmente sentiria falta de Bob, seu antigo chefe que ficara bêbado no telhado com eles.

Eric ainda não conseguia decidir o momento do ataque: antes do baile ou depois? "É uma sensação estranha saber que você estará morto em duas semanas e meia", disse ele.

___

9 de abril era o aniversário de Eric. Dezoito anos - oficialmente um adulto. Ele se reuniu com um monte de amigos em um ponto de encontro local.

Alguns dias antes ou depois, um amigo viu Eric e Dylan no refeitório, debruçados sobre um pedaço de papel. O que estava acontecendo? ela perguntou. Eles tentaram escondê-lo. Ela jogou com calma, então arrancou o papel. Era um diagrama desenhado à mão do refeitório, mostrando detalhes como a localização das câmeras de vigilância. Aquilo foi estranho.

Eric fez vários outros diagramas. Ele conduziu seu inventário do tráfego do refeitório. Ele não permitiu que isso fosse visto.

___

Os meninos gravaram mais fitas. NBK daria uma baita formatura, eles disseram. Muitas pessoas chorando, provavelmente uma vigília à luz de velas. Pena que não veriam. Eles se parabenizaram por documentar tudo

isso. Mas os policiais pegariam as fitas primeiro. Você acha que eles vão deixar as pessoas vê-los? Dylan perguntou. Provavelmente não. Os policiais cortavam todas as filmagens e mostravam ao público como queriam que ficasse. Isso pode ser um problema. Resolveram copiar os vídeos e distribuí-los para quatro emissoras de notícias. Eric escaneava seu diário e o enviava por e-mail com mapas e plantas.

Eles nunca chegaram a isso.

No domingo, os meninos foram a Denver buscar suprimentos. Claro que eles trouxeram a filmadora. Isso era história. Eles pegaram recipientes de combustível e garrafas de propano. Dylan pegou suas calças do exército. Eric parece ter financiado a maior parte da operação, mas Dylan pagou sua parte desta vez. Ele trouxe $ 200 em dinheiro; Eric tinha um cheque de 150 dólares.

A próxima cena foi no quarto de Eric, sozinho. Ele se sentou em sua cama, apontando a câmera para seu rosto a alguns centímetros de distância, produzindo um estranho efeito de olho de peixe. Eric falou sobre seus "melhores pais" novamente - e os policiais os fazendo pagar.

"É uma merda fazer isso com eles", disse ele. "Eles serão colocados no inferno."

Eles não poderiam tê-lo impedido, Eric os assegurou. Ele citou Shakespeare: "Bons úteros geraram maus filhos."

Ele escreveu a mesma linha em seu planejador do dia na página do Dia das Mães. Isso foi revelador, pensou Fuselier. Dylan queria ser um bom menino, mas Eric entendeu que ele era mau.

Foi engraçado, Eric disse ao público da televisão: toda aquela conversa fiada de seus pais sobre metas e ele estava trabalhando pra caramba. "É meio difícil para mim, nestes últimos dias", disse ele. "Esta é minha última semana na terra e eles não sabem."

A recompensa valeria a pena. "O apocalipse está chegando e está começando em oito dias", disse ele. Ele lambeu os lábios. "Ah, sim. Está chegando, tudo bem."

Então ele ergueu sua obra-prima: "Este é 'O Livro de Deus'", disse ele. "Este é o processo de pensamento" - se você quiser entender o porquê, leia isto. Ele folheou para mostrar seu melhor trabalho. "De alguma forma, vou publicar isso."

Ele parou em um esboço na parte de trás, dele ou Dylan em equipamento de batalha. O soldado foi equipado com um tanque enorme para ser amarrado às costas. Foi rotulado como "napalm". Ele apontou para ele e disse: "Este é o plano de suicídio."

___

Cinco dias antes do Julgamento, Dylan finalmente aceitou que o estava encenando. "Hora de morrer", escreveu. "Estamos à espera de nossa recompensa, um ao outro."

Nós. A palavra domina a entrada, mas não inclui Eric. Dylan estava se dirigindo a Harriet. Ele estava grato a Eric por fornecer a saída, mas não estava interessado em passar a eternidade com ele.

___

Na quinta-feira à noite, o recrutador da Marinha apareceu para a visita domiciliar às 18h. Wayne e Kathy tinham muitas perguntas sobre oportunidades de trabalho na corporação. Kathy perguntou se os antidepressivos afetariam a elegibilidade de Eric. Ela pegou o frasco de remédios e o sargento Gonzales escreveu "Luvox". Ele disse que iria verificar e ligar de volta.

Como Eric se importava. Ele vinha invocando os fuzileiros navais em suas fantasias de guerra a vida toda, mas tudo o que ele realmente queria fora do corpo era o prestígio de seu remendo em seu ombro. Eric nunca se retratou apoiando um esquadrão, e certamente não recebendo ordens. Era sempre um exército de um ou dois, e a missão era sobre ele, não sobre o país ou sua corporação.

Gonzales ligou na sexta ou no sábado e deixou uma mensagem para ligar de volta. Eric nunca se incomodou.

___

O Sr. D forneceu uma dose de ironia. Ele encerrou a assembléia de sexta-feira falando sobre todos voltando vivos. Perfeito.

Os meninos pegaram mais propano naquele dia. Eric perseguiu Mark Manes por munição. O atraso provavelmente empurrou o NBK de 19 de abril para 20 de abril.

Eric passou a noite na casa de Dylan. Isso surpreendeu Tom e Sue Klebold – eles não viam Eric há seis meses. Os meninos chegaram depois das 22h . Dylan estava nervoso - Tom podia ouvir em sua voz. Seu tom estava um pouco errado; Tom descreveu-o mais tarde como "apertado". Ele fez uma nota mental para falar com Dylan sobre isso. Ele nunca chegou a isso.

Eric veio com uma mochila grande, cheia de alguma coisa. Era enorme e volumoso e ele estava tendo problemas para carregá-lo. Tom assumiu que era um computador. Era um esconderijo de armas, para um desfile de moda final. Eles filmaram, é claro - a única cena do Basement Tapes filmada no Dylan's. Eric dirigiu, como sempre. Dylan amarrado no equipamento: arreios, bolsas de munição... quando ele chegou às facas, ele brincou sobre a cabeça de um certo estudante do segundo ano empalada em uma. Ele pendurou o TEC-9 no ombro e deslizou a espingarda no bolso de carga da calça. Em seguida, ele o prendeu com a correia para prendê-lo no lugar.

Ele precisava de sua mochila. Dylan foi procurar no armário e correu para o smoking, desligando para o baile amanhã à noite. Qualquer que seja. Ele se virou para a câmera para esfregar: "Robyn. Eu realmente não queria ir ao baile. Mas já que vou morrer, pensei em fazer algo legal." Além disso, ele disse que seus pais estavam pagando por isso.

Dylan vestiu o casaco e fez uma pose no espelho. Esta era sua roupa de entrada - ia ser tão foda. Parecia grumoso. "Estou gordo deste lado", reclamou.

O objetivo principal era impressionar as pessoas. Os detalhes importavam. Guarda-roupa, encenação, atmosfera, áudio, pirotecnia, ação,

suspense, timing, ironia, prenúncio – todos os elementos cinematográficos foram importantes. E para o público local, eles estavam adicionando aroma: enxofre, carne queimando e medo.

Dylan tentou sua próxima pose, e isso também foi um problema. Seu primeiro movimento, uma vez que a cena começou, foi arrancar o TEC de sua funda e lançá-lo em sua mão de disparo em um único movimento dramático. Seu casaco ficou no caminho. Ele tentou novamente. Muito ruim. *Mais rápido* , disse Eric. Ele estava visivelmente irritado. Ele havia praticado cada movimento com perfeição. Dylan estava tentando toda essa merda pela primeira vez.

___

Eric saiu por volta das 9h , sem a mochila. Os meninos podem ter ficado acordados a noite toda. Tom e Sue notaram que a cama de Dylan não parecia ocupada.

___

Sábado foi tudo sobre o baile. Dylan chegou em casa às 3:00 da manhã , e Sue foi cumprimentá-lo. Como foi? ela perguntou. Dylan mostrou a ela uma garrafa de schnapps. Ele disse a ela que só tinha bebido um pouco. O resto do grupo estava indo para o café da manhã, disse ele. Ele estava cansado. Ele foi feito.

Ele dormiu a maior parte do dia seguinte.

___

Na segunda-feira de manhã, por volta das 9 horas, Dylan pegou seu caderno espiral e desenhou a parte superior de um número gigante 1. Ele desenhou a parte inferior no pé da página, com uma grande lacuna entre a cópia: "1. Um Um é o começo ou o fim. Hahaha, resgatado, ainda está lá. Cerca de 26,5 horas a partir de agora, o julgamento começará. Difícil, mas não impossível, necessário, estressante e divertido."

Foi interessante, disse ele, sabendo que ia morrer. Tudo tinha um toque de trivialidade. O cálculo realmente acabou não tendo aplicação prática em sua vida.

A última palavra é difícil de ler, mas parece ser "Fickt", gíria alemã para "fodido".

___

Em suas últimas vinte e quatro horas, Dylan ficou ativo. Ele desenhou esboços de página inteira de si mesmo em armadura corporal: mostradores frontais e traseiros equipados com explosivos. Uma das últimas páginas incluía uma breve programação para a NBK, agora adiada para terça-feira. Terminava assim: "Quando as primeiras bombas explodirem, ataquem. divirtam-se!"

Na segunda-feira à noite, os meninos saíram para jantar com os amigos. Eles foram ao Outback Steakhouse, o restaurante favorito de Eric. Dylan tinha alguns cupons, para que pudessem economizar. Sua mãe perguntou como foi quando ele chegou em casa. Bom, ele disse. Eles se divertiram. Ele comeu um bom bife.

Eric recebeu as últimas duas caixas de munição de Mark Manes e disse que poderia ir atirar amanhã. Ele não dormiu muito naquela noite, se é que dormiu. Ele ainda estava acordado depois das 2:00 da manhã , três horas antes de seu despertar. Ele tinha algumas reflexões para adicionar às suas memórias em áudio. Ele falou em um gravador de microcassete, indicando que faltavam menos de nove horas. "As pessoas vão morrer por minha causa", disse Eric. "Será um dia que será lembrado para sempre."

Terça-feira de manhã, os meninos levantaram cedo. Tom e Sue ouviram Dylan sair por volta das 17h15. Eles assumiram que ele estava a caminho da aula de boliche. Eles não o viram.

"Tchau", ele gritou.

Então eles ouviram a porta se fechar.

Eric deixou seu microcassete no balcão da cozinha. Era uma fita velha, reutilizada, e alguém a havia rotulado de "Nixon" em algum lugar ao longo da linha. O significado desse rótulo deixou os observadores perplexos nos próximos anos. Não significava nada.

51. Dois Obstáculos

A comemoração do quinto aniversário atraiu um público menor do que o esperado. As multidões diminuíram progressivamente a cada ano, mas a escola previu um aumento maior para esse marco. Quase todos ficaram satisfeitos com a afluência de luz. Significava que as pessoas tinham seguido em frente.

Muitos sobreviventes começaram a pensar em quantos eventos foram deixados para trás. Restavam apenas dois: o de dez anos e a dedicação do memorial. Certamente eles não teriam que voltar em vinte.

Havia sempre muitos rostos iguais, mas Anne Marie Hochhalter apareceu pela primeira vez este ano.

Tinha sido uma estrada difícil até lá.

Após o suicídio de sua mãe, Anne Marie terminou o último ano e fez uma faculdade comunitária. Ela não gostou muito. Ela viajou para a Carolina do Norte para terapia de estimulação elétrica. Os médicos esperavam que isso pudesse levá-la a andar novamente. Falhou.

A comoção sobre Columbine parecia nunca ter fim. Dois anos depois, seu pai se mudou com a família para o interior para obter um pouco de paz. Eles ficaram loucos lá fora.

Anne Marie abandonou a escola. Ela não tinha emprego. Ela estava miserável. Os médicos continuaram tentando novas abordagens em sua coluna. Nada funcionou. Ela chafurdou nele por um tempo, então ela teve o suficiente.

Ela voltou para a escola - uma faculdade de quatro anos, com especialização em negócios. Ela comprou uma casa com doações e a equipou para sua cadeira de rodas. A vida começou a se sentir bem.

"Eu gostaria de poder dizer que tive uma epifania, mas foi gradual", disse ela. A reviravolta veio quando ela abandonou o sonho de andar novamente. "Finalmente aceitei que estava confinado a uma cadeira de rodas. Uma vez que fiz isso, fiquei livre para seguir em frente com minha vida. Foi muito libertador."

Seu pai se casou novamente e Anne Marie perdoou sua mãe. Ela havia lutado por tanto tempo, e a doença mental era tão debilitante. "Em sua mente, ela achava que era a melhor coisa que poderia ter feito", disse ela.

Anne Marie também deixou de lado sua raiva contra os assassinos. "Isso é contraproducente", disse ela. "Se você não perdoa, você não pode seguir em frente."

No quinto aniversário, ela voltou a Columbine para compartilhar sua esperança.

___

O financiamento para o memorial do Clement Park encontrou resistência imprevista. Foi orçado em US$ 2,5 milhões, menos do que o projeto da biblioteca, que as famílias levantaram em quatro meses. Este parecia fácil.

Mas quando começaram a levantar fundos em 2000, a boa vontade já havia sido retirada. Eles reduziram o projeto em um milhão em 2005. Ainda

assim, não chegaram nem perto.

Bill Clinton tinha um interesse pessoal no massacre como presidente. Ele voltou para Jeffco em julho de 2004 para aumentar o suporte. Ele trouxe $ 300.000. Isso foi um grande impulso, mas o impulso fracassou novamente.

___

Antes de se aposentar, o agente especial de supervisão Fuselier pediu permissão ao chefe de sua filial para compartilhar sua análise. Seu chefe concordou. Outros especialistas trazidos pelo FBI também cooperaram, incluindo o Dr. Hare, o Dr. Frank Ochberg e outros que falaram off the record. No quinto aniversário do massacre, um resumo de sua análise foi publicado.

colunista do *New York Times David Brooks dedicou um artigo de opinião às conclusões da equipe.* Tom Klebold leu. Ele não gostou. Ele enviou um e-mail para David Brooks dizendo isso. Brooks ficou impressionado com o quão leal Tom ainda se sentia em relação a Dylan. Depois de várias conversas, Tom e Sue concordaram em sentar com Brooks para discutir seu filho e sua tragédia - a primeira e única entrevista de mídia que qualquer um dos quatro pais já deu.

Acontece que eles estavam meio zangados também. Sue contou um incidente em que lhe foi oferecida absolvição. "Eu te perdôo pelo que você fez", disse a pessoa. Isso enfureceu Sue. "Não fiz nada pelo qual preciso de perdão", disse ela a Brooks.

Mas principalmente Tom e Sue ficaram confusos. Eles estavam convencidos de que atletas e valentões estavam por trás disso, mas atletas e valentões estão por toda parte e poucas crianças estão tentando explodir sua escola. Eles eram pessoas brilhantes e sabiam que não estavam qualificados para oferecer uma explicação para os crimes de seu filho. "Sou uma pessoa quantitativa", disse Tom. Ele era um cientista e um empresário. "Não estamos qualificados para resolver isso", disse ele.

Eles o haviam repassado várias vezes em suas cabeças; eles tentaram ser objetivos e podiam dizer honestamente que podiam descartar uma causa. "Dylan não fez isso por causa da maneira como foi criado", disse Susan. Eles foram enfáticos quanto a isso. "Ele fez isso em contradição com a forma como foi criado."

Eles estavam cientes de que o público havia chegado a um veredicto diferente: os principais culpados eram eles. Quando Brooks os conheceu, Tom tinha uma pilha de notícias documentando seus números nas pesquisas: 83% culpavam os dois e os pais de Eric. Em cinco anos, o número quase não se moveu. Para os Klebolds, o julgamento era o preço do silêncio. E doeu.

O público os condenou, mas aqueles próximos à família não. "A maioria das pessoas tem bom coração", disse Tom.

Ele e Sue aceitaram a responsabilidade por um erro trágico. Dylan estava em agonia; eles achavam que ele ficaria bem. "Ele estava desesperado", disse Tom agora. "Nós não percebemos isso até depois do

fim." Eles não haviam induzido o homicídio de Dylan, acreditavam, mas falharam em evitar seu suicídio. Eles não conseguiram ver isso chegando. "Acho que ele sofreu horrivelmente antes de morrer", disse Sue. "Por não ver isso, eu nunca vou me perdoar."

Tom e Sue preferiram falar sobre Columbine como suicídio. "Eles reconhecem, mas não enfatizam os assassinatos que seu filho cometeu", escreveu Brooks. O que eles realmente desejavam era um estudo oficial que explicasse por que Eric e Dylan fizeram isso. No entanto, eles tinham acabado de ler a análise de alguns dos maiores especialistas da América do Norte; eles o haviam descartado por fornecer a explicação errada. Eles reclamaram que o Dr. Fuselier havia avaliado seu filho sem entrevistá-los. Fuselier estava morrendo de vontade.

Principalmente, os quatro pais permanecem um mistério. Eles escolheram esse caminho. Mas David Brooks passou tempo suficiente com os Klebolds para formar uma impressão distinta, e ele provou ser um bom juiz de caráter. Ele concluiu sua coluna com esta avaliação: Dylan deixou Tom e Sue para enfrentar terríveis consequências. "Eu diria que eles estão enfrentando-os com bravura e honra."

Os Klebolds queriam entender o que aconteceu. Eles queriam ajudar outros pais como eles. Eles não se sentiram seguros para falar com a imprensa, mas conversaram com uma dupla de psicólogos infantis, sob a condição de não citá-los diretamente. Eles estavam escrevendo um livro sobre violência adolescente. O problema era que, na época em que publicaram, os autores não tinham acesso às evidências cruciais.

___

Patrick Ireland coloca o pé direito em um suporte de plástico rígido todas as manhãs enquanto se veste. Ele abre um frasco de receita e engole uma dose de remédios anticonvulsivantes. Ele anda mancando. Sua mente é afiada, mas ele hesita ocasionalmente em encontrar as palavras. Seus amigos não percebem. Ele sabe. Não é bem como antes.

Patrick raramente pensa antes. A vida é diferente do que ele imaginava antes. Melhor. Sapatos são um problema, por causa da cinta. E seu dedão do pé está torto para dentro, amassando os outros. O dedinho do pé direito fica para fora – ninguém faz um sapato tão largo. Os médicos nunca acertaram o pé dele. "Meu pai está muito chateado", disse ele.

Ele ainda sai com muitos de seus amigos do ensino médio. Eles não falam muito sobre o massacre, que é o que muitos dos sobreviventes relatam. Não é mais emocional, apenas chato. Eles terminaram.

Ele também está cansado de entrevistas. Ocasionalmente ele concorda com um. Os repórteres geralmente abordam o calvário da biblioteca com cautela, mas Patrick simplesmente mergulha, descrevendo-o sem emoção, como se estivesse recapitulando um filme. Quando ele fez o show da Oprah, ela passou um clipe dele saindo pela janela.

"Uau!" ela disse. "Então é difícil para você ver esse vídeo?"

"Não."

"Não é? OK."

Ele se sentiu bem assistindo, na verdade. Ele sentiu uma sensação de realização.

Patrick recebeu uma mensagem de voz desconcertante certa manhã na primavera de 2005. Era um velho amigo de quem ele não tinha notícias há algum tempo, desejando-lhe tudo de bom "hoje", esperando que ele estivesse bem. *Huh. Agora, o que isso poderia significar?*

Naquela tarde, Patrick datou um documento no trabalho: 20 de abril. *Já era tempo de aniversário de novo?*

___

Linda Sanders sentiu cada aniversário. Seu humor começava a azedar todo mês de abril; ela ficou nervosa, ela podia sentir isso chegando.

Ela tentou namorar; isso era impossível. Dave demorou, e os homens se ressentiram de sua presença. Ele era um herói nacional - quem poderia competir com isso?

"É, tipo, *Top Dave Sanders* ", disse ela. "Não é justo para outro homem ser comparado ao homem que construí. Ele está tão alto em um pedestal que está no céu."

Ela sabia que Dave gostaria que ela encontrasse alguém. Ela o imaginou lá em cima dizendo: "Linda, quero que alguém te abrace".

"É impossível", disse Linda. "Não há ninguém vindo. Estou destinado a ficar sozinho por causa do jeito que ele saiu."

Linda se retirou. Ela parou de atender a porta, parou de atender o telefone. Por dois anos ela quase não falou nada. Sedou-se com Valium e álcool. "Eu era como uma pessoa vazia", disse ela, "passando pelos movimentos da vida. Eu ia à loja, ia a lugares, mas estava vazia".

Seu pai preocupado. O que ele poderia fazer?

"Quero minha Linda de volta", disse ele.

Linda nunca voltou a trabalhar. Ela caminha todos os dias e cuida de seus pais. Ela não chega perto do Columbine Lounge - muitas lembranças e muito perto do álcool. Ela não pode assistir a filmes com armas ou ler thrillers.

Em um daqueles abril, anos depois de ficar sóbria, ela sentiu uma necessidade repentina e desesperada de ajuda. "Saí correndo pela porta da frente e procurei qualquer vizinho que estivesse em casa", disse ela. "Eu precisava de um abraço, sabe, eu precisava de um abraço. Então eu bati na porta da minha vizinha, ela não estava em casa, então eu fui até minha vizinha, ela estava em casa. Eu entrei e ela estava lendo um livro. 'É você', eu disse. E não consigo lembrar o nome dela. Eu disse que precisava de um abraço. Ela olhou para mim e eu estava chorando e ela disse que tudo bem. Ela me deu um abraço."

Linda ainda recebe cartas de vez em quando de estranhos que ouvem a história de Dave ou a dela e percebem imediatamente como foi para Linda. A maioria das pessoas não. A maioria das pessoas vê as crianças e eles vêem os pais. De vez em quando, alguém percebe como foi para a esposa. Uma mulher escreveu para dizer a Linda que ela entendia. "Essa carta veio

em um dia muito ruim", disse Linda. "E isso me carregou. Eu seguro essa carta todas as noites. Essa mulher não tem ideia do que ela fez por mim."

___

Vários sobreviventes publicaram memórias e Brooks Brown escreveu sua opinião sobre os assassinos e sua provação. Nenhum atraiu uma fração da atenção do livro de Misty Bernall.

___

Em setembro de 2003, a última camada conhecida do encobrimento finalmente saiu. Ele se desfez ao longo de um ano inteiro. Tudo começou quando alguém do departamento do xerife encontrou alguns papéis em um fichário de três argolas não relacionados ao caso Columbine. Era um breve relatório policial sobre Eric Harris. Oito páginas de seu site foram anexadas. Eles incluíam os discursos "EU ODEIO", ostentações sobre as missões e descrições das primeiras bombas caseiras. Eric se gabou de detonar um. O relatório foi datado de 7 de agosto de 1997, mais de seis meses antes dos relatórios descobertos até o momento.

O relatório foi levado ao novo xerife de Jeffco, Ted Mink. Ele convocou uma coletiva de imprensa. "Esta descoberta e suas implicações são perturbadoras", disse ele. "A implicação óbvia... é que o escritório do xerife tinha algum conhecimento das atividades de Eric Harris e Dylan Klebold nos anos anteriores ao tiroteio em Columbine." Ele divulgou os documentos e pediu ao procurador-geral do Colorado, Ken Salazar, que conduzisse uma investigação externa.

Salazar designou uma equipe, que descobriu que faltavam documentos mais cruciais. Grande parte do arquivo de Mike Guerra relacionado à sua investigação pré-massacre havia desaparecido – tanto as cópias físicas quanto as eletrônicas. Em fevereiro de 2004, o procurador-geral emitiu um relatório afirmando que Jeffco não foi negligente, mas deveria ter cumprido o mandado e revistado a casa de Eric mais de um ano antes de Columbine. Ele também disse que os arquivos ainda estavam faltando.

Sua equipe continuou investigando. Algumas pessoas se recusaram a cooperar. O relatório da entrevista sobre o ex-xerife John Stone afirmou que ele estava visivelmente irritado e considerou a investigação politicamente motivada. “Não conseguimos fazer perguntas a Stone ou ter qualquer diálogo significativo sobre nossa investigação devido ao seu aparente estado de agitação”, concluiu.

A descoberta veio um mês depois, quando os investigadores voltaram para uma terceira entrevista com Guerra. Desta vez, ele foi mais acessível. Ele derramou o único segredo que os funcionários da Jeffco tinham sido bons em manter: a existência da reunião do Open Space. Os investigadores começaram discretamente a confrontar outros funcionários que compareceram. Eles receberam algumas respostas coloridas. O ex-xerife John Dunaway disse acreditar que Guerra estava chateado porque "ele pode ser visto como algum tipo de idiota. Que ele, você sabe, estava sentado em cima de tudo isso".

Em agosto de 2004, o procurador-geral do Colorado convocou um grande júri para retirar o arquivo e considerar as acusações. O painel jurou em onze testemunhas. O arquivo nunca foi recuperado, embora os investigadores tenham conseguido reconstruir a maior parte dele.

A sonda revelou outras descobertas surpreendentes. De acordo com o relatório do grande júri, a assistente do chefe de divisão John Kiekbusch, Judy Searle, testemunhou que em setembro de 1999, ele pediu que ela encontrasse o arquivo Guerra. Ele disse a ela para pesquisar a rede de computadores e os arquivos físicos, e fazer isso em segredo. Ele a instruiu especificamente a não contar aos policiais envolvidos. Searle testemunhou sob juramento que achou isso suspeito. Ela normalmente teria começado sua busca falando com aqueles oficiais. Searle procurou e não descobriu nada. Ela deu a notícia a Kiekbusch: parecia não haver registro em lugar nenhum, nenhum sinal de que o arquivo existiu. Ela observou a reação dele. Ela testemunhou que ele parecia "um pouco aliviado".

De acordo com esse mesmo relatório, em 2000, Kiekbusch a instruiu a destruir uma grande pilha de relatórios de Columbine. Searle testemunhou que ela não achou o pedido incomum na época, porque Kiekbusch estava se preparando para deixar o escritório, e Searle assumiu que ele estava limpando duplicatas. Ela obedeceu.

O grande júri divulgou seu relatório em 16 de setembro de 2004. Constatou que o arquivo Guerra deveria ter sido armazenado em três locais separados, físicos e eletrônicos. Todos os três foram destruídos, concluiu - aparentemente durante o verão de 1999. Ele descreveu isso como "preocupante".

Também foi perturbado pelas tentativas de suprimir a informação – especificamente, a reunião do Open Space, com a presença de Stone, Dunaway, Kiekbusch, Thomas, Guerra e o procurador do condado, entre outros. "O tema da reunião do Open Space, as omissões da conferência de imprensa e as ações do tenente Kiekbusch levantam suspeitas ao grande júri sobre o potencial de que os arquivos tenham sido deliberadamente destruídos", afirmou o relatório.

Mas todas as testemunhas negaram envolvimento na destruição, disse o relatório. Dado isso, o grande júri não pôde determinar se a atividade suspeita "está ligada a uma pessoa em particular ou o resultado de um crime específico". Assim, concluiu que não havia provas suficientes para indiciar.

Kiekbusch apresentou uma objeção formal. Ele disse que a destruição se limitava a rascunhos ou cópias. A percepção de seu assistente de seu alívio era um mistério para ele.

Ele disse que o grande júri deu a entender que ele tentou encobrir, esconder ou destruir documentos. Ele negou inequivocamente tudo isso.

Brian Rohrbough conseguiu a maior parte do que procurava: quase todas as evidências foram divulgadas e o protocolo nacional de resposta mudou.

Mas ele nunca sentiu como se tivesse vencido. Ele desistiu da justiça. Ninguém pagaria; nada mudaria.

A maioria dos altos funcionários deixou o departamento do xerife de Jeffco. Stone sobreviveu ao pedido de revogação, mas não concorreu à reeleição. O único funcionário do condado que saiu de Columbine radiante foi o promotor Dave Thomas. Muitas vítimas o viam como seu campeão. Em 2004, ele desistiu de sua posição para concorrer ao Congresso. As pesquisas indicaram um sorteio, e a corrida ganhou destaque nacional e financiamento. O escândalo do Open Space estourou menos de dois meses antes do dia da eleição. Os números das pesquisas de Thomas despencaram. O dinheiro secou. Ele perdeu muito. Em 2007, ele concorreu ao conselho escolar. Ele agora ajuda a supervisionar 150 escolas do condado de Jefferson, incluindo Columbine High.

Brian Rohrbough se lançou em uma paixão diferente. Ele fez piquetes em clínicas de aborto e chegou a presidente do Colorado Right to Life. Lá, ele bateu de frente com a organização conservadora, que ele considerava liberal demais. A gota d'água veio quando Rohrbough assinou uma carta aberta repreendendo o líder conservador cristão James Dobson por ser brando com o aborto. Foi publicado como um anúncio de jornal de página inteira. O Direito Nacional à Vida expulsou seu capítulo. A organização de Dobson, Focus on the Family, divulgou um comunicado de imprensa chamando-o de "um grupo desonesto e divisivo".

Mais tarde, Brian concorreu ao cargo. Ele se juntou a um terceiro partido obscuro que se colocou nas urnas em três estados. Nomeou Brian para vice-presidente dos Estados Unidos.

Brian nem sempre foi louco. Casou-se novamente e adotou dois filhos, que lhe deram grande conforto. No trabalho, ele podia ser surpreendentemente tranquilo. Ele continuou a administrar seu negócio de áudio personalizado, fazendo a maior parte do trabalho sozinho. Ele adorava o trabalho de precisão: ajustar os medidores acústicos, definir atrasos de tempo para os alto-falantes frontais com apenas uma fração de instante, de modo que os acordes tocassem o tímpano do motorista exatamente no mesmo momento em que as ondas sonoras rolavam da parte traseira. Harmonia requintada. Brian poderia se perder por horas em sua oficina. Quando um cliente parava para uma consulta, ele era tão gentil quanto o Sr. Rogers abotoando seu cardigã.

Então ele pensaria em Danny. Ou um pensamento perdido o levaria de volta a Columbine. A carranca voltou.

___

Brad e Misty Bernall saíram do Colorado. Eles se mudaram para um vilarejo chamado Blowing Rock, perto da Blue Ridge Parkway, no coração das montanhas da Carolina do Norte. Eles odiavam isso lá fora. Mais isolamento do que eles esperavam. O casamento deles às vezes era instável, mas eles aguentaram. Quase todos os pais dos Treze ficaram juntos.

Brad lutou muito nos primeiros dias, mas com o passar do tempo, amigos disseram que ele chegou a um acordo com a morte de Cassie. Misty

ardeu. Quase uma década depois, amigos a descreveram como ficando irritada e frustrada com a menção da controvérsia dos mártires. Misty sentiu que tinha sido roubada, duas vezes. Eric e Dylan levaram sua filha; jornalistas e detetives arrebataram o milagre.

___

O Sr. D encontrou novas maneiras de divertir seus filhos na escola. Para cada assembléia de boas-vindas, ele personificava uma celebridade. Um ano, o tema do baile foi Copacabana, e o Sr. D saiu vestido como Barry Manilow, com uma peruca loira fofa, terno branco e camisa havaiana Day-Glo.

"Ei, Sr. D, belos sapatos!" uma garota gritou. Ele chutou a perna para cima para mostrar seus saltos plataforma de dez centímetros. As crianças comeram. A assembléia era o padrão do ensino médio: aplausos, prêmios, um concurso de comer bolo com as mãos livres e uma pista de obstáculos com os olhos vendados. A típica confusão estridente dominava os corredores antes e depois.

De vez em quando, em um bom dia, o Sr. D vagava para fora em busca de serenidade. A pesada porta se fechou atrás dele, o ferrolho foi travado e o frenesi de energia nervosa cessou. Estava tão quieto. A cada passo, ele podia ouvir a grama sendo esmagada sob seus sapatos. Uma professora caminhou até seu carro à distância. As chaves dela tiniram – elas poderiam estar penduradas em sua própria mão. Ele fez a curta caminhada até Rebel Hill. As cruzes haviam desaparecido, seus buracos estavam cheios, mas a grama não havia crescido ao longo do caminho.

No topo do planalto, a parte de trás da Colina Rebelde estava deserta. Quando ele parasse lá tempo suficiente, ele veria os cães da pradaria. A princípio, não havia sinal deles, nenhum movimento, a não ser a grama crescida que se curvava suavemente à brisa. Depois de quinze minutos de silêncio, eles começaram a correr pelos torrões de áster da montanha, procurando comida, socializando, cuidando um do outro, engordando para o inverno. Seis meses depois da tragédia, o Sr. D encontrou uma equipe de filmagem japonesa lá em cima, extasiada com os encantadores roedores. A equipe tinha vindo para filmar um documentário sobre o massacre; eles esperavam a angústia adolescente e o darwinismo social americano. Eles foram seduzidos pela tranquilidade - a menos de cem metros da escola. Eles filmaram horas de filmagem dos cães da pradaria de doze polegadas.

A tripulação japonesa viu este lugar de forma um pouco diferente dos americanos. Sua representação era por vezes tumultuada, brutal, explosiva e serena.

___

Atiradores em escolas desapareceram como um medo nacional por um tempo. Eles pioraram na Europa. Eles voltaram para os Estados Unidos em uma forma mais feia no outono de 2006, quando uma onda de assassinos de adultos percebeu que um ambiente escolar atrairia atenção. Houve quatro tiroteios em um período de três semanas, começando no final de agosto de 2006. Os atiradores usaram várias táticas para se parecerem com

os assassinos de Columbine, incluindo casacos e sites que os mencionavam pelo nome. Eles pareciam ver o legado de Eric e Dylan como uma oportunidade de marketing. A atenção nacional se concentrou em cinco meninas mortas em uma escola Amish de uma sala na Pensilvânia. Mas em Denver, as filmagens de Platte Canyon foram particularmente difíceis.

A Platte Canyon High School ficava a apenas um condado de distância, e a força policial era tão pequena que o xerife de Jeffco comandava a equipe de resposta. Foi uma grande história nacional por algumas horas; então acabou. Em Jeffco, foi muito mais difícil. As emissoras de TV de Denver ficaram ao vivo com a história a tarde toda. Todos ficaram paralisados. Desta vez foi um confronto de reféns, e a equipe da SWAT apressou o prédio. O atirador tinha apenas duas garotas naquele momento. Quando os policiais entraram, ele atirou na cabeça de um deles, depois cuidou de si mesmo. Ele morreu instantaneamente, mas a vítima foi evacuada. A cidade viu seu helicóptero decolar e pousar no telhado de St. Anthony's; então os espectadores esperaram, esperando, por duas horas. Os médicos realizaram uma coletiva de imprensa no início da noite. Ela nunca teve uma chance.

O *Rocky Mountain News da manhã seguinte* estava cheio de fotos assustadoramente parecidas com 20 de abril: sobreviventes soluçando, rezando, segurando firme.

Os sustos de bomba em Columbine aumentaram. A escola foi evacuada alguns dias depois. Mamães sentiram seus músculos apertarem, se preparando para as notícias aterrorizantes. Alguns quase se esqueceram de Columbine, mas seus corpos se lembraram. Em um instante, era 20 de abril novamente. O perigo passou em poucas horas - era apenas uma brincadeira. A ansiedade perdurou.

Nos dez anos após Columbine, mais de oitenta tiroteios em escolas ocorreram nos Estados Unidos. Os diretores que sobreviveram - muitos foram alvejados - invariavelmente se viram em cima de suas cabeças. O Sr. D se colocou à disposição de todos eles. Muitos aceitaram sua oferta. Ele passava horas a cada semestre compartilhando o que havia aprendido.

Essas ligações foram difíceis. Um e-mail que ele recebeu naquele outono foi pior. "Caro diretor", dizia. "Em algumas horas você provavelmente vai ouvir sobre um tiroteio em uma escola na Carolina do Norte. Eu sou responsável por isso. Eu me lembro de Columbine. É hora do mundo se lembrar disso. Sinto muito. Adeus."

Tinha sido enviado pela manhã, mas o Sr. D não checou o e-mail por várias horas. Ele chamou a polícia imediatamente, e eles mandaram uma mensagem para a escola secundária do menino. Muito tarde. O rapaz de dezenove anos passou pela escola e disparou oito tiros, ferindo dois superficialmente. Em seguida, a polícia invadiu sua casa e encontrou seu pai morto.

O atirador foi detido e levado a tribunal. Ele foi perguntado por que ele estava obcecado por Columbine. Ele disse que não sabia.

Os atiradores de escola estavam começando a parecer uma ameaça novamente. Mas o verdadeiro choque veio na primavera seguinte, na

Virginia Tech. Seung-Hui Cho matou trinta e duas pessoas, além de si mesmo, e feriu dezessete. A imprensa proclamou um novo recorde americano. Eles estremeceram com a ideia de transformar tiroteios em escolas em uma competição, e então concederam o título a Cho.

Cho deixou um manifesto explicando seu ataque. Citou Eric e Dylan pelo menos duas vezes como inspiração. Ele olhou para eles. Ele não se parecia com eles. Cho não parecia gostar de sua fúria. Ele não esperava. Ele esvaziou suas armas com uma expressão vazia. Ele não compartilhava nada da sede de sangue de Eric ou Dylan. Os vídeos que Cho deixou descrevem a *si mesmo* como estuprado, crucificado, empalado e cortado de orelha a orelha. Cho parece ter estado gravemente doente mental, lutando contra uma poderosa psicose, possivelmente esquizofrenia. Ao contrário dos assassinos de Columbine, ele não parecia estar em contato com a realidade ou compreender o que estava fazendo. Ele entendeu apenas que Eric e Dylan deixaram uma impressão.

52. Silêncio

Na manhã do ataque, Eric e Dylan gravaram um breve vídeo de despedida no porão de Eric. Eric dirigiu. "Diga agora", disse ele.

"Ei, mãe", disse Dylan. "Eu tenho que ir. Falta cerca de meia hora para o Dia do Julgamento. Eu só queria me desculpar com vocês por qualquer porcaria que isso possa instigar. Só sei que estou indo para um lugar melhor. Eu não gostava muito da vida, e eu sei que serei feliz onde quer que eu vá. Então eu vou embora. Adeus. Reb..."

Eric lhe entregou a câmera. "Sim... Todo mundo que eu amo, sinto muito por tudo isso", disse Eric. "Eu sei que minha mãe e meu pai vão ficar tipo... chocados pra caralho. Me desculpe, tudo bem. Eu não posso evitar."

Dylan o interrompeu por trás da câmera. "É o que tínhamos que fazer", disse ele.

Eric teve mais um pensamento, para a garota da noite do baile. "Susan, desculpe. Sob circunstâncias diferentes, teria sido muito diferente. Eu quero que você tenha aquele CD de moscas." Dylan ficou inquieto e estalou os dedos. Eric lançou um olhar irritado. Isso o calou. Eric tinha algo profundo para entregar. Dylan não poderia se importar menos. Eric perdeu seu grande momento. "É isso", disse ele. "Desculpe. Adeus."

Dylan virou a câmera para encarar a si mesmo. "Adeus."

———

Eric e Dylan passaram apenas cinco minutos atirando do lado de fora. Eles mataram duas pessoas e avançaram para a escola. Por cinco minutos, eles se defenderam dos policiais, atiraram em Dave Sanders e vagaram pelos corredores à procura de alvos. Eles começaram a jogar bombas caseiras sobre o parapeito, na área comum, que parecia deserta. Não era. Vários estudantes escondidos debaixo das mesas correram e fugiram pelas portas do refeitório. Todos saíram em segurança. Outros ficaram parados.

Ao longo do caminho, os meninos passaram pelas janelas da biblioteca e ignoraram todas as crianças amontoadas ali. Então eles circularam de volta. Aquela sala oferecia a maior concentração de forragem que eles tinham visto. Encontraram cinquenta e seis pessoas lá dentro. Eles mataram dez, feriram doze. Os trinta e quatro restantes foram escolhas fáceis. Mas Eric e Dylan ficaram entediados. Eles saíram sete minutos e meio depois, às 11h36, dezessete minutos do ataque. Além de si mesmos e dos policiais, eles não atirariam em outro humano novamente.

Os meninos entraram na ala de ciências. Eles passaram pela Sala de Ciências 3, onde os escoteiros estavam começando a atacar Dave Sanders. Eles olharam pelas vidraças de várias portas de salas de aula. As crianças estavam dentro da maioria deles. Pelo menos duzentas ou trezentas crianças permaneceram na escola. Os assassinos sabiam que eles estavam lá. Muitas testemunhas fizeram contato visual. Eric e Dylan passaram. Eles escolheram salas de aula vazias para abrir fogo.

Eles vagaram sem rumo no andar de cima. Para os civis, parece estranho que eles parassem de atirar e entrassem nesse "período de silêncio". Na

verdade, é muito normal para um psicopata. Eles gostam de suas façanhas, mas o assassinato também fica chato. Até os serial killers perdem o interesse por alguns dias. Eric provavelmente estava orgulhoso e inflado, mas já estava cansado disso. Dylan era menos previsível, mas provavelmente se assemelhava a um bipolar passando por um episódio misto: deprimido e maníaco ao mesmo tempo – indiferente às suas ações; sem remorso, mas não sádico. Ele estava pronto para morrer, fundido com Eric e seguindo sua liderança.

Eric ainda tinha algumas emoções para saborear. Matar tinha se tornado tedioso, mas ele ainda estava pronto para uma explosão. A maior explosão de sua vida. Ele ainda podia realizar seu feito principal: explodir a escola e queimar os escombros.

Ele desceu a escada para a área comum às 11h44. Dylan seguiu logo atrás. Eric parou no patamar no meio do caminho. Ele se ajoelhou e colocou o cano do rifle no parapeito para melhorar sua precisão. Mochilas estavam espalhadas por toda parte, mas Eric sabia qual mochila era a dele. Ele disparou. Os meninos estavam facilmente dentro da área da explosão e estavam bem cientes desse fato. Vinte e cinco minutos depois do massacre, Eric fez sua segunda tentativa de iniciar o evento principal e sua primeira tentativa de suicídio. Ele falhou novamente.

Eric desistiu. Ele caminhou diretamente para a bomba, com Dylan atrás dele. Dylan tentou mexer com isso. Isso também falhou. As crianças eram visíveis sob algumas das mesas. Os assassinos os ignoraram. Muitas bebidas haviam sido deixadas nas mesas, e os assassinos devolveram algumas. "Hoje o mundo vai acabar", disse um deles. "Hoje é o dia em que morremos."

As câmeras de vigilância captaram seus movimentos nas áreas comuns. A linguagem corporal deles era muito diferente do que as testemunhas na biblioteca descreveram. Seus ombros caíram e eles caminharam lentamente. A excitação se esvaiu deles; a bravata se foi. Eric também quebrou o nariz. Ele estava com muita dor.

Eles deixaram o refeitório depois de dois minutos e meio. Na saída, Dylan jogou um coquetel molotov nas grandes bombas – uma última tentativa de detoná-las. Outra falha. Várias crianças sentiram a explosão e correram.

Os meninos vagavam pela escola: subindo e descendo novamente. Eles examinaram os danos nos bens comuns. Foi patético. O Molotov iniciou um pequeno incêndio que queimou a mochila de uma das bombas e incendiou parte do combustível amarrado a ela, mas o tanque de propano era impermeável. O fogo detonou o sistema de sprinklers do outro lado da sala. Os meninos estavam indo para o inferno; eles causaram uma inundação.

Os assassinos estavam aparentemente sem ideias. Eles esperavam estar mortos agora, mas nunca planejaram como. Os policiais deveriam cuidar disso. Eric previu que levaria um tiro na cabeça. Ninguém tinha obrigado.

Eles tinham duas escolhas essenciais: suicídio ou rendição. Eric morreria mais cedo. Ele idolatrava Medeia por cair em chamas, mas não conseguia acender seu fogo.

Um psicopata encurralado muitas vezes tentará "suicídio por policial": uma provocação agressiva para forçar a polícia a atirar. Eric e Dylan poderiam ter terminado dramaticamente atacando o perímetro. Teria sido glorioso. Mas seria preciso uma coragem tremenda.

Eric ansiava por autodeterminação. Dylan só queria uma saída. Sozinho, ele poderia muito bem ter sido convencido. Ele vinha prometendo suicídio há dois anos e nunca chegou perto disso. Ele nunca teve um parceiro para guiá-lo.

Ao meio-dia, eles voltaram para a biblioteca. Por que terminar aí? O Ato III estava prestes a começar. Os carros-bomba estavam prontos para explodir. Ambulâncias se aglomeraram ao redor da BMW de Dylan como planejado. Uma unidade de triagem estava ocupada nas proximidades. Membros encheriam o ar, assim como os desenhos de Eric. As janelas da biblioteca foram montadas como camarotes. Eric e Dylan provavelmente escolheram a biblioteca, não apenas por causa da carnificina já existente, mas por uma visão melhor.

Encontraram o quarto bem diferente do que haviam deixado vinte e quatro minutos antes. A decadência humana começa rapidamente. A primeira coisa a atacá-los foi provavelmente o cheiro. O sangue é rico em ferro, por isso grandes volumes emitem um forte cheiro metálico. O corpo médio contém cinco quartos. Vários galões se acumularam no tapete, coagulando em uma gelatina marrom-avermelhada, com manchas pretas irregulares. As gotas em aerossol secam rapidamente, então os respingos ficaram pretos e crocantes. Bolhas perdidas de matéria cerebral logo se tornariam sólidas como concreto. Eles seriam raspados com espátulas e os pedaços teimosos derretidos com máquinas de injeção de vapor.

Os assassinos deixaram a biblioteca em tumulto: tiros, gritos, explosões e quarenta e dois adolescentes gemendo, ofegando e rezando. A comoção havia cessado, substituída pelo penetrante alarme de incêndio. A fumaça se dissipou; uma brisa quente flutuou pelas janelas estouradas. Doze corpos dividiram o quarto com eles. Dois estavam respirando: Patrick Ireland e Lisa Kreutz estavam perdendo a consciência, incapazes de se mover. Quatro funcionários se esconderam em quartos mais distantes. Dez cadáveres haviam passado pela palor mortis, e o livor mortis estava se instalando. A pele havia ficado branca e manchas arroxeadas estavam aparecendo enquanto o sangue restante se assentava.

Os meninos podem ter sido alheios. Assassinos em massa muitas vezes mudam para um estado alterado, dissociado e indiferente ao horror. Alguns mal percebem, outros têm uma curiosidade clínica em variações como olhos esbugalhados ou retraídos, os brancos turvos ou manchados com aglomerados vermelhos. Se Eric ou Dylan tocassem em suas vítimas, teriam encontrado os corpos esfriando visivelmente, mas ainda quentes e flexíveis.

Eles seguiram em frente. Eric avançou em direção a uma janela central, entre a carnificina mais pesada. Ele passou pelo pior para chegar lá. Dylan se afastou e escolheu um lugar mais perto da entrada, meia dúzia de painéis de janela para baixo. Se tomasse uma rota direta, seguia um dos caminhos mais limpos que restavam.

Os meninos inspecionaram o exército que os cercava do lado de fora. Os paramédicos estavam rompendo o perímetro para resgatar Sean, Lance e Anne Marie. Eric abriu fogo. Dylan fez o mesmo. Dois deputados atiraram de volta, principalmente fogo de supressão. Os médicos desistiram, os meninos desistiram. Este foi seu único fogo em humanos durante o período de silêncio de trinta e dois minutos. Foi uma tentativa clássica de suicídio por um policial: morrer heroicamente em batalha, mas em um momento, lugar e maneira de sua própria escolha. Isso também falhou.

Um ou dois minutos depois, às 12h06, a primeira equipe da SWAT finalmente entrou na Columbine High School, na extremidade oposta do prédio. Eric e Dylan não poderiam saber. Eles aparentemente esperaram que seus carros explodissem, resistiram a uma decepção final e então encerraram o dia.

Eric virou as costas para a bagunça. Ele se retirou para o canto sudoeste, uma das poucas áreas intocadas da sala. Dylan se juntou a ele lá. Era um local aconchegante perto das janelas, aninhado entre paredes e estantes em três lados, com vista para a montanha. Um corpo jazia próximo. Era Patrick Ireland, respirando suavemente, inconsciente. Os meninos sentaram-se no chão de frente para as janelas. Eles pareciam estar abaixados para evitar o fogo da polícia. Isso pode parecer estranho, dadas as suas intenções, mas é tudo uma questão de controle. Eric se apoiou contra uma estante de livros, apenas na largura dos ombros à direita de Dylan e alguns metros atrás, observando suas costas.

Um deles acendeu o pano usado como estopim de um coquetel Molotov. Ele a colocou na mesa logo acima de Patrick. Eric levou o cano da espingarda à boca, como o anti-herói de *The Downward Spiral.* Dylan apontou o TEC-9 para sua têmpora esquerda. O trapo Molotov foi queimado.

Eric disparou pelo céu da boca, causando "evacuação do cérebro". Ele caiu contra os livros, e seu torso caiu para o lado. Ele terminou assim, com os braços dobrados para frente, como se abraçasse um travesseiro invisível. A explosão de Dylan o derrubou de costas e espalhou massa cerebral no joelho esquerdo de Eric. A cabeça de Dylan veio descansar ao lado dela.

Muito sangue foi derramado, mas menos que o das vítimas. Eric e Dylan estouraram suas medulas, o centro do cérebro que controla as funções involuntárias. Seus corações pararam quase instantaneamente. Medicamente, o "sangramento" cessou. A gravidade assumiu e eles vazaram. O sangue de Dylan encharcou a perna da calça de Eric.

O Molotov explodiu. Começou um pequeno incêndio. Também derramou o napalm bruto de Eric sobre a mesa e selou um pedaço de seu cérebro por baixo. Esse detalhe provaria que os meninos morreram pouco antes da erupção. O sistema de alarme detectou o incêndio e registrou a hora como 12:08.

Os aspersores apagaram e encharcaram os meninos. Sangue drenado de seus crânios e oxidado como halos enegrecidos.

Três horas depois, a polícia encontrou Eric amassado, Dylan esparramado vagarosamente. Suas pernas caíram para o lado, um joelho

em cima do outro, tornozelos cruzados. Um braço envolto em seu estômago, sublinhando a palavra estampada em sua camiseta preta. Sua cabeça estava para trás, a boca aberta, a mandíbula frouxa. O sangue escorria pelos cantos, em direção às suas orelhas. Ele parecia sereno. As letras vermelhas em seu peito gritavam ira.

53. Nos Lugares Quebrados

e meio para erguer o memorial permanente. Em 2006, o fundo atingiu 70% de seu orçamento reduzido, permitindo o início da construção. Um evento foi planejado para a inauguração em junho - para homenagear os mortos e divulgar os $ 300.000 pendentes. Bill Clinton voou. Dois mil enlutados compareceram.

Dawn Anna leu os treze nomes. "Estamos aqui porque os amamos", disse ela. “Estamos aqui como uma família e como uma comunidade que passou pelos dias mais sombrios e está chegando à luz”.

Thunderheads apareceram e se abriram para a multidão. Guarda-chuvas espalhados apareceram, mas a maioria das pessoas foi pega de surpresa. Ninguém se mexeu. Eles não se importavam.

Este era o país republicano, mas a introdução de Clinton atraiu aplausos selvagens. Essas pessoas estavam orgulhosas de receber um presidente americano.

"Estou aqui hoje porque milhões de americanos foram transformados por Columbine", disse ele. "Foi um dos dias mais sombrios que Hillary e eu tivemos na Casa Branca. Choramos, oramos."

Pouco antes de sua aparição, ela ligou do Senado, ele disse: "Só para me lembrar do que fizemos naquele dia. Este foi um evento importante na história do país. E todos os pais [ficaram] se sentindo impotentes. , até mesmo o presidente."

Ele viu a evolução dos sobreviventes, disse Clinton. Ele os comparou com seu colega, Max Cleland, que havia deixado as duas pernas e um braço no Vietnã. Era uma luta para Max se vestir todas as manhãs. Ele poderia ter se ressentido com os milhares que voltaram ilesos ou que evitaram o recrutamento, como ele, disse Clinton. Que desperdício seria. Cleland concorreu ao Senado e representou a Geórgia por seis anos. Gostava de citar Ernest Hemingway, e Clinton recitou sua passagem favorita: "O mundo quebra a todos e depois muitos são fortes nos lugares quebrados".

"Todos os dias, a partir de agora, o mundo quebrará alguém", acrescentou Clinton. "Estas famílias magníficas, em memória de seus filhos e de sua professora, podem ajudá-los a serem sempre fortes."

———

Patrick Ireland pediu Kacie em casamento, a garota que ele conheceu na primeira noite na CSU. Eles nunca teriam se conhecido, ele apontou, se ele não tivesse sido baleado.

Eles se casaram em uma tarde de agosto. Seis damas de honra em vestidos de rosa vermelha andaram pelo corredor de uma igreja católica ornamentada.

O Sr. D veio. Ele ficou impressionado com a visão de Patrick de pé no altar sem apoio físico. Ele também ficou surpreso com o número de colegas envolvidos. Era um padrão familiar. Por vinte anos, ele viu ex-alunos se afastarem de seus amigos do ensino médio, mas os dois mil sobreviventes permaneceram próximos.

Patrick saiu graciosamente e composto. O Sr. D enxugou uma lágrima. O médico de Patrick de Craig estava lá, ainda incrédulo. Assim como Laura, a garota que Patrick tinha medo de convidar para o baile.

A festa de casamento levou um mês de aulas de dança de salão para se preparar para a recepção. Patrick girou Kacie pelo chão. Eles valsaram e deram dois passos e fizeram o fox-trot. Eles encerraram a primeira dança com um mergulho profundo. Patrick se juntou a sua mãe para "Because You Loved Me". Diane Warren escreveu a música para seu pai por encorajá-la quando ninguém mais acreditava. Kathy chorou baixinho nos braços do filho.

___

O ex-agente Dwayne Fuselier ainda estava sendo solicitado a se dirigir a grupos de aplicação da lei e convenções de professores. Eles ainda queriam saber *por quê?* Fuselier continuou concordando em falar, insistindo que cada apresentação seria a última.

Ele continua a ensinar negociadores de reféns no Terceiro Mundo. Ele encontra muito mais tempo para o golfe, e sua mente vagueia ocasionalmente para Eric e Dylan – sem satisfação, porque o final nunca muda.

Ambos os filhos se formaram na faculdade e lançaram carreiras de sucesso.

Ele ainda espera entrevistar os pais de Eric e Dylan.

___

Brad e Misty Bernall se estabeleceram nas proximidades, no Novo México. Eles são muito mais felizes lá.

She Said Yes foi reeditado em dois formatos de brochura, uma edição de biblioteca e um audiolivro. Já vendeu mais de um milhão de cópias. A Web está repleta de sites que recontam descaradamente o mito. O pastor de jovens de Cassie estava certo: a igreja continuou com a história.

As igrejas locais sentiram uma onda após Columbine. O comparecimento aumentou, o fervor foi sem precedentes. Desapareceu. Os pastores não relataram impacto a longo prazo.

___

Os Harris e Klebolds permaneceram isolados. Os Harris eventualmente venderam sua casa, mas permaneceram na área. Os Klebolds não se moveram. Em julho de 2006, o irmão mais velho de Dylan, Byron, casou-se.

___

As crianças de Columbine pararam de usar a palavra como nome de um massacre. Tornou-se apenas uma escola secundária novamente. Os fumantes voltaram a conversar com estranhos adultos que passeavam pelo Clement Park perto de seu poço. Não lhes ocorreu ter medo.

Quando um jornalista passou para avaliar o retorno à normalidade, eles ficaram perplexos. Por que alguém estaria interessado em sua escola chata? Eles realmente não sabiam. Seus rostos se iluminaram quando descobriram

que ele era da cidade. *Como eram os clubes? Ele tinha estado na Colfax Avenue? Havia realmente clubes de strip, bêbados e prostitutas lá?*

Claro que eles se lembravam da tragédia. Que dia horrivel. Suas escolas primárias foram fechadas, todo mundo estava com medo. Vários tiveram irmãos mais velhos presos na escola. Seus pais ficaram chateados por meses. *Então, como era Denver?*

___

O Sr. D tinha dois netos. Seu filho se estabeleceu em uma carreira e sua filha ficou noiva. Frank não deixou Diane Meyer escapar pela segunda vez. Após o divórcio, eles se reuniram pessoalmente. Ela era tão engraçada quanto na escola. Os mesmos olhos azuis, a mesma mente perspicaz e abnegação. "Alguém para se apoiar", disse Frank. Eles começaram a namorar novamente. Na véspera de Natal de 2003, Frank a pediu em casamento. Ela disse sim. Eles continuam noivos.

O Sr. D informou a seus alunos que planejava se aposentar. Ele ficará até a formatura em 2012 ou 2013. Ele terá cinquenta e sete ou cinquenta e oito anos. Ele não tem certeza do que fará então. Golfe, viaje, divirta-se.

___

Linda Sanders saiu de sua depressão. Ela ainda tem dias difíceis, mas não com tanta frequência. Em 2008, ela estava namorando novamente.

___

O memorial parecia o passo final. Uma última controvérsia prejudicou sua conclusão. Na primavera de 2007, enquanto escavadeiras escavavam o local na encosta de trás de Rebel Hill, Brian Rohrbough entrou em batalha com o comitê memorial. Um Anel de Lembrança interno honrou os Treze de uma maneira especial. O Anel de Cura maior que o cercava teria citações de alunos, professores, amigos, vizinhos - todos tocados pela tragédia, quer uma bala tenha perfurado sua pele ou não. Cada uma das treze famílias recebeu um espaço no anel interno para uma grande inscrição no mármore marrom para lembrar seu filho, pai ou cônjuge. Eles foram convidados a mantê-lo de bom gosto e respeitoso.

Doze famílias e meia concordaram. Sue Petrone e Brian Rohrbough enviaram inscrições separadas para Danny, para serem executadas lado a lado. Sue descreveu os olhos azuis de seu filho, o sorriso cativante e a risada contagiante. Brian apresentou um discurso irado culpando Columbine em um sistema escolar sem Deus em uma nação que legalizou o aborto onde as autoridades mentiram e encobriram seus crimes. Ele terminou com uma citação bíblica, declarando: *Não há paz para os ímpios.*

O comitê pediu a Brian que diminuísse o tom. Ele recusou. Ambos os lados concordaram em manter a redação confidencial, mas a essência da disputa vazou. Causou mais uma tempestade de fogo no Colorado. O público estava dividido. Seguiu-se um impasse. Ninguém queria um discurso raivoso dentro do Anel da Lembrança. O comitê tinha o poder de pará-lo. Brian os desafiou a fazer isso.

Não foi nenhuma competição. Mesmo depois de oito anos, nada superava um pai de luto.

___

O memorial de Columbine foi dedicado em uma tarde ensolarada de setembro de 2007. Alguns milhares de visitantes passaram silenciosamente pela parede interna. Não houve tumulto sobre a inscrição raivosa. Não atraiu mais espectadores do que os outros doze, mesmo por curiosidade. Não houve reação perceptível. Ninguém parecia se importar.

Patrick Ireland falou em nome dos feridos. "Os tiroteios foram um evento que ocorreu", disse ele. "Mas não me definiu como pessoa. Não deu o tom para o resto da minha vida."

Treze pombas foram soltas. Segundos depois, mais duzentos se soltaram – um número arbitrário, para significar todos os outros. Eles se espalharam em todas as direções. Por um momento, eles pareciam preencher todo o céu. Então eles se encontraram e se uniram em um único bando, uma enorme nuvem branca tecendo da esquerda para a direita e vice-versa, contra o céu azul claro.

Linha do tempo: antes

SOPHOMORE YEAR

Janeiro de 1997	As missões começam.
28 de fevereiro de 1997	Wayne Harris começa seu diário.
31 de março de 1997	Dylan começa seu diário.
Verão de 1997	Eric e Dylan começam no Blackjack; construir a primeira bomba caseira.
23 de julho de 1997	Dylan primeiro menciona matar em seu diário - possivelmente figurativamente.
7 de agosto de 1997	O site de Eric é denunciado à polícia. Ele lista seus discursos "EU ODEIO".

JUNIOR ANO _

2 de outubro de 1997	Eric, Dylan e Zack são suspensos por invadir armários.
3 de novembro de 1997	Dylan menciona pela primeira vez uma matança em seu diário.
Desconhecido	Eric e Dylan roubam da sala de informática da escola.
30 de janeiro de 1998	Eric e Dylan são presos por invadir uma van.
15 de fevereiro de 1998	Os policiais encontram uma bomba caseira perto da casa de Eric.
16 de fevereiro de 1998	Eric começa a consultar um psiquiatra e logo começa a tomar Zoloft.
Primavera de 1998*	O pai de Eric o pega com uma bomba caseira.
18 de março de 1998	Dylan avisa Brooks Brown sobre as ameaças de morte de Eric.

19 de março de 1998	Eric e Dylan conduzem sua entrevista de admissão para o programa Diversion.
25 de março de 1998	Eric e Dylan são formalmente sentenciados no tribunal.
abril de 1998	O investigador Guerra elabora uma declaração juramentada para um mandado de busca na casa de Eric.
8 de abril de 1998	Eric recebe seu contrato do programa de desvio.
10 de abril de 1998	Eric começa seu diário.
até 9 de maio de 1998	Eric e Dylan descrevem o ataque, escrevem sobre isso no anuário um do outro.
14 de maio de 1998	Eric mudou de Zoloft para Luvox.

ANO S ENIO _

22 de outubro de 1998	Eric começa a produção do arsenal de bombas; retoma a escrita do diário no dia seguinte.
13 de novembro de 1998	Eric entrega seu trabalho sobre nazistas.
17 de novembro de 1998	Eric descreve suas fantasias sádicas de estupro em seu diário.
22 de novembro de 1998	Eric e Dylan compram duas espingardas e um rifle no Tanner Gun Show.
2 de dezembro de 1998	Eric dispara sua arma pela primeira vez.
23 de janeiro de 1999	Eric e Dylan compram o TEC-9 de Mark Manes.
20 de janeiro de 1999	Eric e Dylan completam o programa Diversion, e Dylan retoma seu diário.
7 de fevereiro de 1999	Dylan apresenta sua história presciente sobre matar "preps".
6 de março de 1999	Eric e Dylan praticam tiro em Rampart Range.
15 de março de 1999	Eric e Dylan começam a filmar as fitas do porão.

20 de março de 1999	Eric tenta recrutar Chris Morris.
5, 8, 15 de abril de 1999	Eric fala com um recrutador da Marinha.
17 de abril de 1999	O baile.
20 de abril de 1999	O massacre.

* Data desconhecida, aproximadamente este período.

Agradecimentos

livro é possível por causa dos sobreviventes que gentilmente compartilharam suas histórias **.** Obrigado a todos. John, Kathy e Patrick Ireland, Brian Rohrbough, Linda Sanders, Frank DeAngelis, Dwayne Fuselier, Dr. Frank Ochberg, Dr. Robert Hare e Kate Battan foram especialmente generosos. O reverendo Don Marxhausen e Lucille Zimmerman foram particularmente gentis.

Joan Walsh iniciou este projeto publicando minhas primeiras histórias no *Salon* . Ela me deu confiança e me ajudou a encontrar minha voz. Nenhum escritor poderia pedir mais. David Plotz, David Talbot, Dan Brogan, Mim Udovich e Toby Harshaw me ajudaram a continuar reportando em outras publicações.

Logo no início, quando precisei, três veteranos me surpreenderam com e-mails de incentivo: Richard Goldstein, Frank Rich e Jonathan Karp. Você nunca saberá o que isso significava.

Jonathan sugeriu primeiro o livro. Mais tarde, Mitch Hoffman defendeu o projeto, orientou os primeiros esforços e me ajudou a estabelecer o tom. Jonathan voltou para a edição crucial. Fiquei impressionado com a clareza que ele trouxe. Jonathan reuniu uma equipe maravilhosa na Twelve and Hachette: seu assistente, Colin Shepherd, acrescentou notas perspicazes ao manuscrito; Karen Andrews fez uma revisão legal completa; Bonnie Thompson redefiniu o termo *copyedit;* o editor-chefe Harvey-Jane Kowal foi paciente com minhas mudanças; Henry Sene Yee, Anne Twomey e Flag Tonuz forneceram um ótimo design. Cary Goldstein e Laura Lee Timko divulgaram o livro bem o suficiente para colocá-lo em suas mãos.

Este livro passou por várias encarnações. Da primeira reportagem à publicação, foram dez anos. A única pessoa que nunca perdeu a fé nele ou em mim foi minha agente Betsy Lerner. Ela ganhou minha mais profunda gratidão. Ela também é uma ótima editora, conselheira, psiquiatra e rock.

Construí o trabalho de outros grandes jornalistas, especialmente Dan Luzadder, Alan Prendergast e Lynn Bartels. Tenho uma grande dívida com eles. Michael Paterniti me inspirou com sua brilhante história da *GQ* sobre a tragédia. Wendy Murray generosamente compartilhou suas notas de campo. O livro de Mark Juergensmeyer me deu uma compreensão mais profunda dos terroristas. Michelle Lopez e Mike Ditto eram pesquisadores e verificadores de fatos incansáveis. Dr. Frank Ochberg, Bruce Shapiro, Barb Monseu e todos no Dart Center ajudaram a me ensinar sobre compaixão pelas vítimas e por mim mesmo.

Fiquei impressionado com o número de amigos dispostos a oferecer seu tempo e contribuir tão grandemente para este livro. David Yoo, Ira Gilbert, Joe Blitman, David Boxwell, Jeff Barnes e Alan Becker forneceram ótimos comentários como leitores iniciais. Alan interveio inúmeras vezes, como me emprestando seu PC e tomando conta do meu disco rígido na Best Buy por horas em uma noite de domingo, quando ele travou pouco antes do prazo. Minha mãe digitou e formatou a bibliografia e aplaudiu cada desenvolvimento. Obrigado ao pessoal da Alexian e da Health Futures por me manterem solvente com um trabalho diurno intermitente e a flexibilidade de colocar o livro em primeiro lugar. Lydia Wells Sledge está sozinha. Ela dedicou um ano de sua vida para servir como leitora não remunerada em tempo integral, revisora, verificadora de fatos, pesquisadora, organizadora, assistente e responsável por todas as tarefas estranhas concebíveis. Ela afirma ter gostado.

Jeff Moores, Marilyn Saltzman, Rick Kaufman, Keith Abbot e Bobbie Louise Hawkins ajudaram de várias maneiras. Tantos voluntários ajudaram em meus sites, especialmente Melisande, Greg Smith e os moderadores, equipe técnica, artistas e editores. Obrigado aos escritores e blogueiros que apresentaram meu trabalho, especialmente David Brooks, Hanna Rosin, Jeralyn Merritt, Duncan Black, Stephen Green, Scott Rosenberg, Will Leitch, Rolf Potts, Michelangelo Signorile, Cyn Shepard e todos os membros do fórum Brokeback e Salão Aberto.

Dez anos em um massacre podem ser duros para a alma. Grandes amigos me ajudaram. Agradecimentos extras a Tito Negron, Gregg Trostel, Elizabeth Geoghegan, Staci Amend, Tom Kotsines, Jonathan Oldham, Patrick Brown, Jessica Yoo, Miles Harvey, Kevin Davis, Bill Kelly, Maureen Harrington, Andy Marusak, Tim Vigil, Karen Auvinen, Tom Willison , Pat Patton, Scott Kunce, Greg Dobbin, Ira Kleinberg, Justin Griffin, Chuck Roesel, Bill Lychack, Alex Morelos, o grupo da cabine, Natalie and the Muckrakers in New Orleans, meus oito irmãos, sete sobrinhas e sobrinhos, e meus pais, Matt e Joan Cullen. Todos os primeiros leitores merecem uma repetição aqui, mas especialmente David Yoo, por me manter entretido.

Tive trinta anos de grandes professores, terminando com uma série de editores perspicazes. Cheguei lá por causa de Reg Saner, Peter Michelson, Lucia Berlin e meus outros professores da UC; Linda Tufano no *The Daily Illini;* e minha conselheira de jornalismo do ensino médio, Sra. Barrows. Sra. Thacker, obrigado pelo que você me disse no dia da formatura em 1979. Eu não esqueci.

Essas pessoas me ajudaram. Sou grato a eles e a todos que ajudaram as crianças. Obrigado a todos os paramédicos, bombeiros, policiais, advogados das vítimas, professores, zeladores, psiquiatras, voluntários da Cruz Vermelha, detetives, médicos, enfermeiros, pais, irmãos, amigos e desconhecidos anônimos que vieram em auxílio das crianças, da viúva e suas famílias em 20 de abril e depois.

Notas

Este livro baseia-se fortemente nas provas compiladas pelos investigadores, incluindo vídeos, fotografias e mais de 25.000 páginas de documentos. Onde as notas dizem que uma evidência foi divulgada, foi minha fonte primária, exceto quando anotado. Jeffco carimbou a maioria das páginas com um número único neste formato, JC-001-000009, onde o 9 indica que foi a nona página compilada. (O prefixo "JC-001" é constante.) Forneço os números JC e links on-line para a maioria dos documentos na versão Web expandida dessas notas, em www.davecullen.com/columbine. Links para muitas outras fontes também são mantidos lá.

Também me baseei em minhas próprias reportagens e no trabalho de outros jornalistas. Três foram excepcionais: Dan Luzadder liderou uma equipe de investigação do *Rocky Mountain News* para reconstruir os eventos de 20 de abril; Alan Prendergast, da *Westword* , buscou incansável e brilhantemente as questões sobre o que a polícia sabia antes dos assassinatos e o acobertamento depois; e Lynn Bartels, do *Rocky Mountain News,* cobriram quase todos os aspectos da história com meticulosidade, consideração e empatia incomparáveis. Eu construí em seu trabalho e sou profundamente grato. A reportagem impecável de Tom Kenworthy para o *Washington Post* também foi uma inspiração inicial.

Citações de testemunhas e sobreviventes vêm de minhas reportagens e relatos confiáveis publicados. Todos são atribuídos na seção expandida de notas online. Fontes externas significativas são identificadas aqui.

Por meio de seu advogado, Sue e Tom Klebold verificaram grande parte das informações biográficas sobre sua família e suas atividades após os ataques, acrescentando pequenas informações.

CAPÍTULO 1. SR. D

Ele disse a eles que os amava: A maioria das cenas envolvendo os discursos do Sr. D dependiam muito de minhas entrevistas com ele e geralmente eram corroboradas por outros presentes. Em muitos casos, após os assassinatos, eu estava presente. Fui o primeiro jornalista a conceder uma entrevista em profundidade com DeAngelis, que aconteceu em 4 de julho de 1999, em seu escritório, por aproximadamente duas horas. Entrevistei-o mais de vinte vezes nos nove anos seguintes.

vinte e quatro dos filhos do Sr. D: Vinte e quatro difere um pouco da cifra na introdução ao *Relatório Final do Gabinete do Xerife,* e daquelas em alguns outros relatos. O número varia dependendo se aqueles com ferimentos relativamente leves são contados. Vinte e quatro alunos foram listados, com os nomes dos hospitais que atendem, nos JC-001-011869 e

JC-001-011870. A comissão do governador também se estabeleceu em vinte e quatro. Vinte e um foram baleados e três feridos tentando escapar.

CAPÍTULO 2. "REBELDES"

pectus excavatum: os registros médicos de Eric foram divulgados por Jeffco. Ele também discutiu suas reações à condição em vários de seus próprios escritos.

Dylan passou por VoDKa: Capitalização variada. Eric postou assim em seu site. Às vezes Dylan escrevia VoDkA, ou apenas Vodka ou V.

O frio não dissuadiu os fumantes: durante nove anos, fiz várias idas ao local dos fumantes e achei o comportamento dos alunos notavelmente semelhante, com uma exceção: por vários anos após os tiroteios, os alunos suspeitaram de estranhos e extremamente hostil à imprensa. Com o tempo, isso mudaria.

um amigo o gravou em vídeo: Esta cena veio de um vídeo filmado por um amigo dos assassinos e divulgado pela polícia. Eles gravaram um pouco de comportamento rotineiro.

CAPÍTULO 3. PRIMAVERA

argumentou no *Washington Post:* Schiraldi, "Hyping School Violence".

Um editorial *do New York Times* : Egan, "Where Rampages Begin".

Dados do CDC: O estudo do CDC de 2008 "Homicídios de Estudantes Associados à Escola: Estados Unidos, 1992-2006" adicionou os dados mais recentes e corroborou a pesquisa citada por Schiraldi.

CAPÍTULO 4. ROCK'N' BOWL

Ambos os meninos pediram adiantamentos em dinheiro: O novo proprietário, Chris Lau, descreveu os adiantamentos que os meninos solicitaram e receberam e a promoção de Eric em seu interrogatório policial.

Eric tinha um compromisso por telefone : Susan deu um relato detalhado de sua interação com Eric em sua entrevista à polícia.

CAPÍTULO 5. DUAS COLUMBINES

no Columbine Lounge: A maioria das descrições do Lounge e sua clientela foram minhas observações de várias viagens de sexta e sábado à noite, todas depois dos assassinatos. As anedotas e os indivíduos eram todos reais, até os títulos das músicas, e eram representativos. Detalhes adicionais foram preenchidos por Linda Sanders e por amigos de Dave que estavam lá com ele. Essas entrevistas foram a base principal para meus relatos de Dave e Linda, antes e depois da tragédia.

Dave Sanders ensinou datilografia: Sou grato a Marilyn Saltzman e Linda Lou Sanders por seu livro *Dave Sanders: Columbine Teacher, Coach, Hero,* no qual me baseei muito. Eu confirmei e/ou aprofundei os elementos que usei com Linda e amigos de Dave.

"Ele nunca esteve em casa": Esta citação foi baseada na lembrança de Linda Sanders da resposta da ex-esposa de Dave.

Cassie Bernall não foi perguntado: as memórias de Misty Bernall foram extremamente úteis para fornecer detalhes sobre a vida de Cassie e

sobre as reações de Brad e Misty à tragédia. Informações adicionais vieram de minhas entrevistas com colegas de classe, pastores e membros da igreja de Cassie, bem como entrevistas na TV dos Bernalls. A jornalista Wendy Murray também forneceu generosamente suas notas de campo, incluindo entrevistas com os Bernalls.

CAPÍTULO 6. SEU FUTURO

Dylan estava tonto: as descrições de Dylan em casa naquela tarde vieram de pessoas que assistiram ao vídeo que Tom Klebold gravou. Obrigado a Wendy Murray por compartilhar suas notas de entrevista para alguns deles.

CAPÍTULO 7. IGREJA EM FOGO

Esta é uma igreja em chamas: As descrições de todas as igrejas e serviços foram de minhas observações. Participei de cultos em quase uma dúzia de igrejas locais, mas me concentrei principalmente em três: Trinity Christian Center, West Bowles Community Church e Foothills Bible Church. Participei de cultos em cada um desses três mais de uma dúzia de vezes, todos depois dos assassinatos.

CAPÍTULO 8. DENSIDADE HUMANA MÁXIMA

sete grandes bombas: é possível que tenha havido uma oitava. Para evitar ajudar imitadores, as autoridades da Jeffco não especificarão certos detalhes sobre as bombas. Sabemos que Eric produziu dois para o refeitório, dois para cada carro e pelo menos um chamariz, usando dois tanques. Os relatórios não indicam se era um único dispositivo ou dois separados, e Kate Battan se recusou a dizer.

O evento principal foi roteirizado: o plano de ataque dos assassinos foi reconstruído a partir de uma combinação de suas descrições escritas e verbais, diagramas que eles fizeram e evidências físicas, como a localização de seus carros (que eles disseram que seriam usados para posições iniciais de tiro) . Todos esses elementos corroboraram bem.

ele tinha quase setecentas balas: o diário de Eric para a produção de bombas também incluía uma seção sobre munição. Ele fez uma coluna para cada arma, mostrando cada aquisição e deduzindo as rodadas gastas em treinamento. Ele não os rotulou, exceto por R (de Reb) ao lado de uma coluna e V (Vodka) ao lado de outra. Declarações nas fitas do porão uma semana e meia antes do ataque corroboram várias entradas e ajudam a identificar o que cada coluna significa. O gráfico registra 143 tiros para o TEC-9 de Dylan, 129 para o rifle de Eric, 295 para a espingarda de Dylan e 122 para o Eric (272 inicialmente, menos 150 disparados), para um total de 687. Isso foi antes de Manes comprar a centena final de 9mm. rodadas, que poderiam ser divididas entre as duas primeiras armas.

CAPÍTULO 9. PAIS

Surgiu inesperadamente: a conversa de Dave com o Sr. D nas arquibancadas foi recriada com base em minhas entrevistas com DeAngelis.

capitã da equipe, Liz Carlston: A cena com Liz Carlston foi baseada em suas memórias.

Linda Lou estava dormindo: As cenas de segunda e terça com Linda variam um pouco das representações no livro que ela escreveu com Saltzman. Na minha entrevista, Linda relembrou algumas coisas de forma diferente e acrescentou mais detalhes.

CAPÍTULO 10. JULGAMENTO

os meninos acordaram cedo: as atividades dos assassinos na manhã de terça-feira foram compiladas a partir de várias fontes: 1) testemunho ocular de pais e vizinhos que os viram indo ou vindo, 2) recibos com carimbo de data e hora, 3) câmeras de vigilância por vídeo em duas lojas onde Eric comprou gasolina e no refeitório de Columbine, e 4) os horários manuscritos dos assassinos para a manhã e as descrições gravadas de seus planos. Vários horários apareciam em seus cadernos e em diversos pedaços de papel, com pequenas variações. A evidência externa indicou que eles se mantiveram próximos do plano.

Eles têm algo para comer: o relatório da autópsia de Dylan indicou 160 cc de conteúdo gástrico, incluindo "fragmentos do que parecem ser cascas de batata". Dado o amor de Dylan por fast food, isso poderia significar batatas fritas. O de Eric mostrou 250 cc, sem conteúdo específico.

CAPÍTULO 11. FÊMEA PARA BAIXO

Às 11h19, eles abriram: Para as representações dos tiroteios, confiei principalmente em entrevistas policiais com testemunhas, o *relatório final do escritório do xerife de Jeffco,* o relatório do governador e o relatório do xerife do condado de El Paso. As discrepâncias foram resolvidas por meio de entrevistas com investigadores, particularmente a investigadora principal Kate Battan. Tratei com ceticismo todas as declarações da Jeffco relacionadas à sua própria culpabilidade e resposta da polícia. No entanto, a documentação da equipe sobre as atividades dos assassinos em 20 de abril foi geralmente completa e meticulosa. Exceções notáveis, como informações sobre o assassino de Danny Rohrbough, foram corrigidas. O departamento do xerife do condado de El Paso reinvestigou minuciosamente o tiroteio de Danny, reentrevistando cerca de 130 testemunhas e abordando outras 65 que se recusaram. Seu relatório de 450 páginas substitui o relatório da Jeffco sobre a maior parte do tiroteio externo.

tempos vieram do *Relatório Final do Gabinete do Xerife* e chegaram por vários meios, incluindo: depoimentos de testemunhas e carimbos de hora em chamadas para o 911, chamadas de despacho e o vídeo de vigilância no refeitório. A ligação para o 911 de Patti Nielson foi particularmente útil. Ela largou o telefone, mas o deixou fora do gancho, e 10 minutos e 48 segundos foram gravados. O áudio foi então aprimorado pelo laboratório criminal do FBI. Cada tiro, batida, grito e troca verbal em voz alta descrita por testemunhas poderia ser sequenciada contra um sólido registro físico.

Sean caiu na gargalhada: as percepções de Sean sobre o que estava acontecendo vieram de seus relatórios policiais, conduzidos pelos condados de Jeffco e El Paso.

CAPÍTULO 12. O PERÍMETRO

A história durou 28 minutos: eu confiei em transcrições da ABC, CBS, NBC, CNN e NPR para todas as descrições e análises de reportagens de TV e rádio em tempo real. A CNN permaneceu ao vivo por pelo menos quatro horas. Ele tinha acesso a feeds de quatro estações locais – afiliadas das três redes e uma outra estação – e cortava entre elas, fornecendo também uma boa seção transversal de cobertura local.

CAPÍTULO 13. "1 SANGRANDO ATÉ A MORTE"

Sempre a mesma pergunta: a maioria das descrições e citações da biblioteca Columbine foram baseadas em minhas observações. Passei cerca de uma hora lá, no início da tarde. Os pensamentos e declarações de Misty Bernall na biblioteca são uma exceção; eles foram tirados de seu livro.

As cenas de Leawood vieram de minhas entrevistas posteriores com crianças e pais de lá e de reportagens de TV ao vivo que assisti mais tarde em vídeo.

A queixa aumentou quando: As avaliações da reação da polícia naquela tarde vieram de várias fontes que estavam presentes e em condições de ouvir.

uma equipe da SWAT fez sua primeira abordagem: As ações da equipe da SWAT vieram do *Relatório Final do Gabinete do Xerife* e de vários outros documentos divulgados por Jeffco. Os movimentos do lado de fora foram corroborados por imagens de helicópteros de notícias. As fontes para o não resgate de Dave Sanders são descritas nas notas do Capítulo 26.

Rachel Scott: Algumas testemunhas relataram que Rachel chorou por vários minutos, e a história ganhou grande circulação. No entanto, a investigadora Kate Battan faz um caso convincente de que o tiro de Rachel no templo a matou imediatamente.

Robyn Anderson assistiu a tudo: a maioria das descrições das reações dos amigos dos assassinos veio de suas entrevistas na polícia. Detalhes adicionais vieram de entrevistas na TV que alguns deles deram.

Nate ligou para sua casa: toda a ação envolvendo os Klebolds aqui vem de uma combinação de seu relatório policial, transcrições de entrevistas de TV de Nate e notícias documentando a interação de Byron com colegas de trabalho. As ligações entre Nate e Tom foram descritas por cada um deles, com apenas pequenas discrepâncias.

expulsou Byron: O arquivo de desvio de Dylan contém várias referências ao despejo de Byron. A seção "Histórico de Drogas/Álcool" do resumo afirma que Byron "foi expulso de casa por uso contínuo de drogas".

CAPÍTULO 14. IMPEDIMENTO DE REFÉNS

Duzentos a trezentos: esta é a estimativa de Kate Battan.

Os policiais ficaram lívidos: as reações da polícia à cobertura jornalística foram baseadas em minhas entrevistas com oficiais superiores e funcionários da escola naquele dia. Suas declarações em reportagens serviram como fonte secundária.

CAPÍTULO 15. PRIMEIRA SUPOSIÇÃO

Detetives chegaram à casa de Harris: Vários policiais apresentaram relatórios detalhados sobre seus encontros nas casas de Harris e Klebold.

Fuselier recebeu a ligação: a maioria das cenas envolvendo o agente Fuselier foram tiradas de entrevistas com ele; sua esposa, Mimi; e seus dois filhos. Muito disso foi corroborado por relatórios policiais, seu trabalho publicado e pesquisas de outros jornalistas. Questionei o agente Fuselier mais de cinquenta vezes entre 2000 e 2008.

CAPÍTULO 16. O GAROTO NA JANELA

Sr. D chegou no corredor: O relato do resgate do Sr. D da aula de ginástica das meninas foi baseado em entrevistas com ele e algumas das meninas da classe.

John e Kathy Ireland sabiam: a maioria das cenas envolvendo a família Ireland e sua vida anterior foram extraídas de minhas entrevistas com eles. Fontes adicionais são observadas em capítulos posteriores.

CAPÍTULO 17. O XERIFE

As equipes da SWAT: Estou em dívida com o *Rocky Mountain News,* cujo maravilhoso artigo "A ajuda está a caminho" forneceu a base para grande parte da minha descrição aqui. Kate Battan adicionou e corrigiu detalhes.

Investigadora principal Kate Battan: Relatos do envolvimento de Kate Battan foram extraídos de minhas entrevistas com ela, relatórios policiais e a excelente série "Inside the Columbine Investigation", liderada pelo repórter investigativo Dan Luzadder e publicada no *Rocky Mountain News* em dezembro de 1999. também discutiu as descobertas de Luzadder com ele, e sou grato por seu apoio generoso.

Às 4:00 PM , **Jeffco veio a público:** As citações e descrições desta fatídica coletiva de imprensa foram baseadas em minhas observações e na fita de áudio que gravei. Passei a maior parte do final da tarde perto do posto de comando em Clement Park. Stone e Davis falavam regularmente. Os alunos continuaram vagando para fornecer suas perspectivas em evolução.

"Nós corremos por nossas vidas": Várias citações de Tom e Sue Klebold - incluindo esta e a declaração de seus advogados - foram feitas a David Brooks em 2004. Ele as relatou em sua coluna do *New York Times .*

CAPÍTULO 18. ÚLTIMO ÔNIBUS

Brian Rohrbough desistiu: A maioria dos meus relatos sobre Brian Rohrbough e Sue Petrone foram baseados em várias entrevistas com eles. Também usei suas entrevistas na TV e inúmeras reportagens citando-os. Meus relatos sobre John e Doreen Tomlin vieram do livro de Wendy Zoba, *Day of Reckoning,* que foi baseado em suas entrevistas. As descrições da voluntária da Cruz Vermelha Lynn Duff vieram de minha entrevista com ela. Detalhes envolvendo o promotor Dave Thomas e o legista vieram de relatórios policiais e notícias, particularmente da série "Inside the Columbine Investigation" de Luzadder.

CAPÍTULO 19. ASPIRAÇÃO

Marjorie Lindholm tinha gasto: as reflexões de Marjorie Lindholm vieram de suas memórias.

CAPÍTULO 20. VAGA

Há uma fotografia: o *Rocky Mountain News* fez um excelente trabalho ao capturar visualmente a dor dessa tragédia e ganhou o Pulitzer por essas fotos. Quatorze dos mais icônicos podem ser vistos no site do Pulitzer.

os sobreviventes haviam mudado: praticamente todos os relatos das reações dos alunos naquela semana vieram de minhas observações e conversas com os sobreviventes. Passei a maior parte daquela semana em Clement Park, igrejas da área e pontos de encontro de estudantes. Entrevistei talvez duzentos alunos durante esse período e observei centenas de outros. A representação também foi informada por relatos da mídia que absorvi na época e revisitei mais tarde.

Luz do Mundo acomoda oitocentos e cinquenta: Esta cena foi extraída de minhas observações e fitas de áudio. O evento não foi anunciado à imprensa, e os principais meios de comunicação foram solicitados a não entrar. Foi-me dito por estudantes em Clement Park. Como freelancer, não recebi nenhum aviso para não evitá-lo, e nenhum sinal foi colocado. Vi equipes de TV do lado de fora e presumi que as câmeras eram proibidas, mas os repórteres eram permitidos. Consequentemente, que eu saiba, essa cena não foi retratada na imprensa, exceto no meu perfil de Frank DeAngelis alguns meses depois em *5280,* a revista da cidade de Denver.

É chocante: citações do *Rocky Mountain News.*

o crime do século no Colorado: Para retratar a investigação policial, confiei fortemente em milhares de páginas de arquivos policiais e minhas entrevistas com o agente Fuselier e altos funcionários da Jeffco, incluindo Kate Battan e John Kiekbusch. A série "Inside the Columbine Investigation" de Luzadder foi extremamente útil para corroboração. Dan passou meses trabalhando na série e foi generoso e sincero ao discutir suas observações e percepções comigo.

30.000 páginas de provas: Este número inclui aproximadamente 4.000 páginas redigidas.

CAPÍTULO 21. PRIMEIRAS MEMÓRIAS

Não começou: informações sobre a infância e as atividades de Eric e Dylan durante seus últimos anos vieram de várias fontes, incluindo centenas de páginas de seus escritos, compromissos em suas agendas diárias, seus vídeos, extensas entrevistas policiais com seus amigos, televisão entrevistas com esses amigos, minhas entrevistas com investigadores que examinaram todas as evidências, notícias de jornalistas de confiança (especialmente Lynn Bartels) e minhas entrevistas com alguns de seus amigos, incluindo Joe Stair, Brooks Brown e várias crianças que os conheceram antes . Alguns de seus amigos mais próximos optaram por não cooperar comigo, mas deram declarações detalhadas aos detetives da polícia. Tom e Sue Klebold forneceram muitos detalhes sobre a infância de Dylan em seu interrogatório policial. O perfil "Fatal Friendship" do *Rocky Mountain News* de Bartels e Crowder foi particularmente útil; Eu dependia muito disso. Outros perfis importantes foram "Life and Death of a Follower" de Simpson, Callahan e Lowe, "A Boy with Many Sides" de Briggs e Blevin e

"The Gunman: A Portrait of Two Killers at War with Themselves" de Johnson e Wilgoren.

"Eu apenas me lembro": As citações de amigos de infância e vizinhos de Eric em Plattsburgh e Oscoda foram extraídas do *Relatório Final do Escritório do Xerife de Jeffco* e dos perfis citados acima . Os relatos eram notavelmente semelhantes e pouco reveladores: Eric parecia um garoto comum antes do ensino médio. Isso correspondia às representações de Eric de seu eu mais jovem e aos relatos de amigos à polícia.

O major Harris não tolerou: Minhas caracterizações do estilo parental de Wayne Harris vieram de várias fontes: suas próprias vinte e cinco páginas de anotações em um bloco de notas que ele rotulou de "Eric"; as frequentes queixas de Eric sobre a punição de seu pai em seus escritos; questionários de oito e dez páginas sobre a família preenchidos por Eric e seus pais para ingresso na Diversion; as declarações de Eric ao seu conselheiro de desvio, que foram registradas em seu arquivo; e declarações dos amigos de Eric, principalmente em seus relatórios policiais, mas também em entrevistas comigo e em algumas entrevistas na TV.

"Fogo!" Eric gritou: A maioria das cenas neste capítulo veio das tarefas escolares de Eric, relembrando sua juventude. Escolhi o material ao qual ele voltou repetidamente.

CAPÍTULO 22. CORRIDA PARA FECHAR

Ministros, psiquiatras e conselheiros de luto se encolheram: a manchete *do Denver Post* foi apenas o exemplo mais terrível de proclamações iniciais de cura. Eles estavam por toda parte. Entrevistei um grande número de pastores, psiquiatras e conselheiros de luto durante aquelas primeiras semanas, bem como nos nove anos seguintes. Desde o início, praticamente todos pensaram que as avaliações prematuras eram um erro terrível.

um mosh pulsante de oração adolescente: eu estava presente para o mosh, que durou vários minutos. O *Rocky Mountain News* apresentou uma fotografia gigante do incidente. Sempre que possível neste livro, comparei minhas observações com fotografias, imagens de televisão e notícias de outros jornalistas.

"Sinto o cheiro da presença de Satanás": participei dos cultos onde os reverendos Oudemolen e Kirsten são citados. Obtive informações adicionais entrevistando-os, frequentando os cultos periodicamente por meses, ouvindo fitas de outros sermões do reverendo Oudemolen e me matriculando no estudo bíblico da West Bowles Community Church, com o consentimento do reverendo Kirsten, que liderou a classe.

A maioria dos principais: entrevistei algumas dúzias de ministros locais, bem como inúmeros participantes dos cultos locais de domingo durante as primeiras semanas após as consequências. Um poderoso consenso se desenvolveu contra o recrutamento ativo na maioria das congregações e entre a maioria dos ministros. A cena descrita por Barb Lotze veio da minha entrevista com ela e foi confirmada por muitos alunos presentes.

As crianças não paravam de entrar nas igrejas: um grande número de estudantes relatou ter se reunido nas igrejas naquela semana.

Eles viraram a esquina: DeAngelis e Fuselier descreveram independentemente essa cena em entrevistas separadas comigo.

Eles rastrearam o TEC-9 de Dylan: As informações sobre a propriedade do TEC-9 vieram do mandado de busca para os registros bancários de Manes. As descrições relevantes estão em JC-001-025739.

Detetives entrevistaram Robyn: O interrogatório de Robyn foi documentado em grande detalhe em seu relatório policial. Dedicou vinte páginas em espaçamento simples ao vai-e-vem do interrogatório. As passagens em itálico são paráfrases de suas declarações. Este mesmo relatório apresentou suas atividades no dia anterior e suas admissões sobre o que ela sabia e quando ela suspeitava do envolvimento de Eric e Dylan. Eventualmente, ela confessou fortes suspeitas no início do tiroteio, então havia poucas razões para duvidar dela.

CAPÍTULO 23. MENINO DOTADO

Na terceira série: Muitas fontes citam Dylan como iniciando na segunda série, mas ele não se transferiu para a Governor's Ranch Elementary School até a terceira. Tom e Sue Klebold forneceram muitos detalhes do início da vida de Dylan em seu relatório.

Judy o viu pela primeira vez: A cena do leito do riacho foi descrita por Judy Brown durante minha entrevista com ela e seu marido. A citação de Dylan era de sua lembrança. O incidente correspondeu a muitos retransmitidos por pessoas confiáveis que conheceram Dylan quando menino e durante o ensino médio. Escolhi este porque resumia muito da experiência inicial de Dylan e sua psique frágil.

Eles celebraram a Páscoa e a Páscoa: Tom e Sue descreveram seus antecedentes religiosos e familiares em seu relatório policial. O reverendo Marxhausen deu detalhes durante as entrevistas comigo. Os escritos e vídeos de Dylan forneceram mais.

Tom descreveu Dylan: A citação de Tom veio de seu relatório policial. Ele também descreveu Dylan como sendo protegido pelo programa CHIPS.

CAPÍTULO 24. HORA DE NECESSIDADE

Ele organizou uma vigília: As representações da vigília e do funeral vieram de minhas entrevistas com o reverendo Marxhausen. Informações adicionais vieram de suas declarações em reportagens.

CAPÍTULO 26. AJUDA ESTÁ A CAMINHO

quando o primeiro tiro o atingiu: a provação de quatro horas de Dave Sanders foi meticulosamente documentada antes de eu cobrir esse aspecto da história, então eu corroborei os relatos existentes com fontes de ambos os lados do eventual processo, bem como as fitas 911 divulgadas por Jeffco. Na maioria dos pontos, eles concordaram. A polícia emitiu volumosos relatórios documentando a opinião do departamento e, para os Sanders, confiei mais na equipe jurídica de Angela Sanders, que pesquisou o caso por meses e acabou prevalecendo. Isso incluiu entrevistas com o principal advogado Peter Grenier, seu excelente resumo de treze páginas do caso

depois que ele terminou, e a queixa de quarenta e duas páginas apresentada em abril de 2000. O relatório da comissão de revisão do governador e as contas no *Rocky* and o *Denver Post* foi extremamente útil ao fornecer detalhes adicionais, especialmente o " *Ajuda* está a caminho: o mundano deu lugar à loucura...". Em entrevistas, Linda Sanders e vários amigos de Dave forneceram sua perspectiva sobre o que aconteceu.

arremessar uma cadeira: Este incidente vem do processo dos Sanders e do resumo do caso por seu advogado Peter Grenier. É consistente com outras contas.

CAPÍTULO 27. PRETO

Ele começou a fazer compras: os amigos dos assassinos deram relatos bastante consistentes de seu estilo de vestir, em entrevistas policiais e entrevistas na mídia. Isso é corroborado por vídeos que os assassinos filmaram de si mesmos e por detalhes espalhados por seus escritos – por exemplo, Eric mencionou que havia feito compras no Hot Topic e na loja de excedentes.

Para o Halloween: A polícia acredita que Dutro conseguiu o primeiro espanador, mas relata conflito, porque ninguém estava realmente rastreando-o na época. Outras contas têm Thaddeus Boles dando início à tendência. Boles era um conhecido dos assassinos.

CAPÍTULO 28. CRIME DE MÍDIA

Lembramos de Columbine: para avaliar a cobertura nacional impressa, analisei todas as notícias publicadas nas primeiras duas semanas, bem como centenas de notícias posteriores dos seguintes jornais: *Denver Post* , *Rocky Mountain News* , *New York Times* , *Washington Post* e *EUA Hoje* . Também estudei um grande número da AP, Reuters e outras fontes. Os dois jornais locais criaram um arquivo on-line especial de Columbine, registrando todas as suas histórias, o que me permitiu avaliar a frequência de sua cobertura pelos próximos anos e garantir que eu não perdesse nada.

Os assassinos foram rapidamente escalados: as cenas em Clement Park neste capítulo e todas as citações relacionadas vieram de minhas observações e fitas de áudio. Muito disso foi publicado em minhas histórias naquela semana para *Salon.* As histórias sobre "o boato que não vai embora" foram minhas.

***Salão* publicado:** "Misfits Who Don't Kill" foi produzido por *YO! (Perspectiva Juvenil)* .

Não há provas: as citações do Sr. D são da minha entrevista com ele em 4 de julho de 1999, e foram publicadas na edição de agosto/setembro da *5280,* a revista da cidade de Denver. A garota com o piercing era Jo-Lee Gallegos, uma veterana que entrevistei em junho e citei com mais detalhes na mesma história. Conversei com centenas de estudantes nos meses que se seguiram à tragédia, e Gallegos foi um dos poucos que encontrei com uma impressão negativa do Sr. D, embora os amigos dos assassinos estivessem se escondendo. Gallegos se juntou à maioria ao elogiar o comportamento de DeAngelis depois de 20 de abril. "Ele realmente fez questão de chegar a todos depois disso", disse ela.

CAPÍTULO 29. AS MISSÕES

A travessura começou como um trio: a maioria dos detalhes e citações sobre as missões vieram de postagens de Eric em seus sites. Eles foram corroborados por um grande número de pessoas que se envolveram na época, incluindo Randy, Judy e Brooks Brown, que chamaram a polícia várias vezes, após o que os policiais registraram relatórios; um reitor de Columbine que se envolveu e conversou com os pais, incluindo Wayne Harris; e Wayne Harris, que documentou conversas com o reitor, os Browns e outra família em seu diário.

Eric ficou bravo com Brooks Brown: Para os confrontos entre Eric e os Browns, contei com várias fontes: o diário de Wayne; as memórias de Brooks; minhas entrevistas ao longo de anos com Randy, Judy e Brooks; as inúmeras declarações de Eric sobre isso; e a avaliação do agente Fuselier sobre o que aconteceu, com base em todas as provas apresentadas a ele pela equipe de detetives. Os Browns e os Harris viram o conflito subjacente de maneira muito diferente, mas foram bastante consistentes nos detalhes dos incidentes relatados aqui.

Wayne voltou para casa: Wayne documentou suas respostas e muitas de suas opiniões sobre a briga em seu bloco de notas, que foi apreendido por Jeffco e lançado anos depois. A versão de Eric do comportamento de Wayne também forneceu uma corroboração bastante próxima.

Dylan estava miserável: Dylan nem sequer mencionou as missões até muito mais tarde, de passagem – como uma aventura que ele compartilhou com Zack, em vez de Eric.

CAPÍTULO 30. NOS DIZ O PORQUÊ

Guerra finalmente confessaria: Guerra fez essa declaração aos investigadores do procurador-geral.

Chris concordou com uma escuta: o FBI transcreveu toda a conversa. Ele correu vinte e duas páginas.

No domingo, um agente da ATF: Detalhes das entrevistas da ATF com Duran e Manes, e o histórico completo de compras, vieram do mandado de busca nos registros bancários de Manes.

CAPÍTULO 31. O BUSCADOR

A mente de Dylan disparou: Praticamente tudo deste capítulo vem do diário de Dylan, onde ele expressou seus pensamentos vividamente. Ele repetiu um punhado de ideias incansavelmente, e concentrei-me principalmente nelas. Eu teci muito do vocabulário e expressões de Dylan nas seções parafraseadas – por exemplo, “aquele idiota na aula de ginástica” e “sofrimento eterno em infinitas direções através de infinitas realidades” são suas palavras, entrelaçadas em minhas frases.

CAPÍTULO 32. JESUS JESUS JESUS

Depois, as multidões caminharam: O relato do serviço memorial foi baseado em minhas observações lá, bem como na minha revisão da cobertura televisiva ao vivo que gravei.

O pastor Kirsten proclamou: Citações e descrições de Kirsten vieram de minhas observações de seus sermões, seu relato de passagens no estudo bíblico e suas entrevistas comigo. Citações de Oudemolen vieram de serviços que participei e fitas de áudio de seus sermões.

Grande parte do clero de Denver ficou chocado: eu entrevistei um grande número de clérigos locais sobre a disputa naquela semana. As observações do reverendo Marxhausen foram feitas ao *Denver Post* . Eu discuti-los com ele mais tarde.

Um pastor evangélico atencioso: ele era o reverendo Deral Schrom da South Suburban Christian Church. Ele falou com franqueza revigorante e compartilhou sua sabedoria sobre esse difícil dilema para seus colegas. Agradeço a ele em ambas as contas.

Craig Scott foi: A preponderância das evidências apontava fortemente para a história do mártir ter se originado com Scott.

Ele havia escondido: todas as representações de tiros dentro da biblioteca foram baseadas em um exame de todos os relatos de testemunhas, consulta com investigadores que tiveram acesso à fita 911 aprimorada e uma riqueza de evidências físicas. Kate Battan foi especialmente útil. Houve um acordo generalizado sobre os detalhes mais significativos, além dos discutidos na narrativa.

sua mãe não tinha certeza: Brad e Misty discutiram a evolução de suas respostas em várias entrevistas na TV, bem como nas memórias de Misty. A jornalista Wendy Murray também gentilmente me deu acesso a suas notas de entrevista com a família.

CAPÍTULO 33. ADEUS

Ele ficou animado: ele anotou o dia da sua licença em sua agenda. Isso e seus outros escritos forneceram insights adicionais sobre seu estado mental.

CAPÍTULO 34. MARSUPIAIS PERFEITOS

Patrick Ireland estava tentando: a história de Patrick é baseada principalmente em minhas inúmeras entrevistas com ele e seus pais. Foi complementado e corroborado por imagens de vídeo, entrevistas na televisão, notícias e fotografias, minha observação dele fazendo discursos e participando de eventos e álbuns de fotos de sua juventude, gentilmente fornecidos por sua mãe.

Algo estava faltando: o relato das cruzes veio de minhas observações em Clement Park, entrevistas com a maioria dos diretores, cobertura de notícias ao vivo, fotografias de notícias, notícias impressas sobre esses eventos e o trabalho anterior do carpinteiro, e algumas horas de vídeo fornecidas pelo carpinteiro à jornalista Wendy Murray, que generosamente me emprestou. O último inclui um vídeo de um amigo dele retornando com as novas cruzes, comentários contínuos dele, fotos de sua vida doméstica e inúmeras aparições na TV. Seu nome foi omitido intencionalmente.

PAI DESTRÓI CRUZES: The *Rocky* usa um formato de tablóide e publicou apenas manchetes e a foto na página 1 naquele dia. Imprimiu a

história na página 5, sob uma manchete diferente: pai corta cruzes de assassinos. Ele pode ser encontrado on-line sob o título mais longo.

CAPÍTULO 35. PRISÃO

Os pais de Harris e Klebold responderam: As informações sobre o arrombamento do armário vieram principalmente de arquivos da polícia, que incluíam entrevistas com o reitor e anotações do diário de Wayne Harris. Outras reflexões vieram nos questionários do programa de desvio preenchidos pelos assassinos e pais.

Às vezes ela ria: as representações vêm do diário de Dylan.

Brenda tinha quase 23 anos: o relato e as citações de Brenda Parker vieram de seu interrogatório policial e de suas entrevistas com os jornais de Denver.

um crime de oportunidade: meu relato do arrombamento e suas consequências baseou-se fortemente nas quarenta páginas de relatórios policiais, que incluíam confissões escritas de cada menino e relatos de vários policiais, um dos quais citou conversas com os meninos. Outras fontes incluem os escritos dos meninos; suas declarações no tribunal; diário de Wayne Harris; os questionários do programa de desvio; e notas de sessão por seus conselheiros de desvio. Discuti os eventos longamente com os investigadores.

CAPÍTULO 36. CONSPIRAÇÃO

detetives voltaram para interrogá-la: os detetives preencheram uma descrição detalhada do interrogatório, incluindo muito mais informações das anotações passadas na aula de alemão. O agente Fuselier forneceu informações adicionais sobre o texto completo das notas da aula de alemão.

Eric nunca soube: o sargento Mark Gonzales ligou para os investigadores às dez da manhã após os assassinatos para informá-los de seu contato com Eric, citando todas as datas em que se conheceram. Em 28 de abril, a polícia o entrevistou e documentou suas declarações em um relatório policial um dia antes da notícia ser divulgada. Um relato completo aparece no Capítulo 50, baseado neste testemunho e em minhas discussões com os investigadores. Gonzales foi firme em sua afirmação de que Eric nunca soube de sua rejeição.

oficiais se reuniram com os Klebolds: Praticamente toda essa cena vem do relatório policial de nove páginas da investigadora Kate Battan.

Reunião da National Rifle Association: A cena é baseada principalmente em reportagens, bem como em minhas reportagens posteriores sobre o debate sobre o controle de armas. Sou especialmente grato a Jake Tapper, do *Salon,* e sua excelente peça, "Coming Out Shooting".

"Nós lidamos com fatos": as citações de Kiekbusch vieram de uma entrevista por telefone comigo em 1999, que apareceu no *Salon.* Ele fez declarações semelhantes a outros meios de comunicação.

O que Kiekbusch quis dizer: discuti a abordagem da equipe com vários investigadores, incluindo Kiekbusch, e com oficiais e especialistas fora do caso.

Ele estava enlouquecendo sua equipe: conversei com muitos investigadores e funcionários em contato próximo com eles.

A cobertura de Columbine terminou abruptamente: 66 tornados ocorreram entre 3 e 6 de maio, incluindo um tornado de categoria 5 que matou 36 pessoas, danificou mais de 10.000 prédios e causou US$ 1,1 bilhão em danos. Eu estava em um evento com muitos dos repórteres nacionais quando eles receberam a notícia e fugiram rapidamente. Vários dos maiores jornais mantêm um escritório em Denver, composto por um ou dois repórteres nacionais. Esses indivíduos retornaram a Denver após as tempestades, enquanto muitos outros não. Independentemente disso, a pausa na cobertura terminou abruptamente Columbine como uma história nacional diária.

CAPÍTULO 37. TRAÍDA

Suas taxas variavam: Wayne fazia anotações detalhadas sobre possíveis advogados e psiquiatras.

Eric disse ao Dr. Albert: Dr. Albert se recusou a falar com qualquer outro jornalista sobre Eric. Ele me disse que muitas pessoas poderiam se machucar. No entanto, Eric havia discutido as sessões com seus pais e seus conselheiros de desvio, que registraram os pensamentos de Eric na época (ou seja, muito antes dos assassinatos). Suas anotações forneceram a base para todas as minhas informações sobre as sessões do Dr. Albert.

Dylan vazou a URL: Brooks descreveu o vazamento de Dylan aos repórteres logo após os assassinatos. Os registros da polícia confirmaram que os Browns ligaram para os detetives Jeffco na noite do vazamento e produziram várias páginas do site de Eric. Baseei-me em entrevistas com Brooks e seus pais, seu livro de memórias, o relatório da polícia, as páginas da Web e discussões com os investigadores.

Apenas um pai: As reuniões com os meninos e seus pais foram bem documentadas por Andrea Sanchez em seus arquivos de Diversão. Os questionários completos foram divulgados.

Sanchez preocupado: ela documentou suas preocupações em seus arquivos na época.

Mas ele ficou impressionado: DeVita relembrou suas aparições e expressou seus pensamentos um ano depois, em entrevistas à mídia após os assassinatos. A Justiça divulgou documentos relacionados ao caso.

A declaração foi convincente: foi divulgada em 10 de abril de 2001. Discuti seus méritos com autoridades e especialistas dentro e fora do caso.

Uma explicação plausível: o oficial era o subxerife John Dunaway, que disse ao *Denver Post* em 2004: "Depois de várias semanas que ele [Guerra] foi chamado, ele não tinha nada que pudesse argumentar com credibilidade aos tribunais que fosse oportuno. um mandado de busca é que suas informações são oportunas e precisas." Dunaway não estava no cargo quando a declaração foi escrita.

CAPÍTULO 38. MÁRTIR

"Ela está no hall da fama dos mártires": eu não fui ao funeral de Cassie. Mais tarde, entrevistei o reverendo Kirsten, que forneceu as

passagens. Também discuti isso com muitos congregados que estavam presentes.

Tinha sido possessão: meus relatos sobre a possessão e o "renascimento" de Cassie vieram principalmente de uma série de entrevistas que fiz com seu pastor de jovens, Dave McPherson, que aconselhou de perto seus pais e trabalhou com ela nos anos seguintes, e das memórias de Misty. Fontes adicionais incluíam o reverendo Kirsten, entrevistas na televisão de Brad e Misty e meu contato com os Bernalls em um punhado de eventos em sua igreja após os assassinatos. Citações diretas de Cassie e as cartas que sua amiga escreveu vieram das memórias de Misty.

Val caiu de joelhos: o relato de Val veio de seu relatório policial e minhas entrevistas com ela e sua mãe, Shari, em setembro de 1999.

Emily Wyant assistiu: O relato de Emily de 20 de abril veio principalmente de sua entrevista policial em 29 de abril. Minha descrição de suas lutas nos meses seguintes foi baseada em minhas duas entrevistas com sua mãe em setembro de 1999 e minhas conversas com Dan Luzadder, o *Rocky* ' s investigador principal. Respeitei o pedido da mãe dela de não entrar em contato direto com Emily.

Bree Pasquale estava sentada lá: Bree exibiu uma impressionante recordação de eventos na biblioteca, transmitindo os mínimos detalhes dos movimentos de Eric em seu interrogatório policial. Seu depoimento foi corroborado por quase todas as testemunhas, a evidência física e a fita do 911. Como sua conversa com Eric foi tão memorável, foi relatada de forma semelhante por um grande número de testemunhas. Portanto, usei citações, confiando na versão de Bree do texto preciso.

algo inesperado aconteceu: a experiência de Craig na biblioteca foi registrada em detalhes em seu relatório policial, começando em JC-001-000587. Abreviei sua conversa com os detetives.

CAPÍTULO 39. O LIVRO DE DEUS

Fuselier encontrou respostas: As deduções de Fuselier vieram de minhas inúmeras entrevistas com ele.

CAPÍTULO 40. PSICOPATA

a lista de verificação de psicopatia: Todas as caracterizações de psicopatia neste livro foram baseadas nas pesquisas mais recentes, fundadas principalmente no trabalho do Dr. Hervey Cleckley e sistematicamente refinadas pelo Dr. Robert Hare. A lista de verificação de psicopatia revisada de Hare (PCL-R) é usada para avaliar o sujeito em vinte características, organizadas em duas categorias: motivadores emocionais e comportamento antissocial. Os vinte são: 1) charme superficial e superficial, 2) estimativa grandiosa de si mesmo, 3) necessidade de estimulação, 4) mentira patológica, 5) astúcia e manipulação, 6) falta de remorso ou culpa, 7) afeto superficial (emocional superficial). responsividade), 8) insensibilidade e falta de empatia, 9) estilo de vida parasitário, 10) controles comportamentais pobres, 11) promiscuidade sexual, 12) problemas de comportamento precoce, 13) falta de metas

realistas de longo prazo, 14) impulsividade, 15) irresponsabilidade , 16) não aceitação da responsabilidade pelos próprios atos, 17) muitos relacionamentos conjugais de curta duração, 18) delinquência juvenil, 19) revogação da liberdade condicional, 20) versatilidade criminal.

Os títulos dos itens não podem ser pontuados sem referência aos critérios formais contidos no Manual PCL-R. É emitido apenas para profissionais qualificados, que são instruídos a combinar entrevistas com históricos de casos e dados de arquivo. Mas em muitos casos, como em Columbine, o sujeito não está disponível para entrevista. Estudos realizados por pesquisadores externos concluíram que a ferramenta é confiável sem a entrevista em situações em que dados extensos e confiáveis estão disponíveis. Eric deixou um tesouro enorme, que os especialistas consideraram dados mais do que suficientes para avaliá-lo.

Os avaliadores classificam o sujeito em cada característica, atribuindo uma pontuação de 0 a 2: 2 se se aplica claramente, 1 se se aplica parcialmente ou às vezes, 0 se nunca. A pontuação máxima é 40, e 30 é necessário para a designação de "psicopata". Existem graus de psicopatia, mas a maioria dos indivíduos acaba sendo altamente psicopata ou não. Criminosos médios marcam cerca de 20; eles compartilham algum comportamento com psicopatas, mas poucos dos impulsos subjacentes.

Em 1885: *O Oxford English Dictionary* (edição de 1989) cita 1885 como a primeira vez que o termo *psicopatia* foi usado em seu significado atual. Pesquisadores alemães o usaram no início do século, com um propósito um pouco diferente.

Definições variadas: Nada comparável ao PCL-R existe para o *sociopata,* embora alguns terapeutas usem a lista de verificação e atribuam ao sujeito a designação de "sociopata".

psicopatas e lares instáveis: "Não sabemos por que as pessoas se tornam psicopatas, mas as evidências atuais nos afastam da ideia comum de que o comportamento dos pais tem responsabilidade única ou mesmo primária", escreveu Hare. Mas se uma criança nasce com características perigosas, a má criação pode torná-la infinitamente pior.

Os antecedentes familiares dos psicopatas são surpreendentemente consistentes com os da população carcerária em geral. Em ambos os casos, a incidência de problemas familiares significativos é alta. Com criminosos não psicopatas, um jovem problemático se correlaciona intimamente com a idade e a gravidade da primeira ofensa. Aqueles com problemas familiares aparecem no tribunal aos quinze anos, em média. Aqueles sem aparecer quase uma década depois, aos 24 anos. Os psicopatas chegam mais cedo – aos quatorze anos, em média – e seu histórico familiar não mostra nenhum efeito sobre esse número. Mas a vida doméstica tem um impacto enorme no tipo de crime cometido pelos psicopatas. Aqueles de educações instáveis são muito mais propensos a serem violentos. No restante da população carcerária, um lar problemático parece levar os criminosos a ofensas anteriores e mais graves, mas não à violência.

dispositivo de triagem para juvenis: é chamado de PCL:YV, para "Versão para Jovens".

desejo declarado de uma carreira na Marinha: Em março de 1998, Eric respondeu à pergunta "Objetivos de Carreira" em seu questionário de desvio com "Marinha ou ciência da computação".

Dr. Kiehl repetiu: Os resumos do trabalho do Dr. Kiehl foram baseados em seu trabalho publicado, bem como em correspondências por telefone e e-mail comigo e meu pesquisador.

terapia muitas vezes piora: Esta é uma conclusão amplamente reconhecida. Muitos estudos confirmaram isso. Um descobriu que psicopatas condenados que participaram de programas terapêuticos eram quatro vezes mais propensos a cometer crimes violentos do que aqueles que não o fizeram.

CAPÍTULO 41. O GRUPO DE PAIS

o FBI organizou uma grande cúpula: cenas da cúpula de Leesburg foram descritas para mim por vários participantes. As citações foram baseadas em suas lembranças.

Vários dos especialistas continuaram: Vários continuaram estudando Columbine. Drs. Fuselier, Ochberg e Hare concordaram em várias entrevistas para este livro e foram de grande ajuda. Outros pediram anonimato, mas continuaram conversando nos bastidores e forneceram informações valiosas não atribuídas a nenhum indivíduo.

O Bureau proibiu firmemente: todos os agentes foram proibidos de falar sobre o caso, incluindo aqueles na sede, como Mary Ellen O'Toole, que organizou a cúpula de Leesburg. Todos os jornalistas, inclusive eu, foram rejeitados repetidamente; *60 Minutos* processado por informações e perdido. Uma exceção foi feita para o agente Fuselier participar com os oficiais de Jeffco na série "Inside the Columbine Investigation" de *Rocky - discutindo seu papel na investigação, mas não suas conclusões.*

Os comandantes da Jeffco estavam mentindo: após vários anos de retenção, Jeffco divulgou documentos que provavam que os comandantes estavam mentindo em várias acusações – incluindo repetidas negações sobre a posse dos documentos.

O investigador Mike Guerra notou: As ações de Guerra, Kiekbusch e Searle vieram do relatório do grande júri. Guerra descreveu suas ações. Searle descreveu ações dela e de Kiekbusch.

Anne Marie Hochhalter: Seu progresso foi extraído de notícias, particularmente "Uma História de Cura e Esperança" de Bartels.

Os alunos chegaram ao consenso oposto: a descrição de atitudes divergentes entre alunos e pais naquela primavera e verão baseou-se principalmente em minhas inúmeras entrevistas e viagens à área na época e entrevistas que realizei anos depois. Também me debrucei sobre a cobertura jornalística do período.

Brian Fuselier estava dirigindo: A descrição das reações de Brian naquele verão veio inicialmente de minhas entrevistas com seus pais; Confirmei-os com ele vários anos depois.

Foi um dia emocionante: passei grande parte do dia fora da escola, entrevistando alunos indo e vindo e observando.

"Não se trata de dinheiro!": A descrição da coletiva de imprensa dos Shoelses foi baseada em minhas observações.

CAPÍTULO 42. DIVERSÃO

seus anuários juniores: As digitalizações das páginas do anuário foram lançadas por Jeffco.

Eric lançou uma nova ofensiva de charme: os conselheiros de desvio documentaram cada reunião - aproximadamente duas por mês - o que forneceu um registro mais detalhado da atividade dos meninos no último ano. Ambos os meninos também adquiriram agendas diárias, embora Dylan usasse mais as suas.

Suas notas caíram brevemente: a escola divulgou relatórios de notas indicando o progresso em cada semestre. Para Diversão, os meninos também foram obrigados a fazer com que os professores preenchessem relatórios mensais de progresso, com projeções de notas e comentários.

escrever cartas de desculpas: Jeffco divulgou a carta de Eric.

Então ele desistiu: Meses depois, Eric voltaria a usar o planejador, documentando grande parte de sua existência diária. Dylan também preencheu sua agenda. Jeffco divulgou scans do conteúdo completo de ambos.

Dr. Albert o trocou: os medicamentos de Eric e suas respostas a eles foram registrados em seu arquivo de desvio. Ele completou a mudança de Zoloft para Luvox em 14 de maio de 1998.

Eles conseguiram fazer filmes: Jeffco lançou muitos de seus vídeos além do Basement Tapes. As representações aqui foram baseadas na minha visão.

Eric estava devorando literatura: Eric manteve muitas de suas tarefas escolares, incluindo trabalhos sobre todos os itens citados neste capítulo. Eu revisei todos eles.

CAPÍTULO 43. QUEM É O DONO DA TRAGÉDIA

Há uma casa, fora de Laramie: Linda descreveu seus planos de aposentadoria, incluindo a casa, em uma entrevista comigo.

Columbine estava programada para reabrir: participei do Media Summit e do comício Take Back the School. Apenas os repórteres da piscina foram permitidos dentro do escudo humano no comício, então eu confiei em seus briefings para essa passagem, bem como minhas entrevistas posteriores com várias pessoas dentro. Discuti os objetivos do rali e as ideias por trás dele com vários administradores responsáveis por desenhá-lo.

Por uma manhã: passei a manhã na área pública de Columbine, conversando com as crianças enquanto pintavam seus azulejos.

CAPÍTULO 44. BOMBAS SÃO DIFÍCEIS

pouco antes do Halloween: A partir deste ponto, Eric gravou as datas de todos os principais marcos, bem como uma série de triviais. Ele também mantinha recibos datados de muitas de suas compras.

começou a montar seu arsenal. Eric deixou Nate vê-lo produzir parte de um lote. Nate descreveu o processo à polícia; seus registros serviram de

base para minha representação visual.

CAPÍTULO 45. EFEITOS POSTERIORES

Os marcos foram difíceis: cobri a maioria dos eventos neste capítulo para o *Salon* e a maior parte do material foi baseada nessa reportagem. (Uma exceção foi o campeonato de futebol - eu acompanhei o progresso do time, mas não participei dos jogos.) Anos depois, reuni centenas de páginas de notícias sobre os eventos e extraí delas para citações adicionais, incluindo as de Graves e Hochhalter. famílias. Todas as citações de notícias são citadas na versão expandida da Web desta seção de Notas.

outra publicação deu a notícia: Foi minha história no *Salão* .

A revista fez uma exposição : A *Time* enviou uma equipe de volta para investigar novamente a tragédia e reexaminou todo o caso para aquela reportagem de capa. Ele fez um ótimo trabalho, corrigindo efetivamente os principais mitos. Mas não copiou para a correção. Este foi um exemplo grave de "recuo" - o termo foi ressuscitado em 2004 pelo editor público do *New York Times* Daniel Okrent para criticar a cobertura da Guerra do Iraque; raramente é ouvido mesmo dentro da indústria, porque denota um pecado tão feio. Okrent cita o educador de jornalismo Melvin Mencher descrevendo-o como "uma história que tenta corrigir uma história anterior sem indicar que a história anterior estava errada ou sem assumir a responsabilidade pelo erro". Okrent escreveu que uma definição mais sincera pode ser "uma maneira de um jornal cobrir sua bunda sem admitir que foi exposto".

CAPÍTULO 46. ARMAS

Eric nomeou sua espingarda: Arlene era a heroína dos livros de *Doom que Eric gostava.* Ele rabiscou a palavra em seu barril e se referiu a ela pelo nome em escritos e em vídeo.

Eric se encaixa nas duas categorias: Millon, Simonsen, Davis e Birket-Smith criaram as dez subcategorias para classificar tipos muito diferentes de psicopatas, mas não foram projetadas para serem mutuamente exclusivas; nem são necessariamente os condutores do comportamento. Eric exibiu sintomas consistentes com personalidades malévolas e tirânicas, e o Dr. Fuselier concordou que Eric parecia ser um cruzamento entre os dois.

"Quero rasgar uma garganta": editei esta passagem. Durou muito mais tempo, e mais cruelmente.

Em 20 de janeiro: Os arquivos do programa Diversion citam 3 de fevereiro como a data de término, mas isso não é uma reflexão precisa, principalmente da perspectiva dos meninos. Em ambos os arquivos, Kriegshauser documentou uma reunião com eles em 20 de janeiro para encerrar seus casos.

Eric também estava trabalhando duro: Eric escreveu sobre seus esforços para "fazer sexo" com frequência durante os meses finais.

CAPÍTULO 47. AÇÕES JUDICIAIS

O Sr. D disse a uma revista: Ele disse isso para mim. Cobri os eventos deste capítulo extensivamente para o *Salon,* e a maior parte foi baseada

nesse relatório.

os Rohrboughs: Para simplificar, usei "os Rohrboughs" periodicamente para denotar os dois lados da família de Danny, os Rohrboughs e os Petrones.

legislação de controle de armas: Em abril de 2000, alguns projetos de lei estavam pendentes para permitir armas escondidas no Colorado. Esses foram rapidamente derrotados na sequência da tragédia.

CAPÍTULO 48. UMA EMOÇÃO DE DEUS

um grande problema: Eric citou colocar as bombas como uma questão importante.

Se ao menos ele tivesse um pouco mais de dinheiro: Eric expressou frustração com seus fundos limitados e elaborou orçamentos para seu arsenal.

Dylan escreveu um conto: Jeffco lançou a história, com notas de Judy Kelly.

Três amigos foram com eles: os meninos gravaram um pouco da prática de tiro ao alvo, e Jeffco lançou a fita.

Eles fizeram três viagens de prática de tiro ao alvo: Manes disse à investigadora principal Kate Battan que eles fizeram três viagens, mas ela não conseguiu determinar se foram antes ou depois da viagem gravada.

Dylan vazou novamente: Zack disse à polícia que sua conversa com Dylan ocorreu em fevereiro. Sua memória pode ter falhado um pouco, ou Dylan pode ter começado a treinar mais cedo – com ou sem Manes.

Desperado: Robert Rodriguez dirigiu o filme. Tarantino apareceu como ator e está intimamente associado a Rodriguez.

CAPÍTULO 49. PRONTO PARA SER FEITO

A maioria do Grupo de Pais compareceu: As cenas na abertura do átrio vieram de minhas observações.

Jeffco foi forçado a tossir: acompanhei a lenta divulgação das informações ao longo de vários anos e examinei a maioria dos itens à medida que eles saíam, mas não escrevi sobre esses eventos na época. *Westword* and the *Rocky* fizeram um excelente trabalho cobrindo o lento gotejamento, e eu confiei no trabalho deles. Considerei os relatórios do procurador-geral do Colorado e do grande júri definitivos.

o depoimento para revistar a casa de Eric: Após meses de silêncio, a promotoria respondeu a um pedido por escrito dos Browns. Sua carta de resposta aludiu ao depoimento de Guerra, que por dois anos sua agência insistiu que não existia. Randy e Judy não podiam acreditar. Eles levaram para a CBS e o *60 Minutes* encurralou Thomas. O juiz Jackson exigiu que o visse — também lhe fora negado.

O depoimento foi mais contundente: Guerra foi excepcionalmente convincente. Ele demonstrou motivo, meios e oportunidade. De uma perspectiva de avaliação de ameaças, a especificidade do ataque de Eric o elevou a um alto risco. Os detalhes sobre o armamento aumentaram ainda mais. A pedra angular, porém, veio ao conectar os planos de Eric a evidências físicas. O depoimento descreveu a bomba caseira encontrada

perto da casa de Eric e afirmou duas vezes que correspondia às suas descrições de "Atlanta" e "Pholus".

"Com base nas informações acima mencionadas, seu pretendente respeitosamente solicita que o tribunal emita um mandado de busca para a residência", concluiu o depoimento de Guerra. A polícia teria encontrado muita coisa. Eric tinha feito algumas bombas naquela época. O ex-presidente da Suprema Corte do Colorado, que presidiu uma comissão criada pelo governador para investigar Columbine, acabou se manifestando. Ele repreendeu Jeffco por perder um número "enorme" de pistas. O massacre poderia ter sido evitado, concluiu. Ele lamentou a resposta do perímetro; se a equipe da SWAT tivesse invadido o prédio, ele disse, várias vidas poderiam ter sido salvas.

A declaração também revelou que o chefe de divisão Kiekbusch havia contado pelo menos três mentiras colossais na coletiva de imprensa dez dias depois de Columbine: que os Browns não se encontraram com o investigador Hicks, que o departamento não conseguiu encontrar bombas como as das descrições de Eric na web e que não conseguiu localizar suas postagens na Web. A declaração contradizia as três, e Kiekbusch devia estar familiarizado com ela, já que acabara de comparecer à reunião do Open Space com um tópico: como suprimi-la.

Jeffco respondeu com novas mentiras. Ele emitiu um comunicado à imprensa alegando que havia divulgado a existência do depoimento alguns dias depois de Columbine - no exato momento em que os comandantes estavam se reunindo para planejar como escondê-lo. Todos os meios de comunicação locais chamaram Jeffco de mentira.

"É incrível quanto tempo": Sue Klebold relembrou essa conversa para David Brooks em 2004. Ele relatou isso em sua coluna do *New York Times .*

O FBI e o Serviço Secreto: O FBI divulgou seu relatório, *The School Shooter: A Threat Assessment Perspective,* em 2000. Dois anos depois, o Serviço Secreto e o Departamento de Educação se uniram para uma análise mais ampla: *The Final Report and Findings of the Iniciativa Escola Segura.* Ambos os relatórios foram excelentes, e eu confiei neles extensivamente. Também usei relatos de notícias para documentar imitadores frustrados em outras cidades. Entrevistei administradores escolares, estudantes e especialistas em saúde mental sobre políticas de tolerância zero.

dois maiores mitos: o Serviço Secreto estudou todos os ataques direcionados a escolas de dezembro de 1974 a maio de 2000. Houve 41 agressores em 37 incidentes. A história disciplinar e o desempenho acadêmico também variaram muito. O mito do solitário foi talvez o maior equívoco. Alguns dos atacantes eram solitários; dois terços não.

eles "estalaram": "Pessoas não violentas não 'estalam' ou decidem no calor do momento para enfrentar um problema usando violência", disse o relatório do FBI. O planejamento variou de um ou dois dias de antecedência a mais de um ano.

em videogames: apenas um oitavo gostava de videogames violentos. Um grupo maior - cerca de um terço - exibiu violência em seus próprios trabalhos escritos ou diários.

A maioria dos criminosos compartilhou: em muitos casos, o bullying pode ter desempenhado um papel: 71% dos agressores sofreram perseguição, bullying, ameaças ou ferimentos. Inicialmente, isso parece dramático, mas o estudo não abordou quantos não-atacantes sofrem esse tipo de experiência; é bastante comum para um garoto do ensino médio. Vários dos atiradores sofreram bullying grave ou de longo prazo e, em alguns casos, parecia ser um fator na decisão de atacar.

sofreu uma perda ou fracasso: A perda veio de diferentes formas: 66% sofreram uma queda de status; 51% sofreram uma perda externa, que incluiu a morte de um ente querido, mas era mais comum ser dispensado por uma namorada. A chave foi que o invasor percebeu isso como significativo e sentiu seu status cair.

Mais da metade contou: havia pelo menos dois forasteiros informados em 59% das vezes. Alguém havia suspeitado do ataque 93% das vezes.

O perigo dispara: o FBI ofereceu este exemplo de ameaça de alto risco: "Amanhã às oito horas da manhã, pretendo atirar no diretor. É quando ele está sozinho no escritório. Tenho uma 9mm. Acredite, Eu sei o que estou fazendo. Estou cansado da maneira como ele dirige esta escola."

Explosões melodramáticas: melodrama e floreios selvagens de pontuação são comuns - por exemplo: "Eu te odeio!!!!... Você arruinou minha vida!!!!" A maioria dos leigos supõe que esse drama sinaliza um perigo maior. Essa é uma falácia comum, disse o relatório. Os perpetradores têm a mesma probabilidade de permanecer calmos. Nenhuma correlação foi estabelecida entre a intensidade emocional e o perigo real que ela anuncia.

Uma forma mais sutil de vazamento: o FBI disse que um garoto chegou ao ponto de vazamento quando as mesmas ideias feias o agarraram "não importa o assunto, a conversa, a tarefa ou a piada".

lista de sinais de alerta: O FBI listou critérios em quatro áreas diferentes: comportamento, situação familiar, dinâmica escolar e pressões sociais. A lista comportamental sozinha incluía vinte e oito características. Ele advertiu que muitas crianças inocentes exibiam um ou dois ou mesmo vários de seus sinais de alerta; a chave foi a evidência da maioria dos itens de todas as quatro áreas. Os fatores de risco também foram altamente correlacionados com o abuso de substâncias.

Uma força-tarefa nacional: incluiu oficiais envolvidos em Columbine e líderes em campo, da equipe SWAT do Departamento de Polícia de Los Angeles à Associação Nacional de Oficiais Táticos.

CAPÍTULO 50. AS FITAS DO PORÃO

A primeira parte: Jeffco mostrou as fitas do porão para a *Time,* depois o *Rocky* e depois para um pequeno grupo de repórteres em uma única exibição. Eu não estava incluído e não os vi. Minhas representações vieram de três fontes: um relato detalhado nos arquivos da polícia, notícias dos repórteres que as viram e descrições do agente Fuselier e Kate Battan, que as estudaram por seis meses. O relatório policial tinha dez páginas e documentava cada cena em detalhes, com extensas citações.

Após a exibição inicial na imprensa, Jeffco prometeu mais, mas nunca realizou outra. Os Klebolds então entraram com uma moção afirmando que as fitas pertenciam às propriedades dos assassinos. Outros processos se seguiram. A maioria das famílias das vítimas acabou lutando pela liberação das fitas. Jeffco trabalhou com as famílias dos assassinos para suprimi-los, uma aliança legal que enfureceu as vítimas. Em dezembro de 2002, o juiz distrital dos EUA Richard Matsch rejeitou a reivindicação de direitos autorais com uma repreensão irada. Ele chamou de "uma tentativa transparente de esconder algo de interesse público". Mas o departamento de Stone insistiu que as palavras dos assassinos eram perigosas demais para serem expostas ao público.

Uma moção *do Denver Post chegou à Suprema Corte do Colorado.* O tribunal decidiu contra Jeffco. Declarou unanimemente que o material é registro público. A lei do Colorado inclui uma brecha, no entanto, afirmando que os registros podem ser retidos em casos de "interesse público". Cabia então ao novo xerife decidir se as fitas e os escritos eram um risco para a comunidade. Ele decidiu que os diários dos assassinos estavam seguros, mas as fitas do porão não. O *Post* optou por não recorrer. Qualquer futuro xerife tem o poder de liberar as fitas a qualquer momento.

O site do procurador-geral do Colorado declara o seguinte: "A exceção de 'interesse público' é uma exceção específica na Lei de Registros Abertos. De acordo com esta lei, uma agência pode manter registros públicos confidenciais se o custodiante dos registros decidir público causaria danos substanciais ao interesse público. Este é o caso mesmo que o registro seja algo que estaria disponível ao público sob a Lei de Registros Abertos. A razão pela qual esta lei existe é que o Legislativo percebe que haverá situações em quais informações devem ser mantidas em sigilo, mesmo que nenhuma lei afirme especificamente que é privada."

Eric fez pelo menos três tentativas: Chris mais tarde relatou as três tentativas aos detetives da polícia.

Zack contou a história: Mas ambas as versões do relato de Zack, conforme registrado em seu arquivo do FBI, são confusas, então apresentei a essência do que ele transmitiu.

O sargento Gonzales ligou friamente: Gonzales tinha conseguido uma lista de veteranos da escola.

Eric perseguiu Mark Manes: Manes testemunhou sobre a munição em sua audiência de sentença.

Eric passou a noite na casa de Dylan: os pais de Dylan descreveram a festa do pijama em seu interrogatório policial.

Eric deixou seu microcassete: Em sua resposta à decisão da Suprema Corte, Jeffco ignorou a existência do microcassete "Nixon". Além do estranho rótulo de Eric e as duas frases gravadas em um obscuro registro de provas, nada se sabe sobre a fita. Nem mesmo o Dr. Fuselier ouviu. Permanece no limbo. O xerife Jeffco tem o poder de liberá-lo a qualquer momento.

CAPÍTULO 51. DOIS OBSTÁCULOS

para compartilhar sua análise: entrevistei o Dr. Ochberg várias vezes e acabei obtendo aprovação do FBI para falar com o agente Fuselier. Começamos uma série de entrevistas, e ele me encaminhou para os livros clássicos sobre psicopatia e outros especialistas trazidos pelo FBI. Após vários anos de pesquisa - enquanto também trabalhava em outros projetos - publiquei os resultados na peça citada no texto. Chamava-se "O Depressivo e o Psicopata" e circulava na *Slate.*

a primeira e única entrevista à mídia: David Brooks escreveu um resumo perspicaz e empático de suas entrevistas com Tom e Sue Klebold. Ele foi generoso o suficiente para compartilhar pensamentos adicionais comigo por telefone.

Kiekbusch apresentou uma objeção formal: The *Rocky* também ligou para o ex-xerife John Stone para um comentário. Ele chamou a investigação de "um monte de besteira". Ele disse ao repórter que era um "burro de cavalo" e desligou. O jornal imprimiu tudo isso.

O subxerife Dunaway disse ao *Denver Post* que não havia feito nada de errado e novamente apontou o dedo para Brooks Brown. Ele repetiu, no registro, a velha acusação de que Brooks sabia dos assassinatos com antecedência. Nenhum fragmento de evidência veio à tona apoiando essa acusação.

Sr. D saiu vestido como Barry Manilow: Eu participei da assembléia. Eu assisti das arquibancadas e tirei fotos.

Ele perdeu muito: Thomas perdeu para o atual deputado Bob Beauprez (R) 55-42 por cento, com todos os distritos relatando.

o tiroteio em Platte Canyon: Minhas representações deste evento vieram principalmente da cobertura televisiva ao vivo, que eu assisti e gravei em duas estações enquanto acontecia, bem como relatórios de acompanhamento das autoridades.

CAPÍTULO 52. SILENCIOSO

qualquer porcaria que isso pudesse instigar: a citação de Dylan era um pouco mais longa, com uma palavra inaudível.

that fly CD: Não está claro se ele estava usando "fly" como um adjetivo (gíria para "cool") ou um título. Em 2008, o iTunes listou oitenta e oito músicas com fly no título.

Os meninos vagavam: eles foram observados por inúmeras testemunhas, e câmeras de vigilância nas áreas comuns registraram sua atividade lá, com carimbos de hora. Jeffco divulgou imagens de destaque, e o agente Fuselier descreveu suas impressões da fita completa para mim.

Fuselier e um colega: eu era o colega.

Achei a sala bem diferente: As representações da cena da biblioteca quando os assassinos voltaram para cometer suicídio foram baseadas em várias fontes, incluindo: relatórios de autópsia; minhas entrevistas com investigadores que observaram a cena; vídeo policial da sala depois que os corpos foram removidos; e informações médicas padrão sobre a decomposição dos corpos nos primeiros trinta minutos; e verificado com os investigadores quanto à aplicabilidade às condições reais neste caso. Os

suicídios dos assassinos foram reconstruídos a partir de depoimentos, relatórios de autópsia, diagramas policiais, relatórios policiais e fotos policiais dos corpos dos assassinos.

Patrick Ireland, respirando suavemente: Patrick entrou e saiu da consciência. É possível, embora improvável, que ele já tenha começado a rastejar para longe de sua posição inicial. Há uma remota possibilidade de que ele estivesse consciente durante os suicídios. Ele não tem memória deles.

CAPÍTULO 53. NOS LUGARES QUEBRADOS

Dois mil enlutados compareceram: participei dos dois eventos do memorial, em 2006 e 2007.

Eles se casaram: As representações do casamento vieram dos participantes.

As igrejas locais sentiram uma onda: entrevistei um grande número de pastores locais sobre a atividade em suas congregações nos anos seguintes. O padrão foi notavelmente semelhante e seguiu tendências históricas. O Barna Group fez um grande estudo sobre o impacto religioso do 11 de setembro. Ele encontrou um aumento semelhante em nível nacional: metade dos americanos disse que sua fé os ajudou a lidar com a situação; a frequência à igreja aumentou - dobrando em algumas igrejas no primeiro domingo; e uma minoria considerável de pessoas realmente alterou suas crenças centrais. A última mudança desprezou a sabedoria convencional, no entanto - afastando -*se* das crenças fundamentalistas: um pouco menos pessoas acreditavam em um Deus todo-poderoso, ou em Satanás como uma entidade real. Todas as mudanças desapareceram em quatro meses. E cinco anos depois, as taxas em todas as medidas ainda eram indistinguíveis das anteriores ao 11 de setembro.

Quando um jornalista passava: eu era o jornalista.

BIBLIOGRAFIA

Além dessas fontes, este livro conta com minhas reportagens para vários periódicos, publicados de forma um pouco diferente. Os artigos apareceram de 1999 a 2007 no *Salon, Slate, 5280* e no *New York Times.* Links para essas e versões online de muitos trabalhos abaixo estão disponíveis em meu site em davecullen.com/columbine . Instruções para obter provas divulgadas pelo Condado de Jefferson e outras agências também estão disponíveis lá.

RELATÓRIOS DO GOVERNO SOBRE COLUMBINE E ESCOLAS DE ATIRADORES

Centros de Controle e Prevenção de Doenças. " *Homicídio de Estudante Associado à Escola: Estados Unidos, 1992-2006." Relatório Semanal de Morbidade e Mortalidade* 57, nº. 2 (18 de janeiro de 2008): 33-36.

Gabinete do Xerife do Condado de EI Paso. *Reinvestigação da morte de Daniel Rohrbough na Columbine High School em 20 de abril de 1990.* 10 de abril de 2002.

Departamento Federal de Investigação. Departamento de Justiça dos EUA. Grupo de Resposta a Incidências Críticas. Centro Nacional de Análise de Crimes Violentos. *The School Shooter: A Threat Assessment Perspective* , por Mary Ellen O'Toole. 2000.

Gabinete do Xerife do Condado de Jefferson. *Relatório Final do Gabinete do Xerife sobre o Tiroteio na Escola Secundária de Columbine* . CD. 15 de maio de 2000.

Lindsey, Daryl. "Um Guia do Leitor para o Relatório Columbine." *Salão,* 17 de maio de 2000. http://archive.salon.com/news/feature/2000/05/17/guide/index.html .

O Relatório da Comissão de Revisão Columbine do Governador Bill Owens . Exmo. William H. Erickson, presidente. Maio de 2001.

Serviço Secreto dos EUA e Departamento de Educação dos EUA. *O Relatório Final e Conclusões da Iniciativa Escola Segura: Implicações para a Prevenção de Ataques Escolares nos Estados Unidos.* Maio de 2002.

OS ASSASSINO : E VIDÊNCIA LIBERADA _ _

Departamento de Investigação do Colorado. *Relatório de Laboratório* . Lançado pelo Condado de Jefferson em 31 de maio de 2000.

Departamento de Investigação do Colorado. *Relatório de Laboratório* . CD. Lançado pelo Condado de Jefferson em 6 de fevereiro de 2002.

Departamento de Direito do Colorado, Gabinete do Procurador-Geral. *Relatório do Grande Júri relacionado a Columbine: Relatório de Investigação Suplementar do Procurador-Geral* . Lançado em 16 de setembro de 2004.

Departamento de Direito do Colorado, Gabinete do Procurador-Geral. *Relatório do Grande Júri: Investigação de Arquivos Guerra Desaparecidos* . 16 de setembro de 2004.
Departamento de Direito do Colorado, Gabinete do Procurador-Geral. *Relatório da Investigação sobre Atividade de Campo Diária Desaparecida e Relatórios Diários do Supervisor Relacionados aos Tiroteios na Escola Secundária de Columbine* . 16 de setembro de 2004.
Colégio Colombina. *Fitas de Vigilância de Cafeteria* . DVD. Lançado pelo Condado de Jefferson em 7 de junho de 2000.
Delegacia de Polícia de Denver. *Fitas cassete de despacho de Denver* . CD contendo sete horas e meia de comunicação. Lançado pelo Condado de Jefferson em 6 de março de 2003.
Departamento Federal de Investigação. Divisão Denver. *Relatórios e esboços da equipe de processamento da cena do crime do FBI* . CD. Lançado pelo Condado de Jefferson em 5 de setembro de 2001.
Departamento Federal de Investigação. Divisão Denver. *Relatório do FBI de entrevista com Randy, Judy e Brooks Brown* . CD. Lançado pelo Condado de Jefferson em 22 de maio de 2001.
HARRIS, Eric. *Web Site da Harris: Relatório da Polícia de 1997 e Páginas da Web* . CD. Lançado pelo Condado de Jefferson em 30 de outubro de 2003.
HARRIS, Eric. Diário, ensaios escolares, inscrição no anuário, mensagens instantâneas, horários e centenas de outras páginas de escrita acumulada. Incluído em *936 páginas de documentos apreendidos de Harris e Klebold Residences/Vehicles* . CD. Lançado pelo Condado de Jefferson em 6 de julho de 2006.
Harris, Eric e Dylan Klebold. *Klebold/Harris Filmagem* . Contém imagens diversas recuperadas da Columbine High School ou fornecidas por cidadãos. Fita VHS. Lançado pelo Condado de Jefferson em 26 de fevereiro de 2004.
------. *Vídeo "Rampart Range"* . Fita VHS. Lançado pelo Condado de Jefferson em 21 de outubro de 2003.
Harris, Wayne. Diário. Incluído em *936 páginas de documentos apreendidos de Harris e Klebold Residences/Vehicles* . CD. Lançado pelo Condado de Jefferson em 6 de julho de 2006.
Gabinete do legista do condado de Jefferson. Resumos de autópsias. Lançado em 6 de fevereiro de 2001.
Gabinete do legista do condado de Jefferson, relatórios da autópsia de Klebold. Lançado em 23 de fevereiro de 2001.
Gabinete do Procurador Distrital do Condado de Jefferson. Documentos do Programa de Desvio Juvenil (Harris). Lançado em 4 de novembro de 2002.
Gabinete do Procurador Distrital do Condado de Jefferson. Documentos do Programa de Desvio Juvenil (Klebold). Lançado em 22 de novembro de 2002.
Tribunal Juvenil do Condado de Jefferson. Magistrado John A. DeVita. Audiência resultando em designação para um programa de desvio para Eric Harris e Dylan Klebold. 25 de março de 1998.

Departamento do Xerife do Condado de Jefferson, Processo No. 98-2218, 24 de fevereiro de 1998. Serviços Mecânicos de Westover por Ricky Lynn Becker contra Eric Harris e Dylan Klebold. Relatório de prisão, sinopse do caso e relatórios suplementares sobre o arrombamento de van em 30 de janeiro de 1998.
Gabinete do Xerife do Condado de Jefferson. *11.000 Páginas de Arquivos Investigativos* . DVD. 21 de novembro de 2000. (O maior lançamento individual de relatórios policiais.)
------. *Arquivos Investigativos Adicionais* . Contém CD de relatórios auxiliares adicionais (dicas, páginas da Internet, ameaças e relatórios relacionados, além de fita cassete de despacho do Condado de Jefferson 911 e lado perdido da fita da versão anterior) e dois diagramas de cena de crime grandes. 8 de agosto de 2001.
------. *Relatórios e esboços da equipe de processamento da cena do crime* . CD. Lançado em 19 de junho de 2001.
------. *Vídeo "Multidão"* . Fita VHS. Aproximadamente 38 minutos de imagens da multidão filmadas pelo Laboratório Criminal do Gabinete do Xerife do Condado de Jefferson do lado de fora da Columbine High School depois das 13h no dia do tiroteio. Lançado em 26 de fevereiro de 2004.
------. *Livros de provas* . CD. Lançado em 11 de maio de 2001.
------. *Jefferson County 911 e Despachar Áudio* . Dois CD. Lançado em 7 de agosto de 2000.
------. *Itens Diversos* . CD. Contém o rascunho da declaração de busca, áudio das entrevistas da equipe de filmagem, transcrição escrita de uma entrevista com o oficial de recursos comunitários da Columbine High School, Neil Gardner, e o resumo executivo da equipe de investigação da biblioteca. Lançado em 10 de abril de 2001.
------. *Documentos Desaparecidos Diversos* . CD. Lançado em 2003.
------. *Fichas de Rastreamento, Índice Investigativo e Outros Documentos Columbine* . CD. Lançado em 8 de janeiro de 2003.
------. *Livro de Garantias* . CD. Lançado em 9 de junho de 2003.
KLEBOLD, Dylan. Diário, ensaios escolares, inscrição de anuário, horários e outras páginas de escrita acumulada. Incluído em *936 páginas de documentos apreendidos de Harris e Klebold Residences/Vehicles* . CD. Lançado pelo Condado de Jefferson em 6 de julho de 2006.
Corpo de Bombeiros de Littleton e KCNC-TV. *Vídeo "Treinamento" do Corpo de Bombeiros de Littleton e imagens brutas de helicóptero* . Fita VHS. Lançado pelo Condado de Jefferson em 26 de abril de 2000.

Achenbach, Joel e Dale Russakoff. "A vida de um atirador adolescente pinta um retrato antissocial." *Washington Post,* 29 de abril de 1999.
Anton, Mike e Lisa Ryckman. "Em retrospectiva, sinais de assassinatos óbvios." *Rocky Mountain News,* 2 de maio de 1999.
Bartels, Lynn e Carla Crowder. "Amizade fatal: como dois meninos suburbanos trocaram beisebol e boliche por assassinato e loucura." *Rocky Mountain News,* 22 de agosto de 1999.

Briggs, Bill e Jason Blevins. "Um menino com muitos lados." *Denver Post,* 2 de maio de 1999.
Brooks, David. "Columbine: Pais de um Assassino." *New York Times,* 15 de maio de 2004.
Dykeman, Nate. "Mais Insight sobre Dylan Klebold." Entrevista de Nate Dykeman por Charles Gibson. *Good Morning America,* ABC, 30 de abril de 1999.
Emery, Erin, Steve Lipsher e Ricky Young. "Vídeo, poemas prenunciam o dia do desastre." *Denver Post,* 22 de abril de 1999.
Gibbs, Nancy e Timothy Roche. "As fitas de Columbine." *Hora,* 12 de dezembro de 1999.
Johnson, Dirk e Jodi Wilgoren. "The Gunman: Um retrato de dois assassinos em guerra com eles mesmos." *New York Times,* 26 de abril de 1999.
Johnson, Kevin e Larry Copeland. "Feud de longa duração pode ter desencadeado o massacre." *USA Today,* 22 de abril de 1999.
Kurtz, Holly. "Klebold Paper predisse uma fúria mortal." *Rocky Mountain News,* 22 de novembro de 2000.
Lowe, Peggy. "Os fatos esclarecem, mas não podem justificar os atos dos assassinos." *Denver Post,* 12 de março de 2000.
Prendergast, Alan. "Doom Rules: Muito do que sabemos sobre Columbine está errado." *Westword,* 5 de agosto de 1999.
------. "Estou cheio de ódio e eu amo isso." *Westword,* 6 de dezembro de 2001.
Russakoff, Dale, Amy Goldstein e Joel Achenbach. "Os vizinhos dos atiradores tinham pouca dica." *Washington Post,* 2 de maio de 1999.
Simpson, Kevin e Jason Blevins. "Mistério como os jogadores da equipe se tornaram solitários." *Denver Post,* 23 de abril de 1999.
Simpson, Kevin, Patricia Callahan e Peggy Lowe. "Vida e Morte de um Seguidor." *Denver Post,* 2 de maio de 1999.
Wilgoren, Jodi e Dirk Johnson. "Os Suspeitos: Esboço de Assassinos; Contradições e Confusão." *New York Times,* sexta-feira, 23 de abril de 1999.

P SICOPATIA

Babiak, Paul e Robert D. Hare. *Serpentes de terno: quando os psicopatas vão trabalhar* . Nova York: HarperCollins, 2006.
Barry, Tammy D., Christopher T. Barry, Annie M. Deming e John E. Lochman. "Estabilidade de Características Psicopáticas na Infância: A Influência das Relações Sociais". Publicações SAGE, Thousand Oaks, CA. *Justiça Criminal e Comportamento* 35, não. 2 (fevereiro de 2008): 244-62.
Cleckley, Hervey. *A Máscara da Sanidade* . 1ª edição. St. Louis: CV Mosby Co., 1941.
------. *A máscara da sanidade: uma tentativa de esclarecer algumas questões sobre a chamada personalidade psicopática* . 5ª edição. 1988.
D'Haenen, Hugo, Johan A. Den Boer e Paul Willner, eds. *Psiquiatria Biológica* . 2 vol. Nova York: Wiley, 2002.
Greely, Henry T. "Os Efeitos Sociais dos Avanços na Neurociência: Problemas Legais, Perspectivas Legais." Em *Neuroethics: Definindo as*

questões em teoria, prática e política, editado por Judy Illes, 245-63. Nova York: Oxford University Press, 2005.
Hare, Robert D. *Hare Psychopathy Checklist--Revisado (PCL-R).* 2ª edição. Toronto: Multi-Health Systems, 2003.
------. *Psicopatia (Teoria e Pesquisa).* Nova York: Wiley, 1970.
------. *Sem consciência: o mundo perturbador dos psicopatas entre nós* . Nova York: Guilford Press, 1999.
------. "Sem Consciência." Página da Web de Robert Hare dedicada ao estudo da psicopatia. http://www.hare.org/ .
Hart, Stephen, David N. Cox e Robert D. Hare. *Lista de verificação de psicopatia: Versão de triagem (PCL:SV)* . Toronto: Multi-Health Systems, 2003.
Kiehl, K. "Anormalidades límbicas no processamento afetivo por psicopatas criminais como revelado pela ressonância magnética funcional". *Psiquiatria Biológica* 50, não. 9 (novembro de 2001): 677-84.
Kiehl, Kent A., Alan T. Bates, Kristin R. Laurens, Robert D. Hare e Peter F. Liddle. "Potenciais cerebrais implicam anormalidades do lobo temporal em psicopatas criminais". *Journal of Abnormal Psychology* 115, não. 3 (2006): 443-53.
Kiehl, Kent A., Andra M. Smith, Adrianna Mendrek, Bruce B. Forster, Robert D. Hare e Peter F. Liddle. "Anormalidades do Lobo Temporal no Processamento Semântico por Psicopatas Criminosos Reveladas pela Ressonância Magnética Funcional". *Pesquisa em Psiquiatria: Neuroimagem* 130 (2004): 297-312.
Kosson, David S. "A psicopatia está relacionada à afetividade negativa, mas não à sensibilidade à ansiedade". *Pesquisa e Terapia Comportamental* 42, não. 6 (junho de 2004) 697-710.
Larsson, Henrik, Essi Viding e Robert Plomin. "Traços insensíveis-emocionais e comportamento antissocial: características genéticas, ambientais e de parentalidade precoce". *Justiça Criminal e Comportamento* 35, não. 2 (fevereiro de 2008): 197-211.
Millon, Theodore e Roger D. Davis. *Psicopatia: Comportamento Antissocial, Criminoso e Violento* . Nova York: Guilford Press, 1998.
Millon, Theodore, Erik Simonsen, Roger D. Davis e Morten Birket-Smith. "Dez subtipos de psicopatia." Em Millon e Davis, *Psicopatia: Comportamento Antissocial, Criminal e Violento* , pp. 161-70.
Moran, Marianne J., Michael G. Sweda, M. Richard Fragala e Julie Sasscer-Burgos. "A aplicação clínica da avaliação de risco no processo de planejamento de tratamento". *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology* 45, no. 4 (2001): 421-35.
Newman, Joseph P. "A confiabilidade e validade da lista de verificação de psicopatia - revisada em uma amostra de infratores do sexo feminino." *Justiça Criminal e Comportamento* 29, não. 2 (2002): 202-31.
Oxford English Dictionary, sv "psicopata". 1989. (Indicação de primeiro uso.)
Patrick, Christopher J., ed. *Manual de Psicopatia* . Nova York: Guilford Press, 2007.

Ramsland, Catarina. "Dr. Robert Hare: Especialista em Psicopata." Biblioteca Criminal. http://www.trutv.com/library/crime/criminal_mind/psychology/robert_hare/index.html .
Stone, Michael H. "Personalidade sádica em assassinos". Em Millon e Davis, *Psicopatia: Comportamento Antissocial, Criminal e Violento,* pp. 346-55.

P SICOPATIA JUVENIL _

Forth, Adelle, David Kosson e Robert D. Hare. *Lista de verificação de psicopatia: Versão para jovens (PCL:YV)* . Toronto: Multi-Health Systems, 2003.
Glenn, Andrea L., Adrian Raine, Peter H. Venables e Sarnoff A. Mednick. "Primeiros Precursores Temperamentais e Psicofisiológicos da Personalidade Psicopática Adulta". *Journal of Abnormal Psychology* 116, não. 3 (2007): 508-18.
Loeber, Rolf, David P. Farrington, Magda Stouthamer-Loeber, Terrie E. Moffitt, Avshalom Caspi e Don Lynam. "Problemas de Saúde Mental Masculina, Psicopatia e Traços de Personalidade: Principais Descobertas dos Primeiros 14 Anos do Pittsburgh Youth Study." *Revisão Clínica da Criança e da Família* 4, no. 4 (dezembro de 2001): 273-97.
Lynam, Donald R., Rolf Loeber e Magda Stouthamer-Loeber. "A estabilidade da psicopatia da adolescência à idade adulta: a busca de moderadores". *Justiça Criminal e Comportamento* 35, não. 2 (fevereiro de 2008): 228-43.
Muñoz, Luna C., Margaret Kerr e Nejra Besic. "As relações entre pares de jovens com traços de personalidade psicopata: uma questão de perspectiva". *Justiça Criminal e Comportamento* 35, não. 2 (fevereiro de 2008): 212-27.
Murrie, D., D. Cornell, S. Kaplan, S. McConville e A. Levy Elkon. "Pontuações de psicopatia e violência entre delinquentes juvenis: um estudo de várias medidas". *Ciências do Comportamento e Direito* 22 (2004): 49-67.
Pardini, Dustin A., and Rolf Loeber. "Teorias de insensibilidade interpessoal nas primeiras influências sociais da adolescência e resultados adultos". *Justiça Criminal e Comportamento* 35, não. 2 (fevereiro de 2008): 173-96.
Salekin, Randall T., and John E. Lochman. "Psicopatia Infantil e Adolescente: A Busca por Fatores Protetores". *Justiça Criminal e Comportamento* 35, não. 2 (fevereiro de 2008): 159-72.
Vitacco, Michael J., Craig S. Neumann, Michael F. Caldwell, Anne-Marie Leistico e Gregory J. Van Rybroek. "Modelos de teste de fatores da lista de verificação de psicopatia: versão jovem e sua associação com a agressão instrumental". *Journal of Personality Assessment* 87, não. 1 (2006): 74-83.
Vitacco, Michael J., and Gina M. Vincent. "Compreendendo a extensão descendente da psicopatia para a juventude: implicações para avaliação de risco e justiça juvenil". *Revista Internacional de Saúde Mental Forense* 5, não. 1 (2006): 29-38.

TRATAMENTO DE PSICOPATIA _

Caldwell, Michael F., David J. McCormick, Deborah Umstead e Gregory J. Van Rybroek. "Evidência do progresso do tratamento e resultados terapêuticos

entre adolescentes com características psicopáticas." *Justiça Criminal e Comportamento* 34, no. 5 (2007): 573-87.
Caldwell, Michael, Jennifer Skeem, Randy Salekin e Gregory Van Rybroek. "Resposta ao tratamento de infratores adolescentes com características de psicopatia: um acompanhamento de 2 anos". *Justiça Criminal e Comportamento* 33, não. 5 (outubro de 2006): 573-87.
Caldwell, Michael F. e Gregory J. Van Rybroek. "Eficácia de um modelo de tratamento de descompressão no manejo clínico de infratores juvenis violentos". *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology* 45, no. 4 (2001): 469-77.
Caldwell, Michael F., Michael Vitacco e Gregory J. Van Rybroek. "Vale a pena tratar os delinquentes violentos? Uma análise de custo-benefício." *Journal of Research in Crime and Delinquency* 43, no. 2 (maio de 2006): 148-68.
Cohen, Mark A., Roland T. Rust e Sara Steen. "Prevenção, Controle do Crime ou Dinheiro? Preferências Públicas para a Justiça Criminal Prioridades de Gastos." *Trimestral Justiça* 23, nº. 3 (setembro de 2006): 317-35.
Skeem, Jennifer L., John Monahan e Edward P. Mulvey. "Psicopatia, Envolvimento de Tratamento e Violência Subseqüente Entre Pacientes Psiquiátricos Civis". *Lei e Comportamento* 26, não. 6 (dezembro de 2002): 577-603.
Wong, Stephen CP e Robert D. Hare. *Diretrizes para um Programa de Tratamento de Psicopatia* . Toronto: Multi-Health Systems, 2006.

O OUTRO SAÚDE MENTAL _ _

Associação Americana de Psiquiatria. *Referência Desk aos Critérios de Diagnóstico do DSM-IV-TR* . Arlington, VA: American Psychiatric Publishing, 2000.
Anderson, Scott. "O desejo de acabar com isso." *New York Times Magazine,* 6 de julho de 2008.
Ekman, Paul. *Contando mentiras: pistas para engano no mercado, política e casamento* . 2ª rev. ed. Nova York: Norton, 2001.
Millon, Theodore e Roger D. Davis. *Distúrbios da Personalidade: DSM-IV e Além* . Nova York: Wiley, 1996.
OCHBERG, Frank. "TEPT 101." Centro DART para Jornalismo e Trauma. http://www.dartcenter.org/articles/special_features/ptsd101/00.php .

SOBREVIVENTES : MEMÓRIAS E T RANSCRIÇÕES DE ENTREVISTA

Bernall, Brad e Misty Bernall. "História da Vítima de Columbine Cassie Bernall." Entrevista por Peter Jennings. *World News Tonight,* ABC, 26 de abril de 1999.
Bernal, Misty. *Ela disse sim: o martírio improvável de Cassie Bernall* . Farmington, PA: Plough Publishing, 1999.
Brown, Brooks e Rob Merritt. *Não há respostas fáceis: A verdade por trás da morte em Columbine* . Herndon, VA: Lantern Books, 2002.
Carlston, Liz. *Sobrevivendo a Columbine: como a fé nos ajuda a encontrar a paz quando a tragédia ocorre* . Salt Lake City: Montanha das Sombras, 2004.
Irlanda, Patrick. "O Menino da Janela". Entrevista por Diane Sawyer. *20/20,* ABC, 29 de setembro de 1999.

------. "Acompanhamentos das manchetes: o que aconteceu após as notícias explosivas". *Oprah Winfrey Show,* 22 de maio de 2002.
Kirklin, Lance e Sean Graves. Entrevista por Barbara Walters. *20/20,* ABC, 1 de outubro de 1999.
Lindholm, Marjorie. *A história de um sobrevivente colombiano* . Littleton, CO: Editora Regenold, 2005.
Nimo, Beth. *Os Diários de Rachel Scott: Uma Jornada de Fé em Columbine High* . Adaptado por Debra K. Klingsporn. Nashville: Thomas Nelson, 2001.
Saltzman, Marilyn e Linda Lou Sanders. *Dave Sanders: Professor Columbine, Treinador, Herói* . Filadélfia: Xlibris Corporation, 2004.
Sanders, Ângela. "Angie Sanders fala sobre seu pai, único professor a morrer no tiroteio na escola do Colorado, que agora está sendo lembrado por sua bravura". *Today Show,* NBC News, 22 de abril de 1999.
Scott, Darrell, Beth Nimmo, com Steve Rabey. *Lágrimas de Rachel: A Jornada Espiritual da Mártir Columbine Rachel Scott.* Nashville: Thomas Nelson, 2000.
Taylor, Marcos. *Eu Perguntei, Deus Respondeu: Um Milagre Colombina* . Mustang, OK: Tate Publishing, 2006.

SOBREVIVENTES : CONTAS DE NOTÍCIAS _

Bartels, Lynn. "Mamãe foi hospitalizada por depressão: Carol [sic] Hochhalter lutou contra a depressão por três anos." *Rocky Mountain News,* 26 de outubro de 1999.
------. "Algumas Famílias Discutindo sobre Dinheiro: Responsabilidade, Meios de Distribuição Lista de Leads." *Rocky Mountain News,* 26 de maio de 1999.
------. "Uma história de cura e esperança: fé e amigos ajudaram estudante paralisado a superar um 'lugar muito escuro'." *Rocky Mountain News,* 20 de abril de 2004.
Callahan, Patrícia. "O sonho se transforma em pesadelo." *Denver Post,* 22 de abril de 1999.
Michalik, Connie e Jo Anne Doherty. "Connie Michalik e Jo Anne Doherty discutem a morte de Carla Hochhalter, mãe da vítima de tiroteio de Columbine paralisado." Entrevista por Charles Gibson. *Good Morning America,* ABC News, 25 de outubro de 1999.
Curtin, Dave. "Suicídio, Prisão Spur Columbine Calls." *Denver Post,* 24 de outubro de 1999.
"Plano de Distribuição." *Rocky Mountain News,* 3 de julho de 1999.
Edwards, Bob, âncora, e Andrea Dukakis, repórter. "Controvérsia sobre como gastar os milhões de dólares doados desde o tiroteio na Columbine High School." *Edição da Manhã,* NPR, 22 de junho de 1999.
Fox, Ben. "Suspeitos de tiroteio em escola aparecem no tribunal." Associated Press, 26 de março de 2001.
"Grace Under Fire: Columbine High School Teacher Dave Sanders morre um herói, salvando a vida de outras pessoas." *48 Horas,* CBS News, 22 de abril de 1999.

Verde, Chuck. "Columbine recebe, pede mais." *Denver Post,* 31 de março de 2000.
------. "Chega de ordenha da tragédia." *Denver Post,* 3 de abril de 2000.
Johnson, Dirk. "O professor: enquanto eles choram, eles são deixados para saber." *New York Times,* 28 de abril de 1999.
Kurtz, Holly. "Grupos da área de Columbine obtêm fundos: nove agências, instituições de caridade para usar dinheiro para aconselhamento de vítimas, programas de adolescentes antiviolência." *Rocky Mountain News,* 14 de agosto de 1999.
------. "Fundo de cura dá às famílias: vítimas de Columbine satisfeitas com o plano; metade da distribuição vai para estudantes, funcionários." *Rocky Mountain News,* 3 de julho de 1999.
Lowe, Peggy. "Vídeo no ar Irks Sheriff." *Denver Post,* 14 de outubro de 1999.
------. "Columbine: Eles são campeões 5A; Triunfos de equipe após a tragédia." *Denver Post,* 5 de dezembro de 1999.
Lowe, Peggy e Kieran Nicholson. "CBS Airs Cafeteria Tape." *Denver Post,* 13 de outubro de 1999.
Obmascik, Mark. "A cura começa: Colorado, Mortes de luto mundial em Columbine High." *Denver Post,* 22 de abril de 1999.
Olinger, David, Marilyn Robinson e Kevin Simpson. "A mãe da vítima de Columbine se mata: o luto da comunidade continua com o suicídio na loja de penhores." *Denver Post,* 23 de outubro de 1999.
Paterniti, Michael. "Columbine nunca dorme." *GQ,* abril de 2004, pp. 206-20.
Paulson, Steven K. "Repórteres Assail Columbine Community: Será que isso nunca vai acabar?" Associated Press, 23 de outubro de 1999.
"Fenômeno do Movimento Gótico." Entrevista por Brian Ross. *20/20,* ABC, 21 de abril de 1999.
Prendergast, Alan. "Aprofundar em Columbine." *Westword,* 31 de outubro de 2002.
Scanlon, Bill. "'Nada além de Cheers, Yells and Tears': primeiro dia de volta começa com música, pais formando cadeia humana." *Rocky Mountain News,* 17 de agosto de 1999.
SLEVIN, Colleen. "Mãe da vítima de Columbine se mata na loja de penhores." Associated Press, 22 de outubro de 1999.
Sullivan, Bartolomeu. "Em memória de Daniel Rohrbough." *Rocky Mountain News,* 27 de abril de 1999.
"Vídeo de Dentro de Columbine: Alunos, Professores Vistos Fugindo da Cafeteria." CBS News, 12 de outubro de 1999.

L STUITOS : ARQUIVAMENTOS JUDICIAIS E SUMÁRIOS DE CASO _

Grenier, Peter C. "Contencioso Civil decorrente do Massacre de Columbine High School." Ordem Nacional de Advogados de Vítimas de Crimes. Educação Jurídica Continuada. http://www.ncvc.org/vb/main.aspx?dbID=DB_Biography170 .
Rohrbough, Brian E. e Susan A. Petrone, individualmente e como representantes pessoais do espólio de Daniel Rohrbough, falecido, e outros. v.

John P. Stone, o xerife do condado de Jefferson, Colorado, et al. Ação Civil nº 00-B-808, 19 de abril de 2000.
Ruegsegger, Gregory A. e Darcey L. Ruegsegger, et al. v. O Conselho de Comissários do Condado de Jefferson, et al. Ação Civil nº 00-B-806, 19 de abril de 2000.
Sanders, Angela, representante pessoal de William David Sanders, falecido contra o Conselho de Comissários do Condado do Condado de Jefferson, Colorado, et al. Tribunal Distrital dos EUA para o Distrito do Colorado. Ação Civil nº 00-791, de 19 de abril de 2000.
Schnurr, Mark A. e Sharilyn K. Schnurr, et al. v. O Conselho de Comissários do Condado de Jefferson County, et al. Ação Civil nº 00-790, 19 de abril de 2000.

CRISTÃOS _

Para livros de orientação cristã, veja também a seção "Sobreviventes: memórias e transcrições de entrevistas".
O Grupo Barna. "Cinco anos depois: os ataques de 11 de setembro não mostram influência duradoura na fé dos americanos." *The Barna Update,* 28 de agosto de 2006. http://www.barna.org/FlexPage.aspx?Page=BarnaUpdateNarrowPreview&Barna lUpdateID=244 .
Bartels, Lynn e Dina Bunn. "Papai corta as cruzes dos assassinos." *Rocky Mountain News,* 1º de maio de 1999.
Bottum, J. "Despertar em Littleton." *First Things,* agosto-setembro de 1999, pp. 28-32.
------. "Nasce um mártir". *Padrão Semanal,* 10 de maio de 1999.
"Enterrando um assassino: serviço funerário de Dylan Klebold." *Século Cristão,* 12 de maio de 1999.
Crowder, Carla. "Mártir por sua fé." *Rocky Mountain News,* 23 de abril de 1999.
"A inscrição do pai liga as mortes de Columbine ao aborto e à imoralidade." Associated Press, 22 de setembro de 2007.
Dejevsky, Maria. "Saint Cassie of Columbine High: The Making of a Modern Martyr." *Independente* (Londres, Reino Unido), 21 de agosto de 1999.
Fong, Tillie. "Cruzes para Harris, Klebold juntam-se a 13 outros: assassinos lembrados em memoriais na encosta perto da Columbine High School." *Rocky Mountain News,* 28 de abril de 1999.
------. "Quinze Cruzes Traçadas ao Construtor de Mistérios." *Rocky Mountain News,* 30 de abril de 1999.
Vá, Kristen. "Pastor critica a segurança." *Denver Post,* 6 de maio de 1999.
Halley, Dan. "Os manifestantes derrubaram as árvores da igreja." *Denver Post,* 27 de setembro de 1999.
Kass, Jeff. "Pais irritados cortam 2 árvores: a igreja plantou 15 para aqueles que morreram na escola, incluindo Harris e Klebold." *Rocky Mountain News,* 27 de setembro de 1999.
Kirsten, Reverendo George. "Quando Deus Fala." Sermão. West Bowles Community Church, Littleton, CO, 9 de maio de 1999.
Litwin, Mike. "Colina das Cruzes um Lugar Adequado para Confrontar-nos." *Rocky Mountain News,* 30 de abril de 1999.

Luzadder, Dan e Katie Kerwin McCrimmon. "Contas diferem em questão para Bernall: Vítima de tiroteio em Columbine pode não ter sido perguntada se ela acreditava em Deus." *Rocky Mountain News,* 24 de setembro de 1999.
Miller, Lisa. "Comercializando um Mártir Colombina: Tragédia Leva a Mãe da Vítima ao Palco da Mídia." *Wall Street Journal,* ed. leste, 16 de julho de 1999.
Oudemolen, Reverendo Bill. "Respondendo ao 'pior pesadelo de todos os pais'." Sermão. Foothills Bible Church, Littleton, CO, 9 de maio de 1999.
Richardson, Valéria. "Igreja Columbine Trees Splinter, Pais das Vítimas: A inclusão dos assassinos desencadeia protestos." *Washington Times,* 28 de setembro de 1999.
Rosin, Hanna. "Milagre de Columbine: uma questão de crença; as últimas palavras da vítima de Littleton Cassie Bernall testar a fé de um sobrevivente - e caridade." *Washington Post,* 14 de outubro de 1999.
Scanlon, Bill. " *Ela disse sim* para contar a história de Cassie Bernall." *Rocky Mountain News,* 4 de junho de 1999.
Sullivan, Bartolomeu. "Colina Sagrada". *Rocky Mountain News,* 29 de abril de 1999.
Vaughan, Kevin. "Divididos pelas Cruzes." *Rocky Mountain News,* 2 de maio de 1999.
Zoba, Wendy Murray. *Day of Reckoning: Columbine and the Search for America's Soul* . Grand Rapids, MI: Brazos Press, 2001.

COBERTURA MÍDIA DO ATACADO _ _

Bia, Matt. "Anatomia de um Massacre." *Newsweek,* 3 de maio de 1999.
Brokaw, Tom. "Tiro em Colorado High School deixa pelo menos 14 pessoas baleadas, atiradores ainda não foram presos." NBC, 15h48 ET , 20 de abril de 1999.
Crowder, Carla. "Para amigos, a longa espera é dolorosamente tensa." *Rocky Mountain News,* 22 de abril de 1999.
Crowder, Carla e Scott Stocker. "Adolescentes lutam para ajudar professor de ciências ferido; estudantes tentam estancar sangue de homem gravemente ferido." *Rocky Mountain News,* 21 de abril de 1999.
Eddy, Marcos. "Atirador disse ao amigo: 'Saia daqui'." *Denver Post,* 21 de abril de 1999.
Jhonson, Kevin. "Professor com Ferimento Crítico Salvou Adolescentes." *USA Today,* 22 de abril de 1999.
LeDuc, Daniel e David Von Drehle. "Heroísmo em meio ao terror: muitos correram para ajudar os outros durante o cerco à escola." *Washington Post,* 22 de abril de 1999.
ROBERTS, João. "Tiro na High School em Littleton, Colorado." CBS News, 14h07 ET , 20 de abril de 1999.
Ryckman, Lisa Levitt e Mike Anton. "'A ajuda está a caminho': Mundane deu lugar à loucura com relatos de tiros em Columbine." *Rocky Mountain News,* 25 de abril de 1999.

Savidge, Martin, et ai. "Atiradores Rampage Através Colorado High School." CNN, 13h54 ET , 20 de abril de 1999.

H OSTÁGIOS E T ERRORISTAS

Fuselier, G. Dwayne. "Uma visão prática das negociações de reféns (Parte 1)." *Boletim de aplicação da lei do FBI* 50, no. 6 (junho de 1981): 2-6.
------. "Uma visão prática das negociações de reféns (Parte 2)." *FBI Law Enforcement Bulletin* 50, nº 7 (julho de 1981): 10-15.
Fuselier, G. Dwayne e John T. Dolan. "Um guia para socorristas em situações de reféns." *Boletim de aplicação da lei do FBI* 58, no. 4 (abril de 1989): 9-13.
Fuselier, G. Dwayne e Gary W. Noesner. "Confrontando o sequestrador terrorista." *Boletim de aplicação da lei do FBI* 59, no. 7 (julho de 1990).
Gilmartin, Kevin M. "A Tríade Letal: Entendendo a Natureza dos Grupos Extremistas Isolados". *Boletim de aplicação da lei do FBI* 65, no. 9 (setembro de 1996): 1-5.
Juergensmeyer, Mark. *Terror na Mente de Deus: A Ascensão Global da Violência Religiosa.* Estudos Comparados em Religião e Sociedade, vol. 13. Imprensa da Universidade da Califórnia, 2001.
Noesner, Gary W. "Conceitos de Negociação para Comandantes". *Boletim de Aplicação da Lei do FBI* 68, nº 1 (janeiro de 1999): 6-14.
Reich, Walter e Walter Laqueur. *Origens do Terrorismo; Psicologias, ideologias, teologias, estados de espírito.* Washington, DC: Woodrow Wilson Center Press, 1998.

P ROTOCOLOS DE ÉTICA E RESPOSTA POLICIAL _

Brown, Jennifer e Kevin Simpson. "Momentum for School Safety at Standstill." *Denver Post,* 28 de setembro de 2006.
Delattre, Edwin J. *Personagem e Policiais: Ética no Policiamento* . 5ª edição. Washington, DC: AEI Press, 2006.
Fuselier, G. Dwayne, Clinton R. Van Zandt e Frederick J. Lanceley. "Incidentes com reféns/barricadas: fatores de alto risco e os critérios de ação." *Boletim de aplicação da lei do FBI* 60, no. 1 (janeiro de 1991): 7-12.
Garrett, Ronnie. "Marchando ao som de tiros." *Tecnologia de aplicação da lei,* junho de 2007.
Khadaroo, Stacy Teicher. "Um ano depois da Virginia Tech, foco mais nítido em alunos problemáticos: muitos campi têm novas práticas." *Christian Science Monitor,* 16 de abril de 2008.
Lloyd, Jillian. "Mudança nas táticas: conversa comercial da polícia para uma resposta rápida." *Christian Science Monitor,* 31 de maio de 2000.

RESPOSTA , I NVESTIGAÇÃO E C OVER -UP DA POLÍCIA DE COLUMBINE

Capaz, Charley. "A polícia quer que a copiadora de vídeo Columbine seja encontrada e processada." *Rocky Mountain News,* 14 de outubro de 1999.
"A polícia americana suprime os vídeos dos assassinos de Columbine." *Relatório Especial: Assassinatos na Escola de Denver* . BBC, 12 de novembro de 1999.
"Polícia liberado na morte de Columbine." CBS News, 19 de abril de 2002.

Kenworthy, Tom e Roberto Suro. "Nove dias após o tumulto, a polícia ainda está sob fogo." *Washington Post,* 30 de abril de 1999.
Lusetich, Roberto. "A raiva cresce com o atraso da polícia de duas horas." *Fim de semana australiano,* 24 de abril de 1999.
Luzadder, Dan e Kevin Vaughan. "Dentro da Série de Investigação de Columbine, Parte 1." *Rocky Mountain News,* 12 de dezembro de 1999.
------. "Dentro da Série de Investigação Columbine, Parte 2: Acumulando os Fatos." *Rocky Mountain News,* 13 de dezembro de 1999.
------. "Dentro da Série de Investigação de Columbine, Parte 3: A Maior Questão de Todas." *Rocky Mountain News,* 14 de dezembro de 1999.
McPhee, Mike. "O ex-número 2 do xerife nega encobrimento." *Denver Post,* 17 de setembro de 2004.
McPhee, Mike e Kieran Nicholson. "Deputado no caso de Columbine demitido xerife: Taylor admite mentir para as famílias; Rohrbough Kin chama a confissão de um ardil." *Denver Post,* 10 de janeiro de 2002.
Prendergast, Alan. "Cronologia de uma grande mentira." *Westword,* 19 de abril de 2001.
------. "Em busca do tempo perdido." *Westword,* 2 de maio de 2002.
------. "O enredo adoece." *Westword,* 6 de novembro de 2003.
------. "Stonewalled: A história que eles não querem contar." *Westword,* 13 de abril de 2000.
------. "Deveria haver uma lei." *Westword,* 7 de março de 2002.
Vaughan, Kevin. "A polícia contesta acusações de que eles eram muito lentos." *Rocky Mountain News,* 22 de abril de 1999.

F OTEIROS DE OUTRAS ESCOLAS _

A Campanha Brady. "Grandes tiroteios em escolas dos EUA." http://www.bradycampaign.org/xshare/pdf/-school-shootings.pdf .
EGAN, Timóteo. "Onde começam os tumultos: um relatório especial; da angústia adolescente ao tiroteio nas escolas." *New York Times,* 14 de junho de 1998.
GLABERSON, William. "Palavra por palavra: colegas de escola de um assassino; armas, caos e luto podem florescer quando bons amigos não fazem nada." *New York Times,* 6 de agosto de 2000.
"Atirador mata 2, fere pelo menos 13 na escola perto de San Diego." Associated Press, 5 de março de 2001.
"Tiro em massa na Virginia Tech, 16 de abril de 2007: Relatório do Painel de Revisão." Apresentado ao governador Tim Kaine, Commonwealth of Virginia, agosto de 2007.
Morse, Russell, Charles Jones e Hazel Tesoro. "Desajustados que não matam: párias que cresceram sem recorrer à violência falam sobre o que os impediu de um massacre ao estilo de Littleton." *Salão,* 22 de abril de 1999. http://www.salon.com/news/feature/1999/04/22/misfits/ .
Paulson, Amanda e Ron Scherer. "Quão seguro são os campi universitários?" *Christian Science Monitor,* 18 de abril de 2007.
Schiraldi, Vicente. "Exagerando a Violência Escolar". *Washington Post,* 25 de agosto de 1998.

CONTROLE DE GUN

Abrams, Jim. "Verificações de antecedentes da House Tempers para armas." Associated Press, Washington, 14 de junho de 2007.
Bortnick, Barry. "Aprovado/Emenda 22: Verificações de antecedentes - Shows de armas." (Colorado Springs) *Gazette,* 8 de novembro de 2000.
"Colorado mata as leis sobre armas." Relatório de Vince Gonzales. CBS News, 17 de fevereiro de 2000.
Ferullo, Michael. "Clinton implora aos eleitores do Colorado que tomem medidas na brecha do show de armas." CNN.com , 12 de abril de 2000.
Hahn, Robert A., Oleg O. Bilukha, Alex Crosby, Mindy Thompson Fullilove, Akiva Liberman, Eve K. Moscicki, Susan Snyder, Farris Tuma e Peter Briss. "Primeiros relatórios avaliando a eficácia das estratégias para prevenir a violência: leis sobre armas de fogo: resultados da força-tarefa sobre serviços preventivos comunitários." Centros de Controle e Prevenção de Doenças. http://www.cdc.gov/mmwr/preview/mmwrhtml/rr5214a2.htm , 3 de outubro de 2003.
Havemann, Joel. "Gun Bill passa com a ajuda da NRA." *Los Angeles Times,* 14 de junho de 2007.
Holman, Kwame. "Um sorteio rápido." Relatório de Kwame Holman. *NewsHour com Jim Lehrer,* 14 de maio de 1999.
------. "Controlo de armas." Relatório de Kwame Holman. *NewsHour com Jim Lehrer,* 18 de junho de 1999.
O'Driscoll, Patrick e Tom Kenworthy. "Pai de luto vira ativista do controle de armas." *USA Today,* 19 de abril de 2000.
Paulson, Steven K. "Governador assina quatro contas de armas, diz que os compromissos são necessários." Associated Press, Denver, CO, 19 de maio de 2000.
Schwartz, Emma. "Leis de controle de armas." *US News & World Report,* 6 de março de 2008.
Soraghan, Mike. "Colorado depois de Columbine: The Gun Debate." *Revista Legislaturas Estaduais,* junho de 2000.
Tapper, Jake, "Saindo do armário: na esteira do massacre de Littleton, a NRA realiza sua convenção em Denver, a menos de 20 milhas de distância da Columbine High School". *Salão,* 2 de maio de 1999. http://www.salon.com/news/lfeature/1999/05/02/nra/index.html .
Weller, Roberto. "Supremo Tribunal do Colorado abre caminho para votação no fechamento da brecha do show de armas." Associated Press, Denver, CO, 3 de julho de 2000.

DIVERSOS _

Fragar, Russel. "Igreja em chamas". Editora Hillsong, 1997.
Garbarino, James e Claire Bedard. *Pais sob cerco: por que você é a solução, não o problema na vida do seu filho.* Nova York: Free Press, 2002.
Hemingway, Ernesto. *Um adeus às armas* . Nova York: Scribner's, 1929.
Perfil do Distrito Escolar do Condado de Jefferson da Columbine High School.

http://www.jeffcopublicschools.org/schools/profiles/high/columbine.html.
OKRENT, Daniel. A Editora Pública. "Definindo o Record Straight (mas quem pode encontrar o recorde?)" *New York Times,* 14 de março de 2004.
Shepard, Cyn. Um Sítio Columbine. http://www.acolumbinesite.com .
Funcionários e Serviços de Notícias. "Inevitavelmente, tiroteios em escolas causam picos de audiência." *Constituição de Atlanta* , 23 de abril de 1999.
Steinbeck, John. *Pastos do Céu* . Nova York: Braver, Warren & Putnam, 1932.

CERCA DE DOZE

A TWELVE foi criada em agosto de 2005 com o objetivo de publicar no máximo um livro por mês. Nós nos esforçamos para publicar o livro singular, por autores que têm uma perspectiva única e autoridade convincente. Obras que explicam nossa cultura; que iluminam, inspiram, provocam e entretêm. Procuramos estabelecer comunidades de conversa em torno de nossos livros. Autores talentosos merecem atenção não apenas dos editores, mas também dos leitores. Vender o livro é apenas o começo de nossa missão. Construir um público ávido de leitores que são enriquecidos por essas obras – esse é o nosso propósito final.